



O JARDIM DE BRONZE

Gustavo
Malajovich





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



**Esta edição foi feita
com carinho pela TAG
para seus associados.**



O JARDIM DE BRONZE

Gustavo
Malajovich

Tradução: Aline Canejo



GLOBAL LIVROS

GUSTAVO MALAJOVICH nasceu na Argentina em 1963 e trabalhou como arquiteto até 2002, quando foi convidado para roteirizar o seriado argentino *Los Simuladores*. Desde então, tem se dedicado em tempo integral às carreiras de roteirista, escritor e professor. *O jardim de bronze* é o seu primeiro romance publicado, que marca também o início da saga de suspense protagonizada por Fabián Danubio.

Sumário

[*Pular sumário \[» » \]*](#)

Prólogo

Fase um – O mês mais cruel

- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)

Fase dois – O homem no teto

- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)

- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21

Fase três – A árvore solitária

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

Fase quatro – A viagem de Fabián Danubio

- 1
- 2
- 3

- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)

Fase cinco – Amazona

- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)

[Agradecimientos](#)

[Notas](#)

[Créditos](#)

**Para minha esposa Paula,
por todas as caminhadas.
Para meus filhos, Maria e Theo.
Leiam este livro quando vocês crescerem.
(Mas não tenham muita pressa para crescer.)**

*O mal é uma moeda de duas faces.
Uma face me faz sofrer, a outra me faz pecar.
Giro a moeda e as duas faces se sobrepõem.
Sofrendo e pecando.
Sem poder evitar que gire
a moeda do mal.
Ernesto Danubio
“Jano”, texto inédito*

Prólogo

16 de dezembro de 1987

Hoje, na ribanceira, aconteceu algo terrível.

Tive que matar meu pai.

Não sei como tenho forças para escrever. Sinto como se estivesse mergulhado em um grande aquário de água escura envolvendo meus sentidos.

Agora estou em meu quarto e escuto as vozes nervosas do pessoal de casa, que já está perguntando por ele. Lógico. Em geral, meu pai está em casa antes das oito, para presidir a cerimônia do jantar. São nove e meia e ele não aparece. Acredito perceber o chiado nervoso que Reba produz quando fala, uma mistura de sussurro com respiração asmática. “Será que se atrasou no píer? Ficou conversando com os peões? Ligo para o Farías?”

Não vai voltar, Reba. Não insista.

Papai está de barriga para cima e com os olhos abertos. Consegui ver de longe. Nada parece indicar que ele está morto, exceto a posição esquisita de uma de suas pernas. Mantém a expressão viril de autossuficiência que conheço desde sempre, agora misturada com um inesperado quê de surpresa.

Vou organizar minha lembrança do que aconteceu para que o episódio fique registrado com clareza neste diário.

Desde cedo, cumpri minhas tarefas como o faria em qualquer outro dia. A cheia do rio já não era tão forte, as ilhotas já não estavam inundadas e o ar tinha de novo o cheiro seco de que eu gosto. Sempre procuro terminar o percurso rapidamente para ter mais tempo no ateliê. Assim, apressei-me para voltar. E, enquanto remava ritmadamente, tentava espantar os mosquitos que grudavam no suor de meu rosto. Atraquei o barco, tomei o pequeno caminho de ardósia e, sem que ninguém me visse, entrei no ateliê.

Depois de um tempo, fiquei tranquilo. Estava segurando uma peça fundida para que não caísse e o calor do metal atingia em cheio meus olhos, quando, através da vidraça que dá para o oeste, vi meu pai parado entre duas figueiras grandes. Estava de costas, como quase sempre que o via. De costas ou ligeiramente de perfil, sempre pensando em sabe-se lá o quê. Sempre com uma postura que parecia desprezar até mesmo o ar em volta. Via sua nuca, de onde partia o cabelo cortado rente que subia pela cabeça maciça, grisalha, com duas orelhas finas que mal pareciam sustentar os óculos de armação tartaruga, os quais tinham a cor de um caracol envelhecido pelo mar. Não me surpreendeu ver que erguia com a mão direita um pregador de roupa, feito de madeira. Com o polegar e o indicador, pressionava o pregador para abri-lo, logo mudando de dedo, polegar e médio, polegar e anular, até que o esforço de pressionar o pregador entre o polegar e o mindinho me causasse dor nos dedos só de ver. Meu pai nunca se esquecia de exercitar os dedos para o violino, embora já quase não tocasse desde a morte de minha mãe.

Deixei o alicate tenaz e a peça que estava moldando no tanque e me aproximei da vidraça. Nesse momento, meu pai se virou e me olhou. Como eu supunha, ele já tinha me visto e se virou de costas para o ateliê, até que eu notasse que estava lá. Fazia o mesmo com todo mundo, com Reba, com os peões e até com Cordelia. Esperava sempre que alguém o descobrisse como um elemento da natureza que está na paisagem desde sempre, como uma árvore, uma montanha, um rio.

Com um aceno, pediu para que eu saísse. Tirei as luvas de lona e fui a seu encontro.

Papai nunca me olhava de frente quando falava comigo. Parece mentira a série de gestos que os membros de uma família usam para incomodar uns aos outros sem precisar de palavras. Quando eu lhe respondia, ele também não olhava para mim, e então me perguntava se estava ouvindo o que eu lhe dizia ou se precisava repetir. Era muito irritante.

Eu me dei conta de que estou escrevendo isto no passado. Preciso ir me acostumando.

Trocamos os monossílabos de praxe, ele guardou o pregador de exercícios no bolso do casaco e começou a caminhar, o que significava que a pessoa devia segui-lo. Circulamos pelo ateliê e pelo herbário, com seus vidros tingidos de alaranjado pela luz da tarde, como Cordelia e eu gostávamos.

Era a hora em que os pássaros gorjeavam, em um último esforço para conter a noite.

Caminhamos até o rio, passando pelo tanque australiano. Ele perguntou sobre meu dia, sobre minhas obrigações, com a neutralidade metódica de costume, embora eu tenha tido a impressão de que havia um tom diferente no arrastar de algumas palavras.

Isso me deixou alerta.

Meu pai sempre fazia rodeios antes de ir ao ponto, mas, quando traçava seu objetivo, se lançava e não parava, como um toureiro em um momento decisivo.

Não sei se lembro tudo o que me disse, ou o que começou a falar para mim antes de a situação se complicar. Acho que me lembro de um sermão insistente sobre organizar minha vida, pois eu já tinha 21 anos, que o prazo do serviço militar estava terminando e tinha sido inútil porque eu não havia estudado nada, e um enorme et cetera. Minha cabeça distanciou-se de lá rapidamente e me vi viajando por outros lugares e, enquanto ouvia o monótono discurso do meu pai, pensava em Cordelia, em seus ombros e na marca da vacina BCG que parecia talhada em sua pele cor de âmbar.

Então, me dei conta de que papai também pronunciava o nome de Cordelia.

Levantei os olhos e encontrei os dele, que olhavam diretamente dentro dos meus. Não lembrava que alguma vez algo assim tivesse acontecido. Seu olhar era impossível de aguentar, por isso, envergonhado, voltei a baixar os olhos. Sentia um ardor no rosto mais forte e potente que o da fornalha do ateliê. Meu pai falava, sua boca se mexia com desprezo, e comecei a sentir que meu corpo se tornava vidro, desses vidros enormes colocados nos estabelecimentos das avenidas e que, se alguém faz muita pressão, com certeza se quebram. E os cacos

afiados caem primeiro em cascata, lhe arrancam um dedo e, depois, o resto do corpo, cortando-o de mil maneiras até reduzir você a nada.

Meu pai dizia “Chega!” e não parava de olhar para mim. “Chega!”, repetia. E, por um momento, vi em seu rosto, escondido pela indignação e pela fúria, um resto de cansaço que me surpreendeu. Vi sua velhice e vi claramente que talvez já não tivesse mais vontade de fazer esforços por uma vida, uma família, uma propriedade. Talvez o que papai quisesse fosse ir à cidade, entrar no bar do Farías, pedir uma bebida e sentar-se à mesinha de fórmica que fica perto do fatiador de frios, esperando que algum frequentador começasse a falar com ele e a ter uma conversa salpicada de piadas sujas e comentários sobre futebol.

Papai queria isso; o que ele não queria era suportar uma situação sem saída com o filho.

Senti vontade de abraçá-lo nesse momento, porém sabia que ele me rejeitaria, e isso seria doloroso demais. Além disso, já era tarde. Papai entrou de cabeça no assunto, falando sozinho e planejando meu futuro. Falava sobre a escolha da minha carreira e sobre a viagem à Europa. Em Milão, havia uma escola de artes excelente, da qual mamãe sempre lhe falava. Eu tinha a oportunidade única de estudar e me formar “no centro de tudo”, como ele gostava de dizer à minha mãe.

Percebi que o terreno estava se inclinando enquanto caminhávamos, e isso significava que estávamos perto da ribanceira. Papai parou a alguns metros da beirada, olhando para o horizonte. Não se via o rio do nosso ângulo, mas, sim, as pequenas ilhas que se fundiam a distância. “O sol já se pôs”, disse. E, depois de um momento, acrescentou: “Amanhã, sem falta, comece a se organizar para ir embora”.

Minha vista começou a ficar turva, da maneira que sempre ficavam meus olhos quando os esfregava com força.

Senti como se meus lábios formassem a palavra “não”.

Papai olhou para mim. Desta vez, percebia-se o desprezo mais claramente.

“Amanhã, você vai embora daqui. Ou faz isso de boca fechada, ou te levo até a estação aos sopapos.”

Virou-se outra vez, olhando para o vento.

Não me lembro do que pensei nesse momento. De novo, olhei para sua nuca. Por um instante, imaginei que aquela nuca era, na realidade, o rosto do meu pai. Era como uma antiga estátua cujas feições o tempo havia apagado.

Não aguentei mais e avancei até ele. Apoiei as mãos em suas costas e continuei avançando. Talvez a surpresa o tenha impedido de dizer algo. Por um momento, seus calcanhares pareceram querer se firmar na terra, mas só conseguiram deslizar inutilmente. Depois, já não havia nada debaixo dele que o sustentasse. Me joguei para trás enquanto ele caía.

Não ouvi nenhum grito, apenas um arfar, um suspiro, como quando alguém se joga em uma piscina ou um rio, tomando fôlego. Esperei alguns segundos. Também não escutei o barulho do impacto; foi como se tivesse se dissolvido.

Passou um instante até eu decidir olhar da beirada; e o vi lá embaixo, caído.

Eu esperava não vê-lo lá, porque não houve barulho; pensei que, talvez, estivesse flutuando no ar, olhando para mim com a expressão de desprezo de sempre.

Mas, ali embaixo, estava o corpo do meu pai. Imóvel.

Não podia estar vivo, nem mesmo ele sobreviveria a uma queda como aquela.

Olhei para ele mais um pouco, dei as costas para a ribanceira e me encaminhei até o ateliê. Nesse momento, pisei em algo no chão e, ao olhar para baixo, vi o pregador de madeira. Ele devia tê-lo deixado cair enquanto estávamos brigando. Guardei-o no bolso.

Comecei a andar de novo, sem pressa, mas também não demorando demais.

Vê-se a ribanceira da margem à frente, que também faz parte de nossa propriedade. Por isso, salvo algum peão atrasado, ninguém poderia ver o que aconteceu. Só achei ter visto uma vaca, que contemplava, muda, a cena enquanto ruminava.

Eu mesmo me assombro com a frieza de minha atitude enquanto voltava para o herbário, virando e entrando no ateliê, fechando a porta, apoiando-me com alívio na velha madeira.

Fiquei no ateliê mais uma hora, como sempre fazia, para que ninguém detectasse alguma mudança em meus hábitos. Depois, tirei o diário de seu esconderijo e vim para o cômodo.

E, agora, cá estou, esperando.

O fundo da ribanceira está a dez metros da margem do rio, e lá a maré não sobe à noite. Não passará mais de um dia sem que o vejam, porque, se não o descobrirem de cima, algum barqueiro certamente vai vê-lo.

Pensando bem agora, é questão de horas para que descubram o acidente, porque, quando papai não aparecer, Reba vai mandar os peões, Cordelia e eu procurá-lo. Se já ligou para o Farías, se não viram no atracadouro, Reba vai ficar inquieta. Vai nos obrigar a procurá-lo, e talvez eu mesmo tenha que me prestar à encenação de encontrá-lo, embora prefira que algum peão faça isso.

Agora, Reba pergunta por ele. Acho que ouço a voz suave e profunda de Cordelia respondendo a ela. Também devem estar por lá Amadeo e, talvez, Lautaro. Terei de sair para disfarçar.

Fico tentando imaginar se notarão o que aconteceu, se meu rosto me entregará. Deveria ter um espelho aqui dentro. Vou ver se faço um no ateliê. Melhor dois; assim presenteio Cordelia com um.

Os próximos dias serão difíceis. Terei de assumir a responsabilidade por este lugar. Talvez seja melhor assim.

Tenho que me lembrar de esconder este caderno junto com os outros. Daqui em diante, é muito importante que não o encontrem.

Não sei o que dizer. Talvez isso pareça ingrato com meu pai, mas me sinto aliviado.

Por onde ele andarà agora? Suponho que não mereça estar com Deus. Mas seu perdão é infinito.

Olho para seu velho pregador de madeira, aquele com o qual fortalecia os dedos. Começo a pressionar o pregador entre o indicador e o polegar da mão direita. Depois, médio e polegar; em seguida, anular e polegar. À medida que vou passando aos dedos mais frágeis, o esforço torna-se insuportável.

Quase vira uma tortura.



FASE UM

O MÊS MAIS CRUEL

1

4 de abril de 1999

Alguns dias antes de levarem sua filha, Fabián Danubio estava preso a um sonho, mas confiava que ia sair em breve.

Nunca se lembrava dos sonhos, também não tinha certeza se todas as noites as pessoas eram visitadas por aqueles dos quais depois se esqueciam. Nunca lera uma revista científica que apresentasse provas contundentes sobre o assunto. Fabián pensava nisso tudo com a lucidez oblíqua só manifestada nos sonhos, enquanto atravessava uma atmosfera pegajosa que deixava os movimentos vagarosos.

Andava por uma rua de um bairro indeterminado, de noite. Sabia que Lila e Moira estavam perto, embora não conseguisse vê-las. No sonho, não havia chão que sumia de repente sob os pés nem quedas intermináveis. Não havia gente na rua, e as lojas estavam fechadas, mas, ao olhar direito, comprovava-se que, na verdade, estavam abandonadas. As portas estavam abertas e, dentro, tudo deteriorado. Apenas era possível ver uma máquina registradora antiga ou um mostrador quebrado, prateleiras vazias e o obstinado cintilar de uma lâmpada fluorescente.

Como em todos os sonhos, o corpo de Fabián sabia até onde ia, mas sua mente o ignorava. Tinha a vaga ideia de estar fugindo, mas não conseguia saber de quem nem para onde. Nesse momento, Fabián pensou ter ouvido as vozes de Lila e Moira por perto. Parou na metade de um quarteirão, em frente ao que parecia um caixa eletrônico abandonado, que logo viu ser um elevador com paredes de vidro. Tinha certeza de que elas estavam dentro. Pareciam fazer gestos para que ele se apressasse. Fabián tentou correr, mas, quando chegou até a cabine, as portas se fecharam. Do outro lado do vidro, Moira olhava para ele, Lila também, mas logo lhe deu as costas. A luz da cabine se apagou e ele apoiou a palma da mão no vidro,

tentando vê-las. No entanto, estava muito escuro ali dentro. Então viu que, na escuridão, aparecia outra figura e, quando se aproximou, topou com dois olhos azuis sem rosto, uns olhos de homem ou animal, que o encaravam fixamente.

Com um grunhido, Fabián acordou batendo no piso de taco, ao lado da cama. Era a primeira vez que acontecia algo assim com ele: cair da cama por causa de um sonho.

Olhou para Lila a fim de ver se tinha acordado com o barulho, mas ela continuava dormindo. Levantou-se com cuidado, saiu de seu quarto e foi ao de Moira. Sua filha dormia também, abraçada a um boneco que era uma imitação do Grilo Falante da Disney. Tinha o chapeuzinho do original, porém mais patas e um corpo mais comprido. Seu formato era mais selvagem, como se o Grilo Falante se tornasse menos humano e mais inseto. Era o boneco favorito de Moira.

Aproximou-se da filha para conferir se ela havia feito xixi na cama. Milagrosamente, não. Isso explicava por que não tinha passado de sua cama para a dos pais.

Todas as noites, entre duas e três da madrugada, Moira fazia xixi na cama, estratégia infalível para deixar seu quarto e ir para o dos pais.

O psiquiatra de Lila recomendou a eles uma psicóloga infantil, com a qual estavam tendo consultas por esse motivo. A mulher assegurava que era uma etapa que logo seria superada. Obviamente, não era ela quem precisava lavar lençóis todos os dias.

Fabián foi até a cozinha. Silêncio total, inclusive na rua, o que era notório. Deu-se conta de que era domingo. Voltou ao quarto e deitou-se de novo. Tocou o ombro de Lila levemente. Ela se mexeu, afastando uma sombra inexistente. Em um instante, Fabián dormia novamente, dessa vez sem sonhos.

2

— Quero ir à árvore — disse Moira. Tinha quatro anos, e seus olhos já eram idênticos aos da mãe, rasgados e castanho-escuros, levemente inclinados para baixo, o que dava a eles um ar de indefinível nostalgia em alguns momentos. De vez em quando, ao arquear as sobrancelhas, seu rosto enchia-se de perplexidade. Esse era o trejeito favorito de Fabián.

Já começava abril, e o calor dava vez a dias frescos e cheios de sol. Caminhavam pela praça, afastando-se da avenida Álvarez Thomas até a área dos brinquedos. Lila folheava o jornal que comprara recentemente e não olhava por onde pisava, tropeçando ao longo do chão de saibro.

Os dois seguiam Moira, que caminhava rapidamente até o lugar em que estava “sua árvore”, uma jovem paineira, com os espinhos podados para que as criancinhas indefesas e os distraídos não se machucassem. Moira aproximou-se da árvore na primeira vez em que foram à praça, no mês da mudança para o apartamento da Álvarez Thomas. Ficou inebriada pela cor verde do tronco, que parecia quase artificial. Podia ignorar os brinquedos, a bicicleta de rodinhas e o parquinho de areia, mas nunca deixava de visitar sua árvore.

Quando chegava janeiro, no dia do aniversário de Moira, Fabián tirava uma foto dela junto à árvore. Já tinham feito isso quatro vezes. Fabián esperava que o ritual se repetisse anualmente, que Moira continuasse cumprindo o costume quando adulta e que este fosse passado a seus filhos e netos.

Lila e Fabián sentaram-se em um dos bancos de pedra debaixo do pergolado de alvenaria, lugar de onde podiam ver Moira. Fabián nunca teria projetado uma praça assim, mas o lugar estava bem-cuidado e tinha uma certa amabilidade agradável. Além disso, não era frequentado por muita gente.

Lila apoiou o jornal sobre o tabuleiro de xadrez pintado na mesa e separou o caderno de cultura. Às vezes, Fabián levantava-se do banco de pedra quando Moira se perdia atrás de

algun canteiro e voltava a se sentar quando a via reaparecer, inquieta e falando sozinha, como costumava fazer. A menina agora entrava na área dos brinquedos e subia no escorregador tubular de plástico. Uma vez, Lila recebeu a filha na saída do túnel-escorregador e, ao entrar em contato com ela, gritou por causa da carga de eletricidade estática da roupa da menina. A partir desse momento, não voltou a tocá-la quando usava esse escorregador, e Moira fazia uma aterrissagem forçada na areia.

Fabián começou a ler as páginas do caderno policial do jornal.

— Este ano vão apresentar *Turandot* no Colón — comentou Lila.

— Mataram uma taróloga em San Telmo — disse Fabián.

Ao que parece, a mulher não conseguiu prever seu próprio destino, mesmo com sua sabedoria com as cartas. O ex-marido bateu uma dúzia de vezes nela com um martelo, deixando-a sem vida quando ainda estava sentada à mesa. “Com a carta do Enforcado recém-saída do maço”, completou Fabián, que adorava acrescentar detalhes dramáticos fictícios às crônicas policiais que lia. Horas depois, em uma hospedaria da rua Montevideo, o assassino foi preso sem oferecer resistência. O martelo estava guardado, com sangue seco e o cabelo da mulher morta grudados, em sua mesinha de cabeceira.

Havia uma notícia sobre outra mulher, de trinta e cinco anos, que tinha sumido de casa fazia três meses. Fabián lembrava-se do caso, e acompanhou-o com curiosidade. A mulher tomou um ônibus de seu trabalho, no Centro, até sua casa em La Plata. Nunca chegou. O marido fez a denúncia três horas depois. Ninguém a viu descer do ônibus em nenhum ponto intermediário, mas também ninguém a viu sair da estação de destino. Mistério. Fabián supôs que, se não houvesse novidades logo, a notícia deixaria de aparecer no jornal. Imaginou o marido da mulher dentro de um ano, caso ela não aparecesse. Talvez já teria deixado para trás a dor e a impotência e estaria tomando um café em um bar do bairro e olhando a noite pela janela, esperando vê-la de novo, em um desejo absurdo.

Fabián deixou de lado a caricatura trágica portenha e imaginou um sujeito para quem a saída de cena de sua mulher tivesse

caído como maná do céu. Viver com ela já era insuportável e o acaso vinha em sua ajuda de forma inesperada. Agora, na imagem mental de Fabián, o sujeito está sentado em um bar dando-se conta de que há meses porta uma máscara de sofrimento que não sente. Na realidade, está melhor sem ela. Ficou mal a princípio, claro. Mas agora está a ponto de decidir que, quanto mais dissimula, mais tempo de luto leva por sua esposa desaparecida antes de dar livre curso à plenitude e ao êxtase.

Fabián acomodou-se no banco e passou para a página do horóscopo. Leu seu signo, o de Lila e o de Moira. Para sua filha: época ideal para mudar os rumos de sua vida. Para Lila: possíveis tensões de casal, mas apenas passageiras. Para ele: um ano solar cheio de acontecimentos. Era isso o que escrevia o faxineiro que, certamente, era encarregado de redigir a seção astrológica.

Fabián fechou o jornal, levantou os olhos e observou a esposa. Sempre que a olhava enquanto lia, lembrava que era isso o que ela fazia quando a viu pela primeira vez. Ele estava esperando para fazer uma prova no corredor de acesso à área central da faculdade de Arquitetura. Na realidade, estava quase decidido a não fazer. A prova tinha sido adiada antes e ele não acreditava que estivesse mais bem preparado dessa vez. De repente a viu, sentada em um banco alto, debruçada na beirada de madeira da balaustrada, lendo sabe-se lá o quê, e sentiu um fio de prazer quase angustiante.

Apesar de ela estar sentada, percebia-se que era alta (1,72 m, Fabián soube depois). Virava lentamente cada página de seu livro, brincando de vez em quando com um brinco em forma de lágrima azul que pendia de sua orelha. Sua pele era muito branca e seu cabelo tinha um um preto-graúna lustroso que fazia Fabián ridiculamente se lembrar do brilho da crina de um cavalo preto.

Ela ergueu a vista e olhou para ele.

Não lembrava bem como as coisas seguiram, qual foi a primeira palavra ou o primeiro gesto que fez para se aproximar. Recordava-se de estar falando com ela sobre sua iminente

prova, insistindo em uma desculpa para ouvir sua voz e olhar como mexia os lábios. Riram bastante, ele entrou para fazer a prova. Foi bem e, na saída, ela ainda estava do lado de fora. Quando Fabián, mais tarde, estava esperando o ônibus 160, já tinha seu número de telefone.

São tempos muito dinâmicos. Duas semanas depois, já planejavam mudar-se para um apartamento de dois quartos com um aluguel razoável.

Passaram-se sete anos. Fabián saiu de suas lembranças e voltou a concentrar-se na mulher que lia o jornal do outro lado da mesa.

— Acabaram de abrir um restaurante armênio — observou Fabián, tentando puxar um assunto que quebrasse o automatismo conjugal no qual estavam submersos.

Lila deixou o jornal e, em seguida, olhou para Moira e para além dos brinquedos e da rua Delgado, onde, por cima das casas, se derramava o céu azul; e se ela olhou para algo mais, Fabián não conseguiu discernir.

— Como é a comida armênia? — perguntou Lila.

— Deve ser igual à árabe, mas com outro nome. Não sei. Vamos conferir. Amanhã, deixamos Moira com Cecilia e vamos.

— Ótimo.

— Está a fim ou não?

— Deve ser caro.

— Não se preocupe.

Lila esboçou um sorriso e passou a mão nos olhos.

— O jantar é para falar sobre nós, não?

— O jantar é para comer, a princípio. Mas, já que você falou, poderíamos falar sobre alguns assuntos.

— Quais, por exemplo?

“Por exemplo, que não transamos há três meses”, pensou Fabián, enquanto amassava lentamente as páginas do jornal que segurava.

— Não sei. Sobre o casal.

— Já fomos várias vezes jantar e terminamos não falando nada — assegurou Lila, com um ar quase de fastio que começou a incomodar Fabián.

— Bom, desta vez deveríamos falar.

— Está muito dramático ou é impressão minha?

Fabián olhou para Lila por dois segundos.

— Deixa. Não vamos jantar.

— Agora se ofendeu e não vai mudar de ideia. Já sei.

— É incrível. Domingo de manhã, trocamos três frases e já me deixou de cabeça quente.

Lila não respondeu. Em geral, não se envolvia nesse tipo de discussão. Suas sobrancelhas se arquearam.

— Onde está Moira?

Fabián olhou para os brinquedos e não a viu. Havia um garotinho brincando no balanço com a camisa da seleção argentina de futebol, uma senhora de roupa esportiva roxa que seria a mãe e, a alguns metros, uma garota de jeans e camiseta preta que tentava controlar um doberman para que ele não se enfiasse na areia.

No escorregador de plástico, não estava. Fabián virou-se para a fileira de arvorezinhas baixas que contornavam a área dos brinquedos. No gramado que dava para a rua, não havia ninguém. Ela não iria para a rua porque já sabia que era perigoso. Certamente, estava em alguma das pequenas trilhas de pedra que cortavam o lugar. Contornou e chegou ao local onde estava o busto do mártir que dava nome à praça. Ninguém. Fabián começou a sentir um frio na boca do estômago. Onde havia se metido?

Viu Lila procurando do outro lado do pergolado.

Voltou à área dos brinquedos. A senhora de roupa esportiva olhava para ele. A garota do doberman já não estava lá.

— Viu uma menina que estava brincando aqui? De camiseta verde e short?

A mulher negou com a cabeça, com uma expressão de angústia que parecia exagerada. Aproximou-se mais do próprio filho, que já não estava no balanço.

Fabián voltou ao pergolado. Na mesa de xadrez, o jornal que tinham lido voava, desarrumado, espalhando suas páginas por todos os lados. Lila saiu de trás de uma planta e olhou para Fabián com o rosto abatido.

— Não a encontro...

— Moira, puta merda... — murmurou Fabián enquanto procurava a filha. Agora o frio tinha ido para os testículos.

Somente durante o primeiro ano de Moira, Fabián sofreu essa coleção de temores obsessivos que caracterizam os pais de primeira viagem. Pancadas, quedas, sequestros, sufocamentos, mortes súbitas... No segundo ano, tudo se atenuou e Fabián sentiu-se orgulhoso de sua serenidade paterna. Os medos instalavam-se em algum lado do cérebro e já não exerciam efeitos intimidadores. Mas, agora, o pânico ancestral que sentiam os pais irrompia com toda a força.

Fabián correu, já sem ouvir os chamados de Lila, tentando pensar no que podia ter acontecido.

Subiu pela trilha de pedra, procurando. Havia gente na praça e os olhos podiam enganar em situações assim. Muitas vezes, Moira estava a pouco metros e ele não conseguia vê-la. Tentou se acalmar e conter a cabeça, que começava a dar pinotes.

Aproximou-se da área da fonte ornamental. Se Moira não estivesse lá, o passo seguinte era falar com um policial que já tinha avistado na esquina das ruas Álvarez Thomas e Zabala.

Então viu sua filha, de costas, à beira da fonte. Relaxou de repente, e até sentiu um pouco de vergonha por ter reagido daquele jeito.

Correu até ela e, de novo, sentiu por dentro uma dor forte, traiçoeira, imaginando que a virava, pegando-a pelo ombro, e acabava sendo outra menina, como em um previsível filme de suspense.

Mas era Moira. Sacudiu seu bracinho enquanto gritava com ela. Atrás dele, chegou Lila, que pegou a filha e a ergueu com um suspiro.

— Menina, menininha... Por que não disse para nós que viria para cá? Você nos assustou! — disse Fabián, abraçando-a.

Ele obrigou a menina a olhar em seus olhos.

— Não faça mais isso! Ouviu, Moira?

O mesmo olhar da mãe quando não respondia. Fabián insistiu.

— Está me ouvindo, Moira?

— Vim com o homem — disse a menina.

— Que homem? — perguntou Fabián.
— O homem do jardim.
— É algo que andou vendo nos programas da TV — disse Lila.
— Está assustada porque você gritou com ela.
— O quê? Agora o culpado sou eu?
— Melhor irmos para casa.
Fabián falou com a filha mais de perto.
— Um homem te trouxe até aqui? Me diz a verdade.
— Não posso dizer nada porque é do jardim.
— Pode me responder direito, por favor? Você já tem quatro anos.

Moira olhou-o e envolveu o pescoço dele com as mãos. Lila deixou que a menina passasse para os braços do pai.

Mais adiante, Fabián ia se lembrar muitas vezes dessa situação, pensando em todos os sinais que não conseguiu ver.

Mas... quem decifra algo assim de antemão? Quase sempre o significado dos sinais nos parece claro quando já é tarde demais.

3

Naquela noite, Fabián pôs Moira na cama e começou a ler um conto para ela. Moira era teimosa para dormir. Fabián tinha que se deitar a seu lado com o livro aberto, e ela pedia que ele lesse várias vezes a mesma história. Era impossível que alguma página fosse passada por alto, porque sua memória, quase fotográfica, não permitia isso.

Em determinado momento, o livro fechava-se, e Moira acomodava-se de lado na cama, de cara para a parede, onde uma infinidade de adesivos formava um mosaico decorativo que evidenciava a evolução cultural da menina nos últimos dois anos. Então, Fabián tinha que ficar ao lado dela até que dormisse. Muitas vezes, percebia a respiração atenuar-se, começava a levantar-se devagar e logo sentia uma mãozinha implacável que agarrava seu braço, uma mãozinha que parecia pertencer a um mecanismo automático equipado com sensores de movimento que impedia a fuga do prisioneiro.

Desta vez, o conto não foi lido com tanta atenção porque Moira sabia que o papai estava irritado pelo que havia acontecido na praça. Demorou a dormir, isso, sim. Fabián optou por fechar os olhos para que ela seguisse o exemplo, e esperou que lentamente se rendesse. O vizinho chileno do quarto andar tinha ligado o aparelho de som em um volume que justificava um conflito, mas Moira não se importava com barulhos. Assim, não se incomodou. Uma hora depois, Fabián levantou-se, cobriu a filha, apagou a luz e saiu do quarto.

Lila também estava dormindo, claro. Fabián era o único da casa que realizava rondas noturnas enquanto os demais dormiam, como um vigilante insone que percorre os quartos perguntando-se por que não dorme, por que misteriosa angústia o impede de descansar no ritmo dos demais.

Tinha que terminar uma documentação de obra porque no dia seguinte passariam cedo para retirá-la no estúdio. Precisava adiantar trabalho. Seu PC era um exemplo de deficiência

tecnológica difícil de superar. Sentou-se na cadeira do hall depois de encostar a porta do quarto. O barulho cansativo do computador iniciando tirou sua vontade de trabalhar, por isso, voltou a desligá-lo e foi à sala ver televisão. Terminaria o trabalho no dia seguinte e o cliente teria que esperar. Supôs que seu chefe, Carreras, não acharia a menor graça, mas as coisas seriam assim.

Zapeou os canais a cabo por quase uma hora. Preparou um copo de Johnnie Walker com dois cubos de gelo. A garrafa tinha sido trazida do Canadá por seu irmão, Germán. Ele jamais teria comprado um uísque tão caro. Sentiu-se um fanfarrão inconsequente ao tomá-lo, em um ritual nada a ver com ele, mas que combinava com seu irmão mais velho.

Queria que o uísque o acalmasse o suficiente para não pensar, mas se deu conta de que ia precisar de meia garrafa para evitar uma sessão de lamentos introspectivos. Assim, prosseguiu passando pelos canais na televisão automaticamente enquanto os cubos de gelo se afogavam e se dissolviam no copo, sem parar.

4

A ideia de ir jantar no dia seguinte foi postergada, por algum motivo. Finalmente, Lila cedeu diante da insistência de Fabián, e em uma segunda-feira, passando da metade de abril, a mesa no restaurante armênio já estava reservada. Fabián levantou-se mais cedo que de costume. Preparou o mate para Lila na cozinha enquanto comia uma torrada. Deixou para ela a garrafa térmica com água quente e o mate feito, roçou os lábios nos rostos de suas duas mulheres adormecidas e saiu.

Lá fora, a luz da manhã parecia o pôr do sol.

Andou até o metrô. Não ia de carro ao Centro, não suportava. Preferia deixar o carro para Lila, mas fazia tempo que ela também não o usava. Havia ficado muito nervosa em uma ocasião em que estava parada em um semáforo, esperando que abrisse, e o carro que estava ao lado do seu se chocou violentamente com um caminhão sem freios. Esse brusco contato com a loteria da fatalidade fez com que Lila parasse de dirigir. De qualquer forma, pensava Fabián enquanto descia na estação Carlos Pellegrini, ela sempre encontrava um motivo perfeito para começar a fazer coisas e abandoná-las: a carreira, o trabalho... Até agora, as obrigações que Moira impunha não tinham sofrido com sua indolência. Tiveram que contratar Cecilia para ajudá-los, e isso dava a Lila mais tempo livre. Podia ir caminhar e olhar livrarias, como gostava (ela lia uma quantidade de livros inconcebível para ele, que só folheava uma coisa e outra durante as férias); podia encontrar tempo para pensar em como retomar algo que havia deixado. De todo modo, a presença de Cecilia na casa não provocou em Lila uma mudança notória. Mais de uma vez, Fabián pensou em ir falar com Levín, o psiquiatra de Lila, mas, se ela soubesse, seriam mais problemas.

Entrou no prédio da rua Suipacha, cumprimentou o porteiro, trocou duas palavras com o ascensorista. Estava no trabalho.

A luz estava acesa na baia de Carreras. Isso significava que ele havia se esquecido de apagá-la na noite anterior ou que

chegara cedo. O característico pigarro de seu chefe soou gutural no silêncio do escritório. Fabián reclamou baixo e sentou-se diante do computador. Preferia ficar sozinho até terminar o trabalho.

— Bom dia — disse Carreras.

Aproximara-se, ajeitando as calças, tentando fazer com que sua barriga se entendesse melhor com o cinto. Usava os três primeiros botões da camisa desabotoados, o que lhe dava o aspecto de um veterano dançarino de *disco music* dos anos 1970. Olhando para ele, nem a pessoa mais astuta ou observadora poderia deduzir que Carreras era arquiteto.

— Como está isso? — perguntou Carreras.

— Já vou terminar.

— Lembra que vão passar aqui para buscar o projeto? Em quanto tempo consegue terminar?

— Meia hora, quarenta minutos. Melhor dizer a eles para buscarem no estúdio onde vão imprimir. Assim, ganham tempo.

Carreras voltou para sua baia. Fabián viu em seu rosto o leve rastro de contida contrariedade que, em algum momento, se cristalizaria em uma cara de reprovação lançada como quem não quer nada. Mas, por ora, o chefe deixava que ele trabalhasse tranquilamente.

Uma hora depois, havia terminado e o pessoal do estúdio que fazia a plotagem já tinha levado os disquetes. Preferia mandá-los por e-mail, porém a conexão telefônica era muito lenta e Carreras não queria ocupar a linha.

Fabián entrou na pequena copa e preparou um café instantâneo. Carreras apareceu e espreguiçou-se ostensivamente, batendo com a mão em uma estante onde algumas garrafas coloridas decorativas tilintaram perigosamente. Sorriu para Fabián do alto de seu 1,90 m.

— Ontem à noite, sonhei uma coisa com uma gata.

— Outra vez?

— Sim. Mas dessa vez a coisa foi feia.

— Quer café?

— Ótimo. Não põe açúcar. Estava pegando uma gata no sofá, e foi um momento maravilhoso. Eu acariciava a parte de trás da

cabeça dela, tocava no cabelo comprido e liso, cor de mogno.

— Cor de mogno?

— Sim, cor de mogno. O que é que tem?

— Nada... Continua.

— Bom, então a acariciava na nuca e começava a sentir que era uma nuca diferente. Tocava com meus dedos algo que não parecia ser uma nuca, entende?

Fabián julgou prudente responder que sim, que entendia.

— Primeiro, eu pensei que talvez estivesse machucada, porque parecia a beira de algo carnosos e úmido. Então, não aguentei mais e virei a garota.

— Já sei. A gata tinha uma vagina na nuca. Com dentes.

— O quê? Não. De onde tirou isso? Tinha outro rosto. O que eu estava tocando eram os lábios de outro rosto que a moça tinha na nuca. Um rosto com boca, olhos, nariz...

— E como era esse rosto?

— Não me lembro. Acho que era horrível. Não quis olhar.

Carreras soltou um chiado e tomou um gole de café. Ergueu as sobancelhas para Fabián, interrogando-o.

— O que acha que pode significar?

Fabián aproveitou o gancho de Carreras.

— Está claríssimo — respondeu. — Tem que aumentar meu salário.

— Você nunca sonha com nada?

— Sonho que estou caindo.

— Que pouco original... Precisa de um aumento mesmo?

— A vida está cara.

Carreras assentiu, suspirando.

— E pensar que há três anos éramos... Quantos? Doze, treze? Agora, somos só você e eu. Por sorte, temos o engenheiro que resolve toda a documentação. Se não fosse por isso, já tínhamos fechado o estúdio.

— Mas esta é a última torre.

— Você acha? Vou falar com Guilstein para ver como as coisas estão indo.

— Aliás, pergunte a ele se precisam de um supervisor de obra.

— Sim, já sei. Está cansado do computador.

— E o que quer que eu diga...

— Menos mal que você esteja fazendo isso. Eu não conseguiria. Não consigo nem olhar para a tela. As linhas se embaralham. É esse o futuro? Me deixem com minha prancheta e minha lapiseira.

— São as mudanças que o novo século traz.

— Estou cagando para o novo século. Saúde!

Carreras tomou um pequeno gole de licor e pôs a pasta embaixo do braço.

— Me faz um favor? Deixei umas contas para você pagar em cima da minha prancheta.

— Mudei de opinião. Não me dê aumento. Melhor contratar um office-boy.

— Bem... Você viu como estamos, né?

— Não se preocupe.

— Tudo bem? Lila? Moira?

— Tudo bem.

— *Ci vediamo.*

Carreras abriu a porta e saiu para o corredor. Começou a assoviar “Luna tucumana”, de Mercedes Sosa, enquanto a fechava. O assovio foi se afastando.

Fabián ficou um momento parado em frente ao computador, com o copo de café na mão. Não gostava de desenhar no computador, mas alguns anos antes teve que aprender para se atualizar, e os trabalhos foram acontecendo sem que ele tivesse tempo de decidir se queria fazê-los ou não. Agora era um desenhista copista virtual que se contentava em contornar o que outros desenhavam.

Encontrava-se em uma situação que já conhecia: tudo ia desmoronando ao seu redor e o único que resistia até o último momento era ele. Odiava essa sensação. Escritórios vazios, chamadas telefônicas que não ocorriam. As novas obras de que falava Carreras talvez não chegassem. Fabián pensou em como enfrentar a falta de trabalho no momento em que ele era o único esteio do seu lar, com Lila deprimida.

A tarde transcorreu lentamente. Lá pelas seis horas, Carreras ligou dizendo que não voltaria ao estúdio e iria direto para casa.

Fabián desligou o PC, esfregou os olhos e deu impulso na cadeira de rodinhas com os pés para que ela girasse sobre seu eixo, completando três voltas. Lembrou-se, por fim, de que Carreras não dera uma resposta sobre seu aumento.

Foi ao banheiro e olhou-se no espelho. Encontrou um rosto de testa larga, com entradas no cabelo e uns olhos azuis marejados que nunca o convenceram completamente. Ia fazer trinta anos em um mês. Parecia ter essa idade? Menos?

Apagou a luz do armário do banheiro e também o rosto do espelho.

Andou pela rua Corrientes e entrou em algumas lojas de disco. Em uma, havia uma promoção muito interessante de dois CDs pelo preço de um. Não comprou nada.

Decidiu seguir até Abasto e, logo depois, pegar o metrô. Abril já era época de aulas e a rua estava cheia de adolescentes vertiginosos.

Deu-se conta de que a perspectiva do jantar daquela noite começava a preocupá-lo e que, de alguma maneira, esse era o motivo pelo qual estava atrasando sua volta para casa.

Enquanto desviava das pessoas que caminhavam na direção contrária, Fabián pensava na melhor maneira de encarar a conversa que ia ter com Lila.

Ela estava deprimida, mas a palavra não se aplicava para descrever um estado de ânimo. Era uma realidade psiquiátrica. Havia algo na mente de Lila que fazia anos não funcionava como deveria. Era uma espécie de desconexão, algo difícil de mensurar superficialmente. Na maior parte do tempo, o olhar de Lila para o mundo era como o de uma pessoa que assiste na televisão a um filme já visto várias vezes, mas que nunca gosta dele. Talvez a exceção a esse filtro fosse Moira. Não podia criticar nada em relação ao seu cuidado, mas, em alguns momentos, Lila parecia cumprir apenas um papel destinado a ela como uma obrigação existencial, sem se decidir por viver plenamente.

Segundo o doutor Levín, a depressão teve início durante a gravidez. Fabián concordava com isso. Com o nascimento de Moira, houve uma sensível melhora e, no início, parecia que Lila

tinha alcançado seu habitual nível de energia. Mas, entrando no segundo ano da bebê, baixou de novo.

Lila estava havia três anos sem trabalhar. Antes de engravidar, atuava em um estúdio de design gráfico, mas nunca voltou da licença-maternidade. Saía com as amigas, passeava com Moira, cozinhava, pagava contas. Lia sempre que podia. Sobre sua mesinha de cabeceira sempre havia uma pilha desordenada de livros. Fabián deu-se conta de que fazia tempo que só ele tomava a iniciativa na hora de fazer sexo. Lila correspondia e Fabián esquecia-se de comentar. Passavam-se semanas, e aí ele tomava a iniciativa de novo.

Lila começou a ser uma mulher que dormia na escuridão, mas que parecia se afastar. Cada vez mais.

Ele começou a acordar no meio da noite, começou a caminhar silenciosamente pela casa quieta. Começou a ser testemunha de algo que se parecia com uma família, mas que, se olhasse de perto, consistia em duas pessoas que mantinham o acordo de cuidar de uma menina; dois estranhos cada vez mais isolados que fingiam se conhecer. Ele tinha certeza de que amava sua mulher, mas não falava para ela, porque tinha medo de dizer isso e encontrar em seus olhos algo em que já não pudesse acreditar.

Anoitecia e as luzes dos automóveis ganhavam cor. Entrou no metrô e viajou preocupado, com certa tensão que o aborrecia.

Abriu a porta de casa usando o chaveiro dourado com o qual, em um bonito gesto, o banco que concedera o crédito do apartamento havia lhe presenteado. Moira estava na sala de estar vendo televisão; Cecilia, na cozinha.

Cecilia era uma moça peruana de uns 22 anos. De acordo com os parâmetros do portenho médio, todas as mulheres peruanas eram morenas gorduchas que vendiam frutas sentadas na calçada, e todos os homens peruanos pareciam antigos guerreiros incas decadentes, agora dedicados a abarrotar as pensões de Bajo Flores e a construir um futuro império de tráfico de drogas. Cecilia não se encaixava nesses estereótipos. Era muito bonita, de feições delicadas e olhos verdes e grandes. Era agradável e suave e, quando escrevia bilhetes para lembrá-los de comprar sabão em pó ou palha de aço, sua letra tinha uma

caligrafia rebuscada, que parecia feita por um escrivão espanhol durante a fundação de Lima.

— Olá, Ceci — disse Fabián, tirando a mochila e deixando-a sobre a cadeira.

— Olá, senhor.

Para Cecilia, não havia possibilidade de chamá-los pelo nome, nem a ele nem a Lila. Era a filha de uma senhora que trabalhara para Ernesto, o pai de Fabián. Cecilia não era muito boa limpando, para dizer a verdade; e, cozinhando, quebrava um galho, sem chegar a ser algo deslumbrante. Mas era muito doce com Moira e cuidava muito bem dela. Às vezes, a menina falava com o sotaque de Cecilia, misturado com o castelhano neutro da dublagem dos desenhos animados, e usava vocábulos que, sem dúvida, provinham de outras latitudes.

Em vez de dizer “mosquitos”, dizia “moscos”, e a conjugação quase sempre era digna de uma telenovela latina que passava à tarde, mas era outra característica que, segundo a psicóloga de Moira, já ia passar.

Fabián pensou que, se ele também comesse a fazer terapia, como vinha sendo proposto nos últimos dez anos, iam constituir uma simpática família “rata de divã”.

— O que está fazendo, bonitinha? — Fabián agachou-se e beijou a filha.

— Papai...

Da televisão, partia um bombardeio de barulhos, cores e heroínas japonesas com olhos de psicóticas.

Foi até seu quarto, que estava com a porta encostada. Lila arrumava-se usando o espelho do armário.

— Como está?

— Olá. Ligou para o restaurante?

— Sim. Já reservei.

— Precisa deixar o dinheiro para Cecilia.

— Já sei.

Fabián ficou olhando para ela. Lila estudava-se no espelho com a mesma expressão de quando lia. Experimentava um colar que tinha pedras ovais de uma cor alaranjada que, ao receber raios de luz, brilhava como um fogo mágico. Lembrou que era o

colar que ela havia colocado na primeira vez em que saíram, e isso o animou. Lila virou a cabeça e olhou para ele.

— Que foi? — perguntou ela.

— Nada — respondeu Fabián.

Um sorriso nasceu em um canto dos lábios de Lila, mas não chegou ao outro.

— Estou quase pronta.

Eram oito horas. Fabián foi à cozinha enquanto fechava o último botão da camisa limpa que acabava de vestir. Serviu-se de um copo de suco, voltou à sala e sentou-se ao lado de Moira, em frente à televisão. A menina subiu imediatamente no colo de Fabián.

— *Ponhe* Cartoon, papai — pediu.

— Se diz “põe”.

— Tá! Põe.

Fabián procurou com o controle remoto até chegar ao canal pedido. Estava começando o programa favorito de Moira. Nem bem começou, Fabián recordou-se, apreensivo, do que acontecera na praça. O programa chamava-se *O jardim de Joseph* e estava quebrando os recordes de audiência entre as crianças. Era sobre um menininho de oito anos, o tal Joseph, que encontrava um jardim praticamente infinito nos fundos de sua nova casa. No jardim, no qual Joseph sempre vivia suas aventuras, conviviam seres fantásticos de todas as mitologias: unicórnios, górgonas, dragões chineses, ídolos astecas. Joseph fazia muitos amigos no jardim, entre eles, “o homem dos abetos”, um enigmático personagem esguio como uma sombra que podia se comunicar com as árvores.

Este, supôs Fabián, era “o homem do jardim” que Moira mencionara durante o incidente da praça.

A menina olhava a televisão com uma concentração quase profissional. Na mão, segurava o indefectível grilo selvagem que levava a quase todo lugar. Tinha as mãos compridas, com os nós dos dedos pontiagudos, algo incomum para a idade. Seria alta como a mãe e, certamente, herdaria também o andar elástico, a flexibilidade de bailarina e os ombros ossudos que, em uma adolescente, parecem um tanto masculinos, mas, em uma

mulher, são sinal de uma determinada força sensual. Apesar de seus quatro anos, o rosto de Moira projetava-se para a frente como uma flecha, sorvendo a imagem da tela com os olhos acesos, que se mexiam de modo inteligente, não perdendo nenhum detalhe.

Deram a ela o nome “Moira” por sugestão de Lila. Leu em algum lugar que o nome era uma variação celta de Maria; além disso, um dos nomes que os gregos davam ao destino. A explicação pareceu suficientemente impressionante para convencer Fabián.

— E quem Joseph enfrenta hoje?

— Uns dinossauros.

— Ui, que medo!

— Não, bobo. São legais.

— Me chamou de bobo?

— Não.

— Sim, falou bobo.

— Não te chamei de bobo, seu bobo.

Fabián apoiou o queixo no cabelo preto e brilhoso da cabecinha de Moira.

— Me diz uma coisa... Se lembra de alguns dias atrás, na praça, quando você se perdeu da gente um instante, que falou do homem do jardim?

— Sim. — Moira não tirava os olhos da TV.

— Esse homem do jardim de que você falou na praça é o homem dos abetos que vê na televisão?

— Não. É outro homem.

Na cozinha, ouviu-se o barulho de um copo se quebrando. Fabián se assustou. “Copos comprados no Disco. Jogo de seis. Ficam dois”, pensou. Deu uma olhada e viu Cecilia juntando os pedaços com a pá.

— Perdão, senhor. Escorregou.

— Você se cortou?

Moira agarrou-se às pernas de Fabián, assustada.

— Se cortou? — imitou quase igual o tom do pai ao repetir a pergunta.

— Não, meu amor, estou bem — respondeu Cecilia.

Lila chegou à cozinha. Usava um vestido bege combinando com o colar de que Fabián gostava bastante, mas que ela usava com displicência, como se o tivesse encontrado jogado no caminho e o colocado para não passar frio. Calçou sapatos de salto baixo. Quando usava salto alto, quase ultrapassava o 1,78 m de Fabián.

Moira pendurou-se no colar de Lila.

— Cecilia se machucou, mamãe.

— Não, senhora. Não foi nada.

— Solta meu colar, Moira. Varre bem os cacos, Ceci.

— Sim, senhora.

— Bom... Vamos? — perguntou Fabián.

— Vamos.

— Não. Não quero que vocês saiam — disse Moira.

— Você vai ficar com Ceci, vendo televisão, e depois vai dormir — disse Lila.

— Nããão... — Moira começou um lamento perfeitamente ensaiado, com a boca aberta, olhando para o espelho do corredor.

Fabián e Lila chegaram à calçada. A banca de revistas que ficava a alguns metros da entrada do edifício já estava fechando. Mario, o jornaleiro de cabelo ruivo, cumprimentou-os com um aceno.

Fabián abriu a porta do carro para Lila entrar. Enquanto a olhava, foi tomado por uma súbita excitação e decidiu que, quando voltassem para casa depois do jantar, quebrariam o jejum sexual de qualquer jeito. Era isso ou buscar uma puta em um *síte* do qual Carreras havia falado.

Sentou-se no banco do motorista e sorriu para Lila.

— Olá, linda — disse, beijando-a na boca.

Lila sorriu abertamente, depois de muito tempo, e acomodou-se no assento de maneira lânguida. Suas pernas compridas moveram-se levemente. Olhou para ele com um ligeiro ar de interrogação. Fabián viu que seus lábios brilhavam e a beijou de novo. Dessa vez, buscou sua língua. O beijo durou um pouco mais. Lila afastou-se, e ele viu os dentes dela, que se

destacavam na penumbra do carro quase como iluminados por luz negra.

— Vamos lá! Pode ir.

Fabián olhou-a mais um instante e pôs o carro em movimento.

5

Mais tarde, novamente na casa silenciosa à noite, recostado no sofá, cercado pela escuridão, Fabián tentava entender como a saída com Lila acabou com ele empurrando-a contra a parede, os dois gritando baixo para não acordar Moira, os dois chorando e dizendo as coisas mais ferinas e cruéis.

O restaurante era, antes, uma de tantas casas velhas que tinham começado a ser revitalizadas na região. Dentro, as paredes de tijolos à vista erguiam-se em um alto pé-direito. Em nichos nas paredes, exibiam-se todos os enfeites comuns, de garrafas até lampiões, além de alguns objetos antigos que certamente provinham da tradição armênia. Os elementos discordantes no conjunto eram as mesas e as cadeiras, pretas e de ferro tubular, talvez laqueadas, com respaldos em veludo cinza, compradas em alguma loja de móveis da avenida Juan B. Justo.

Sentaram-se perto de uma parede. Nenhum dos dois suportava as mesas que ficavam cercadas por outras. O começo do jantar ocorreu sem sobressaltos. Não eram versados em comida armênia. Assim, os nomes mencionados pela garçonete pareceram irreconhecíveis. Decidiram-se por uma entrada de algo chamado *sarma*, umas folhas de videira recheadas de carne moída. Fabián pediu vinho tinto para ele e água mineral para os dois. Depois, comeram outros pratos típicos dos quais Fabián já não se lembrava.

Primeiro, falaram sobre qualquer coisa. Lila riu das mesmas piadas que Fabián sempre fazia, e alguém que não a conhecesse poderia ter acreditado que estava sendo sincera.

Os dois continuaram fazendo rodeios, até que Lila ajeitou a pulseira, afastou o cabelo do rosto e entrou no assunto.

Começou fazendo um diagnóstico do casal, com sua voz controlada, e Fabián imaginou que, enquanto falava, Lila arrancava displicentemente as patas de uma mosca.

— Não estamos bem. Isso é óbvio. Nenhum dos dois está satisfeito nesta relação — disse.

Estava certo, mas não era exatamente o que Fabián esperava que dissesse. Esperava algo mais próximo a: “Eu sou a que não estou bem, eu tenho culpa, você não tem defeitos e eu sou a depressiva. Somente eu sou o problema, mais nada. Perdão. Eternamente te peço perdão”.

Em vez disso, Fabián teve que começar a argumentar a partir de um terreno cheio de culpas.

Aparentemente, os dois fechavam-se em seus mundos e terminavam descuidando de Moira. E a menina aos poucos estava construindo um universo alternativo, formado pela televisão, por Cecilia e seus amigos imaginários.

De acordo com a perspectiva catastrófica de Lila, Moira era quase autista e, quando crescesse, estaria exposta a doses mais ou menos iguais de psicose, uso de drogas pesadas e lesbianismo.

Como sempre, no panorama lúcido e geral sobre o casal imaginado por Lila, Fabián contrapunha um olhar parcial, pouco ou nada objetivo e encerrado em infantis investidas sexuais.

Porém, toda a estrutura mental de Lila, suas referências literárias, a cultura com C maiúsculo que sempre lhe jogava na cara, todo esse aparato, enfim, começava a ficar abalado quando Fabián usava seu estilete emotivo especial. Então, a conversa reduzia-se a se continuavam juntos ou não. E ali Lila recuava em seu posicionamento de forma notável, e dizia que se sentia sem forças, mas que não queria se separar, porque para Moira seria terrível, *et cetera, et cetera*.

Aí chegava o momento da outra frase clássica: “Talvez seja eu. Talvez você precise de outro tipo de pessoa a seu lado”. Era uma frase que ambos podiam proferir. E os dois se calavam, olhando-se como se fossem animaizinhos assustados de um filme sobre a história de pequenos cervos com leucemia presos em uma câmara de gás.

Nesse momento culminante, Lila apelava novamente para Kaváfis.

Fabián odiava profundamente Konstantinos Kaváfis. Era um poeta grego que Lila sempre terminava citando quando as discussões chegavam a um beco sem saída. E dessa vez não foi diferente.

Várias vezes Fabián imaginou que um dia, por acaso, encontraria, na Viamonte com a Florida, um turista grego que seria o Kaváfis e, em uma sublime alegria, bateria nele com toda a força. O fato de Kaváfis ter falecido em 1933 não diminuía o prazer do momento.

— Há um poema dele chamado “A cidade” — disse Lila. — Conhece?

Por que sempre fazia isso? Sabia que Fabián não conhecia.

— Claro que conheço. É sobre uma cidade.

— Fala sobre viajar. Mudar de lugar, de país, como se a mudança de cenário fosse útil para solucionar seus problemas. Mas não adianta, porque os problemas não continuam no país, no namorado ou na esposa que você deixa para trás quando vai embora. Os problemas estão em você e vão com você, aonde quer que vá.

— Muito sábio — disse Fabián.

— O que quero dizer é que você não pode me ajudar. Ninguém pode. Só eu.

— Talvez outra pessoa consiga tirar de você outra vontade. Te fazer voltar de outra maneira.

— Talvez por um tempo... Mas em longo prazo as pessoas se cansam de jogar sozinhas a corda para me tirar do poço.

— Mas... Por que você se machuca tanto?

— Perdão. Não consigo evitar.

Fabián pôs sua mão sobre a de Lila, acariciando o anel com uma pedra ovalada e negra que usava no dedo do meio. Ela olhou para o marido, descansando um pouco. Só um pouco. Seus olhos brilhavam, com duas lâminas líquidas que tremiam sem se transformar em lágrimas.

— Me deixe te ajudar a sair do poço — disse Fabián, sem deixar de se sentir um canastrão.

— Não entende? Eu não estou em um poço. Eu sou o poço.

Nesse momento, as luzes do lugar perderam a intensidade, e começou a tocar uma música cuja melodia certamente era originária da Armênia. Alguns comensais começaram a bater palmas, e Fabián virou-se para trás. Uma odalisca que saiu de trás do balcão dançava entre as mesas com movimentos enérgicos. Era morena, não muito alta. Sua pele brilhava como se estivesse untada com algum óleo. Seu corpo era suficientemente elástico para despertar interesse na maioria dos homens presentes e inveja em quase todas as mulheres.

— Achava que as odaliscas dançavam nos restaurantes árabes — disse Fabián, observando seus movimentos. — Ela parece ter muitos recursos. Deve saber dança árabe, armênia, egípcia e sefardita. — Fabián aproximou-se de maneira cúmplice de Lila. — Não diga nada, mas, na verdade, é turca.

Mas quando olhou para Lila, notou uma expressão que não esperava.

— O que foi? Você está bem? — perguntou.

Lila não respondeu. Em seus olhos, fixos na odalisca, havia desprezo. Lila segurava o copo de água com força. No entanto, jamais quebraria o vidro, porque a força não estava aplicada ao copo, mas, sim, a ela mesma.

Fabián conhecia a situação. De alguma forma, a bailarina causara sua mudança de ânimo. Mas poderia ter sido algo no ar, na pressão atmosférica ou no campo magnético da Terra. Dava na mesma.

Fabián havia perdido outra batalha.

Depois disso, o diálogo cessou e Lila pediu a Fabián que pagasse a conta. Ele dirigiu alguns quarteirões sem falar, com Lila ausente, olhando para fora do carro. À medida que o carro avançava, as mãos de Fabián apertavam mais forte o volante.

— Não sei, Lila. Pensa no que quer fazer.

— Por enquanto, quero chegar e me deitar porque minha cabeça está explodindo.

Quando chegaram, a primeira coisa que Fabián viu ao abrir a porta foi Cecilia, sentada à mesinha ao lado da biblioteca, naquele momento desligando o telefone com expressão de culpa.

— Olá, Ceci — disse Fabián, enquanto Lila ia ao quarto de Moira. — Espero que não tenha feito nenhuma ligação internacional para Lima.

— Não, senhor. Nunca faço ligação internacional daqui.

— Eu sei. Foi uma brincadeira.

Ao que parecia, era a noite das caras imprevistas. Claramente Cecilia havia chorado. O verde de seus olhos parecia mais escuro e um rastro de rímel corria por sua bochecha e se perdia quase na boca.

Cecilia levantou-se e foi ao banheiro, pedindo licença.

Fabián aproximou-se do quarto de Moira e viu Lila cobrindo a menina e apagando a pequena luminária que ficara acesa. Cecilia saiu do banheiro com o rosto lavado.

— Boa noite, Ceci.

— Boa noite, senhora.

Fabián acompanhou-a até a porta.

— Tudo bem?

— Sim, senhor. A pequena dormiu cedo.

Fabián, na verdade, queria saber como ela estava, mas não quis esclarecer isso. Com certeza, ela discutira com o namorado. Vivia terminando e voltando com ele. Cecilia pegou na bolsa a chave do portão de baixo, despediu-se com um murmúrio e se foi.

Fabián ficou parado por um instante à porta da cozinha, pensando se deveria tomar outro Johnnie Walker. Decidiu que não. Fechou bem a torneira da pia da cozinha, que pingava, como sempre, e apagou a luz.

Lila estava despindo-se no escuro. Fabián olhou para onde via sua sombra se mexer.

— A verdade é que não entendo — disse. — Estávamos começando a falar, a ficar melhor, e de repente...

— Você já sabe como é.

— Sim, já sei. Não é a primeira vez que acontece isso.

Lila deixou os brincos e o colar no armário. O corpo parcialmente escondido da esposa começou a gerar desejo e fúria ao mesmo tempo em Fabián.

— O que foi essa merda toda de Kaváfis? Quer me dizer?

Lila continuou nas sombras, movimentando-se sem responder.

— Para que serve tudo isso? É uma mulher superior porque lê poemas?

— Não. Não sou superior porque leio poemas. Tem alguma dúvida?

Então, Fabián explodiu. Toda a intenção razoavelmente civilizada de falar no restaurante foi deixada de lado naquele instante.

As frases ofensivas deram margem às humilhantes, e estas se transformaram em insultos diretos. Ninguém conseguia mais argumentar nem analisar nada porque apenas eram duas forças da natureza que brigavam sem controle. Era estranha a situação: duas pessoas insultando-se aos murmúrios. Então Fabián agarrou Lila pelos ombros, sacudiu-a e jogou-a contra a cabeceira da cama, fazendo com que batesse a cabeça na parede com um barulho seco.

Lila ficou desarmada, chorando, deslizou lentamente pela parede, com a metade do rosto coberta pelo cabelo, a boca retorcida à mostra como uma máscara da tragédia, dessas que aparecem nos teatros, deixando Fabián perturbado.

Fabián foi para a sala, primeiro com a intenção de sair de casa e ir a um bar. A perspectiva o deprimiu. Talvez desse tempo de pegar a última sessão de algum cinema, mas lembrou que era segunda-feira. Quis escutar música, mas não encontrou os fones. Televisão, então. Zapeou duas vezes os 67 canais e desligou. Terminou adormecendo no sofá e acordou com um cabecear brusco.

Voltou para o quarto. Lila já estava deitada. Fabián despiu-se no escuro. Deitou-se e ficou olhando para o forro de gesso do teto. Lila estava imóvel, mas Fabián não acreditava que já tivesse dormido.

— Me perdoa — disse. Passaram-se dois segundos. — Está dormindo?

— Não.

— Podemos conversar?

— Estou com dor de cabeça.

— Toma um paracetamol.

- Já tomei.
- Quando?
- Agora mesmo. Peguei no armário do banheiro e tomei.
- Sem água?
- Sem água.
- Mas por que caralho toma um comprimido sem água?
- Shhh...
- Quando passar a dor, podemos falar?
- Talvez, quando a dor passar, eu já esteja dormindo.
- Bom, se passar a dor e não estiver dormindo, me avisa.

Passaram-se alguns minutos. As luzes dos automóveis da rua iluminavam o teto através da persiana fechada. A certa distância, na outra rua, alguém puxou um hino de futebol que se transformou em um grito irreconhecível. Mas, ao longe, ouviu-se uma sirene que logo se desvaneceu no silêncio.

— Já passou a dor — disse Lila.

Fabián apoiou-se em um dos cotovelos.

— Quer se separar?

— Não — disse Lila.

Abraçou-a e beijou-a. Ela retribuiu, entrelaçando as pernas com as dele. Fabián a beijava e, em sua boca, entravam os fios de cabelo dela, incontroláveis, como areia. Fabián levantou-se desajeitadamente, enrolado nos lençóis, para fechar a porta. Segundos mais tarde, antes de penetrá-la, ligou a luz. Entrou nela com autoridade, fazendo um grande esforço para sustentar o ritmo até ela gozar e lhe mostrar aquele rosto que há tempos ele não via.

Logo depois, ele se assustou quando sentiu um corpinho caindo entre os dois. Moira não falhava nunca: três da manhã em ponto. Deram espaço para ela e a menina se acomodou automaticamente. Sua respiração era regular e estável. Lila também tinha dormido. Fabián abandonou-se ao esquecimento momentâneo. Era a última vez que os três dormiriam juntos.

6

A manhã do dia seguinte trouxe o primeiro frio do ano. Fabián ligou a televisão no volume baixo e viu no noticiário que fazia nove graus. Foi ao quarto de Moira. Tocou o lençol da cama vazia e sentiu a umidade: ela tinha marcado seu território antes de trocar de cama. Tirou o lençol molhado e também o forro de borracha que colocavam para que o xixi não acabasse apodrecendo o colchão. Pôs um lençol novo. Foi ao seu quarto e aproximou-se da cama onde Moira e Lila dormiam. Levantou a menina com dificuldade e a levou até sua cama. Quando a soltava, Moira apoiou a mão na nuca de Fabián.

— Papai, papai...

— Dorme, gordinha...

— Não vá embora.

Fabián acomodou-a na cama e deitou-se ao lado dela.

— Tenho que ir trabalhar, meu amor. Dorme que é cedo ainda.

— Por que sai todos os dias?

— Porque preciso ir trabalhar todos os dias.

— Mas me ouça...

— Se diz “me ouça”, Moira.

— Me ouça... Não pode ficar brincando?

— Não, mas à tarde, quando eu voltar, brincamos.

— Quero que a gente brinque com o joguinho das portas, como ontem.

— Qual?

— O das portas secretas.

— Mas ontem não jogamos esse.

— Sim. Ontem.

“Ontem” para Moira era sempre uma referência a um passado indeterminado. Podia ser o dia, o mês ou o ano anterior. O jogo de que falava era o *Detetive*, que estava incompleto, mas que servia para que brincassem de perseguir um ao outro pelos aposentos da mansão gótica em que se cometeu um crime.

Moira gostava de passar pelos corredores que ligavam o escritório à biblioteca ou a sala de jantar ao herbário.

— Bom, então, quando voltar, jogamos esse. Agora durma.

— Estou sem sono.

— Vamos, Moira.

— Não quero. Sonhei com o homem do jardim.

— Moira! Não vai mais ver esse programa de televisão, então.

— Não. Não sonhei com o homem do jardim, papai.

— Não minta agora. Já me disse isso. Se *O jardim de Joseph* te dá pesadelos, não veja mais.

— Não, papaizinho. Não, papaizinho...

— Vamos dormir.

Moira virou-se para a parede dos adesivos e fechou os olhos com força. Fabián saiu do quarto, aproximou-se de Lila e deitou-se um instante com ela, abraçando-a. Depois se levantou, pegou a roupa no armário e enfiou-se no banheiro. Tomou uma ducha e barbeou-se. Na cozinha, preparou, como sempre, o mate para Lila e o café para ele. A exata rotina do dia anterior, sim, mas se sentia diferente.

À noite, não haviam chegado a nenhuma conclusão concreta sobre o casamento, exceto que funcionavam bem quando transavam. Não, não era só isso. Amavam-se. Disseram isso várias vezes, nessa forma secreta, imperiosa e dramática que têm os amantes.

Estava a ponto de abrir a porta quando sentiu a mãozinha na panturrilha.

— Você vai sair, papaizinho?

— O que faz aqui, menina? Vá dormir.

— Lê para mim uma história.

— Não posso agora, amor.

Fabián abaixou-se e fez cosquinhas com o dedo na orelha dela. Moira riu.

— De novo! — pediu a ele. Fabián fez de novo. Ela voltou a rir.

— Bom, vou embora, linda.

— De novo!

Repetiram seis vezes.

— A última — disse Fabián.

— Outra vez, papaizinho.

— A última!

— A última.

Riu de novo, Fabián beijou-a e ela voltou para seu quarto.

— Tchau, papaizinho!

Chegou ao estúdio a tempo de atender um telefone que estava tocando. Carreras avisou que ia direto ao clube e depois passaria por lá. Fabián desligou e olhou ao redor. Não tinha nada para fazer. Conectou-se à internet e navegou um pouco, mas preferiu não ocupar muito a linha. Tirou de sua mochila um CD importado que havia comprado fazia tempo e o pôs para tocar. Começou a ouvir uma música do Pere Ubu, sua obsessão do momento.

Um pouco depois da uma, o telefone tocou. Fabián pausou o CD, atendeu e reconheceu a voz grave do pai.

— Como vai? — disse Ernesto Danubio.

— Como anda, coroa?

— Bem, e você?

— Trabalhando.

— Tem trabalho?

— Um pouco.

— Estão te pagando?

— Sim, claro.

Fabián ouviu outra voz por detrás da de seu pai. Devia ser Estela, a senhora que trabalhava com ele. Seu pai tapou o telefone, disse algumas palavras e voltou a falar.

— Como estão as meninas?

— Bem.

Fabián permitiu-se imaginar alguma frase do tipo “Quando vêm aqui?”, “Quando vão me visitar?” ou, talvez, “Quando essa neta linda vem visitar o vô?”, mesmo sabendo que isso não partiria do outro lado da linha.

— Falou com Germán?

— Ele ligou na sexta-feira.

— O que disse?

— O de sempre.

— Está fazendo frio lá?

— Não sei. Por que você não liga para ele?

— Bem, bem... — disse seu pai em tom conciliador, como se estivesse dando tapinhas em sua cabeça. — Perguntei no geral.

Ernesto tapou o bocal novamente.

— Esta mulher não tem iniciativa — disse. — Me pergunta tudo. Bom, me alegro que todos estejam bem.

Fabián esperou o pai acrescentar os comentários de costume e, segundos depois, já havia desligado. Antes de relaxar, discou o número de sua casa. O telefone tocou uma vez e Lila atendeu.

— Como está? — disse Fabián.

— Lutando com sua filha.

Dava para ouvir a vozinha de Moira e também a de Cecilia, em uma espécie de discussão ao longe.

— O que houve?

— Ela tem que ir ao aniversário de Gal, mas não quer vestir nada.

— Onde é o aniversário?

— Espera aí.

Lila saiu por um segundo e depois voltou, dando a ele o endereço. Era uma casa de festas na Corrientes com a Pringles.

— Eu poderia passar para buscá-la na volta. Ou você vai?

— Ia dizer para a Cecilia ficar esperando.

— A que horas começa?

— Ceci, a que horas é? — perguntou Lila.

— De duas às cinco.

— Três horas? Bastante tempo — disse Fabián.

— É... Mas você viu como são os pais da Gal.

— Não. Não vi. Como são?

— São meio lesados.

— Bom, vou buscar, então. Fala com a Cecilia. Se Moira não se chatear e ficar bem, é só deixar ela lá e ir embora.

— Ótimo.

— Você não quer ir também depois, para voltarmos todos juntos? — perguntou Fabián.

Houve uma pausa do outro lado. Ele se sentiu como se Lila fosse uma moça a quem acabara de conhecer e convidava pela primeira vez a ir a algum lugar. Esses convites que exigem uma

dose extra de autoconfiança, momentos sem volta se a moça diz não.

— Não — respondeu ela, finalmente. — Não quero voltar de metrô a essa hora.

— Pega o carro.

— Não. Prefiro ficar fazendo umas coisas.

— Como quiser. Passo para buscá-la, então.

— Bom. Quer falar com o papai, Moira?

Moira não respondeu. Continuou discutindo com Cecilia.

— Está muito agitada.

— Sim, já ouvi. Bom, tchau. Te amo.

— Eu também.

Desligaram.

Já era mais de uma e quinze da tarde e Fabián não estava com fome. Sentia-se mal por não ter nada para fazer, por estar lá sozinho. Gostaria de estar rodeado por outros arquitetos, em meio à dinâmica de um estúdio normal de arquitetura, sabendo que coisas estavam sendo feitas. Desejava estar à frente do estúdio ou, talvez, em sociedade com mais um ou dois arquitetos, trabalhando sem respirar. Em vez disso, estava com alguém que nunca falava de arquitetura, e em troca lhe contava seus sonhos eróticos, ou seja lá o que fossem. Carreras deveria estar agora na obra do clube, comendo com os pedreiros, falando sobre mulheres com o mestre de obras paraguaio. Mais tarde, adormeceria à sombra de uma laje recém-erguida e, quando acordasse, seriam quatro horas, e então ligaria para o estúdio para dizer que não ia voltar. Fabián pagaria alguma conta ou faria algumas cópias de documentos. Ou então ouviria algum outro CD enquanto caía a tarde.

Levantou-se bruscamente, vestiu o casaco, desligou o computador sem sequer tirar o CD de dentro, apagou as luzes e saiu do estúdio.

Se soubesse que nunca mais voltaria àquele lugar, teria reservado alguns segundos para se despedir.

Fabián andou energicamente até a estação do metrô. Uma grande intranquilidade tomava conta dele, e ele não sabia a que a atribuía. Havia algo desenfreado dentro de si. Lila se sentiria assim? À mercê de um estranho destino a determinar suas mudanças de ânimo?

Quando voltou à superfície, em Lacroze, decidiu pegar o ônibus em vez de ir andando para casa.

Esperou o elevador pisoteando o chão, passando o peso de um pé ao outro. Ao ver que demorava, subiu os quatro andares de escada.

Lila sobressaltou-se quando o viu chegar.

— O que foi? — perguntou, levando a mão à gola da blusa.

— Vim antes. E as meninas?

— Já foram embora.

— Faz muito tempo?

— Dez minutos. Por quê?

— Não, nada.

Lila levantou-se do sofá, andou até ele e o beijou.

— Desculpe pelo que aconteceu ontem à noite — disse.

— Que parte tenho que perdoar?

— A que foi desagradável — disse Lila, com um sorriso.

“Eu a sacudi e a joguei contra a parede, e ela me pede desculpas.”

— Não quer ir comigo pegar a Moira?

— Não, vai você. Enquanto isso, vou preparando a comida.

— O jantar? É muito cedo.

— Não importa. Assim faço algo.

Fabián jogou-se no sofá. Ouvia os ruídos de Lila na cozinha e, pela janela, via o vento movendo os galhos da tília e o céu de um cinza que não anunciava chuva, mas que era um cinza neutro que nos faz pensar que o céu desapareceu. O que não desaparecia era a inquietude, o desassossego.

— Fabi...

— O que foi?

Levantou-se e aproximou-se. Lila limpava alguns aspargos sobre uma mesa de madeira. Olhou para ele. Seus lábios tremiam.

— Vamos continuar com tudo? Você quer?

— Sim.

Fabián deu três passos e a abraçou.

— Me ajuda — disse Lila, quase sem falar.

Ficaram alguns instantes abraçados e calados até que Fabián se afastou.

— Acho que vou ver se alcanço as meninas.

— Por quê?

— Não sei. Queria estar com a Moira.

— Como quiser. Já devem estar chegando ao metrô.

Fabián usou o carro. Não quis pegar um ônibus até Chacarita. Em cinco minutos, estava estacionando em Lacroze, ao lado da pizzaria Imperio.

Estava saindo do carro e as viu. Desceram para o metrô pela entrada que ficava em frente. Moira vestia um pulôver leve rosa-escuro que fazia conjunto com sua saia.

Quis atravessar a rua, mas havia muito tráfego, andou até a esquina e esperou o semáforo.

Desceu as escadas rapidamente. Chegou até a bilheteria e deu-se conta de que não tinha nenhuma passagem sobrando. Entrou na fila atrás de outras duas pessoas. Olhou para a plataforma. Moira e Cecilia estavam de mãos dadas. Sua filha brincava com o braço da moça, sacudindo-o, e de vez em quando a olhava ficando na ponta do pé, chamando sua atenção. Nenhuma das duas virou-se o suficiente para vê-lo.

O bilheteiro entregou a passagem a ele. Nesse momento, o trem chegou na plataforma.

Fabián apressou-se, enquanto via que o trem parava e as portas do vagão se abriam. Viu que Cecilia estava hesitante, olhava dentro do vagão por uma e outra porta, até que se decidiu e entraram.

Então Fabián sentiu a poderosa urgência, a terrível necessidade de entrar com elas, de chegar até elas e estar com

sua filha no trem.

Mais adiante, ia se lembrar dessa sensação, da plataforma, dos segundos que marcaram a diferença, o instante decisivo que Fabián naquele momento sentia, mas não compreendia. Tempos depois, já submerso na dor e na sombra, recordaria muitas vezes que a sensação esteve claramente nele durante todo o dia, que não era somente a vontade de compartilhar algo com Moira atizada pela culpa que a discussão da noite anterior com Lila lhe havia causado. Havia mais, e se foi um vislumbre de premonição, se houve aí uma percepção que transcendia o tempo presente, não foi algo que Fabián sentisse claramente. Foi bem mais como ouvir o eco de um som já apagado, perceber a sombra de algo que não se consegue ver.

Tentou enfiar o bilhete na ranhura e empurrou a catraca, mas não conseguiu passar. Havia caído, e Fabián nem se dera conta. Forçou a barra de metal, até que um funcionário se aproximou.

— Eu te ajudo.

Pegou o bilhete caído, Fabián pôs na ranhura e a catraca enfim foi liberada. Começou a correr. Tinha a esperança de que o operador que estava na extremidade do trem visse e compreendesse a situação. Tinha inclusive a ilusão de que o homem fosse clarividente. Mas as portas se fecharam e o trem partiu suavemente. Aquilo já tinha acontecido uma infinidade de vezes. As meninas estavam a alguns metros. Cecilia estava de costas, mas Moira o viu ou assim pareceu. Abriu bem os olhos. Cecilia não se virou. Não parecia prestar atenção na menina, embora a carregasse no ombro. O metrô estava cheio, e algumas pessoas observaram a situação com o adormecido interesse dos passageiros cotidianos. Fabián ergueu a mão aberta para Moira em um gesto em vão. Sua filha afastava-se dentro do vagão iluminado. O trem desapareceu no túnel.

Ficou em dúvida entre esperar o trem seguinte ou subir e usar o carro, mas sabia que o tráfego daquela hora não o ajudaria em nada. Chegou o trem seguinte e ele entrou, ficando perto das portas. A viagem até a Ángel Gallardo foi muito longa. Os barulhos, as cores e os cheiros do metrô o afetavam.

Uma mulher que vendia prendedores de cabelo passou deixando sua mercadoria sobre as pernas dos passageiros. Fabián via a mulher todos os dias, mas desta vez sua aparição o afetou sem aviso. A mulher tinha a cabeça inteira queimada em razão de algum acidente. Não tinha cabelo nem cílios. Apenas algumas linhas de pele rosada circulavam seus olhos. O lugar que ocupava uma de suas orelhas era uma espécie de coto de pele, como se alguém tivesse arrancado esta e feito um nó para que não sangrasse. Sua cabeça pelada era de um marrom-amarelado, borrachudo. Apenas uma trança de cabelo tingido de diferentes cores surgia de sua nuca e balançava enquanto a mulher ia de passageiro em passageiro coletando algumas moedas. Fabián fechou os olhos até que a mulher saiu do vagão. Sentia que tudo era monstruoso, e cada detalhe do mundo que o cercava adquiria as características de uma anomalia.

Saiu para a Corrientes e começou a andar para o lado do Centro, tentando ver as duas no meio da multidão. Mas sabia que andavam rápido e supôs que já estivessem no salão em que se comemorava o aniversário. Ia dizer a Cecilia que fosse embora e ele ficaria esperando Moira, falando com alguma mãe ou algum pai do jardim de infância, comparando sua vida com a dos demais.

Fazia muito tempo que não ia a um aniversário com Moira. A análise que Lila havia feito na noite anterior, sobre a distância dos dois em relação à filha, estava certa. Fabián pensou que, desde o episódio da noite anterior, tinham se instalado entre ele e Lila fortes sintomas de um novo começo, uma revisão do vivido que os catapultava com força para a frente. Teve um súbito acesso de otimismo. Por sua mente, passaram em sucessão vertiginosa novos desafios que o ajudariam a viver. Deu vontade de renunciar ao estúdio e desenvolver o projeto de trabalhar por conta própria ou montar outro estúdio. Tinha que aproveitar este momento de Lila, o possível regresso dessa mulher que sempre quis. Tinha que dar um giro de 180 graus à vida sem graça que levava.

Giro de 180 graus. Que expressão imbecil!

Chegou à casa de festas. Era um local de cores desbotadas, iluminado com uma luz branca suja. Os diferentes ambientes do lugar exibiam os conhecidos brinquedos labirínticos que sempre inquietam os pais, as salas com mesas compridas repletas de copos de plástico e garrafas de refrigerante, preparadas para receber a conveniente provisão de minipizzas e batatas fritas.

Apesar de tudo, esses lugares pareciam gerar nas crianças uma verdadeira felicidade.

Fabián entrou no corredor de acesso e viu uma mulher de cabelo tingido de louro-acinzentado, com raízes pretas, do cabelo natural, que contrastavam o tom. Era Silvia, a mãe de Gal. Era nutricionista, e o esposo fabricava portas blindadas. Moravam pela região, e Moira já havia saído várias vezes com Gal.

— Olá! — disse Silvia. — Gal ficou o dia todo perguntando por Moira. Vieram cedo!

— Não era às duas?

— Às três. E onde está a Moira?

— Não chegaram? Já teriam que estar aqui. Não as viu? Veio com Cecilia.

— Não.

— Que estranho! Estavam vindo antes de mim.

— Devem ter se atrasado.

— Claro, mas...

Fabián não quis explicar a Silvia que vinha do mesmo lugar que elas e não as tinha visto.

— Quer entrar? — perguntou Silvia.

— Não, tudo bem. Espero as duas aqui.

Fabián foi para a calçada. Olhou pela Corrientes para o lado de Chacarita. Não as viu. Cecilia teria se enganado de estação? Poderia ter acontecido isso, sim. Talvez tivessem descido em Medrano e estavam voltando. Era isso. Cecilia tinha dessas coisas. Era muito distraída. Demais, às vezes.

Eram duas e meia. Às quinze para as três, começaram a chegar algumas crianças. Silvia recepcionou vários convidados e olhou algumas vezes para Fabián, que deu de ombros e disse:

— Deve ter se dado conta de que estavam adiantadas e ficaram fazendo hora, creio eu.

— Cecilia tem celular?

— Não.

Nem ele tinha celular. O mundo já estava vivendo a era do celular, mas Fabián ainda resistia a entrar nela. Lila tinha pedido para ele comprar um, mas vinham postergando porque Fabián não suportava a ideia de passar uma hora ouvindo a chorumela incompreensível dos vendedores.

Andou de um lado a outro da Corrientes. Se ficaram fazendo hora, onde estavam? De novo, tentou se localizar dentro da particular psicologia de Cecilia. Teria ido a outro lugar para fazer hora? Havia algo que não o convencia.

Três e dez.

— Será que ela não esqueceu o endereço e voltou para casa?

— disse Silvia, que já estava um tanto inquieta. Bom palpite.

— Vou ligar.

— Toma meu celular.

Fabián teclou o número. Não estavam em casa.

— Para cá, não voltaram — disse Lila. — Além disso, ela teria ligado se tivesse esquecido o endereço. E você se lembra, Fabián? Já houve um aniversário aí.

— Sim, já sei.

— Me liga quando chegarem, por favor.

— Sim.

Devolveu o celular para Silvia.

— E?

— Não foram para lá nem ligaram.

— Por que não espera as duas aqui dentro?

Fabián entrou e acomodou-se perto da mesa dos pais. Alguns o cumprimentaram. Todos já sabiam do atraso de Moira e Cecilia. Começou a sentir náuseas, uma crescente pressão na boca do estômago.

Desejou que alguma pessoa lhe dissesse algo salvador, algo que mudasse seu pensamento e o tirasse do túnel em que sua imaginação sem limites o estava fazendo entrar.

Três e quarenta.

Fabián decidiu que ia despedir Cecilia. Sentiu uma silenciosa fúria que fez surgir seus piores sentimentos xenófobos. Todos os

peruanos residentes no país deveriam abandonar o território em menos de 24 horas. Nenhuma mulher latino-americana que não fosse argentina teria direito a passear com a filha de alguém.

Pablo, o pai de Tomás, outro coleguinha de Moira, ofereceu-se para procurar. Fabián foi em direção à avenida Malabia. Pablo foi para a Medrano. Fabián olhava para os dois lados da Corrientes, ansioso e disposto a insultar Cecilia até que chorasse e implorasse perdão. Andou até cruzar a Scalabrini Ortiz e chegar à entrada do metrô da Malabia.

Voltou pela outra calçada.

Chegou à casa de festas e, na entrada, estava Pablo. Obviamente, não tinha visto as duas.

Às quatro e vinte, estava de novo em casa. Silvia ficou de avisar se aparecessem. Lila olhava pela janela. Fabián andava de um lado a outro na sala de estar, sem conseguir sentar-se.

A incerteza que sentia lhe causou uma lembrança inesperada. Quando tinha oito ou nove anos, Fabián passou por um período em que vivia obcecado com a possibilidade de acontecer alguma desgraça com seus pais. Durante um tempo, todas as tardes, sem exceção, olhava pela janela de seu quarto, que dava para a rua Melincué, para ver se reconhecia o carro de seu pai voltando do trabalho para casa. Ficava quieto enquanto anoitecia lá fora. Quando já não podia reconhecer o carro na rua escura, tentava adivinhar pela forma dos faróis dianteiros. Em geral, seu pai estacionava, entrava alguns minutos em casa, tomava um café com sua mãe e depois ia guardar o carro na garagem no outro quarteirão. Fabián sempre o acompanhava. Mas, como não podia ver de sua janela, que ficava na parte lateral da casa, se o carro que passara nas sombras era o de seu pai, e não sabia se havia estacionado, mantinha-se em um instante de incerteza até ouvir o portão de entrada abrindo-se e fechando-se com um estrondo. E, então, o alívio chegava de repente, mais um dia. Seu pai sobrevivera ao mundo.

Essa mesma incerteza era a que o tomava naquele momento. A terrível ansiedade de ouvir a chave na fechadura e vê-las chegar; Cecilia desculpando-se; e Moira falando sem parar.

Às cinco e quinze, o telefone tocou. Fabián avançou no aparelho. Era Pablo.

— E?

— Não, nada.

— Mas que coisa! Estou saindo do aniversário. Aqui, Silvia e os outros pais estamos preocupados. O que pode ter acontecido com elas?

— Isso é o que me pergunto: que merda aconteceu com elas?

— Um acidente não foi, porque já teríamos sabido.

A brutalidade do que disse Pablo (pelo menos pareceu a Fabián) deixou-o sem fôlego.

— Têm que estar em algum lugar — prosseguiu Pablo. — A garota tem namorado? Porque, às vezes, elas se encontram com o namoradinho e ficam por aí, né?

“Que idiota que eu sou!”, pensou Fabián. Encerrou a ligação de Pablo e foi até onde Lila estava.

— Tem o telefone da Cecilia?

— O da hospedaria.

— Vamos ligar para lá.

Na primeira vez, ninguém atendeu. Na segunda tentativa, quase depois de dez toques, respondeu a voz de uma idosa. Não sabia nada sobre Cecilia. Não sabia o telefone do namorado de Cecilia.

— Se aparecer por aí, me avisa? — perguntou Fabián, talvez absurdamente.

— É que agora já estou indo embora — disse a idosa.

Fabián teve o impulso de jogar o telefone contra a parede.

Desligou lentamente. Olhou as costas de Lila, que se destacavam mais e mais na janela à medida que escurecia.

Começou a sentir um frio que avançava sem parar por todo seu corpo. Já nem estava com raiva de Cecilia. Estava mais que disposto a esquecer tudo. A única coisa que queria é que trouxessem Moira de volta.

E também percebeu algo que nos dias seguintes seria uma sensação conhecida: tudo o que o cercava começava a não ser real.

Nada disso podia estar acontecendo.

Às seis e vinte, tocou outra vez o telefone. Lila entrou na sala, ansiosa.

Fabián atendeu.

Era Silvia, a mãe de Gal. Perguntou se havia novidades.

Quinze para as dez da noite.

Na sala de estar de Fabián, estavam Pablo; David, o esposo de Silvia; Gladis, a vizinha do andar de cima, que era também a síndica do prédio. Havia também dois policiais uniformizados e um à paisana, da Divisão de Busca de Pessoas. Às oito, Fabián foi à delegacia com Pablo. A denúncia já estava registrada, mas os policiais tinham acabado de chegar para pegar os dados de novo.

Na hospedaria de Cecilia, não sabiam nada sobre ela, e o namorado falou com os policiais quando foi à hospedaria procurá-la. Havia marcado com ela às sete.

O aviso de busca, já acionado em toda a polícia, dava a descrição de Cecilia e de Moira. O tom do policial à paisana era persuasivo e controlado. Estava acostumado a essas situações, e havia algo em sua expressão que denotava sinceridade. Fabián olhava o bigode espesso do homem enquanto este falava, e se perguntava se tinha filhos, filhos que a essa hora estariam com sua esposa vendo televisão e queixando-se porque o papai estava trabalhando até tarde.

Ouvia pela metade tudo o que diziam. Algo como “digamos que as primeiras horas de um desaparecimento são muito importantes”. Na mão, tinha uma xícara de café, que esfriava já fazia um bom tempo. Levantava a vista de sua xícara de café, encontrava o olhar de alguma outra pessoa e voltava a olhar para baixo.

Agora muitos falavam ao mesmo tempo, e tudo virava um ruído indiferenciado.

Um dos policiais uniformizados (Fabián percebeu nesse momento que era uma mulher) falava por um radiotransmissor e uma voz metálica intermitente, vinda de longe, lhe respondia.

O policial de bigode tocou o ombro de Fabián e levantou-se da cadeira. Aproximou-se dos outros dois para dar algumas

instruções a eles.

Subitamente, as conversas do quarto cessaram, dando lugar a outro som. Era um tom contínuo que dificilmente podia associar-se a um grito. Era um tom agudo, tenso, que se manteve por alguns segundos até que chegou ao fim, desarticulado e sem forças.

Todos olharam para Fabián, que se levantou e foi ao quarto.

Lila estava deitada na cama. Natalia, sua amiga e antiga colega de faculdade, estava com ela. Segurava suas mãos. Fabián aproximou-se da cama e se ajoelhou para olhar Lila de perto. Ela estava em posição fetal e fechava com força os olhos depois de ter gritado.

Da garganta de Lila, surgia uma surda vibração contínua que não parecia natural.

Fabián encostou o rosto no dela. Lila não abria os olhos, e debaixo de suas pálpebras havia um movimento frenético, enlouquecido, como se pequenos insetos inquietos lutassem para sair dali de dentro.

Fabián Danubio entrou no quarto de Moira, sentou-se na cama e observou detidamente o lugar. Ainda se podia sentir um leve cheiro de urina, este que, em algumas manhãs, era tão forte que fazia Fabián se lembrar do cheiro de amônia da fotocopiadora da faculdade.

De onde estava, tinha uma vista geral. Não podia se dizer com certeza que aquele quarto pertencia a uma menina de quatro anos. Não havia nada cor-de-rosa nem nos móveis nem nas paredes. Quase não havia bonecas. Ainda não tinha chegado o momento da proliferação de esmaltes de unhas e perfumes. Nem havia pôsteres e fotos de ídolos pop nas paredes.

Havia adesivos na parede da cama e nas portas do armário. Os mais antigos eram de *Pokémon*; os novos, de *O jardim de Joseph*. O lustre de tela verde que pendia do teto estava com a lâmpada queimada. Então, usava-se uma pequena luminária que ficava em uma prateleira na cabeceira da cama. Era preta, não tinha nenhum tema infantil. Não era um brinquedo que pudesse ligar. Teria sido normal encontrar essa luminária na mesa de um escritório do Microcentro. Moira escolheu-a em um supermercado. Sobre a prateleira, junto à luminária, havia uma maletinha com desenhos da Pequena Sereia. Estava fechada e cheia, mas Fabián não lembrava o que continha. Perto da maleta, descansava um telefone de disco, sem cabo, cinza, que Moira encontrara na casa do avô, Ernesto. Outro objeto pelo qual havia se apaixonado.

Além da cama, havia uma pequena biblioteca que tomava a metade da parede em frente à janela. Estava cheia de livros infantis e revistas de figurinhas adesivas. Nas guloseimas, eram “stickers”, mas nas revistas eram “figurinhas”.

Os jogos de tabuleiro, de memória, os quebra-cabeças e os guaches para pintar estavam nos armários, junto com a roupa. Uma prateleira com camisetinhas e calças, outra com saias e calcinhas, outra para tênis e botinhas. No fundo do armário, atrás

dos casacos, os moletons com capuz, uma capa de chuva e um guarda-chuva amarelo com o nome Montreal que seu tio Germán lhe dera. Estavam as pastas do jardim de infância dos dois anos anteriores, cheias de desenhos, e duas ou três caixas organizadoras de plástico para os brinquedos já não utilizados, mas que ela ainda não queria doar.

Na porta do quarto, nas portas dos armários e em diferentes cantos das paredes, havia rabiscos feitos com diferentes técnicas: lápis de cera, caneta, lápis comum, guache. A maioria dos desenhos era de dinossauros. Também havia robôs e algumas aranhas. Em menor quantidade, seres humanos em grupos de três ou dois, com paisagens de fundo, ou sem, flutuando no vazio, dando as mãos, aquelas mãos inchadas com poucos dedos que as crianças desenhavam.

Em um canto, junto à janela que agora estava fechada e com as cortinas amarelas, estava o pequeno lugar dos bonecos. Destacavam-se o tigre laranja e preto sem olhos; um fantoche com cara de doido, azul com linhas brancas horizontais; um urso de pelúcia que Moira curiosamente batizou de “Palhacinho”; dois cachorros gêmeos que não tinham nome; e um boneco do Woody, de *Toy Story*, que Fabián se lembrava de ter sido muito caro.

O grilo selvagem não estava ali. Moira o levava ao aniversário com Cecilia.

Fazia vinte dias que não se sabia nada de nenhuma das duas.

Os nomes de Moira e Cecilia eram agora conhecidos em todo o país e em parte da América Latina. Inclusive, a notícia teve cobertura da CNN e da BBC. A internet foi útil para informar sobre o caso.

Tantas informações na era do grande link global não mudavam o fato de duas pessoas terem desvanecido no ar. Não se sabia em que estação tinham descido, e não havia ainda testemunhas que as tivessem visto, nem no metrô, nem na rua.

Agora, a percepção do tempo era algo diferente para Fabián. Os primeiros dias tinham sido de choque, mas isso não significava que passaram rápido. A única coisa que sabia do

tempo era que ele se movia muito lentamente, e que doía. Quando conseguia se livrar da dor de cabeça, como se saísse de uma onda para respirar, dava-se conta de que o tempo tinha avançado só um pouco.

Na primeira semana, Fabián estava convencido de que em seu corpo conviviam, pelo menos, duas personalidades. Por um lado, estava o Fabián que emagrecera sete quilos, que esperava estar sozinho (ou com Lila, que era como estar sozinho) para chorar, gritando até ficar rouco, até o pranto se reduzir a um ressonar monocórdio, um gemido como um vento passando pelas árvores de um bosque distante. Esse Fabián recobrava a consciência no sofá da sala, no chão da cozinha, sentado no vaso sanitário ou agarrado à rede de proteção da janela (que colocaram para evitar acidentes com Moira), enquanto o trânsito da avenida prosseguia sua marcha imperturbável.

O outro Fabián era o robô que falava com a polícia ou com a mídia, se reunia com o promotor e os agentes designados para o caso; era o que ainda conseguia tomar banho e escovar os dentes, preparar a comida para ele e para Lila, enfiar a roupa na máquina, pendurá-la no varal de chão, andar dois quarteirões para pagar contas.

Por último, às vezes, quando tudo ao seu redor se aquietava, nos momentos em que não havia como se confrontar, aparecia um terceiro Fabián, parado e introspectivo.

Era o que se perguntava como fazia para poder viver. E não respondia nada.

As primeiras conversas com a polícia foram no Departamento Central, um prédio que inesperadamente o fez se lembrar de sua escola primária. A sala em que se reuniam tinha as mesmas portas envidraçadas. O pátio visto através delas tinha o mesmo chão de cerâmica no qual se recordava de jogar bafo. As palmeiras do pátio faziam-no pensar no campinho da rua Boyacá ao qual ia com seu primo, que morava em Paternal. Transportava-se ao passado e, às vezes, perdia o rumo da conversa com os policiais.

Fugia o todo tempo ao passado, tentando escapar do presente que passava por cima dele.

Estavam encarregados do caso os agentes Mondragón e Blanco. Mondragón era o inspetor-chefe da Divisão de Busca de Pessoas. Era o homem de bigode que esteve na casa de Fabián no dia da denúncia. Parecia um policial eficiente e tinha o costume de utilizar a palavra “digamos”. Blanco era uma policial de olhos arregalados. Tinha cara de sempre estar presenciando um acidente grave.

Além deles, Gonzalves, o subdelegado da Polícia Federal, por ordem do juiz Trapani, da Suprema Corte, fiscalizava o andamento do caso. Fabián perdia-se entre nomes e funções. Havia também um promotor, Revoira, que se vestia de forma impecável. Fabián nunca vira alguém que combinasse a gravata, a camisa, o paletó e as abotoaduras de modo quase cinematográfico. Também havia um policial da Roubo e Furtos, um tal de Silva, que não participava da reunião não se sabia por quê. Sentava-se separado dos demais, perto da parede e com a cadeira virada para poder apoiar os braços no encosto. A mente de Fabián captava os detalhes e refugiava-se neles. Precisava o tempo todo pensar nesses detalhes, que construíam um refúgio que deixava a loucura de fora. Por enquanto.

Primeiro, foram mil interrogatórios sobre ele, Lila, Moira, a família, os amigos, os vizinhos. Fabián teve que informar se Lila era alérgica ou tinha alguma doença que a pusesse em risco ao estar com estranhos. Foram reconstituídos os últimos momentos de contato, as horas anteriores, os dias anteriores.

As hipóteses apareceram e foram caindo ou ficando suspensas.

A primeira a ser descartada, em poucas horas, foi a de extorsão mediante sequestro. Fabián queria que ligassem para ele pedindo dinheiro, ansiava que alguém do outro lado do telefone indicasse o quanto pagar para recuperar Moira, que dissesse que ela estava bem e sentia saudade do pai. Pensava que, de alguma maneira, poderia lidar com essa situação, mesmo não tendo o dinheiro para pagar o resgate. Mas as horas passaram e ninguém ligou.

Uma vez eliminada a hipótese do sequestro, “a questão começava a se complicar”, como várias vezes dissera o promotor

Revoira, revelando uma frase que todos usavam como o mantra de uma seita secreta.

Se houvesse desaparecido apenas Moira, a questão talvez fosse mais simples. Era o desaparecimento das duas que desorientava os investigadores. A princípio, havia duas linhas claras: ou Cecilia levou a menina ou as duas foram raptadas. Portanto, convinha pensar em um motivo para cada linha.

A hipótese de um doido ter raptado as duas não era descartada, mas não era a mais popular entre os policiais e o promotor. “Se fossem, digamos, Estados Unidos ou França, já teria sido levantada essa hipótese como a mais possível. Não que aqui não haja loucos e perversos, mas em comparação com esses outros países, as estatísticas são muito menores”, disse Mondragón.

Mondragón parecia quase orgulhoso. “Além disso, há outra coisa. Aqui temos, digamos, casos de sequestro, estupro e morte de menores, mas nunca esses sujeitos levam duas pessoas juntas.”

Sequestro. Estupro. Morte. Palavras que costumavam pertencer a outro plano de existência. Para Fabián, a mera ideia de Moira presa em um sótão estranho ou a ponto de sofrer algo inenarrável era insuportável.

A linha de investigação mais forte, a única que, no momento, os agentes tentavam sustentar, relacionava-se ao tráfico de pessoas. Para a agente Blanco, o objetivo era Cecilia, e quando a sequestraram, tiveram que levar Moira também. Para Gonzalves, isso não o convencia completamente. Nos últimos dois anos, houvera casos de adolescentes levadas à força para a prostituição, e o *modus operandi* não coincidia com este caso. Não teriam levado Cecilia se a vissem com uma menina de quatro anos que claramente não era sua filha.

Fabián não estava tão seguro de que Moira não pudesse parecer filha de Cecilia. À primeira vista, tinham muitas características físicas em comum. O cabelo, os olhos (apesar de os de Cecilia serem verdes e os de Moira, castanhos). Inclusive falavam com

expressões similares. E o trato entre elas era carinhoso, o que se esperava de uma relação entre mãe e filha.

Surgiu na mente de Fabián, como um estilete rasgando seu cérebro, a ideia de que Moira não estava mais viva porque era um estorvo para os sequestradores de Cecilia.

Mondragón e Blanco tranquilizaram-no dizendo a ele que esses sujeitos não se arriscavam tanto. Podiam conseguir garotas dessa idade em qualquer canto da periferia, ou no interior do país, mais perto das fronteiras. Para que levar alguém do centro da capital, na saída de um metrô, e ainda com uma menina de quatro anos?

O que ninguém quis lhe dizer diretamente era que, segundo estatísticas nacionais e internacionais, se nas primeiras setenta e duas horas não conseguissem respostas do paradeiro do desaparecido, as possibilidades de que nunca mais aparecesse eram bastante altas. À medida que o dia do desaparecimento de Moira se perdia no tempo, diminuía a esperança de solucionar o caso. Quando davam a Mondragón esses dados internacionais, ele se tornava sarcástico. Afirmava que os delitos dos Estados Unidos existiam graças à proliferação de séries policiais. “Os loucos, digamos, os sequestradores, tiram ideias da TV e dos filmes, de assistir a *Law & Order*. Tenha certeza do que digo: graças a Deus, aqui não há desses loucos que entram no salão de um clube e assassinam vinte pessoas, nem sectários que se suicidam em massa, não temos crimes tão perversos quanto os deles!”

A peculiar filosofia criminalística de Mondragón não consolava Fabián. Existiam as estatísticas, porcentagens, projeções. E, entre todos esses números, havia espaços insondáveis de incerteza, enigmas que não podiam ser respondidos. Por quê? Quem? Com quais intenções? Por que levaram justo ela?

O promotor Revoira sugeriu outra linha: um ajuste de contas com Cecilia, algo relacionado com a engrenagem das máfias peruanas que trabalhavam no país.

Como um dique que transborda diante de uma mínima ordem, a polícia descarregou sua metódica fúria sobre o entorno de Cecilia. Os interrogatórios foram duros, chamando a atenção

desse ente abstrato denominado “opinião pública”. A hospedaria em que vivia Cecilia foi posta de cabeça para baixo com uma celeridade operativa não isenta de certa histeria exibicionista. Vários membros da família foram interrogados com rigor, e o namorado de Cecilia, Jonathan, terminou cedendo sob pressão e confessando que vendia maconha (em quantidades pequenas), mas que não sabia nada sobre o acontecido.

Fabián deixava-se levar pelo andar dos demais, não tinha vontade própria para afrontar os acontecimentos. Estava desarmado desde o momento em que tudo começou.

Com exceção da polícia e da atenção que o próprio governo investira no caso, só a ajuda espontânea de algumas pessoas fazia com que o assunto não morresse pela própria inércia da falta de respostas. Um capítulo à parte mereceu a ação da imprensa, em especial da televisão. Para o universo midiático, o caso Moira era como encontrar em um banco de praça um cheque ao portador não preenchido. Fabián não conseguiu evitar ser abduzido pela mídia. Esteve em tantos programas que tudo ficou embaçado e ele perdeu qualquer noção de realidade. Sentia que o levavam e o traziam de diferentes canais, mas não retinha detalhes do que tinha dito nem das pessoas com quem havia falado. Os repórteres montavam guarda em sua casa, mas, diante de sua negativa em falar, foram cedendo. Não é que o pessoal da TV fosse desrespeitoso ou opressivo. Qualquer humano razoável se comovia com o que ele estava passando, com o casal que estava havia três semanas sem notícias da filha. O problema da televisão é que se trata de um sistema que sucumbe sob seu próprio peso. Quase por um descontrole natural, a televisão divulgava sem descanso a vida do casal. Um canal de televisão presenteou Fabián com um celular com crédito mensal para que pudesse falar diretamente com eles. Fabián, no torpor do momento, cometeu o erro de aceitá-lo. Quando mostraram a intenção de chegar a Lila, começou a não responder às ligações.

Já haviam sido organizadas duas passeatas por Moira com as famílias de outros menores desaparecidos. Fabián foi à primeira passeata, mas estranhamente se sentiu deslocado caminhando à

frente de uma procissão, agarrando as mãos de outras pessoas. Na segunda passeata, recusou. Sentiu que estava se expondo. Imaginou olhos ocultos que observavam as concentrações, os olhos de quem estava com Moira. Não conseguia evitar visualizar todo o tempo, como em um filme de terror, os múltiplos destinos de sua filha. Era uma maldição que nunca suspeitou que pudesse cair sobre ele: a de imaginar sem descanso, sem parar, ainda em sonhos, o destino de sua filha.

Fabián arrumou alguns objetos do quarto de Moira, mas não resistiu mais à pressão no peito e saiu, encostando a porta. Só entrou algumas vezes no quarto, em uma delas acompanhando os agentes, que buscavam possíveis pistas, alguma evidência que esclarecesse uma tentativa de resposta a tudo o que se passava. A verificação do quarto de Moira não lhe pareceu muito exaustiva, mas talvez os agentes estavam colocando em prática uma técnica oculta que ele não conseguia enxergar ou compreender.

Não baixou as persianas do quarto de Moira. Assim, pela manhã, a luz desse cômodo era a primeira que inundava o apartamento.

Fabián ligou de novo o piloto automático do fluxo de seu pensamento e foi ver Lila. Ao lado da cama, havia uma cadeira de respaldo alto, velha demais para a casa. Lila estava ali, olhando para a janela. Um andar abaixo começavam os galhos da tília que agora apresentava folhas que variavam do verde até o bege, com as bordas escuras, como se estivessem chamuscadas. A fábrica de tortas da frente estava com a porta metálica de enrolar meio aberta.

Ventava, fazia frio.

Era impossível escapar: tudo lembrava Moira.

— Será que ela está com frio? — perguntou Lila.

Fabián sobressaltou-se. Não porque Lila tivesse lido sua mente, mas, sim, porque, enfim, pronunciara uma palavra depois de vários dias. Moira quase levou a voz de Lila com ela. Nem com seu psiquiatra, Levín, Lila falara muito. Nem com as amigas que a visitaram. A agente Blanco tentou estabelecer uma conversa com ela, em uma tarde em que estava à paisana, talvez

com a esperança de parecer mais mulher diante de seus olhos. Sem o uniforme, parecia uma bibliotecária, jamais uma policial. Ficou meia hora e só recebeu monossílabos isolados.

Logo agora Lila lançava ao ar uma pergunta condenada a não ser respondida, pelo menos por enquanto.

— Tenho certeza de que está bem — mentiu Fabián.

— O que pensará de nós? O que pensará de mim? Será que vai achar que a abandonamos?

— Ela é muito inteligente, Lila.

— Tem quatro anos. Ninguém pode fazer nada... nada de mal a uma menina assim.

— Claro que não.

— Estou cansada. Tão cansada...

— Quer se recostar?

Lila fez um leve gesto com a cabeça para a calçada da frente.

— Ali, naquela casa.

Fabián aproximou-se dela.

— O quê?

— No terraço dessa casa, lembra? O manequim preto que sempre está lá. Moira sempre perguntava se estava vivo.

Fabián olhou. De fato, um velho manequim, talvez sobra de alguma costureira, erguia-se no terraço de uma velha casa de dois andares.

Desde a primeira vez que o viu, Moira insistiu que o manequim se mexia, andava pelo terraço, acenava e fazia uma secreta coreografia para ela.

Agora, o significado do mundo eram todas as coisas que lhe faziam pensar na filha. Papéis rabiscados, um prato de plástico azul-claro que usava para comer, bonequinhos espalhados por toda a casa. Os quarteirões arborizados nos quais caminhavam, a árvore em que tiravam fotos na praça...

Fabián voltou a se lembrar do homem do jardim.

Uma semana depois que tudo começou, mencionou isso aos investigadores. Contou a eles do ocorrido durante aquela tarde de domingo, mais de três semanas atrás, o instante em que perderam Moira por um momento. Existia a possibilidade de que um desconhecido tivesse tentado levar Moira, de que alguém a

tivesse na mira e poucos dias depois houvesse consumado o sequestro? Blanco e alguns assistentes foram à praça e interrogaram os frequentadores da área infantil, sem nenhum resultado concreto. O homem do jardim parecia ser apenas o amigo imaginário de Moira.

Ocorreu à agente Blanco uma obviedade: “o homem do jardim” poderia se referir a alguém do jardim de infância que Moira frequentava.

Imediatamente, a equipe da escolinha Gotas de Amor, instituição privada muito conhecida na região, foi interrogada de forma constante durante vários dias. Não surgiu do procedimento nada que se considerasse relevante. Não apareceu nenhum porteiro com antecedentes, nenhum professor com um passado duvidoso. Não havia respostas.

Fabián tinha a impressão de que as pessoas que o cercavam eram os figurantes de um filme hermético. Inclusive Lila.

Terminou de preparar o café. Em seu celular havia oito chamadas perdidas, todas de um insistente produtor de um noticiário que queria uma exclusiva. Pôs o aparelho para vibrar e o guardou na gaveta da mesinha do abajur.

Lila estava agora sentada no sofá da sala. Nunca, até onde Fabián sabia, ela havia entrado no quarto de Moira desde que tudo começou. Diariamente, Natalia e Maria Eugenia, duas amigas da faculdade, visitavam-na. Talvez essa presença lhe fizesse sentir que estava de novo na época da faculdade, estudando design gráfico e falando com as amigas sobre os colegas que a importunavam. Mas, quando elas iam embora, Lila descobria que estava no apartamento que ela e Fabián haviam comprado por meio de um crédito do Banco Río, e que procuraram muito quando ela estava grávida de Moira. Passaram-se quatro anos e a vida a enganou de um jeito desconcertante, arrebatando-lhe a filha.

Fabián olhou para Lila, que já não cuidava de seu cabelo nem da pele, nem da roupa. Lembrava os lugares vazios, os escritórios desmantelados, as obras inacabadas. Olhou para Lila e lembrou-se de tudo o que era inconcluso, tudo o que era

terminal, tudo o que se perdia sem remédio. Sentiu inveja daqueles que acreditavam em algo, pessoas que conseguiam arvorar uma fé que as fazia resistentes a coisas ainda piores. Sempre achou que a fé era um atributo de pessoas pouco inteligentes. Agora duvidava, sentia que a fé era como um trem para os escolhidos no qual ele não conseguira subir.

Acariciou o ombro de Lila, e ela colocou a mão sobre a sua. Apenas isso, sem dizer nada, sem suspirar.

Uma mulher destruída.

9

A campainha tocou duas vezes, brevemente. Fabián foi à porta sabendo quem era.

Fez entrar uma mulher de uns setenta anos, que vestia uma blusa bege-clara, calça de veludo bege-escuro e sapatos marrons de cadarço com solado de borracha. Sobre a blusa, usava um colete combinando com a calça, com um cordão que era um fino fio de prata, do qual pendia uma espécie de pérola pequena.

— Olá, Doris.

O rosto da mulher tinha uma geometria mais própria de um retrato cubista que de um ser vivo. As maçãs do rosto projetavam-se como ripas de madeira e dois olhos de impenetrável escuridão estavam incrustados sob sua testa curta. Um marinheiro não se surpreenderia de ter visto sua imagem na carranca da proa de alguma embarcação antiga.

— Como está? — perguntou, enquanto deixava sua pequena carteira sobre a cadeira.

— Tudo tranquilo.

— Ótimo.

A mulher foi para a sala. Era a tia de Lila. O único parente direto que tinha. Se é que não havia ficado algum em Ushuaia, de onde Lila era. Não sabia.

Doris não era uma tia que Moira pudesse contar como oficial. A menina podia contabilizar, em quatro anos, só dois ou três encontros, e essas lembranças certamente se apagaram com rapidez, porque tia Doris não era uma pessoa memorável para ninguém. Tinha o mimetismo dos animais do deserto, que adotam a cor do fundo natural e se tornam invisíveis. Era uma dessas mulheres que, nas reuniões familiares, ficavam paradas junto ao fogão da cozinha, fiscalizando as saídas de café para a sala.

Desde o que tinha acontecido com Moira, a distância que tia Doris escolhera manter em relação a eles se transformara em

uma visita diária à casa, atitude gerada sabe-se lá por qual sentimento de culpa. A mulher passava todos os dias vendo uma sobrinha com a qual trocara, no máximo, uma dúzia de palavras supérfluas em vários anos.

— Vou preparar um café. Quer? Está muito frio hoje.

— Não, obrigada.

— Há alguma informação dos agentes?

— Nenhuma novidade.

— Há de se ter paciência.

Todos os dias, Doris articulava essas duas mesmas expressões: “informação dos agentes”, “paciência”. Para Fabián, era uma rotina repetir sempre o mesmo: nenhuma novidade.

Não podia evitar sua presença, e Doris tinha um controle da situação que, de fato, ajudava Lila a não desandar completamente para um lugar do qual seria muito difícil voltar. A presença de Doris e das amigas da faculdade ajudava a contê-la — pelo menos um pouco.

Doris saiu da cozinha com uma bandeja, um café, um chá e um pratinho com torradas e geleia (que Lila jamais comia). No entanto, o médico não encontrou sinais de emagrecimento perigoso, ao contrário de Fabián, que passou por uma redução muito brusca de peso. Preferia aquelas bisnagas de comida sintética que os astronautas usam ou uma injeção de vitaminas, porque mastigar era quase insuportável.

Fabián entrou no banheiro e abriu o chuveiro. Achou ter ouvido o telefone.

la começar a tirar a roupa quando Doris bateu na porta.

— Fabián? É Germán, do Canadá.

Fabián apressou-se até o telefone.

— Alô?

Do outro lado, ouviu-se um barulho e, quando Fabián disse “alô” de novo, sua voz se sobrepôs à resposta de Germán, no atraso inevitável da linha.

— Alô, Fabián?

— E aí?

— Como anda você? Alguma novidade?

— Não.

- Como está Lila?
- Bem... Vai levando.
- Bom... Não desanimem, tá?
- Não.

Germán fez uma pausa lá de Montreal. Talvez estivesse com o casaco vermelho, pensou Fabián. Era o casaco para o qual Moira sempre apontava quando via as fotos que Germán mandava de lá. Um homem de trinta e cinco anos, um pouco gordo na região abdominal, com o rosto sempre avermelhado, enfiado em um casaco de um vermelho furioso, abraçando uma mulher de cabelo liso e louro que segura um bebê de quase um ano, o qual, por sua vez, está metido em outro casaco vermelho (uma miniatura do pai) e usa também um gorro macio de lã que mal deixa à mostra sua cabeça. Por trás deles, sempre está a casa de madeira pintada de azul-turquesa com portas e janelas de esquadrias brancas, uma casa que faz Fabián se lembrar das pré-fabricadas vendidas ao longo do Acesso Oeste, mas, como diria Germán, “com mais estilo e mais cor”.

- Olha... Outra coisa... — disse Germán, empostando a voz.
- Como papai está levando tudo isso?

Fabián não tinha vontade de falar sobre isso, mas não via mais remédio. Suspirou em silêncio.

- Não sei. Por enquanto, parece bem.
- Você não o vê desde que...?
- Sim. Uma vez.
- Deviam se ver mais. Ele nunca foi te ver?

Fabián esboçou um sorriso torto.

- Há seis meses que papai não sai de casa, Germán.
- Como?

Agora, Fabián conseguia ver o rosto de Germán, que ficava tenso enquanto remexia os olhos de maneira incontrolável, gesto que produzia ao enfrentar algo que escapava de seus cálculos.

- Há seis meses que não sai de casa? Não pode ser.
- Sim, pode ser. Fica o tempo todo escrevendo e não precisa fazer compras nem pagar contas. Estela faz tudo.
- Mas não sai para caminhar?
- Estou te dizendo.

— Não sabia disso...

— Ele é assim.

Fez-se um silêncio, ou foi o atraso que havia aumentado. Germán estava em outro mundo. Devia estar olhando pela janela de sua casinha o trotar de uma manada de renas por um bosque de faias em plena primavera, totalmente banhado na perfeita luz dourada do sol poente.

— Acho que deveriam se apoiar muito neste momento, Fabián.

— Eu sei. Imagine como estou com a cabeça cheia aqui...

— Estamos muito mal aqui por tudo o que está passando. Clarice reza por vocês todas as noites.

Fabián não conseguiu evitar uma pausa incômoda.

— Obrigado.

— Tudo vai se acertar, você vai ver. Precisa ter fé.

Se há cinco anos alguém lhe dissesse que Germán ia estar casado com uma metodista canadense, ia se escangalhar de rir.

— Tenho que desligar — disse Fabián.

— Te ligo na quarta-feira.

— Como quiser.

— Claro que quero. Mas fica de olho no coroa. Trata de ir vê-lo. Já sei que isso para todos é um inferno. Olha, Clarice está te mandando um beijo aqui. Fabián?

— Quê...?

— Não se abata.

— Não.

Fabián desligou. Voltou para sala. Doris e Lila tomavam chá em silêncio.

— Como está seu irmão? — perguntou Doris, mordiscando algo parecido com um bolinho.

— Muito bem... Te mandaram lembranças, Lila.

Lila levantou os olhos de sua xícara e olhou para Fabián.

— Que grande país, o Canadá! — afirmou Doris.

10

Marcos Silva mexeu seu café pingado sem pausa, movimentando a colherzinha em pequenos círculos. Era um homem não muito alto, não muito corpulento e não muito velho. Seu cabelo grisalho tinha o clássico corte de um policial, mas em sua época de ronda tinha deixado passar dos ombros. Essa época foi difícil, e o trabalho era arriscado. Uma bala de fuzil quase o aposentou por invalidez em 1989, e ainda sentia dor no osso do quadril esquerdo por causa de uma queda que sofrera saltando uma cerca. Agora, aos cinquenta e quatro anos, encarava a reta final da carreira optando pela adrenalina de um escritório.

— Nunca há tempo para nada — disse Silva.

Estavam no tradicional bar Ocho Esquinas, na confluência entre a Elcano, a Forest e a Álvarez Thomas. Fabián sempre contou só seis esquinas, mas nunca se lembrava de comunicar a dúvida aritmética a Bebe, o dono do bar, para ver o que respondia.

Depois de uma das reuniões no Departamento Central, Fabián, andando um tanto perdido entre as palmeiras que lhe traziam lembranças, surpreendeu-se com a intenção de Silva de conversar.

Demorou alguns instantes para se lembrar de que se tratava do homem da Roubo e Furtos que se sentava em um canto, um policial que conhecia o caso porque a intervenção da Suprema Corte criara no departamento o efeito de um pé gigante pisando em um formigueiro de pessoas.

Falaram por um momento. Silva entregou seu cartão e pediu a ele que o chamasse para tomar um café quando quisesse. Apesar do aturdimento desses dias, Fabián percebeu que o interesse de Silva ultrapassava o de uma investigação que não correspondia a algo além de sua jurisdição. Não se dirigia a Fabián como um funcionário a seu serviço, mas como alguém capaz de escutá-lo.

Havia algo em Silva que o deixava apreensivo. Não sabia por quê. Quando falava com ele, sentia outra esperança, quase a certeza de que Moira estava bem e existia chance de recuperá-la.

— O trabalho da polícia tem limitações — disse Silva. — Não é que não haja vontade. Mas a quantidade de casos sempre ultrapassa a capacidade.

— Me disseram que Mondragón e Blanco são bons na área deles.

— É verdade. O caso está em boas mãos. Além disso, você viu como isso explodiu na imprensa. O Departamento precisa resolver o assunto o quanto antes. E você? Como está? Me parece tranquilo agora.

— Tento não pensar.

— Entendo. E sua mulher?

— Continua deprimida.

— E o que você acha? Você tem ajuda de sua família, de seus amigos?

— Sim, sim.

— Isso é importante. Amigos. As esposas vêm e vão, mas os amigos do peito sempre nos salvam.

Fabián supôs que Silva tivesse se casado e se separado depois, mas não se animou a perguntar. Pensou por um momento na amizade. Deu-se conta de que, naquele momento, o mais parecido com um amigo que tinha era aquele policial sentado diante dele, tomando café e segurando um cigarro do qual se desprendia um fio de fumaça. Chamara assim vários dos colegas do estúdio de Carreras quando funcionava mais ou menos normalmente, e também gente de sua época da faculdade. Inclusive apareceu um primo distante que tinha uma loja de colchões em Caseros, que só o via em casamentos, batizados ou velórios. Mas não podia dizer que um amigo importante estivesse perto dele naquele momento. Admitiu com amargura que ele e Lila se fecharam em seu próprio universo, construído com base em uma relação difícil, e deram as costas às pessoas. Os dois reforçaram-se, fechando-se em uma esfera

de solidão compartilhada que, às vezes, se abria por causa de Moira, mas que em geral estava fechada e sem frestas visíveis.

Silva movimentou a mão e desfez o fio de fumaça de seu cigarro.

— Presta muita atenção à sua senhora. Trata de fazer com que ela saia. Ela fala sobre o assunto? Te diz algo?

— Para ela, é muito difícil falar.

— Ela apresentava um quadro de depressão antes, não?

— Sim. Vem se tratando faz tempo.

— Claro, claro. Às vezes, há pessoas que, diante dessas circunstâncias, ficam totalmente derrubadas, e outras tiram forças não sei de onde.

— Me custa pensar. Me custa muito pensar.

— Te entendo. Na corporação, há muita gente deprimida. Vemos muitas coisas. Um cabo, amigo meu, se matou.

Silva puxou a fumaça e a reteve tanto que pareceu que havia tragado, até que a soltou como uma névoa.

— Tinha problemas pessoais e a pressão recaiu sobre ele. Disse à mulher que tinha uma operação, pediu um quarto em um hotel de Almagro, tomou um gim e atirou nele mesmo com a arma de serviço. Três vezes.

— Atirou três vezes nele mesmo?

— Sim. Parece que o primeiro pegou na boca aberta e não afetou o cérebro. Então, disparou na têmpora, e nada de novo. O terceiro disparo foi no olho. Vou te dizer: é mais comum do que se acredita nos suicídios com armas.

Fabián não quis continuar adentrando a rica vida profissional de Silva e preferiu mudar de assunto.

— Você tem ideia do que aconteceu? Em que hipótese você acredita?

— Eu não descartaria ainda a questão do tráfico de pessoas. Há algumas quadrilhas com gente em Buenos Aires e estão se tornando cada vez mais impunes. Está bem, a região não é a habitual, mas quem sabe... Podiam estar variando o raio de ação. Essa é uma. A outra é que eu continuaria perguntando sobre a peruana.

— Cecilia?

— Sim. Investigaram se alguma vez a peruana engravidou? Essas peruanas engravidam desde que têm a primeira menstruação. Talvez tenha engravidado e perdido o filho, ou tiraram uma criança dela, não sei.

Fabián entendeu aonde Silva queria chegar.

— Ela pode ter enlouquecido e pensado que minha filha era a dela?

— Algo assim. É mais comum do que se imagina. Eu vi vários casos desses. A garota perde um filho de forma traumática e acaba raptando outro que lembra a primeira criança. Não notou nada de incomum na moça?

— Não.

— Ela se afeiçoou muito à sua filha. Talvez tenha “pirado” e a levou.

— Se fosse assim, então... Moira... teria muitas possibilidades de estar bem, não?

— Certamente.

— Mas onde estão? Já se passaram quase três semanas. As caras das duas estão por todos os lados.

A metros de Fabián, havia uma foto de ambas na parede, e na porta do bar, e no quiosque de guloseimas ao lado, e a cada dez metros havia um cartaz de “procura-se”. Fabián espalhou cartazes no bairro inteiro antes de tudo começar, e uma empresa de colocação de *banners* ofereceu-se para fazer cópias e distribuí-las pela cidade. Buenos Aires foi tomada pelos rostos de Moira e Cecilia, Fabián era reconhecido nas ruas e muita gente o parava para cumprimentá-lo, para demonstrar apoio, lançando-o a uma popularidade que, com gosto, abandonaria se, em troca, voltasse a ver o rosto real de sua filha.

— Quem sabe o que passa pela mente de uma menina como essa...? — disse Silva, que fixou a vista no cigarro, em sua caneca e na cidade do outro lado do vidro. Seus olhos ficaram quietos e congelados, como peças de uma engrenagem parada.

— Você, se pensar em alguma coisa, me liga. A equipe da Divisão de Busca está muito comprometida, mas, para mim, está um tanto desorientada. Não vão dizer a você, mas é isso.

Qualquer coisa, você fala comigo e eu trato de dar um toque neles por fora.

— O que quer dizer com isso?

— Nada. Só dar uma pressionada. Conheço muito o Gonzalves, o subdelegado.

Um automóvel parou em frente ao bar, um Peugeot 405 verde-petróleo. Dentro, havia dois homens. Uma buzina tocou brevemente. Silva sorveu o café.

— Vou embora. Lembre-se: qualquer coisa, qualquer dúvida, qualquer ideia, me liga. Tem meu número.

— Mas... Por quê?

— Por que o quê?

— Por que está fazendo isso?

Silva deteve-se por um momento e olhou para ele enquanto ajustava os óculos de sol.

— Tenho um filho de doze anos. Mas eu e minha mulher tivemos uma menina. Tinha três anos e... houve um acidente na piscina da casa de uma prima. E é isso. Já superei faz tempo. Mas bem... Sua filha me faz lembrar.

Fabián não disse nada. Silva saiu do bar e se enfiou no automóvel, que já arrancava.

Chegou em casa e Lila dormia. Despediu-se de tia Doris e olhou o relógio: nove horas.

Teve um acesso de raiva impotente ao observar a sombra quieta de sua esposa deitada. Exasperava-o a passividade de Lila. Entendia o golpe sofrido, mas a via introvertida, vencida e encerrada em uma dor resistente que não admitia visitas.

Pensou que a perda fosse uni-los mais, porém se equivocou.

Lila o culparia por não ter chegado ao metrô? Perguntou-se como seriam os próximos anos, com ou sem Moira. Talvez não houvesse volta, ela aparecendo ou não.

Assistiu a um pouco de televisão, ao seu estilo “zapeando sem parar”. Em dois canais a cabo, viu o anúncio de busca de Moira, mas até os noticiários já quase não falavam mais do assunto. Como não havia novidades, a notícia esfriava, pronta para

morrer. Mas, mesmo que o rosto de Moira desaparecesse da tela, continuaria ali para Fabián.

Sentiu que, se pudesse estar diante do sujeito que havia levado Moira, o mataria na hora. Usaria qualquer objeto de casa e eliminaria o causador de seu pesadelo. E, se não houvesse nada para usar, rasgaria-lhe a garganta com os dentes, como um cão enlouquecido.

11

Em Villa del Parque, sempre se sente mais a umidade, e os paralelepípedos brilham com luz própria. Quando anoitece, pode-se caminhar entre os cones de sombra debaixo das árvores e sentir-se como um agente secreto que já não sabe de que bando receber ordens. Os homens andam calados pela noite do bairro e transformam-se em seres insubstanciais e, em cada esquina, um clarão cinza os torna um pouco mais corpóreos como para lembrá-los que não são de todo fantasmas e têm trabalho por fazer, vida por viver.

A casa de Melincué tinha dois andares e um sótão. Ficava no meio de um quarteirão repleto de plátanos, e na primavera a penugem deles inundava as calçadas e o ar. Agora, apenas se viam as folhas caídas.

Fabián desceu do carro e pôs o pé no piso quebrado, que tinha uma rachadura em forma de raio, o mesmo piso e a mesma rachadura que via quando jogava bola com os meninos no campo do quarteirão, onde era proibido usar a parede de uma das casas como gol.

Tocou a pequena campainha. Ouviu alguns passos curtos até que Estela abriu a porta e suspirou.

— Entra, entra. Está no escritório...

Fabián entrou no hall e Estela fechou a porta. A mulher diminuta, parecida com um duende cinzento, pôs um xale e um cachecol que dava várias voltas em seu pescocinho de porcelana. Subiram a escada de madeira (Fabián havia machucado o supercílio naquela mesma escada quando tinha seis anos), caminharam por um corredor cheio de quadros e chegaram até a porta do escritório. Estela bateu com a força de um pequeno pássaro.

— O que houve? — perguntou alguém com uma voz de locutor de rádio lá de dentro.

— Fabián chegou, senhor!

Ouviram-se dois passos e Ernesto Danubio abriu a porta. Olhou para Fabián e, depois, para Estela.

— Você já vai, não?

— Sim, senhor, boa noite.

A mulher escafedeu-se escada abaixo. Ernesto deu um beijo no filho e se afastou para que este entrasse.

— Entra. Quer café? Chá? Água? Você está mais magro!

— Não me diga.

O cômodo tinha livros em uma quantidade insana. Todas as paredes contavam com prateleiras abarrotadas: atrás da primeira fila de livros, havia mais duas. Por cima dos livros, no espaço mínimo entre as prateleiras, mais livros em posição horizontal.

Os únicos espaços sem prateleiras eram a janela que dava para a Melincué, a porta pela qual Fabián entrou e outra porta mais estreita que dava para o quarto de seu pai. Essa porta era invisível quando estava fechada, porque tinha prateleiras geminadas também repletas de livros. Uma das lombadas, a de uma biografia de César Borgia, era falsa e funcionava como uma maçaneta.

No teto, também havia prateleiras com livros. Fora ideia de seu pai, e Fabián se lembrava da discussão com sua mãe quando ele pagou um carpinteiro para atender a um pedido tão excêntrico. O teto de madeira parecia ter uma moldura, mas, na verdade, eram cinquenta e três portinhas que se abriam para baixo. Quando desciam, com um sistema similar ao das portinholas de porões ou sótãos, aparecia um compartimento no qual ficavam os livros. O ângulo de abertura evitava que os livros caíssem, e assim suas lombadas podiam ser lidas.

O espaço foi aproveitado ao máximo, como se o lugar fosse o último do mundo no qual os livros pudessem sobreviver.

Duas cadeiras estilo império e uma escrivaninha *Secrétaire* tirada do escritório de uma estação de trem eram o único mobiliário. Havia um telefone em um dos cantos e uma garrafinha térmica metálica acompanhada de um mate preto que absorvia a luz. Também havia uma pasta aberta com folhas nas quais se via os escritos de seu pai. As folhas, todas preenchidas, davam a impressão de ser mais um tapete do que uma linguagem escrita.

Na parte da parede que estava atrás da mesa, as prateleiras estavam fechadas com portas de vidro, e dentro se via uma infinidade de pastas, livretos, cadernos de todos os tamanhos imagináveis, exibidos como em uma vitrine de museu. Eram os escritos de Ernesto Danubio.

Desde que se aposentara do trabalho de escrivão, dedicou-se a ler e a escrever. Até então, não havia publicado nada, mas por decisão própria.

Fabián pensou que o acúmulo doentio de livros na vida do pai era o que tinha afastado Germán e ele do hábito de ler.

O “autismo de biblioteca” começou alguns anos depois da morte da mãe de Fabián. Quando ele e seu irmão ainda moravam em Melincué, Ernesto já havia começado a se isolar em seu escritório. A morte de Elena Danubio, causada pelo câncer de garganta, não tinha sido uma surpresa. A doença havia se assentado na casa junto a dois jovens de vinte e poucos anos e um aposentado precoce. Durante dois anos, Fabián compartilhou o espaço com a morte e viu como as paredes, os móveis e o ar da casa se enchiam da sensação de término. O dia em que sua mãe morreu já havia acontecido mil vezes antes em sua mente. Mas não pôde prever a ausência. Ele e Germán souberam logo que tinham que ir embora daquela casa.

Ernesto pediu a eles que não se fossem, que havia espaço de sobra na casa. Era precisamente esse espaço o que estava expulsando os filhos de casa. Enquanto Fabián procurava um apartamento e Germán planejava sua viagem ao Canadá, Ernesto transformava o salão de jogos em dois cômodos, um quarto minúsculo e um escritório. Os outros três cômodos, o quarto original dos pais e os dois quartos dos filhos, ficaram congelados durante três anos, sem ninguém tocar, até que, diante da insistência dos filhos, Ernesto os esvaziou, vendeu os móveis que pôde e o que sobrou doou ao Exército de Salvação. Esses três quartos nunca voltaram a ser ocupados. Apenas no de Germán foram colocadas uma cama dobrável e uma cômoda que servia a Estela quando ela ficava para dormir.

Agora, Ernesto estava cercado de cômodos vazios e conservava uma luta que defendia com determinação, uma casa

cheia de lembranças palpáveis que a ele não pareciam afetar.

Fabián sentou-se em uma das cadeiras, gerando uma pequena nuvem de poeira. Seu pai mexeu-se, indeciso, pensando em oferecer algo mais, mas sem saber o quê. Iniciou-se um silêncio que Fabián não podia ou não queria quebrar. De todo modo, era um momento conhecido por ele. O silêncio sempre era algo infiltrado na relação com seu pai. Agora, mais ainda.

Ernesto franziu o nariz em um gesto clássico de pessoa alérgica.

— Essa Estela não limpa direito. Disse mil vezes a ela para sacudir os estofados. — Olhou para Fabián com cautela. — Imagino que você não está comendo bem.

— O que você acha?

— De alguma maneira, precisa se cuidar. Como está Lila?

— Está na merda.

Ernesto apoiou o queixo sobre o peito.

— Há novidades?

— Nenhuma.

— Nada de nada? É incrível.

As mãos de Ernesto não se mexiam sobre as pernas enfiadas em velhas calças de gabardine. O silêncio deixava Fabián fragilizado. Tinha ido lá por Germán, que pediu como se o necessitado de apoio fosse seu pai, e não ele.

— Germán está preocupado porque você não sai de casa.

— Eu saio de casa, sim.

— Quando?

— Falou com Germán? — quis saber seu pai, contendo sua pergunta com outra. — Como estão?

— Liga para ele.

Seu pai tamborilou com os dedos sobre a mesa e observou um abajur Tiffany que lançava um pequeno fecho de luz, o suficiente para enquadrar a página de um livro.

— Nunca sei como ligar para o Canadá. Tem um número enorme. Na última vez que liguei, respondeu uma gravação em francês. É difícil.

Fabián sabia que o pai não ia muito com a cara de Clarice, e isso, em seu mundo fóbico, equivalia a não ter contato com

Germán. Olhou-o ali sentado, mexendo-se inquieto, com sua camisa xadrez e seu suéter de gola em V, o cabelo grisalho despenteado dos lados, e não soube mais o que dizer. Ele não estava com a cabeça firme para conversar, mas a situação não era nova. Cada vez que se encontrava com o pai, este impunha seu silêncio.

— Fica para jantar?

— Prefiro ir para casa. Preciso vigiar a Lila para que ela coma.

— Claro, claro. Pobre Lila. Que moça especial!

Seu pai balançou a cabeça. Lila era sua favorita da família, porque também lia muito, e sempre que passava por Melincué levava livros. Ernesto emprestava porque ela era rigorosa com as devoluções. Fabián sentiu a mão do pai apoiada em seu braço. Ergueu a vista e encontrou-se com os olhos azuis marejados como os seus, que o miravam.

— Já vai passar.

Era uma frase tão ambígua que Fabián preferiu não analisá-la.

Ernesto levantou-se da cadeira. Fabián imitou-o. Ambos foram até a porta. Ao pé da escada, o pai vacilou por um momento. Fabián notou.

— Faz muito que não desce ao primeiro andar? — perguntou.

Seu pai riu por dentro.

— Vamos, não exageremos. — Começou a descer a escada deslizando os dedos pelo corrimão de madeira.

Chegaram até a porta de entrada. Ernesto girou a chave com um leve suspiro.

— Manda um beijo para ela.

— Obrigado.

O pai beijou o filho.

Fabián saiu de novo para a noite enquanto a porta se fechava. Nos primeiros metros, foi tomado por uma raiva tão forte de seu pai que nem via por onde andava. Seu laconismo, sua expressão pétrea. Queria, necessitava, que seu pai chorasse, evidenciasse uma angústia clara pela neta que não estava lá. Supôs que o sofrimento o tomava por dentro. Mas não poder saber com certeza era o que o irritava.

12

Sacudiu Lila levemente, que dormia no sofá da sala.

— Por que não se deita na cama?

— Já vou.

— Tomou o comprimido?

— Só a metade. Como está seu pai?

— Bem.

Lila levantou-se do sofá. Estava descalça. Caminhou em silêncio até o quarto. Fabián baixou a persiana. O vento soprava por entre suas frestas.

Lá fora fazia frio, e Moira estava em algum lugar. Queria acreditar nisso. Tocou o telefone. Era Natalia, a amiga de Lila, para saber como ela estava. Do quarto, Lila falou para pedir desculpas a ela, e Fabián transmitiu a Natalia.

Despediu-se dela e, quando estava para desligar, escutou uma espécie de rangido na linha, um barulho. Imediatamente conseguiu ouvir com clareza algumas vozes — de dois homens, pelo menos.

— Faça triangulação novamente — disse uma das vozes.

— O que aconteceu? 6752? — disse a outra voz. Eram os últimos quatro dígitos do número de telefone de Fabián.

— Vamos lá, babaca... Thomas 1135, terceiro A, é o 6752.

O endereço de seu apartamento.

Escutou-se um risinho e depois uma tosse.

— Alô? — disse Fabián.

As vozes pararam. Houve outro rangido e, logo depois, fez-se silêncio.

Fabián desligou. Ficou olhando para o telefone preto de plástico, que agora se parecia com um gato encolhido a ponto de pular.

Foi a um locutório e pediu uma cabine telefônica. Passou as folhas de sua agenda com os dedos trêmulos. Podia escolher vários nomes. Começou a ligar para Silva, mas desligou e

telefonou para Blanco. Ela estava no caso, e falar com Silva talvez complicasse as coisas.

Ela atendeu antes mesmo de o primeiro toque terminar.

— Alô? Aqui é Fabián Danubio quem fala.

— Como está, sr. Danubio?

Blanco devia ter 31 ou 32 anos, mas isso não significava que estivesse disposta a chamá-lo pelo primeiro nome. A disciplina da instituição policial moldava suas maneiras.

— Tenho que comentar uma coisa com você — disse Fabián, fechando a porta da cabine.

— Sim, diga.

— Parece que grampearam minha linha. É assim que se diz no jargão de vocês ou tem outro nome?

Fez-se um breve silêncio do outro lado.

— Não, é assim mesmo. O que houve?

— Não sei se foi linha cruzada ou o quê, mas escutei duas pessoas dizendo meu número de telefone e meu endereço. Quando falei, desligaram.

— Poderiam ser técnicos da companhia telefônica.

— Sim, poderiam ser.

Mas Fabián sabia que não era isso.

— Não sei. Estou te ligando porque fiquei preocupado.

— Calma, Fabián. Vou verificar e ligo de volta. Está em casa?

— Não, não quis usar minha linha.

— Entendo... Bom, me ligue em cinco minutos. Pode ser?

Fabián desligou e sentiu um nó na garganta. Olhou a rua do lado de fora do locutório e viu como o vento fazia surgir nuvens de pó que giravam enlouquecidas à luz das lâmpadas de sódio.

Esperou na cabine, olhando o velho guia telefônico e o carpete rasgado a seus pés. Ligou para Blanco e deu ocupado. Na terceira tentativa, ela atendeu. Havia passado dez minutos.

— Dei uma averiguada — disse. — Mas não tenho nada preciso. Falei com a companhia e não há técnicos trabalhando na área. Se lembra bem do que escutou?

Fabián tentou repetir, mas agora não sabia se estava se esquecendo de algo.

— Vamos fazer uma coisa... — disse Blanco. — Você vai para casa. Eu vou me comunicar com a delegacia de sua região para colocarem um agente na portaria do prédio.

— Mas... Por quê? Há algum perigo?

— Não, não. Fabián, me escuta. Acalme-se. É uma questão preventiva, nada mais.

— Mas preventiva de quê? Minha esposa e eu estamos em risco?

— Acho que não. Mas, até averiguarmos mais, prefiro deixar alguém.

Fabián despediu-se com o coração saindo pela boca.

Fechou a porta de casa e conferiu as duas fechaduras. Foi ao quarto e deitou-se ao lado de Lila. Ela, que dormia, nem soube de sua ausência. Ficou quieto. A rua não tinha o estrondo constante do dia. Agora passavam alguns ônibus, que às vezes freavam na esquina esperando o sinal de trânsito e aceleravam o motor fazendo com que o vidro do quarto tremesse.

Fora isso, impôs-se um silêncio que o cercou até dormir, ainda vestido.

Acordou às três da manhã, foi à varanda tomada pelo vento e olhou para fora. No meio do quarteirão, quase ao lado da agência de automóveis, pôde ver um policial batendo os pés no chão para espantar o frio.

Voltou à sala e levantou o fone do gancho. Só ouviu o sinal.

Deitou-se outra vez. Dormiu muito pouco, com leves sobressaltos que foram diminuindo até que pudesse se esquecer da vida por um momento.

A agente Blanco tocou o interfone ao meio-dia e meia. Perguntou a Fabián se podia recebê-la. Fabián viu que Lila já havia se levantado e o olhava com curiosidade. Via-a mais composta que de costume. Parecia fazer um esforço para melhorar sua aparência, e isso o reconfortou um pouco.

Quando saiu do elevador para o corredor do térreo, viu que Blanco e Mondragón o esperavam na porta. Deteve-se por um momento, com a terrível sensação do pior: vieram dizer que a encontraram. Obrigou-se a continuar andando e abrir a porta.

— Sr. Danubio... — disse Mondragón.

— Viemos por conta do ocorrido ontem à noite — disse Blanco. Tinha uma expressão bastante firme, o que acentuava mais seus olhos grandes. Também parecia ter tido problemas para se maquiar. Fabián olhou para ela e, sem explicar como, deu-se conta de que não tinham novidades sobre Moira. Paradoxalmente, isso o tranquilizou.

Mondragón acomodou-se na janela, enquanto Blanco se sentava no sofá. Ambos se olharam, como que perguntando telepaticamente quemalaria primeiro. Mondragón tinha um radiotransmissor que emitia ruídos e o desligou. Não quiseram café. Declinaram o refrigerante e a água.

Mondragón tocou a ponta da orelha e falou.

— Sr. Danubio, o senhor ouviu algumas vozes em sua linha ontem à noite.

— Sim.

Lila ergueu o olhar para Mondragón, desorientada.

— Os barulhos de vozes foram produzidos por homens nossos, que até esse momento estavam grampeando sua linha.

Fabián olhou para Blanco. Ela ergueu as sobrancelhas para Mondragón.

— A agente Blanco não sabia de tal intervenção. Houve uma ordem do juiz Trapani e um ofício emitido pelo promotor Revoira. Só o subdelegado Gonzalves e eu sabíamos.

— E é legal fazer isso? — perguntou Fabián.

— Digamos que sim, se o caso exigir. Mas digamos que alguns passos foram pulados para fazer isso rápido. — Mondragón balançou-se, lançando olhares perdidos para o teto. Inclinou a cabeça para o lado, e algumas vértebras de seu pescoço estalaram.

— Lamentavelmente, houve uma confusão do pessoal da parte técnica e você ouviu algo que, digamos, não deveria ouvir. Digamos...

— Digamos que, na parte técnica, havia dois imbecis incompetentes — disse Blanco abruptamente. Ela e Mondragón se entreolharam.

— Você poderia solicitar uma apuração, se quisesse — continuou Blanco. — Mas seria inútil e não levaria a nada.

— Desde quando ouvem nossas ligações? — disse Lila.

— Há uma semana e meia, senhora — respondeu Mondragón. — E o celular de seu marido também tinha escuta. Agora não mais. Do mesmo modo... — disse Mondragón, apontando o bigode para Fabián. — ... Você não o usa há dias.

Fabián não sabia o que dizer. Absurdamente, olhava para um pardal que saltitava elétrico na rede da varanda, bicando os canteiros.

— Olha... — prosseguiu Mondragón. — Viemos aqui para esclarecer essa questão. A escuta foi feita porque temos a obrigação de seguir todas as linhas de investigação possíveis.

— E desde quando meu marido e eu somos uma linha de investigação? — Pela primeira vez em quase um mês, Lila se via alerta, como se houvesse despertado de um sonho.

— Eu entendo a dor pela qual estão passando — disse Mondragón, falando como se fosse o funcionário de uma funerária. — Mas para nós a investigação está em primeiro lugar, e chegar à verdade também. Verificamos todas as opções. Sr. Danubio, não quero ficar dando voltas. Como descreveria sua relação com sua esposa?

A pergunta deixou Fabián imóvel.

— Como assim?

— Tem discutido com sua esposa? Digamos... tendo discussões que podem ser classificadas como violentas?

Blanco olhava para o chão. Lila ficou boquiaberta de surpresa. Fabián sentia que se encurvava cada vez mais na cadeira. Pôs as mãos nos joelhos, com cansaço.

— Facilita, Mondragón. Está querendo me dizer que suspeitam que algum de nós teve motivos para fazer algo de mal a Moira?

— O que tem que ficar claro a essa altura para vocês é que não descartamos nada. Conhecem Gladis Ferreira, não?

Fabián e Lila trocaram um olhar.

— É nossa vizinha do andar de cima — disse Fabián.

— Falamos com ela — explicou Blanco. — Ela nos disse que, em pelo menos cinco ou seis ocasiões, vocês tiveram discussões

acaloradas. Falamos dos últimos dois anos.

O pescoço de Mondragón já não estalava e ele não dirigia o olhar para Fabián.

— Teria que definir o que seriam “discussões acaloradas” — disse Fabián.

— Estamos na avenida Álvarez Thomas — respondeu Mondragón. — Agora mesmo, há bastante barulho de trânsito, não? Se a senhora Ferreira ouviu vocês gritando durante o dia e com o barulho desta rua, essas discussões devem ter sido em volume bem alto.

— Meu Deus! — disse Lila. — Isso é um pesadelo.

— Vamos ver... Sigamos — disse Fabián, dando-se conta de que tinha muitíssima vontade de odiar profundamente o policial. — Vamos ver até onde chegamos, Mondragón.

— Muitas vezes, e acredite que é uma alta porcentagem, o desaparecimento de um filho envolve um ou os dois cônjuges. Sobretudo quando são filhos de pais separados. Mas os casais estáveis também têm suas coisas. De vez em quando, um filho desaparece e os pais são culpados. Para nós, isso é uma linha mais que importante para investigar. Digamos que, se não ocorresse o acidente com a escuta, continuaríamos mantendo-a, para confirmar ou descartar a hipótese sobre vocês. Digamos que agora não podemos investigá-los. E aqui estamos para confrontá-los.

Fabián teve vontade de agarrar com a mão a palavra “digamos” e com ela enforcar Mondragón, pelo menos para que ele deixasse de pronunciá-la.

— Bom... O que temos que fazer? Agradecer a vocês por esta sinceridade? Como precisaremos nos portar daqui em diante? Vão usar um detector de mentiras conosco ou algo assim?

— Digamos que é momento de pôr as cartas na mesa. Há algo que não tenham nos contado?

Lila levou as mãos ao rosto. Fabián levantou devagar da cadeira. Viu que Blanco ia inquieta em sua direção, e por um segundo teve um sentimento de compaixão por ela.

— Está bem — disse Fabián. — Vamos pôr as cartas na mesa, como me pedem. Há quase um mês nossa filha desapareceu.

Tenho dormido duas horas por noite, em média. Tomo clonazepam, mas é como tomar água. Não me faz nada. Há quase um mês venho ouvindo hipóteses, linhas de investigação, teorias, blá-blá-blá. Conteí minha história mil vezes, um milhão de vezes. Me reuni com vocês todas as vezes que foram necessárias, entreguei tudo para que me ajudassem. Não gosto de vocês. Não gosto de policiais. Jamais seria amigo de um policial. Vocês me dão medo. Não sei até que ponto fazem seu trabalho. Devem ter muitos casos para resolver. Muitos de vocês talvez tenham boas intenções, mas não dão conta. Muitos de vocês são corruptos e muitos são incompetentes, como os que grampearam meu telefone.

Fabián sabia que estava à beira de um lugar sem retorno, mas já não conseguia evitar isso.

— Tô cagando se aceitam propinas, se torturam as pessoas ou são idiotas. E também tô cagando se são os policiais mais nobres do mundo, que lutam contra o sistema como Serpico e estão frustrados.

— Sr. Danubio...

— Deixa eu terminar, Mondragón. A única coisa que quero, que queremos, é recuperar nossa filha. Ou, pelo menos, saber que ela está bem. Ou, pelo menos, saber o aconteceu com ela. Vocês não apenas não dão resultados, como também investigam a gente!

— Coloque-se em nosso lugar.

— Não posso me colocar em seu lugar! — Fabián quase gritou, mas se conteve. — Não posso me colocar em seu lugar porque nunca seria como vocês. Não sei como é seu mundo nem quero saber. Não conheço as coisas que vocês têm que ver todos os dias nem quero conhecer. Minha esposa e eu não escondemos nada. Nós nos deixamos levar por vocês, dissemos tudo. Vocês, em troca, fazem seu jogo e nos dizem o que querem. Grampeiam nosso telefone. Dizem proteger e, ao mesmo tempo, ficam interrogando.

Lila agora mantinha a cabeça baixa, presa entre os braços, com as mãos entrelaçadas sobre a nuca. Fabián temeu que ela entrasse em choque outra vez. Sentia-se cansado. Viu que

Mondragón o escutava como um funcionário que recebe queixas durante toda a vida e desenvolve uma couraça para suportá-las.

— De nossa parte, estamos abertos a tudo. Investiguem a gente, apliquem o soro da verdade, façam o que quiserem. Se eu pudesse, processaria vocês pelo que fizeram. Mas o que conseguiria? Falaria com um promotor, com um juiz, com um senador, com o presidente. Para quê?

Fabián ficou tonto e sentou-se de modo brusco. Foi tomado por uma vergonha repentina.

— Preciso de alguém que me traga minha filha de volta, por favor.

Não se importava de chorar, mas as lágrimas não saíam.

Só sentiu um enorme cansaço.

Mondragón tocava o bigode e continuava se balançando, inquieto. Blanco se levantou.

— Vai ser melhor deixá-los descansar.

Fabián pareceu ter ouvido algumas desculpas de Blanco, um “não sabia de nada”, mais outro “digamos” de Mondragón. Sentiu a mão no ombro (era de Blanco, leve e firme como a mão de uma mulher), e em seguida ficou sozinho com Lila.

Fabián arrastou-se até sua mulher, que continuava sentada e imóvel, e abraçou suas pernas.

13

Passaram-se duas semanas. Três. Mais um mês.

Quando se completaram dois meses do desaparecimento de Moira, uma revista de atualidades publicou uma matéria de oito páginas sobre o caso. Fabián obrigou-se a ler. O jornalista que assinava tinha excelentes contatos. Falava de uma interna que transpôs o Departamento Central de Polícia, onde os chefões das diversas seções atuavam como em castas, em uma antiga disputa. E a Suprema Corte não escapava do ventilador. O juiz Trapani tinha conflitos de longa data com seus pares e, ao que parecia, sua atitude com relação ao caso Moira era uma tentativa de desviar a atenção de algumas causas que faziam estremecer sua estabilidade.

O jornalista descrevia o episódio das escutas telefônicas e ressaltava as contradições evidentes dentro da polícia. A matéria era uma extrapolação sobre as imperfeições da justiça e da segurança e não aprofundava o caso em si. Nenhum perito levantava conjecturas, embora se pudesse entender que se sustentava a hipótese de que Moira era uma vítima involuntária de uma ação contra Cecilia.

Depois das escutas, a televisão tentou recapturar Fabián e o assédio aumentou durante alguns dias. O desinteressado produtor que tinha dado seu primeiro celular se apresentou em pessoa para falar com ele, mas Fabián foi claro: se quisesse, devolvia-lhe o telefone, mas não faria mais relatos à imprensa. Outro canal de TV quis convencê-lo a receber em sua casa um parapsicólogo que afirmava ter percepções muito claras sobre o paradeiro de Moira. Fabián sentiu, pela primeira vez desde que tudo começou, um prazer especial em mandá-los à merda.

Então, começou a maltratar muita gente. Policiais, jornalistas, pessoas na rua que lhe faziam perguntas imbecis. Percebeu que o exercício do ódio reduzia um pouco o sofrimento. Com esses choques cada vez mais frontais com o mundo exterior, Fabián aproveitou para se fechar em si. Agora, trabalhava nas

documentações de arquitetura no computador de casa. Assim, chegou a um acordo com Carreras, que se mostrou muito condoído pelo que ele estava passando. Encontrou-se com ele algumas vezes, o abraçou e chorou, tudo com um constrangimento que reforçava o momento emotivo. Fabián até sentia falta dos sonhos eróticos de Carreras e dos encontros na diminuta copa, tomando mate, mas queria estar com Lila. Ir ao estúdio tinha sido um ato de negação. A frase “o show deve continuar” parecia-lhe uma das mais estúpidas do mundo. Como dizer “a vida continua”.

A concentração de Fabián mantinha-se em períodos de uma hora, não mais que isso. Quando a angústia lhe dava um nó na garganta, deixava de trabalhar e saía para caminhar. Mas tentava fazer um percurso que não lembrasse Moira. Algo praticamente impossível.

Começou a ter uma nova sensação. Era a percepção, inédita até o momento, de que a vida o golpeara tão duramente levando Moira, que nada pior podia acontecer. Começou a levar longe a inevitável arrogância de quem passou por momentos-limite e, embora não quisesse aceitar isso, sentia-se acima de outros mortais que vivem na mediocridade de uma vida sem tragédia. Agora sentia uma dor que nunca poderia pôr de lado. Uma dor que se cicatrizava em todo seu corpo e marcava sua invulnerabilidade. Quase um estandarte.

Atravessou um reino inteiro de sofrimento e saiu vivo. Não havia nada que pudesse machucá-lo mais. Estava enganado, claro.

No começo de agosto, o expediente do caso Moira entrou no limbo do irresolúvel. Mesmo Fabián continuando em contato com os principais investigadores, era claro que em cada reunião as informações já não se acumulavam. Não havia novas pesquisas, nem contribuições que renovassem a causa. Não aparecera nenhuma pista capaz de provocar um impulso inesperado, dos que colocam as peças no lugar.

Fabián estava na terceira fase de sua relação com os policiais. Primeiro, e historicamente, teve medo deles. Depois, à medida que o caso avançava, começou a odiá-los. Nesta última e terceira fase, sentia simplesmente que não os compreendia. Para ele, a polícia era uma organização esotérica e hermética. Toda comunicação com eles era impossível. Entregava-se à incerteza, tentando ter uma esperança, uma resposta.

Sempre teve fascínio pelo mundo do crime, como os fãs de determinados gêneros de filmes. Devorava a seção policial do jornal e acompanhava os casos com um interesse que ia além da morbidez comum. Era como acompanhar uma partida de xadrez, com a expectativa de estar ciente de seus pormenores e de sua resolução. Agora que o assunto lhe tocava diretamente, era impossível tomar distância. Dava-se conta de que o fator mais importante e notório em um caso policial da vida real era o caos. Somente na ficção um mistério saía à luz quando um detetive habilidoso resolvia um caso. Aqui fora, na realidade, tudo era complexo e inatingível.

Na segunda-feira, 16 de agosto de 1999, Fabián tentou correr em volta da praça, e a falta de ânimo, somada às lembranças incontroláveis, fez com que desistisse. Anoitecia, e os movimentos da rua se tornavam mais urgentes enquanto as pessoas se apressavam para regressar a suas casas.

Quando abriu a porta do apartamento, encontrou Lila deitada no chão da sala, de barriga para cima, olhando para o teto com

uma expressão ausente. Parecia que o chão era seu lugar habitual para a reflexão.

Fabián aproximou-se dela. Causara-lhe uma impressão forte vê-la ali, imóvel, atravessada pelas sombras dos galhos de tília que se movimentavam levemente. Lila devolveu o olhar como se fosse ele quem estivesse fora de lugar. Fabián viu que havia chorado, e muito.

— O que foi?

— Nada. Discuti com Doris.

Fabián ajudou a esposa a se levantar.

— Vamos dizer a ela para não vir mais — disse Fabián. — Por que discutiram?

— Por bobagens. Sabe como ela é. Está meio pancada.

Lila passou as mãos no cabelo e olhou pela janela, dando-se conta de que já era de noite.

— Que horas são?

— São vinte para as oito.

— Está com fome? — Lila parou na porta da cozinha.

— Sim.

— Quer pedir algo ou fazemos aqui?

— Fazemos algo aqui — disse Fabián.

Tomou banho e, quando voltou à cozinha, Lila estava preparando o molho de tomate para a pizza. Fabián preparou a massa e deixou descansando. Movimentavam-se metodicamente pela cozinha, conscientes de que, no ato de cozinhar juntos, o que não faziam havia meses, faltava um terceiro integrante que falava com eles de todos os cantos ocultamente. Mas seguiram adiante, tentando entrar em um esquecimento temporário e reparador.

Durante o jantar, falaram de bobagens engraçadas, quase como em seus bons tempos, aqueles em que compartilhavam um código comum de ironia no qual os amantes deixam fora o mundo que não lhes importa.

Fabián pensou que, apesar do pequeno oásis que tentavam ter, a vida por vir, se Moira não voltasse, seria isto: tentar evitar uma maldição silenciosa que se apoderara deles.

Agora entendia na própria pele o que só imaginara vagamente: cada desaparecido é o início de um grito que já não se contém. A morte é algo mais libertador, é algo que tristemente dá uma resposta. Mas alguém que desaparece é uma pergunta interminável.

Terminaram de comer e viram um pouco de televisão. Na TV a cabo, estava passando *Scarface*, com Al Pacino, um filme de que Lila sempre gostou. Tentaram vê-lo até o fim, mas os olhos de ambos se cerravam, e se viram caindo de sono. Em um gesto conhecido pelos dois, foram ao mesmo tempo para o quarto.

O frio ainda não deixava que se anunciasse a primavera. Meteram-se debaixo da colcha de linha comprada por eles em San Luis no ano em que se conheceram, em uma das poucas viagens que puderam fazer. Nenhum dos dois procurou o outro para que se amassem como em outras noites. Ficaram quietos, sem falar, mas sabendo que alguém tinha que dizer algo. Lila aconchegou-se nos braços de Fabián; e ele olhou seu perfil, iluminado à meia-luz do abajur. Agora que estavam na cama, nenhum dos dois dormia.

Este sempre era o momento no qual Lila chorava e Fabián a abraçava e consolava. Mas, dessa vez, Lila não chorou. Fechou os olhos, com os lábios entreabertos, parecendo que respirava com dificuldade, com um pequeno chiado que também continha um gemido.

— Sim. Melhor dizer a Doris para não vir por um tempo — disse Lila. — Ela tem que entender. Já não sou uma inválida deprimida.

— Deve sentir-se sozinha, não?

— Problema dela. Não é que eu não seja grata pelo que ela fez. Mas é o suficiente. Ela se intromete demais.

— Por que se deitou no chão?

Lila fez silêncio, e nesse momento os barulhos da rua foram interrompidos. Virou um pouco a cabeça para Fabián e a luz do abajur que vinha de trás lhe fez um halo no cabelo, como se estivesse em chamas.

— Quando vim para a capital para estudar, tive uma série de cólicas renais. Eram persistentes. Tive tantas que perdi a conta.

la à emergência do Pirovano, me davam um remédio, eu tirava uns dias e as dores voltavam. Fiquei com medo de ter que operar e, por idiotice, não fui mais ao hospital. Comecei a fazer banhos de imersão com água bem quente, que às vezes funcionavam. Li em um livro que se deitar em uma superfície dura podia acalmar também.

— Não era um livro de Kaváfis, não? — perguntou Fabián.

— Não. — O rosto de Lila talvez tenha ensaiado um sorriso nesse momento. Mas Lila não era de sorriso fácil. Não era uma moça simpática. Fabián gostava disso.

— Assim, comecei a me deitar no chão. E funcionou. Me acalmava. E você sabe do que gostei? Que depois de um tempo deitada, tinha a sensação de que olhava não o forro, mas, sim, o chão, e que estava com as costas contra o teto, magicamente, sem cair. Sentiu isso alguma vez?

— Não.

— Deveria experimentar. É algo único.

— Tinha namorado nessa época?

De novo, surgiu um silêncio na penumbra em que descansava o rosto de Lila.

— Não.

— Ninguém que cuidasse de você?

— Só tinha a mim mesma.

— Ah, tá bom! Você não é mulher de ficar muito tempo sozinha. Teria sempre alguém por perto.

— Naquela época, não... — Lila suspirou. — Você sempre pensou muitas coisas a meu respeito...

— E o que isso quer dizer?

— Que construiu uma Lila que não é totalmente real. Só existe para você.

— Os apaixonados não fazem isso?

— Tem razão. Afinal, sou eu a que devora livros e o inteligente é você.

Fabián beijou-a, e foi muito calmo, mas não sentiu nada durante o beijo.

Voltou a apoiar a cabeça na almofada.

— Nunca me falou de seus ex-namorados. Eu, ao contrário, te descrevia cada um de meus relacionamentos.

— Fazia para se gabar.

— Não, por quê? Um homem quer compartilhar tudo com sua mulher... E, sim... fiz para me gabar.

Fabián queria aproveitar o bom momento para proporcionar algum riso, algum consolo, um ganho nessa batalha que tinham perdido e nem sabiam contra quem.

— Acho que vou tentar dormir — disse a voz da mulher na escuridão.

Fabián sentiu uma pontada de decepção, mas disfarçou.

— Como quiser. Estava interessante a conversa.

— Já sei. É o privilégio de ter uma mulher como eu ao lado.

Essa ironia fez com que Fabián desejasse voltar no tempo, quando nada do que os destruiu tinha acontecido.

Deviam ser quatro da madrugada quando Fabián acordou. Lila havia pronunciado em sonhos o nome de Moira. Fez isso muitas vezes, mas sempre gritando, como se tentando capturar o momento para não perdê-lo, para não esquecê-lo. Agora, disse em uma afirmação clara: Moira.

Fabián pôs a mão na testa de Lila e ela se aquietou. Recostou-se de novo e dormiu quase imediatamente.

Acordou e achou que tinha dormido apenas alguns segundos, mas, em seu relógio, já eram cinco e vinte. Ainda estava escuro. Lila estava sentada na cama, mas não se via seu rosto. Quando passou um carro pela rua, o reflexo da luz arrastou-se pela parede e, durante uma fração de segundo, o rosto de Lila apareceu diante dele. Chorava de novo e o olhava como se o empurrasse com os olhos.

— Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida — disse, com voz entrecortada. — Te amo. Nunca pensei que fosse amar assim alguma vez.

— Eu também te amo — respondeu ele, mas sem explicações. Não conseguiu abraçá-la. Apenas olhou para ela ao seu lado na cama, como se fosse uma esfinge que espera na penumbra.

— Tente dormir.

— Sim.

Fabián fechou os olhos. Lila continuou sentada na cama até que, aos poucos, a respiração de seu marido se fez mais ritmada.

Esperou mais alguns momentos. Inclinou-se sobre Fabián, como se fosse beijar seus lábios, mas se deteve no meio do gesto. Esperou mais um pouco.

Levantou-se em silêncio, com um roçar de lençóis. Ficou parada olhando para Fabián durante um bom tempo.

Andou até o armário, abriu-o e pegou uma lata cilíndrica vermelha, que originalmente era de biscoitos dinamarquenses e logo foi transformada em caixa de costura. Levou-a para a sala a fim de não fazer barulho.

Destapou-a com cuidado e revirou com os dedos os carretéis de linha e jogos de agulhas, tentando encontrar o que estava procurando.

Finalmente, pegou as tesouras e observou-as sob a luz que entrava pelas frestas da persiana. Eram prateadas, de haste preta. Abriu-as e fechou-as algumas vezes. Fizeram um pequeno estalo, quase como o de um inseto zumbindo.

Mario Graviotto, o ruivo, arrumou os jornais do dia cobrindo-os de tal modo que um pedestre tivesse que pegá-los da pilha para poder ler as manchetes completas. Sabia por experiência que, uma vez apanhado o jornal, havia mais probabilidade de compra que de devolução à pilha. Por outro lado, se as manchetes pudessem ser vistas completamente, o pedestre lia e seguia seu caminho sem comprar. Aprendeu esse truque com o pai, quando tinha doze anos e se levantava às quatro e meia da manhã para ir receber os jornais com ele. Agora tinha 42.

Durante trinta anos, levantou-se todos os dias para abrir a banca. Sua filha mais velha fez um cálculo aproximado: Mario abriu a banca umas 10.950 vezes. O número não lhe pareceu tão importante.

A única coisa que Mario queria era trabalhar de sol a sol mais alguns anos, e assim poderia comprar o ponto do dono, um basco carrancudo do centro da cidade que tinha quarenta bancas espalhadas pela capital, em um império indestrutível. Mario conformava-se em comprar apenas a sua, algo que o pai não conseguiu, para assim realmente começar a descansar.

Com ensaiada resignação, viu Zulma, a maluquinha, andar, como todas as manhãs por volta das seis. Era uma mulher que percorria as ruas e ninguém sabia onde era sua casa. Via-a todos os dias havia dez anos. Vestia sempre um pulôver preto de gola alta, de modo que sua cabeça parecia descansar sobre um cálice. Tinha a pele curtida pelo sol da cidade; as mãos eram uma crosta marrom. Usava uma camiseta cinza junto com um cinto carcomido e um tênis All Star já sem cor com o qual alguém deve tê-la presenteado em um acesso de piedade.

Todas as manhãs, aproximava-se da banca com o mesmo papo. Assim, Mario preparou-se para a conversa.

— E aí, Marito? A *Ciclope* chegou?

— Não. Não chegou ainda, Zulmita.

Mario demorou alguns anos para entender o que aquela mulher queria dizer, até que seu pai, recuperando a lucidez por um momento em sua cadeira de convalescença, matou a charada.

— *Ciclope, a incógnita do espaço* — disse o pai. — Era uma revista em fascículos, sobre óvnis, que saía nos anos 1970. Vendia bem.

Zulma, a maluquinha, examinava as revistas balançando bruscamente a cabeça, para cima e para baixo, como um passarinho curioso.

— A *Ciclope* não veio? — repetiu.

— Não, não veio. Só mês que vem.

— Porque preciso saber quando chegam os marcianos.

— Sim, claro. Precisamos estar informados sobre isso.

Zulma abriu um pacote de papel sujo que segurava nas mãos e pegou algo que parecia pão, embora Mario talvez não aguentasse dar uma segunda olhada. Começou a comer, pensativa enquanto mastigava.

— Por que não vai para a praça comer? — Mario olhou-a severamente.

Cada vez que começava a comer, fazia sujeira; e isso espantava os clientes.

— Não, a praça já está cheia, querido — respondeu Zulma, como se estivesse explicando para uma criancinha.

Mario teve uma ideia. Vasculhou em um baú dentro do qual colocava as revistas excedentes que ninguém mais procurava. Encontrou um velho exemplar da *Superinteressante* em cuja capa se viam as pirâmides e um barco afundando em um mar de forma triangular. Mostrou a revista a Zulma.

— Aqui tem, Zulmita. Olha. Esta fala de marcianos. Está vendo? Leva para você. Não precisa pagar.

Como tinha sido estúpido! Dez anos suportando essa dona e era a primeira vez que lhe ocorria tal genialidade.

A louca Zulma folheou a revista com um inesperado olhar crítico, lendo as manchetes.

— Não, querido, esta não é a *Ciclope*. Acha que sou boba?

Mario ia expulsá-la, mas não chegou a abrir a boca. Ouviu-se um inesperado barulho de galhos quebrados e, em seguida, um estrondo violento os deixou petrificados, e a banca sacudiu-se a ponto de várias revistas saírem do lugar, sendo levadas pelo vento da manhã. Mario e a doida encararam-se por um instante, com mútuo olhar interrogativo. Zulma deu alguns passos para trás e olhou para cima do teto da banca. Ficou boquiaberta e começou a gritar descontroladamente.

— Chegaram! Enfim, chegaram! — gritou Zulma. Afastou-se correndo, olhando de vez em quando para trás.

Mario olhou para cima da banca: havia um corpo caído, que afundou o teto, dobrando a chapa como se fosse papel.

A enlouquecida Zulma viu um marciano, mas Mario era mais inclinado a crer que era um anjo.

O cabelo comprido, preto e lustroso que caía da beira do teto cobria o rosto de uma mulher. Uma gota de sangue deslizou pelo cabelo e caiu, ficando marcada em uma telha.

A ambulância ultrapassava os semáforos fechados. Ao lado do motorista, havia um médico com barba de três dias e olhar um pouco vidrado. Segurava no cinto de segurança e, a cada freada, apoiava a mão na parte superior do porta-luvas. O motorista já tinha passado por dias melhores, mas era bastante habilidoso. Tentava não pensar muito a fundo em seu trabalho. Pôs na cabeça que este consistia em acelerar; uma corrida contra a morte, que na maioria das vezes se perde, não dura muito tempo. Não sabia se dessa vez ia ganhar a corrida, mas tentava.

Na cabine de trás, junto a Lila, estavam Fabián e o outro médico, que usava óculos fundo de garrafa que lhe davam um ar de caricatura. No absurdo da situação, Fabián chegou a pensar se o médico enxergava o suficiente para realizar corretamente sua tarefa.

Lila estava deitada na maca, inconsciente. Usava máscara de oxigênio, e cintos de fixação atravessavam seu corpo, imobilizando-a. Tinha um ferimento na parte superior esquerda da cabeça, que podia ser percebido debaixo do curativo e estendia-se por uma área arroxeadada que ia da testa até o nariz.

Do ângulo de visão de Fabián, os olhos de Lila estavam entreabertos, e parecia que ia abri-los de uma hora para outra.

O mais difícil foi descer com ela da banca de jornais. Foi desesperador. O motorista da ambulância e os dois médicos não tinham uma escada, eram seis e meia da manhã e estava tudo fechado. Fabián acordou Miriam, a zeladora de seu prédio, e conseguiu uma escada metálica, que usaram para subir a maca. No entanto, as tentativas de acomodar Lila nela, com os médicos empoleirados no teto de chapa e tentando manter o equilíbrio, resultaram em uma espécie de coreografia grotesca presenciada pelos policiais da patrulha que havia chegado e pelas pessoas que iam se juntando. Finalmente, conseguiram descer com ela. O ruivo Mario, da banca de jornais, chorava. Começou a fazer isso quando reconheceu a mulher que caiu como “a morena do quarto andar”. Ao saber que a conhecia, pôde evidenciar sua sensibilidade bairrista.

Fabián ainda não sabia como conseguira aguentar descer quatro andares aos saltos e ir até a calçada sem saber as consequências da queda. Não a viu cair, mas havia escutado o barulho dos galhos da tília se quebrando quando Lila os atravessou. Foi até a varanda e a viu no teto da banca de jornais, com sua camisola branca, que ficou levantada, mostrando suas coxas. Deu a sensação de que apenas estava inconsciente, mas ele não tinha como saber com certeza. Logo que um dos médicos fez um gesto de “positivo” com o polegar ao descer com ela, Fabián encontrou o ansiado alívio. Mas o quadro não era simples. O médico dos óculos fundo de garrafa usou esta expressão: “não era simples”. Fabián pensava que a frase podia implicar muitas coisas no jargão dos médicos.

Concentrou-se de novo na expressão de Lila na maca. Lembrou-se de ter perguntado a ela se alguma vez não havia tido vontade de ser atriz. Ela sempre riu disso. Agora, a situação da ambulância apresentava-se como uma encenação em que uma atriz representava o papel de mulher gravemente ferida. Parecia muito convincente, mas era tudo uma farsa. A qualquer momento, gritariam “Corta!” e o médico dos óculos fundo de

garrafa e Lila iam se descontraír, rindo e esperando a próxima tomada.

Mas os minutos passavam e ninguém gritava “Corta!”.

A ambulância desviou-se da Álvarez Thomas e entrou na avenida Galván. Em apenas alguns minutos, chegou à plataforma de estacionamento do hospital Cemic. Fabián seguiu os médicos com a maca até se meterem pelo corredor de serviço e uma doutora o conter com a mão no peito dele. As portas de vaivém o separaram de Lila. Sentou-se em um pequeno banco branco e, repentinamente, começou a tremer de frio, até que uma enfermeira lhe trouxe uma manta e um café. Sentado, apoiando-se em uma parede cheia de cartazes didáticos sobre saúde, via passar jalecos brancos só até a altura do terceiro botão, de baixo para cima, sem ver os rostos. Havia bastante movimento de médicos.

Fixou a vista no copinho de isopor com o café que não havia tomado.

Sua atenção se voltou para o líquido escuro e encontrou ali um limbo no qual seus pensamentos iam e voltavam.

Acordou de novo, e já amanhecia. Descobriu que Lila não estava na cama junto a ele e ficou um tempo esperando. Pensou que poderia ter ido ao banheiro, mas ela não voltava. Esperou um pouco mais e levantou-se. A porta do banheiro estava entreaberta e Lila não estava. A primeira coisa que viu quando entrou na sala foi a caixa de costura aberta em cima da mesa. Foi à cozinha e não havia ninguém. Voltou ao quarto, convencido de que Lila tinha ido à rua fazer sabe-se lá o quê. De novo, entrou na sala e só então lhe ocorreu de olhar para a varanda. Nunca entendeu por que não olhou antes, já que a persiana estava levantada e o sol do amanhecer entrava pela janela. Mas não: atravessou a sala uma vez, voltou ao quarto e só então olhou. Isso o fez perder segundos essenciais. Os mesmos segundos que perdeu na estação de metrô quando não conseguiu passar pela catraca e não alcançou Moira. Por que estava chegando tarde a tudo? Que sadismo do destino, que cínico manipulador de fantoches dispunha as coisas assim?

Olhou para a varanda e, então, a viu. Estava de costas. Primeiro, pensou que estivesse arrumando a jardineira que se estendia pela rede de proteção. Por um instante, até se alegrou. “Está se recuperando”, pensou. “Ela se levantou cedo para arrumar as coisas de casa.” Mas, em seguida, o pensamento lhe pareceu ridículo. Fazer algo assim às seis da manhã não era normal. Então, o braço de Lila, que estava manipulando algo que seu próprio corpo cobria, se mexeu um pouco mais e só então Fabián viu as tesouras, que abriam e fechavam cortando a rede de proteção.

Demorou outro segundo para dar-se conta do que isso implicava. Gritou, ou achou que gritou, mas Lila não se deteve nem olhou para trás. Sua despedida de Fabián fora antes, quando quase o beijou na cama e preferiu não fazer isso. Às vezes, as mulheres são injustas nos momentos decisivos.

Lila afastou para os dois lados a rede cortada e, sem hesitar, subiu no parapeito da varanda, deixando-se cair.

Na antessala da unidade de terapia intensiva, formou-se um grupo considerável. Ouvia ao longe as breves frases pronunciadas à sua volta. Carreras, Doris, Mondragón, Blanco e Natalia, a amiga de Lila. Até Silva estava presente, reto, sem falar, com olhar grave, sempre em um lugar meio afastado, como se para observar o panorama completo.

Fabián sabia que tinham colocado um policial que barrava as câmeras na entrada do hospital, mas estava certo de que algum repórter conseguiria furar a barreira. Não importava. As coisas vãs do mundo ficavam distantes agora.

Uma médica jovem, mas incrivelmente grisalha, com um rosto límpido que só mostrava umas leves rugas ao redor dos olhos, estava encarregada de cuidar de Lila. Tinha entrado com ela na sala de cirurgia havia seis horas. Informou a Fabián que o maior dano que Lila sofrera não fora pelo traumatismo da queda, mas, sim, pelos galhos da árvore. Um dos galhos entrara nela como um punhal por baixo da axila, quebrando uma costela, atravessando a pleura e entrando no pulmão. Estavam cuidando disso.

Perto das duas da tarde, Fabián entrou em um incontável torpor. O copo de café estava destruído entre seus dedos. Apenas Carreras estava lá. Travou uma conversa com ele, que tinha a capacidade de abstrair-se de qualquer situação. Tinha contado do trabalho, que havia começado a praticar remo, mas que era muito difícil. Que seu filho mais velho queria comprar uma bateria. Logo, a onda de Carreras baixou e abriu um mar de silêncio.

Nenhum dos dois tinha mais o que dizer. Fabián convenceu-o finalmente de que, se fosse para casa, ia ficar bem e qualquer coisa ligaria.

Ficou meia hora no banheiro do hospital, sentado no vaso, olhando para a porta que tinha algumas inscrições obscenas e escutando o barulho das pessoas que entravam, tentando adivinhar, por seus movimentos, sua aparência.

Quando voltou à sala de espera, a médica de cabelos grisalhos e olhar intenso foi dizer a ele que estavam levando Lila para a unidade de terapia intensiva.

— Vai precisar ficar em observação — disse-lhe enquanto acendia um cigarro, causando olhares de reprovação. — A ferida mais importante está limpa. Mas há risco de infecção.

— Posso vê-la? — disse Fabián.

— Não. Está fazendo tomografia agora.

— Por quê?

— Estamos verificando a gravidade do traumatismo craniano. — A mão da médica tocou suavemente o braço de Fabián. — Pode haver outras lesões que não são vistas a olho nu ainda, entende? É preciso esperar. Por que não vai para casa? Aqui não pode fazer nada.

— Esteve consciente alguma vez?

— Sim, mas foi como se acordasse de um sonho. Não reconheceu ninguém nem disse nada.

Um funcionário ligou para a médica e trocou algumas palavras com ela. A mulher voltou a falar com Fabián.

— Há um problema com alguns jornalistas lá fora. Estão impedindo a entrada de outros pacientes.

— Por mim, pode mandá-los à merda.

— Não irão embora enquanto o senhor estiver aqui dentro. Insisto: vá para casa. Vou passar meu celular e o mantenho informado. Mesmo ficando, não conseguirá vê-la. E, quando dissermos aos jornalistas que o senhor não está, eles vão liberar o hall. Pode sair pela porta que dá para a Triunvirato. Lá não há ninguém.

Alguém pôs a mão em seu ombro. Era Silva. Fabián não se dera conta de que ele estava junto ouvindo o que a médica dizia.

— Vamos que eu passo para te buscar.

Fabián saiu pela porta do hospital justamente quando o Peugeot de Silva passava. Quando apoiou a cabeça no assento do carro, dormiu. Acordou quando Silva o sacudiu devagar, tocando-lhe o ombro.

— Há jornalistas na porta de sua casa — disse.

Chegaram à esquina da Céspedes com Álvarez Thomas e viram a entrada do prédio. Havia câmeras filmando a banca de jornais, gente na porta, funcionários de unidades móveis dispersos e inquietos. Uma penca de cabos pretos atravessava a calçada e desembocava em uma série de geradores.

— Não posso entrar em minha casa sem que me vejam — disse Fabián.

— Vamos à minha, então.

Silva acelerou e o automóvel atravessou a avenida, deixando o assédio para trás.

A casa de Silva ficava em algum lugar indeterminado fora dos limites da General Paz. Era uma construção de dois andares, com um jardim em frente que guardava uma árvore apenas, inclinada pelo vento. Entraram em um sala silenciosa. Fabián recostou-se em um sofá e voltou a dormir. Acordou às oito. O portal da sala dava para um pequeno jardim, com algumas cadeiras de ferro como as dos velhos solares dos tempos de menino. A casa continuava silenciosa. Perguntou se Silva morava sozinho.

— Com meu filho, mas agora está com a mãe. Somos separados.

Fabián lembrou que Silva tinha um filho de onze ou doze anos, e também se recordou que teve outra filha, a qual morreu

tragicamente.

Convenceu-se de que cada casa do mundo escondia alguma dor.

Silva serviu café expresso a ele, sem açúcar.

— Que chato isso de sua esposa... Não notou nada de diferente?

— Não. Não estou muito atento esses dias.

— Claro...

— Não quero incomodá-lo.

— Deixa de besteira. Estava lá e te dei uma mão, nada mais.

Fabián discou o número de celular da médica. Não respondeu Silva.

Deixou uma mensagem na caixa postal.

Às nove, Silva pediu empanadas ao delivery. Fabián não conseguiu comer. Sentia-se um pouco incomodado. Além disso, estava com a sensação irreal que já tinha virado costume. Silva não parecia ter a necessidade de preencher o silêncio com palavras.

Fabián ligou de novo para a médica. Não sabia seu nome. Deu dois toques e uma voz de homem atendeu.

— Sou o doutor Munro. Trabalho com a doutora Herrera. Ela não pode atender porque está na sala de cirurgia com sua esposa de novo.

Levaram quinze minutos para chegar. Silva estacionou pela entrada da Galván. Não havia gente da imprensa. Andaram pelos corredores internos até a antessala na qual estiveram mais cedo. Fabián encontrou-se com Doris e Natalia, que tinham voltado.

— Quis voltar. Estava preocupada — disse Natalia.

— Onde estava? — disse Doris. — Liguei para sua casa a tarde toda.

Fabián ignorou-a e foi até o acesso das salas de cirurgia. Quando estava quase chegando à porta, esta se abriu e a médica apareceu. Agora já sabia que se chamava Herrera. Usava uma máscara que tentou tirar, mas o nó não cedia e ela acabou arrancando-a com um gesto brusco. A máscara caiu no chão.

— A infecção se complicou — disse a doutora Herrera. — Perdemos a paciente. Não havia nada a se fazer.

Fabián ficou olhando para ela.

— Está de brincadeira... — disse.

— Quem dera... — respondeu a doutora.

Fabián continuou olhando para ela. A médica tinha agora uma expressão de dor muito peculiar. Olhou para Fabián como se fosse um amigo que conhecia desde sempre, alguém com quem talvez tivesse enchido a cara ou discutido política, nunca muito a sério. A dor de seus olhos era tão real que, se a doutora Herrera sofria assim com cada paciente que perdia, certamente estava perto de se tornar santa.

Fabián deixou-se cair no pequeno banco em que estava sentado antes. Silva e Natalia foram até ele, e tia Doris levantou os olhos para o céu murmurando palavras ocultas, mas Fabián se afastou deles. O mundo expandia-se ao seu redor e o branco de paredes e pisos fundia-se a uma brancura maior, até que ele apenas fosse um ponto imóvel no meio de uma clara imensidão.

Ernesto Danubio não conseguia se decidir. Gostava do poema e sentia que era um verdadeiro desafio trabalhar com ele como soneto, mas não tinha certeza.

Pairava no ar a caneta-tinteiro sem tocar o papel, tentando fazer com que a tensão desse suspense se transformasse em inspiração que definisse a incerteza.

Acabava de dar-se conta de que do lado de fora chovia bastante, quando acreditou ter escutado a campainha da porta de entrada. Certamente, era sua imaginação. Mexeu-se em sua cadeira estilo império, prestando mais atenção.

Quando ia voltar ao poema, a campainha tocou de novo. Quem tocaria a campainha àquela hora? Já tinha passado de uma hora da manhã. Levantou-se e foi até a porta do escritório. Novamente, a campainha tocou. Agora, parecia que alguém descansava o dedo nela, pela extensão do som.

Desceu as escadas tentando não fazer barulho. Parou sobressaltado quando voltaram a tocar a campainha. Aproximou-se com cautela da porta e verificou através do olho mágico.

Exclamou quando reconheceu quem estava tocando, parado, sob a chuva persistente.

Ernesto Danubio abriu a porta. Seu filho quis dar um passo, mas os joelhos dele fraquejaram. Ernesto tentou erguê-lo, porém o peso de Fabián o fez fraquejar e cair de joelhos também.

Ernesto abraçou-o com cuidado. Os dois ficaram ajoelhados.

Com esforço, o pai conseguiu que o filho entrasse em casa e fechou a porta, deixando a noite lá fora.



FASE DOIS

O HOMEM NO TETO

1

O doutor Levín se acomodou em sua poltrona e juntou os dedos das mãos, olhando para ele em silêncio. Fabián supôs que aquele era um gesto que Lila teria visto muitas vezes. O consultório de Levín era agradável, mas a única janela, minúscula, dava para uma área de ventilação da qual vinha um persistente cheiro de fritura.

Levín tinha duas partes de cabelo grisalho que demarcavam uma calvície que lhe caía bem, quase como se tivesse nascido com ela. Por baixo de seu paletó, usava uma camisa branca de listras. As pernas, em calças de veludo, cruzavam-se no gesto típico dos psicólogos, e completava o quadro com a mão embaixo do queixo, que sustentava o maxilar, direcionando seu rosto para Fabián, correspondendo, assim, ao visual padrão do profissional que ouve porque vive para isso.

— Como você está?

— Parado — respondeu Fabián.

— Parado por estar de pé ou parado por estar imóvel?

— Me sinto congelado.

Imaginou que Levín interpretava suas palavras sem poder evitar isso.

Certamente, “parado” também tinha uma conotação sexual. O pênis que permanece em ereção porque já não tem destinatária. “Congelado” associava-se à imobilidade, mas também à morte e à frieza final do amor.

A vida dos terapeutas é muito divertida.

Não era a primeira vez que Fabián estava ali. Fora algumas vezes com Lila, em uma pretensa terapia de casal que não deu muito certo. Na última vez, foi sozinho, sem que Lila soubesse.

Tinha agendado uma conversa com Levín para entender um pouco mais sobre o que se passava com ela. Sentiu-se mal por essa conversa, como se estivesse ultrajando a confiança de Lila. Tampouco conseguiu evitar o ciúme dele por Levín, a raiva que

surgia de saber que conhecia detalhes da mente de Lila aos quais ele jamais teria acesso.

E agora menos que nunca.

— Está recebendo apoio?

— De um terapeuta do plano de saúde.

— E o que acha?

— Tenho consulta com ele duas vezes por semana. Ouço-o. Falo um pouco. Ele assina um papel e eu vou embora.

Levín fitava os olhos de Fabián, que os mantinha em um pequeno movimento oscilante que denotava certo estado de alerta.

— Gostaria de recomendá-lo a um terapeuta, se o do plano não está sendo bom.

— Como quiser. É tão bom quanto você?

— Isso não posso dizer. Mas, sim, é muito bom.

Levín não havia captado a intenção na pergunta de Fabián. Será que da mesma maneira que não notara os sinais de Lila que indicavam que ela podia pular da varanda?

Fabián recebeu o papelzinho que Levín lhe passou com o nome do terapeuta. Guardou-o no bolso do casaco sem nem sequer ler.

— Ainda não consigo acreditar no que aconteceu. Estou muito consternado. Dolorido — disse Levín. — As sessões que tive esses últimos meses com ela forem difíceis, claro. Mas não havia nela uma estrutura visível que a levasse até isso. — Levín suspirou e alisou o cabelo com enfado. — Era uma mulher brilhante. Muito inteligente. Talvez isso tenha jogado contra.

— O que quer dizer?

— Tinha uma percepção do mundo tão aguda, tão sensível, que era muito difícil para ela conseguir ser feliz.

Levín parecia abatido. Sua couraça profissional havia se dissolvido, submersa no ácido da realidade. E a realidade era que uma paciente se matara e ele não conseguira evitar.

— Não houve nenhum aviso, nada que pudesse ter sido um alerta? — perguntou Fabián.

— Eu teria preferido que ela tivesse avisado, porque isso significaria que ela conseguia falar sobre isso, em vez de fazer o

que fez.

— Não consigo acreditar que não houve como prever uma coisa dessas.

— Trabalhar com a mente humana é como mergulhar no desconhecido. Às vezes...

— Lila tinha depressão crônica, segundo você. Perdemos nossa filha há seis meses. Ela estava cada vez mais fechada em si mesma. Quase nem falava. Se esses não são sinais, o que seriam?

Os olhos de Levín pararam de oscilar e suas sobrancelhas se arquearam. As pontas dos dedos se desencostaram e suas mãos se entrelaçaram, descansando indefesas.

— Eu também me sinto frustrado por essa perda, Fabián.

— Supõe-se que você tinha que cuidar dela.

— Todos nós tínhamos que cuidar dela. Mas há um ponto em que não podemos fazer nada, um ponto ao qual não chegamos, ao qual não conseguimos acompanhá-la. Ela decidia sua maneira de viver. Também decidiu sua maneira de morrer.

2

Fabián subiu sem pressa na linha 39, na esquina da Jorge Newbery com a Niceto Vega. Não estava usando o carro. Ficava tenso quando dirigia. Além disso, no carro não poderia ficar jogando.

Pagou pela passagem correspondente até Barracas, até o fim do trajeto. Usava um gorro de lã e óculos escuros que ocultavam seu rosto, além da barba à qual já havia se acostumado.

Sentou-se em um dos últimos assentos individuais (era quase o começo do percurso e o ônibus estava vazio) e olhou pela pequena janela, concentrando-se no jogo.

Dessa vez, decidiu jogar “Bancas de jornal *versus* Locutórios”. Fabián defendia as bancas. Cada uma que via era um ponto para ele. Cada locutório era um ponto contra.

Quando chegou à Pacífico, as bancas (ou seja, ele) ganhavam de 18 a 14. Fabián esperava que, no trecho da avenida Santa Fé, a superioridade das bancas fosse definitiva. Mas não era confiável. A cada dia havia mais locutórios, desde que eles começaram a ter internet.

No dia anterior, no trajeto da linha 93, a disputa “Bares *versus* Lojas de Roupas” culminara em uma esmagadora vitória dos bares. E ele defendia os bares, por isso suspeitava que havia escolhido o ramo sabendo que era uma contenda em que teria vantagem.

Claro que nem todas as viagens de ônibus eram tão fantasticamente divertidas como essa. Às vezes, Fabián não tinha a mente suficientemente criativa e escolhia coisas que não funcionavam, como chaveiros ou autopeças de motos em regiões em que tais ramos de comércio não eram predominantes.

Quando esse era o caso, preferia brincar de “Descidas e Subidas”. Simplesmente contava as pessoas que desciam do ônibus e as que subiam. Esse jogo tinha suas variações: “Homens *versus* Mulheres”, “Crianças *versus* Adultos”, “Pessoas com Pastas *versus* Pessoas de Óculos”, e por aí vai.

Começou a fazer essas viagens de ônibus alguns dias depois do enterro de Lila. Germán chegou do Canadá e, por sorte, ocupou-se dos assuntos burocráticos. Não houve velório. Teria sido demais.

Os dias em que teve que esperar a cremação de Lila por causa do resultado das perícias judiciais foram intermináveis. Um novo promotor e novos investigadores somaram-se ao caso. Não registrou seus nomes. Sua mente já havia apagado certos detalhes propositalmente, como o reconhecimento do corpo, os interrogatórios sobre as circunstâncias da queda de Lila, como resistir ao assédio eterno da imprensa pelas reviravoltas do caso.

Os dias passados na casa de seu pai serviram de inesperado refúgio. Ernesto estava excepcionalmente sociável e conversador com o filho, e pela primeira vez na vida Fabián viu que o pai se mostrava generoso e se dispunha a ajudar alguém que não fosse ele mesmo. Mas a dor continuava. Nem um cômodo forrado de livros podia detê-la.

Surpreendeu-se muito quando soube que o pai iria ao enterro. Não conseguia esquecer a imagem grave e segura que tinha dele, parado com firmeza a seu lado, resistindo ao vento que teimava em bater nas pessoas presentes.

Fabián aceitou que o padre dissesse algumas palavras na capela, mas não ouviu nada. Em seguida, andou melancólico pelo pequeno caminho de pedras que corria entre os arcos.

Houve dois momentos que o levaram quase ao limite de sua resistência. Primeiro tiveram que esperar o caixão na entrada do forno crematório. Esse momento prolongou-se inexplicavelmente. Depois, carregar o caixão para entrar na tal sala. Nem se lembra bem de quem o acompanhava. Seu pai, supôs, e Germán, com certeza. Carreras estava lá, e Silva observava tudo alguns metros adiante. Todos os demais caíam em um manto difuso que não conseguia distinguir.

Conseguira manter uma certa compostura até aquele momento, mas o acesso à câmara foi insuportável. O cheiro que o envolvia lhe provocava náuseas. Nunca pensou que um cheiro pudesse se apossar de seu corpo como um fantasma parasita. A porta por onde o caixão ia passar, a vista parcial do forno que ia

receber o corpo de Lila, tudo foi observado por Fabián com consciência mínima, que não acabava de desmoronar porque se reduzira a um pequeno olhar.

Duas horas depois, as cinzas de Lila descansavam em uma urna, na prateleira de madeira em cima da máquina de lavar, na área de serviço. Não havia se animado a colocá-las em outro lugar.

O tranco da linha 39 fez com que voltasse ao presente. O ônibus dobrou na Talcahuano e deixou a Santa Fé. As bancas ganhavam dos locutórios de 31 a 21. A rua estreita obrigou a uma marcha lenta. As pessoas andavam pelas calçadas a metros de Fabián, entrecortando as luzes de neon das lojas. Começou a chover e as gotas que caíam no vidro funcionavam como prismas multicores.

Eram seis e meia e o inverno reinava sem contratempos.

Duas semanas depois de Lila desaparecer pela porta do Cemitério da Chacarita, Germán preparou-se para voltar ao Canadá. Não tinha certeza de que deveria fazer isso, Fabián deu-se conta, mas a vida devia seguir e ele tinha uma família. Os dias passados em Buenos Aires foram um reencontro agri-doce. Germán conseguiu discutir com o pai a questão de seu extremo isolamento. Como sempre, as tentativas de “intervenção” de Germán chocavam-se com o comportamento aferrado de Ernesto. Talvez no Canadá essas coisas funcionassem melhor.

Os dois irmãos nunca foram de falar muito, mas dessa vez os espaços vazios eram pesados. Parecia flutuar entre eles um pequeno discurso de Germán que dizia: “Tenho que voltar, porque os meus estão lá. Isso que está acontecendo com você me lembra da fragilidade de nossa vida, e como tudo pode ficar uma merda, por algo mínimo, como um dedo que destroça em mil pedaços a asa de uma borboleta. Sem barulho, sem alarde”.

Fabián ficou mais alguns dias com o pai, mas começou a sentir que precisava voltar para a Álvarez Thomas.

Um mês depois da queda de Lila, foi à esquina de sua casa. Notou que o teto da banca ainda estava deformado. Perguntou-se se existiam funileiros que consertavam bancas de jornais,

como os de veículos. Cada vez que imaginava esse tipo de coisa, voltava a pensar que sua mente era estranha.

Subiu para seu apartamento. Não entendia como fazia isso sozinho, sem ninguém o acompanhando. O lugar foi mantido e limpo por Doris, diligente como sempre e cada vez mais parecida com um velho e compacto tronco sobrevivente do desmatamento e dos incêndios de uma floresta.

Deitou e dormiu por doze horas. Acordou e, pela primeira vez em cinco anos, encontrou-se sozinho em sua cama. Diante da anulação definitiva da presença de Lila, pensava no quanto havia sido superficial se irritar com problemas de casal de ínfima importância. Olhou os objetos que tinham sido dela. Os cosméticos, a roupa, os livros. No armário entreaberto, o colar laranja de contas ovais que Lila usou na noite em que saíram, havia uma eternidade, brilhava como se tivesse luz própria.

Teve um súbito rompante de amargura ao pensar que ele fora mais resistente que ela diante da situação, quando estava certo de que ia ser o contrário. Sempre a considerou a mais forte dos dois, porque sempre achou que as mulheres são mais poderosas que os homens.

Deu-se conta de que o apartamento se convertera em uma prisão-fantasma, e foi nesses dias em que começou a sair de ônibus. Chegou a primavera e ele viajava pela cidade fazendo jogos mentais para esquecer, enquanto o mundo desfilava do outro lado do vidro.

As bancas de jornal ganharam por 46 a 37. Desceu em Pedro de Mendoza quando o motorista olhou para ele dando a entender que era o ponto final.

Andou alguns metros e tomou um táxi para voltar. Não ia jogar mais, não tinha ânimo e já tinha experimentado todas as variações. O esgotamento do jogo pareceu algo definitivo. Ia fazer a viagem de volta em silêncio.

Sabia que, ao chegar em casa, no armário do banheiro, o frasco com trinta calmantes que o psiquiatra do plano de saúde lhe receitara esperava por ele.

3

Lá fora, o dia estava radiante, mas a luz era percebida por Fabián como se fosse através de um véu. Não dormiu a noite toda. Olhava o frasco de comprimidos que tinha em uma das mãos. Com a outra, segurava o copo de uísque que o ajudaria a tragá-los.

Não tinha medo. Sentia que passar para o outro lado seria quase como mudar de canal na televisão. Este lado já era irreal para ele. O outro lado talvez lhe trouxesse alguma revelação.

Voltou a se perguntar se estava certo. O ato que estava prestes a cometer significava também que suas esperanças de encontrar Moira tinham acabado. E se a encontrassem sã e salva, dois dias, um dia, um minuto depois?

O problema era que estava muito, mas muito cansado. Não tinha forças para seguir enfrentando as ausências de Moira e Lila.

Nos dias que passou com Germán na casa de Melincué, lembrou-se das leituras infantis de *Alice através do espelho*. Seu pai lia para eles; e, quando souberam no colégio, começaram a chamar Fabián de bicha. Teve que sair no tapa uma semana seguida para que o deixassem em paz. Ernesto preferia a segunda parte de *Alice* porque era fanático por Jaguadarte, o indescritível monstro que tinha canção própria. Para Fabián, sempre pareceu horrível que Alice, ao crescer, já não pudesse ir ao País das Maravilhas. Agora, para ele, Moira e Lila estavam nesse reino onde tudo era possível e a dúvida era vencida. Ele era o que ficara para trás, o que não tinha atravessado para o outro lado do espelho.

E se Moira estivesse viva? E se não? E se alguém a fizera sofrer ou estivesse fazendo-a sofrer e seu pequeno corpo estivesse por se dar por vencido?

Desenroscou a tampa do frasco.

Parecia fácil. Encher a boca de comprimidos, tomá-los de um trago só, esperar.

Que enorme alívio viria logo!

Pôs os comprimidos na palma da mão. Eram de um tom pintinho amarelinho, a cor que as crianças usam para desenhar o sol em seus papéis do jardim de infância.

Respirou fundo e levou a mão até a boca.

A campainha tocou.

Se fosse um toque normal, talvez nem tivesse reparado. Mas lhe chamou atenção a insistência.

Pi pi pi pi pi... pi pi.

Cinco toques curtos, com uma pausa, e dois afundando o dedo.

Fabián tinha ouvido essa maneira de tocar uma infinidade de vezes em desenhos animados e nos curtas-metragens de *Os três patetas*. Não sabia qual era sua origem nem quem a inventara. Era como a piada de um ato cômico de *vaudeville* ou circense.

Pi pi pi pi pi... pi pi.

Não conseguia deixar de imaginar um palhaço, ou Chaplin, que sempre o deprimiu profundamente, ou mesmo o comediante Pepitito Marrone, fazendo esse som.

O toque desvairado foi o que chamou atenção.

Quem podia tocar assim? Alguém que tinha se enganado, sem dúvida. Um vendedor de refrigerantes ou um amolador de facas que estivesse percorrendo o bairro.

Esperou por um momento. A campainha voltou a tocar, dessa vez em uma versão abreviada, mas evidenciando o mesmo dedo inquieto.

Decidiu atender. Se fosse um amolador ou um distribuidor de água mineral, Fabián diria a ele que não queria nada, “obrigado, hoje não”.

Depois voltaria ao banheiro, se sentaria de novo no vaso sanitário e engoliria os comprimidos.

— Alô, Fabián? Fabián Danubio? — Não reconheceu a voz que chegava pelo interfone. Era firme, mas ao fim da frase tomava um caráter esganiçado, como se a pessoa quisesse bater asas.

— Quem é?

— César Doberti.

O nome não lhe dizia nada.

— Dei meu cartão a você no enterro.

— Perdão, não me lembro de você.

— Não, claro. Sou detetive particular.

A profissão soou como se nem ele mesmo acreditasse no que dizia. Poderia ter dito “astronauta” e o grau da falta de verossimilhança seria o mesmo.

— E o que quer?

— Eu tinha comentado que estava interessado em trabalhar no seu caso. Posso trocar umas palavras com você?

— Eu não... A polícia tem cuidado do caso.

— Sim, já sei. Pelo que entendi, não avançaram muito.

— Não, não muito.

— Dá a impressão de que, quando encontrarem sua filha, ela já vai ter netos, você já estará com noventa anos, Alzheimer e não a reconhecerá.

Fabián ficou mudo. Não sabia como lidar com o comentário. Subitamente, teve a imagem mental de que o homem que estava falando com ele lá embaixo estava vestido de palhaço, com sapatos enormes, calças abauladas e um paletó vermelho com bolinhas amarelas. Pena que não tinha vontade de rir.

— Não estou muito bem-humorado ultimamente.

— Desculpe-me. Mas você entendeu o que eu disse. Venho acompanhando o caso e vejo coisas que me indignam. Estou certo de que poderia trabalhar melhor.

— Não tenho grana para pagar um detetive.

— Não pensei em te pedir dinheiro. Estou atrás da recompensa.

A recompensa. O ministro de Segurança tinha fixado o valor em 80 mil pesos.

— Bom, procure minha filha, então. Se a encontrar, tem direito a que te paguem.

— Mas é essencial que eu fale com você.

— Tudo o que posso te dizer está nos jornais.

— Não pode descer um instante para conversarmos? Sei que está passando por um momento de merda, mas quero te ajudar.

— Posso te dar o número do promotor. Ou dos agentes...

— E não vai servir de nada. Vão me dizer o mesmo que todo mundo sabe.

— Suponho que sim. Desculpe, mas estou ocupado.

— O que está fazendo?

Fabián sentiu uma queimação subindo do fundo da garganta e invadindo sua boca.

— O que te importa?

Do outro lado, ouviu-se uma gargalhada.

— Tem razão: não me importa. Acontece é que não imagino que possa estar ocupado enquanto sua filha não aparece.

— Veremos. Espera aí.

Desceu pelo elevador com muita vontade de partir a cara do sujeito. Nunca saíra no tapa com um detetive particular. Talvez alcançasse algum tipo de “iluminação” fazendo isso.

Andou pelo corredor até a entrada e não o viu. Foi para a calçada.

— Danubio! Aqui!

O detetive estava na esquina. A alguns metros atrás dele, havia um Taunus 2.0 verde-escuro que estava sendo rebocado por um homem de macacão do departamento de trânsito. Doberti aproximou-se dele. Fabián mediu-o para estimar possibilidades em uma briga movida a pancadas. Era mais baixo. Parecia ter certo acúmulo de gordura na região abdominal, mas se movimentava com alguma agilidade. Tinha o rosto pálido, e metade dele apresentava cruéis crateras, vestígios de uma catapora mal curada. O cabelo liso e castanho-escuro caía em seu rosto feito uma cortina, quase tocando um dos olhos, o que significava que a franja estava mal cortada ou que um dos olhos de Doberti era mais para cima do que o outro. Devia ter uns 45 anos. Usava um paletó com camisa branca e uma gravata azul que, de perto, revelava uma estampa de pequenos cadeados dourados. Fabián quase podia adivinhar que no bolso traseiro da calça tinha um pente de plástico preto para alinhar o cabelo. Parecia um trocador de ônibus, espécie que Fabián estava vendo muito por aqueles dias.

Fabián esqueceu-se de que descera expressamente para bater nele.

— Veja você! Fiquei meio minuto e já apareceu este pela-saco para levar o carro — disse Doberti, enquanto estendia a mão. Fabián cumprimentou-o.

— Não pode estacionar aqui em dias úteis.

— Sim, agora já sei. Olha... — Doberti fez outro gesto para que o homem do guincho esperasse, mas ele nem respondeu e se preparou para subir no reboque. — Tenho que ir ao depósito porque não quero que esses energúmenos estraguem meu carro. Vou te dar de novo meu cartão.

— Já te disse que não me interessa.

— Vamos combinar uma conversa, só isso. Tenho escritório na avenida de Mayo 1300. Conhece o Edifício Barolo?

Fabián conhecia. Tinha estudado sobre ele na faculdade.

— Podemos nos ver na quarta-feira? — insistiu Doberti.

Do reboque, surgiu uma buzina insistente e o motorista começou a arrancar com o motor.

— Esta quarta? — Fabián completou mentalmente: “Tenho que consultar minha agenda...”.

— Podemos falar tranquilos e, aproveitando, você conhece meu escritório. Ah, e estou para ter uma página na internet. Bom, vou nessa. Me liga!

— Espera — disse Fabián. Doberti deteve-se. — Por que teria que ser do meu interesse falar sobre como você trabalharia no caso? O que você tem que a polícia ou a promotoria ou toda essa gente que procura minha filha há seis meses não tem?

— É uma boa pergunta — disse Doberti. Em seguida, projetou o lábio inferior para a frente e soprou, gerando uma corrente de ar ascendente que levantou sua franja, dotando-a quase de vida própria. — De fato, há algo essencial que eu tenho e que os que trabalham no caso não têm.

— O quê?

— Tempo. Todo o tempo do mundo. Quarta?

Doberti bateu em retirada até o reboque, virou-se, pendurou-se na porta do carona e a abriu. Fez um último aceno para Fabián e entrou na cabine, batendo a porta com um barulho metálico. Fabián viu o guincho se distanciar, com o Taunus verde rebocado atrás.

Voltou a seu apartamento, deitou-se no sofá e acordou às seis da tarde. Quando entrou no banheiro, pisou no frasco vazio de comprimidos, que quebrou sob seu pé descalço, provocando-lhe um corte. Fabián reclamou e agarrou o pé, olhando os comprimidos, pequenos sóis em amarelo-ovo que salpicavam o piso de cerâmica preta. Pôs um curativo na sola do pé, juntou o frasco quebrado e os comprimidos e atirou tudo na lixeira.

4

Quando chegou à esquina da San José com a avenida de Mayo, viu a magnitude do Palácio Barolo, como um monumento gigantesco nas sombras a presidir as alturas. Só Jonas no ventre da baleia poderia ter imaginado aquele prédio. Era uma catedral construída por alguém desesperado por voltar a ser amado por Deus.

O edifício era um mito absoluto, mas quando Fabián cursou arquitetura, descobriu que poucos reparavam nele. As cátedras de design ocupavam-se do desconstrutivismo de Zaha Hadid, que um dia passou para dar uma conferência e provocou um rebuliço similar ao de uma estrela de rock. Mas ninguém se lembrava de Mario Palanti e seus prédios construídos com a matéria dos sonhos. Agora, o Barolo estava na obscuridade e sua manutenção era precária, mas, apesar da forçada decadência que a apatia da cidade impusera a ele, ostentava um orgulho pleno, como se tratasse de um antigo rei no exílio, ainda firme frente ao embate do caos.

Fabián atravessou as portas de vidro e embrenhou-se na penumbra amarelada do hall de entrada. Perto dos elevadores, uma pessoa que parecia o porteiro discutia com um mendigo idoso, que segurava um fardo feito com folhas de jornal. Ao que parecia, o porteiro não tinha espírito hospitaleiro, porque foi empurrando o homem até a saída que dava para a Hipólito Yrigoyen com uma tranquila eficácia. Fabián andou até a recepção, levantando a vista para as altas abóbadas que ostentavam inscrições em latim. Leu: *Díttora occidit, spíritus vivificat*. Parou debaixo de um lustre em forma de uma semiesfera central luminosa rodeada por outras quatro, sustentada por uma estrutura trabalhada em ferro, de uma qualidade quase orgânica, como se fosse uma metálica mão vegetal a sustentar cinco pequenos mundos de luz.

Leu outra frase: *Homines quam màxime hómines*. Uma vez estudou essas frases e procurou o que significavam.

Tocaram-lhe no ombro. Era Doberti.

— Desci agora mesmo para comprar cigarro. Me acompanha.

Estava vestido quase igual à ocasião anterior, exceto pela gravata, que era diferente (verde-escura com uma estampa geométrica que parecia asteca), e usava mocassins em vez dos sapatos sociais pretos.

Aproximaram-se de um elevador. Doberti cumprimentou outro funcionário que estava atrás de uma mesa.

— Conhecia o edifício? — Doberti enganchou um cigarro nos lábios e o acendeu com um isqueiro Carusita. Fez um floreio de show de ilusionismo com o isqueiro antes de produzir a chama.

— Sim. Gosto muito.

— Ah, é verdade. Você é arquiteto.

A cabine do elevador surgiu por detrás das portas pantográficas. Um ascensorista com roupa de mensageiro de hotel esperava enquanto entravam. Atrás deles, entrou um homem grisalho que vestia um sobretudo de couro de camelo.

— Soria, oitavo. Doberti, décimo primeiro — disse o ascensorista, fechando a porta.

— Obrigado, Ricardito — disse Doberti.

— E aí, Doberti? — O homem “couro de camelo”, Soria, olhou para Doberti, de sua estatura maior. — Quantos infiéis apanhamos hoje?

— Não roube mais, Soria... — respondeu Doberti, exalando uma nuvem de fumaça que tomou o elevador em uma neblina que não causou queixas de nenhuma parte dos presentes. — Sabia que este prédio foi inspirado em *A divina comédia*? — perguntou a Fabián.

— Sim, sabia.

— Do Dante Alighieri — detalhou Ricardito.

— Há blocos de andares que correspondem às três partes da comédia — disse Fabián. — Inferno, Purgatório e Paraíso.

— Meu escritório é no Purgatório — disse Doberti. — O deste deve estar no Inferno — acrescentou, apontando com o polegar para Soria. — É advogado.

— Não sabe como me divirto lá — respondeu Soria.

O elevador nebuloso chegou ao oitavo andar. Ricardito anunciou com voz empostada e abriu a porta.

— Cuidado que depois vem o diabo em pessoa para cobrar, Soria — disse Doberti, enquanto o advogado saía da cabine.

— Que venha! Não será tão ruim.

O do couro de camelo afastou-se, e eles continuaram a subir.

— Onze! Purgatório — disse Ricardito, de modo solene.

Andaram por um corredor no qual existiam várias portas de vidro, algumas com letreiros. Doberti chegou até uma que dizia, em letras quase góticas: “Cesar Doberti. Investigações particulares”. Doberti abriu a porta e entraram em uma antessala austera, que tinha duas cadeiras, um cabideiro metálico, uma mesinha com revistas e, em uma parede, um quadro com as ninfas de Monet. Doberti abriu outra porta de vidro com sua chave. Entraram em um escritório que Fabián custou a assimilar. Ficou um bom tempo descobrindo tudo o que havia naquele lugar.

— O hall é para as bobagens — disse Doberti, piscando o olho para ele. — Aqui é onde está meu verdadeiro eu. Embora não faça ideia de que caralho seja isso.

A grande janela dava para a avenida de Mayo, e Fabián estava certo de que, caso se esgueirasse e olhasse para a esquerda, poderia ver o Congresso quase de uma vista aérea. A luz que ainda entrava por ali permitia reconhecer que o “estúdio” de Doberti media uns quatro metros quadrados. Uma porta dava ao que devia ser um banheiro, e outra, como soube mais tarde, a um “quarto da bagunça”. Cada vez que Doberti precisava de algo, enfiava-se lá dentro (a porta rangia, o que evidenciava que suas dobradiças não gostavam de usar óleo) e, quando saía, sempre trazia o que procurava, desde um carimbo até um desentupidor de pia, um lampião ou um capacete. Para Fabián, o quarto da bagunça funcionava como o saco prodigioso de *As mil e uma noites*, que não tinha fundo e reunia todo o universo.

Voltando ao escritório, era difícil discernir se pertencia a um detetive, um representante de artistas exóticos ou um viajante internacional que comercializava mercadorias por tempo indeterminado. Os objetos eram tão variados que, ao tentar

verificá-los, a vista ficava saturada. Destacava-se um arquivo que ia do chão até o teto. Tinha centenas de gavetas, cada uma com seu cartão de identificação, como nas bibliotecas. Os arquivos estavam ordenados de baixo para cima, em ordem alfabética, mas, quando as gavetas passavam da letra z, o restante tinha números e letras escritos em combinações incompreensíveis, em um código que evidentemente apenas Doberti entendia, embora isso fosse uma dúvida. Anexo ao grande arquivo, havia outro móvel com vitrines que podia ter vindo de uma antiga farmácia. Através dos vidros bisotados, podia ver-se uma série de objetos. Máscaras africanas, metrônomos, um cortador de frios, algumas latas das que se usavam em armazéns para biscoitos, mas com porcas ou parafusos, uma balança de precisão que reproduzia o símbolo da justiça, um globo terrestre que claramente tinha a marca de um tiro na parte correspondente à Inglaterra,^[1] uma luminária da década de 1960, dessas que produzem formas com o mercúrio quente, algo que parecia uma espada curta ou um punhal com cabo de Toledo, outro punhal que tinha a ponta ondulada como um kris malaio e duas chuteiras de futebol atadas pelos cadarços, enlameadas e velhas.

Quando se cansava de olhar a parte dos vidros, continuava-se percorrendo as paredes e descobria-se um quadro-negro que poderia ser produto do saque de uma sala de aula do Nacional Buenos Aires. Tinha dois metros por um e meio, e sua moldura era de madeira trabalhada em motivos florais.

Sobre a barra inferior, havia giz de várias cores. No quadro-negro, estavam desenhados alguns gráficos e muitos escritos de letras gordas e escolares de Doberti. Destacavam-se algumas frases sublinhadas: “Caso Pérez. Motivo-Intenção-Objetivo”. Outra frase: “Sem novidades do Dimitrios”. Quase onde terminava o quadro-negro, tinha desenhado um bonequinho do jogo da forca. Ao lado do quadro-negro, havia um taco de sinuca, mas era evidente que não entrava uma mesa de sinuca no lugar, embora não se pudesse assegurar isso.

Ao lado do quadro-negro, havia um cabideiro, totalmente diferente do visto no hall. Este parecia de ferro, e cada um dos sete ganchos tinha a cabeça de uma pequena gárgula com a

boca aberta. De algumas bocas, saíam roupas penduradas. Um cachecol, um chapéu Panamá, um cinto, gravatas e uma capa de chuva.

A um metro do cabideiro, no canto, havia uma armadura. Sobre o elmo da armadura, uma galinha.

Fabián piscou e olhou fixamente para a galinha. Era branca, impecável, de crista vermelha e porte orgulhoso. Estava completamente imóvel. Certamente embalsamada. Fabián percebeu uma sombra furtiva que passava se arrastando a seus pés. Era um gato bem gordo. Era cinza quase metálico, de olhos amarelos. Avançava com os olhos fixos na galinha.

Doberti sentou-se do outro lado de uma grande mesa de madeira escura, cuja superfície estava coberta por um vidro. Viu o gato que andava sorrateiro até a armadura coroada com a galinha.

— Marcia, vem cá — disse.

Fabián achou que estivesse chamando o gato. Mas a galinha que estava acima da armadura mexeu eletricamente a cabeça e lançou-se para baixo, batendo as asas, frustrada, até aterrissar no meio da mesa. Doberti segurou-a com delicadeza e fez cócegas embaixo de seu bico com o dedo. Marcia cacarejou.

— E você, Sanjulián, não se faça de bobo. Já vi como olhava para ela.

Fabián deixou-se cair na cadeira que estava em frente à mesa.

Doberti olhou para ele do trono de seu reino. Achou necessário explicar.

— Na verdade, a maioria dessas coisas era do meu velho. Vendia antiguidades. Colecionava qualquer coisa. Quando fechou o negócio, não sabia onde meter o que não conseguiu vender, e trouxe tudo para cá. Era um sujeito estranho.

— A galinha também era de seu pai?

— Não! Foi o pagamento de um cliente. Quer tomar algo? Café? Refrigerante? Mando pedir. — Doberti ensaiou pegar um telefone vermelho-berrante, com teclas quadradas brancas no lugar do disco.

— Não, não, está tudo bem. — Era difícil para Fabián olhar para Doberti sem ceder à tentação de escapar do lugar o mais

rápido possível. O detetive continuava a acariciar Marcia com familiaridade.

— Olha... Vou te dizer... Estou nisso há vários anos. Você já sabe que um detetive neste país não tem nada de heroico nem de romântico. Nessa antessala, nunca entrou uma loura modelo profissional que precisasse de ajuda e soubesse chupar como os deuses. Eu me dedico a seguir maridos ou esposas infiéis e a ajudar as seguradoras a estrear as pessoas. Uma vez me chamaram para procurar uma pessoa, mas nunca passou de uma imbecil que fugiu de casa porque o pai não aceitava que ela tivesse feito cinco *piercings* no nariz.

— Vejo que tem a experiência ideal para encontrar Moira.

Doberti brincava de novo com o Carusita. Passava de um dedo a outro com a habilidade do crupiê de um cassino que se dedica a dilapidar incautos.

— Não pense que não trabalhei em coisas difíceis. Tenho uma cicatriz, além da do apêndice. Estive na polícia, mas saí.

— Todos os detetives são ex-policiais?

— Não necessariamente. Mas algo assim. Há conexões.

Marcia andou até a ponta da mesa e deu um pulinho até um vaso que estava no parapeito da janela e que balançou alguns segundos, à beira da destruição. San Julián, espiando nas sombras, acompanhava atentamente seus movimentos.

Doberti tirou uma pasta marrom de uma gaveta da mesa. Ele a abriu, e Fabián viu que continha muitos recortes de jornal colados em folhas de ofício. Em um dos recortes, chegou a ver o rosto de Moira.

— Seu caso teve início em 20 de abril. Estamos em 6 de outubro. Me diz que rumo tomou.

Fabián observou que Doberti tinha um cigarro aceso na mão, mas não percebeu quando o pegou. Na verdade, no tempo em que estavam ali, ou Doberti renovava os cigarros com uma velocidade impressionante, ou fumava apenas um cigarro que não terminava nunca.

— Nenhum. Não tem nenhum rumo concreto, que eu saiba.

— Obviamente. O que diz seu advogado?

— Que advogado?

— Não tem advogado?

— Não. Para quê?

— Como para quê? Para te tirar das enrascadas dos que investigam, entre outras coisas. Assim não recai tudo sobre você. Bem que eu achei que você não tinha procurado nenhum advogado...

Doberti conferiu os recortes, virou uma folha deles e tirou uma, que estendeu a Fabián.

— Olha aqui.

Fabián leu um título: “Caso Moira”. Abaixo, havia um texto escrito à máquina.

— Estou para comprar um computador com impressora — disse Doberti. — Mas a Olivetti é maravilhosa.

Fabián continuou a ler. “Hipótese”, dizia abaixo do título, e depois:

- 1) EXTORSÃO MEDIANTE SEQUESTRO. A) Descartado pelo tempo. B) Complicações com reféns e eliminação destes.
- 2) TRÁFICO DE PESSOAS. Perfil de Cecilia condiz. Perfil de Moira não condiz. Possível dano colateral a Moira.
- 3) AJUSTE DE CONTAS. A) Contra Cecilia. Moira, dano colateral. B) Contra pais de Moira. A menina era o objetivo. Pais acobertam.
- 4) SEQUESTRO DEVIDO À PATOLOGIA. A) Perverso. *Modus operandi* inédito. Não sequestram em dupla. B) Louco que “recupera seu filho”.
- 5) ATAQUE DE ESTUPRADOR. Como se desfez do/dos corpo/corpos?
- 6) PAIS ENVOLVIDOS. Motivo? Quase descartados, segundo o teste de Ritter efetuado em cima de aparições televisivas.

— O que é teste de Ritter? — perguntou Fabián.

— É para leitura facial — disse Doberti.

Fabián olhou perplexo para ele.

— Gravei os noticiários que fizeram matérias com você e sua mulher. Há padrões de gestos que evidenciam dissimulação, nervosismo, atuação. Fiz o teste com vocês e me pareceram sinceros. Não é infalível, mas é um método extraordinário.

— Ritter era criminalista?

— Não. Era jogador de pôquer profissional. Ganhava observando os rostos dos adversários. Adivinhava a intenção deles. Pena que não se dedicou ao truco. Mataram Ritter em Las Vegas, na saída de um cassino.

— Se vê que aí não observou bem a intenção.

— Devia estar escuro.

Fabián olhou Doberti por um momento. Optou por continuar a ler.

Havia mais dois itens.

7) TRÁFICO DE MENORES. A) Cecilia envolvida. B) Cecilia, dano colateral.

8) OCULTAÇÃO ENTRE CÔNJUGES. Linha aberta.

— Não entendi o último — disse Fabián.

— É quando um dos cônjuges está envolvido em algo que o outro não sabe.

Fabián empurrou o papel pelo vidro da mesa para Doberti.

— São as mesmas linhas da investigação oficial, menos a última. Além disso, não vejo a diferença entre você e a polícia. Entendo que pode dispor de mais tempo, mas isso não garante o resultado.

— O tempo é muito importante. — Doberti meteu a pasta na gaveta. — Não só pela quantidade, mas como o usa. A polícia não se dedica exclusivamente ao seu caso. Tem como prioridade, mas não trabalha só nesse caso.

— Você trabalharia em meu caso com exclusividade?

— Neste momento, sim. Tive muito trabalho na primeira metade do ano. Tenho algumas economias. Além disso, minha esposa trabalha na prefeitura e eu tenho casa própria. — A franja de Doberti voou com um sopro. — Mas também há outra coisa... Como você anda de tempo?

— Por quê?

— Quero que colabore comigo o máximo possível.

— Como?

— Acompanhando-me na investigação. Isso é outra coisa que a polícia não faz. Te interrogam e trabalham em cima disso. Depois, voltam ao seu mundo de pesquisas cheias de papeladas inúteis. Funcionários que batem ponto e ficam fazendo nada.

— Nunca gostei de policiais — disse Fabián. — E, quando grampearam nosso telefone, fiquei irritado, e mais que nunca me assustei. Mas alguns realmente tentam ajudar. Fazem bem seu trabalho.

Fabián percebeu que, ao dizer isso, pensava especialmente na agente Blanco. Ela se aproximara quando Fabián estava para entrar em seu carro em Chacarita. Disse a ele algo como: “Agora mais que nunca tem que continuar procurando sua filha. Por você e por sua esposa”.

Seus olhos saltados tinham uma melancolia chamativa, e Fabián viu que eram verdes, como a água de um mar longínquo que se movia lentamente.

— Claro que há realmente gente de valor — concordou Doberti. — Mas há um sistema canalha que os devora de todas as formas. Ninguém pode investigar a fundo.

— Já passou muito tempo.

— Quase seis meses.

— Parecem anos.

— Vou te dizer uma coisa... — Doberti estava cercado de uma nuvem azul de fumaça que, curiosamente, não incomodava Fabián. — O tempo não importa. Quando se comete um crime, deixa-se rastros. Sempre. Um crime, seja o que seja, um roubo, um assassinato, um sequestro, mexe com peças da realidade.

Fabián perguntou-se o que Doberti estaria fumando.

— Há elementos que são colocados de certa forma, e quando ocorre um crime, mudam de posição. Se alguém é insistente, obsessivo, detalhista, ou seja, pentelho o suficiente para observar esses detalhes, consegue detectar qual foi a alteração produzida. Essas são as pistas que podem te levar ao que motivou o crime, por mais imperceptível que seja essa alteração.

Acredite em mim: pode haver um crime perfeito, mas não há crime que não deixe rastros. É preciso saber lê-los.

— Dizendo assim parece fácil. Mas minha filha evaporou.

— Se alguém evapora, deve ter uma marca, o lugar onde ela evaporou. Há marcas por todos os lados. — Doberti virou o rosto e a luz iluminou as crateras de catapora mal curada. — Vou te mostrar uma coisa.

Doberti levantou-se e caminhou até a porta que dava para o quarto da bagunça.

— Eu vou entrar aqui — disse. — E você vai mexer, mudar de lugar, algum objeto deste lugar. Quando eu voltar, em menos de um minuto tenho que saber que objeto você mexeu.

— Já entendi a ideia.

— Mas assim vai ficar mais claro para você.

Doberti abriu a porta e entrou no quarto. Fabián ficou sentado por um momento, com a nuvem de fumaça já ganhando o teto. Fabián levantou-se tentando não fazer barulho e pensou no objeto em que ia mexer. O lugar estava tão abarrotado de coisas que foi difícil decidir. Dirigiu-se à vitrine cheia de objetos. Abriu o vidro com cuidado. Não fez barulho. Escolheu o globo terrestre e girou-o lentamente para baixo até que o mapa de Inglaterra com o tiro ficasse oculto. Fechou a porta, deu alguns passos e sentou-se.

— Pronto — disse. — Pronto! — repetiu, mais alto.

Sentiu-se meio ridículo.

Doberti saiu do quarto e, com um certo gesto cerimonioso, parou no meio do escritório. Começou a girar lentamente sobre seu eixo, observando ao redor. Seus olhos varriam o lugar meticulosamente.

Começou a olhar no grande móvel com os vidros. Observou ao longe.

Fabián sentiu um pouco de pena. Doberti completou um círculo, ficou quieto por um segundo e logo se sentou.

— Não é tão fácil — disse Fabián. Estava um pouco incomodado com a situação.

Doberti olhava não mais por trás de uma fumaça, mas, sim, do outro lado de uma névoa que invadia o lugar. Pôs o cigarro na

boca.

— O globo terrestre — disse, com ar de esperteza, satisfeito.

5

Estavam no Ocho Esquinas. Fabián tomava um café com leite sem açúcar; Doberti, um café com leite pingado, com canela. Sobre sua cabeça, flutuava a indefectível nuvem de fumaça, que parecia o reflexo de um fantasma de bar.

Mostrou a Fabián outra folha escrita em uma máquina de escrever Olivetti.

— Confere se passei bem a limpo tudo o que me disse.

Fabián leu:

DRAMATIS PERSONAE:

MOIRA DANUBIO: a menina desaparecida.

CECILIA ARROYO: a babá de Moira, também desaparecida.

FABIÁN DANUBIO: pai de Moira.

LILA LESTELLE: mãe de Moira. Falecida.

ERNESTO DANUBIO: pai de Fabián.

GERMÁN DANUBIO: irmão de Fabián. Mora no Canadá.

DORIS LESTELLE: tia materna de Lila.

EDMUNDO CARRERAS: colega de trabalho de Fabián.

SANTIAGO LEVÍN: psiquiatra de Lila.

JONATHAN CISNEROS: namorado de Cecilia Arroyo.

TRABALHAM NA INVESTIGAÇÃO:

LIONEL MONDRAGÓN: delegado da Divisão de Busca de Pessoas.

LIDIA BLANCO: agente da Divisão de Busca de Pessoas.

CARLOS GONZALVES: subdelegado da Polícia Federal.

MARCOS SILVA: agente da Roubos e Furtos.

ESTEBAN REVOIRA: promotor.

IGNACIO TRAPANI: juiz da Suprema Corte.

— O que é *dramatis personae*? — perguntou Fabián.

— É a lista de personagens que se põe no começo de um romance policial. Em geral, o culpado está entre esses nomes.

— Isso não é um romance policial, Doberti.

— Eu sei, eu sei. Não ache que estou fazendo chacota com você. Uma lista assim precisa ser feita com o detalhismo de um autor de suspense.

— Nesse caso... — Fabián olhou de novo a lista e, pegando uma caneta, acrescentou um nome. — Acho que agora estamos todos nós.

Fabián virou a página. Doberti sorriu ao ler o novo nome que Fabián havia adicionado: César Doberti.

— Sou um transtornado que regozija entrando em contato com sua própria vítima em um jogo perverso, né? — disse, semicerrando os olhos.

— Algo assim — disse Fabián, sentindo nesse momento, não soube por quê, que Doberti era incapaz de sequestrar uma menina de quatro anos. O pouco que conhecia de Doberti era pelo menos estranho. Não sabia se ia ser um detetive eficaz. Nem sequer sabia se Doberti era de todo lúcido. Mas não se sentia inseguro com respeito à moral dele.

Talvez estivesse equivocado.

Atrás do balcão do bar, estava Bebe. Não se conseguia discernir com certeza se era careca ou tinha uma penugem quase transparente na cabeça. Era magro, como uma sombra que aparece na letra de um tango obscuro. Deixou de olhar o jornal que tinha aberto e colocou as mãos em volta da boca.

— E aí, capitão?! — gritou. — O nevoeiro vai embora ou há o perigo de nós encalharmos?

Doberti apagou seu cigarro no cinzeiro. Bebe ligou um enorme ventilador que os envolveu em um túnel de vento.

— Vamos recapitular — disse Doberti. — Em 29 de abril, sua filha e Cecilia embarcaram em um vagão do metrô B na estação Lacroze. Você foi testemunha direta disso. Depois, houve outras duas testemunhas no vagão no qual elas viajavam, que surgiram durante a investigação. Um senhor de setenta anos e uma adolescente de quinze. Essas duas testemunhas desceram do metrô em Dorrego, a estação seguinte. Portanto, não viram onde Cecilia e Moira desceram. Isso é má sorte. As únicas testemunhas desceram antes. Portanto, não sabemos se elas

desceram em Ángel Gallardo, que era onde tinham que saltar, ou em outra estação. Isso abre uma ampla margem de estações. Mais precisamente, onze estações possíveis. Por outro lado, não há testemunhas que tenham visto as duas na rua, andando ou saindo de alguma estação de metrô.

— É incrível que não haja testemunhas.

— Não é incomum. Te explico por quê. Nessa situação, se você cruzar com uma moça que leva uma menina pela mão, não dá bola, exceto se ocorrer algo excepcional que o faça lembrar. Claro que Cecilia é bonita e chama a atenção, mas a cidade está cheia de moças bonitas. As duas testemunhas do vagão surgiram porque viram que você tentava chegar a ele e não conseguia, e isso mais à frente, quando o caso veio à luz e as fez fazer a conexão. Do contrário, é muito provável que duzentas pessoas tenham cruzado com elas, olhado, e nem assim se lembrem.

Pagaram a conta e saíram para a rua. Andaram pela Forest até Chacarita. À medida que iam se aproximando da estação, cada vez mais Fabián sentia o passo, mas não queria dizer isso a Doberti. Na esquina da Forest com a Lacroze, Fabián acreditou ter visto, no trânsito que ia até Chacarita, o Peugeot 405 de Silva, mas só foi um reflexo que se perdeu entre outros carros.

Atravessaram a rua de pedra na entrada da estação Federico Lacroze e entraram no quarteirão em que havia o acesso ao trem e ao metrô. As pessoas estavam na fila esperando os ônibus. Um cheiro de torta frita e chipa tomou os sentidos de Fabián, e quando chegaram ao começo das escadas que desciam para o metrô, parou. O ar quente do túnel entrava profundamente em seus pulmões. Não havia estado naquele lugar desde que tudo começara.

— Não creio que consiga ainda — disse a Doberti, que não se mostrou surpreso.

— Não há problema. Tenho que percorrer as estações. Fazer isso pode ser exasperante, mas nunca se sabe o que se pode encontrar. Falamos mais tarde.

Doberti desceu para o metrô e Fabián voltou andando para casa. O ar entrava em seu corpo e os cheiros que trazia lhe

causavam uma acidez quase insuportável. O frio na cidade começava a ser uma lembrança.

6

Pisou com cuidado e aproximou-se da beirada da laje. Estava no décimo andar e via o panorama da cidade pontilhado com uma interferência invisível do ar.

— Tenha cuidado com o vento — disse Peralta.

Fabián sentou-se em uma das caixas que os operários usavam como assentos improvisados na hora do almoço. Peralta ajeitou seu cinturão de obra e caminhou até a empilhadeira. Usava o cabelo penteado para trás com um diferente tipo de fixador que intrigava Fabián. Seu macacão de obra era impecável. O pó da mistura de cimento parecia não aderir.

— Vai ficar mais um tempo?

— Um pouco.

— Cuidado ao descer, então.

Peralta cuidava muito dele. Ao saber do que acontecera com ele, fez o sinal da cruz, e Fabián flagrou Peralta mais de uma vez olhando-o com certa veneração, reservada talvez a alguma Virgem de Assunção, à qual devia rezar quando menino.

Carreras surpreendeu-se quando Fabián contou que tinham conseguido para ele um emprego como supervisor de obra. Achava que o trabalho no computador faria com que voltasse ao estúdio. Mas era impossível voltar. O espaço fechado do estúdio teria sido demais. Fabián cada vez suportava menos qualquer espaço fechado, especialmente o de sua casa. Por isso, passava quase dez horas por dia na obra, algo desnecessário, mas que estava gerando uma familiaridade com os operários que em outro tempo nem teria imaginado.

— Não precisa morar aqui, mas vai ter que dar uma dura nesses paraguaios, viu? Então, vai ter que vir bastante — disse Trossero, o arquiteto responsável pela obra. — Qualquer coisa, me liga e eu venho. Mas, tirando alguns impasses, acho que não terá problemas. Quando o bombeiro hidráulico começar a trabalhar, vou vir com mais frequência, mas Peralta trabalha bem e vai te tirar de todas as batatas quentes.

E era verdade. Peralta era o melhor mestre de obras que Fabián tinha conhecido. Às sextas-feiras, depois do expediente, os trabalhadores arrumavam-se para sair para dançar ou voltar às suas casas, e Fabián ficava quieto enquanto a obra se esvaziava e o dia ia terminando. Como em outros tempos, uma vez sozinho, tiraria um pequeno charuto Dutch Masters do bolso e ficaria fumando e vendo como os rodamosinhos de fumaça se perdiam com o vento sereno, como um capitão no convés do navio a olhar o mar insondável com calma e resignação.

Com sorte, Fabián continuaria nesse trabalho e nunca mais teria que voltar a desenhar em uma merda de computador. Preferia ir à obra todos os dias a voltar a se enclausurar.

Tinha que fazer alguma coisa com seu apartamento, já que quase não conseguia nem olhar para nada do que o cercava quando estava nele. Tentava ir dormir e nada mais. Passava o tempo que não estava na obra com Doberti. Falavam sobre os passos a seguir. Havia dias em que Doberti percorria o metrô, e sua teimosia gerava admiração a Fabián, mas também uma clara sensação de estranheza. Não era ele, Fabián, quem deveria ficar obcecado assim com o caso?

Fazia o que podia. Uma parte dele ainda queria saber a verdade. Outra avançava rapidamente para o terreno do esquecimento, tentando encontrar um jeito de deixar de sofrer. Fabián pensou em sua recente tentativa com os comprimidos. A um metro e meio dele, havia uma queda de oito andares que lhe asseguraria um benigno esquecimento. Lila tinha isso claro. Que fácil havia sido para ela! Olhou para o ar, buscando uma maneira de não sofrer pela lembrança de Lila, para poder insultá-la. Sua partida deixara-o seco. Fora um baque inclemente do qual não se recuperava. Não ter tomado os comprimidos talvez fosse um triunfo sobre Lila, sobre seu fatalismo frio e soberbo. Tentou pensar de novo nela, com amor, mas lhe custou encontrar o caminho para uma lembrança plena e boa. Lila ficou em um tangível cone de sombra, quase impossível de se dissipar.

Fabián chutou uma pedra para o nada e preparou-se para descer da torre.

Doberti disse a ele para não tocar em nada, que em quinze minutos chegava. Os quinze minutos fizeram-se trinta. Apareceu com várias caixas de papelão dobradas.

— Ainda bem que me falou. Como vai esvaziar o quarto da menina sem me avisar?

— A polícia vasculhou bastante. Eu também. Acho que não tem nada que ajude.

— Nunca se sabe.

Doberti foi diretamente para o quarto de Moira. Acendeu a luz e ficou olhando da porta. Voltou à sala para pegar sua máquina fotográfica. Começou a fotografar o quarto minuciosamente. Em uma folha branca, desenhou um diagrama com a posição dos objetos. Quando terminou, começou a fazer anotações. Ficou bastante tempo nisso. Anotou até a ordem em que estavam os livros da biblioteca infantil. Tirou fotos dos armários e também registrou a ordem em que a roupa estava pendurada. Quando tudo do quarto de Moira já estava inventariado, começou a guardar as coisas.

— Quer sair um pouco para andar? — perguntou a Fabián. — Não tem que olhar enquanto guardo tudo.

Fabián fez o esforço de ficar e ajudá-lo. Tentou não pensar e fazer tudo rápido. As coisas de Moira desapareciam em caixas. O lugar começou a se esvaziar. Logo só havia caixas de papelão no chão. Na caminha pintada de laranja, só ficou o colchão. Levaram as caixas para a sala. Doberti aproveitou para fotografar as paredes. Fabián viu que, em todas as paredes, parte do chão e até no teto, havia adesivos. Como Moira conseguira colá-los no teto era um mistério. Fabián supôs que Cecilia ou Lila a teriam levantado. Sentiu-se mal; as defesas enfraqueciam-se perigosamente. Voltou para a sala e pôs as caixas no corredor.

Doberti chamou um frete. Colocaram as caixas na caminhonete. O homem do frete fechou a porta traseira.

— Por que não vai para a casa de alguém? Algum amigo.

— Vou ficar bem — disse Fabián.

Mas não ficou bem. Naquela madrugada, não conseguiu evitar a invasão de uma série de lembranças de Moira. Os adesivos nas paredes evocavam instantes vívidos que apunhalaram sua mente durante grande parte da noite. Uma das lembranças era Moira insistindo para ele recortar figuras daqueles livros para colorir que tinha aos montes. Fabián recortando com cuidado e Moira acompanhando com atenção extrema as tesouras pelo papel, esperando a figura para grudar uma massinha e estampá-la na parede. Uma vez, pensou Fabián, usou a mesma tesoura que Lila tempos depois usou para cortar as amarras de sua prisão na varanda e ir embora para sempre.

Quando já começava a aumentar a luz do lado de fora, abraçou a almofada e, com um gemido, expulsou um resto de ar, dormindo em poucos segundos. Nada sonhou. Desde o estranho sonho da rua vazia e do elevador de vidro, não voltou a se lembrar de nenhum outro que pudesse tê-lo visitado.

7

Perto de uma da tarde, continuava na cama. Durante sua inconsciência, o telefone não parava de tocar. Não quis atender, mas do outro lado alguém não desligava, insistia com teimosia.

— Interrompo algo? — perguntou Silva, com sua voz rouca.

— Não. Como está?

— Bem, e você?

— Tudo bem.

— Contratou um detetive particular?

Tomou-o de surpresa e acordou-o de vez, igual a uma bofetada. A pergunta soou quase como uma profanação de sua intimidade, e ele até sentiu uma certa sensação de culpa, como se estivesse sendo infiel à instituição policial.

— Na verdade, não o contratei. Me ajuda pela recompensa. Como soube?

— É um detetive registrado na polícia. Os mais legalizados estão registrados na polícia e têm que informar os casos em que trabalham.

— Ah... — Doberti não tinha falado nada disso a ele. — É um detetive com código, então.

— Esses caras não têm código, te garanto. Só fazem um registro para que a gente os deixe em paz. Não acho ruim que tente uma ajuda extra. O que não quero é que um esperto te pegue e arranque sua grana.

— Mas não me cobra. Te disse.

— Agora não te cobra, só que mais cedo ou mais tarde vai te pedir alguma coisa. Sei como são. Recalcados que não conseguem ser policiais e se transformam em justiceiros. É preciso ter cuidado com esses sujeitos. Hoje, montam guarda em um motel; amanhã, procuram gente desaparecida. Não se comprometem realmente com nada.

— Olha, Silva, a polícia não me deu resposta alguma. O que quer que eu faça?

— Sim, já sei. Me ponho em seu lugar. Por isso, te aconselho. Só me mantenha a par do que o seu detetive encontrar, tudo bem?

Ficou irritado. Silva sempre pedia a ele para mantê-lo atualizado... E o que ele fazia em troca? Na realidade, a polícia tinha sido comedida, mas o consolo acabava aí: um tapinha nas costas para aceitar que o problema não tinha solução. Fabián voltou a se lembrar do episódio das escutas e não teve vontade de discutir com Silva.

— Quando quiser, tomamos um café. Sabe que pode contar comigo — disse Silva.

— Está bem.

Desligou e ficou olhando a parede com o quadro de Chagall em que um gato com rosto humano observava a Torre Eiffel, e mais à esquerda, um homem com duas caras abria a mão, revelando que segurava um coração.

Ouvia uma música ao longe, uma música que lhe parecia conhecida. Entrou em seu quarto. A música ficou mais alta. Logo se deu conta. Era o celular que estava na gaveta da mesinha de cabeceira. Fabián carregava-o a cada dois ou três dias e, depois, voltava a enfiá-lo na gaveta, não sabia por quê. Fazia muito tempo que não tocava. Poderia deixá-lo descarregar tranquilamente e tudo bem. Pensou que talvez fosse o produtor de TV que o presenteara, mas fazia tempo que o caso Moira não interessava à televisão. Abriu a gaveta e pegou o celular, mas este parou de tocar.

Voltou a guardar o aparelho.

8

— Aqui o assunto é o seguinte — disse Doberti. Saíram da obra em que Fabián trabalhava, na rua Blanco Encalada, e agora iam para a Triunvirato.

— Cecilia e Moira saíram uma hora antes para o aniversário. Por quê? Cecilia se confundiu ou era premeditado? Você disse que sua mulher não notou.

— Lila era muito desligada. Se Cecilia disse a ela que estavam indo, nem olhou a hora. Eu me dei conta logo que cheguei ao aniversário, porque uma das mães me disse.

— Cecilia se confundiu antes alguma vez?

— Não me lembro. Sei que às vezes vinha tarde, demorava a chegar. Acho que se confundiu e saiu antes.

— Bom, mas vamos imaginar que não se confundiu, que saiu uma hora antes sabendo que sua mulher não ia te dizer nada, porque não ia se dar conta. Cecilia queria passar por outro lugar antes de ir ao aniversário ou já estava planejando algo diferente?

— Se Cecilia entregou Moira, já tinha definido aonde ia, com o pretexto de ir ao aniversário.

— Sim, mas... — Doberti balançou a cabeça negativamente enquanto atravessavam a Triunvirato e chegavam a Parque Chas. — Para que sair uma hora antes? Se o plano era entregar Moira, dizendo que iam ao aniversário, pronto. Vamos voltar à noite anterior.

— Certo.

— Você viu claramente que ela desligava o telefone e que tinha chorado.

— Sim. Tudo isso a polícia sabe. O registro indica que foi uma chamada recebida de um locutório. A chamada durou uns dez minutos. E o namorado disse que ele não ligou para ela naquela noite.

— Bom... Vamos ver se tem mais alguma coisa para nos dizer.

Atravessaram o bairro de Parque Chas traçando uma linha reta em meio ao seu labirinto, graças à rua Gándara. Chegaram à

Constituyentes e percorreram alguns quarteirões nos quais se alternavam oficinas mecânicas e pensões.

— Olha só... — disse Doberti. — Pensei que todos os peruanos estivessem no Bajo Flores.

— Ali não ficavam os chineses?

— Sim, também — disse Doberti. — Somos um caldeirão de pessoas.

Foram a um bar, uma birosca de esquina caindo aos pedaços, com um toldo metálico totalmente deformado. Havia algumas mesas pretas de plástico apoiadas na parede e as janelas deixavam ver que o lugar estava concorrido. Dentro, tocava salsa ou algum outro ritmo tropical em uma rádio FM. Entraram. Em uma mesa, havia um casal com um carrinho novo, em que descansava um bebê de não mais de três meses. Os pais tomavam um líquido incolor em copos pequenos. Em outra mesa, havia uma mulher idosa que tamborilava o plástico com unhas firmes, mas que se deteve quando Doberti e Fabián entraram. Havia um balcão refrigerado ao fundo que exibia vários itens de rotisseria, e a luz cintilava levemente quase como se seguindo a cadência da música. Atrás da caixa registradora, havia uma mulher de óculos de armação quadrada e dentes escassos em uma boca que, por pudor, se negava a sorrir.

Uma parede do lugar dava para os banheiros, portas com as letras *m* e *h* desenhadas. Encostada nessa parede, havia uma mesa em que se reuniam quatro rapazes. Dois eram pequenos e estavam vestidos com moletons folgados que deformavam seus corpos. Um terceiro era enorme, de quase dois metros, e, a seu lado, a mesa parecia do tamanho de um azulejo. O gigante tinha o cabelo tingido de louro e seu corpo transbordava os limites de uma camisa xadrez, em que vários botões desabotoados deixavam ver um peito peludo que parecia um matagal. O quarto jovem era lânguido, tinha um baseado na mão, estava sentado na cadeira com as pernas estiradas e os pés cruzados com indolência. Usava um topete no cabelo e um casaco de couro de uma cor entre o marrom e o amarelo gasto. Tinha uns 25 anos e a pinta de um James Dean peruano.

Fabián e Doberti não pareciam forasteiros naquele lugar. Pareciam alienígenas.

— Jonathan Cisneros? — perguntou Doberti ao do topete.

— O que tem ele? — respondeu Jonathan.

— Lembra-se dele? — disse Doberti, apontando para Fabián. Jonathan franziu o cenho, e a nuvem de seus olhos negros se dissipou levemente.

— Sim, claro. Lamento por sua esposa.

— Obrigado — disse Fabián. Achou-se estúpido nesse momento. Doberti pigarreou.

— Podemos trocar umas palavras com você?

— É da polícia?

— Parente distante — disse Doberti.

— Distante quanto? — perguntou Jonathan.

Sentaram-se a uma mesa do lado de fora. A alguns metros deles, o gigante e os dois baixinhos tomavam bebidas de cor e embalagem não identificadas. Doberti mexeu no Carusita.

— Fuma? — perguntou a Jonathan.

— Não, obrigado. Prefiro os artesanais.

— São bons?

— Quer um? — O gesto incluía Fabián, que negou com a cabeça.

— Para depois — disse Doberti. Guardou o baseado que Jonathan lhe oferecia e acendeu seu próprio cigarro.

— Tem ideia de quem pode ter falado por telefone com Cecilia na noite anterior ao desaparecimento?

— Na verdade, não.

— Você tem certeza de que não foi você?

— Total.

— Iam se ver naquela noite?

— Teoricamente, sim, mas acabou que a gente não se viu.

— O que aconteceu?

— Ela me disse que se sentia mal e foi para casa.

— E quando falaram por telefone?

Jonathan pôs a mão na testa em um gesto de concentração.

— Não, não falamos por telefone. Nos encontramos para sair, e ela disse que se sentia mal.

— Ah, então se viram — disse Doberti.

— Sim, nos vimos. Quero dizer que não saímos aquela noite.

Doberti soprou a franja e Jonathan olhou como ela se levantava.

— Para você, “ver” uma garota é o mesmo que “sair” com ela? Você disse à polícia que nem a tinha visto naquela noite.

— Disse isso? Não me lembro. Isso também não é importante.

— O que você sabe sobre o que é importante ou não para a polícia?

— Bom, você é parente distante, então isso não te incomoda.

Doberti pôs o queixo para a frente, exibindo o perfil de crateras para que Jonathan o visse bem.

— Não brinque com essas coisas, Jonathan. Isso é muito sério, sabia? Todos os dias rolam cabeças na Central por causa deste caso. Neste momento, o presidente da República está tomando antiácido por causa da menina que não aparece. Estão a um passo de pegar qualquer otário para acalmar as feras. E um otário muito bom talvez seja você.

Não era certo. A época em que a polícia se sentia obrigada a se apressar para resolver o caso já tinha passado. Mas a jogada de Doberti teve seu efeito.

— Mas o que eu fiz? — disse Jonathan, quase fazendo um beicinho em seu rosto magro. — Já te contei. Falamos, ela me disse que se sentia mal e fui até a casa dela.

O gigante que estava perto tentou decidir se o que Doberti tinha dito era ofensivo para seu amigo, mas algo em sua sinapse cerebral não completava o código requerido.

— Essa foi a última vez que a viu? — perguntou Fabián.

— Sim, senhor. A última.

— Não sei, Jonathan... — comentou Doberti. — Para mim, você não está dizendo algo.

— Você acha que eu fiz mal à menina deste senhor? — perguntou Jonathan.

— Não acho nada! — disse Doberti, exagerando teatralmente sua resposta. — Só que talvez esteja escondendo algo que poderia nos servir.

— Algo como o quê?

— Não sei. Me diz você.

Jonathan levantou a mão.

— Não tenho nada a dizer. Palavra de honra.

— Não tome isso como piada. Falei com a mãe de Cecilia, e, no dia em que ela desapareceu, saiu mais cedo de casa antes de ir trabalhar. A mãe tem certeza de que se encontrou com você.

— A mãe da Cecilia não pode ter certeza de nada.

— Não se dava bem com ela, né? Na investigação, ela não falou bem de você. Dizia que não colocava as mãos no fogo por você...

— Ela não se importa. Era minha sogra. O que quer? Os genros não se dão bem com as sogras.

— Por quê? Minha sogra me ama — afirmou Doberti. — Sua sogra não gosta de baseados?

Jonathan deixou sair o ar em uma debochada imitação de risinho. O gigante agora prestava atenção ao que se falava, e os baixinhos também olhavam com desconfiança. Dentro do bar, alguém aumentou o volume do rádio. Ouvia-se claramente a voz de um pastor. Dizia algo sobre Babilônia e uma meretriz.

— Olha... — disse Jonathan. — Já mostraram para mim a historinha do policial que interroga. E tive que aguentar uns dias lá dentro por isso. Mas me deixaram de fora. Entendeu? Não tenho mais o que dizer. Respeito o sr. Fabián. Você, eu não conheço. Daqui em diante, devem falar com meu advogado.

— Bom, tá legal — respondeu Doberti. — Como se chama o advogado?

Jonathan olhou de relance para os amigos e alisou a lapela quase inexistente de seu casaco.

— Se chama Juan Pérez.^[2]

Os baixinhos riram. A conversa continuava em um nível inacessível para o gigante.

— Bom... — disse Doberti. — Quando localizar Juan Pérez, vou dizer a ele que o caso está andando e indicando você como principal suspeito do desaparecimento de Cecilia Arroyo e Moira Danubio.

— Isso é ridículo.

— Não sei. Você está negando informação. Isso te implica como cúmplice.

— Cúmplice de quê?

— Jonathan, você viu Cecilia na noite anterior e no dia em que ela desapareceu. Não me sacaneie mais e me fale agora antes que a coisa se complique mais.

O gigante falou pela primeira vez.

— Estão te incomodando? — perguntou, de sua privilegiada altura.

Doberti olhou-o com desdém.

— Jonathan, não pode dizer a seu amigo para ir lá dentro pedir para abaixar o volume do rádio? Não dá para falar aqui. E, para aproveitar, peça para tomar um copo d'água e se tranquilizar. Estou achando ele muito agitado faz tempo. Vamos ter esta conversa em paz, porque, se não disser as coisas agora, vou voltar mais tarde com os rapazes da Central e, pela primeira vez, acontecerá um interrogatório de verdade. A polícia tem sido branda demais com os estrangeiros. Estão se contendo bastante para não quebrar a cara de um babaca metido a valente que vive de nosso país generoso. Olha, diga a seu guarda-costas que, se você se portar bem, mais tarde te empresto meu chaveiro do Mickey.

Jonathan fez um gesto com a mão para o gigante.

— Entra, Homero.

— Mas...

— Entra... Vai. Só estamos conversando.

— E os baixinhos também — disse Doberti. — Esses baixinhos de moletom me deixam nervoso.

Os rapazes de Jonathan entraram no bar. Fabián viu que um dos baixinhos falava com a senhora de óculos, que se aproximava do rádio.

O volume da música baixou consideravelmente. O gigante levantou uma das cadeiras de plástico, que em sua mão era como uma peça de uma casinha de bonecas, e, com um gesto seco e impotente, bateu com ela na parede que dava para os banheiros. Todos os clientes olharam, mas ninguém se mexeu.

— Bom, Jonathan... — retomou Doberti. — Agora sim, podemos falar com tranquilidade. O que você acha?

— Até agora, é o que estou tentando.

— Tenho que admitir que tem seu estilo. Agora, vamos voltar àquela noite. Foi um encontro rápido, segundo você. O que ela disse? Sentia-se mal por algo em particular?

Jonathan olhou para a rua. O baseado em seus dedos estava apagado havia um bom tempo.

— Estava mal por nós — disse. — Não queria mais continuar o relacionamento.

— Ah... — falou Doberti, olhando para Fabián. — E você não disse isso porque achou que te incriminaria pelo que aconteceu depois?

— Me assustei.

— E no outro dia você a viu ou não?

— Tentei vê-la, mas ela não quis. Fui até a casa da senhora Lila e falei com ela pelo interfone. Mas ela não quis descer.

— A que hora foi isso?

— Não lembro bem. Ao meio-dia, eu acho.

— A senhora Lila soube?

— Não sei.

— Por quanto tempo falou com ela?

— Cinco minutos ou um pouco mais.

— E de que falaram?

— Eu queria que ela me desse outra oportunidade.

— Em que se portou mal com ela, Jonathan?

— Em nada. Eu a amava. Mas ela já não sentia o mesmo.

— Por quê? Por que já não sentia o mesmo?

— Não sei. As mulheres são assim. Mudam de um dia para o outro.

— Na noite em que os Danubio saíram para jantar, você ligou para ela?

— Não. Palavra que não. Eu não liguei.

— Tem ideia de quem possa ter ligado para ela?

— Não.

— Ela chorou durante a conversa. Que outra pessoa, além de você, poderia ter feito Cecilia chorar?

— Não tenho ideia. É verdade.

— Ela pode ter te deixado por causa de outra pessoa, Jonathan?

— Não sei. Se foi isso, não me disse.

Jonathan remexeu-se, inquieto, na cadeira. A marra de rapaz rebelde e garanhão já havia desvanecido.

Doberti passava o Carusita de uma mão à outra. Jonathan olhava o isqueiro indo e vindo, de um jeito que podia ser de hipnotizado ou um último reflexo dos efeitos do baseado. Doberti deixou de brincar com o isqueiro e o guardou.

— Ouça bem o que vou te perguntar, Jonathan. Voltou a ver ou sabe algo de Cecilia desde o dia em que ela desapareceu?

Se Jonathan vacilou, não demonstrou.

— Não. Nunca mais a vi.

Parecia afundar no casaco. Fabián tomou consciência da espelunca em que estavam: o estado decadente do toldo metálico, as mesas, a esquina pela qual ninguém passava.

— Está certo disso? — insistiu Doberti.

— Sim.

— Sente saudade dela?

Ele não esperava essa pergunta. Nem Fabián. Jonathan continuou com as mãos dentro do casaco desbotado.

— Sim. Não há um dia em que não pense nela.

— O que acredita que possa ter acontecido? Ela fugiu?

— Não tenho ideia.

Doberti pegou um de seus cartões e deu a ele.

— Para o caso de te ocorrer mais alguma coisa.

Jonathan segurou o cartãozinho sem guardá-lo nem lê-lo. Seu olhar perdia-se em algum lugar do passado.

Doberti e Fabián levantaram-se. Dentro do bar, o gigante e os baixinhos olharam impassíveis enquanto os dois iam embora. O gigante estava com os braços cruzados feito uma estátua.

Um pouco mais de uma hora depois, já estavam chegando ao quarteirão da casa de Fabián.

— É ótimo caminhar um pouco — disse Doberti. — Estava desacostumado.

— O que houve com o Taunus?

— Não me fale disso. Há um problema nos documentos e estão retendo o carro no depósito.

— Está lá desde o dia em que o levaram? Já se passaram duas semanas!

— Minha mulher me lembra disso todos os dias. As mulheres se deprimem se não tiver um carro perto que as leve para passear. Ela diz que fico muito sexy quando dirijo. Foi bem lá no bar, hein?

— Só fiz uma pergunta.

— Por isso, foi bem. Ouvir sem se meter.

— É impressão minha ou você é meio racista?

— Por quê? — Doberti fez cara de ultrajado.

— Quando o apertou, chamou o sujeito de peruanozinho.

— Olha, é melhor eles acharem que sou racista, entende? Capaz de nenhum deles ter os documentos em dia. Precisa pegá-los por aí. Não sou racista. Tenho até amigos peruanos. Um de meus melhores companheiros, que me ajudava em alguns casos, era de Caracas.

— Isso é Venezuela.

— Bom... — disse Doberti. — A América Latina não tem fronteiras. Me saí bem com essa, hein?

— Muito impressionante. Mesmo assim, não teria me metido nem se o grandalhão te comesse na porrada.

— Por favor... Sabe o barulho que esses grandalhões fazem quando caem lá de cima? É pura espuma.

— Me pareceu aterrorizante.

— Já conheço esses caras. “Está tudo bem, Jonathan?” Uma bichona. Como vai perguntar isso? Ou você se mete ou não.

— Não sei se era bicha, mas esse cara toca castanhola com tampa de vaso sanitário. Viu o tamanho da mão dele?

Doberti parou de caminhar e inclinou-se para a frente. Fabián pensou que ele estivesse passando mal, mas viu que era o início de uma gargalhada.

Era um desses risos constantes que identificam os asmáticos. Parecia o riso do Muttley, o cão do Dick Vigarista, do desenho animado.

— Ei, não é para tanto — disse Fabián. — É uma piada velhíssima. O comediante Jorge Corona contava nos anos 1980.

— Tampa de vaso! — disse Doberti, enxugando as lágrimas. — Muito bom!

Recompôs-se, e continuaram andando. Chegaram até a porta da casa de Fabián.

— E como foi o teste de Ritter com Jonathan? — perguntou Fabián.

— Não preciso dele para saber que não tem nada a ver com tudo isso.

— Como sabe?

— Sei porque sei. Uma sensação, nada mais. — Doberti ajeitou a gravata, pensativo. — Voltarei ao metrô para dar um passeio de novo. Estamos indo bem, né?

Fabián pensou que sim, que estavam indo muito bem para começar. De fato, tinham uma informação que a polícia jamais obtivera. Cecilia havia terminado com Jonathan na noite anterior. Como isso se relacionava com o acontecido?

— Eu continuaria trabalhando com a hipótese de que Cecilia estava metida em alguma coisa. Para provar.

Ficaram de se falar no dia seguinte.

Fabián entrou em casa e a primeira coisa que ouviu foi o toque do celular na gaveta. Apressou-se para atender.

— Alô?

— Fabián? Fabián Danubio? — Era uma voz de homem. Aparentemente com afonia crônica.

— Sim. Quem fala?

Desligaram.

Fabián tentou pensar se conhecia a voz, mas não encontrou uma resposta.

Passou a semana sem novidades. Doberti ficou fazendo social na praça a que iam Cecilia e Moira. Não coletou nenhum dado novo. Fabián achou que a aparência quase de maluco de Doberti devia intimidar as pessoas, já relutantes em falar com desconhecidos.

Fabián foi à obra, visitou seu pai, falou com seu irmão. Reticente, recebeu a visita de Doris, e travaram uma conversa minada de espaços vazios. Doris parecia ter perdido sua função agora que Lila havia morrido. Fabián deprimia-se muito depois dessas visitas. Ficava pensando que não tinha amigos próximos. A solidão de Doris apegava-se a ele.

Na quinta-feira à tarde, voltou da obra e ficou olhando as paredes que o cercavam. Tinha que vender o apartamento e se mudar. Sabia que tinha que fazer isso, mas não tinha forças nem sequer para ligar para uma imobiliária ou pôr um anúncio no jornal. Além disso, havia a questão da hipoteca. Tinha que repassá-la ao comprador, e isso complicava as coisas. Pensou no crédito que pegaram juntos, Lila e ele. O entusiasmo quando encontraram o apartamento, com Lila grávida. O dia em que entraram, já como donos, no apartamento vazio, com o piso de taco impecável e o banheiro que precisava ser pintado de novo, com a cozinha luminosa e o inesperado barulho que chegava da rua, e que não tinham notado nas sete vezes que passaram, histéricos, para ver o lugar antes de decidirem comprá-lo.

Por um instante, Fabián voltou a ver Lila deitada de barriga para cima no chão da sala, com os braços estendidos formando uma cruz, a última tarde dela neste mundo.

Deixou rapidamente a sala e foi à cozinha. Apoiou-se na bancada por um momento, encontrou as chaves e saiu.

Andou até Belgrano e entrou em um cinema da rua Cabildo, o Savoy. Escolheu um filme aleatoriamente. Havia meia dúzia de pessoas sentadas na escuridão da sala. Era um filme dinamarquês cujo enredo não conseguiu acompanhar.

Saiu do cinema e caminhou pelos quarteirões em zigue-zague até deparar com a via férrea e a cruzou pela ponte metálica que desembocava na rua Zabala.

Chegou ao apartamento por volta de dez da noite. Achou que estaria mais tranquilo, mas de novo se sentiu mal. Ficou parado sem acender a luz, pensando no que fazer. Deu-se conta de que tinha vontade de estar com uma mulher. Queria se deitar com uma mulher bonita, absolutamente diferente de Lila. Queria fazer amor com intensidade com uma mulher, depois chorar e então dormir enquanto ela conversava com ele na escuridão.

O telefone tocou. Sempre o assustava. Atendeu e era Doberti.

— Eu sei que é difícil para você pegar o metrô, mas preciso que venha já à estação Leandro Alem — disse. — Anda logo, já estão fechando.

— O que houve?

— Achei uma coisa. Uma coisa importante.

Desceu em Alem e, perto das catracas, Doberti já o esperava. Passaram pela porta metálica que era aberta quando as bilheterias estavam fechadas ou quando havia paralisação. Andaram até as escadas de saída.

— Tem que ter paciência com isso ou deixar para lá — disse Doberti, enquanto subiam os degraus de dois em dois. — Fiquei dando voltas todos os dias e me concentrei no pessoal da linha. Guardas, seguranças, bilheteiros, vendedores dos quiosques. Mas me interessava mais outro tipo de gente. A gente que vê outras coisas.

— Como assim “vê outras coisas”? Que outra gente?

— É evidente! Os passageiros viajam, leem o jornal, dormem, se aborrecem com a rotina. Mas há muita gente que presta atenção de outra forma. Por exemplo, um batedor de carteira observa os bolsos para detectar aberturas fáceis. O segurança trata de ver os batedores de carteira atuando. O guarda observa a entrada dos vagões e cuida para que ninguém trave as portas. O que vende olha as mãos para ver se procuram dinheiro para comprar. Mas os que mais observam são os que pedem. Aqueles que têm apenas a desculpa de vender algo tão miserável que

ninguém compra, uma maneira indireta de pedir esmola sem se rebaixar tanto. Esses observam o tempo todo.

— O que observam?

— O chão, os cantos, as escadas, lugares em que se perdem coisas. Encontram moedas, lenços, guloseimas comidas pela metade, e às vezes, com sorte, carteiras. Embora, em geral, as que encontrem sejam as que os batedores jogam fora depois de esvaziá-las.

Foram para a superfície e o neon que vinha do Luna Park os banhou de luz. Caminharam em direção ao rio. Em frente, o edifício do Correo Central estava apagado. Na esquina mais próxima, havia um quiosque de flores fechado e várias lixeiras que ainda não tinham sido esvaziadas.

— O problema é que é gente complicada de se falar.

— Por quê? — perguntou Fabián.

— Porque às vezes são loucos.

Um homem com o uniforme da segurança do metrô andou até eles.

— Tudo bem? — disse Doberti.

— Sim — respondeu o homem. Por debaixo de seu casaco com a sigla do metrô, a camisa sem gravata apertava um pescoço largo.

— Fabián, Molina — apresentou-os Doberti.

O homem cumprimentou-o com firmeza.

— Agora está calma — disse. — Precisa fazer hora com ela para que não fique nervosa.

Fabián não entendeu. O homem afastou-se. Ao lado da lata de lixo, Fabián viu a mulher queimada.

Chamava-se Telma, mas tinha o apelido de Foca no mundo do metrô, em cruel alusão à pele grossa que o fogo consumira. Fazia seis anos que pululava pelos túneis e pelas estações, tentando vender prendedores de cabelo que poucos compravam. Para aqueles que não podiam evitar o uso intensivo do metrô, mas tentavam não respirar demais o ar viciado daquele mundo subterrâneo, Telma era um pesadelo incompreensível. Sua cabeça reluzia como a maquiagem de um filme de terror. Alguém poderia pensar estar vendo um revestimento de material

sintético, um elemento dissonante que demorava a ser associado a algo natural. Então, compreendia que se tratava de pele e pertencia à cabeça de um ser humano. Uma cabeça que parecia ter passado por um banho de ácido.

Fabián vira Telma mil vezes no metrô, até que se acostumou a ela e a incorporou à paisagem de todos os dias. Agora, ele a tinha ali em frente, observando-o com olhos sem cílios, de cor cinza quase brancos, olhos sem íris que flutuavam no rosto e lembravam frascos de formol com bizarros animais dissecados dentro.

Doberti puxou Fabián para o lado.

— Tem vinte ou trinta pesos?

— Sim. Por quê?

— Para dar ao Molina. Me ajudou a contê-la enquanto eu ligava para você.

Fabián deu o dinheiro, e Doberti passou as notas a Molina. O homem trocou algumas palavras com ele e se retirou. Telma continuava sentada, tocando a grossa trança tingida de sete cores que partia de sua nuca de pele corroída. Às vezes, seus dedos detinham-se no coto que havia no lugar que antes ocupava uma de suas orelhas. No colo, mantinha uma bolsa de lã e, sobre ela, várias embalagens vazias de chocolates e alfajores. A mulher nunca os encarava. Suas mãos também eram queimadas, sem cor. Tinha vestido um moletom com a estampa da Gap, embora a letra *p* tivesse se desprendido e só tivesse ficado seu contorno. Suas calças eram leggings quadriculadas em preto e branco, uma estampa que lembrava a dos antigos arlequins. Era como se fosse uma mulher formada pelos restos de outras mulheres, uma noiva de Frankenstein surgida de um laboratório secreto. Talvez já tivesse passado dos trinta anos.

Logo Fabián lembrou. Aproximou-se mais de Doberti, falando com ele com urgência.

— Ela estava no trem que eu peguei naquele dia.

— Aí está! — disse Doberti, triunfal. — O que me contou se encaixa, então.

A lembrança voltou logo ao ver a Telma de novo. Tentou imaginar de quantas coisas teria se esquecido, quantos detalhes

que talvez fossem fundamentais para recuperar sua filha. Os rastros dos quais falava Doberti, os pequenos sinais que ficavam marcados para indicar o caminho, resistiam ao esquecimento?

Doberti aproximou-se de Telma sem movimentos bruscos.

— Telma, ele é o senhor de que falei.

— O senhor, sim. Não... — Telma terminou a frase, mas continuou murmurando. Além de falar com eles, mantinha um diálogo constante com ela mesma.

— Sabia, Fabián — disse Doberti, mas em voz clara e didática, para que a mulher também escutasse —, que Telma se aproximou de mim quando eu estava mostrando uma foto de sua filha a umas pessoas e me disse que sabia algo?

— Sabia, sabia, sim. Não sabia, sabia — disse Telma.

O coração de Fabián bateu de um jeito que quase lhe causou dor.

— O metrô tem ainda alguns cartazes de Moira — disse Doberti, chegando mais perto de Fabián. — Quando me viu com a foto na mão, associou aos cartazes. A mulher é bem lelé, mas não é idiota. — Virou-se outra vez para Telma. — Você pode contar ao senhor o que contou para mim?

— Posso, sim, posso. Posso contar para ele. Não posso. Sim, posso.

Fabián olhou para Doberti. Este assentia com a cabeça, como se já tivesse se rendido ao “código Telma”.

— Bom, vamos lá. Outra vez.

— Estava com a moça — disse Telma. — A moça bonita, como eu antes. Eu não era bonita, era bonita. Antes.

— Mas a moça... a moça estava com a menina da foto?

— Sim, com a menina. A moça de olhos verdes, a menina das mãos verdes.

— Mãos verdes? — perguntou Fabián.

— Me diz de novo onde você viu — pediu Doberti.

— Em Pueyrredón. Na saída — disse Telma.

— Estação Pueyrredón?

— A estação. Sim. Não. A estação.

— A moça de olhos verdes e a menina desceram em Pueyrredón? — repetiu Doberti.

Telma mantinha os braços sobre sua bolsa de lã e apegava-se a ela como se fosse uma tábua de salvação.

— Sim. Mãos verdes. Desceram. Subiram. Não alcancei.

— Não alcançou quem? Elas?

— Está comigo ainda.

— Bem, vamos de novo — disse Doberti. — Você desceu do metrô. Foi para fora. Para a rua. E viu a moça de olhos verdes e a menina...

— De mãos verdes.

— A menina de mãos verdes, sim. As duas estavam na rua.

— Sim. Saíram. Não.

— Saíram ou não saíram?

— Saíram e foram de táxi.

Doberti olhou para Fabián.

— Coincide, entende? Se ela estava no mesmo trem que você, quando chegou a Pueyrredón, Moira e Cecilia já tinham que estar lá em cima porque chegaram no trem anterior.

— E o que é isso das mãos verdes? — perguntou Fabián.

— Espera, espera. Telma, quer outro Toblerone?

Doberti mostrou à mulher uma barrinha de chocolate, e os olhos de Telma brilharam de cobiça.

— Sim, sim. Não.

— Me conta do táxi.

— Era um táxi amarelo e preto.

— O que mais?

— Tinha portas.

Fabián deixou escapar um suspiro silencioso.

— O que mais? — seguiu Doberti.

— Era um táxi grande.

— Doberti... — disse Fabián.

— Espera um pouco. O que mais, Telma?

— Tinha um motorista. Não tinha.

— Quem era?

— Roque. O motorista era Roque.

— Isso aí. E como chamam Roque, Telma?

— Chamam de Poeira. Chamam. Não chamam.

— Roque, o “Poeira” — resumiu Doberti. — A moça de olhos verdes e a menina de mãos verdes subiram no táxi de Roque?

— A menina não estava mais com as mãos verdes — disse Telma.

Fabián sentou-se na calçada, subitamente cansado. Telma olhava para eles. Não sabia se ia receber outra guloseima ou não. Doberti aproximou-se de Fabián.

— O que você acha?

— Não sei. Agora me surgiu uma dúvida. As fotos delas estiveram por todos os lados. Esta mulher pode ter visto as duas.

— E?

— Não é muita coincidência que tenha descido justamente na mesma estação que elas?

— Que nada... Desce muita gente em Pueyrredón. Quem sabe quantas pessoas estavam no mesmo vagão do qual você desceu lá? Você quer dizer que ela está inventando?

— É uma possibilidade.

— Bom, precisa localizar o ponto dos táxis que saem de Pueyrredón. Para ver se conhecem Roque, o Poeira.

— E se conhecerem? Ela disse o nome, mas isso não quer dizer que Cecilia e Moira pegaram o táxi do cara. Essa mulher está bem mal, Doberti. Falar com ela é como jogar o jogo do copo.

— Estou de acordo que a mulher não bate bem da cabeça, mas isso não significa que esteja mentindo. Tem mais uma grana para ela?

— Ela não se contenta com chocolates?

— Está obtendo dados fundamentais sobre sua filha e regateia?

Fabián pegou cinquenta pesos da carteira e ofereceu a Telma. Apesar de seu evidente desequilíbrio, Telma reconheceu perfeitamente o dinheiro e o fez desaparecer em seu bolso. Levantou-se e flexionou as pernas.

Seus movimentos contradiziam-se com sua maneira desconexa de falar.

Era uma mulher isolada do mundo para sempre, mas estava adaptada para sobreviver nele.

— Me diz, Telma... — Doberti olhou-a de perto. Telma era alguns centímetros mais alta que ele. — Lembra-se de mais alguma coisa sobre a menina?

— Que menina? Não.

— A menina de que falávamos.

— Não falávamos.

— A menina de mãos verdes.

— Mãos verdes, não. As mãos verdes ficaram na rua. Estão comigo.

— Quem está com você?

— Estavam na rua. Pueyrredón. Não. Não alcancei elas.

Telma abriu a bolsa de lã. Mexeu nela. Fabián viu que, da bolsa, saía algo verde. Um boneco verde que se parecia ao longe com um grilo. Como o Grilo Falante da Disney, porém mais selvagem. O grilo selvagem que Moira levava quando se foi com Cecilia.

— Estava na rua — disse Telma, com seus olhos de formol brancos e intensos. — Está comigo ainda. Agora eu sou mãos verdes. Não sou.

Fabián começou a chorar.

Entraram em um bar da Corrientes e pediram um chá, que Doberti pagou. Fabián já havia se acalmado. Não tinha mais dinheiro. Deu cem pesos a Telma para que ela largasse o grilo selvagem. Ela não hesitou um instante. Doberti tinha um endereço que Telma rabiscara em uma das embalagens de chocolate.

Curiosamente, as letras eram claras; o endereço, coerente. Doberti pensava que talvez precisasse localizá-la de novo, embora fosse mais fácil achar Telma se percorresse o metrô.

— Vamos ver — disse Doberti. Pegou uma caderneta espiralada minúscula. Fabián nunca vira um caderninho tão pequeno. — Vamos recapitular. Nesse dia, você viu Telma no vagão em que estava. Ela desceu em Pueyrredón, subiu as escadas, aparentemente foi para a avenida e viu Moira e Cecilia. Talvez Cecilia tenha lhe chamado a atenção, ou o grilo, não sei.

— Elas entraram no táxi e Moira deixou o boneco cair — continuou Fabián. — Telma o apanhou. Se pegaram o táxi na avenida, foram em direção à estação Plaza Once. Telma reconheceu o taxista porque frequenta a região.

— Você se dá conta da evidência e da pista que conseguimos? — Doberti parecia animado. — Se localizarmos Roque, é provável que saibamos até onde foram com o táxi. Roque ou Poeira. Esse apelido... Ou o sujeito é porco ou é algo relacionado com drogas.

— Precisa ir a Pueyrredón falar com os taxistas.

— Esse é o passo seguinte.

— Falamos com a polícia?

Doberti descartou o cigarro e automaticamente o trocou por outro.

— Ainda não — disse. — Não quero que se metam e façam confusão. Vamos ver até onde chegamos.

No dia seguinte, estavam na esquina da Pueyrredón com Corrientes às duas da tarde. Havia sete ou oito táxis estacionados junto à calçada, a metros da saída do metrô. Os motoristas descansavam ouvindo rádio, conversavam com um colega ou aproveitavam para levantar o capô e meter a mão no motor. À medida que a fila se aproximava dos carros que logo seriam ocupados por passageiros, os motores eram ligados e aceleravam, como nos preparativos de uma corrida.

Separaram-se para perguntar, mas logo foram cercados por meia dúzia de taxistas. O nome de Roque, ou Poeira, foi reconhecido na hora. Fazia tempo que não o viam.

— Há dois meses, três meses que não vem aqui — disse um homem de bigode castanho-acinzentado. — Deve estar trabalhando em outra região.

— Está em alguma cooperativa? — perguntou Doberti.

— Esse aí não trabalhava em cooperativa — disse um taxista de camisa azul-clara justa, que apoiava o cotovelo bronzeado no teto do carro. — Esse trabalhava sozinho.

— Trabalhava em cooperativa, sim, cara — disse outro taxista, gordo e com um chapéu cáqui de pescador. — Estava na Vip Baires.

— Por isso... Estar na Vip Baires é como não estar em nada — respondeu o da camisa azul. O do chapéu de pescador olhou para o fim da fila de automóveis.

— René! — gritou.

Do último táxi, surgiu um homem muito magro que parecia estar perdendo para o cigarro por nocaute.

— Que foi?

— Você está na Vip Baires? — perguntou o do chapéu.

— Sim, por quê?

Fabián e Doberti se acomodaram no banco de trás. René pegou no rádio do táxi, tentando ligá-lo. Ouviram-se chiados isolados.

— Alô? Nena, está aí? — disse René.

— Alô, 332, recebido — respondeu uma voz feminina.

— Escuta... tem umas pessoas aqui que precisam de alguma informação sobre Roque. Você lembra?

— Que Roque?
— O rapaz que dirigia um Ford.
— Não deve ter muitos Roques — disse Fabián.
— Não, mas passa muita gente pela Vip Baires — respondeu René.

— Não parece um nome de cooperativa de táxis. Parece de outra coisa... — acrescentou Doberti.

— Todos dizem o mesmo — admitiu René.

— Não tem nenhum Roque — disse a voz no rádio.

— É que já não está na cooperativa, sabe? — explicou René.

— Qual é o assunto? — quis saber Nena.

— Passa ela para mim? — pediu Doberti.

René estendeu o rádio a ele.

— Alô? Senhorita, está me ouvindo? Me chamo César Doberti e estamos investigando o desaparecimento de duas pessoas. O senhor Roque poderia nos dar uma informação fundamental. Precisamos de um telefone ou um endereço onde possamos contactá-lo.

— Não posso dar a vocês essa informação.

— Então teremos que ir com efetivos da polícia à sua empresa para conversar com alguém que nos dê essa informação, senhorita. Pode me dar o endereço da cooperativa?

— Não posso dar.

— Vamos ver se fica claro — disse Doberti. — São três horas. Se vocês tiverem informações sobre Roque e não nos passarem agora, dentro de 45 minutos vamos dar uma volta na Vip Baires, e te juro que você vai chorar por termos ido. Não sei o estado legal da empresa de vocês, se estão em dia com os impostos e com as licenças. Sabe como vai aborrecer seu chefe se, por sua culpa, armarmos uma confusão com vocês? É uma bobagem o que te peço. Roque pode ser útil como testemunha de um caso de desaparecimento que, até dois meses atrás, saía em todos os jornais. Para que complicar, linda?

René, do banco da frente, levantou o polegar para Doberti, aprovando.

Fez-se um breve silêncio. Logo se ouviu outro chiado.

— Miller 3217 — disse a voz feminina. — É o endereço que deixou quando trabalhava aqui. Não trabalha mais.

— Muito obrigado, moça. Me diz o nome completo do Roque, por favor?

— Roque Álvarez.

— Onde fica a Miller? — perguntou Fabián.

— Eu levo vocês, se quiserem — disse René.

A rua terminava a metros da General Paz. Era uma região de casas baixas, muito bem-cuidadas, que recebiam a poluição e o barulho da circulação enlouquecedora da rodovia. A suposta casa de Roque era também uma dessas, porém com um estado bem pior que o das suas vizinhas. As telhas desbotadas, o jardim da frente precisando ser podado, com cardos e joios que comprometiam o gramado, a pintura das paredes cheia de umidade. Era uma casa que não manteve seu orgulho e sucumbiu diante da vertigem da decadência.

Estacionado em frente da casa, havia um táxi Ford com um amassado em uma das portas traseiras. O vidro de tal porta estava rachado. Era difícil precisar em que época o carro tinha passado por sua última lavagem.

René não quis cobrá-los. Não insistiram.

— Talvez ajude vocês — disse. — Esse cara tem o miolo mole.

— Por causa da “poeira”? — perguntou Fabián.

— Não sei nada disso...

Caminharam até a casa enquanto René se afastava em seu táxi. Uma janela que dava para o jardim deixava à mostra os clarões de uma televisão ligada. Dois pilares baixos, de cimento, continham uma velha portinha de madeira. Não havia campainha. Através da janela, Fabián viu que na sala, em frente ao televisor, alguém contemplava absorto as imagens. Era um homem de cabelo comprido que estava sentado em uma cadeira e segurava um copo. Doberti abriu a portinha e andaram até uma varanda em que se amontoavam garrafas, antenas de TV enferrujadas, caixas, tijolos, sacos de cimento vazios. Na porta da varanda, sim, tinha campainha. Fabián adiantou-se a Doberti. Não queria que ele fizesse sua melodia de desenho animado.

— Deixa que eu toco.

Ouviu-se o barulho da campainha. Doberti espreitou do jardim para ver se a figura da sala se mexia.

— Aí vem ele. Prepare-se: é um perfeito *gentleman*.

Uma portinhola se abriu, deixando ver o fragmento de um rosto pálido. Um olho injetado ficou no centro do buraco e rebateu de Fabián a Doberti.

— Quem é?

— Roque Álvarez? — disse Fabián.

O olho deteve-se nele.

— Quem é?

— Investigações — disse Doberti, mostrando sua credencial rapidamente, como sempre. — Podemos falar com você um momento?

Antes de Doberti dizer a palavra “momento”, o olho já tinha sumido. Fabián e Doberti ficaram quietos. Dentro da casa, ouviu-se um barulho mais distante, como de algum objeto ao cair, e logo outro, de uma porta que se abria. Doberti voltou para a calçada. Nesse momento, viu Roque pulando o muro de uma casa ao lado. Caiu e pareceu ter torcido o tornozelo, tropeçou e depois ganhou velocidade. Doberti nem sequer correu. Começou a andar até a esquina em que Roque dobrara. Fabián seguiu-o. Decididamente, Roque não era um velocista. Também não ajudava o fato de estar vestido com uma espécie de roupão de banho atalhado amarelo, um short Adidas e meias marrom-escuras. Tropeçou na ponta de um cadarço e deslizou com a cara no chão pelo asfalto até parar no meio-fio, ao longo de um escoadouro, ao que se aferrou como se fosse escorrer por ele. Doberti parou perto dele.

— Por que está correndo?

— Não consigo respirar. Espera.

Roque resfolegava e sentou-se devagar na rua. A derrapada no asfalto “desenhou” algumas ranhuras em seu peito.

Um garotinho parado junto à sua bicicleta era a única testemunha da situação.

— A única coisa que queríamos era falar com você — disse Doberti.

— Não consigo respirar — repetiu Roque, enquanto levantava as mãos tal qual um zagueiro que derrubou um atacante e quer evitar o inexorável cartão vermelho. — Estou limpo. Juro a você!

— Calma... Nem te dissemos por que viemos.

— Me assustei.

— Por quê? Por que se assustou?

— Pensei que fossem da polícia.

— A polícia está te procurando, Roque? Tem algum motivo para te procurar?

Roque colocou a mão no peito, cobrindo o sangue dos arranhões.

— Tem alguns motivos.

— Algo a ver com uma menina desaparecida? — disse Doberti.

— O quê? Não, para! O que está dizendo? Não sou degenerado. De que menina está me falando? — Roque alisou o cabelo de modo exagerado. — Vocês são da polícia, né?

Doberti pegou a foto e a segurou diante de seus olhos, que demoram a focalizar.

— Quem são? — perguntou Roque.

— Não sabe? — disse Doberti. — Olha bem a foto.

Roque olhou de novo, tentando fixar a vista.

— Em 29 de abril, pegaram seu táxi — disse Doberti.

— Pegaram meu táxi? Em 29 de abril, pegaram meu táxi? Não sei. — Fechou o roupão no peito. — Pode me dizer 29 de abril ou 25 de maio de 1810 que dá no mesmo.

— Não é o mesmo, Roque. Nunca mais voltaram a vê-las, nenhuma das duas. Você pode ter sido o último que as viu vivas. Seria bom você se lembrar.

— E o que tem se pegaram o táxi? Não tenho por que me lembrar. O que querem? Que me lembre de todos os passageiros que levo?

— Os taxistas têm boa memória, ainda mais se levam uma passageira bonita. Podemos falar em sua casa?

— Não sei. Está um desastre minha casa. Eu estou um desastre. Olhem isso...

Entraram na sala, onde a TV continuava brilhando enlouquecida. Roque entrou no banheiro. Ouviu-se o barulho da descarga do vaso sanitário. Reapareceu com uma gaze na mão.

— Desculpem a bagunça. Há muito tempo que não recebo gente. Querem tomar algo? Café? Cerveja? Água?

— Queremos que nos ajude, Roque — disse Doberti. Pegou uma cadeira de uma mesa que estava coberta por jornais e sacolas vazias de supermercado e sentou-se, com o cigarro já aceso. Roque suspirou e sentou-se no sofá. Apoiava a gaze no peito. Levantou um controle remoto e desligou a televisão.

— Não estou passando por um bom momento.

— Nota-se — disse Doberti.

— É algo passageiro. Já vai melhorar.

— Com certeza. A “poeira” é assim.

Roque riu, sem forças.

— Não, nada a ver. Há um mês que não consumo. Não é preciso se drogar para que a vida vá mal.

— Telma nos contou de você, Roque.

— Telma?

— A moça que vende prendedores de cabelo no metrô.

— Ah, sim. Telma. Pobrezinha. Louca de pedra.

— Todos somos um pouco loucos.

— É verdade.

— Vendeu para a Telma? — perguntou Doberti.

— Não. Para a Telma, não.

— Deu de presente?

— Pode ser.

Roque tirou a gaze e a olhou com nojo.

— Olha, eu não sou um graúdo. Vendo quando não tenho mais saída. Não vendo para garotos novos nem em colégios. Não sou viciado. Bom, pode ser que em algum momento sim, mas agora não. Tive alguns clientes, e quando não tinha, labutava no táxi. Nada mais.

— E por que correu? — perguntou Fabián.

— Já disse a vocês. Me assustei. Pensei que eram da Narcóticos. O pessoal de lá é muito ruim. Agarram você, que não é ninguém, e apertam seus ovos para delatar alguém mais

graúdo. Ou te arrebetam para dar o que tem para eles. Esses caras vivem fodendo os revendedores viciados, abordam os garotos que saem de alguma festa com algum comprimido, agarram pelos cabelos o pé-rapado com erva da esquina. Depois, passa ao lado deles um cara tipo o Pablo Escobar em uma limusine cheia de bagulho e não fazem nada.

— Jogou o que tinha no vaso, né? — perguntou Doberti. — Por via das dúvidas.

Roque coçou a cabeça, resignado.

— Melhor garantir. Tudo o que vem vai.

Fabián fez um gesto para que Roque olhasse para ele.

— Eu sou o pai da menina da foto. Telma viu ela e a moça entrarem em seu táxi. Há mais de seis meses que não sei nada de minha filha.

— Que merda!

— Sim. É mesmo. Não importa para nós seu problema com drogas. Não me importa que venda. Não me importa se é ladrão ou assassino. Neste momento, não me importa. Não vou te denunciar, não vou te causar problemas com a polícia. Estou quase certo de que não tem nada a ver com o que aconteceu com elas. Quase. Me dá essa certeza.

— Te juro que ajudaria se pudesse.

— Não se lembra nada delas? — perguntou Doberti. — Você estava na fila do ponto da Pueyrredón, e umas duas da tarde elas entraram em seu táxi.

— Vamos ver. Me dá a foto de novo.

Roque examinou a foto outra vez. Fabián pensou que, até agora, as duas testemunhas que tinham eram uma transtornada mental e um viciado em drogas. A sorte tinha que começar a mudar.

— A moça tem 23 anos. A menina, quatro — disse Doberti.

— Nesse ponto, trabalhamos muito, pegamos muita gente, entende? Casais, idosas, mães com crianças pequenas...

— Nunca ouviu falar do caso Moira?

— Sim, agora que me disse, sim. Mas não prestei atenção nele.

— Olhe bem para a roupa da menina. A sainha é a mesma que usava nesse dia. A moça usava uma blusa preta e um lenço verde ao pescoço. Pelo que me contaram, tinha uns peitões bonitos.

— É peruana — disse Fabián. — Talvez tenha te chamado a atenção o sotaque.

— Não, não... Foi há muito tempo. Disseram abril? É muito tempo. Além disso, eu tinha terminado com minha namorada. Minha coroa também passou por uma cirurgia. Eu estava com a cabeça em outro lugar nessa época. Mas... — Roque vasculhou na mente. — Disse peruana? Tenho uma lembrança.

— O quê?

— Não sei...

Roque levantou-se de repente, parecendo uma mola.

— Preciso cagar — disse. Enfiou-se no banheiro e fechou a porta.

— O que ele disse? — perguntou Fabián a Doberti.

— Esse cara está perdido.

A porta do banheiro abriu-se e a cabeça de Roque apareceu em uma altura muito baixa, o que significava que continuava sentado no vaso sanitário.

— Tenho a imagem da garota peruana dizendo “calma, calma”. Algo assim.

Ficou olhando para eles.

— Moira estaria chorando? — perguntou Doberti a Fabián.

— A filha da puta estava levando ela para o outro lado, e minha filha se deu conta — disse Fabián, com a dor que subia pelo peito. — Moira deixou cair o boneco e nem sequer pararam para recuperá-lo.

— Que boneco? — perguntou Roque.

— Um que a filha dele tinha — explicou Doberti. — Telma o encontrou na rua.

— Ah...

Roque fechou a porta. Um segundo depois, voltou a abrir.

— O boneco era como um bicho? Um bicho verde?

Doberti e Fabián levantaram-se ao mesmo tempo de onde estavam sentados.

11

Chegaram com o Ford de Roque à esquina da Pueyrredón com a Corrientes. Para ir ao centro, Roque vestiu uma roupa que, segundo seus critérios, era decente. Um moletom de capuz que tinha a cara de um dinossauro na frente, calça verde-militar com uma infinidade de bolsos e sapatos de lona branca. O carro era um convite à alergia e ao sufocamento. O pó acumulado flutuava entre os assentos e dava para ver nitidamente os raios de sol, quase desenhados no ar. Roque mexia a cabeça, nervoso, atrás do volante.

Doberti ia no banco do acompanhante; Fabián, atrás.

— Estavam discutindo — disse Roque. — Porque a menina tinha deixado cair o boneco.

— Foi assim... — disse Doberti. — Então, o que você fez?

— A menina estava tão mal que tivemos que dar a volta. Segui até a Valentín Gómez.

— Vamos fazer isso.

Roque avançou um quarteirão e dobrou à esquerda.

— Depois continuei até a Paso. — Seguiram por mais um quarteirão, e de novo à esquerda. O carro completou a volta dobrando na Lavalle e tomando de novo a Pueyrredón.

— Voltamos. Mas o grilo já não estava mais lá — disse Roque.

— Telma o levou — explicou Fabián.

— Bom... Então... eu acho que seguimos pela Pueyrredón.

— Não ache, Roque. Trate de lembrar.

— Sim. Seguimos pela Pueyrredón. Não me parece que pegamos a Corrientes.

Avançaram pelo trânsito e chegaram à Plaza Once. Quando cruzaram a Rivadavia, Roque seguia com a vista concentrada, falando consigo mesmo.

— Não...

A Pueyrredón transformou-se na Jujuy. Atravessaram a Belgrano. Depois, a Independencia.

Quando cruzaram a Humberto Primo, algo pareceu se acender na cabeça de Roque.

— Não. Foi antes da rodovia. Antes da rodovia, dobramos.

Roque tomou a San Juan e deu outra volta na quadra. Voltou para a Jujuy e freou na esquina da Humberto Primo.

— Aqui! — Parecia um alucinado, preso em uma névoa que o afastava do tempo.

— Aqui o quê? — perguntou Doberti.

— Dobramos aqui.

Roque pegou a Humberto Primo. Avançou lentamente. Chegaram até a esquina da Catamarca. Roque parou o carro. Olhava para a esquina. Fabián remexeu-se no assento, mas Doberti fez um gesto com a mão para que não falasse.

De repente, o rosto de Roque se iluminou. Arrancou de novo e cruzou a Catamarca. Alguns metros passando a esquina, havia um prédio de três andares que devia ter quase setenta anos. Era um desses edifícios idealizados e construídos por italianos com uma série de ornamentos destinados a impressionar certa classe abastada dos anos 1920. Compactos palacetes que terminaram subdividindo-se e reabrindo-se como pensões. E isso era agora: uma hospedaria chamada Brisas do Mar.

— Isso! — gritou Roque. — Agora me lembro! Desceram ali. Eu comentei com a moça o nome incomum. Diferente, né? Depois fiquei pensando: quem terá sido o imbecil que pôs um nome assim em uma hospedaria no meio de Buenos Aires?

Roque ajeitou o carro no meio-fio, estacionou e desligou o motor.

— Tem certeza de que entraram aí? — perguntou Doberti.

— Entraram. Eu vi as duas.

— Bom... Vamos descer. Roque, obrigado por tudo.

Doberti passou seu cartão a ele.

— Para que estejamos em contato. Não sabemos aonde isso tudo leva, mas...

— Uma coisa... — falou Roque. Olhava para a frente e mordida o lábio inferior. — Se essa pista servir a vocês, tenho direito a uma parte da recompensa?

Doberti olhou para Fabián.

— Não sabemos se a pista serve, Roque.

— Mas se servir?

— Nos falamos.

— Estou passando por um momento ruim. — Roque tamborilava os dedos no volante. — Estou na lona. Vocês viram.

— Precisa de alguma coisa agora? — disse Fabián. Doberti olhou para ele de cara feia. Fabián ignorou-o.

— Posso te dar algo. — Olhou em sua carteira — Duzentos pesos.

— Não quero esmola — disse Roque. — Se me pagam, é porque faço por onde. E também porque concordo.

— Por que não entra conosco? — disse Doberti. Soprava a franja sem parar. — Não sabemos o que há aí dentro. Capaz de ficar complicado. Dá uma força para a gente. Assim, ganha mais uma grana.

— Eu não quero problemas. Mereço o dinheiro pela informação.

— Se Telma não tivesse se lembrado de você, estaria batendo punheta na frente da televisão — disse Doberti.

— É muito desagradável você me dizer isso. Se eu não tivesse me lembrado disso, vocês estariam consultando o tarô.

— Vamos fazer uma coisa... — propôs Fabián. — Leva estes duzentos. Se chegarmos a algo, eu dou minha palavra de que te pago mais. Já sei onde te encontrar.

— Melhor tirar tudo o que seja estranho da sua casa... — disse Doberti para ele. — Se surgir algo novo nessa investigação, você vai ser uma testemunha para a polícia.

— Não, não quero nada com a polícia.

— Ninguém quer nada com a polícia, Poeira. Mas, se quiser cobrar algo da recompensa, vai ter que encarar. E vamos sair, porque já estou cansado de falar.

Doberti abriu a porta do carro com certa violência.

Fabián desceu e parou na calçada. Roque acenou, cumprimentando, e arrancou. Na primeira esquina, quase bateu.

— Infeliz! — disse Doberti, vendo-o se afastar. — Não suporto drogados.

— Disse que estava limpo.

— Nunca estão limpos.

12

Ficaram olhando a fachada da hospedaria Brisas do Mar. Três andares de janelas antigas, amplas, silenciosas. Abaixo do letreiro luminoso com o nome, estava a porta de entrada, alta, duas folhas de madeira maciça. Uma delas estava aberta e dava para um saguão em penumbras. Um leve reflexo de vidro deixava entrever o fundo do saguão, que evidenciava a presença de uma segunda porta também de vidro.

— Vou entrar sozinho — disse Doberti.

— Por quê?

— Realmente não sabemos o que existe aí dentro.

— Uma hospedaria.

— É o que parece. Por isso, prefiro ir sozinho. Vou entrar dizendo que sou um viajante procurando um quarto. Assim, vou vendo o ambiente. Se entrarmos nós dois, vai parecer estranho.

Doberti ajeitou o nó da gravata.

— Me espera aqui.

Fabián não soube o que dizer. Nem teve tempo. Vacilou, e Doberti já tinha entrado. Ficou quieto, amparado pela sombra de uma árvore. Havia umidade, e a vizinhança não despertava do estado grogue no qual mergulhara. Passaram alguns ônibus e algumas crianças voltando da escola. Fabián andou até a esquina e depois voltou. Um cão vira-lata passou com o rabo entre as pernas e enfiou-se na hospedaria.

Passaram-se cinco minutos e Doberti reapareceu. Da entrada, fez um gesto para que Fabián se aproximasse.

— Já falei com a dona.

— E aí?

— Vai ver.

A hospedaria Brisas do Mar, inaugurada por Ismael Regueiro, pai de Maria Eugenia Regueiro, a Marita, devia seu nome à renitente nostalgia pelas praias das Astúrias que nunca mais foram pisadas. O mar Cantábrico ficou distante e já nem persistia nos

relatos de ocasionais visitas familiares. As brisas nunca existiram ali. Ismael só encontrou o rumor das conversas da cidade e um vento silencioso que levou com rapidez os anos de sua vida.

Marita herdou a hospedaria. Era quase idosa, vestida de preto, com o cabelo grisalho penteado para trás. Sob a luz cinzenta que vinha de uma luminária do teto, parecia estar dentro da moldura de uma pintura estática e parada no tempo. Passou o dedo pela folha do volumoso livro de registros.

— Às vezes, usamos o livro, às vezes não. Essa é a verdade. Creio que, em 29 de abril, eu estava aqui, mas não estou certa.

Era uma salinha, ao fundo de um hall comprido. Uma escada de mármore dava acesso aos andares superiores. Ao fim do hall, outra porta saía para um corredor. O corredor terminava em uma arcada e, depois desta, via-se os fundos com uma grande figueira.

Fabián e Doberti inclinaram-se sobre a pequena bancada de linóleo na qual descansava o livro. Estavam tentando discernir a que quarto poderiam ter ido Cecilia e Moira.

Na hospedaria, havia quatro inquilinos fixos. A sra. Marita não podia afirmar se, em 29 de abril, esses hóspedes estavam ali. Um deles era provável. Os outros três deviam estar trabalhando. Os quatro quartos restantes da hospedaria estavam ocupados naquele dia, com clientes temporários. Os “passantes”, como Marita os chamava, escreviam seu nome e seu número de documento no livro. Nunca pedia a ninguém para mostrar os documentos para comprovar o número. Todos eram fantasmas fugazes, de passagem.

Em resumo, Cecilia e Moira poderiam ter entrado em qualquer dos oito quartos. Nem a senhora Marita nem Leandro, um rapaz que a ajudava, recordavam-se delas, e Doberti comprovou que, do quartinho em que estavam, não podiam ver a área do hall entre a porta de vidro e a escada. As meninas poderiam ter entrado e subido para o primeiro ou o segundo andar e saído sem serem detectadas.

— Cada um dos hóspedes tem sua própria chave da porta do quarto — explicou Marita. — Por isso, não prestamos tanta atenção aos que sobem. Isso é quase um daqueles conjuntos

habitacionais, sabe? Quase sempre estamos à espreita, mas não vimos essa adorável moça e a menina. Se eu tivesse visto, lembraria. Deus as guarde.

A sra. Marita reconhecera Moira pela repercussão do caso e confessou que, de vez em quando, procurava novidades sobre o assunto nos jornais. Fabián sentiu uma pressão na panturrilha e desceu os olhos para conseguir ver os dois cães que passavam até o corredor que dava para os fundos. Leandro, um rapaz de uns 22 anos, que parecia ter pouco estudo, tentou alcançá-los em vão. Fabián puxou Doberti para o lado.

— Acho que é preciso chamar Blanco e Mondragón. Isso é grande para nós.

— Espera um pouco — disse Doberti.

Ergueu o livro de registros com dificuldade e o estudou.

— Aqui há dois nomes árabes — disse.

— Esses são do centro islâmico do outro quarteirão — explicou Marita. — Nesse dia, havia uma convenção ou algo assim.

— Ou seja, esses dois são localizáveis. Devem ter se registrado nesse centro islâmico também. — Fabián imaginou Cecilia e Moira no Cairo, ajoelhando-se em uma mesquita, olhando para Meca, com os rostos cobertos com véus. Em outra circunstância, teria rido.

— Temos, então, quatro hóspedes permanentes e os dois árabes.

— Sírio-libaneses — corrigiu Marita.

— Seja o que for. Ficam outros dois nomes. Carlos Desimone e Lucio Giambologna. Não se lembra de algum deles?

Marita negou com veemência.

— Não mesmo.

— O sr. Carlos já veio outras vezes. Ficou dois dias — complementou Leandro. — O sr. Lucio ficou uma semana e foi embora nessa mesma noite. Não se lembra desse senhor, Marita? Ficou falando com você sobre a Espanha.

Marita afastou um pensamento de sua mente.

— Acho que sim. Um senhor bem alto, muito atento. Leandrito, por que não vê para mim os cachorros lá nos fundos? Estão enchendo minha cabeça.

— Em que quarto ficou o sr. Lucio... Giambologna? — Doberti releu o nome no livro. — Aqui diz quarto 6.

— Segundo andar — disse Leandro.

— Está ocupado agora?

— Não.

— Podemos vê-lo?

Era o último quarto ao fim do corredor.

— É o único que foi embora na mesma noite do dia 29. Na verdade, consta como uma da madrugada do dia 30. Lembra-se disso, Leandro?

— Acho que sim. Mas não tenho certeza. Se consta essa hora, é que assinou a saída.

— Mas não se lembra.

— Estava muito sonolento — admitiu Leandro, com vergonha.

— Se Cecilia se encontrou com alguém aqui, precisariam ter ido em seguida, não? — disse Doberti a Fabián.

— Talvez as duas vieram aqui e depois foram para outro lugar. Não necessariamente com alguém.

— Talvez, talvez, talvez... — cantarolou Doberti.

Entraram no quarto. Era o único com banheiro particular. Fabián surpreendeu-se pelo asseio. Uma cama, um armário, uma mesa. O cenário comum de uma hospedaria. A janela dava para os fundos. Doberti abriu e olhou. Podia ver a grande figueira que se erguia contra o muro. Havia outras duas ou três árvores mais baixas, e a grande profusão de capim dava a impressão de um pasto abandonado.

Pelo menos sete cães estavam no jardim. Movimentavam-se inquietos e pareciam brincar entre eles, embora às vezes essa brincadeira passasse a ser uma briga a dentadas. Fabián viu que, perto da janela, havia uma escada de ferro que ia do terraço até o primeiro andar.

— O que esses cachorros têm? — perguntou Doberti.

— Estão loucos — disse Leandro. — Ou no cio. Não sei... Estão assim desde que o cano se rompeu.

Fabián notou que, em algumas áreas, os cães patinhavam. O fundo todo aparecia alagado. Doberti vasculhou o quarto, mas tudo era tão minúsculo que não havia margem para um canto

escondido que revelasse algo significativo. Voltou para a janela, levantando o nariz.

— Que cheiro é esse?

— É do cano — informou Leandro.

— E não consertam?

— Chamamos, mas eles não vêm.

— Quando chamaram?

— Vai fazer duas semanas.

Desceram. No primeiro andar, um homem de camiseta e pijama esgueirou-se à porta de seu quarto. Tranquilizou-se quando viu Leandro.

— O senhor Antúñez... — O homem apenas acenou com a cabeça, cumprimentando. Fechou-se no quarto. — É apostador de cavalos — esclareceu Leandro, como se isso explicasse tudo.

Embaixo, Marita estava bastante inquieta.

— Leandro, pode parar com esses cachorros de uma vez? Estão fazendo um escândalo terrível.

Fabián aproximou-se de Doberti.

— Chamamos a polícia?

— Sim, se não houver outro remédio. Eles não vão gostar de que eu esteja envolvido. Um detetive, para um policial, é como um mestre de obras para um arquiteto.

Os latidos ao fundo eram fortes e constantes. Alguns se prolongavam em uivos.

— Que caralho é esse? — disse Doberti.

Foram para o pátio e avançaram até o fundo. Na metade do caminho, um cheiro forte foi ao encontro deles sem aviso.

— Que merda! — disse Fabián, procurando um lenço.

Doberti continuou a andar. Seus sapatos começaram a chapinhar. Ao redor da figueira, o chão mostrava um espelho d'água. Os cães salpicavam-se, correndo para lá e para cá, e o cheiro era cada vez mais forte.

Fabián viu que Doberti cercava a figueira e aproximava-se do muro.

Deu alguns passos e agachou-se para olhar algo. Leandro agachou-se também.

— Viu isso? — disse o rapaz. — Está cheio.

Fabián chegou até eles e aproximou-se para ver o que estavam examinando.

Em uma poça de quase um metro e meio de largura, mexiam-se incontáveis vermes, amarelos e grossos. A quantidade era enorme. Os cães aproximavam-se e recuavam. Um deles levava um monte de vermes na boca. Fabián sentiu algo como um soco no estômago. Doberti levantou-se, tapando a boca e o nariz com seu lenço.

Voltou-se para Leandro.

— Tem uma pá, um ancinho, algo assim?

O rapaz correu para a casa e disse algo a Marita, que estava na porta, mas não atrevia a se aproximar. Ambos se enfiaram na casa. Fabián olhou para o chão. Por sobre o lago de vermes, uma nuvem de pequenas moscas dançava enlouquecida.

Leandro voltou com um ancinho que tinha uma pá plástica para lixo presa com arame.

— Foi o melhor que consegui.

Doberti começou a desenterrar, retirando a água e os vermes. Abaixo, havia um barro brilhante e camadas de vermes. Depois de fincar uma vez a pá, o cheiro assaltou-os mais violentamente ainda. Fabián deu um passo para trás. Doberti continuou a cavar, com Leandro olhando a seu lado.

— Está vendo? — Fabián ouviu o que dizia Doberti.

A pá já não trazia água. Doberti parou de cavar.

— O que é isso? — disse Leandro. — Meu Deus...

Doberti e Leandro afastaram-se ao mesmo tempo. O rapaz tropeçava em si mesmo. Fabián aproximou-se. Precisou de alguns segundos para poder traduzir o que estava vendo. Um monte de vermes pululantes, de incrível comprimento, envolvia um cadáver. Era possível distinguir uma cabeça e os ombros, mas com dificuldade. Era como um manequim parcialmente queimado e derretido, que havia perdido as feições, mas não a forma. O corpo tinha uma cor branca, meio prateada, que brilhava à luz; a cor úmida de um peixe tirado do mar. Em alguns locais, esse branco-prateado se interrompia. Podia-se ver a forma de um maxilar, algo que podia ser uma boca entreaberta. Fabián reconheceu os arcos ósseos das cavidades oculares,

vazias e com mais movimento de vermes. Os braços, as mãos, os dedos, tudo estava inchado, com o dobro de seu tamanho normal. Era como um casamento congregando os vermes e uma mulher. Porque era uma mulher o que estava ali, sem dúvida, em seu terrível fim. Ela mesma parecia um tipo de verme gigante que havia parado em uma fase intermediária de sua metamorfose. Mas não chegaria a virar mariposa. Era o verme humano morto dentro de sua crisálida. Fabián reconheceu, entre pedaços de pele decomposta e movimentos de vermes, o lenço verde-claro de Cecilia. Em segundos, um manto de pequenas moscas cobriu o corpo, transformando-o em uma sombra.

Não teve muita noção do que se passava. Sentiu que o chão se mexia e vinha até ele e, quando quis se recobrar, estava ajoelhado, segurado por Doberti e Leandro, molhando a calça com a água bichada, invadido pelo cheiro da morte e pela putrefação, cercado pelo latido insano dos cães.

Eram dez da noite. O pátio da hospedaria estava envolto por faixas vermelhas e brancas. Uma dúzia de pessoas trabalhava no lugar. Postados às janelas, os inquilinos da Brisas do Mar contemplavam o movimento como quem assiste a um desfile comemorativo. No saguão, Marita falava com alguns vizinhos, e, na calçada, dois policiais evitavam que os estranhos entrassem no lugar. A alguns metros, estavam as câmeras, os refletores, as vans dos canais de TV.

Fabián olhou o cenário com familiaridade e fastio. Estava atrás de uma janela do primeiro andar, no refeitório da hospedaria. Já tinha se acalmado. As últimas duas horas tinham sido duras. Apesar de Doberti ter dito que Moira não estava com Cecilia, pois o mais provável era que não tivessem sido enterradas juntas, até a polícia acabar de remover a terra de todo o fundo sem achar nada, ele não teve o mínimo de paz. Falou por telefone com o pai e com o irmão. Os dois deram-lhe ânimo de forma similar: essa descoberta horrorosa implicava, no entanto, a possibilidade de uma nova linha de busca que o aproximaria de Moira. Fabián tinha vontade de acreditar que era isso.

No refeitório da hospedaria, ao longo de uma mesa de madeira lustrosa e escura, sentavam-se várias pessoas. A agente Blanco parecia mais magra que nunca e Mondragón segurava sua xícara de café, aparentemente sem pensar em nada concreto. A seu lado, estava Esteban Revoira, o promotor, vestido de forma impecável, como sempre. Seu conjunto de paletó, calça e camisa era uma espécie de oposto das roupas de Doberti, como se este fosse um reflexo imperfeito e deformado de Revoira. Fechavam o grupo dois novos personagens somados ao drama, agora que se produzira o clássico “reviravolta inesperada”. Um era o inspetor da Homicídios, Ramiro Beltrán, um homem gordo e pálido, de cabelo grisalho e curto. O outro era Luis Livedisky, médico forense, que sempre parecia estar vestindo um jaleco branco, embora naquele momento não estivesse. Fabián ficou tentando

imaginar se Doberti já os tinha acrescentado à sua lista de personagens.

— Bom... — disse Revoira, ajeitando um prendedor de gravata que lançou um breve clarão dourado na sala. — Vamos recapitular o que há até agora. Assim, estaremos todos a par. Há duas testemunhas consignadas: Telma, sem sobrenome, que deve ser localizada na região do metrô B, e Roque Álvarez, taxista, domicílio informado pelo senhor Doberti. — O mencionado levantou a mão e a agitou. Revoira olhou para Doberti quase como se ele fosse um mendigo infiltrado em uma reunião empresarial de alto nível.

— Essas duas testemunhas estão sendo localizadas pela equipe da Busca. — Blanco e Mondragón ajudaram.

— Outras duas testemunhas são Leandro Gabrenas e Maria Eugenia Regueiro, os quais estavam no momento em que o corpo foi encontrado.

Revoira tirou seus óculos bifocais de design italiano e fixou o olhar em Livedisky.

— O corpo... O que temos?

Livedisky coçou o nariz e pigarreou de maneira ruidosa.

— Até agora, tudo surgiu de observação direta. O cadáver apresenta decomposição correspondente ao fator 8 de terra.

Livedisky viu que Fabián franzia a testa. Explicou-se.

— Um cadáver ao ar livre tem um fator de decomposição valor 1. Na água, 2. Na terra, 8. Ou seja, na terra demora oito vezes mais a se decompor que ao ar livre. Isso indica que o corpo pode ter sido enterrado logo depois da morte.

— O que mais? — pediu Revoira.

— Foi uma sorte ter quebrado o encanamento de água. A umidade acelerou a putrefação e gerou a atividade dos vermes e o cheiro. Se a terra estivesse seca, o cadáver em um ano já seria uma ossada, sem que ninguém soubesse.

— Coincide o quadro do corpo com o tempo que a morta estava desaparecida? — perguntou Beltrán, com uma voz anasalada, quase robótica. — Preciso saber se a mataram no mesmo dia.

— Não posso julgar isso agora. Mas, até o momento, todos os elementos coincidem. Inclusive que o cadáver tem saponificação, que indica o passar do tempo e bate com os cerca de seis meses desde o desaparecimento.

— O que é saponificação? — perguntou Fabián.

— É quando o cadáver vira sapo? — questionou Doberti.

Todos olharam para Doberti ao mesmo tempo. Mondragón ergueu uma sobrancelha. Blanco observou-o com os olhos muito abertos, ainda que sempre fossem assim. Revoira fez uma careta.

— Creio que a seriedade da situação não dê margem a piadas, Doberti.

— Perdão. Não pude evitar.

— Daqui em diante, evite isso. Neste momento, a mãe dessa moça está lá embaixo chorando aos gritos, e na família não sabem quem vai se atrever a reconhecer o corpo.

— A saponificação é uma espécie de cobertura que aparece no corpo em contato com a terra e a umidade — explicou Livedisky a Fabián, com ares de especialista. — É essa camada cinza, cerosa, que você viu. Quase a metade do corpo tem isso. Isso significa que poderia estar enterrado já entre três e seis meses. A decomposição de certos órgãos, como o estômago e... o útero, também indica o tempo.

— Não vamos dar voltas — disse Doberti. — Mataram a moça no mesmo dia em que a trouxeram para cá. Está claro.

— Preferiria que nos guiássemos pelo trabalho forense, embora em primeira instância tenha que estar de acordo com isso — expôs Beltrán.

— A causa de morte, então, digamos, é arma de fogo? — apressou-se Mondragón.

— Sim — respondeu Livedisky. — Até agora, dois impactos. A Balística nos dirá os outros.

— Dois impactos onde? — perguntou Beltrán.

— Ao que parece, pelo que observei, um em cada têtora.

Beltrán abriu uma agenda de couro preta fazendo barulho e escreveu nela.

— Um em cada têtpora — disse Doberti. — Pobre moça... Localizaram Cisneros?

— Está em interrogatório — explicou Blanco. — Sofreu um ataque de nervos quando lhe deram a notícia.

— O que averiguaram sobre Lucio Giambologna? — perguntou Revoira.

— É o único nome de todos os hóspedes da hospedaria que não se encaixa com a carteira de identidade — explicou Beltrán. — O número corresponde ao de uma mulher que vive em Rosário. E não encontramos um Lucio Giambologna em nenhum arquivo.

— Como pode essa hospedaria de merda não pedir documentos? — disse Revoira. Remexeu-se na cadeira, tentando fazer com que o estofamento velho não manchasse sua roupa. — Mantenham-me a par dos interrogatórios com os outros hóspedes.

— Esse é o sujeito — disse Doberti. — Se foi embora à uma da manhã, foi depois de enterrá-la. Não percam tempo com os outros.

— Agradeceria se nos deixasse decidir o critério dessa investigação — conteve-o Revoira, saturado. — E lembre-se de que você também precisa estar disponível para interrogatório — disse a Fabián. — Você também agiu mal, Danubio, tenho que te dizer. Precisariam ter comunicado os dados que obtiveram nos últimos dois dias. Te desculpo pelo fator emotivo envolvido nisso. Mas você... — Doberti levantou de novo a mão, diante do olhar de Revoira. — Você tem a obrigação de informar seus avanços. Eu poderia processá-lo por obstruir a investigação não fornecendo esses dados.

— Você já sabe como é, Revoira. — Doberti deixou o Carusita erguido sobre a mesa, como um pequeno totem. — Às vezes, é preciso se apressar, porque senão a chance vai embora.

— Sim, sim, já sei como é, Doberti. Só não interfira, só isso... Acabamos aqui, então... A partir de agora, Homicídios e Busca trabalham juntos. Os agentes Mondragón e Blanco ficam à disposição do inspetor Beltrán.

Todos começaram a se levantar de suas cadeiras. Doberti aproximou-se de Revoira.

— Queria consultá-lo sobre o assunto recompensa — disse Doberti.

— Não sei por que, mas tinha certeza de que vinha me dizer isso.

— Isso significa que o paradeiro de Cecilia Arroyo já se resolveu, né? Não deveriam dispor a metade da recompensa?

— Deixe-me falar com a Defesa, que levantou essa questão, e te respondo.

— Se esse dinheiro se fizer efetivo, eu destinaria pelo menos quatro mil pesos a Roque Álvarez e outros mil a Telma, a do metrô — disse Fabián.

Doberti olhou para Fabián. Todos os buracos de sua cara pareciam mais profundos e escuros. Revoira divertia-se pela primeira vez em muitas horas.

— Temos isso em conta — disse. — Vá descansar, Danubio.

Blanco aproximou-se de Fabián.

— Como está, sr. Fabián?

— Não pode me chamar apenas de Fabián?

— Não quando estou em serviço.

— Isso é uma reviravolta importante no caso, não acha?

— Acho que sim. — Blanco olhou para os agentes que abandonavam o quarto, vacilando quanto a falar ou não. — Como você está?

— Vou levando — respondeu, sabendo que nenhum dos dois acreditava nessa frase. Blanco apertou seu braço, não disse nada e saiu. Sentiu um leve toque no ombro. Era Doberti.

— Por que não me deixa fazer as contas com a recompensa?

— Em outro momento discutimos isso. Como saio daqui?

— Fobia das câmeras, né?

— Exato.

Leandro abriu uma porta que dava para um cortiço da vizinhança. Fabián e Doberti saíram na metade do quartoirão. Na esquina, tomaram outro táxi que os afastou dos brilhos das câmeras e da proximidade da morte.

14

— Alô? Fabián Danubio?

— Sim. Quem é?

— Você não me conhece. — A voz era rouca e controlada, com um ritmo e um volume sem alterações. — Tenho uma informação importante sobre sua filha.

Fabián engoliu em seco. Estava deitado de cueca e, durante a noite, tinha suado muito. Abriu a gaveta da mesinha quase sonhando e, no momento de atender, esquecera-se daquela voz.

— Que informação?

— Sua filha está viva.

Sentiu que estava enjoado, que o ar ao seu redor pesava.

O mundo perdia o chão.

— Quem é você? Fala!

— Não posso. — Fez-se um silêncio. Fabián ouvia barulho de carros ao fundo.

— Você está com ela?

— Não. Mas conheço as pessoas que a levaram. São perigosas. Tenho medo, e você deveria ter. Volto a ligar.

— Espera!

Já tinham desligado. Fabián olhou o visor do celular. Número desconhecido.

— Deve de ser algum imbecil que tem seu telefone — disse Doberti a ele.

— Disse que estava viva.

— Não ligue para isso. Me ouça.

— Como alguém pode brincar com algo assim?

— Há gente para tudo.

Estavam no escritório de Doberti, no Purgatório do Barolo. Sanjulián descansava sobre a mesa, imóvel, exceto por seus bigodes, que se mexiam de vez em quando. De Marcia, não havia notícias. Fabián temeu que, finalmente, Sanjulián tivesse selado o destino da galinha. Teve medo de perguntar.

Doberti abriu as janelas para oxigenar o ar viciado pela fumaça de seu interminável cigarro. Fabián notou algo diferente no lugar. À direita da mesa, havia algumas caixas de papelão que, postas juntas, formavam um retângulo no chão. Ao lado dessas caixas, estava a bibliotecazinha do quarto de Moira. Fabián entendeu: Doberti reproduzia o quarto de Moira com os objetos que tinha levado naquele dia. As caixas de papelão em retângulo representavam a cama. Estava tudo igual. A única coisa que faltava era o grilo selvagem. A maletinha da Pequena Sereia estava aberta, e Fabián pôde ver os objetos que havia dentro. Papéis pintados, frascos de perfume, lenços coloridos, um enfeite dourado em forma de aranha em sua teia, um jogo da memória incompleto. Por que esses objetos foram guardados com tanto cuidado por Moira? Que privilégios tinham para a rainha que governava suas legiões de brinquedos? Pela milionésima vez, perguntou-se onde estaria. Sentiu-se mal, e Doberti percebeu.

— Café?

— Não, obrigado.

— Pus as coisas de sua filha aqui para continuar pensando. Às vezes, ajuda. Obriga você a ter o assunto sempre à vista. Me diz: desde quando este sujeito te liga?

— Há umas semanas. Por quê?

— Justo agora que saiu o paradeiro de Cecilia e o caso está de novo nos jornais, o sujeito faz mais contato com você. Essa é a questão. Alvorçam o vespeiro e já não se pode trabalhar com discrição.

— Acha que Revoira e os outros vão encher o saco?

— Tem alguma dúvida? Não viu as caras que fizeram na reunião da hospedaria? Revoira me olhava com nojo.

— Revoira olha todo mundo com nojo.

— Para eles, seria melhor se eu não estivesse presente. — Doberti jogou-se para trás em sua cadeira giratória e cruzou os braços na nuca, sorrindo. — Leu os jornais esta semana?

— Há seis meses que não leio jornais.

— Precisa estar informado.

Passou a ele um jornal sobre a mesa. Em um destaque da seção de atualidades, aparecia uma foto de Doberti. Parecia

articulado, mostrando seu perfil sem marcas. Fizeram com ele uma matéria acerca das pistas obtidas no caso. O título da matéria era “Na trilha de Moira”, e havia uma frase realçada, supostamente de Doberti: “Às vezes, as pessoas não querem chegar à verdade”. Fabián levantou os olhos do jornal. O rosto de Doberti expressava satisfação, mas o conjunto de sua posição na cadeira e sua expressão denotavam um prazer perto da picaretagem.

— Suponho que isso faça bem a seu trabalho.

— Já estão me chamando de louco. Mas, olha, a prioridade continua sendo Moira.

— Não tem por que ser a prioridade. — Fabián sentia algo como uma pontada na cabeça. — Não é obrigado a nada.

— É por isso que trabalho neste caso. Porque me interessa.

— Tem pensado em conceder outras entrevistas? Televisão? Conheço um produtor, o que me presenteou com o celular, que mataria a mãe para te levar à TV.

— Está sendo irônico, não?

— Ficou muito bem no jornal. Muito a sua cara.

— Parece irritado...

— Você realmente entende o que eu venho passando? Minha filha desapareceu, minha esposa morreu. Consegue sentir isso?

— Claro! Sou humano.

— Você cuida do seu, como todos. E se não houvesse recompensa? Teria se envolvido no caso? Ou me cobraria?

— Não é assim, Fabián, e sabe disso. Qual é o problema? Te incomoda que eu apareça na matéria?

— Me incomoda que possa viver tranquilo, dormir bem, transar com sua mulher, sair no jornal, fumar. Me incomoda que leve uma vida normal. Não consigo, entende? Não mais. Eu sei que o mundo está cheio de gente que sofre. Quem nunca sofre é que me incomoda.

— Aonde vai? Senta... Não seja...

— Quero andar.

Avançou pela avenida de Mayo atravessando por entre as pessoas. Arrependeu-se um pouco do que dissera a Doberti. Andou pela Rivadavia até que deixou de perceber os quarteirões,

a multidão, a tarde que se retirava nas ruas. Quando recobrou a consciência, estava na Primera Junta. Caminhou ao longo dos trilhos do bonde elétrico, sentindo que talvez aquelas linhas metálicas incrustadas no asfalto pudessem transportá-lo através do tempo, muito atrás, antes de conhecer Lila, quando o mundo era diferente.

Na Rivadavia com Boyacá, seu celular tocou. Olhou o visor, mas não dizia “número desconhecido”. Tinha um número que lhe parecia familiar. Atendeu.

— Como vai, Fabián?

— Agente Blanco? O que aconteceu? Não está em serviço?

Ela riu.

— Lidar com você às vezes me cansa.

— Imagino.

— Está ocupado?

— Estou na rua, mas te ouvindo.

— Há novidades da autópsia que quero contar a você.

— Importantes?

— Significativas. Estão pensando em se reunir com você na semana que vem, mas eu prefiro te contar extraoficialmente.

— Ah... — Sentiu-se um tanto pego de surpresa. — Como quer fazer?

— Saio do trabalho lá pelas seis. Posso ir aonde estiver.

— Não sei onde estou.

— Como assim?

— Ou seja, sim, sei, mas não sei onde vou estar.

— Onde está agora?

— Caminhando pela Rivadavia para os lados da praça Flores.

Vai de carro?

— Não. Por quê?

— Posso pegar o meu e passar para te buscar por aí.

— É no fim do mundo, você sabe.

— Vai me fazer bem dirigir.

— Como quiser.

Fabián achou a conversa estranha, voltada de repente para outro terreno. Talvez ela também tivesse percebido o mesmo.

O Renault estava muito quieto em seu lugar no quarteirão, como se ofendido. Havia muito tempo Fabián não o usava, embora dia sim, dia não, verificasse se ninguém havia arrombado ou danificado o veículo. Sentou-se ao volante e deu partida, passando a marcha. O carro parecia morto, desenganado do amor de seu dono, mas lentamente voltou à vida.

Pôs gasolina no posto da avenida del Tejar e saiu para a General Paz. Rodou pela Capital e sentiu-se sedado pelo efeito de estar dirigindo o carro. Ligou o rádio. Fazia meses que não escutava música, que não conseguia se concentrar em ouvir nem sequer uma canção. Assim atuava a tragédia, tirando-o de seus lugares conhecidos, abandonando-o em mares estranhos.

Blanco entrou no carro.

— Olá — disse Fabián.

— Olá.

Houve um breve momento de dúvida. Fabián não sabia como cumprimentá-la. Blanco, ao que parecia, também não. Até ela lhe dar um beijo na bochecha, bem estalado. Usava o cabelo para trás, que ressaltava sua testa até que seus grandes olhos adquirissem uma escala incomensurável. Fabián sentiu o coração acelerar por um instante quando ela o beijou. Uma mulher tão distante dele, e agora a descobria tão cheia de vida e tão perto.

— Quer ir a um bar perto de sua casa?

— Ótimo...

— Para onde vou?

Acabaram perto de Parque Patricios, em um bar do qual se via a grandiosidade atemporal do colégio Bernasconi, recortada no azul elétrico da noite que começava.

— Há uma informação essencial que surgiu da perícia forense — disse Blanco. — Primeiro Livedisky pensou que só havia duas lesões por bala. Encontrou mais uma. A trajetória é através da garganta, com o orifício de saída na base da nuca.

Fabián sentiu um calafrio percorrendo o corpo.

— Tudo indica que primeiro deram os disparos nas têmporas e depois abriram a boca para o terceiro, que a matou

instantaneamente.

— E ninguém escutou os tiros?

— Segundo a Balística, devem ter usado uma almofada para abafar o barulho. Ainda não sabem o modelo da arma. Estão trabalhando nisso. E outra coisa: o rosto de Cecilia tinha várias lacerações.

— Lacerações?

— Lesões não muito profundas, mas que marcaram o rosto dela. Como se tivessem batido nela ou torturado.

— Quem foi? Um louco?

— O que pensamos é que foi uma execução. Conhecemos outras mortes iguais. É como uma assinatura.

— Isso é importante! — quase gritou Fabián.

— Faz três anos que começaram a recolher dados sobre um grupo de traficantes de pessoas que atuava em Ciudad del Este, mas também na região de Misiones. Seis meses depois, havia relatórios que diziam que esse grupo tinha pessoas na Grande Buenos Aires. O grupo tem integrantes paraguaios, brasileiros e argentinos. O líder é um tal de Chaco. É um dos sujeitos mais procurados pela Polícia Federal. A maneira como mataram Cecilia coincide com a forma de execução de outros assassinatos atribuídos ao pessoal do Chaco.

— Cecilia teria algo a ver com eles e, por isso, a mataram?

— Não sei. Há várias linhas, mas o certo, para além do motivo, é o autor. Alguém dessa quadrilha matou Cecilia. Vou te dizer o que eu penso... Há sujeitos desse bando que são os “olheiros”, os que escolhem o alvo. Esses caras atraem as garotas na saída de bailes, em bares etc. Apresentam-se, as enrolam... E, quando a garota acha que conseguiu um namorado, acabam se aproveitando dela. Eu acho que Cecilia conheceu um olheiro. E que o olheiro a convenceu a ir à hospedaria. E a imbecil foi com Moira. Por isso, saiu mais cedo de sua casa, para vê-lo antes. Quando chega lá, se dá conta de que não conheceu o amor de sua vida, mas, sim, um cara que ia sequestrá-la. Quase certo que o sujeito não estava sozinho, porque um apenas não faz esse trabalho. Em geral, intimidam a garota, fazem com que ela tome um calmante, e ela, quando se dá conta, está acordando em um

prostíbulo sabe-se lá onde. Não sei o que saiu errado. Mas, em vez de levá-la, acabaram matando-a.

— O namorado, Jonathan, disse que ela terminou com ele no dia anterior.

— Disse isso? Não li no relatório.

— Não está no relatório. Disse a mim e ao Doberti.

— Você e Doberti fizeram mais coisas que não nos contaram?

— Só isso.

— Encaixa com esta hipótese, então. Terminou com Jonathan porque havia conhecido outro. Não sei. Ainda há muitas lacunas. Mas o fato de... não termos encontrado Moira na hospedaria indica uma alta possibilidade de que esteja viva.

— Por que a levaram?

— Não sabemos ainda. Sente-se bem?

Fabián via manchas verdes que formavam constelações e o cegavam. Uma ideia explodira em sua mente e ele não podia pará-la. Não que não tivesse pensado nela antes. Durante todo esse tempo, pensou nas mais espantosas possibilidades. Mas agora uma delas voltava com força. Blanco viu que o olhar de Fabián se perdia.

— E se forem... pedófilos? — murmurou, escondendo o rosto entre as mãos.

— Não. Fabián, olha, por favor. Não é assim. Não pense nisso.

— Minha filha pode estar morta ou estuprada. Ou...

— Garçom! — gritou Blanco. — Me traz uma dose de uísque, por favor. Qualquer um.

Blanco levantou-se da mesa e sentou-se ao lado de Fabián.

— Me ouça... Acredite em mim. Não aconteceu isso.

— Sim, sim. Deus...

— Bebe isso...

Obrigou-o a tomar um gole de uísque. Fabián sentiu a garganta arder e abriu os olhos. Deu de cara com Blanco, que o estudava atentamente.

— Não há indícios de que os sequestradores sejam de uma rede desse tipo. Me perdoe pela crueza. Se fossem matar Moira, fariam isso na mesma hospedaria, não iriam levá-la. Há alguém que decidiu levá-la, mas não sabemos por quê.

— É preciso localizar esses caras.

— É onde estamos focando agora. Mas o Chaco e o pessoal dele são difíceis de localizar. Nesse assunto, só há uma concordância: esta gente é osso duro de roer faz tempo.

— É impossível encontrar minha filha — disse Fabián. O mundo ainda se mexia um pouco, se negava a ficar parado. — Impossível. Pode estar no Brasil, em...

— Não necessariamente. Foram embora da hospedaria à uma da madrugada... O mandado de busca de Moira tinha sido emitido havia quatro horas: não poderiam atravessar as fronteiras com uma menor.

— Mas podem passar, não? Não é tão difícil. Isso não é a prisão de Alcatraz. Há saídas por todos os lados.

— Fabián, me ouça. Quis te dizer isso porque é um avanço enorme na busca. Precisa ser otimista. Sei o que está passando. Falo com muitas pessoas na mesma situação. Neste momento, há 137 menores desaparecidos, segundo nossos dados.

— E quantos encontram?

— No ano passado, uns setenta por cento.

Ficaram calados por alguns momentos. Fabián bebeu mais uísque. Não era um Johnnie Walker, mas dava no mesmo.

Fabián contou a ela sobre a ligação anônima e o encontro frustrado. Blanco tinha a mesma opinião que Doberti.

— Sempre há algum doido que faz isso.

— É que pareceu muito plausível.

— Não pode ter certeza.

— Mas agora que surgiu isso da quadrilha do Chaco... Há uma possível relação. Talvez seja alguém que sabe o que aconteceu com Moira e tem medo de falar.

— Talvez.

Acompanhou Blanco até sua casa. Era um prédio de três andares. Uma porta de vidro os separava de um corredor quase na penumbra, com uma escada que se via através de uns canteiros de flores enormes, cada um com uma planta jiboia artificial de um verde intenso.

— Moro no primeiro — disse Blanco. — É a varanda com as réstias de alho penduradas.

— Para vampiros?

— Não. Para o frango à provençal. Para os vampiros, tenho meu revólver. Você vai ficar bem?

— E há outro jeito?

Dessa vez, ele a beijou na bochecha. Então a abraçou. Ela retribuiu, dando-lhe batidinhas nas costas. Fabián sentiu o corpo de Blanco.

Ela não chegava a um metro e sessenta, talvez. Seu corpo era firme, maciço, feito de energia pulsante. Fabián desfez o abraço, mas pôs os dedos no rosto dela, acariciando-lhe a bochecha. Ela não se mexeu, não disse uma palavra. Fabián passou a mão na nuca de Blanco e a deixou embaixo de seu cabelo. Blanco mantinha uma das mãos na cintura dele e seu rosto estava vermelho, de um vermelho furioso e muito vivo. Fabián beijou-a na boca. Foi um beijo curto, mas foi como estar por um momento em um lugar escondido e distante, do qual não se quer ir embora nunca.

Quando chegaram à cama, executaram uma estranha dança enquanto tiravam a roupa. Torpes, ansiosos, parecia que se encontravam logo depois de uma longa viagem.

Não conseguiam parar. Cada movimento era o preâmbulo do seguinte. Tentavam falar, mas só proferiam ruídos sem forma, algo que não era nenhuma palavra, e era tudo anseio. Fabián mexia-se freneticamente e Blanco correspondia.

Fabián teve um orgasmo quase em súplica. Ela o levou, o embalou, o envolveu, murmurou algumas palavras que ele nunca esqueceria:

— Isso, Fabián. Libera tudo! Tudo!

Depois, sentiu como se estivesse caindo. Acordou colado a ela que, entregue ao sono, respirava com a boca entreaberta. Fabián observou o corpo de Blanco. Perto de um ombro, tinha uma cicatriz bem considerável, além de outra que parecia de uma operação. Apêndice? Cesariana?

Deu-se conta de que não lembrava (não sabia) o primeiro nome de Blanco.

Por volta de seis horas, percebeu que ela também estava acordada.

— Você levanta cedo? — perguntou Blanco, enquanto absurdamente cobria os seios com o lençol.

— Teria que estar no trabalho às oito. Hoje vamos concretar a obra.

— Quer tomar café antes de ir?

— Acho que já vou, porque tenho que passar em casa ainda e aí não chego.

— Como quiser. Pena que não tem mais tempo.

— Sim. Não é por nada, mas acabo de me dar conta de que não usei preservativo.

Ela lançou ao ar uma gargalhada rápida.

— Não se preocupe. Uso DIU. Senão, teria te parado.

— É?

— Ah! Não sei se chegaria a te parar. Tem certeza de que não quer umas torradas com geleia?

15

— Chaco — disse Fabián.

— Como a província — concluiu Doberti.

— Isso aí.

Fabián não mencionou nada do dia anterior e de sua despedida ofendida. Doberti também não. Era bom que estivessem falando por telefone, e não ao vivo.

— É um dado importante. Importantíssimo.

— É o que parece.

— Já começo agora mesmo a falar com meus contatos. Tenho que conseguir a ficha dessa quadrilha.

— Você consegue?

— Sim. Vou precisar molhar a mão de alguém.

— Então precisa de grana.

— Qualquer coisa te aviso.

Doberti ligou no dia seguinte.

— Já tenho a informação. Me deve duzentos pesos.

— Só isso?

— Só precisa fazer cópia de uns relatórios sem levantar suspeitas.

— Estão tirando material de dentro da polícia!

— O pessoal dos jornais faz isso o tempo todo. Além disso, o Negro Suquíá^[3] é amigo meu.

— O Negro Suquíá?

— Meu informante lá. Um dia, eu te apresento.

— Não... Te agradeço.

— É um sujeito maravilhoso. Um queridão.

— Bom, Doberti... Como seguimos?

— Você trate de trabalhar tranquilo. Em alguns dias, te conto.

— Vai fazer o quê?

— Percorrer a região que aparece nos relatórios das pesquisas. Isidro Casanova, Rafael Castillo, San Justo, Rota 3.

— Doberti... Já sei que é estupidez minha te dizer isso, mas agora a coisa ficou mais complicada. Essa gente é perigosa.

— Vou tranquilamente, percorro, como uns cachorros-quentes nas estações, converso, pergunto. Sou cauteloso. Se a gente perguntar direito, sempre surge algo. Agradeço sua preocupação. Minha esposa também sempre me diz para eu me cuidar.

— Ela tem razão.

— Elas sempre têm razão, amigo Danubio.

No fim da semana seguinte, Fabián teve vontade de ligar para Blanco. Queria saber como estavam avançando, e também vê-la. Mas não sabia o que ela pensava. Talvez o que aconteceu entre eles tivesse sido simplesmente um gesto de consolo a um homem solitário e desesperado. Fabián necessitava mais desse consolo. Talvez assim diminuísse um pouco seu desespero.

— Não há muitos avanços — disse Blanco, por telefone. Parecia irritada. — Tenho vontade de pedir demissão.

— Por quê?

— São uns imbecis. Não podia te dizer isso, mas não aguento mais o Mondragón. Não toca as coisas direito.

— Mas estão no caso ou não?

— Há três agentes e eu, além da Homicídios também.

— E o Silva?

— Que Silva? O de Furtos? Esse se mete porque está querendo dar o bote na cúpula da Federal. Falou com você?

— Algumas vezes.

— É muito querido na Divisão de Furtos. Ganhou várias medalhas. Não acho que tenha tempo de se meter no caso. Estamos insistindo com o Revoira para que pressione mais o Gonzalves, da Central, mas não sei como vai ficar. Enfim... Não se avança bem, mas se avança. Sei que não te ajuda contar isso.

— Doberti está investigando.

— Cuidado, Fabián. Primeiro, porque é perigoso. Segundo, é preciso que o Doberti não faça confusão e acabe nos prejudicando. Revoira não o suporta e perdoou o episódio mais por você. Legalmente, está em seu direito de contratar um investigador alternativo, mas cuidado.

— Está bem. Mas, para mim, é evidente que Doberti foi uma ajuda importante. Não posso dizer o mesmo da polícia por

enquanto.

— Já sei disso.

— Bom... exceto você.

— Eu? Não consegui fazer nada... — disse Blanco, mudando a voz.

— Me ajudou de outra maneira.

— Ah... Isso sim. Quer me ver de novo?

— Quando?

— Em meia hora lá em casa?

— Quarenta minutos.

Blanco saiu até a varanda enrolada em um cobertor e jogou as chaves para ele. Quando Fabián entrou na sala do apartamento, Blanco já não estava com o cobertor. Chamou a atenção que tivesse vestido a camisa do River. Isso, e que a camiseta fosse sua única roupa.

— Ia tomar um banho — disse ela.

Andou até o banheiro enquanto soltava o cabelo. Fabián a seguiu. Dentro, havia vapor no ar e a banheira estava cheia de água. Era uma banheira enorme, antiga, das que terminavam em quatro apoios com forma de garras de leão. Blanco tirou a camisa do River e entrou na água. Fabián começou a tirar a roupa, tentando se mostrar controlado.

— O DIU funciona embaixo d'água?

Mais tarde, tomaram café na mesa da sala.

— Posso te perguntar uma coisa? — disse Fabián.

— O que quiser.

— Qual é seu primeiro nome?

— Ah, não. Isso, não.

— Ah, vai.

— Aff... — Blanco suspirou. — Lidia.

— É um lindo nome.

— Horrível. Nome de velha.

Blanco fez cara de nojo e untou uma torrada com requeijão.

Fabián olhou melhor o lugar dessa vez. Havia enfeites e penduricalhos por todos os lados. E fotos. Blanco com amigas, Blanco com seus pais, talvez. Em outra foto, ela estava em uma

asa-delta. Havia uma maior com ela de uniforme. Uma estante de vime tinha alguns livros. No móvel, havia uma cartucheira da qual sobressaía a coronha de uma arma. Fabián decidiu: na próxima vez que fosse lá, pediria a Blanco, a Lidia, que o esperasse de uniforme. E a camisa do River não estava ruim, embora ele fosse Argentinos Juniors.

— Queria te dizer uma coisa — disse Blanco. — Na verdade, eu estou namorando. Talvez nem haja uma próxima vez, depois de tudo.

— Ah... Olha só... — respondeu Fabián.

— Tudo bem, tranquilo. Ele está em Río Cuarto, mas volta estes dias. É policial também.

— Agora só falta me dizer que é muito ciumento.

— Não, não, seu bobo. Nada a ver.

— Menos mal.

— Eu estou com Luis há quatro anos, e é a primeira vez que acontece isso comigo. Ele está viajando muito para Córdoba. Talvez também tenha seus casos. Não sei. Mas não me sinto mal pelo que fizemos, e não quero que você se sinta mal. Isso é algo só nosso. Eu vejo coisas bizarras todos os dias. Aconteceu algo terrível com você. Faltava um pouco de amor a nós dois.

— E eu agradeço por isso.

— Não há por que agradecer.

— Sempre foi sincera comigo.

Como dias atrás no bar, agora Blanco pôs a cadeira perto da de Fabián.

— Quero continuar sendo sincera com você. Talvez o caso demore muito para se resolver.

— Eu sei. Não se preocupe.

— O tempo continua passando e joga contra, entende?

— Sim. Mas sempre ficam rastros. Uma menina de quatro anos não pode desaparecer do nada.

— Gosto que você não desiste. — Blanco beijou-o.

— Faz tempo... — disse Fabián. — Estive a ponto de... Enfim, de acabar com tudo.

— É?

— Sim. Mas não consegui.

— Que bom que não conseguiu!

— Às vezes me pergunto o que me faz prosseguir.

— A possibilidade de sua filha estar viva.

— Mas... Como ter certeza? Essa dúvida me deixa louco.

Blanco acariciou a nuca dele com os dedos.

— Para isso se usa algo chamado fé.

— Não sei bem como usá-la. Às vezes, atua em mim mesmo que eu não queira.

Blanco não disse nada. Olhou-o com aqueles olhos que tinham a cor de um rio caudaloso.

Durante a semana seguinte, não houve notícias relevantes. Doberti não ligava, e Fabián pensou que, até para a paciência extraordinária que o sustentava, existia um limite. Não ligou para Blanco, e ela também não o procurou. Fabián supôs que seu namorado tivesse voltado. Por um momento, sozinho em casa, acometeu-o uma sensação de culpa por ter estado com Blanco, como se Lila estivesse ainda presente em sua vida até o ponto de ter que ser fiel a ela. Mais tarde, pensou que a deslealdade de Lila fora mais grave: o fez acreditar que estavam juntos e, de repente, o abandonou.

Na sexta-feira, partiu da obra e passou na casa do pai. Jantou com ele e começaram a discutir quando Fabián insistiu para ele sair alguma vez de casa para fazer algo, qualquer coisa. Na discussão, surgiu o nome de Lila, e ambos caíram em um silêncio incômodo.

Agora, para se distrair, não pegava mais ônibus. Dirigia o carro. Ia pela General Paz com o som ligado, até que terminava de ouvir dois ou três cassetes e voltava para casa. Circular pela cidade durante a noite era hipnótico. Podia imaginar que ninguém existia, que nada tinha acontecido em sua vida.

No sábado, depois de muitos anos, foi ao parque Rivadavia. Costumava ir ali com alguns colegas do ensino médio. Saíam do colégio, em Flores, e andavam pela Rivadavia até chegar ao parque, e ali se perdiam entre as bancas de discos, que se apertavam, formando vários labirintos.

Agora caminhava por entre as pessoas com uma sensação não muito agradável. Por que demorou tantos anos para voltar a esse lugar no qual foi feliz? E por que já fazia anos que não sabia nada desses amigos que costumavam acompanhá-lo?

Em uma banca de livros, vislumbrou a capa de um romance de Truman Capote e lembrou que este era um dos escritores favoritos de Lila. Afastou-se rapidamente da banca. E do parque.

Em sua casa, teve medo de que chegasse a noite. Não conseguiu ver televisão, não conseguiu ouvir música. Serviu-se de um copo de uísque. Foi à sala e se deitou no chão, olhando para o teto. Começou a esperar a sensação de que Lila falou, de que não ia mais parecer que olhava o teto, mas, sim, que olhava para baixo, como se ele estivesse flutuando no alto e tudo, de repente, tivesse virado. Por um momento, não aconteceu nada, mas logo Fabián deixou se levar pela sensação. Sentia que estava deitado no teto e que, por alguma força magnética, não caía. Mas não sentiu calma nem maravilhamento com isso. Ao contrário, via claramente que o mundo invertido que estava debaixo dele era dolorosamente obscuro, deslocado, insano. Levantou o copo de uísque e o inclinou para que flutuasse, mas a única coisa que conseguiu foi que o uísque pingasse em seu rosto, violando a caprichosa lei da gravidade que tentara construir.

Levantou-se do chão com violência, odiando Lila. Arrastou-se até a cama e lançou-se vestido nela.

No domingo, decidiu caminhar. Levantou-se à uma da tarde, fez alguns sanduíches e saiu de casa decidido a cruzar a cidade a pé. Uma vez na rua, surpreendeu-se com o movimento: demais para um domingo. Quando passou em frente a um colégio e viu gente entrando, saindo e consultando as listas rosas e azuis nas paredes, lembrou-se. Era dia de eleição para presidente. Fabián voltou para casa, pegou sua identidade e foi para a zona eleitoral em que sempre votava. Ficou na fila que, por sorte, era curta, entrou em um compartimento, escolheu uma das cédulas sem nem olhar, colocou no envelope, saiu, pôs na urna, recebeu a identidade e foi embora.

— Tenho uma informação — disse Doberti a ele. — Está ocupado?

— Conta.

— Parece que, em 1995, houve dois ou três casos de garotas da região que sumiram de casa. Uma desapareceu no horário da escola; outras duas, em um baile popular, à noite. Depois, com intervalos, houve outros casos em mais regiões. Uma menor de dezesseis e duas de dezoito. A polícia ficou desorientada um

tempo, até que conseguiu estabelecer um raio de ação para essa gente. Mas eles queriam evitar o assunto. Por dois ou três anos, a coisa não tinha nem pé nem cabeça. Até que, no ano passado, surgiu uma conexão entre um vereador da região, Parodi, e esses sujeitos. Aí, surgiu o nome de Chaco. Na verdade, Chaco chama-se Lionel Garcilaso e, no mesmo ano em que se iniciaram os desaparecimentos de garotas menores, ele se instalou na região. Era dono de uma concessionária que vendia caminhões Scania. Supostamente, essa era a fachada.

— Supostamente?

— Nunca se comprovou. Dizem que levavam as garotas lá antes de preparar documentos falsos para elas, para a saída do país.

— E não foram procurá-lo?

— Essa é a questão. Chaco se desfez da concessionária e, quando a polícia fez uma busca, não encontrou nada. Nada de nada. Uma limpeza perfeita.

— E então?

— Logo quando estavam para pegar o Chaco, cortaram a pista. Então, há duas coisas possíveis: ou o Chaco foi embora do país e já está no outro lado, ou ainda está aqui, escondido, até a Interpol se acalmar.

— Pararam os desaparecimentos?

— No ano passado.

— E o de Cecilia? O que foi?

— E eu que sei? Aí discordo da agente Blanco, sua amiga. Não queriam sequestrar Cecilia. Ela estava em alguma coisa com eles, resistiu e a apagaram.

— Me custa muito imaginar que Cecilia estivesse metida em algo.

— Não existe uma caixa de segredos com tantos fundos falsos quanto a alma de uma mulher — disse Doberti.

— Prefiro essas frases, e não que me conte uma piada. Então quer dizer que Chaco sumiu.

— Ainda me faltam dados. Estive percorrendo os bailes populares. No relatório, falavam de um segurança que trabalhou

em vários bares, um tal de Mike “Tipito” Bermúdez. Nada foi comprovado contra ele.

— Não me estranha.

— O vereador Parodi jogou muito a favor desses filhos da puta, embora isso tenha lhe custado que o tirassem do partido. Não lhe afetou. O cara vive em Miami agora.

— Resume, Doberti, porque senão me perco.

— Parece que o Tipito Bermúdez e um pessoal da pesada trabalham em uma birosca perto da Rota 3 e da avenida Cristianía. E eis que meu informante, o Negro Suquía, tem um conhecido na prefeitura de La Matanza, local em que está a birosca.

— Aham.

— Bom, no contrato de aluguel desse bar, feito em 1997, figura nosso amigo, o vereador Parodi. E adivinhe quem consta como um dos fiadores?

— Nosso outro amigo, Lionel Garcilaso? Aliás... Chaco?

— Boa, garoto! Já está entendendo.

— Desculpe... Mas a polícia não sabe disso?

— Ah, não pergunte para mim!

O telefone de Blanco tocou por um bom tempo. Fabián estava quase desistindo. “Reencontrou o namorado?”, pensou. “Estavam na banheira pata de leão?”

Blanco atendeu. A conversa começou tranquila, mas depois se complicou.

— Doberti e você estão se metendo em uma confusão das grandes. Parem por aí — disse ela.

— Responda ao que te pergunto. Vocês sabem disso do boteco de Isidro Casanova?

— A polícia já esteve lá. Foi Beltrán da Homicídios, com o apoio dos guardas da Bonaerense. Não há nada contra Tipito, e Garcilaso não aparece lá há três anos. Fabián, pode se acalmar, por favor? Qualquer avanço, vou dizer a você.

— Esse é o problema: nem por um caralho isso avança. E, ainda por cima, foram lá e os ataçaram. Se Garcilaso ainda estava no país, já deve ter ido embora daqui.

— Não tire conclusões sozinho. Posso te pedir que não faça nada idiota?

— O que eu poderia fazer?

— Se meter em algo que não é da sua alçada com um alienado feito Doberti, alguém que não tem crédito legal para um caso tão sério.

— Em três semanas, esse alienado fez avançar o caso mais que vocês em sete meses.

— Não se dá conta de que podem dar um tiro na sua cabeça e na de Doberti?

— Já estou perdido.

— Perdido por quê? Não ferra, né? Tem que estar vivo para aproveitar sua filha quando a recuperar, Fabián.

— Você mesma disse isso. Quando eu a recuperar, não vocês. Já estou cansado de não ter respostas. É minha filha, não a filha de vocês.

— Não diga “vocês” como se eu fosse toda a polícia. Eu sou a Blanco. Já sabe o que penso.

Fabián ouviu a campainha do apartamento de Blanco.

— Fabián, tenho que desligar. Podemos falar depois? Promete que não vai fazer nada arriscado?

A campainha voltou a tocar. Luis devia estar impaciente.

— Tem que atender a campainha, Lidia.

— Por favor. Aguarde minha ligação. E não me chame de Lidia.

— Seu namorado vai embora...

— Seu idiota!

A Rota 3 era um império de sol eterno em que o frescor das sombras jamais existiu. Fabián achava que ali não havia árvores porque naquele lugar cresciam sem sombra. O sol e o céu esmagavam as casas, que se achatavam sem se atreverem a subir mais de três andares. As calçadas de terra, largas e secas, sobre as quais os carros estacionavam em ângulo reto, marcavam o limite com a rodovia inóspita, em cujo centro um guarda-corpo de concreto evitava que os carros mudassem de pista e batessem de frente contra ônibus, caminhonetes e

caminhões-tanque. Na verdade, era muito útil o guarda-corpo. Fabián tinha a impressão de que, se não houvesse, os motoristas realmente passariam suicidando-se contra ônibus, caminhonetes e caminhões-tanque. Não havia nada que justificasse viver naquele lugar, pensou Fabián, e imediatamente sentiu um pouco de nojo de si mesmo.

Dobrou na esquina que Doberti indicara. A avenida Cristianía tinha uma série de construções que cresciam com cada piso em um estilo diferente. No térreo, concreto; primeiro andar, tijolo à vista; terceiro, chapa de zinco. A cada patamar, podia-se perceber o poder econômico dos donos. Alguns tinham melhor condição e ampliaram e melhoraram suas casas. Outros se mantinham mais notoriamente humildes. A maioria das casas estava sem terminar, com caixas d'água de plástico sem tampa, ou paredes que tinham aberturas quadradas que esperavam o momento de chegar uma janela capaz de parar a chuva e o vento. Fabián viu mulheres tomando mate em lajes que davam para o vazio, e até crianças da idade de Moira brincavam a uma altura de seis ou sete metros.

Alguns prefeito ou vereador (Parodi?) trouxera palmeiras para pôr no meio da avenida. Talvez em sua época tivessem certo esplendor, mas agora estavam secas, como se tivessem sido afetadas pela mesma estranha radiação que não deixava nenhuma árvore crescer. Que impedia as pessoas de respirarem e tornava a rua toda uma desordem permanente.

A radiação do caos.

Entre uma loja de conveniência abandonada e uma loja de materiais de construção, ficava o boteco que Fabián procurava. Uma fachada de reboco branco de uns vinte metros de comprimento, um teto com calhas e uma porta dupla que era o único acesso visível ao local. Sobre a porta, uma placa com letras apagadas de neon com o nome do lugar: Japi Auer.

Fabián não conseguiu conter um risinho enquanto freava o carro. Doberti abriu a porta e entrou, sentando-se ao lado de Fabián.

— Até que enfim. Faz uma hora que não sei em que merda de lugar esperar.

— E aí? Como é? — perguntou Fabián.

— O lugar fica aberto o dia todo. À noite, há alguns shows, porém nada mais que um cabaré com algumas moças às quais se precisa pagar os drinques. Até agora, vi entrar quatro pessoas. Um velho e três camaradas, dos quais um poderia ser Tipito Bermúdez. Mas a descrição que tenho dele é muito vaga.

— Não conseguiu uma foto?

— Quem você acha que eu sou? A KGB?

Uma caminhonete 4 x 4 estacionou na calçada do Japi Auer. Saltaram duas pessoas. Uma era uma mulher de idade indefinida entre os trinta e os cinquenta, loura tingida, óculos escuros cobrindo quase todo o rosto, casaco cinza e calças justas que terminavam em botas.

A outra, que dirigia a caminhonete, um homem de trinta e cinco anos, corpulento, cabelo curto e cavanhaque, calça e camisa pretas, corrente de prata, mochila pequena no ombro. Andaram até a porta do bar, o jovem abriu para a mulher e entraram.

— O que fazemos? — perguntou Fabián.

— Estou pensando em como encarar a coisa.

Doberti brincava com o isqueiro. Fabián estava com o colar laranja de Lila no bolso. Fazia dias que o tirara do armário, não sabia por quê, e mexia em suas contas, deixando que deslizassem e batessem umas nas outras. Isso o tranquilizava.

— Deixa eu ir primeiro, para ver — disse Doberti.

— Não — contestou Fabián. — Entramos os dois.

— É na sorte. Deixa eu ficar na dianteira. Se algo acontecer a você por minha culpa...

— O que vai me acontecer?

— Este não é o bar dos peruanos do outro dia...

— Está claro para mim. Vou entrar também.

— Falo eu sozinho, então. Você fica calado. Tudo bem?

Entraram pela porta dupla e Fabián demorou um pouco para se acostumar à mudança de luz. Uma linha de neon de cor verde corria a parede à sua esquerda, desenhava uma trajetória geométrica por alguns metros e continuava por debaixo do balcão, tomando o velho barman e o único cliente de um brilho esverdeado que ressaltava as sombras de seus rostos. Perto do

balcão, havia mesas circulares, cada uma delas com um neon na borda, em vermelho, azul, roxo e amarelo. Os neons eram a única iluminação do lugar e deixavam um ponto de luz fraca na parte superior do espelho que estava atrás do balcão. Os fundos do lugar ficavam sob penumbra. Já mais acostumado com a escuridão, Fabián viu o início de escadas metálicas com corrimão de acrílico, que subiam para um mezanino no qual havia outras mesas. Tudo o que estava fora do limite do brilho dos neons ficava apagado do mundo. O resultado era um conjunto de linhas de cor que pairavam no ar, além de rostos e sombras que se moviam em um espaço de fantasmas flutuantes.

Tocava uma canção, por sorte não estridente, que Fabián achou parecida com uma funcional música de elevador, mas com excêntricos toques eletrônicos. Aproximaram-se do balcão. O tamborete em que se sentou Doberti tinha um fecho de luz pálido, de um branco sujo. Não se via o tamborete de Fabián. Encontrou-o tateando no escuro. O neon devia estar queimado. O velho barman aproximou-se. Tinha cara de pássaro e parecia corcunda, mas talvez fosse um efeito da luz.

— O que gostariam de beber, rapazes?

— Tem leite achocolatado? — disse Doberti.

— De que marca?

— Vascolet.

— Ah, que pena! Só tenho Nesquik — disse o barman, imperturbável. — Falando sério... Vão beber o quê?

— Me traz uma cerveja.

— Chope?

— Chope.

— Para mim, qualquer refrigerante de pomelo — disse Fabián.

O barman dissolveu-se no ar. O cliente que estava a dois metros deles, o qual segurava um chope sem levá-lo à boca nem apoiá-lo no balcão, os olhou detidamente e assentiu, ao que Doberti respondeu.

— O que disse, amigo?

— É de dia ainda? — perguntou o desconhecido.

— Por ora, sim.

O homem baixou o chope e o apoiou com um barulho seco. Ficou desconfiado, coçando uma das axilas em sua camisa xadrez. O barman reapareceu com as bebidas e as entregou, junto a um prato minúsculo com amendoins e uma comanda. Doberti tomou um gole de chope e descascou alguns amendoins. Fabián serviu-se da lata que o barman lhe deixou. Estava com frio. O lugar estava cinco ou dez graus abaixo da temperatura da rua. Passaram-se alguns minutos. Doberti usava a borracha que recobria o balcão como uma bateria improvisada, batucando devagar, como quem obedece a um ritmo próprio. Por um instante, a escuridão recuou um pouco e um pequeno fecho de luz branca varreu o lugar: a porta de entrada abriu-se outra vez. Alguns corpos (dois ou três) flutuavam perto deles a caminho de outras mesas. Novos rostos pairaram sobre outros círculos coloridos. Se quem os atendeu foi o mesmo barman, Fabián não conseguiu saber.

Quando, instantes depois, o “pássaro corcunda” passou novamente perto de onde estavam sentados, Doberti fez um sinal.

— Me traz outra — pediu. — Você quer algo mais?

Fabián negou com a cabeça. O barman já ia embora e Doberti o deteve.

— Me diz... Não há umas garotas aqui? — perguntou.

— Mais tarde.

— Mas... Não tem ninfetas? Gosto de ninfetas.

— Que esperto! — disse o barman. — Eu também gosto de ninfetas. Não se preocupem. Com mais de quarenta anos, não tem nenhuma.

O barman desapareceu de novo. Fabián inclinou-se sobre Doberti.

— Posso saber qual é sua estratégia?

— Estou sondando.

— Sondando o quê?

— Neste negócio, ou tem paciência, ou morre.

Fabián já estava quase tremendo de frio. Doberti aproveitou outra volta do barman e o sondou de novo.

— Nos disseram que o Tipito trazia umas ninfetas para cá. Por isso a pergunta.

— Quem?

— Tipito.

— Pitito? — disse o barman.

— O Tipito Bermúdez não trabalha aqui?

— Não sei quem é.

Ficaram de novo em silêncio.

— Me avisa quando parar de sondar — continuou Fabián.

— Não se faça de esperto.

— Falando sério... O que pretende fazer?

Outro fecho de luz iluminou o balcão, dessa vez mais forte que o anterior. Ambos viram que, à esquerda, uma porta até agora invisível se abriu, destacando a silhueta de um homem corpulento. A porta se fechou e a silhueta desapareceu. Em segundos, apareceu ao lado de Doberti o homem corpulento que viram descer da 4 x 4. Ainda estava de óculos escuros. Olhou os dois de cima a baixo. Enquanto fazia isso, esfregava as mãos, e o movimento induzia seus bíceps a se inflarem e relaxarem com um certo ritmo. O homem aproximou-se um pouco mais de Doberti.

— Te conheço? — perguntou.

— Tipito?

— Te conheço?

— Que eu saiba, não — respondeu Doberti. — Me disseram que aqui havia umas menininhas, e perguntei por você.

— Quem te disse?

— O primo de um amigo do meu cunhado.

— Você tá de sacanagem comigo?

— Que vou te sacanear o quê! Não sou louco. Olha suas mãos! Você deve tocar castanholas com tampas de vaso sanitário.

A piada era velha e Tipito devia conhecê-la, porque não riu. Sentou-se em um tamborete que tinha um neon vermelho. A luz dava a ele uma cor que o transformava em um ente surgido do além.

Doberti tomou um gole de cerveja, e Fabián viu que nem sequer sua mão tremia. Estava louco, não havia dúvidas. Doberti estava completamente louco. Tipito pôs os braços em cima do balcão e cruzou-os, olhando para Doberti.

— Vou te perguntar de novo: o que está procurando?

— Não me perguntou isso antes. Me perguntou quem eu era. Duas vezes.

— Você está de sacanagem?

— Isso, sim. É a segunda vez que me pergunta.

Tipito levantou-se do tamborete. Doberti desceu do dele. A cabeça de Tipito estava a 25 centímetros acima da de Doberti. A não ser que Doberti o surpreendesse revelando um oculto talento para o kung-fu, não se esperava mais que um massacre.

— Para, Mike — disse uma voz feminina que, até então, não tinha corpo.

Fabián virou-se e notou a mulher que tinha descido da caminhonete. Por trás dos óculos, dava para imaginar olhos cinzentos quase metálicos e uma pele corroída pelo bronzeamento artificial.

Mike-Tipito ficou quieto, e não parecia estar para muita brincadeira.

— Meu marido mandou vocês? — perguntou a mulher.

— Viu? — Doberti virou-se para Fabián. — Eu te falei que era tudo um mal-entendido. Não, senhora, seu marido não mandou a gente. Dizia aqui ao rapaz que nos disseram para irmos procurar garotas com Tipito. Nada mais. Se soubéssemos que a coisa era tão séria, não viríamos. A única coisa que queremos é resolver isso, não que nos matem de porrada.

— Olha como fala com a senhora, seu bosta! — retrucou Tipito.

— Não queria ofendê-la, senhora. O lugar está aberto, e nós entramos. Nada mais.

— Como você mente mal — disse a mulher. — Meu marido te mandou. Para de sacanagem.

— Você é a esposa do Chaco? — quis saber Fabián.

O ar congelou-se e pareceu que a música tinha parado por um momento para dar vez à pergunta. As cabeças da mulher e de

Tipito viraram para ele com a velocidade de um ponteiro de segundos de um relógio de parede. De repente, apareceram mais dois homens. Eram menos corpulentos que Tipito, mas ainda assim intimidavam. Doberti ficou de costas para o balcão. Agora o barman estava perto e os demais clientes pareciam imóveis, apenas delineados na penumbra. Fabián viu Doberti preocupado pela primeira vez. Era óbvio que havia se apressado para entrar ali e sondar daquele jeito, e as consequências de tal imprudência eram difíceis de calcular.

— Para mim, são policiais, Sonia — declarou o barman.

— Se já vieram, por que voltaram? — perguntou Sonia. — Não são policiais.

— Tem razão, senhora. Não somos policiais — concordou Doberti.

— É isso... Então meu marido mandou vocês.

— Não, não. Não somos policiais e seu marido não mandou a gente.

— Então o quê?

Fabián decidiu ser direto.

— Me chamo Fabián Danubio.

— Isso não me diz nada — retrucou ela.

— Há sete meses, minha filha de quatro anos desapareceu. A polícia vincula seu marido a esse desaparecimento e também à morte de uma moça.

Sonia pensava, com seus olhos prateados inquietos. Olhou para Tipito. Este negou com a cabeça.

— Não sei de quem está falando.

— Não? Tem certeza? — perguntou Sonia.

— Tenho — disse Tipito.

— Como acham que podem entrar assim aqui? São imbecis?

— É provável, senhora — respondeu Doberti.

— Não sei nada sobre esse assunto. Estou cansada, muito cansada de tudo isso. Quero fechar esta birosca de merda. Quero ir embora para longe, a um lugar com outro ar. Estou cansada da minha vida. Tudo é problema, graças a meu querido marido. Levem eles para fora.

— Não podemos falar com seu marido? — Fabián insistiu.

O riso de Sonia foi como um eco evaporado e perdido na névoa do lugar.

— Nem eu consigo falar com meu marido, e vocês acham que podem chegar a ele. Por favor... Leva eles para fora, Mike. Não voltem mais. Têm colhões, admito. Mas não voltem. Sejam felizes, tratem de ser felizes. Que triste! Que triste é tudo isso!

A voz de Sonia confundiu-se com a música e logo sumiu. Mike e os outros aproximaram-se deles e começaram a caminhar, empurrando-os. Fabián sentiu que quase o levantaram no ar.

A luz do sol atingiu seus olhos com força, e seus sapatos arrastaram-se pelas britas quando ele e Doberti foram atirados à calçada. Fabián pensou que fossem soltá-los, mas não foi assim. Começaram a ir para uma das laterais do bar Japi Auer, até a loja de conveniência abandonada.

— Pô, a senhora pediu para deixarem a gente aqui fora, só isso! — exclamou Doberti.

— Cala a porra da boca que agora vamos deixar... — disse Tipito. — Vamos é deixar vocês na merda!

Atravessaram o pátio e tocaram para os escombros da lanchonete 24 horas, queimados e derretidos depois de anos de vandalismo e esquecimento. Entraram por uma porta deformada. O chão estava cheio de papéis, camisinhas usadas, sacos de entulho. Já agarravam Fabián por debaixo dos braços. O que o segurava o jogou para a frente, igual a Doberti. Este se desequilibrou e caiu sobre um de seus joelhos.

— Vamos ver se bancam os engraçados agora — disse Tipito, mas se deteve, tal como os outros três.

Apoiado no joelho direito, Doberti apontava uma arma para eles.

— Fiquem quietos, seus putos!

Fabián não sabia nada de armas, mas a que Doberti segurava na mão assustava. Era um daqueles revólveres de cano comprido, como os dos filmes de faroeste. Parecia pesar muito. Doberti trabalhou lentamente. O revólver fazia um movimento de arco em sua mão que percorria os quatro homens.

— Agora sumam daqui! Vai!

Os homens se observaram lentamente, medindo Doberti. Tipito fazia força com os maxilares, fazendo com que sua bochecha ondulasse de forma muito curiosa.

— Não tentem nenhuma idiotice tipo ninja porque deixo vocês na merda, está certo? Agora, Tipito, o que sabe sobre a menina?

— Ela chupa meu pau.

— Você nem tem pau, seu babaca. Filhos da puta, doentes, que se acham muito homens com meninas menores! Eu tinha que matar vocês agora mesmo!

Os olhos de Doberti estavam turvos. Os nós de seus dedos, brancos pela pressão na empunhadura da arma. Fabián achou que, se algum dos sujeitos deixasse cair um cílio, os quatro estariam mortos antes de o cílio tocar o chão.

— Vamos... — Fabián virou-se para Doberti.

— Não, não. Agora quero que me respondam.

Doberti levantou a arma e apontou para a cabeça de Tipito.

— Não sei de nada — disse Tipito.

— O dia 29 de abril, por Colegiales.

— Não sei de nada.

— Não acredito em você.

— Me estoura a cabeça, então.

Doberti baixou a arma, e então, disparou. O estrondo foi tal que Fabián se agachou, tapando os ouvidos. O eco do lugar contribuiu para que o disparo parecesse uma verdadeira bala de canhão. Todos ficaram agachados, desorientados. Todos menos Tipito. Estava parado, muito quieto. Seus óculos escuros tinham deslizado para baixo e, agora, apareciam seus olhos desorientados. Estava com a boca aberta.

— O que você fez, seu filho da puta? — perguntou a Doberti.

Tipito descia as mãos pelo corpo, apalpando-se. Fabián não viu nenhuma ferida, mas também não conhecia balas para ter certeza.

— O que fez? — repetiu Tipito.

Na braguilha de sua calça, formava-se uma mancha escura que se ampliava e caía em gotas no chão, molhando os tênis Reebok brancos e impecáveis. Mas não era sangue. Tipito tinha se urinado todo.

— O próximo vai no corpo. — Doberti fez um gesto para Fabián e os dois começaram a recuar. — Não se mexam. Quietos aí. Tenho mais cinco balas para garantir.

Saíram de novo para a claridade.

— Vá para o carro e dê partida — disse Doberti para Fabián.

Duas pessoas saíram do Japi Auer e andaram alguns metros no sol. Uma era o barman. Fez sombra com a mão e, quando viu Doberti com a arma, virou e, em dois passos, se meteu de novo no bar. O outro que tinha saído era o cliente que estava no balcão, de camisa quadriculada. Verificava se ainda era de dia.

Fabián foi até o carro deu a partida enquanto Doberti chegava correndo e entrava no carro também.

— Vamos, vamos, vamos, pelo amor de Deus! — gritou Doberti.

Fabián arrancou, derrapando, com nuvem de poeira e tudo. O cliente do balcão aproximava-se da loja de conveniência. Sonia saiu correndo do bar.

Quando chegavam à Rota 3, cruzaram com dois patrulheiros em carros com as sirenes ligadas.

— Claro! — disse Doberti. — O tiro deve ter sido ouvido em toda La Matanza.

— Não pensei que fosse disparar.

— Nem eu. Foi sem querer.

Fabián olhou para Doberti. O cheiro de pólvora impregnava o carro.

Quando entraram na Capital, Fabián parou em uma rua próxima para que Doberti esticasse um pouco as pernas e os dois pudessem se acalmar um pouco. Encostaram no carro. Fabián viu que a mão direita de Doberti tinha uma queimadura na palma, produzida pelo calor gerado pelo revólver ao disparar.

Durante anos, Fabián continuaria perguntando-se que força estranha fez com que a bala contornasse Tipito sem tocá-lo.

— Quem mandou se meter? Estava indo bem — disse Doberti.

— Vai cagar no mato, Doberti.

— Preciso de um aumento.

— Está despedido.

— Não tenho outro trabalho. E, se não fizer nada, minha mulher vai me obrigar a acompanhá-la ao supermercado todas as semanas.

— Está contratado outra vez — declarou Fabián.

À noite, tentou dormir, mas, ao fechar os olhos, via as linhas de neon na escuridão e sentia o persistente cheiro de pólvora que fazia com que ele se lembrasse de como tinha chegado perto.

No seguinte dia, trabalhou concentrado, vendo como a obra avançava rapidamente. Tinha que começar a pensar na continuidade de trabalho quando terminasse aquela obra. Enquanto andava pela rua Lugones, pensou se devia chamar Trossero para perguntar a ele como via o panorama.

Estava tão concentrado em si mesmo que nem reparou o Audi cinza que o seguia de perto.

Chegou à Álvarez Thomas e vacilou entre seguir até a avenida dos Incas ou dobrar pela mesma Álvarez Thomas. Se tivesse optado por esta última, o Audi não poderia segui-lo, exceto se fosse na contramão. Mas Fabián continuou pela Lugones, e o Audi alcançou-o um quarteirão depois. Um sujeito desceu rapidamente.

— Ei! — disse ele.

Fabián saiu de seu estado absorto e viu a arma na mão do homem. Mostrava-a sem empunhá-la, como se a estivesse oferecendo. Depois, puxou-o pelo braço e levou-o até o carro. Enfiou-o lá dentro e o Audi arrancou.

O sujeito da arma ia com Fabián no banco traseiro. Na frente, havia outros dois homens. O que dirigia não precisou se virar para que Fabián o reconhecesse. Era Tipito. O outro homem da frente tinha entre cinquenta e sessenta anos e vestia um pulôver branco de gola em V, com linhas azuis nas mangas, dos que são usados para jogar tênis. Estava bronzeado e usava óculos de armação redonda e dourada. Certamente, tingia o cabelo, mas ficava bem nele. Fabián pensou que aquele sujeito e o promotor Revoira podiam conversar tranquilamente sobre moda masculina.

Ninguém falava e não seria ele o primeiro a fazer isso. No rádio do carro, tocava uma música do grupo Camel, um sucesso

dos anos 1980 nas rádios: “Long goodbyes”. Fabián preferia a fase dos anos 1970 dos Camel.

— Sr. Danubio. Sou Lionel Garcilaso — disse o homem da frente.

Fabián tentou se lembrar do “Pai Nosso”, mas as frases nem sequer se formaram em sua mente.

— Parece que houve um mal-entendido entre nós — disse Chaco. — Me contaram que você e outra pessoa foram a um bar perguntar por mim. Deixaram minha mulher nervosa. E meus rapazes também. Quis encontrá-lo pessoalmente para esclarecer algumas coisas.

Fabián engoliu em seco, mas estranhamente se acalmou. O homem olhava-o sem pestanejar. Deu-se conta de uma coisa: se Chaco tivesse sido responsável pela morte de Cecilia e pelo desaparecimento de Moira, Fabián não estaria sentado ali. Estaria morto. Estava errado o raciocínio?

— Minha mulher é muito, muito nervosa — continuou Chaco. — Não parece, mas é muito sensível. Eu a amo do meu jeito. Está convencida de que mando segui-la para comprovar se ela e Mike são amantes.

Tipito nem reagiu à menção de seu nome. Continuou olhando para a frente sem se alterar.

— Está obcecada para saber se eu continuo sentindo desejo por ela ainda. Por isso, tem esses ataques histéricos com Mike, para eu ficar com ciúme. Eu faço o jogo dela. No outro dia, quando você contou sobre sua filha, ela ficou mal. E, quando ela está mal, fico de cabeça quente. E sempre começamos a discutir. Por que fez isso, por que fez aquilo. Que me casei com um mafioso. Blá-blá-blá... Você foi casado. Sabe do que falo. Começa por uma bobagem. E cai o mundo. Fiz algumas coisas feias em minha vida. Admito. Mas me dá no saco ter que discutir com ela por algo pelo qual não sou responsável. Entende?

— Você quer me dizer que não sequestrou minha filha?

— Não quero dizer isso apenas.

Chaco abriu o porta-luvas e pegou uma foto. Passou para Fabián.

— Olha — disse.

Fabián viu Chaco na foto. Com ele, havia três criancinhas de três a seis anos, mais ou menos.

— Esses são meus filhos. Matías, Ramiro e Josué. Com o último nome, tive minhas dúvidas, mas me acostumei. Em toda minha vida, achei que o mundo fosse um lugar para cagar antes que cagassem em você, levar vantagem, desfrutar do que se pudesse e passar rápido por esta vida imunda. Até que eles nasceram e tudo mudou. Sei que não sou digno deles. Eles são outra coisa. São inocentes. Há dois anos estou tentando me livrar de todos os negócios duvidosos e deixar tudo na legalidade. Fiz por eles, faço por eles. Me obrigam, exigem que eu seja uma pessoa melhor.

— Por que está me contando tudo isso?

— Já vai ver — disse Chaco. Tomou a foto da mão de Fabián e a segurou.

— Eu juro pelos meus filhos, pela alma imortal de meus filhos, que não fui responsável nem direta nem indiretamente pelo que aconteceu com sua filha e com a moça que estava com ela. E que nenhum de meus homens tem nada a ver com isso. Que a alma de meus filhos se afunde no leito do inferno se eu estiver mentindo! Ficou claro?

— Você sequestra menores de idade para prostituí-las no Paraguai? — perguntou Fabián.

— Há muitos ângulos em um negócio, muitos aspectos para entender isso no todo. Ficaria explicando o dia todo a você.

— Quem levou minha filha?

— Não faço ideia — disse Chaco. — Mas lhe digo uma coisa. Se mataram a garota, como dizem, alguém fez isso para nos culpar. Não posso te dizer mais nada. Sinto muito. Acredite: sei o que está passando. Se acontecesse comigo, não sei como suportaria.

— Cala a boca! — disse Fabián.

O sujeito do lado encarou-o.

— Não vou pedir para você simpatizar comigo — disse Chaco.
— Mas tem sorte. Minha esposa e minha consciência de pai me convenceram a vir esclarecer isso a você.

- Te agradeço muito. Posso descer?
- Espero que tenha sorte em sua busca.
- Vá à merda!

O Audi freou e o sujeito de trás agarrou Fabián pelo ombro. Deixou-o na calçada, enquanto Tipito descia do carro e se aproximava. Sem dizer nada, Tipito atingiu Fabián com um soco no estômago. Fabián contorceu-se, caiu no chão feito um novelo e simplesmente achou que estivesse morrendo, que nunca mais fosse voltar a respirar.

— Dá isso de minha parte a seu amigo — disse Tipito.

Fabián quase não ouviu. Abriu a boca com desespero até alguém se agachar para ajudá-lo. Eram duas meninas de doze anos vestidas com uniforme de colégio. Fabián retomou o fôlego ao sentar-se na calçada.

A rua estava tranquila, as árvores balançavam-se com o leve vento e o Audi prateado não estava mais à vista.

Na sala de reuniões do Departamento Central, as paredes exibiam uma série de retratos com os policiais ilustres do passado. Rostos graves vigiavam das reluzentes molduras de madeira. Fabián demorou-se outra vez observando as palmeiras erguidas no pátio.

Doberti estava vestido com mais esmero que nunca. Seu blazer fora trocado por um paletó cinza, camisa branca e gravata bordô com estampa de espirais rosa-choque. Tinha cortado o cabelo. A agente Blanco estava sentada na outra ponta da mesa, com um terninho que talvez não ficasse perfeito. O mais perfeito para ela, pensou Fabián, era não vestir nada. Revoira, imaculado como sempre. Mondragón alisava o bigode e observava o teto. Beltrán, da Homicídios, mexia nas folhas de uma pasta, com os óculos bifocais, de tempos em tempos, escorregando até a ponta do nariz. Em uma das cabeceiras da mesa, o juiz Trapani, com o rosto redondo e a papada avermelhada; na outra, o delegado interventor Basilio Recalde, chefe da Polícia Federal Argentina.

Fazia dez minutos que Revoira falava, que vinha massacrando Fabián e Doberti de todas as formas imagináveis. Doberti primeiro respondeu, mas depois sucumbiu sob o peso verborrágico do promotor.

— A questão é que vocês acabam com todo o avanço, e o caso agora está em um ponto morto que poderia ter sido evitado...

— Se tivessem deixado quem tem que fazer isso agir... — completou Recalde.

— Vocês nem se dão conta do risco que correram — acrescentou Mondragón. — Digamos que acharam que era muito, muito fácil.

— A propósito... — disse Recalde, olhando para Doberti. — Me traz a arma que usou na loja de conveniência, porque tenho que confiscá-la. O pessoal da Balística me disse que encontrou

uma bala de sw 610 na parede. Você está louco? É um calibre totalmente proibido.

— Levei apenas para amedrontar, mas o gatilho falhou.

— Amanhã, deixe a arma aqui ou vou apreendê-la. Deveria deter você de qualquer maneira, por uso ilegal de arma de fogo.

— Está registrada — disse Doberti.

— Sim... Olha como estou rindo...

— Me parece, com todo o respeito, que estão fazendo algo totalmente equivocado.

— E qual seria o correto, sr. Doberti? — O juiz Trapani olhou-o com as sobrancelhas levantadas.

Nesse momento, abriu-se a porta e Silva entrou.

— O tenente Marcos Silva, da Furtos — anunciou Recalde.

— Não precisam parar — disse Silva, sentando-se em uma cadeira longe da mesa.

— O que nos dizia, sr. Doberti?

— Não sei qual é o ponto correto para lidar com isso. Mas o caso não é simples como parece. Eu não vou explicar a vocês como trabalhar. Mas as evidências encontradas na hospedaria são estranhas. Agora vão dizer que a ferida de bala da nuca não é de bala?

— Sim, é de bala — disse Beltrán. — É o orifício de entrada o que apresenta anomalias em comparação com os outros. Parece o mesmo disparo, mas é um orifício com outro corte que talvez a bala não tivesse feito.

— E também há as lacerações no rosto — acrescentou Blanco.

— É claro que a maltrataram e a apagaram — concluiu Revoira.

— Não vamos nos desviar do que vínhamos dizendo — disse Recalde. — Aqui, a questão passa pelo seguinte: se existissem evidências indicando a quadrilha do tal Chaco, deveríamos fazer buscas e apreensões e realizar os interrogatórios de praxe com essa gente. E inclusive confiscar armas encontradas e compará-las com os resultados da Balística.

— Isso seria uma jogada muito grande — disse Trapani.

— É verdade, senhor juiz, mas o movimento dos senhores Danubio e Doberti mudou as coisas — respondeu Recalde.

— Ou seja, somos os responsáveis pelo fracasso da investigação — disse Fabián.

— Desculpe dizer isso, Danubio, mas é fato — disse Revoira.

Fabián estava cansando de ter sempre um interlocutor diferente. Sua cabeça se virava para um lado e para o outro da mesa, e o pescoço começava a doer.

— Vou falar a favor do sr. Danubio, e não por demagogia — disse Trapani. — Não podemos pegar pesado com um homem na situação dele.

— Certo — apressou-se em acrescentar Doberti.

— O que não tem justificativa é você, Doberti — continuou Trapani. — Como envolve o sr. Danubio em algo assim?

— Assumo minha responsabilidade nisso — interpôs Fabián. — Quis acompanhá-lo e ele tentou me dissuadir.

— Isso não é assim. A princípio, disse ao senhor Danubio que precisava trabalhar dentro do possível com ele neste caso. Não me dei conta do grau em que o estava envolvendo e não pude parar a tempo. Estou de acordo que não precisava ter ido comigo à birosca de Isidro Casanova. Mas, bem, chegamos até aqui e é por alguma coisa. Para fazer uma omelete, é preciso quebrar os ovos, não é?

— Investigar um caso de desaparecimento e de homicídio não é fazer uma omelete — contestou Silva. — É algo mais sério, Doberti.

— Bom... Retiro a comparação então. Que tal “para comer chouriço, algum porco tem que morrer”?

Ninguém disse nada. Fabián passou a mão nos olhos, atordado.

— Já me contaram que você faz piadas a qualquer momento — disse Silva. — É uma boa tática para distrair a conversa. E para não pensar que estamos em uma situação delicada. Além disso, é uma falta de respeito com seu cliente.

— Ah, meu cliente já me conhece. Já sabe que, em apenas uma semana fazendo perguntas pelo metrô, encontrei uma pista que vocês não encontraram em seis meses. E isso não é uma piada, Silva. Não importa o estilo. Importam os resultados.

— Você não vai nos dizer como trabalhar, Doberti. Nem consegue ingressar na academia de polícia e se gaba de trabalhar melhor?

Doberti evitou olhar para Fabián. Falou que tinha sido da polícia. Mas Fabián sentiu que o que disse Silva estava dirigido a ele, como se contratar Doberti tivesse sido uma traição. Silva devia ter um peso enorme na Central. Agora, ele estava falando sozinho, por cima inclusive de Recalde.

— Vocês sempre querem resultados. Bem, aqui estão os resultados.

— Um beco sem saída, com o principal suspeito do crime abandonando o país — disse Revoira. — Sim, Doberti, Lionel Garcilaso já está viajando para o exterior. Não houve motivos para detê-lo. O sujeito está limpo como nunca. Esse é o resultado?

— Não — disse Doberti. — Caso Reger. Áustria. 1993.

Silêncio absoluto. Blanco olhou para Fabián com um ponto de interrogação no rosto.

— É outra piada sua? — instigou Recalde.

— Não, senhor delegado. É um caso que nos serve de referência. Emile Reger vivia nos arredores de Viena. Sua esposa desapareceu por vinte dias e apareceu enterrada no terreno ao lado de uma casa ocupada por eslovenos. Mataram a mulher com uma faca muito afiada, que ainda estava cravada em seu peito, e tinham cortado o dedo mindinho da mão direita dela. Essa mutilação era uma marca que os imigrantes que trabalhavam para a máfia eslovena faziam. Detiveram vários moradores da casa ao lado, mas todos negaram a autoria do feito.

— Podemos resumir, por favor? — disse Revoira.

— Já termino. A polícia descobriu que o assassino era Reger, justamente o esposo da vítima. Reger cometeu homicídio e ocultação de cadáver. Imitou uma forma de matar para culpar outras pessoas e, além disso, enterrou a vítima para que não a encontrassem. Se a encontrassem, a mutilação desviaria a investigação. Quis garantir. Mas lhe faltou profissionalismo. Embora pareça incrível, durante o planejamento de toda a farsa,

ele se esqueceu de apagar as impressões digitais da faca que enterrou com a esposa. Foi pego rapidamente e confessou. Bom, acho que há algo parecido aqui.

— Isso é verdade? — perguntou Mondragón.

— Podem comprovar pela internet. Sei que muitos têm resistência, mas é uma ferramenta muito útil.

Trapani remexeu-se, incomodado, em seu assento.

— Você diz que forjaram a cena, Doberti?

— Pensem um pouco, embora o esforço deixe vocês mal. Há muitas coisas que não se encaixam na teoria da quadrilha do Chaco. Por que a mataram assim, nessa hospedaria...? É confuso. E depois tem a situação que Fabián viveu anteontem. Entendo que é um delírio o que lhe aconteceu. Mas por isso acredito no Chaco quando ele diz que não tem nada a ver com o caso.

— Apesar de suas maneiras estranhas, você pensa bem, às vezes, Doberti — disse Trapani. — Mas não podemos nos reunir aqui e receber lições de um investigador de seguros e infidelidades. Me desculpe... Como juiz da causa, peço a vocês que não intervenham nem atrapalhem mais a tarefa policial. Se acontecer um episódio desses outra vez, vou acusá-los de crime de obstrução da justiça.

A reunião já estava acabando. Fabián saiu para tomar ar e Blanco o seguiu.

— Como está? — quis saber Blanco.

— Bem, dentro do possível. E você?

— Você me dá raiva. Te pedi para não fazer bobagens.

— O que fazer, Lidia?

— Para com isso. — Blanco olhou para o chão, mordendo os lábios. — Vou para Córdoba em duas semanas.

— Ah... Como...?

— Sim. Pedi a transferência.

— Transferência? Pensei que fossem alguns dias apenas.

— Não.

Ficaram calados. Fabián sentiu-se bastante idiota.

— É melhor assim — disse Blanco. — Um casal não se mantém à distância.

— Não sei o que me dói mais. Que vá para Córdoba ou que saia do caso.

— As duas coisas me doem... Me liga esta semana? — Blanco encerrou o assunto porque os outros estavam saindo para o pátio.

— ... Ouçam o que lhes digo, senhores — falou Doberti. — Este entrave está muito claro.

— Por que não volta a seus casos menores, Doberti? Há coisas que precisa deixar para os profissionais. — disse Silva.

— Não entendo por que, se você é da Furtos, se mete tanto nisso. As coisas funcionam aqui assim...

— Contenha-se, Doberti, ou processo você por desacato — ameaçou Recalde.

— Eu me meto onde quiser — defendeu-se Silva. — Por isso sou policial, não um detetivezinho frustrado.

— Não suporta que eu faça melhor que vocês, não? — Doberti e Silva estavam muito perto, e Fabián achou que até podiam chegar a se beijar. Mas era evidente que um não era o tipo do outro.

— Vamos parar por aqui, porque estamos ficando nervosos — disse Revoira, interpondo-se entre eles. Silva deu as costas para Doberti e afastou-se, contido.

Fabián foi para o estacionamento junto com Doberti. Entraram em seu carro.

— Imbecis de merda! — protestou Doberti.

— Quem?

— Todos. Embora simpatize com a agente Blanco, não sei por quê. Será que é por ser mulher? Olhando bem para ela, não é nada mal, a baixinha. Viu a bunda dela?

— Sim, eu vi... A história do austríaco era verdade?

— É claro! Veja se vou inventar isso para o chefe da Federal.

— Você também me disse que tinha sido policial.

— Bom... tinha que te convencer a ser meu cliente.

— Obrigado, Doberti.

— Pelo quê?

— Por ter me convencido.

— Ah, para! Prefiro você irônico, e não emotivo.

Chegaram à San José com a avenida de Mayo.

— Por que saíram tão acalorados lá de dentro, afinal? —
perguntou Fabián.

— Eles se irritaram com uma coisa que eu disse.

— O quê?

— Que era para investigar lá dentro, porque para mim o
entrave pode ser de alguém da polícia.

— Por que pensa isso?

— Porque a informação dos três tiros nunca foi divulgada para
a imprensa. Era um dado confidencial. Só a polícia sabia. Desço
aqui. Nos falamos.

19

Fabián foi para a frente da casa e olhou para a sacada cheia de alho. Pegou o celular.

— Alô?

— É o Fabián.

— Olá! O que tem feito?

— Olhando para a sua sacada.

— Hein?

— Estou parado na calçada, olhando sua sacada antivampiros.

Ela se aproximou, rindo, e jogou as chaves, que giraram no ar até abocanharem os dedos de Fabián.

Ficaram até de madrugada despedindo-se. Por fim, ela olhou para Fabián do seu lado, na cama.

— Danubio... Tenha fé, por favor.

Sentiu que pegava sua mão e entrelaçava seus dedos.

Dessa vez, acompanhou-o até a portaria. Cumprimentaram-se sem mais delongas, como se fossem se ver em pouco tempo.

No caminho de volta pela cidade adormecida, Fabián usou toda sua força de vontade, mas não conseguiu evitar o vazio.

A nona sinfonia de Beethoven era insuportável como toque de celular. Fabián, que conseguiu dormir depois de dar muitas voltas, pulou da cama com o coração acelerado.

— Danubio? — disse a voz rouca.

Tinha apagado aquela voz da cabeça.

— Desculpe por não te ligar de novo. Tive medo.

— De quê?

— Você sabe. Dos que estão com Moira.

Fabián sentou-se na cama.

— Não ajuda nada você me dizer isso. Por que eu deveria acreditar em você?

O outro homem ficou calado. Fabián pensou que tinha desligado.

— Entendo — disse a voz, finalmente. — Vamos fazer uma coisa. Você pode ir até a esquina da Corrientes com a Carlos Pellegrini, à uma hora da tarde?

— Sim, posso.

— Não. Melhor a esquina da Diagonal Norte com Florida. Uma e meia.

— Está bem. Como eu o reconheço?

— Eu reconheço você — disse a voz. E desligou.

Fabián saiu do metrô e andou até a Florida. O tempo estava instável, mas o calor se fazia sentir ao sol. Levava o celular no bolso da camisa, atento à possibilidade de que tocasse.

Ficou em uma esquina tentando fazer com que as pessoas não o empurrassem muito. Quis praticar o jogo de adivinhar qual seria o desconhecido que, de repente, sairia da multidão para se aproximar dele, mas a ansiedade se tornou insuportável. Não haviam combinado um lugar específico. Assim, foi mudando de canto a cada cinco minutos. A cada momento, Fabián acreditava que uma determinada pessoa era seu contato. Um homem de paletó cinza que caminhava com vigor até ele, outro sujeito de casaco marrom que vagava pela calçada com certa desorientação, um jovem corpulento com um moletom verde de capuz com a palavra Yale que chutava alguns papéis. Não era nenhum deles.

A vinte metros de onde esperava Fabián, Doberti olhava as rosas de um quiosque de flores. Viu Fabián trocar de esquina várias vezes, e ele também, discretamente, seguiu seu roteiro.

Tinha certeza de que ninguém ia comparecer ao encontro, mas como convencer Fabián disso? Era uma esperança, e o suficiente para que se aferresse a ela com tenacidade.

Às 13h40, viu que Fabián estava mais inquieto; começava a se dar conta de que a possibilidade se anulava. À distância, Fabián olhou para Doberti com resignação.

Fabián já estava para atravessar a rua, a fim de se encontrar com Doberti, quando o celular tocou.

— Sou eu — disse a voz.

— Onde está?
— Estou perto, mas estão me seguindo.
— Pare. Não fique brincando de espionagem comigo.
— Não estou brincando. Estou me arriscando. — A voz falhou.
— Vinha do metrô, mas alguém me seguiu.

Doberti viu que Fabián atendera o celular. Agora estava falando, andando de um lado para o outro, na esquina do Banco de Boston. Em um momento, Fabián olhou para Doberti. Não fez nenhum gesto, mas Doberti entendeu. O sujeito não tinha ido e agora ligava para ele. Já sabia que era um doente mental. Começou a atravessar a rua, mas parou, pensando em outra coisa. E se o sujeito estivesse perto, vendo Fabián desesperado e gozando da situação? Doberti ficou em sua esquina e começou a examinar as pessoas que estavam perto, procurando alguém que estivesse falando ao celular.

— Se tem medo, fale agora o que tem a dizer. — Fabián não conseguia parar de se mexer, mas não queria que isso afetasse o sinal de celular.

— Há gente muito poderosa metida nisso. Com conexões em todos os lugares.

— Quem?

— Suspeitam de todos os que estão perto, e eu sou um deles. Por acaso, soube que estavam envolvidos no caso de sua filha.

Doberti percorreu todos os cantos com os olhos, intensamente, e encontrou quatro pessoas que mantinham contato visual com Fabián e que falavam ao celular. Duas eram mulheres e as descartou. Outro era um homem de terno preto que falava na porta de uma fotocopiadora. Viu que desligava e guardava o celular, e imediatamente Doberti olhou para Fabián. Continuava a falar. Restava-lhe um homem louro que olhava a vitrine de uma loja de eletrodomésticos. Parecia agitado.

Fabián ouvia sem falar, porque a voz agora estava em pleno monólogo.

— Os sujeitos tocam todo negócio ilegal que você possa imaginar. Drogas, prostituição, assaltos a bancos, rotas de tráfico, falsificação. Tem gente na Secretaria de Inteligência, na

polícia. Três escritórios inteiros do Ministério da Segurança estão monitorados por eles. Por isso meu medo de falar por telefone fixo. Por enquanto, esses celulares são mais difíceis de rastrear. Por enquanto. Em poucos anos, não serão mais seguros.

— Desculpe... Tudo o que você diz para mim não é nada. A única coisa que quero é recuperar minha filha. Você me disse que ela estava viva.

— Sim. Está viva.

Doberti viu que o rapaz louro ria abertamente. Olhou para Fabián e o viu escutando algo com atenção. Não coincidia. O louro não podia ser. Convenceu-se de que quem falava com Fabián não estava perto. Começou a se aproximar da esquina. Nisso, viu alguém parcialmente coberto pela pilastra de ferro da entrada do metrô. Estava com o braço erguido. Claramente falava por celular. Movimentou-se para ter uma visão melhor. Era um sujeito de uns vinte e poucos anos, cabelo curto, casaco de veludo e uma bolsa a tiracolo atravessada. Observou seus gestos com atenção. Estava falando. Deixou de falar. Doberti olhou para Fabián. Fabián falava agora. De volta ao desconhecido. Estava ouvindo sem mexer a boca. O desconhecido começou a falar. De volta a Fabián. Fabián só ouvia. Concordava.

— Não sei em quanto tempo, mas não é muito provável ainda que a tirem do país. Já deve ter toda a documentação falsa pronta. Mas essa história de adoção mexe com muita, muita grana.

— Preciso que me diga como proceder. Você está perto? Não te escuto bem agora.

Doberti viu que o desconhecido começava a descer pelas escadas do metrô. Olhou para Fabián, que tinha acabado de virar as costas. Doberti atravessou a rua e aproximou-se da saída do metrô.

— Estou no meio do caminho de onde a gente marcou. Eu...

— Alô? Alô? Está aí?

— Não posso continuar falando.

— Alô?

Doberti aproximou-se e viu que o sujeito da bolsa a tiracolo descia as escadas da estação. Quis acenar para Fabián, mas a multidão de gente que atravessava a rua quando fechou o sinal impedia-o de vê-lo. O sujeito da bolsa já passava as catracas. Doberti desceu as escadas.

Fabián esperou que ele ligasse de novo, mas seu celular não voltou a tocar. Procurou Doberti pelas esquinas, mas não o encontrou. Confuso e cheio de raiva, ficou parado, sem saber o que fazer.

Doberti lamentou não ter ouvido os apelos de Julia sobre o fato de comprar um celular. Não podia avisar Fabián, mas mantinha contato visual com “Tiracolo”, como o batizara. Estava no outro extremo do vagão, sentado e observando as pessoas o tempo todo, inquieto. Doberti afundou-se mais ainda em seu assento e olhou pela janela. Chegaram à estação Plaza Italia. Tiracolo não desceu. A cada pessoa que entrava no metrô, Tiracolo olhava de cima a baixo com atitude desafiadora.

Doze minutos depois, chegavam à estação José Hernández. Doberti seguiu Tiracolo mantendo uma distância prudente. Saíram para a avenida Cabildo, andaram um quarteirão. Tiracolo parou em um ponto de ônibus. Havia quatro linhas que passavam ali. Doberti virou para olhar uma vitrine. Agora Tiracolo, em sua observação constante, tinha percebido sua presença. Doberti deixou a vitrine e aproximou-se da parada. Ficou atrás de Tiracolo, que o viu chegar. Parou um ônibus da linha 59 e Tiracolo não o pegou. Passaram-se alguns minutos. O céu ficou nublado. O vento aumentava. Tiracolo abotoou o casaco e começou a sapatear no chão para se esquentar. Chegou um 152. Tiracolo subiu. Doberti foi atrás.

Agora, Tiracolo olhava para ele quase todo o tempo. Ele estava no metrô? Lembrava-se dele? Passaram a ponte Saavedra e, alguns quarteirões depois, Tiracolo levantou-se e apertou o botão para descer. Olhou Doberti sem disfarçar, esperando ver o que fazia. Doberti não se mexeu. O ônibus parou, a porta se abriu e Tiracolo desceu. O motorista arrancou. Doberti viu que Tiracolo dobrou na primeira rua e se afastou da

avenida. O ônibus avançou meio quarteirão e Doberti levantou-se de seu assento com rapidez. Parou ao lado do motorista e mostrou a credencial.

— Polícia. Pare o veículo, por favor.

Assustado, o motorista olhou-o pelo retrovisor.

— O que aconteceu?

— Preciso descer. Pare, por favor.

O motorista freou e abriu a porta. Um coro de buzinas surgiu atrás deles. Doberti desceu do ônibus e correu meio quarteirão. Dobrou a esquina e, a uma quadra, viu Tiracolo. Seguiu-o da outra calçada, mantendo a distância.

Fabián ficou um tempo sentado no sofá, esperando a ligação de Doberti. Depois se cansou, tirou a roupa e se enfiou no chuveiro. Deixou que a água bem quente descesse por seu corpo, enquanto dava pequenos socos na parede, que foram crescendo de intensidade até os nós de seus dedos doerem. Achou ter ouvido o telefone tocar e tirou a cabeça da cortina de água. Estava tocando, sim. Saiu pingando do banheiro e correu pela sala.

— Já o localizei — disse Doberti.

Pararam em frente ao prédio.

— Entrou aí. Não sei em que andar.

Não havia muita gente no quarteirão. Uma tarde normal de uma área residencial. Não viram porteiro no prédio. Fabián olhava para a portaria com as mãos nos bolsos do casaco.

— Me dá uma coisa dizer isso, mas deveríamos chamar a polícia, não? — disse Doberti. Havia algo no rosto de Fabián que o inquietava.

Fazia tempo que se instalara nele uma sombra. Podia resumir como desprezo, mas sem poder precisar se era desprezo por algo ou por alguém.

— Vamos esperar por um momento — disse Fabián.

— Melhor não irmos, porque outro passo em falso com Revoira e... — Doberti calou-se. Tiracolo vinha pelo corredor do edifício.

— É esse?

— Sim.

Fabián saiu do lugar feito uma mola e começou a atravessar a rua.

— Espera, o que está fazendo? Fabián...

Tiracolo estava abrindo a porta da frente e os viu. Teve um instante de dúvida, mas depois voltou para dentro, pelo corredor. A porta de entrada fechava-se lentamente. Fabián correu e chegou até a porta para segurá-la. Entrou no prédio. Em seguida, chegou Doberti.

Foram pelo corredor atrás de Tiracolo. Ele chegou a uma porta do térreo, e pegou algumas chaves, nervoso, tremendo. Fabián acelerou. Tiracolo pôs a chave na fechadura, girou e abriu a porta. Entrou no apartamento, mas não chegou a fechar. Fabián atirou-se contra a porta e bateu com toda a força. A porta deu um safanão, que bateu em Tiracolo e o empurrou para dentro. Fabián entrou no apartamento. Tiracolo andava para trás levantando os braços.

— Espera, espera!

Fabián jogou-se em cima dele e agarrou-o pelo colarinho do casaco, rebocando-o. O peso dos dois fez com que se chocassem com um aparador, que balançou perigosamente, fazendo cair alguns quadrinhos, que despedaçaram no chão. Doberti tentou intervir, mas o movimento dos dois os levou até uma porta. Tiracolo desequilibrou-se e Fabián caiu por cima dele. Tiracolo lançou um gemido de dor.

— Onde está? Onde está minha filha? — gritou Fabián.

— Não está comigo! — berrou Tiracolo.

— Fabián, calma! — gritou também Doberti, sem esperança de ser ouvido.

— Onde está minha filha?

— É tudo mentira! Perdão!

A voz de Tiracolo parecia mais rouca e entrecortava-se em um estado de pânico profundo. Fabián deu um soco no meio da cara de Tiracolo. A cabeça dele bateu no chão; seu nariz começou a sangrar.

— Você está com a minha filha. Filho da puta! Você está!

Segurou Tiracolo pelo cabelo e começou a bater a cabeça dele no chão.

— Para, Fabián! Vai matá-lo.

Doberti tentou segurar Fabián, mas este o empurrou, arremessando-o ao outro lado do cômodo.

— Não está comigo, não está comigo! Sou um doente!

Tiracolo parou de gritar, atordoado pelos golpes.

Doberti correu e jogou-se contra Fabián, puxando-o de cima de Tiracolo. Os dois caíram, enquanto Tiracolo se arrastava de costas tentando se afastar deles. Fabián se recompôs, deu dois passos e um pontapé em Tiracolo. Ouviu-se o rangido de uma costela e um uivo. Fabián agarrou-o pelo pescoço.

— Me dá minha filha!

— Não está comigo... Juro por Deus! Não está comigo. — Tiracolo chorava. Virou a cabeça para Doberti. — Por favor, senhor, diga a ele que não está comigo.

— Não está, Fabián.

— Não acredito em você.

Fabián começou a dar tapas nele.

— Não acredito em você!

Agora quem chorava era Fabián. Doberti pegou-o pelos ombros.

— Já está bom. Deixa ele.

Fabián afastou-se de Tiracolo e sentou-se no chão. Tiracolo gemia, engolindo catarro. Pôs uma das mãos na costela e se encolheu, em posição fetal.

— Eu não estou com ela... — murmurou.

Doberti olhou o quarto pela primeira vez mais atentamente. Havia uma cama em um canto, um armário e, perto da parede, uma espécie de mesa que era uma bancada de compensado de madeira apoiada sobre cavaletes. Um revestimento de cortiça colado na parede mostrava um monte de recortes e fotos pregados com alfinetes de papel. Doberti viu o rosto de Moira, de Fabián, de Lila. Foi até a mesa e inclinou-se sobre ela. Havia mais recortes, mas Doberti reconheceu outros casos, todos de desaparecimento. Uma mulher que desaparecera no ano anterior, dois bebês de Misiones que foram encontrados mortos

em uma cisterna, o sequestro do filho de um empresário do ramo de frigoríficos.

Doberti abriu uma pasta e havia mais recortes, todos seguindo cronologicamente outros casos.

— Das duas, uma, Fabián — disse Doberti. — Ou é um doente como disse ou é o responsável por cinquenta desaparecimentos nos últimos três anos.

— Sou um doente — disse Tiracolo. — Nunca sequestre ninguém, nunca matei ninguém. Sou um doente.

Chamava-se Silvio Greco e trabalhava como técnico em um canal de televisão. Precisamente no noticiário cujo produtor presenteara Fabián com o celular. Por meio desse produtor, Greco obteve o número de Fabián. Tinha antecedentes de internação psiquiátrica, mas aqueles que o trataram não observaram um quadro extremo. Mondragón manteve-o sob interrogatório por dois dias e chegou à conclusão de que não havia nada que pudesse relacioná-lo ao caso Moira ou a algum outro caso. Se Greco merecia um castigo (além da surra de Fabián, contra a qual nem Greco nem seus familiares quiseram prestar queixa), isso devia ser determinado por um processo judicial complicado. Greco conseguiu falar antes com dois familiares de vítimas de desaparecimento, mas nunca chegou a marcar um encontro com eles; não tinha passado a barreira das ligações anônimas. Tudo indicava que ia conseguir a inimputabilidade, e isso o destinaria a uma instituição psiquiátrica. Tinham conseguido evitar que o episódio do Japi Auer chegasse à imprensa, e fazer com que todos concordassem que não deveria chegar. Mas, como Greco era conhecido do canal, a notícia vazou e Fabián passou a ser de novo um personagem dos jornais. Não se importou.

Sentia-se mais que nunca fora do tempo e fora da história.

O caso chegou novamente ao território da estagnação. Mondragón e Beltrán não tinham novidades, e até Doberti se viu sem saber como continuar, em que trilha encontrar rastros.

Passou novembro. Fabián começou uma nova obra, e tinha um fluxo de trabalho que sempre havia almejado, mas agora estava sozinho e não tinha com quem compartilhar sua segurança e satisfação.

No início de dezembro, foi visitar Doberti, que começara a pegar trabalhos mais a ver com sua história: uma investigação conjugal, um desentendimento por conta de uma batida de

carros. Parecia que o marasmo do caso Moira tinha acabado com a razão de eles se verem.

— O caso está difícil, mas sigo acreditando no que sempre disse. Alguém mudou o cenário para despistar a busca.

Doberti desvanecia-se em meio à sua nuvem de fumaça azulada. Os itens do quarto de Moira ainda continuavam de pé e causavam em Fabián uma estranha sensação, como adereços jogados no depósito de um teatro morto.

— Livedisky, o médico forense, me pôs em contato com Sánchez, da Balística. Tem o modelo da arma com que mataram Cecilia. Só uma bala ficou dentro do corpo dela, e se vê que o sujeito não teve tempo de tirá-la. A arma é uma Bersa modelo Piccola 22, fabricada entre 1959 e 1978. É de baixo calibre. Geralmente, nem policiais nem criminosos usam. A bala, com suas estrias e marcas únicas, não consta como registrada. Portanto, não foi usada antes em nenhum crime. Ficou claro, não? O sujeito que fez isso utilizou uma arma que não podia ser rastreada. Verificaram as vendas, mas... De 1959 a 1978? Que registros de vendas existem? Esse rastreamento pode levar anos.

— Não dizia que sempre ficam rastros?

— Sim. Mas não conseguimos vê-los. Esse é o problema.

— Você se rendeu.

— Eu nunca me rendo, Fabián. Senão, teria guardado as coisas de sua filha. Algo vai acontecer. Você vai ver. Alguma coisa vai se movimentar. Não se abata.

Chegaram os últimos dias do ano. Fabián passou o Natal com Ernesto, e falaram com Germán, que estava com todos os metodistas em sua casa. Tia Doris mandou um postal e Fabián quis chamá-la, mas não fez isso. Teve um encontro com Natalia e Maria Eugenia, as amigas de Lila, e elas choraram, como se rogando a ele que também chorasse, algo que não conseguiu fazer.

No Ano-Novo, Fabián mentiu para o pai, disse que ia passar com alguns amigos, e Ernesto não insistiu. No dia 31 à noite, começou a beber e, então, acabou a preciosa garrafa de Johnnie Walker Black.

Quando começaram os fogos e as luzes, estava convenientemente bêbado.

Ano 2000. Século ^{xxi}.

21

O dia 3 de janeiro de 2000 caiu em uma segunda-feira. Fabián não foi trabalhar.

Ligou para a obra e disse que estava doente. Saiu de casa e foi à praça de Álvarez Thomas. Aproximou-se da paineira e tirou uma foto dela.

Moira fazia cinco anos de idade.

Andou até a área dos brinquedos, entrou no cercado e sentou-se perto do escorregador de plástico, no qual várias crianças estavam brincando.

Olhava para elas com um discreto sorriso. Não chamava atenção. Qualquer um que estivesse ali acharia que era o pai de alguma delas.

O sol começou a se pôr e algumas mães levavam seus filhos embora. Fazia uma hora que Fabián vira uma menina que lembrava Moira. Não era igual, mas havia algo em seu riso e em sua inquietude constante que trazia sua filha de volta, e também Lila. A menina chamava-se Solange e a moça que cuidava dela talvez fosse peruana, ou não. Nem ela era igual a Cecilia. Mas, se Fabián fechasse os olhos, podia ouvir suas vozes, e por um momento, só por um momento, se convenceria de que eram elas.

A moça disse a Solange que iam embora, calçou os tênis nela e as duas saíram da areia. Passaram perto de Fabián e ele sorriu, tentando começar a falar com Solange, mas a garota passou rápido. Viu as duas saírem da área de brinquedos e caminharem pela rua Delgado. Fabián levantou-se e as seguiu. Andou a vinte metros delas e as viu dobrar na Virrey Loreto. Solange balançava a mão da moça (igual a Moira com Cecilia, quando entravam no metrô); as duas se entendiam bem, na cumplicidade das brincadeiras, no cuidado diário. Fabián apressou-se. Apenas queria estar perto de Solange, talvez fazê-la rir, tocar seu cabelo. Perguntou-se quem eram seus pais, o que jantariam aquela noite. Tinha irmãos? Andou atrás delas por

três quarteirões. Seu corpo doía. Sentia frio mesmo com o calor não diminuindo nem com o pôr do sol.

Solange e a moça diminuíram o passo. A garota virou-se, viu Fabián e o reconheceu, talvez, da praça. As duas chegaram a uma portaria, a moça pegou as chaves e abriu rapidamente a fechadura. Solange olhou para Fabián com a expressão das crianças que parece estar julgando e condenando sem piedade. Ambas entraram em casa. A porta se fechou.

Fabián ficou parado, olhando a porta. Depois, pareceu sair de seu devaneio. Foi caminhando lentamente, cercado de sombras. Nem sequer tinha a bênção do esquecimento.



FASE TRÊS

A ÁRVORE SOLITÁRIA

Terça-feira, 6 de maio de 2008. Tarde

Vou ter que fazer alguma coisa com o sistema de irrigação da plantação. Funciona cada vez pior. Quase a metade do que está plantado não recebe água. Disse isso para Lautaro. Disse mil vezes, um milhão de vezes. Hoje procurei por todos os cantos da fazenda e não o encontrei. Ele está perdido em sua absurda estupidez. O que seria dele se eu o despedisse? Vagaria pela cidadezinha e, em pouco tempo, o encontrariam no rio, abraçado a um camalote, com o biguá de peito vermelho que visita todos os mortos empoleirado em sua cabeça e bicando seus olhos.

Esses problemas com a plantação, como tantos outros nesta maldita fazenda, me distraem de minhas verdadeiras ocupações. Quase não me sobra tempo para estar no ateliê, que é o único lugar, com seu silêncio e seu cheiro metálico e calmo, no qual me sinto em paz. Todos os fantasmas insistentes ficam lá fora.

As duas estatuetas em que venho trabalhando há um mês estão ficando perfeitas. Tive problemas com o mecanismo de mola, mas o resultado final é mais que satisfatório. Quando se estira para trás o braço da estatueta feminina e a gente solta, o pino que tem em sua mão atravessa a estatueta masculina pelo orifício do estômago, sem tocar as beiradas. É um movimento lento, simples. Produz um efeito fabuloso. Me pergunto o que pagariam por algo assim. Na exposição que chegou à cidade no ano passado, não vi nem remotamente algo parecido com o que eu faço. Todos são bustos toscos, executados por incompetentes, ou experimentos aleatórios sem uma ideia clara. Não entendo como os que fazem isso podem se chamar de artistas. Eu nem me considero artista, mas pelo menos sei que exerço muito bem o ofício. Meu avô estaria orgulhoso de mim. Cordelia também. Me lembro de quando a presenteei com o primeiro enfeite que consegui moldar. Eu tinha catorze anos. Ela ficou tão contente que saiu correndo e se meteu entre os pomares, avançando em zigue-zague para que não a alcançasse. Eu subi no pé de laranja e comecei a assoviar para ela dos galhos. Me procurou e, quando passou por debaixo de

meu esconderijo, pulei sobre ela e caímos na risada. Tive vontade de beijá-la, mas nesse dia me contive. Me lembro de que acreditei ter visto que ela pensava o mesmo, pela expressão de seu belo rosto.

Depois, noite.

Por fim, soube por que Lautaro não estava. Amadeo mandou me chamar e tive que ir até ilha Algarrobo. Quando desci do barco, deparei com meia dúzia de peões da fazenda La Cardosa. Lautaro estava com eles. Encontraram morto um rapaz da fazenda, primo de um deles. Tinha dezesseis anos. Estavam esperando um pessoal da cidade de Paraná chegar para levá-lo. Não havia dúvidas sobre a morte: jararaca. Deve ter se aproximado do lugar em que ela põe os ovos e levado uma boa mordida. Os homens formavam um círculo respeitoso em volta do corpo do rapaz morto. Sua pele estava azulada e uma de suas pernas, a mordida, estava com quase o dobro do tamanho da outra. Olhei seu rosto e o vi também deformado e azul. Os peões faziam o sinal da cruz. Me dei conta do que havia acontecido. Esses ignorantes têm a crença de que, quando uma jararaca te pica, precisa fazer com que ela também pique seu rosto para que o novo veneno reverta o veneno antigo. Uma idiotice. O veneno chegou ao cérebro com a rapidez de um raio. Apenas com a mordida na perna poderia ter sobrevivido. Ou então teriam amputado o membro. Agora era tarde. Valente e estúpido foi o rapaz em seus últimos momentos: deve ter agarrado a jararaca pela cabeça, colocado-a na cara e obrigado-a a morder de novo.

Todos nós ouvimos o sibilar da cobra, que ainda estava perto. Me enfiei no meio de uns juncos com minhas botas altas e a encontrei de imediato, enroscada e astuta, observando-me com seus olhos de diamante. Matei-a com um golpe seco de facão. Todos os peões voltaram a se benzer quando me viram sair do matagal com a jararaca morta no ombro. Lautaro aproximou-se de mim para me prevenir: agora a família da jararaca ia querer se vingar.

Como me fazem rir. Joguei a jararaca no barco e voltei. No jantar, mostrei meu troféu a Reba e Casilda. Reba ficou com nojo e pediu que me livrasse da cobra. Casilda olhou com atenção, mas nenhum temor chegou a seu rosto.

Mais tarde, quando as meninas já dormiam, fui à cozinha. Abri a jararaca de ponta a ponta e coletei bastante sangue. Meti o sangue em um frasco vazio e misturei com o arsênio que uso para que os morcegos não façam ninhos nas telhas. Percorri a propriedade deixando cair a mistura no chão. Depois, fiz o mesmo com o ateliê e o herbário. Não protegi o Jardim de Bronze, porque não precisava. Quando usei toda a mistura, me tranquilizei.

Fiquei na varanda que dá para o rio vendo o reflexo da lua sobre a água inquieta, ouvindo apenas um leve chapinhar, sem nada mais que quebrasse o silêncio noturno.

Estou tranquilo. Meu reino está protegido contra serpentes vingativas.

14 de maio de 2008

Foi tão inesperado vê-lo que Fabián precisou de vários segundos para conseguir se lembrar de quem era.

— Já sei que estou irreconhecível — disse Silva a ele. — Nos últimos meses, tenho feito uma espécie de dieta obrigatória.

Silva estava muito mais magro do que Fabián lembrava, e isso tinha marcado seu rosto moreno, fazendo-o ganhar mais anos do que realmente tinha. Seu 1,80 m de altura, antes tomado de outra forma, agora tinha emagrecido, e o peso dos ombros parecia quebrar seu corpo sob uma pressão invisível.

Fabián estava em um bar da avenida Nazca, a meio quarteirão de uma casa que estava reformando. Ficou sentado dez minutos em frente a Silva, até que este se levantou e se aproximou de sua mesa. Preparou-se para um momento incômodo. Fazia muito tempo que não via Silva. Lembrou-se de quando passara em sua casa no dia em que Lila morreu, a intimidade forçada que surgira entre os dois.

Os que estiveram perto de Fabián durante o caso eram apenas lembranças. Uma vez, vira na TV ou nos jornais alguma menção a Revoira e a Beltrán, e até a Silva, quando o promoveram, mas não voltou a ter contato com eles. Da parte da polícia, da justiça, do governo, nunca ninguém veio nem sequer lhe dizer: “Não temos a mais remota ideia do que aconteceu com sua filha. Desculpa...”.

Silva sentiu-se na obrigação de ficar um momento em sua mesa, algo que ele não pedira. Quando se deixou cair na cadeira, notou que apoiou o braço no respaldo com notória dificuldade. A imbatível segurança de Silva havia se evaporado: em algum momento dos últimos nove anos algo devia ter batido nele duramente. Sentou-se do outro lado da mesa sem dizer nada. Fabián tampouco sabia como tomar a iniciativa.

— Sempre almoça aqui?

— Tenho uma reforma a uma quarteirão daqui. A remodelação de uma casa.

Essa mínima troca de frases não serviu para impulsionar nenhuma conversa. O silêncio continuou pesando entre os dois, inquebrável. Nenhum dos dois estava confortável. Se Fabián não o tivesse visto, talvez Silva abandonasse o bar sem fazer contato.

— E aí? Como vai a vida? — disse Silva.

— Vai indo — respondeu Fabián, acumulando outra banalidade.

Havia um assunto no qual claramente nenhum dos dois queria tocar. Mas era inútil dar mais voltas, e Silva tomou a iniciativa.

— Nunca te disse como me senti mal porque seu caso não foi resolvido. Uma grande sensação de frustração.

— Imagine comigo — disse Fabián.

— O pessoal da Divisão de Busca não chegou a nenhuma conclusão?

— Você tem que saber disso mais que eu.

— Perdi de vista o caso depois de 2001. Comecei a ter um trabalho terrível com as coisas do meu departamento.

— Tive a última reunião com Mondragón em 2005. Não havia novidades.

— Tecnicamente, o caso nunca se acaba.

— Isso não me serve de nada.

— Já sei.

— Minha filha está sabe-se lá onde. Em outro país. Deve ter se esquecido até de quem é. Ou algo pior.

— Não pense isso. Eu acho que está viva.

— Por quê?

— Não sei. Uma sensação.

— Fazem assim em seu trabalho? Têm sensações?

Silva não tentou respondê-lo. Fabián soube que estava muito doente.

— Não ter respostas é muito angustiante. Mas, ao mesmo tempo, dá esperanças — disse Silva.

— Sim. Mas ter esperanças a vida toda quando talvez minha filha já não esteja viva é um absurdo. Pensar que nunca vou

saber é o que me destrói.

Silva assentiu, reflexivo e desanimado. Olhou para fora como se preparando a saída.

— Tenho que ir.

Levantou-se, e Fabián o imitou.

— Quisera eu poder dizer algo para te ajudar.

— Não precisa. — Fabián vacilou. — Está se sentindo bem?

Silva fechou os olhos, cambaleante.

— Devo ter me levantado muito rápido.

Silva estava totalmente pálido. Fabián demorou alguns segundos para ver sua mão estendida, esperando o cumprimento. Deu o aperto de mão e a sentiu muito frouxa, de um material que não era nem carne, nem ossos, nem pele. O que Fabián apertou quase deixara de ser uma mão. Silva caminhou até a porta. Alguém de fora a abriu nesse momento, e ele se esgueirou em um só movimento.

Um mês depois, Silva estava morto.

Fabián soube pelos jornais. “Depois de uma penosa e fulminante doença”, dizia o obituário. Ressaltavam o papel relevante de Silva dentro da instituição e seu desempenho eficaz na Divisão de Roubos e Furtos. Havia um breve perfil de sua vida. Falava de uma mulher que o acompanhou até o último momento, Sonia, e de um filho, Adrián. A biografia não incluía nada sobre uma primeira filha falecida em um acidente. Talvez tenha parecido deprimente demais escrever isso.

2

O vestiário do Club Social y Deportivo Cristal, em Caseros, tinha as mesmas características universais que têm todos os vestiários de clubes de bairro: armários metálicos, bancos de madeira, chuveiros inóspitos e um funcionário parado que não respondia às perguntas.

Os seis homens entraram no local e colocaram as bolsas sobre os bancos. De dentro delas, foram saindo camisas, calções e tênis, alguns da marca Tiger, outros Mizuno, algum excêntrico tinha uns Topper. Todos começaram a tirar a roupa e foram vestindo as camisetas. Eram vermelhas com um relâmpago amarelo desenhado que atravessava o peito. Os calções, do mesmo vermelho, tinham o mesmo desenho dos lados. O conjunto completo, com as joelheiras vermelhas, dava aos seis homens um ar de filme de ficção científica e, muitas vezes, ao irem para a quadra, geravam aplausos espontâneos. O desenho das camisas era de Puma Galván e provocou polêmicas. Ainda mais quando Puma esclareceu que se inspirou no traje do The Flash, o super-herói. Alguns acharam que Puma tivesse congelado na infância, quando lia gibis na garagem da casa, e temeram que a equipe fosse motivo de chacota na categoria. Mas, quando o técnico de uma equipe rival elogiou a camisa, não disseram mais nada.

Eram um time de vôlei de veteranos e estavam em sexto em um campeonato de doze, mas ninguém podia dizer que não eram impecáveis na aparência. Até Puma aproveitava quase religiosamente o momento. Era o único que aproveitava, porque dentro de quadra sofria o indescritível.

Mais calma tinha Julito Córdova, que jogava de líbero, e era meio como o playboy da equipe. Olhava-se ao espelho do vestiário detidamente, cuidando para que nenhum detalhe escapasse à harmonia do conjunto. Ostentava um bronzado quase permanente que, na primavera, começava a alimentar com banhos de sol diários no terraço de sua casa. No verão,

mantinha-o com sua inabalável escapada por um mês em Mar del Plata, e no outono e no inverno fabricava-o com discretas aplicações de bronzamento artificial na clínica de sua esposa.

Perto dele, sentado no banco, Vasco Arrieta dava batidinhas nas coxas no ritmo de um habilidoso baterista. Com seu 1,95 m, era o jogador mais alto da equipe, e o único que já tinha jogado na primeira divisão, no Ferro. Era o orgulho do time, certo na recepção de bola e terrível nos bloqueios. Seu corpo era uma pura ondulação de impulsos nervosos, como um fio de alta tensão pronto para liberar energia. Distinto era o corpo de fisiculturista de López-López, chamado assim por duplicar seu sobrenome ao se casar com uma mulher também de sobrenome López, o que alimentava o mito da possibilidade técnica e distante de um incesto. Ao se olhar para as costas volumosas e fortes como aço de López-López, dava para ver músculos que nem sequer se suspeitava que existiam. Embora parecesse que ia arrebentar a cada passo, López-López era arrasador quando dava uma cortada. Era todo um espetáculo ver como a bola quicava no chão e subia até pegar em uma viga do teto ou em uma lâmpada. No vôlei, todos sabem que uma cortada que pega no chão é mil vezes mais desanimadora que uma que fica no bloqueio e se desvia ou é defendida.

Outro que tinha o seu valor era Russo Reidel, cujo braço esquerdo era uma arma mortal nas cortadas cruzadas. Para a desorientação dos bloqueios, Russo imprimia à bola um ângulo tão fechado que, às vezes, ela saía quase paralela à rede, impossível de ser defendida com eficácia pelos adversários. Tinha duas pernas que eram como molas e, quando saltava, parecia ficar suspenso alguns segundos no ar, tendo tempo para mudar a direção da bola de acordo com a posição do bloqueio adversário. Era um jogador indispensável, porque, embora não tivesse a técnica ou a altura de Vasco, nem a potência de López-López, era mais inteligente e posicionava melhor a bola.

Ao lado de Russo, Fabián colocava esparadrapo nos dedos lentamente e em silêncio.

Era o levantador ou o armador da equipe. O homem-chave para que a bola chegasse aos braços que deviam definir a

pontuação. Comparado com o Fabián Danubio de oito anos atrás, estava mais magro. A pouca gordura que tinha se evaporara desde sua drástica troca de dieta logo depois do evento com Moira. Depois, no fim de 2001, propôs-se a uma rotina de ginástica em casa que o manteve em um peso estável. E o regresso ao vôlei, em meados de 2007, garantia sua forma.

— Te avisaram da sexta-feira que vem? — disse Russo, cortando-lhe a abstração dos preparativos.

— Do quê?

— Pizza e DVD na casa do Julito. Pode?

— Vamos pedir pizza em outro lugar. A que comemos na última vez era horrível — disse Fabián.

— Totalmente de acordo.

Russo pôs sua roupa em um gancho com sua bolsa, entregou tudo ao funcionário e recebeu uma chavezinha de latão amassada, que amarrou no punho.

— Reunião tática lá fora! — gritou Puma Galván.

Um assovio combinado com imitações de puns o recebeu. A dupla função de jogador e técnico que Puma exercia, às vezes, era estressante para os outros.

Foram para uma área localizada entre a quadra de bocha e o ginásio. Formaram um círculo. Eram só seis, sem reservas, o que aumentava a tensão adicional de que, se algum deles se machucasse ou precisasse se ausentar por motivo de força maior, seriam desclassificados e, assim, perderiam a partida. “Uma equipe humilde, mas batalhadora e de cabeça erguida.” Assim definiu Puma uma vez, causando uma avalanche de risos.

— Bom, já sabem que hoje jogamos contra os líderes — disse Puma. — Prestem atenção ao Careca, que fica na posição quatro, e ao Negro.

— Que Negro? — disse Julito.

— O único realmente negro da equipe. É brasileiro e destrói. Joga as bolas todas curtas. Atenção!

— Como você sabe disso? — perguntou Vasco.

— Fui vê-los quarta-feira passada, em que arrasaram com o Club Parque.

— Como você faz para ter tempo, filho da puta? — perguntou López-López.

— Não sou escravo de um banco, feito você.

Deram-se as mãos e entraram no ginásio, um galpão de luzes frias e brancas que transpassavam o ambiente. Em um dos lados da quadra, existiam algumas arquibancadas de madeira em que havia não mais de uma dúzia de pessoas. Algumas podiam ser familiares dos que jogavam. Uma esposa, um filho. Mas a maioria era gente do clube, que estava ali e tinha parado um pouco para ver a partida.

Era um torneio-fantasma, que ocorria em clubes de Caseros, San Miguel, Muñiz, às vezes Vicente López, às vezes Banfield. Clubes sociais e desportivos que tinham seu ginásio, um salão em que idosos jogavam truco ou dominó, aulas de dança para a comunidade e, com sorte, uma piscina coberta que, no inverno, os colégios das proximidades usavam.

Talvez, no fim do torneio, a afluência de gente fosse maior. Mas não muito. Não havia tanta audiência para jogadores entre 35 e 45 anos. Ou as esposas ficavam em casa e recebiam amigas, ou os filhos já estavam maiores e tinham sua própria programação. O certo é que as pessoas viam as categorias de veteranos como caprichos de homens excêntricos que tentavam comprovar até onde iam seus físicos. Não podiam entender que, para qualquer esportista, o tempo deixava de existir quando a partida começava.

E, para Fabián, não havia sensação comparável.

Jogar vôlei era estar sozinho no presente, sem o peso do passado nem a incerteza do futuro.

Entraram na quadra. Do outro lado da rede, os adversários já se aqueciam. Puma tirou várias bolas de uma bolsa. Fabián pôs-se a fazer defesa e ataque com Russo e, depois, começou a treinar levantamentos, enquanto observava os rivais de soslaio. O levantador deles tendia a mandar bolas com efeito, e anotou mentalmente isso.

O árbitro da partida, vestido com um impecável moletom azul, chegou junto com um rapaz que cumpriria as funções de mesário, o qual arrastava uma pequena bancada e uma cadeira.

Dez minutos depois, cumprimentavam formalmente os adversários e a partida se iniciava.

Perderam de 3 a 0.

Começaram bem, com o primeiro set terminando em 25 a 23 para a outra equipe. Isso deu ânimo a eles para o seguinte, mas a história foi outra. Os rivais Careca e Negro ajustaram o placar e a equipe oponente demonstrou por que estava isolada na liderança com um expressivo segundo set: 25 a 14. O último set começou com um massacre: 8 a 1. Fabián viu que o bloqueio adversário na posição 2 estava fraco e começou a levantar bolas altas para Vasco, que fez um estrago. Fizeram 20 a 19. O técnico rival pediu tempo e, quando voltaram, o levantador deles começou a jogar bolas curtas para o brasileiro. Quando acharam que iriam retomar, havia terminado a partida.

Voltaram ao vestiário e López-López tirou a camisa, que embolou e jogou no banco, indignado.

— Não me incomoda que eles vençam. Mas, sim, que a gente jogue como uns merdas! — disse.

— O que você quer, se não conseguíamos parar o brasileiro? — respondeu Julito.

— E a quem conseguimos parar? Até o camisa 9 deles, que era um anão e perna de pau, nos arrasou.

— Eles são muito entrosados. Por isso, estão em primeiro — disse Puma, com reverência.

Nos chuveiros, tudo era silêncio e, embora Vasco Arrieta tivesse feito seu número favorito, brincar com a ponta do seu pênis equilibrando a toalha como se fosse uma marionete, não obteve os festejos de costume dessa vez.

Como estavam por Caseros, foram comer no Maracaibo, um mítico restaurante, famoso pelo tamanho das porções que servia. Quando eram jovens, saíam muito mal das derrotas, e qualquer jantar, por mais que fosse perfeito, adquiria um sabor de merda impossível de ignorar. Agora, já eram mais vividos e tinham aprendido a deixar para trás os fracassos mais rapidamente.

Fabián não prestou atenção ao que os outros comeram, mas serviram a ele um bife à parmegiana disposto em uma travessa ovalada de metal que parecia a língua dissecada de um

dinossauro. Fabián conseguiu tragar a portentosa comida ajudado por várias canecas de cerveja misturada com Coca-Cola, combinação que parecia obscena para Russo Reidel.

— Você não sente o gosto da cerveja nem o da Coca — dizia sempre.

O lugar estava cheio e o barulho impedia que Fabián ouvisse Puma Galván que, na outra ponta da mesa, discutia com Julito sobre a partida. Buscou com a vista o garçom para pedir café, e seu olhar pousou sobre uma mesa perto, que estava encostada em uma parede espelhada. Havia um casal com uma filha adolescente que fazia caretas para a mãe através do espelho. O pai partia um pão com as mãos e fingia que não notava as palhaçadas da menina, que, em cumplicidade com a mãe, fazia caras estranhas e as disfarçava quando o pai virava a cabeça. A mãe e a filha esforçavam-se para conter o riso prestes a explodir.

A filha tinha o cabelo castanho e parecia alta para sua idade. Devia ter doze ou treze anos.

A idade que Moira teria agora.

Russo avisou a ele que López-López estava roubando batatas fritas do seu prato. Gerou-se uma discussão na mesa que dividiu os que condenavam tal costume e os que o viam como uma nota simpática de alegria durante as refeições. López-López defendeu seu ponto de vista com a ação, já que, enquanto discutia, roubava comida dos pratos dos outros. A mesa transformou-se em uma caótica bagunça com ares de reunião de comitê.

Na hora da sobremesa, Julito teve que aguentar a gozação do grupo quando, como sempre, pediu uma torta de amêndoas, como vinha fazendo nos jantares dos últimos vinte anos. Como era de esperar, o jantar acabou de descambar completamente quando Puma começou a falar de trabalho e López-López começou a lançar pedaços de pão nele (e, em seguida, para os quatro lados), gerando o olhar de crítica do sujeito que cuidava da máquina registradora.

Fabián viu que o casal com a filha deixava o local e seu olhar os seguiu até eles se apagarem para além do vidro embaçado.

Sua mente também passou através do vidro e se transportou até o passado.

Os anos transcorreram com a rapidez de um relâmpago que caía sempre no mesmo lugar e na mesma ferida. Fabián teve a certeza de que o caso Moira estava em uma gaveta fechada a chave, em uma mesa oculta, em uma sala perdida, em um edifício invisível.

Seu irmão e as amigas de Lila o aconselharam a começar uma terapia. A psicóloga Plazas foi melhor do que esperava. Talvez em seu consultório houvesse almofadões e vasilhinhos de argila demais... Talvez houvesse livros demais cujo título começava com a frase “A problemática de...”, mas ela se mostrou uma mulher calma, muito reflexiva, certa na maioria das vezes e com uma excelente predisposição para fugir dos golpes baixos. Fez dois anos de terapia, de 2001 a 2003. Foram tempos de pouco trabalho. “O arquiteto é aquele que constrói”, dizia Fabián, olhando as mãos vazias, sem atividade, sem projetos. Não conseguia produzir nada. Precisava de trabalho, simplesmente uma obra ou um projeto para poder se refugiar. Acelerou a venda do apartamento da Álvarez Thomas e se mudou para um de dois ambientes na Marcos Sastre, a meio quarteirão da Cuenca, perto da casa de seu pai, de volta ao velho bairro. Gostava de caminhar, deixava-se levar até Flores e percorria a avenida Rivadavia lembrando-se dos lugares em que havia lojas de discos (substituídas por lojas de roupa) ou rememorando os cinemas que foram tomados por igrejas evangélicas.

Ao fim de 2003, com todas as suas economias no cartão de débito, preparou uma bolsa, enfiou-a no carro e começou uma viagem com destino incerto. Foi para a região oeste ouvindo música e vendo passar as indiferenciadas cidadezinhas ao longo do caminho. Parou em Santa Rosa quando se cansou e procurou um hotel. Na manhã seguinte, prosseguiu a viagem. Não olhava muito a paisagem, só a estrada que avançava. Quando, um tempo depois, se ergueram diante dele montanhas vermelhas e inflamadas pelo sol que se ocultava, soube que estava em Río Negro. Tinha um mapa do Automóvel Clube Argentino no porta-luvas, mas não o consultava. Só prestava atenção ao nível de gasolina, para não ficar no meio do nada com o tanque vazio. Mil ou dois mil metros à sua esquerda, alguns picos rochosos

surgiam do chão em fileira e aumentavam de altura, semelhantes à coluna vertebral de um leviatã gigantesco.

Dessa viagem insensata e intensa, lembra-se de alguns momentos. Estava em um caminho nas montanhas e entardecia. O carro, devido à inclinação da estrada, afogou. Estacionou no acostamento, deixando o motor descansar. Uma parede de rocha se erguia perto dele, intimidando-o. Ao pé da parede, viu uma incoerente porta metálica. Por um momento, pensou absurdamente que fosse um caixa eletrônico. De repente, pôde ver que a porta se abria e duas figuras saíam por ela, usando macacões cáqui. Andaram ao longo da parede de pedra e logo ficaram ocultos por alguns arbustos. Fabián entrou em seu carro e conseguiu arrancar. Durante anos, não contou a ninguém sobre os dois personagens saindo da montanha, até que confiou isso a um amigo geólogo de Russo Reidel, e este lhe explicou que o que havia visto era uma estação de estudos sísmicos. Fabián ficou decepcionado.

Pouco antes de terminar a viagem, foi até um lago próximo a San Martín de los Andes, no caminho do vulcão Lanín. O lago tinha uma praia de inesperada areia branca e estava circundado por altos bosques de pinheiros negros que se erguiam como ídolos pagãos, silenciosos e vigilantes. Fabián montou sua barraca ali e, durante três dias, não viu ninguém, até que, em uma manhã, apareceu, a cavalo, o guarda florestal da região, que lhe vendeu comida caseira e perguntou sobre Buenos Aires. Ficou mais alguns dias olhando a superfície imutável do lago e logo levantou acampamento e voltou à sua cidade quase sem fazer paradas, sem dormir, lúcido e fresco.

Na semana seguinte, decidiu deixar a terapia. Plazas não pareceu se surpreender. Disse a ele que era uma opção, transitória, talvez, e que as portas estavam sempre abertas. Fabián achou que a viagem pelo espaço real que fizera havia deslocado a viagem interior, que era muito mais complexa e desgastante. De Río Negro, podia regressar. De dentro de si mesmo, quando voltaria?

O tempo avançava e Fabián começava a temer que Moira e Lila ficassem para trás, não esquecidas, mas, sim, convivendo

com ele de forma insubstancial e plácida. Tinha medo de que suas presenças já não o apunhalassem mais, que não pudessem continuar doendo.

Um dia, descobriu que um método (duvidoso, certamente) para tê-las presentes e não sofrer tanto por elas era odiá-las. Foi inesperado chegar a algo assim, mas começou a funcionar dessa forma. Foi curioso o que aconteceu com a foto da moldura roxa. Durante anos, foi a foto favorita de Fabián e de Lila, a que tinham sempre na biblioteca, com uma moldura que era branca e Moira pintou de roxo. Moira aparecia aos dois anos e meio, nos braços de Lila, as duas olhando para a objetiva da câmera muito de perto, quase deformadas e muito felizes. Fabián tirou a foto delas em Palermo, em uma tarde de sábado. Quando se mudou, destinou a caixas muitos objetos que lhe doíam, mas não aquela foto. Com o passar do tempo, a atitude rancorosa de Fabián com relação à vida mudou ao olhar essa imagem. O sorriso esplêndido de Moira, em primeiro plano, destinava-se não a Fabián, que estava atrás da câmera, mas, sim, ao próprio reflexo da filha nos óculos escuros que ele tinha colocado nesse momento; e a expressão feliz em segundo plano de Lila começou a se transformar em um gesto resignado e confuso, um ritual que se traduzia no incômodo de tirar a foto. Lila já experimentava nessa foto o começo do tédio que ia envolvê-los e que também recairia sobre Moira. A tentação de destruir a foto foi muito forte para Fabián, mas preferiu não fazer isso, e de vez em quando, em seus piores dias, aqueles nos quais pensava que estava virando alcoólatra, se deixava levar pelo impulso de insultar as duas, cruamente, recriminando-as por estarem ausentes em sua vida, deixando-o sozinho e incompleto, covarde até para se matar, um homem sem braços nem pernas deitado no fundo de um barco à deriva, no meio de um oceano de nada.

Por sorte, esses períodos terminavam quando irrompiam outras recordações que moviam o ponteiro da balança bruscamente até o outro extremo. Sempre voltava um momento: Moira com apenas uma semana de vida e Fabián contando para Carreras, no trabalho, sobre a particular geometria redonda e perfeita do rosto da filha. Enquanto falava com ele, desenhava

com sua Rotring, em um papel vegetal, um círculo que representava a divina proporção do rostinho da menina. Quando vinham essas lembranças, Fabián ficava mal, se amaldiçoava por odiá-las e descarregava o ódio nele mesmo. E o ciclo recomeçava.

A vida continua, como dizem os aforistas de velório. Houve algumas mulheres. Com a agente Blanco, tinha perdido contato desde seu êxodo para Córdoba. Durante um tempo, trocaram e-mails, mas só falando do caso. De vez em quando, vazava alguma referência a seu curto idílio de contenção mútua, mas Fabián nunca perguntou a respeito de sua vida além disso. Os e-mails espaçaram-se e desapareceram.

Um dia, encontrou forças para ir a uma reunião de ex-alunos da formatura de 1986 do Colégio Urquiza. Reencontrou-se com Gabriela, de quem sempre gostou, mas que namorava um faixa vermelha de taekwondo. O faixa vermelha durou três meses, até ela começar a fazer Direito. Depois, chegou o namorado do grêmio, a profissão, o casamento, os filhos, o divórcio, o ex-marido rejuvenescido pela secretária. As coisas de que se toma conhecimento em uma reunião de ex-alunos. De Fabián, todos sabiam. Quase não precisou contar. Gabriela era direta, diligente em sua formação questionadora. Saíram um ano e meio. Nada mal para o homem que voltava do limbo. Conviveu bem com ela, mas sempre se sentia um tanto deslocado. Quando Gabriela lhe apresentou os filhos, sentiu claramente que estava dentro de uma vida equivocada, como quem entra em uma sala de cinema, senta, as luzes se apagam e o filme que começa não é o que espera ver. Antes da viagem de Gabriela à Itália, as coisas já não funcionavam. Ficaram em um impasse. Fabián soube, com alívio, que ela havia conhecido um advogado florentino. Outra porção de e-mails que vão se diluindo no ciberespaço.

Depois veio Dolores. Era dona de uma videolocadora na qual, de vez em quando, Fabián alugava filmes para ele e seu pai. Dolores interessou-se quando ele alugou *Milagre em Milão*, e Fabián não esclareceu que era para seu pai. Ela estudara cinema em uma instituição particular. Estava se preparando para

ingressar no Instituto Nacional de Cinema e Artes Audiovisuais, tinha dois roteiros de longas-metragens escritos e um curta feito na marra que falava sobre o fantasma de Bergman que aparecia para um estudante de cinema para lhe dizer que, se seu sonho era ser diretor, estava destinado a sofrer. Fabián não chegou a ver esse filme. Dedicou-se bastante ao cinema e conheceu filmes de todas as latitudes e estilos. Dolores scandalizou-se ao saber que Fabián escolhia os filmes aleatoriamente quando chegava ao cinema. Tudo terminou quando Fabián teve uma recaída em que ficou três dias sem ir ao trabalho nem atender o telefone. Dolores disse a ele que não conseguia lidar com suas crises. Fabián não insistiu. Estava cansado de ver retrospectivas de cineastas iranianos aos domingos à tarde.

Flavia era passeadora de cães e tinha dez anos a menos que Fabián. Não se pode negar que foi intenso. Ela vivia em uma espécie de loft, se olhássemos de modo otimista, ou em um galpão reciclado, se fôssemos mais venenosos. Houve muito sexo. Enquanto transavam no mezanino, os nove cães com os quais Flavia passeava constituíam o espírito animal adequado para tanta selvageria. Dois meses depois, ofereceram a Flavia um emprego para adestrar cães de guarda no Brasil. Com ela, sim, de vez em quando, houve alguns e-mails.

Em 2006 e 2007, teve vários relacionamentos curtos e fulminantes. Foi o período cínico de Fabián, no qual usou as mulheres para vingar-se de Lila. Tirava e colocava todas em sua vida quase com displicência. As mulheres, seja qual fosse a circunstância, nunca terminavam de modo ruim a relação com ele. Porque, que desalmada vai se atrever a insultar um homem viúvo e com uma filha desaparecida? E, além disso, que mulher sensível não se sentiria atraída por um homem bem-apessoado e com uma carga de tragédia, escuridão e sofrimento que o deixava terrivelmente sexy?

Em meados de 2007, Fabián já estava se transformando em um ser desprezível, similar a esses doentes crônicos que se utilizam de sua condição para manipular e chantagear emocionalmente aqueles que os rodeiam. Ausentava-se muito da obra, tornara-se lacônico com seu pai, enganava as pessoas,

não tinha “trato social”, como o rotulou uma mulher com quem durara uma semana. Quando reagiam contra ele, então aparecia a versão lastimosa e sofredora que desarmava o outro sem disparar um só tiro. Fabián já conhecia todo o repertório, o mecanismo aceito que lhe permitia ser desculpado por todos em todas as situações e obter uma impunidade avassaladora. Até que se encontrou com Sergio Reidel.

Foi uma semana particularmente irritante para ele, já que tudo focava sua pior parte, sua miséria, sua perda. Tinha discutido até com Doberti, que de vez em quando ligava para ele como para um velho conhecido que passara a ser velho amigo em algum momento (momento, de qualquer modo, do qual Fabián escapava).

Quis sair com o carro para vagar pela cidade, mas se esquecera de apagar os faróis quando estacionou e estava sem bateria. Pegou o 110, desceu em Santa Fé e andou até o Centro. Havia acabado de anoitecer. As pessoas faziam compras, voltavam para casa ou caminhavam, escondendo alguma vida complicada que certamente não se comparava com a sua. Em uma esquina, um garoto de programa observou-o por um momento, mas desviou o olhar diante da cara feia que Fabián fez. Ao chegar à Callao, entrou em uma dessas livrarias enormes, que tinha livros, discos, filmes, escadas para cima e para baixo, bar e miniteatro. Andou entre as mesas e, aleatoriamente, pegou um livro. Chamava-se *Viver para deixar de morrer*. Apesar do título, não era um romance estrelando James Bond. Era um livro de autoajuda. Falava sobre as “três etapas” produzidas após uma perda trágica. Fabián folheou o livro com desprezo. A autora chamava-se Livia Luxor e, como título acadêmico sustentando seu saber, no lugar onde se esperava encontrar “graduada em Psicologia”, “doutora em Psiquiatria” ou mesmo “contadora pública”, constava que era “facilitadora”. Fabián achou que o que se facilitava ali era a saída de dinheiro da carteira dos imbecis para o bolso de Livia. A facilitadora usava o conceito mil vezes batido das etapas da dor — negação, raiva e aceitação —, colocava nomes diferentes, misturava tudo em uma salada com Jung, Osho e Bill Gates e um pouco de panfleto

do Alcoólicos Anônimos e terminava com um apêndice com instruções passo a passo de como sair do sofrimento para uma vida plena, afastando qualquer sombra de angústia. Fabián deteve-se em um capítulo dedicado à relação com o passado. A autora recomendava diversas técnicas para bloquear, quebrar ou enterrar o impacto do passado. Virar a página e não voltar era a premissa que, com um entusiasmo digno de um vendedor de enciclopédias em domicílio, apregoava o livro. As mãos de Fabián foram se fechando sobre as folhas com força, e já ia rasgá-las quando um dos funcionários da livraria se aproximou. Que merda significava “virar a página”?

— É mais fácil arrancar a pele... — murmurou Fabián.

Saiu da livraria e procurou algum bar pela região. Na Coronel Díaz com Charcas, meteu-se em um que parecia vazio de fora, mas, quando entrou, descobriu que estava cheio e os vidros espelhados o enganaram. Quis recuar, mas a inércia o levou até um dos extremos do balcão. Sentou-se ao lado de dois homens de terno que falavam sobre alguns folhetos que deveriam imprimir.

Pedi um mojito. Não gostava dele particularmente, mas achava o nome engraçado. E, se ia começar a se embriagar, preferia estar de bom humor. Tomou o primeiro gole; o ruído das conversas das pessoas era como um zumbido de abelhas. No quarto mojito, parecia ter virado uma máquina de lavar centrifugando. Isso o obrigava a levantar a voz, mas a alguns no bar, inclusive ao barman, parecia que estava gritando. Fabián achava que o barman era um idiota, porque serviu quatro mojitos a um sujeito como ele, que comprovadamente era um bêbado chato. Os dois homens dos folhetos tinham desaparecido do balcão e, no lugar, agora estava um sujeito que falava no celular e vestia um paletó de veludo azul, cujo brilho feria as retinas de Fabián. Apesar do paletó, o homem pareceu amigável e quis puxar conversa com Fabián, que pedia o quinto mojito. Quando tentou falar, ouviu uma voz ríspida, deformada, arrastada, que não permitia reconhecer as palavras. Tentou falar de novo, e outra vez a voz o interrompeu. Quem estava falando ao mesmo tempo que ele? Aquela voz estava perfeitamente sincronizada

com a sua. E Fabián maravilhou-se ao se dar conta de que era a sua própria voz. Falava e se interrompia ao mesmo tempo, e suas palavras não conseguiam chegar amigavelmente ao homem do paletó de veludo azul. Então, começou a elevar o tom e pensou que, se antes os demais achavam que ele gritava, agora achavam que ele estava uivando. Fez o máximo esforço para acalmar-se, mas com isso só conseguiu dar um tapa no barman. Fez isso com o dorso da mão e, em seguida, começou a pensar coisas sobre essa maneira de bater, mas logo descobriu que alguém fabricara, como magia, um piso de madeira e o tinha colocado violentamente em frente a seu rosto, apertando-lhe o nariz. Tentou afastar o chão de seu nariz, mas era impossível. Continuava a ouvir as vozes do lugar, embora agora viessem de cima, e sentiu que várias mãos pousavam em seu corpo e tentavam pegá-lo. Entre todas as vozes, logo começou a reconhecer uma em particular. Tinha certeza de que conhecia o dono daquela outra voz, mas não conseguia fazer a conexão.

Alguns dedos abriram sua boca, e sentiu um gosto salgado explodindo na língua.

— Me deem mais sal! — disse a voz que ele conhecia, mas não identificava.

Entreabriu os olhos e viu que o cenário do bar havia mudado para um corredor que terminava em uma porta vaivém, e a porta revelou um amplo banheiro. Ocorreu falar algo, mas isso só precipitou um vômito que caiu no vaso sanitário, ao mesmo tempo que algumas mãos o seguravam pelos ombros. Alguns momentos depois, estava sentado na tábua, olhando o rosto do sujeito que o tinha levado ao banheiro. Tinha passado muito tempo desde a última vez que vira, mas a cara de Sergio, o Russo Reidel, é dessas que não mudam com o passar dos anos.

— Seu babaca, está na merda! — disse Russo.

Até o fim da década de 1980, Fabián, Julito Córdova e Sergio Reidel eram frequentadores do clube Comunicaciones, onde jogavam vôlei todos os sábados, somente por diversão, ainda que, no caso de Julito, o vôlei fosse um esporte que possibilitava conhecer mulheres de pernas bonitas, sua obsessão. Durante o

dia, eles montavam equipes e jogavam por diversão, de maneira bem amadora. Nos intervalos entre as partidas, conversavam e ouviam música em um gravador que Fabián levava. O dia passava quase que de uma maneira paradisíaca e, caso alguém se descuidasse, poderia até se apaixonar.

Um dia, apareceram dois membros da comissão técnica e conversaram com eles. Tinham a ideia de voltar a montar a equipe de vôlei federado que, nos anos 1970, conquistara vários troféus para a instituição. Estavam percorrendo as quadras para ver se havia jogadores com potencial. Em algumas semanas, Fabián, Sergio, Julito e Puma já estavam treinando. A equipe voltou a se inscrever na Federação de Vôlei, e naquele ano subiu da quinta categoria para a quarta e, no ano seguinte, da quarta para a terceira. Quando Fabián não pôde continuar mais treinando, em 1992, a equipe já tinha divisões juvenis e infantis. A pequena façanha esportiva da qual foi pioneiro lhe proporcionou quatro anos inesquecíveis.

A morte de sua mãe — que deixou seu pai carente de organização —, a faculdade e o trabalho o absorveram, e uma ou duas mulheres, até Lila chegar. Quando quis se lembrar, os anos passados no Comunicaciones já pareciam pertencer à vida de outra pessoa. Algumas vezes, cruzou casualmente com Julito no metrô ou com Puma na rua e soube que o velho treinador Di Paola falecera; e que a área das quadras onde jogavam era agora um chão arrebetado de cimento. E ninguém sabia se o clube ia virar um loteamento ou se transformar em um hipermercado ou simplesmente morrer implodido em esquecimento, sem sócios, sem ninguém que percorresse suas instalações, deserto nas tardes frias de maio, sob a chuva que caíria displicente.

A aparição de Sergio Reidel no bar naquela noite foi um benéfico movimento do passado, já que era um passado anterior à tragédia e à perda, antes de Fabián ser expulso do tempo normal para começar a viver apenas em sua cápsula de mínima atenção à vida.

Fabián recobrou totalmente a lucidez em sua casa, sem saber como Russo havia conseguido obter seu endereço. Estava

deitado no sofá e, de uma cadeira, Russo olhava-o com aquela cara que ele sempre tinha, aquela expressão debochada que parecia rir de uma piada que só ele conhecia e jamais compartilhava. Tomaram café e falaram até as cinco da manhã. Soube que Russo estava casado, tinha uma menina de onze anos, continuava na loja de eletrodomésticos da avenida Gaona que fora de seu pai e anos atrás tentara estudar para se tornar rabino, até que desistiu.

Uma semana depois, Fabián reencontrava-se com os velhos companheiros de vôlei para começar a treinar uma vez por semana em uma equipe da liga dos veteranos. Retomou algo que deixara quinze anos antes. Relembrou o cheiro do piso de taco e o barulho do rebote da bola, o movimento de uma partida. Por um instante, era de novo um moleque despreocupado, com todas as ideias delirantes ainda sem pôr em prática, um ignorante dos detalhes importantes da vida. Começou a sentir-se realmente bem, sem sombras insistentes que o cercassem depois de anos. Trabalhava com calma, reformava apartamentos velhos com eficiência, tinha um pequeno grupo de pedreiros que se reportavam a ele. Ouvia mais música que nunca, sua coleção de CDs e DVDs aumentava dia a dia. Não tinha nenhuma mulher por perto neste momento, mas não se sentia mal. Talvez a próxima mulher a entrar em sua vida fosse realmente para valer, alguém com quem começar a fazer planos de novo.

Voltou ao presente a tempo de começar a discussão sobre duas opções que, desde tempos imemoriais, surgiam à mesa ao chegar a conta: rachar o valor ou cada um pagar sua parte. Entrou alegremente na conversa.

Às vezes, havia instantes, como o que acabava de viver com a imagem daquele casal e daquela filha, em que voltava a lembrar e sua mente, desesperada, tentava combater a corrente do tempo que regressava. Ainda era possível que Moira estivesse viva e, no entanto, Fabián já não a procurava.

A vida continuava, e os anos o afastaram das respostas.

3

O problema com Doberti era que sempre terminavam falando da mesma coisa. Conheceram-se dessa maneira, e o assunto central que os vinculava se negava a ir embora.

Doberti conseguiu fazer com que lhe pagassem uns dez mil pesos pelas informações que levaram ao paradeiro do cadáver de Cecilia, uma soma muito inferior à estabelecida pelo ministro da Defesa na época. Quando Doberti conseguiu receber, em meados de 2003, ficaram para ele seis mil pesos. Fabián conseguiu convencê-lo de dar quinhentos pesos a Telma, a mulher queimada do metrô. Ela aceitou o dinheiro com uma expressão de incredulidade que correspondia menos à soma que lhe entregavam que ao fato de não se recordar de nenhum dos dois. Separaram outros quinhentos para Roque Álvarez, mas eles não entregaram, já que Poeira não pôde ser localizado. De qualquer maneira, o pagamento foi bom para Doberti, considerando que esteve a ponto de quase ser espancado até a morte junto com Fabián no episódio de Isidro Casanova. O prestígio advindo de sua atuação no caso trouxe alguns trabalhos, mas nada que o elevasse a um nível diferente de existência. As empresas seguradoras continuavam contratando-o para seus assuntos e as esposas ou os esposos que queriam verificar se eram chifrudos também lhe davam algum serviço. Apesar de ser um detetive, em nove anos não conseguira nenhum ferimento ou situação-limite que o transformasse nem sequer em um modesto herói urbano. Isso não parecia uma frustração grave para ele. Agora tinham se passado quase dez anos; e o tempo, por ora, não lhe afetava.

Doberti sorria do outro lado da mesa, na sala do apartamento de Fabián. Ainda tocava a campainha da mesma forma ridícula. Por isso, Fabián adivinhou imediatamente de quem se tratava. Não era a primeira vez que o visitava, mas não fazia uma aparição-surpresa havia alguns meses. Custava a Fabián

associar totalmente Doberti à palavra amigo, mas não encontrava outra definição.

Na segunda ou na terceira vez que Doberti passou sem avisar, Fabián lembrou-se de um episódio de sua infância. Tinha sete ou oito anos e estava nos balanços da praça. Um garotinho de sua mesma idade, rechonchudo, rosado, envergonhado, aproximou-se dele, reticente. Olhava para trás a cada segundo para sua mãe que, a alguns metros, com gestos, o obrigava a falar. O menino, com grande angústia, parou ao lado dele e perguntou-lhe, em um fio de voz: “Quer ser meu amigo?”. Fabián, com a calculada crueldade que só existe a essa idade, respondeu-lhe: “Já tenho amigos demais”. O garotinho suspirou e voltou para a mãe. Cada vez que, em seu interfone, soava o toque de desenho animado de Doberti, Fabián pensava, sabe-se lá por que, no garotinho rosado da praça.

Estavam tomando mate doce, algo que o aborrecia, mas o convidado era Doberti. Na primeira vez que disse para ele que tomava mate doce, ficaram uma hora e meia discutindo.

— Entendo o que estava passando. — Doberti, como era habitual, depois de alguns evidentes desvios, desembocara outra vez no caso Moira. — O assunto esfriou justamente quando acontecia uma reestruturação interna na Federal. Todos queriam mostrar serviço e ganhar pontos para uma promoção. Todos queriam estar bem na fita, mas, ao se preocuparem com a própria imagem diante do ministro ou do promotor, o restante ficou em segundo plano.

— Você diz que a polícia nunca realmente se interessou em resolver o caso?

— Não digo que alguns não tentaram. Sua amiga Blanco, por exemplo. Mondragón também. Pareciam realmente comprometidos com a investigação. Mas essa boa vontade não era suficiente. Se te disserem para procurar uma agulha no sapê, faça isso a fundo. Mais cedo ou mais tarde, você a encontrará. Mas, se a agulha nunca esteve nesse sapê, e sim em outro, vai procurar por toda a vida sem encontrá-la.

— Não se diz “palheiro”?

— Como?

— A expressão não é “agulha no palheiro”?

— Gosto de dizer “sapê”. É algo mais local. Também poderia dizer “matagal”. “Uma agulha no matagal.” Soa bem.

— Por isso que eu gosto quando você vem aqui em casa, Doberti. Acabamos discutindo sobre coisas profundas.

— É que você me motiva.

— Não podemos tomar alguma vez o mate amargo?

— Eca! Detesto! Discuto o mesmo com minha esposa, todos os dias. Por isso, tem o mate dela; e eu, o meu.

— Às vezes, sinto que tudo está tão para trás... — disse Fabián. — Que tudo se distancia. Há manhãs em que me levanto e digo: consigo viver. Aconteceu algo terrível, mas estou aqui.

Doberti não disse nada. Fabián olhou para a rua e viu uma paisagem que podia ser quase a mesma da janela da Álvarez Thomas. O barulho era diferente. Naquele bairro, havia silêncio.

— Quem jogou sujo, Doberti?

Doberti deixou o mate sobre a mesa.

— E eu sei? — Pôs as mãos na mesa, estudando-as. — Há uma coisa que nunca fechou para mim quanto ao cadáver.

— O quê? As lesões no rosto?

— Não. O tiro na nuca. No relatório, constava que o orifício de entrada era diferente dos outros dois furos. Como se a moça já estivesse ferida antes do disparo.

— Torturaram e mataram Cecilia.

— Isso é o que parece.

— Mas...?

— Não sei por que para mim faz mais sentido que já estava morta quando fizeram os disparos. E os três tiros foram para desorientar. Acredite em mim: verifiquei isso um milhão de vezes.

— Acredito em você.

Chegara o instante em que se esgotava a conversa e o silêncio começava a acompanhá-los. Doberti levantou-se para ir embora. Quando passou pelo hall, deteve-se, como das outras vezes, a observar as contas ovais cor de laranja que pendiam do espelho.

— Que luz bonita tem este colar!

— Para com isso, Doberti, que coisa chata. Sempre diz isso. Leva para você, se gosta tanto dele.

Fabián desprendeu o colar e o estendeu a ele.

— Se é uma recordação, não.

— Vamos... Para com essa história.

Doberti tomou o colar das mãos de Fabián e o pôs no bolso.

Fabián sabia que era outro objeto de Lila do qual se desfazia. Mas tentou não ficar melancólico. Com esse gesto, queria acreditar que podia se livrar dela, que podia deixá-la um pouco mais para trás.

César Doberti entrou em seu apartamento da rua Cochabamba, o mesmo que terminara de pagar em 2005, graças ao crédito concedido sem trâmites desnecessários no banco em que Julia trabalhava. Quando entrou na sala e tirou o paletó, sentiu o cheiro de brócolis e o barulho das panelas. Foi à cozinha e, antes que Julia se virasse, Doberti voltou a admirar, como em todos os dias de sua vida, a incrível bunda de sua esposa. Tinha cinquenta anos e, quando andavam na rua, Doberti detectava o tempo todo até rapazes de vinte anos boquiabertos quando ela passava.

Ele a conhecera durante um trabalho que o levou ao mundo do teatro de revista. Um produtor queria saber se sua amante, uma vedete de um espetáculo da rua Corrientes, tinha algo com um dos atores. O produtor era casado e exigia a fidelidade de sua amante. Doberti interrogou algumas bailarinas, entre elas, Julia. Dançava na segunda fila, mas para ele merecia estar à frente. Ela se interessou imediatamente por seu trabalho. Imaginava que era uma profissão fascinante, divertida e romântica. Doberti, para seduzi-la, começou a lhe contar falsos casos cheios de perigo dos quais tinha se safado milagrosamente. Nunca conseguiu comprovar se a vedete, esposa do produtor, tinha um caso com o ator, mas um mês depois já estava saindo com Julia. Ela sempre soube até onde podia chegar com sua carreira e não passou por nenhum sofrimento traumático quando abandonou as lantejoulas e se capacitou para trabalhar no banco, cujo gerente era seu primo. Doberti estava convencido de que o primo de Julia tinha desejo por ela e tinha certeza de que ela usou tal atração em proveito próprio. A questão é que Julia, em dois anos, chegou a

gerente de contas. Nunca saberia realmente se usara ou não sexo para ser promovida e não tinha a intenção de averiguar isso. Eram felizes um com o outro e não lhe interessava acabar com nada.

Julia virou-se, e seu rabo de cavalo formou um arco.

— O que tem feito, Doberti?

Doberti respirou fundo. Como era possível que todos, inclusive sua própria esposa, o chamassem pelo sobrenome? César era um nome de grande nobreza, mas o sobrenome Doberti o tomara. Até quando faziam amor, Julia dizia: “Vai, Doberti!”.

— Como está o trabalho?

— O de sempre. Faz dois meses que estamos com um caixa a menos, e os clientes já estão cansados das filas.

— E se queixam com você.

— Exato. Como foi?

— Corrido. Depois, passei pelo Danubio.

— Quando vai convidá-lo para jantar ou algo assim?

— Não sei se dá para fazer isso.

— Pobre rapaz.

Julia sempre dizia isso. Não conseguia evitar. Na verdade, ela havia insistido para que ele se metesse no caso. A notícia a afetou. Estava tentando engravidar justamente naquele momento, e sensível. Meses depois, foram ao médico; e ele confirmou que Julia não podia ter filhos. A maneira como encarou a notícia pareceu muito admirável para Doberti, que a amou mais que nunca, se isso era possível. Durante alguns anos, tentaram adotar, mas a burocracia do sistema tirou o entusiasmo deles.

Doberti tentou roubar comida e Julia deteve sua mão com a colher de pau.

— Por que não se deita no sofá enquanto termino? Em cinco minutos, nós comemos. Põe a mesa, se quiser.

Arrumou a mesa e se jogou no sofá. Começou a assistir a um episódio de *House*. Quando encontraram sete tumores no cérebro do operário metalúrgico, deu-se conta de que já tinha visto aquele.

Fechou os olhos e lembrou.

Foi uma semana ou duas depois do episódio de Fabián e Silvio Greco, o doente das ligações. Doberti estava tentando processar tudo o que tinha acontecido até o momento no caso Moira. Como não tinha outra coisa a fazer, iniciou alguns trâmites de rotina. Era meio-dia, ia para sua casa e lhe ocorreu parar em uma casa de *parrilla* que conhecia. A carne era boa, sobretudo os sanduíches de carne de porco. Pediu um e sentou-se a uma mesa, com um copo de vinho tinto. Em outra mesa, havia um rapaz de uns 25 anos, mais ou menos.

— O San Lorenzo jogou hoje? — o jovem perguntou a ele.

Doberti olhou os jeans, o casaco desbotado. Na mão, uma lata de Coca-Cola. A outra estava no bolso da calça. Os pés mexiam-se inquietos, como se ele estivesse com frio.

— Hoje é terça-feira. Não tem futebol.

— E como se saiu?

— Quem?

— O San Lorenzo.

Devia estar drogado.

— No domingo, perdeu para o Newell's.

— Obrigado.

Doberti terminou de comer e andou até o carro. Entrou e baixou o vidro. Eram duas da tarde e a rua estava deserta. Estava pondo a chave na ignição quando sentiu o cano do revólver na cabeça. Olhou de esguelha, com dificuldade, e viu o rapaz da *parrilla*.

— Passa a grana — disse. Empurrou um pouco o cano da arma contra a cabeça dele. Doberti levantou lentamente a mão e mostrou-a.

— Vou meter a mão no bolso do paletó e vou pegar a carteira. Combinado?

— Passa a grana! Vamos! — Novo empurrão.

— Calma, calma! — disse Doberti.

— Me dá, otário.

— Estou te dando.

Doberti mostrou a carteira. O rapaz pegou e guardou. Doberti esperou que fosse embora, tentando não olhar diretamente para ele, a fim de não deixá-lo nervoso. Passaram-se dois segundos.

Virou a cabeça, e o sujeito ainda estava ali. Apontava a arma para ele. Engatilhou-a.

— O que está fazendo, rapaz? Já te dei tudo.

Então, Doberti mirou seus olhos pela primeira vez. O jovem sustentava o olhar, mas ao mesmo tempo parecia que olhava através de Doberti.

la disparar.

Doberti deu-se conta disso e também de que já não havia tempo.

Uma paralisia percorreu seu rosto até o peito. Queria fechar os olhos, mas não conseguia.

O rapaz apertou o gatilho.

Ouviu-se um clique, e a cabeça de Doberti ainda continuava no lugar.

O rapaz mirou com a arma.

— Vá para a puta que pariu! — disse.

Doberti saiu da imobilidade e abriu a porta do carro violentamente. A porta bateu nas pernas do rapaz, fazendo-o cambalear, mas sem jogá-lo no chão como Doberti queria. O rapaz continuou a examinar sua arma, obcecado, tentando resolver o problema. Doberti começou a correr. Virou na esquina e chocou-se em uma guarita. O homem que estava dentro olhava um pequeno televisor em preto e branco e, com o choque de Doberti, sobressaltou-se e deixou cair café em cima dele.

— Quer que eu tenha uma síncope? — gritou.

— Chama a polícia!

— O que aconteceu?

— Tentaram me assaltar.

Mas o rapaz não apareceu. Quando se acalmou, Doberti voltou para seu carro e não viu ninguém. O funcionário da *parrilla* disse que tinha visto o rapaz ir embora rapidamente. Perto do meio-fio, encontrou a carteira. O rapaz levava o dinheiro, mas não havia muito.

Queria dirigir, mas suas mãos tremiam. O efeito do que quase tinha acontecido abria caminho em sua mente. Conseguiu pôr o carro em marcha e partir antes que a polícia chegasse. A quinze

quarteirões, encostou o carro na calçada, desligou o motor e permaneceu quieto, tentando se tranquilizar.

Aquele sujeito não iria assaltá-lo. Tinha ido assassiná-lo. Não havia dúvidas. O rapaz chegou até o fim, e a arma com defeito jogou a favor de Doberti.

“Alguém o mandou”, pensou. Procurou o Carusita e não o encontrou. Quis acender o isqueiro do carro e, nervoso, acionou o limpador de para-brisas, que começou a bater no vidro com um barulho de borracha seca. “Moira”, pensou Doberti. Seu coração já tinha se acalmado, porém as mãos ainda tremiam. Fumou lentamente, enchendo o carro de fumaça, sem abrir os vidros. Se alguém queria matá-lo, não lhe ocorria outro motivo. Não conseguia pensar em ninguém que quisesse se vingar dele. Em seu trabalho, não mandara ninguém para a prisão. Algum marido infiel e vingativo que Doberti desmascarara diante da esposa? Doberti não valia aquela bala.

Vamos supor que tivesse a ver com Moira. Por que quiseram apagá-lo? Era evidente: avançara demais. Isso significava que estava perto de solucionar o caso?

Começou a fazer a lista mental das pessoas que estavam perto. Eram várias. Quantas conheciam com detalhes os avanços da investigação de Doberti para saber que ele estava se tornando uma ameaça? Decidiu que, no dia seguinte, no escritório do Barolo, organizaria a lista. Não podia esquecer que o caso havia tido uma nova exposição na imprensa. Se o assassino de Cecilia lesse os jornais com atenção, também teria um panorama bastante completo.

“Mas, no dia seguinte, não fiz a lista”, pensou Doberti, de volta ao presente, na sala de sua casa. “Tinha outros trabalhos para começar, me ocupei de outras coisas. Afinal, o episódio só podia ter a ver com um moleque ladrão drogado que se atrapalhou com a arma. Quando me dei conta, já tinha saído do caso.”

Julia levou um copo de fernet com soda para ele. Doberti recebeu-o tal como o beijo na bochecha. Tudo o que o cercava agora era perfeito. Um homem de sorte.

Sua voz interior voltou-se contra ele, como lhe acontecia tantas vezes.

“Você não parou de investigar porque estava ocupado, sem-vergonha. Parou porque estava se borrando de medo. Quase te apagam; se salvou por milagre. O Barba avisou que você estava perto. Era hora de deixar de bancar o herói de história em quadrinhos. Não há nenhuma menina perdida que justifique cortarem sua cabeça.”

Doberti concentrou-se em ignorar a voz porque, se continuasse a ouvi-la, ia se dar muito mal.

“Por que não contou a Fabián o que aconteceu?”, seguiu a voz, implacável e perversa. “Porque sabia que sua covardia era evidente. Que porcaria de detetive se tornou!”

Doberti tomou o fernet e afundou a voz no recôndito mais profundo de sua alma. Ouviu-a se queixar, resistente, determinada, mas continuou mantendo-a longe até ela ser um eco apenas incômodo.

4

O prédio em que vivia tia Doris era sombrio, impassível e preciso, como ela própria. Três andares sem elevador, mármore no hall de entrada, espelhos e portas verde-escuras que escondiam pessoas caladas.

Embaixo, estava aberto. As luminárias das escadas eram amareladas e sujas, e na parede de cada andar havia uma lâmpada fluorescente preparada para acender em caso de falta de luz. Subiu dois andares. Do outro lado de uma das portas verdes, chegou a ele o som de algo que reconheceu como um bolero.

— Entra, entra, já estou quase pronta — disse tia Doris ao abrir a porta.

Fabián entrou em uma sala abarrotada de móveis antigos. Um aparador imenso e uma mesa fazendo jogo ocupavam grande parte do espaço. Sobre o aparador, um monte de fotos. Entre elas, destacava-se a de Edmundo Cortés Rivas, esposo de Doris, diplomata no México durante o primeiro governo de Perón, falecido no início dos anos 1990. Para Fabián, Doris sempre lhe pareceu uma dessas mulheres que são viúvas de nascimento.

Reconheceu uma foto com Lila, Moira e ele, sentindo uma pontada violenta de dor em um lugar impreciso de seu corpo. Estavam os três na praia, perto de Pinamar. As últimas férias que passaram juntos. Não pôde evitar percorrer com os olhos as outras fotos. Havia uma, que ele lembrava das ocasiões em que tinha ido àquela casa, em que estavam Lila, sua mãe e seu pai. Fabián não conhecera nenhum dos dois: morreram muito antes de Lila viajar para Buenos Aires. Atrás dos três, via-se um grande vitral que tinha reflexos verdes, como se do outro lado houvesse alguma plantação. Ao lado da imagem do pai, via-se claramente que a foto estava cortada. Doris explicou-lhe que ela também estava nela, e se achava tão mal na foto que recortou sua imagem, por vergonha. Doris tinha essas coisas, entre outras tantas que sempre impediram a simpatia por ela. Portou-se bem

quando Moira desapareceu, mas logo sua presença constante começou a irritar Fabián. Quando Lila morreu, Doris decidiu que o bode expiatório tinha que ser ele e lhe atribuiu toda a culpa. Fabián notou senilidade e amargura em sua atitude e foi cortando laços com ela.

Agora estava em sua casa, surpreso pela ligação de Doris: ela decidira internar-se voluntariamente em um asilo.

— Tentei deixar tudo o mais organizado possível — disse Doris, de seu quarto. Estava terminando de preparar uma pequena mala, que enchia com roupa dobrada de maneira organizada. Fechou a maleta com dificuldade e saiu do quarto, com seu caminhar curto e robótico. Enfiou-se na cozinha e voltou com um molho de chaves.

— Raquel, a vizinha, já tem um jogo. Ela vai pagar os impostos até alugar isso. Este outro jogo é para você. — Estendeu-lhe as chaves, desfazendo-se delas com um leve resmungo. Recuou até o meio da sala e deu uma breve olhada final.

— Bem, quanto mais rápido, melhor — disse.

Aproximou-se do aparador e olhou-o. Ensaiou levantar a foto de seu marido, mas se deteve no meio do gesto.

— Pegou tudo? — perguntou Fabián.

— Se sentir falta de algo, mando você buscar.

Doris baixou as persianas e fechou a porta verde.

Subiram no carro de Fabián e tocaram para Olivos.

— Sim, querido. Já não podia mais ficar sozinha — Doris respondeu a uma pergunta que Fabián não tinha feito. — Uma mulher como eu, da minha idade... Não posso esperar ficar surda ou esclerosada. Além disso, tenho medo. Você viu o que é a rua, as coisas que acontecem? Vou esperar que entrem dois sem-vergonhas e atirem na minha cabeça para levar minha hospedaria? Não. Menos mal que tenho a hospedaria de meu falecido marido. Com isso, pago a casa geriátrica, me sobra e ainda tenho a hospedaria. E a renda do apartamento.

— Gosta do lugar? — perguntou Fabián.

— Sim, é muito bonito. Por isso, é caro. É o que quero para meus últimos anos.

Falava com tal precisão que causava um pequeno calafrio em Fabián. Acabava de fechar a porta a toda uma vida e viajava tranquila, como se fosse a uma peça de teatro e depois tomasse chá com biscoitos com as amigas.

Chegaram à casa geriátrica, um casarão colonial minuciosamente bem-pintado que reluzia sob o sol da tarde. Um jardim na parte da frente mostrava dois ciprestes que se erguiam embalados pelo vento. Fabián notou que Doris os olhava. Ela deveria saber que eram as mesmas árvores que eram plantadas nos cemitérios. Fabián pensou que talvez elas já estivessem na propriedade antes de o casarão se transformar em asilo, mas poderiam ter tirado.

— Bom, querido, obrigada por me trazer. Qualquer coisa, falamos por telefone.

Doris virou a maçaneta, abriu a porta e saiu do carro antes que ele pudesse ajudá-la. Fabián também saiu do carro e pegou a mala no banco de trás. Doris esperava-o na calçada.

— Não me acompanhe, é melhor — disse, tomando-lhe a mala.

— Tem certeza?

— Sim.

— Vai ficar bem, não?

— Não se preocupe comigo. Você é jovem. É normal ficar sozinha na minha idade.

— Não vai ficar sozinha.

— Ah, sim... Os velhos não suportam os outros velhos.

Doris fixou seu olhar escuro sobre Fabián, movimentou-se rapidamente e beijou-o na bochecha. Afastou-se com a mala de rodinhas na mão, pelo caminho que serpenteava até a casa.

5

Tirou San Julián de cima do telefone, esquivou-se de um arranhão e atendeu.

— César Doberti? — disse a voz.

— Quem fala?

— Ezequiel Sánchez, da Balística. Lembra de mim? — A voz de Sánchez soava abafada, como se ele estivesse falando de dentro de um armário.

— Sim, claro.

— Está ocupado?

— Não, não. O que houve?

— Tenho uma novidade interessante para você. Apareceu a arma.

— A arma?

— A Bersa Piccola 22. Lembra dela?

Doberti se lembrava. Tanto que a recordação fez com que apertasse o telefone.

— Apareceu? Onde?

— Por telefone, não posso falar.

— E onde pode?

— Corrientes com Callao. No Ópera. Em 45 minutos?

Sanchez encheu o copo de água mineral e bebeu, movimentando o pomo de adão. Era muito magro, tinha o cabelo tingido e falava com os lábios quase colados — uma boca que mantinha o enigma da existência de seus dentes.

— Conhece o Clube de Tiro Federal de San Martín?

— De nome — disse Doberti.

— Bom... Você sabe que as armas usadas em práticas de tiro precisam estar registradas e, além disso, os projéteis dessas armas são mandados para a Balística.

— Não sabia, mas é lógico.

— Há duas semanas alguém começou a usar nas práticas esse modelo de Bersa. Isso também não quer dizer nada. Foram

fabricadas setecentas desse modelo, pelo que entendi.

— Então?

— O que coincide é a bala, Doberti. Raias, marcas. Teria que realizar um novo disparo para comparar, mas tenho certeza de que é a arma.

— Por que tanta certeza?

— Quando souber quem usa, vai somar dois mais dois, como eu.

— Quem é o dono da arma?

— Não é tão fácil — disse Sánchez, sorrindo um pouco. — Te garanto que isso é um grande risco.

— Quanto?

— Eu não existo para você. Combinado?

— Quanto?

— Eu pensei em quatro mil. E, se a recompensa continua ativa, a metade.

— Epa! Você pensou em tudo, Sánchez! Vamos fazer 25 por cento da recompensa.

— Quarenta e cinco — retrucou Sánchez.

— Trinta.

— Quarenta. Quer resolver o caso ou não?

Sánchez pegou um papel de uma maleta marrom e deu a Doberti, deslizando-o pela mesa. Doberti leu um número enorme.

— São meus dados bancários — disse Sánchez. — Faça uma transferência de quatro mil para minha conta, e em duas horas nos vemos aqui de novo e lhe passo o nome.

— O que é isso? A Guerra Fria?

— É assim ou nada.

— Não sei fazer transferências — disse Doberti.

— Aprenda como se faz.

Às duas horas, depois de discutir com Julia e de fazer a transferência, Doberti estava sentado à mesma mesa. Dez minutos depois da hora combinada, pela porta que dava para a Callao, apareceu Sánchez. Aproximou-se de sua mesa e nem sequer se sentou.

— Obrigado, Doberti.

Deixou um papel dobrado sobre a mesa e seguiu seu caminho, com a maleta marrom colada a seu corpo magro.

Doberti desdobrou o papel e leu o que estava escrito.

O Clube de Tiro Federal de San Martín era um edifício branco, impessoal, quase anônimo. Exceto pelo barulho dos disparos que se ouvia em estouros cíclicos. Algumas galerias nas quais a luz do sol caía obliquamente comunicavam os diversos polígonos de tiro que, apesar do nome, eram apenas retângulos que variavam seu comprimento de acordo com os metros necessários para a prática. No retângulo de 25 metros, havia só três cabines ocupadas. Em uma delas, havia um homem de uns cinquenta anos que não tirava o casaco de veludo e disparava com uma carabina de repetição com mira telescópica; algo exagerado para a distância até as silhuetas. O homem disparava com ar indiferente, como se o ato fosse similar a pescar no litoral ou soltar uma pipa. Depois de duas cabines vazias, havia um rapaz de uns 21 ou 22 anos, alto, de ombros largos. Segurava uma pistola entre as mãos e sabia se posicionar para disparar. Na cabine ao lado, Doberti praticava tiro. Não levava a *sw* que tinha usado com Tipito Bermúdez, porque chamaria muita atenção. Tinha uma Saurio registrada que um detetive amigo usava para praticar. A pistola tinha uma coronha especial moldada para canhotos, com a marca para encaixar os dedos. Doberti não era canhoto, e isso lhe enfraquecia a pontaria, mas não importava para ele.

Havia uns vinte minutos que estava lá, o suficiente para trocar alguns monossílabos circunstanciais com o jovem ao lado.

— Fogo! — gritou o homem da carabina. Os três saíram de suas cabines e caminharam até os alvos em forma de silhuetas humanas que estavam ao fundo. Ao lado, havia alguns tachos com pincéis e breu, e cada um pintou de preto seu alvo, apagando as marcas das balas. Voltaram às suas cabines e começaram a carregar. Doberti viu como o rapaz recarregava sua arma e se preparava para atirar.

Passou meia hora, e o rapaz guardou as balas que sobraram em uma caixinha. Doberti esvaziou sua arma e espreitou a

cabine vizinha.

— Essa é uma Bersa, não? — perguntou.

— Sim — disse o rapaz.

— Linda pistola. De que ano é?

— Acho que de 1972.

— E é leve?

— Parece de brinquedo — respondeu o rapaz, sorrindo. Usava o cabelo jogado para trás e preso em um pequeno rabo de cavalo. Tinha uma argola dourada em cada orelha.

— Posso vê-la? — perguntou Doberti.

— Sim, claro.

Doberti segurou-a, examinando sua cor preta e o brilho que lançava, como se a pistola tivesse escamas. Leu a marca, Bersa, estampada na coronha.

— Bonita — disse. — Não tem muito uso, né?

— Muito pouco.

Doberti devolveu a arma. Olhou o rosto do rapaz, um rosto que tinha visto antes, mas em outra versão, mais comprida, um rosto que teve outra vida.

— Quero uma igual. Onde a comprou?

O rapaz guardou a Bersa em um estojo que também parecia novo.

— Não comprei. Era do meu velho, que era da polícia.

Adrián Silva fechou o estojo da arma com uma batida seca e saiu de sua cabine.

Fabián olhou para Doberti através da luz cada vez mais escassa da sala.

— Não perguntei muito mais porque levantaria as suspeitas dele — disse Doberti. — O moleque encontrou a arma quando começou a olhar as coisas do Silva, uns dias depois do enterro. Na primeira vez que a levou ao polígono, não deixaram usá-la.

— Porque não estava registrada.

— É. Então, ele a registrou. Esse é o primeiro dado que entrou na Balística e que Sánchez reconheceu. Uma semana depois, mandaram as balas.

— Não há dúvidas de que são as mesmas balas?

— Com as balas que acertaram nos alvos, é difícil comparar. Não é a mesma coisa uma bala entrar em um tecido mole e em uma chapa de metal. Foi a bala que levei para o Sánchez que definiu tudo. No segundo dia em que fiquei vigiando o Silva no polígono, vi que errava alguns tiros. Atrás dos alvos, há fardos de palha. Esperei que fosse embora e peguei as duas balas. Aí o Sánchez pôde comparar as marcas do projétil com relação ao calibre da Bersa, porque as balas estavam mais inteiras. Coincidem. A arma que Adrián Silva está usando é a mesma arma que matou Cecilia há nove anos.

Fabián apoiou-se contra o respaldo da cadeira, suspirando.

— Não entendi nada. Não sei se quero entender.

— Temos que voltar a pensar, Fabián.

— Não sei se tenho forças.

— Compreendo você. Pense em sua filha.

— Minha filha está morta.

— Não podemos dizer isso ainda.

— O sujeito que a sequestrou ou a matou talvez esteja morto também.

— Fabián, fica tranquilo. Vamos ordenar as coisas. Vamos supor que o Silva matou a Cecilia e escondeu a arma durante esses anos todos, sem saber que, ao morrer, seu filho ia usá-la.

— Por que não destruiu a arma?

— Ah! O que se pode pensar? Não sei. Não sei por que a guardou. Confiou em si mesmo. Ao estar com ele, o que poderia acontecer? Quem ia chegar até aquela pistola? Eu vejo com clareza agora. Todo o tempo, desde o começo do caso, estive perto de você. Estava te controlando. Soube depois que eu estava trabalhando no caso. Se irritou muito quando encontramos Cecilia, embora tenha disfarçado.

Fabián lembrou-se das conversas com Silva, das perguntas que lhe fazia. Lembrou-se, inclusive, de quando achou ter visto o carro de Silva por Chacarita. Silva sempre perto das reuniões na Federal, sentado à parte, intervindo diretamente no fim.

— E sua suposta filhinha afogada?

— Nunca existiu — disse Doberti. — Seu único filho é Adrián. Silva nunca teve uma filha.

— Que loucura! Me contou isso quando perguntei a ele por que se interessava pelo caso.

— Para ganhar sua confiança.

Fabián levantou-se e andou até o telefone.

— Pronto. Vou chamar a polícia.

Viu que Doberti estava quieto.

— O que foi?

— Não sei.

— Não sabe o quê?

— Espera um momento. O único que sabe disso, além de nós, é Sánchez. E me deixou claro que quer ficar no anonimato.

— E ele não tem que informar sobre essa conexão?

— Percebe-se que Sánchez quer que se faça justiça, mas também cuida do seu rabo. Quando viu que a coisa apontava para Silva, peixe grande da Roubos e Furtos, recém-falecido com condecorações...

— Tô cagando pra isso — disse Fabián. — Deixa acontecer o que for. Me cansei desta merda toda.

— Isso é uma bomba que vai manchar toda uma instituição.

— Isso vai manchar os que estão manchados. Nada mais. Não me importa. E não... não vou falar com eles. Vou falar com a imprensa.

— Eu estou pensando em sua filha, Fabián.

Fabián deteve-se.

— O quê?

— Não me desce que o Silva esteja sozinho nisso. Além disso, não tenho certeza de que ele matou Cecilia. Acho que ele encobriu o crime e isso dificultou as coisas. Me parece que o Silva foi à hospedaria, deparou com a cena da peruana morta e teve que pensar rápido para se desfazer do corpo. Acho que o Silva protegeu mais alguém.

— O filho dele?

— Um garoto de onze ou doze anos, na época? Teria que ser o Anticristo.

— Alguém da polícia?

— Não dá para saber ainda. É algo que eu sinto. Não posso provar. Há duas opções: ou aconteceu o pior ou sua filha ainda está viva. E, se está viva, e isso envolve alguém poderoso, não convém levantarmos suspeitas. Podemos ganhar tempo.

— Como?

— Investigando bem o Silva sem que ninguém mais saiba.

Doberti levantou-se também e andou pela sala, atravessando a densa névoa que ele mesmo vinha produzindo com seus cigarros. Fabián voltou a se sentar e levou as mãos à cabeça. Os dois pareciam robôs que executavam movimentos quase sincronizados. Um se sentava; outro parava e andava.

— Esse filho da puta prejudicou minha filha, a apagou da minha vida, fez com que minha esposa se matasse e agora morre para que não possamos perguntar a ele. É uma piada.

— Essa última conversa que teve com ele... Não se lembra de nada que ajude?

Fabián voltou a ver Silva nesse último encontro. Seu rosto consumido agora se parecia com a encarnação da morte em si.

“Minha filha está sabe-se lá onde. Em outro país. Deve ter se esquecido até de quem é. Ou algo pior.”

“Não pense isso. Eu acho que está viva.”

“Por quê?”

“Não sei. Uma sensação.”

— Tentou me dizer... — Fabián olhou Doberti fixamente. — Estava morrendo e estive a ponto de me dizer.

Lembrou o mal-estar de Silva até o fim, seu cambalear, seu cansaço.

— Filho da puta! Já sabia que ia morrer e não me disse.

Estavam no carro de Fabián, estacionados a meio quarteirão da casa de Silva. Eram oito da noite. A região era residencial, de casas baixas. Fabián olhou a árvore que crescia no jardim da frente da casa de Silva e lembrou-se de quando estivera dentro da casa, no dia do hospital. Silva perguntara por Lila, deixara-o dormir no sofá da sala. Moira estava perto dele nesse momento, em um quarto fechado, em um sótão? Silva arriscou-se a tanto? Estava tão doente? Contou isso a Doberti.

— Não acho que Moira tenha estado nesta casa. Não teria trazido você aqui. Fez para sondar se sabia de algo mais. Sabia bem que o suicídio de sua esposa fazia com que o caso voltasse à tona, e isso não lhe convinha. Era um sujeito muito controlado. Não perdia a calma, exceto comigo. Estou cada vez mais convencido de que o chamaram para limpar as coisas.

— O que fazemos aqui, então?

— Damos uma olhada no panorama, enquanto pensamos.

— O que mais averiguou?

— Nesta casa, também moraram os pais de Silva. Sempre foram desta região. O pai foi delegado.

— Deve ter recebido seu filho com orgulho lá no céu.

— Na folha do pai e na de Silva, não há uma só coisa duvidosa. Nenhuma. Silva tem três condecorações por bravura. No enterro dele, estava toda a cúpula policial.

Passaram-se mais vinte minutos e viram Adrián Silva dobrar a esquina e chegar em casa. Entrou rapidamente e, alguns segundos depois, acendeu-se uma luz no primeiro andar. Doberti anotou algo em sua minúscula caderneta.

— O moleque trabalha todos os dias em uma transportadora em Munro. Chega sempre a esta hora, exceto às quartas-feiras, quando janta com a mãe, e às quintas, quando vai ao clube de tiro. Um relóginho.

— E daí?

— Quero estudar bem a rotina dele durante uma semana e, depois, vou entrar na casa.

— Não sei, Doberti...

— É a única opção que resta. Se não encontrar nada na casa, vamos à televisão e revelamos tudo. Que investiguem, e seja o que Deus quiser!

6

Fabián estava embaixo da ducha quase fervente do vestiário do Comunicaciones. Tinham treinado, e lhe faltou fôlego durante os piques. Russo estava no chuveiro ao lado. Deixava que a água escorresse por sua barba espessa, criando riachos em seu corpo, os quais caíam até o chão.

— Mara te convidou para jantar lá em casa na sexta — disse.

— Por quê?

— Como por quê? Tem que haver um motivo? Você pode?

— Acho que sim.

— Não, “acho”, não. Confirma, otário.

— Bom, confirmo. Tenho que levar algo?

— Assim você me ofende.

O grande López-López entrou no outro chuveiro e jogou um considerável volume de água para os lados.

— E aí, Russo, já falou para o Fabián sobre a mulher?

— Que mulher? — perguntou Fabián.

— É um tonto, López... — disse Russo.

— Que mulher? — repetiu Fabián.

— A esposa do Russo quer te botar na fita de uma amiga — disse López-López. — Preciso te dizer de antemão, cara. Senão, é jogar sujo.

— E o que você tem com isso? — Russo jogou água no corpo inchado de López-López.

— Te salvei de uma cilada, Danubio.

— Não é cilada nenhuma. Celia é uma moça ótima — falou para Fabián, com olhar explicativo. — Não é compromisso de nada. Ela está solteira agora, e ocorreu a Mara convidá-la também. Não é uma “forção de barra”.

— Não? — disse Vasco Arrieta, que se meteu na conversa sem que o notassem. — Foram convidadas outras pessoas para esse jantar?

— Não, só nós quatro. Bem... e os meninos, mas eles comem antes e dormem.

— Os meninos não contam — disse Vasco. — Estão armando um encontro com uma bela senhorita da comunidade para você. É um velho esquema judeu, Fabián.

— Não é esquema nenhum.

— Você é um mau-caráter, Russo. A estrutura matriarcal sionista fez uma lavagem cerebral em você.

— Ah, não enche! Caso se sinta incomodado, não vá, Fabián.

— Pelo menos a mulher é bonita?

— É uma moça maravilhosa.

— Não, não! — gritaram quase em coro Vasco e López-López.

— É uma mulher bonita ou é feia?

— É muito mais bonita do que vocês poderiam imaginar, seus otários.

Fabián enfiou-se na água quente. Sobrevivera aos últimos tempos graças a esses sujeitos que agora praticavam luta greco-romana embaixo dos chuveiros. Mas as novidades recentes o sobrecarregavam. Percebeu que, nos últimos dois anos, tinha ficado esperando que Moira e Lila o deixassem em paz, mas era impossível. Pensou que estava se afastando do centro da dor, mas novamente estava dentro de um turbilhão que voltava a arrastá-lo. Ficou se perguntando quando tudo ia terminar de verdade.

Doberti tentou vigiar mais alguns dias a casa de Silva, mesmo sem a regularidade que desejava. Queria vasculhar mais sobre o defunto, mas isso chamaria a atenção de mais alguém na polícia. O Negro Suquía podia ter dado muitas pistas, porém não confiava nele de todo. Sánchez tampouco era confiável, mas o dinheiro que lhe pagara (não disse nada a Fabián) devia tê-lo acalmado.

Na quarta-feira, 6 de agosto, a casa de Silva apareceu diferente. As persianas de cima e de baixo estavam totalmente arriadas. Doberti saiu do Taunus e andou até a casa. Passou em frente sem parar, a fim de não chamar a atenção. Tudo fechado. O garoto nunca baixava assim as persianas quando ia trabalhar. Estaria de férias? Lamentou-se por não montar mais guarda. Deu meia-volta, foi até o carro, ficou mais uma hora e foi embora.

No dia seguinte, a casa estava igual. Doberti esteve durante os horários nos quais vira Adrián sair ou entrar em casa, mas não viu nenhum movimento.

Na sexta-feira, tinha decidido entrar na casa à noite se comprovasse que Adrián não havia voltado. Sentia uma estranha urgência. Tinha a certeza de que a morte de Silva acionara algum tipo de contagem regressiva que, a cada dia que passava, os afastava de uma solução. Estava em sua casa lanchando e ligou para Fabián.

— Não há novidades — disse. — Sempre o mesmo. O moleque entra e sai nos mesmos horários. Sempre sozinho.

— Fiquei pensando... — disse Fabián. — Acho que é melhor esclarecer isso. Dizer isso à polícia e também à imprensa. Não entra na casa do Silva.

— Vamos esperar mais alguns dias, para ver se acontece algo.

— E o que pode acontecer? Lembre-se do Japi Auer. Lá, demos uma bola fora. Deixa eles assumirem.

— Vamos deixar isso quieto até segunda-feira. Quero ver se o moleque faz alguma coisa.

— Não vai entrar na casa, né?

— Não, não. Fica tranquilo.

Doberti não pensava em dizer para ele. Já o havia arriscado demais. Se o guri do Silva voltasse quando ele estivesse dentro, preferia ficar só ele envolvido na confusão.

— Sabe que não acredito em você, Doberti...

— Para que me pergunta, então?

— Vai entrar?

— Não vou entrar, Fabián. Sou adulto. Sei me cuidar.

— É isso que me dá medo.

— Tudo isso me faz lembrar de uma piada genial.

— Não. Piadas, não, por favor — implorou Fabián.

— Que problema você tem com minhas piadas?

— Me fazem ter pena de você, e isso não é bom.

— Vai à merda! Agora por isso vai ter que ouvir a piada da mosca que usava bota ortopédica na patinha.

— Acho que está com ruído na linha. Você está no celular?

— Nenhum dos dois usa celular — disse Doberti. — Não pense em desligar.

Doberti começou a contar a piada, mas Fabián o interrompeu. Doberti apoiou o telefone sem fio na mesa, e viu Julia no vão da porta que dava para o quarto. Estava se arrumando para sair com as amigas, antigas colegas do teatro de revista.

— Onde não vai entrar? — perguntou.

— Em lugar nenhum.

— Não vai se meter em nada perigoso, hein!

— Que nada! — disse Doberti, passando o Carusita de uma à outra mão.

— Te conheço como se te tivesse parido, Doberti. Quando brinca com o isqueiro, é que está mentindo.

— Aqui o detetive sou eu, querida.

Doberti estirou-se e a abraçou. Pôs-se na ponta dos pés para beijá-la.

— Está muito bonita. Você não vai ficar de sacanagem com essas suas amigas depravadas, hein!

— Que mal-educado que você é! Você não era assim antes. Olha nos meus olhos e me diz que não vai se meter em nada perigoso.

— Não vou me meter em nada perigoso.

— Mentira!

— Te disse que me deixa louco?

— Ultimamente, não me diz nada.

— Me deixa louco.

— Agora não vale.

— Fica um pouco mais. Vamos para a cama.

— Estou menstruada.

Julia beijou-o de novo.

— Estou atrasada. Vai se cuidar?

— Sim.

Julia pegou sua carteira e foi para a porta batendo os saltos. Olhou do corredor e jogou um beijo para ele.

— Qualquer coisa, estou no celular.

Doberti ficou parado. Meio minuto depois, correu ao interfone na cozinha e o pegou.

— Julia? Julia?

— O que foi? — Ouviu-se a voz de Julia vinda de baixo.

— Filha da puta! Faz cinco anos que não menstrua! — gritou Doberti para ela.

Ouviu o riso de Julia e, em seguida, seus saltos se afastando.

Às seis, estacionou o Taunus em frente à casa. Naquele quarteirão, nunca havia muito movimento. Alguma senhora passeando com o cachorro, algum velhote de bicicleta. Nada mais.

Doberti meteu a mão no bolso e brincou com as contas do colar presenteado por Fabián. Batiam umas nas outras e produziam nele um efeito sedante.

Ao lado da casa de Silva, havia uma porta que Doberti achava que dava para um corredor. Muitas vezes, ele a viu entreaberta. Alguns meninos entravam e saíam o tempo todo.

Voltou a olhar a casa de Silva. Estava quieta e apagada, como todos os dias naquela semana.

Dois meninos de macacão chegaram à porta que dava para o corredor vizinho. A mãe chegou por trás deles, repreendendo-os. Deu um cascudo na nuca de um, empurrando-o contra a porta. A mãe pegou algumas chaves e todos entraram. Meia hora depois, os dois meninos que tinham entrado saíram com uma bola, deixando a porta entreaberta, e correram até a esquina.

Era o momento. Doberti saiu do carro e foi até a entrada.

Meteu-se no corredor e avançou alguns metros. De uma porta à sua direita, chegava o barulho de uma televisão e duas mulheres falavam aos gritos. Uma segunda porta comunicava-se com um pátio interno e dali saía uma barulhada de panelas e cheiro de ensopado. Doberti chegou até a metade do corredor, apoiou o pé em um vaso de cimento à sua esquerda e subiu, esgueirando-se pelo muro. Viu o quintal de trás da casa de Silva. Algumas cadeiras de ferro e uma mesa bamba estavam no centro de um gramado. Ao fundo do jardim, havia uma laranjeira e as paredes estavam tomadas por um tapete de plantas. Doberti percebeu um ruído na última porta do corredor e, sem vacilar, tomou impulso e subiu com dificuldade no muro, deixando-se cair

do outro lado. O joelho direito rangeu, pois estava ruim desde o episódio do Japi Auer e a dor sempre voltava. Nunca foi tratar.

O janelão que dava para a sala também estava com a persiana abaixada. Aproximou-se da porta que certamente dava na cozinha. Pegou um molho de chaves. A fechadura era de tambor cilíndrico, da marca Villa. Procurou no molho as chaves e experimentou algumas. Estava estranhamente tranquilo, agora que tinha pulado o muro sem problemas. A porta da frente estava muito exposta e a fechadura era de segurança. Podia-se pensar que, na porta de trás, Silva também colocaria uma boa fechadura, mas não. No bairro, todos deviam saber que Silva era policial, e de peso. Os ladrões estariam avisados. A porta se abriu.

Doberti entrou na escuridão da casa.

Ficou um momento de pé, fechando a porta. Ainda havia um pouco de luz, mas logo ia começar a escurecer. A cozinha era estreita e comprida, com uma bancada de um velho granito caramelo. Uma grande geladeira ronronava em um canto. A torneira da pia deixava cair suas gotas, como o som abafado de um tambor. Um escorredor de pratos estava repleto de louça. Duas luvas amarelas pendiam de um gancho de parede, ao lado de um calendário do ano em curso com a imagem de um gatinho e o nome “Romano Envios SRL”, certamente o local de trabalho de Adrián Silva. Depois da cozinha, havia um hall. Doberti abriu uma porta e encontrou a garagem. Vazia. Os vidros translúcidos da porta que dava para a calçada eram atravessados pela luz da rua. Doberti viu uma motocicleta encostada em uma parede, além de uma espécie de teia pendurada que revelou ser uma grande peneira de pesca quebrada. Fechou a porta e voltou ao hall. Não ia se arriscar a acender as luzes da casa. Tirou do bolso uma lanterna e a ligou. Abriu outra porta e contemplou um lavabo com papel de parede florido e uma privada com caixa acoplada. Novamente ao pequeno hall; e dali à sala. Um sofá de três lugares e quatro poltronas individuais. Uma mesa de vidro que não combinava com os sofás nem com nada. Seis cadeiras de madeira de encosto alto. Uma estante com uma televisão ao centro. A luz da lanterna refletiu-se em milhares de quadrinhos

nas paredes, com fotos, diplomas, medalhas de campeonatos de tiro, condecorações, troféus. Uma foto amarelada de um homem vestido com roupa de montaria em frente a um alojamento. O mesmo homem atrás de uma mesa, com roupa de delegado. O avô Silva, sem dúvida.

Sobre a mesa, havia papéis e pastas em desordenadas pilhas, quase transbordando. Havia contas, recibos, livros de atas, relatórios concluídos de julgamentos. O caos jurídico depois da morte do pai. A casa parecia muito grande para o Silva filho, tal qual a Bersa Piccola que tentava manejar com autoridade todas as quintas-feiras. Doberti não tinha mais o que ver embaixo. Voltou ao hall e descobriu uma escada acarpetada que dava acesso ao segundo andar.

— Entra! — disse Russo. — Ô, seu otário! Veio desagasalhado.

— Me recebe assim? — disse Fabián.

— Faz doze graus lá fora.

— Me deixa, mãe!

Fabián entrou no hall e entregou um vinho tinto a Russo.

— Não tinha que trazer nada.

— Corta essa...

Estava ali só porque ele havia pedido. Não tinha expectativa especial pela mulher que iam lhe apresentar. Não tinha expectativa especial por nada. O amor era uma equação que não estava entre suas prioridades no momento. Surpreendeu-se, porém, quando entrou e viu sentada no sofá, ao lado de Mara, uma moça ruiva com uma expressão viva e decidida. Em um lampejo de humildade, ocorreu pensar que talvez ele não estivesse à altura das circunstâncias.

Se foi assim, Celia não demonstrou. Era muito agradável, tinha uma voz grave com a qual poderia cantar blues e um corpo harmonioso que se realçava pelo conjunto vinho que usava. Era pediatra, tinha trinta e dois anos e saía de uma relação que havia terminado bem mal. Quando falava com ele, tinha os olhos cheios de simpatia e expressava calor e espontaneidade. Fabián queria estar em outro momento de sua vida e poder sentir-se

livremente atraído por ela. Mas sua mente estava em outro lugar. Passara a semana pensando em Marcos Silva, em Adrián Silva. Nem sequer sabia em quem focalizar seu ódio.

Apenas escutava o que Russo e Mara diziam a ele e, só um tempo depois, perguntou por Ariel e Lorena, seus filhos. Informaram que estavam na casa dos avós. De fundo, escutava-se música clássica, e ele estranhou que Russo não tivesse colocado algum CD de King Crimson, grupo pelo qual era fanático. Quando Celia comentou que adorava música clássica e tinha estudado piano quando pequena, Fabián compreendeu. O casal Reidel organizara uma estratégia para favorecer a sedução. Não deixaram nada escapar. Era uma pena que fosse decepcioná-los.

— Então, vocês jogam vôlei? — perguntou Celia.

— Tentamos isso — respondeu Fabián.

— Eu nunca fui esportista. Me obrigaram a jogar basquete na escola, e isso matou qualquer interesse meu por esporte.

— Fabián disse que é arquiteto? — interrompeu Russo.

— Duas vezes na última meia hora — respondeu Fabián.

— Pode olhar como estão as pizzas? — disse Mara para Russo, expulsando-o para a cozinha.

— Então, você é pediatra?

— Tento ser — disse Celia, sorrindo.

A voz de Russo soou da cozinha.

— Gatinha, acho que o forno apagou.

— Já vou — disse Mara. — Isso de “gatinha” não é sério. Não achem que me chama assim quando estamos sozinhos.

Fabián olhou a taça de vinho que lançava reflexos avermelhados na mão de Celia.

— Imagino que goste de crianças — disse. Pensou que era a frase mais idiota que dissera a uma mulher em sua vida.

— Na verdade, não gosto — disse Mara. — São pacientes.

Fabián sorriu e não disse nada. A frase “Que pena!” ecoava nos cantos de sua mente. Não era o momento.

O andar superior estava mais escuro. Doberti andou por um corredor acarpetado e começou a abrir outras portas.

O primeiro quarto em que entrou foi o de Marcos Silva, e sentiu ali um cheiro enjoado de medicamentos. O lugar ecoava os momentos finais de Silva doente. Sobre a cama de casal, havia um colchão sem lençóis. Na mesinha de cabeceira, aglomeravam-se os frascos de remédio. Havia várias caixas de papelão cheias de roupa, e o armário estava aberto e vazio. Adrián Silva não pensava erigir nesse quarto um altar à memória do pai. Inclusive, as fotos de Silva estavam em uma cômoda, viradas para baixo. Havia uma foto separada das demais. Era de Marcos Silva jovem, com uniforme de recruta. Estava ao lado de outro soldado, mais alto, de maçãs do rosto salientes e que sorria com ferocidade, desafiando o fotógrafo. Atrás deles dois, via-se uma cavaliça e, mais ao fundo, um homem a cavalo que se afastava.

Verificou outros cantos do quarto, brincando com o colar no bolso, como um tique nervoso cada vez mais frequente. Uma reprodução de Quinquela Martín estava pendurada torta em uma parede e, ao seu lado, uma estante mostrava diversos enfeites, alguns de louça e outros que reluziam com um brilho dourado à luz da lanterna. Uma porta de correr dava para um banheiro. O armário tinha mais medicamentos vencidos, e uma cortina escondia uma banheira com o esmalte corroído no fundo. Saiu de novo do quarto e voltou ao corredor.

O cômodo seguinte era o quarto de Adrián. Não havia dúvidas. Era como se o quarto tivesse sido decorado intencionalmente com o maior contraste possível ao do pai. Havia pôsteres de motos, carros, uma foto de “Boca Campeão” e muitas páginas recortadas de revistas com fotos de bandas de rock, nomes que Doberti não reconheceu. Rock não era seu forte. Surpreendeu-se por ver, entre tantas imagens de músicos com guitarras, cabelos arrepiados e tatuagens sinistras, uma foto de Frank Sinatra. Também estava o clássico cartaz de touradas em que, entre os nomes dos toureiros, figurava o de Adrián Silva. A única concessão ao universo paterno era um catálogo com todos os modelos de revólver Colt históricos. Também havia um anúncio publicitário de uma Magnum, tirado de alguma revista de armas,

e um pôster do filme *Impacto fulminante*, o do inspetor Dirty Harry.

Doberti abriu o armário e, na parte superior, encontrou o estojo da Bersa vazio. Adrián tinha levado a pistola com ele. Sentou-se na cama, desligou a lanterna e bateu na testa com a mão.

Tinha sido um estúpido. Se tivesse vigiado bem a casa, veria Adrián saindo e poderia segui-lo. Logo lhe veio uma certeza: o lugar a que Adrián fora tinha tudo a ver com o assunto. Tentou não desanimar. Faltava ver o resto do andar superior.

O corredor terminava. Olhou para o banheiro e ouviu outra torneira pingando. Julia dizia que as torneiras mal fechadas deixavam escapar a energia da casa, ou pelos menos isso foi o que comentou uma amiga que estudava feng shui. Doberti pensou na casa esvaindo-se em sangue lentamente por suas torneiras abertas.

Só havia uma porta ao fim do corredor. Doberti entrou e encontrou uma espécie de escritório com uma mesa grande no centro, cercada de estantes colocadas com trilhos e suportes metálicos. Percorreu as prateleiras: vários tomos do Código Civil, mais pastas e livros de diversos assuntos (criminalística, cavalos, pintura, Dickens, a Enciclopédia Salvat). Verificou as gavetas da mesa, mas encontrou apenas itens de escritório: grampeadores, canetas, cliques, cola.

Apoiou-se na mesa, mareado. Concentrou-se no que ia procurar: uma evidência que conectasse Silva com Moira, além da pistola. Até agora, tudo fora infrutífero. Um riso intempestivo proveniente da casa ao lado o assustou.

Agachou-se e olhou debaixo da mesa, conferindo com a lanterna.

Iluminou um chão de taco gasto.

Voltou ao andar de baixo e espiou pelas frestas da persiana para a rua. Foi à mesa e vasculhou os papéis e as pastas, mas não encontrou nenhum documento que parecesse interessante.

Sentou-se no sofá e fechou os olhos.

Algo surgiu na cabeça por um instante, uma imagem rápida que se escondeu de novo em sua memória. Conhecia essa sensação. Era um detalhe que tinha escapado a ele que, com o

nervosismo do momento, não havia processado. Começou a reconstruir em sua mente o caminho percorrido na casa escura. Andar de baixo. Cozinha. Garagem. Banheiro. Sala. Escada. Segundo andar. Quarto do Silva. Fotos. Estantes...

Doberti pulou do sofá e subiu as escadas quase sem ver. Entrou no quarto de Silva e bateu a perna na beirada da cama.

Direcionou a luz da lanterna para a estante e voltou a ver os resplendores dourados. Aproximou-se. O objeto que lhe interessava estava ao lado de um elefantinho de porcelana. Levantou o objeto e segurou-o, iluminando-o com a lanterna.

— Sim, Doberti. Sim, Doberti. Muito bom, Doberti... — murmurou.

Encontrara um vínculo.

A cabeça dava voltas, desenfreada. Queria sair dali e procurar Fabián. Não... Melhor ligar antes para ele dali mesmo. Obrigou-se a se acalmar. Primeiro, saía dali para não ter problemas por entrar ilegalmente em um domicílio.

Meteu no bolso o objeto encontrado, começou a descer a escada e parou no meio do caminho ao ouvir algo: o som inconfundível de uma chave na fechadura.

Quando faltavam cerca de vinte minutos para o pôr do sol, segundo os cálculos de Russo, Mara foi à mesa e acendeu duas velas. Celia e Fabián aproximaram-se. Mara fez três movimentos circulares ao redor das velas acesas. Depois, tapou os olhos. Respirou e começou a recitar: *“Baruch Atá A-do-nai, E-lo-hê-nu Mélech haolam...”*

As palavras soavam musicais. Fabián não as compreendia, mas se sentiu reconfortado pela suavidade com que eram ditas. Mara recitava, e ele se lembrou do barulho dos riachos das montanhas em sua viagem pelo Sul.

Mara tirou as mãos dos olhos.

— Hoje, temos conosco dois amigos muito queridos. Celia é minha melhor amiga e está saindo de um momento difícil. Fabián é um ser queridíssimo que Sergio reencontrou faz pouco tempo, depois de muitos anos. Estas velas são para eles. E quero fazer uma prece sincera para Lila e para Moira.

Fabián olhava para a frente, tentando não focalizar ninguém. Não pôde evitar que as lágrimas caíssem de seus olhos, deslizando lentamente pelo rosto. Era demais para ele. Russo olhava para seus pés, totalmente consternado, mas agarrando a mão de Mara.

Fabián sentiu a mão de Celia em seu braço, olhou para seu rosto e viu que ela transmitia calma e lhe sorria, como a rainha de um mundo secreto que queria conhecer, mas ao qual, por ora, não tinha acesso.

Doberti prendeu a respiração, ainda na escada, enquanto a porta principal da casa abria e fechava. Achou que era Adrián quem estava voltando, mas só pôde ver rapidamente a silhueta quando a porta se abriu, e esses dois segundos lhe bastaram para saber que o recém-chegado não era o filho de Silva. Era a silhueta de um homem corpulento, e quem quer que fosse tinha um molho de chaves da porta da frente. Devia ser um conhecido dos Silva que cuidava da casa.

Recuou o mais rápido possível pela escada, tentando não fazer barulho. O carpete ajudou. No piso superior, parou no meio do corredor, esperando que, no andar de baixo, acendessem as luzes. Mas o recém-chegado não acendeu luz nenhuma. Doberti começou a ouvir passos lentos pelo andar térreo.

Com um clique seco, acendeu-se uma lanterna embaixo.

“Epa!”, exclamou mentalmente Doberti; sua garganta secando de imediato.

O fecho de luz da lanterna, maior e mais potente que o da de Doberti, percorria o andar térreo. Descrevia arcos com o movimento da mão que a empunhava. Em alguns momentos, ficava quieta, iluminando algo em particular. Doberti suava. Suava e pensava. Um ladrão, sem remorsos por entrar na casa de um policial falecido, que justo agora teve a ideia de vir no mesmo dia que ele? A fechadura de baixo era de segurança e Doberti não escutara nem um grampo, nem uma chave mestra, mas, sim, o claro e simples barulho de uma chave comum. Um sujeito entrava usando uma chave e não acendia as luzes, mas,

sim, uma lanterna. “Dois mais dois: não é um simples ladrão, Doberti.”

O facho de luz chegou ao começo da escada e iluminou parcialmente o desenho floral do carpete enquanto o dono da lanterna começava a subir.

Doberti tateava a parede à sua direita ao mesmo tempo que recuava. Encontrou a porta do quarto de Marcos Silva aberta e se enfiou lá dentro. Continuou a tatear as paredes, rezando para não derrubar nenhum objeto nem tropeçar. Sua mão tocou a madeira da porta que dava para o banheiro. Deslizou a porta e entrou. Voltou a deslizá-la, mas percebeu que não fechava, deixando uma fresta de alguns centímetros. Ficou quieto, tentando ouvir. Os passos eram determinados e percorreram o corredor do andar superior. Afastaram-se, e Doberti supôs que o desconhecido estava no quarto de Adrián ou no escritório. De repente, os passos pareciam muito próximos. Doberti soube que a outra pessoa havia entrado no quarto de Marcos Silva.

A luz da lanterna passou pela fenda da porta do banheiro. Os passos percorreram o quarto de Silva. Pararam. Havia silêncio absoluto e a lanterna não se mexia. De repente, houve um barulho produzido pelo correr de um móvel; a cama, deduziu Doberti. Em seguida, ouviu outros barulhos que não conseguiu identificar. Aproximou-se lentamente da fenda da porta do banheiro, através da qual chegava o brilho da lanterna. Olhou.

O homem estava de cócoras, de costas. A luz da lanterna, apoiada no chão do cômodo, iluminava-o, deixando antever uma abertura quadrada no piso de taco. Uma pequena porta metálica estava aberta ali: um cofre. A mão enluvada do homem procurava algo dentro da caixa e retirou alguns papéis; ele os segurou à luz, lendo-os. A mão deixou os papéis no chão e voltou a entrar no cofre, pegando uma pequena pasta. Doberti não viu dinheiro saindo da caixa. O homem continuou vasculhando até parecer encontrar o que buscava: um envelope de papel pardo. Enfiou a pequena pasta e os papéis no cofre e o fechou. Tirou do ombro uma bolsa, guardou o envelope e se recompôs.

Doberti já sabia o que fazer. Ia esperar o sujeito sair do cômodo e descer as escadas para tentar segui-lo. Não ia ser fácil. Certamente, o sujeito ia sair pela porta da frente, e Doberti teria de ir à porta da cozinha, sair para o jardim, pular o muro do corredor ao lado e chegar à calçada a tempo para não perdê-lo.

Apesar de Doberti ter pensado em tudo em dez segundos ou menos, isso fez com que demorasse a perceber que o desconhecido tinha dado um passo até a porta do banheiro.

Por sua vez, Doberti deu um passo para trás, correu o mais lentamente que pôde a cortina da banheira e se enfiou dentro dela. Voltou a fechar a cortina. Não podia acreditar que tinha feito tudo isso em plena escuridão. Ficou tenso e tentou se escorar na parede de azulejos. Houve um instante de silêncio absoluto; de repente, a porta de correr do banheiro se abriu. Doberti prendeu a respiração. A luz da lanterna iluminou a cortina da banheira. Ouviram-se dois passos dentro do banheiro. Doberti esperou. A tábua do vaso foi levantada, acompanhada pelo barulho de um zíper. O desconhecido começou a urinar. Doberti podia ouvir sua respiração a meio metro. Com o nervosismo, quase teve uma crise de riso. “Conhecem a piada do sujeito que se esconde no banheiro quando o marido de sua amante chega?”

O homem parou de urinar, houve um barulho de sacudida e de braguilha subindo. Em seguida, ouviu-se a água da descarga. Um segundo depois, o homem saiu do banheiro.

Doberti voltou a deslizar a cortina e passou uma perna por cima da borda da banheira, saindo. Foi então que o pé que estava dentro da banheira escorregou. Fez um esforço desesperado com as mãos para não cair e, no movimento, derrubou a tábua do vaso. O barulho, amplificado no banheiro fechado, foi um estrondo. Doberti ficou paralisado.

Fora do banheiro, havia silêncio. Pela fenda da porta, não se via nenhuma luz. Doberti podia sentir que o sujeito estava ali. Devia estar paralisado como ele. A escuridão transformara o desconhecido em uma entidade intangível, mas Doberti sabia que, a três metros dele, ou menos, havia outro ser humano feito de carne e osso, não uma sombra fantasmagórica.

Então, quando a porta do banheiro deslizou outra vez e Doberti, com os olhos acostumados à escuridão, viu o vão desenhar a silhueta do desconhecido, estranhamente se sentiu calmo. Antes que a lanterna fosse erguida para iluminá-lo, Doberti falou.

— Fica quieto. Estou armado — disse. Ele gostou do som de sua voz. — Mantenha a luz abaixada.

A luz da lanterna iluminou um par de botas de solas muito grossas, parecendo coturnos. Botas militares?

— Para trás — disse Doberti.

Ele deu um passo à frente e viu as botas recuarem. Doberti estava com a mão ridiculamente levantada no escuro, com os dedos dobrados, menos o polegar e o indicador, que formavam a figura de uma arma. A mão esquerda dele estava no bolso e segurava o colar.

— Continua em frente. Vai para o corredor.

A sombra foi para o corredor.

— Agora, para a esquerda. Sabe a sua esquerda, não sabe? — disse Doberti. Ele saiu por trás, sem perder a luz de vista. A sombra deu alguns passos lentos e parou. — Põe bem devagar no chão o que tirou do cofre.

— Prefiro não fazer isso — respondeu a sombra. Era uma voz bastante grave, com um arrastar no tom que não correspondia ao de um portenho.

— Eu preferiria não atirar em você — disse Doberti. — Mas vou fazer isso se não me ouvir.

Ele achou ter ouvido um leve suspiro, a bolsa se abrindo e um roçar de papel. A mão com luvas pôs no carpete o envelope de papel pardo.

— Para trás! Mais! Mais!

A luz da lanterna recuou dois metros. Doberti deu um passo à frente e pegou o envelope do chão. Ele o dobrou e o colocou no bolso do casaco.

— Quem é você? — perguntou-lhe a voz da escuridão.

— Papai Noel — disse Doberti. — E você?

— Melquior, o rei mago.

— Ho, ho, ho, ho — disse Doberti. — Estamos sem tempo. Onde está Moira?

— Moira? Não sei quem é.

— Sei... não fode.

— Moira não está mais entre nós.

Doberti sentiu os pelos da nuca se arrepiarem, e também os das mãos e dos braços.

— Onde está? O que fez com ela?

— Está em um lugar melhor.

— Você a matou, seu filho da puta?

— Não vou discutir isso com você.

Doberti não sabia bem o que fazer. Pensou em fazê-lo se deitar para poder amarrá-lo, mas era arriscado. A farsa da arma o estava ajudando bastante, mas não sabia até quando. Se dissesse para ele entrar no outro banheiro, poderia ganhar tempo e chamar a polícia.

— À sua direita, há uma porta. Abra.

— Não — disse a voz. Foi um “não” com volume, com peso. — Já nos divertimos no quarto escuro. Agora me cansei.

— Abra a porta ou eu atiro.

— Acho que não tem arma nenhuma. — As botas avançaram um passo.

— Quer testar, babaca? Onde você quer? Na cabeça ou nos ovos?

— Não ouvi você engatilhar a arma.

— Fiz isso antes.

— Não acredito em você.

Uma lanterna se levantou e iluminou seu rosto, cegando-o. Doberti pôs a mão em um quadro da parede, agarrou a moldura e lançou-se para a frente. A lanterna desviou o quadro, que bateu no chão com um barulho de vidro quebrado. Mas Doberti já tinha dado meia-volta e retirava-se pelo corredor.

Sentiu às suas costas os passos da pessoa desconhecida, que ia alcançá-lo antes que descesse a escada. A lateral da escada que dava para a sala não tinha parede. Doberti desviou, saltou por cima do corrimão e caiu. Aterrissou na mesa e quicou, rodando. Sentiu uma forte dor na costela e nos quadris, parou

aos pés da mesa e, em seguida, correu até a cozinha. Atrás, as botas saíam da escada e contornavam a mesa da sala, seguindo-o.

Cruzou a cozinha e chegou até a porta de metal. Mexeu na maçaneta e, por um momento, a porta não abriu. Era imbecil? Tinha fechado com a chave? Só se havia travado. Empurrou o corpo contra a porta, que se abriu. Doberti saiu para o jardim e correu até a cerca.

— Fogo! Fogo! Incêndio! — começou a gritar, tentando chamar a atenção dos vizinhos.

Um braço fechou-se ao redor de seu pescoço e o corpo do desconhecido caiu sobre ele, sufocando-o. Doberti tentou desesperadamente se livrar de seu carrasco. Escutou um barulho que não reconheceu, algo como um mecanismo com mola. Algo que se abria. Uma navalha? Tentou acertar a cabeça de seu inimigo, mas não tinha força.

E, então, alguns dedos compridos, metálicos, inesperados, pinçaram seu rosto, machucando-o.

O jantar foi tranquilo, depois de tudo. Os verdadeiros amigos sabem contornar os momentos incômodos. Foram para a varanda e tomaram café. A noite era fria, porém o céu estava limpo e se respirava o ar com prazer.

— Não é no Shabat que não acendem nem fogo nem luzes? — perguntou Fabián.

— Bom, por aí dá para saber por que seu amigo fracassou como rabino — disse Mara, rindo.

— Nem deveríamos ouvir música, nem comer pizza — disse Russo.

— A melhor parte é a das velas — concluiu Mara. — Se me ouvisse...

Fabián olhou para o céu estrelado.

— E a primeira estrela? — disse.

— Isso é Pessach — respondeu Celia. — Que ignorantes são esse góis!

— O Shabat começa antes do anoitecer e termina com as três primeiras estrelas do sábado — explicou Mara.

— As Três Marias? — perguntou Fabián.
— Bebe seu café e cala a boca — disse Russo.
— Sergio, traz os brownies? — pediu Mara.
— Vai continuar mandando eu fazer as coisas a noite toda? — Russo levantou-se e foi à cozinha. Depois de alguns segundos, aproximou-se.

— Gatinha, onde estão?
— Para com isso! — disse Mara, indo à cozinha.
Fabián e Celia olharam para o céu.
— Está se sentindo bem? — perguntou ela.
— Quase à perfeição.
— Não se sentiu incomodado com meu humor incorreto?
— Não, ao contrário.
— É uma couraça que uso quando estou na defensiva. Sergio e Mara às vezes são tão indiscretos que...

— Sim, claro. Até chegar aqui, fiquei em dúvida.
— Eles pensam que, se está em uma crise ou algo assim, têm que ajudar. São divinos, mas não gosto dessas movimentações.

— Nem eu.
— Também foi diferente do que esperava. Eu já tinha ouvido falar de você, de tudo o que aconteceu com você. Achei que fosse encontrar alguém muito machucado, com grande dificuldade para falar ou relaxar.

— E não é isso?
— Não. Machucado está, mas é também simpático.
Riram.

— E você? — perguntou Celia. — O que acha do que encontrou? Alguém que tenta dissimular a insegurança com ironias pensadas?

— Não. Encontrei alguém que faz o outro se sentir bem, mesmo que ele chore.

Celia não disse nada. Levantou a cabeça para o céu noturno e deixou que o vento balançasse seu cabelo.

— Algum dia, quando as coisas forem diferentes, vou acordar uma manhã e sentir que já não tenho um peso nas costas — disse Fabián. — Quando isso passar, vou te telefonar e convidar para sair.

— Feito. E se eu já estiver com a cabeça livre dos fantasmas, vou aceitar.

Da cozinha, vinham risos.

— Parece que se esqueceram de nós — disse Fabián.

— Melhor. Brownie engorda — respondeu Celia. — Por que perguntou pela estrela?

— Bobagens minhas. Uma estrela, um desejo, sei lá.

— Não são bobagens. Daqui, dá para ver várias. Essa deve ser Vênus, não?

— Mas é um planeta, não uma estrela.

— É um corpo celeste. Com brilho. Ou não o chamam de “a estrela da tarde”?

— Supõe-se que você seja médica, não astrônoma.

— Sou uma mulher de múltiplos talentos. Eis sua estrela. Faça um pedido a ela.

Fabián ergueu a vista para a estrela mais brilhante que via da varanda. Mergulhou os olhos em seu brilho, mas não conseguiu pensar em nada.

Uma hora antes, Doberti estava olhando exatamente a mesma estrela, mas em circunstâncias diferentes.

Uma espécie de grade de metal fechava-se em seu rosto cada vez mais, com uma incrível pressão. O sangue brotava e escorria pela gola de seu paletó e de sua camisa. Pensou no trabalho que Julia teria para limpar aquele desastre.

Que pena! Chegara tão perto. Quase se vingara de sua covardia passada, quando desistiu do caso depois do episódio do assassino da *parrilla*. Era injusto, para ele e para Fabián. O sujeito que o aprisionava com seu vigoroso braço ia recuperar os papéis depois de acabar com ele. Mas ainda estava com o objeto que havia encontrado. Isso era uma pista que Fabián poderia captar. Se conseguisse que não o levasse, era uma possibilidade.

Doberti pôs a mão no bolso, juntando o objeto com o colar. Apertou fortemente, com toda sua alma.

Uma dor aguda e nova explodiu na base de sua nuca. Algo muito pontiagudo abria caminho. Agora, sim, sabia o que havia

acontecido com Cecilia.

A dor era insuportável. Em um esforço descomunal, Doberti girou o corpo e rodou sobre seu carrasco, que ficou debaixo dele, ainda o tomando pelo pescoço com o braço, esperando com uma paciência fenomenal que o objeto que pusera nele terminasse seu trabalho.

Não havia mais tempo para perguntas. A mente de Doberti entrou em outra fase, e seu olhar fixou-se em uma estrela do céu noturno. Brilhava muito, em uma tonalidade azulada com reflexos roxos. Pensou de novo em Julia. A maravilhosa Julia, a salvadora, a que tinha dado um sentido à sua vida. Lembrou-se de um ano muito bom, quando ele recebera uma grana boa por um trabalho e ela havia sido promovida no banco. Foram a um hotel com spa em Punta del Este, em uma época em que a palavra “spa” nem existia. Havia uma piscina de água climatizada, decorada como se fosse uma do Império Romano. Nadaram e brincaram durante horas, não queriam ir embora daquele lugar. Doberti não conseguia esquecer o rosto de Julia saindo da água, com os cílios cheios de pequenas gotas que brilhavam como joias. As sardas de Julia, os dentes perfeitos, o sorriso único que resumia a felicidade.

O rosto de Julia estava emoldurado agora nessa estrela noturna, brilhando de amor eterno.

Então, Doberti seguiu com alegria o rosto de Julia até as profundezas da estrela. E morreu.

Depois de deixar Celia em casa, Fabián dirigiu lentamente por ruas vizinhas mal-iluminadas. Quando chegou ao quarteirão de sua casa, estacionou, desligou o motor e ficou uma hora olhando os fios de alta tensão que se embrenhavam por entre as copas das árvores e ouvindo os passos dos poucos pedestres que passavam àquela hora. Depois, saiu do carro e subiu para o apartamento. Uma sala e dois quartos, para manter a ilusão de que alguém mais podia morar ali. Agora, Fabián tinha seu escritório em um dos cômodos, com o computador que trocava a cada cinco anos e a prancheta de desenho que se transformara em uma curiosidade antropológica.

Deitou-se tentando não pensar em nada, mas isso era algo que nunca funcionava. Começou a travar uma corrida implacável contra a insônia, até que se deu por vencido e pôs no *discman* uma música da Penguin Cafe Orchestra. Os amigos do clube diziam para ele comprar um MP3. Eles ficavam enlouquecidos, feito idiotas, baixando música pela internet, e Fabián não gostava muito disso. Quando era mais jovem, na época do vinil, conseguir a discografia completa de uma banda, se alguém não tivesse muita grana, era uma utopia. Agora, podia-se baixar a obra toda de qualquer uma em pouco tempo. Isso não o entusiasmava. Parecia fácil demais. Aos poucos, foi caindo no sono.

Como sempre, ao despertar, não teve lembrança alguma de sua estada pelo mundo onírico. Já era uma da tarde e não tinha nada para comer, mas não tinha vontade de sair para comprar algo. Encontrou, perdido no fundo da despensa, um pacote de espaguete. Não havia nada para fazer molho. Então, usou manteiga. Foi um tanto deprimente, mas comeu dois pratos.

Com um impulso súbito, pegou no armário uma pasta estilo Samsonite, abriu os fechos laterais e a abriu. Estava cheia de fotos. Procurou em uma pilha e pegou um envelope branco. Fechou a pasta e a atirou em cima da mesa. Abriu o envelope e pegou treze fotografias, todas de 10 x 15, sete delas tiradas com

uma máquina analógica Kowa, e as seis restantes com uma Kodak digital. Não havia muita diferença de qualidade, mas Fabián continuava preferindo as analógicas. Lamentavelmente, a Kowa havia quebrado. Em 2003, comprou a digital.

Fabián dispôs na mesa as treze fotos, cronologicamente. Na primeira, estava Lila com Moira em seus braços, a paineira erguendo-se ao lado delas. Na segunda, estava Moira sozinha, apoiando-se no tronco e olhando a câmera com dificuldade. Na terceira, Moira conservava a mesma posição na árvore e sorria amplamente. Na quarta, estava firme e feliz, já com uma séria cumplicidade com o fotógrafo.

Nas nove fotos seguintes, a paineira aparecia sozinha. Não crescia muito visivelmente com os anos. Fabián sempre tirava a foto do mesmo lugar, a uns três metros da árvore, onde a faixa de cimento demarcava o começo da área de brinquedos. Podia-se notar um certo alargamento do tronco, porém nada mais. A mesma cor verde irreal, o mesmo fundo, exceto a partir de um ano em que atrás da árvore aparecia uma nova grade e uma placa de “proibido estacionar”, as quais não havia antes. Nas primeiras vezes que tirou a foto, foi bastante difícil, e tinha consciência da loucura do momento. Depois, nos anos seguintes, surgiu nele um obstinado ritual que o fazia se sentir exaltado e resguardado tristemente da dor.

Olhou as fotografias e decidiu que ia emoldurar todas e colocá-las na parede, visíveis, impossíveis de serem escondidas ou esquecidas.

O telefone tocou. Eram três da tarde. Sentiu o coração saltar no peito quando pensou que podia ser Celia, ainda que não tivessem nada concreto.

Não era Celia. Era a polícia.



FASE QUATRO

**A VIAGEM DE
FABIÁN DANUBIO**

1

A escuridão era tão absoluta ao seu redor que pensou que já não tivesse corpo. Subiu a mão e a levou ao rosto.

Foi um gesto brusco, que lhe causou dor. Havia se acostumado à dor, de certa maneira. Nunca ninguém naquele lugar lhe causara dano físico, mas fazia tempo que aprendera que a dor era infinitamente mais ardilosa e definitiva quando não era física.

Era de noite, e a noite sempre parecia interminável. Lá fora, devia estar nublado, porque nem o brilho distante das estrelas ou da lua entrava pela janela.

A escuridão cobria todas as coisas ou provinha das coisas em si. Mas podia adivinhar as formas de seu quarto, embora não as visse. Tinha sido obrigada a fazer amizade com a escuridão, porque não era permitido ficar com a luz do quarto acesa durante as horas de sono. Por mais que acionasse o interruptor, a luz não acendia. Reba dera uma explicação sobre a economia de energia na fazenda, mas parecia uma desculpa.

Inútil também era aproximar-se naquele breu da grande porta de seu quarto, a qual tinha talhadas imagens de corujas e flamingos, dançando ou talvez travando uma constante batalha. Não poderia abrir a porta. Seu trinco girava sem resultado. Por sorte, em caso de necessidade, tinha um pequeno banheiro anexo a seu quarto. Uma vez, guardara velas e fósforos, mas, por incrível que pareça, sentiram o cheiro quando ela os acendeu. Isso lhe valeu duas horas na Galeria. Não voltou a levar fósforos nem velas.

Claro que o confinamento era também a segurança de estar resguardada, com a provisão necessária de medicamentos para ter tudo controlado. Era difícil admitir, mas, afinal, tinham salvado sua vida e continuavam fazendo isso dia após dia.

Fazia certo tempo, no entanto, que a comodidade resignada do confinamento em seu quarto não evitava que, de vez em quando,

saísse para passear. Havia descoberto uma maneira de fazer isso. A escuridão fechava-se ao seu redor, mas, naquela noite, ela queria sair.

Andou até a portinha do banheiro. Podia fazer o caminho da cama até lá sem se chocar com nada nem tropeçar, porque, em sua cabeça, o espaço circundante estava gravado até o mínimo detalhe, e tudo ao redor era detectado como se estivesse à plena luz do dia. Abriu a portinha — que não era totalmente retangular, mas, sim, com a parte superior cortada em diagonal, a qual evidenciava que, por cima do banheiro, corria uma escada, quem sabia para onde — e depois a fechou. Odiava o banheiro porque o frio era insuportável, o espaço era muito pequeno e o cheiro de remédio dava-lhe náuseas. Tinha piso de mármore preto, frio, um vaso sanitário e uma pia cuja coluna ostentava um capitel jônico, um armário estreito e alto com um espelho gasto e o box com o chuveiro. Esta peça de ferro fundido era um receptáculo de sessenta centímetros quadrados com bordas de trinta centímetros de altura. Conseguia se lembrar, com certo esforço, de ter se lavado em uma banheira normal, completa, com espaço para brincar ou deixar-se flutuar na água quente, mas isso não era mais possível.

Suas mãos estavam fracas, mas as colocou sobre o chão do box e o empurrou, tirando-o lentamente de seu lugar. Aos poucos, correu-o até sentir que o espaço era suficiente para descer. Pôs-se buraco abaixo e deslizou, entrando gradualmente na abertura. Fazia tudo isso em total escuridão. Desceu um metro e meio e logo voltou a deslizar o quadrado por sobre sua cabeça, deixando-o em sua posição inicial. Talvez fosse uma atitude inútil, já que, se alguma vez chegassem a entrar e encontrassem o quarto vazio, podia dizer adeus ao uso da passagem. Tentou não pisar na canaleta que drenava a água, abaixou-se e entrou no túnel. Um metro depois, havia um degrau e ali o teto do túnel era mais alto. Assim, não precisou continuar agachada. À sua esquerda, sabia que estava o pequeno nicho com as velas. Sua mão tateou e encontrou os fósforos que, de vez em quando, roubava da cozinha, um a um, e o pedaço de lixa que pegara do latão de lixo. Riscou um fósforo e, assim,

acendeu o pavio da vela. A pequena chama iluminou as paredes e o teto do túnel, reforçados com grossas vigas de madeira. Pelo chão, no centro, corria a canaleta para a água, que alguns metros adiante desembocava em um poço de trinta centímetros de diâmetro. Nele, também desembocava um cano grosso de ferro do qual saía um cheiro desagradável. Sabia que, por aquele cano, tudo o que fazia no vaso, junto à água do enxágue, caía no poço, em uma profundidade que desconhecia. Não havia risco de que caísse no poço, porque era muito estreito para seu corpo, mas, na primeira vez em que chegou ali, iluminando com um só fósforo, não o enxergou e meteu sua perna nele, tendo um instante de pânico.

Encontrara a passagem havia dois anos. Estava em seu quarto fazendo alguns deveres que Reba lhe indicara. Faltava uma hora para apagar as luzes. Sentia uma corrente de ar muito leve esfriando suas costas. Começou a seguir a corrente, achando que vinha por baixo da porta, mas o ar frio que detectava entre seus dedos conduziu até a portinha do banheiro. A corrente saía claramente de uma fresta no chão do box. Percebeu quando deslizou os dedos pela junção do piso do box com o chão de mármore preto. Notou claramente que a base se mexia. Segurou na borda e começou a movê-la, e, para sua surpresa, o piso correu uns vinte centímetros, revelando um buraco embaixo. Depois, foi só tomar coragem. Na primeira vez, desceu com um fósforo e um pedaço de lixa e chegou até a metade, porque, com o acidente do poço, o fogo apagou. Então, recuou até o começo, saiu da passagem e só voltou a tentar na noite seguinte. Na segunda vez, levou dois fósforos. Se eles contavam, ela não tinha como saber. Quando acendeu o primeiro, descobriu o nicho com as velas. Ali se deu conta de que aquela passagem era muito, muito velha, porque as velas eram de cera, mas nunca tinha visto velas assim, mais grossas que as comuns e de uma cor mais escura. O pavio demorou a acender, como se sua energia houvesse se dissipado ao longo dos anos. Quando finalmente conseguiu, teve mais tempo para estudar o lugar onde estava e percorrê-lo até o fim.

Agora já conhecia de memória o túnel. Poderia não usar luz se quisesse, mas ela daria mais tranquilidade para poder ver por onde andava. Às vezes, ouvia algum som furtivo, de um mínimo arrastar e, ao iluminar um canto, descobria um rato ou preá avançando encostado à parede. Por sorte, jamais vira ali embaixo uma cobra.

Continuou andando, já com mais cuidado, porque sabia que o túnel passava por baixo de outros lugares da fazenda onde eles podiam estar. O túnel começou a inclinar-se para baixo, depois de novo para cima, virou para a direita e, uns dez metros depois, chegou a uma curva. Apagou a vela, deixou-a no chão e aproximou-se em silêncio da grade de saída. Olhou pela grade para o herbário. Ali, sempre havia um brilho mais notório, uma luminosidade pálida que lhe permitia distinguir as formas do lugar. Ficou esperando um tempo, prendendo a respiração, para se assegurar de que ninguém andava pelas proximidades do herbário ou estava dentro dele. Não detectou nenhum movimento. Decidiu-se e deslizou os dois trincos que mantinham a grade travada, empurrou-a para o lado e saiu da passagem. Voltou a pôr a grade no lugar. Quando os trincos estavam travados, era impossível movimentá-la pelo lado de fora. Além disso, a samambaia que a cobria disfarçava sua presença. Se alguém a descobrisse, pensaria que era apenas uma grade de ventilação, como as tantas que havia na fazenda. Só alguém que tivesse morado muito antigamente ali saberia da existência da passagem. Esse alguém deveria ter morrido havia muito tempo e levado o segredo consigo.

Permaneceu imóvel, perto da grade, por via das dúvidas. Logo em seguida, começou a andar pelo herbário. A maioria das plantas ali existentes sobrevivia por seus próprios meios, e muitas não conseguiam. Longos canteiros continham restos de plantas, e uma infinidade de vasos se alinhava sem nada verde crescendo em seu interior. Mas a teimosa obstinação de algumas plantas as transformou em formas selvagens que cresciam descontroladamente, apoderando-se do lugar, monstruosas e em voluptuosa desproporção. Assim, o herbário reunia uma selva tropical que rapidamente esquecera a mão do homem. Podia-se

respirar uma umidade escura e flutuante, que incitava os pulmões, e tudo parecia mergulhado em um antigo aquário.

O herbário era uma construção de uns vinte e cinco metros de largura por oito de comprimento, em forma de abóbada cilíndrica, a uma distância de cinquenta metros da casa principal da fazenda. Era feito de vidro e de ferro, e a forma do ferro era retorcida e orgânica, tanto que os galhos dos arbustos que haviam trepado se combinaram e se fundiram a ele, de modo que já era impossível discernir se o que se via era vegetal ou ferro. Durante a noite, como agora, tudo parecia um túnel de vegetação e vidro, como o interior de um grande inseto fossilizado ou o grande estômago de uma baleia cristalizada.

Aproximou-se até a fonte de cimento, em cujo centro havia uma estátua rachada de uma ninfa. Uma água esverdeada permanecia imóvel, e sua superfície era perturbada apenas por algum mosquito de água ou um girino. Aproximou-se da beirada da fonte. Imaginava que o reflexo escuro da água era o espelho de um feiticeiro e que, em seu fundo, surgia o rosto de um valente príncipe que vinha de um lugar além do rio convidá-la para uma aventura.

No entanto, não havia outro rosto que não fosse o seu. Ali estavam seus olhos rasgados, castanho-escuros, com uma ligeira inclinação para baixo, que lhe davam um indefinível ar de nostalgia.

Casilda, que antes se chamava Moira, suspirou enquanto deixava descansar o dorso da mão na água verde da fonte.

Lembrava-se vagamente da viagem de carro.

Ele não pronunciou palavra alguma. Ela chorou bastante desde que saíram de Buenos Aires, mas a impassível indiferença dele lhe causava mais temor que se dissesse algo ou tivesse tentado fazer algo para que ela não chorasse. Somente quando chegaram a um pedágio, olhou para ela e pediu para ficar tranquila. A mulher da cabine cobrou dele sem nem sequer olhar para dentro da caminhonete, e ele pareceu relaxar. Ela começou a chorar de novo. Ele olhou para ela e pronunciou a segunda e última frase de toda a viagem.

— Vai ficar bem.

Disse isso sem tirar os olhos do caminho.

Depois, lembrava-se de muitas, muitas árvores, um caminho de terra em aclave. A água do rio que se mexia com o barulho de uma lancha ao fundo. Um cais na escuridão, a oscilação sob seus pés. Uma mão que envolvia a sua. Uns olhos negros, que pareciam cravados em um rosto marrom-escuro, o rosto de uma mulher que podia ter quarenta ou oitenta anos.

— Vai ser alta — foi a primeira coisa que a mulher lhe disse. Depois, conduziu-a na penumbra, abrindo e fechando portas, até que entraram no que seria seu quarto.

Havia uma cama preparada e, abrindo um grande armário de madeira escura, a mulher mostrou uma pilha de roupas para ela. Todas as peças eram sem cor, pálidas, limpas e usadas. A mulher deu-lhe um pijama e a ajudou a se vestir. Depois, esperou que ela fosse para a cama, acomodou os lençóis e o cobertor, trouxe uma cadeira que antes não estava ali e sentou-se ao lado, olhando-a. Ela lhe devolveu o olhar, querendo dizer que estava morrendo de fome, mas não fez isso. Nem se atreveu a pedir que lesse uma história ou algo assim. Tinha só quatro anos, mas percebia perfeitamente que naquele lugar não liam histórias para que as crianças dormissem.

A mulher de quarenta ou oitenta anos cruzou as mãos sobre o colo e ficou ali sentada. Ela estava tão cansada da viagem que, mesmo com fome, dormiu.

Pela manhã, acordou e encontrou ao lado da cama uma bandeja com leite e torradas com geleia. Devorou tudo em segundos.

Ficou olhando o quarto em que estava, já iluminado pela luz do dia, sem se animar a sair da cama. Quando já estava quase chorando, a mulher apareceu. Esta se aproximou e, em seguida, percebeu o cheiro de urina. Levantou-a da cama e a acompanhou até o banheiro. Tirou sua roupa, abriu o chuveiro, esperou que a água estivesse quente e a colocou debaixo. Deu a ela um sabonete e disse para se lavar. Enquanto ela se limpava, a mulher saiu do banheiro. Terminou de tomar banho e fechou o chuveiro. Tirou a toalha de um gancho e se enxugou. Quando

saiu do banheiro, o colchão da cama desaparecera, e na cadeira havia uma roupa escolhida para ela. Vestiu com dificuldade, porque era uma roupa estranha, mas conseguiu.

A mulher reapareceu e a levou para fora do quarto, por um corredor tão grande que lhe pareceu o de um palácio, com janelas altas e amplas que davam para uma varanda (mais tarde, ela ficaria sabendo que aquela era a Varanda), além de pilastras muito altas. Além da varanda, via-se um terreno verde que descia até um muro de árvores.

Depois do grande corredor, foram para um espaçoso cômodo cheio de móveis, onde se destacava uma mesa muito comprida com sua superfície lustrada sobre a qual ela poderia patinar. Passaram por baixo de uma arcada (viu acima de sua cabeça um número incontável de espadas expostas na parede, que pareciam a ponto de cair sobre ela) e desembocaram em outra sala com vários sofás. Em uma mesa menor, perto de um amplo janelão através do qual se via um céu de um azul tão intenso que parecia pintado, sentado em um banco, estava o homem que a tinha levado.

Reba foi se aproximando até ficar ao lado dela e acariciou a nuca com a mão grossa. Perguntou-lhe se havia dormido bem. Ela perguntou pelos pais, e ele disse que já tinha respondido isso. Ela não entendeu e começou a chorar de novo. Sentiu que a tinham pegado no colo e a levado para fora da casa, onde deparou com uma paisagem tão inesperadamente nova, que seu choro parou de repente.

A casa devia ter sido construída em cima de uma encosta. Por todas as direções, via-se um manto de vegetação, como se a construção fosse um barco em meio a um mar congelado de ondas verdes. Ele a segurava em seus braços e girava para que ela pudesse ver todo o panorama. Uma infinidade de árvores de todos os tipos aparecia diante de seus olhos, destacando-se algumas palmeiras com a altura de torres que surgiam solitárias dentre copas mais baixas. No céu azul, ouviram-se alguns gritos. Olhou para cima e viu alguns grandes pássaros voando em círculos, muito altos, grasnando entre si, como se estivessem se desafiando. Baixou a vista e descobriu a larga faixa de um rio

que serpenteava para longe. A cor da água era marrom, com tons de um vermelho bem sangrento nas margens. Nunca tinha visto um vermelho assim. Anos mais tarde, quando um dia viu um fígado de boi cortado em pedaços na cozinha, reencontrou-se com essa cor.

Ele a segurou um pouco mais e depois a pôs no chão. Apoiou a mão em seu ombro, sem dizer nada. Ela viu que, na outra mão dele, havia um objeto estranho, amarelo ou dourado, mas sem brilho. Parecia um pregador de roupa, porém maior e mais elaborado. Com cada um dos dedos, ele ia pressionando o objeto, que abria com um barulhinho, um leve rangido.

A mulher aproximou-se deles. Ele pôs a mão em seu ombro.

— Esta senhora chama-se Reba. Eu me chamo Iván.

Ele lhe acariciou a bochecha e entrou na casa. Ela não voltou a vê-lo o dia todo.

Reba acompanhou-a pelas cercanias da propriedade, sem deixá-la em nenhum momento. Às vezes, via pequenas barcas que se desciam o rio, longe demais para que ela pudesse fazer algum sinal. Viu pela primeira vez o herbário e soube que, caminhando dali até o rio, o terreno era cortado bruscamente por uma ribanceira. Havia muita coisa naquele lugar para assimilar de uma vez só, mas o que mais lhe chamou a atenção foram as estátuas. Existiam muitas: dentro da casa, fora, entre as árvores, no caminho do pequeno pfer, por todos os lados. Os motivos eram variados: homens, mulheres e até animais. Também, como aprendeu depois, havia imagens de deuses, e Reba explicou quem eram. Tinha até uma escultura que era uma reprodução em miniatura da casa, com suas varandas e tetos de telhas francesas em detalhes. Demorou certo tempo para saber que a maioria dessas esculturas quem fazia era Iván, em um ateliê separado da casa, escondido entre salgueiros, a caminho da ribanceira.

Sentiu-se extenuada e, à noite, já estava rendida. Reba voltou a sentar-se perto de sua cama, esperando que dormisse. Tirou do bolso um pequeno frasquinho e verteu um líquido âmbar em uma colherzinha. Pediu a ela que abrisse a boca e, quando fez isso, enfiou o pequeno talher. O líquido tinha sabor açucarado,

nada desagradável. Reba explicou que aquilo era um remédio para evitar que voltasse a sofrer com a doença que tinha obrigado Iván a levá-la até ali, onde o clima a ajudaria. Tinha que tomar todas as noites. Assim, ficaria bem.

Ela se lembrou dos pais e chorou, mas Reba a acalmou, sem tocá-la, só olhando e falando com ela. Dormiu, mas um tempo depois, na metade da noite, acordou urinada. Estava sozinha no quarto. Queria sair da cama e trocar de roupa, mas tinha medo. Gritou pela mãe, mas quem chegou foi Reba. Ela lhe disse, chorando, que não a queria, que queria sua mamãe e seu papai. Reba tirou-a da cama ainda vestida e, sem dizer nada, levou-a até a porta e a jogou no corredor. O chão era bem frio e ela começou a choramingar. Reba aproximou-se de uma das janelas do corredor e a abriu. Conduziu-a ao lado de fora, onde estava a varanda com colunas. Deu ordem para que ela se sentasse no chão e não se mexesse. Um vento frio, mesmo sendo verão, dominava a noite. Reba fechou a porta e entrou na casa. Ela começou a tremer de frio. Quis abrir a porta por onde Reba entrara, mas estava trancada. Testou outras, mas nenhuma abria. O frio era insuportável, a queimava. Nem sequer conseguia chorar. No céu da noite, viu voar algo que deviam ser morcegos, dois deles, muito grandes, brigando, como uma versão noturna dos pássaros que tinha visto durante o dia. Dessa vez, não havia grasnidos, só uma luta silenciosa no ar. Começou a ouvir outros barulhos que a fizeram se assustar até não conseguir respirar. Achou que fosse morrer lá fora, até que a porta se abriu e Reba voltou. Assim conheceu a Galeria, lugar em que voltaria a ficar de castigo em outras ocasiões.

Regressaram ao quarto caminhando sem se tocar. Reba havia trocado os lençóis, e um pijama seco a esperava. Ela se trocou, se enfiou na cama e tremeu por um instante até o calor voltar a seu corpo e ela poder sentir outra vez os pés e as mãos. Reba olhava-a da cadeira. Então falou com ela.

— Nunca mais mencione essas pessoas — disse-lhe. — Não se chama mais Moira. Agora, é Casilda. Quer dizer “a que dança”. Diga o nome.

Ela disse.

Começou a dormir, confortada pelo calor das mantas. O rosto de Reba foi se escurecendo, e só se via uma aura que recortava sua cabeça por trás, proveniente da luz que estava acima da porta do quarto.

Casilda dormiu. Nunca mais voltou a urinar na cama.

Na manhã seguinte, acordou com os lençóis secos. Na mesa de cabeceira, encontrou uma estatueta de uns quinze centímetros de altura que representava uma menina dançando com os braços levantados, as pernas flexionadas nas pontas dos pés. A estatueta era dourada e radiante, uma obra quase prodigiosa.

A menina dançarina tinha seu rosto.

Dois anos depois, já não pensava em seu nome de antes e seus pais eram um eco abstrato que, de vez em quando, voltava a sua mente, cada vez com menos insistência. Aprendeu tudo sobre a fazenda e a viver naquele mundo. Aos oito anos atravessou o rio andando pela primeira vez. Aos nove matou sua primeira cobra. Aos dez atirou com uma escopeta e foi melhor na pontaria que Lautaro, um dos peões. Corria pelas margens do rio e tinha cuidado nos barrancos, brincava no estábulo e, às vezes, Iván a deixava ficar no ateliê, onde o cheiro de metal derretido a fazia enjoar. Uma vez, ele a levou para ver o jardim dourado, e ela se assustou quando viu, mas fez com que ele não percebesse isso. Nunca mais quis chegar perto do jardim dourado. Preferia o rio, onde já conseguia pegar enguias com suas próprias mãos.

Reba lhe ensinou a ler e escrever, e também lhe dava livros que ela não sabia de onde saíam, porque na fazenda não vira nenhuma biblioteca. Quando fez doze anos, começou a ir a uma escola em Paraná, que era a cidade importante mais próxima. Todos os dias, Lautaro a levava de lancha e, depois de desembarcar, a acompanhava ao colégio. Neste último ano, podia se considerar amiga de mais de uma menina no colégio, embora continuassem a tratá-la como a “estranha” que vinha de uma fazenda rio acima. Visitou duas vezes outras casas, mas nunca ninguém ia à dela.

Quando Iván não deu permissão, pela segunda vez, para que ela chamasse as amigas para irem visitá-la, começou a entender que estava presa. Mas já era tarde demais. Se alguma vez teve a intenção de escapar, a mera ideia de sair para um mundo que não conhecia era impossível de conceber. Além disso, estaria longe de seus remédios. Assim, seguiu vivendo em seu fechado cerco, sonhando com a proeza impossível de conhecer outros lugares, fantasiando com mundos mágicos além do rio, sem pensar em seu passado esquecido.

Alguém estava andando pelos lados do herbário. Tinha percebido havia pouco, saindo do sonho que lhe proporcionava a contemplação da fonte. Agachou-se e avançou rapidamente, afastando-se dos vidros. A previsão de Reba tinha se cumprido: era alta para sua idade, e temia que a vissem de fora. Aproximou-se da grade e escondeu-se atrás da samambaia, sem se mexer. Sim, agora ouvia vozes. De imediato, reconheceu a de Iván, mas a outra era uma voz masculina que não sabia a quem pertencia. Abriu a grade e meteu-se na passagem. Escutou a porta do herbário se abrir. Acendeu-se uma luz, que projetou raios coloridos através da grade e a obrigou a se inclinar para trás. Ficou quieta por um momento e, depois, aproximou-se da grade para olhar.

No outro extremo do herbário, Iván estava falando com outro homem, que parecia muito mais jovem. Era a primeira vez em anos que via alguém que não conhecia na fazenda. O rapaz era moreno, mais baixo que Iván, o que significava que media menos de um metro e oitenta, com certeza. Estavam parados um de frente para o outro, Iván com os braços cruzados, e o jovem desconhecido com as mãos nos bolsos. Não conseguia escutar o que diziam. Só algumas palavras isoladas. “Não me importa”, ouviu dizer o jovem em um momento. “Seu pai...”, escutou Iván pronunciar. Segundos depois, outra frase de Iván, “para de me sacanear”; e outra do rapaz: “vai ser assim”.

Ela embora, porque não valia a pena se arriscar por uma conversa que não entendia nem lhe interessava. O jovem começou a caminhar na direção em que ela estava escondida.

Olhava para todos os lados, como se apreciando o lugar, mas tinha uma expressão irônica. As lâmpadas incandescentes que estavam acesas davam ao herbário uma atmosfera polar, em que as cores se anulavam e tudo passava de verde a cinza. O rapaz continuou avançando, seguido por Iván. Dentro da passagem, ela esperou que se aproximasse mais para vê-lo melhor.

O rosto do jovem transformou-se em uma máscara dourada.

Ela quase gritou, mas pôs a mão fechada sobre a boca com tal violência que bateu nos lábios, machucando-os e fazendo-os sangrar. O jovem cambaleava e tentava gritar, mas só emitia um grunhido constante e animalesco, um som horrível e absurdo. Ele caiu de joelhos, sempre olhando de frente para onde ela estava. Tentou levar as mãos ao pescoço, sem êxito. Parecia uma marionete de madeira que começava a se desmontar. Ela viu que Iván parava ao lado do rapaz e colocava a mão na cabeça dele. Lembrou um filme que vira na escola em que um religioso benzia um fiel. A posição dos dois homens parecia a mesma. O jovem agora se debatia com violência. Iván segurava-o pela cabeça, quase com atitude solícita. Começou a descer sangue pelo rosto do rapaz, o qual manchava sua camisa. Agitou-se com força de novo e, logo, arqueou-se para trás, com a cabeça erguida e olhando para cima, para o nada. Ficou quieto nessa posição e, de repente, se desmontou completamente; com um golpe, os fios internos da marionete se cortaram, seu grito constante se silenciou e ele ficou caído no chão.

Iván olhou por um minuto o corpo imóvel do jovem e depois se agachou. Virou-o e começou a esvaziar os bolsos do casaco e da calça dele. Pegou uma carteira, um molho de chaves e, em um bolso interno, encontrou algo que parecia uma pequena pistola preta.

Ela ficou quieta, absorvendo tudo o que acontecera. Começou a andar para trás e perdeu o equilíbrio. Não fez nenhum barulho, mas Iván levantou a cabeça e olhou para a samambaia que cobria a grade. Durante dois segundos, ela conseguiu que seu coração não pulsasse. Ele manteve a vista para a frente, encarando o espaço de luz branco-acinzentada do herbário. Depois, abaixou a cabeça e voltou ao que fazia.

Ela se mexeu devagar. Recuou um pouco mais e curvou-se. A grade e a luz do herbário ficaram fora de visão. Continuou a se arrastar por mais alguns metros. Depois, começou a caminhar e, em seguida, a correr na escuridão do túnel. Saiu no pela abertura no chão do box e a fechou rapidamente. Lavou os pés no escuro e também outras partes que podiam ter um pouco de terra. Se tivesse ficado algo, teria que limpar pela manhã. Por sorte, Reba já não entrava em seu quarto. Meteu-se na cama, tentando não pensar no que vira, no que significava. Demorou a dormir.

Sonhou que as corujas talhadas na porta de madeira ganhavam vida e se lançavam até sua cama batendo as asas, cada uma com uma máscara dourada sangrando na cabeça, cada uma gritando como o jovem morto do herbário.

2

Fabián percorreu com os olhos a extensão da lâmpada de tubo fluorescente que, de vez em quando, chapiscava indecisa. A sala era pequena, de paredes brancas desgastadas, com uma mesa, quatro cadeiras, um arquivo metálico e uma janela de vidro sujo que estava aberta e exibia três paredes de um fosso do qual saía o barulho contínuo dos aparelhos de ar condicionado, diretamente do centro do Palacio de Tribunales.

Chegaram lá graças a Revoira, que o acompanhava, depois de entrar em elevadores, andar por corredores cheios de contornos, subir escadas e sair em terraços descobertos para logo voltar a entrar por portas de outros corredores.

Ao longo dos anos, Esteban Revoira ganhara alguns quilos e passara por uma bem-sucedida cirurgia bariátrica. Tais contingências não diminuíram sua inata elegância. Dessa vez, escolheu todos os tons de marrom para sua roupa. Era um mostruário de variações e poderia ter ensinado até mesmo Van Gogh a combinar cores. Ramiro Beltrán tinha o mesmo cabelo curto e quase prateado que Fabián conhecera havia alguns anos. Estava com o relatório da morte de Doberti aberto e seguia a linha do que estava escrito com uma caneta que deslizava ao lado no ar, a um centímetro da folha, e quebrava seu ritmo quando Beltrán levantava os olhos e fazia uma nova pergunta para Fabián. Primeiro, a conversa fora quase casual, mas, quando Beltrán abriu o relatório, se transformou em um interrogatório.

— Quando foi o último contato que você teve com Doberti? — perguntou Beltrán.

— Sexta-feira, 8 de agosto. Falamos por telefone.

— Por que se lembra com tanta precisão?

— Porque nesse dia fui jantar na casa de uns amigos.

— Qual foi o assunto?

— Com meus amigos?

— Com Doberti.

— O futebol e o tempo.

Beltrán piscou quatro vezes.

— Nada mais? Não falaram do Silva?

— Não.

Beltrán passou uma folha do relatório. Passou duas folhas. O celular de Revoira tocou com um som de xilofone e ele desligou imediatamente.

— Desculpe... — disse. — A esposa de Doberti, Julia Tallaride, declarou que, nesse dia, Doberti falou por telefone com você sobre não entrar em um lugar.

— Não sei o que poderia ser.

— Foi uma ligação às quatro e vinte da tarde.

— Lembro da ligação, mas não falamos nada sobre entrar em algum lugar.

Beltrán pegou um envelope de dentro da pasta do relatório, abriu-o e jogou algumas fotos sobre a mesa para Fabián. Abriram-se em leque. Na primeira, estava o corpo de Doberti. Fabián sentiu o estômago revirar, mas era a raiva que saía.

— O que quer fazer? — perguntou ele para Beltrán. — Me pressionar como se eu soubesse de alguma coisa? Já lhe disse vinte vezes que não faço ideia de por que Doberti estava nessa casa.

— É muito significativo que seu amigo apareça morto na casa de um policial que esteve relacionado, pelo menos indiretamente, com seu caso, e que também tenha sido morto em circunstâncias muito parecidas com as da morte de Cecilia Arroyo, em 29 de abril de 1999.

— Um objeto extremamente pontiagudo foi cravado na nuca de Doberti — acrescentou Revoira. — Atravessou a medula espinhal. Parece que mataram a moça peruana da mesma forma. Depois, deram os tiros nela.

— Se tivessem escutado Doberti... — disse Fabián.

— Vamos, Danubio, diga o que sabe — falou Beltrán. — Isso pode esclarecer seu caso. Não quer saber o que aconteceu com sua filha?

— Claro — respondeu Fabián. — Mas não tenho ideia do que Doberti queria fazer. Não sei em que andava metido.

— Quando foi que você viu Silva? — perguntou Revoira.

— Em maio, eu acho.

— Do que falaram?

— Da ineficiência da polícia para resolver meu caso — respondeu Fabián.

— O que sabe de Adrián Silva? — perguntou Beltrán.

— Não o conheço. Jamais o vi na vida. Seria mais lógico perguntar a ele, não? Um homem foi assassinado na casa dele.

Beltrán tamborilou a caneta na mesa.

— Há mais de uma semana que Adrián Silva não aparece em casa. A última vez que o viram foi em 6 de agosto. A mãe já o reportou como desaparecido.

Revoira esticou a gravata.

— Você imagina a enorme confusão pela qual estamos passando com isso, né? Um policial importante na Federal, enterrado há pouco com honras, e antes de o corpo dele esfriar, há um morto em sua casa e o filho desaparece. Por sorte, evitamos que a informação sobre a morte, as marcas no rosto e tal, constassem nas folhas do relatório forense. Mas, mesmo assim, até o jornalista mais estúpido da cidade vinculou isso ao caso Moira. Doberti apareceu nos jornais na ocasião. Agora você entra na internet e encontra o que quer.

— Não entendo uma coisa... — disse Fabián. — Por que vocês não querem isso vinculado ao meu caso?

— Não queremos por enquanto — explicou Revoira. — Pelo menos até haver evidências mais claras.

— Querem deixar Silva de fora a qualquer custo! Quem era Silva? San Martín, um dos libertadores da América?

— Não, não era San Martín — disse Beltrán. — Nem era o sargento Cabral, eu acho. Mas foi muito útil para a instituição. E, enquanto não tivermos certeza, não vamos manchar sua reputação.

Beltrán pegou outra foto de uma das folhas do relatório. Aproximou-a de Fabián, deslizando-a pela mesa.

— Conhece isso? — perguntou.

Fabián olhou a foto. Foi inesperado o que aconteceu. Deu-se conta de que conhecia aquilo, mas não conseguia dizer de onde.

Era um adorno dourado, talvez de ouro mesmo, ou bronze, na forma de uma aranha no meio de sua teia. Os contornos da teia formavam um octógono.

— Estava na mão de Doberti — disse Revoira.

— Tiveram que usar um alicate para abrir os dedos dele e tirá-la.

— Lembra alguma coisa? — perguntou Beltrán.

Fabián negou com a cabeça. Engoliu tudo o que poderia ter falado. Antes de chegar ao Palacio de Tribunales tinha tomado uma decisão quanto ao assunto. E a decisão era: vão todos à merda. A partir de agora, continuo sozinho.

3

Fabián nunca tinha visto Julia antes de conhecê-la no velório de Doberti. Apesar da dor que castigava seu rosto, viu que era uma bela mulher; e pensou que Doberti fora discreto ao falar da esposa. Muitas pessoas foram ao velório. Compreendeu que Doberti era querido e havia ajudado bastante gente, inclusive muitos que não mereciam. Ficou se perguntando se ele próprio não pertenceria a este último grupo.

Ela ficou perto de Fabián durante o velório. Não houve enterro porque a polícia reteve o corpo de Doberti. Julia tinha o desejo de cremá-lo e jogar as cinzas em um lugar que só ela e Doberti soubessem onde era.

Quando abriu a porta do escritório do Barolo, Julia parecia melhor, com uma expressão de tranquilidade que continha as rugas que rodeavam seus olhos.

— Não sei o que fazer com tudo isso.

— Descansa um tempo e depois pensa nisso.

Estavam no gabinete de Doberti, que mais parecia um circo desmontado à espera de um novo elenco que nunca chega. Julia percorreu o lugar com os olhos e deteve-se na armadura que presidia a silenciosa multidão de coisas que pertenciam ao universo de Doberti.

— E a galinha? — perguntou.

— Não faço ideia — disse Fabián.

Como se tentasse responder a eles, o gato San Julián arqueou o corpo na mesa.

— Espero que não tenha conseguido pegar Marcia finalmente — observou Fabián.

Julia aproximou-se da porta que dava para o quarto da bagunça e a abriu. Uma lâmpada de 100 Watts iluminava impunemente o espaço. As pilhas de caixas de diversas alturas pareciam formar a enorme maquete de uma cidade. No chão, o cômodo era mais comprido do que Fabián imaginara. Inclusive, o fundo dobrava em um ângulo de noventa graus, prolongando-se

rumo ao desconhecido. Julia encostou-se na parede que dava para o gabinete e correu uma portinhola de formato retangular.

— Sabia disso? — perguntou a Fabián.

Fabián aproximou-se. Olhou pela portinhola aberta e viu o gabinete todo através de um vidro. Saiu do cômodo e inspecionou o outro lado. A portinhola ficava atrás de um quadro de uma paisagem montanhosa, mas não podia ser vista. Julia explicou para ele.

— Sempre fazia com que o cliente movesse um objeto do gabinete e supostamente adivinhava em qual tinha mexido. Na verdade, via tudo daqui quando faziam isso. Um truque de mago para impressionar os ingênuos. Fez isso com você?

Fabián pensou um instante.

— Não — respondeu.

— Ele era um verdadeiro ilusionista. Quando nos conhecemos, me seduziu contando histórias policiais e perigosas. Talvez algumas fossem verdadeiras. Talvez nenhuma. Mas... o que importa? Fui feliz com ele como nunca.

Julia fechou a portinhola.

Fabián avançou até o fundo do quartinho, curvou-se e ali, em uma grande caixa de papelão, encontrou as coisas de Moira, guardadas cuidadosamente.

— Me lembro disso — disse Julia. — Muitas vezes, vi Doberti estudando esses objetos.

— Ele achava que, entre essas coisas, poderia haver alguma pista.

— E o que acha?

— Que talvez tivesse razão.

Ela levou a caixa à mesa e a apoiou ali.

— Acho que fiz asneira quando me perguntaram se você tinha falado com ele por telefone — disse Julia.

— E o que ia dizer a eles?

— Estava arrasada pela notícia.

— Eu sei.

— Você não confia neles — disse Julia. Não era uma pergunta.

— Nove anos é muito tempo. Silva está morto. Ninguém quer se comprometer com nada. Ninguém a não ser eu.

No lado de fora, começava a chover. Caíam gotas pesadas e em diagonal.

— Tenho que ir trabalhar — disse Julia. — Fica com tudo o que quiser. O que faço com isso? — repetiu. — Vendo? Alugo?

— Vai trabalhar — disse Fabián.

Julia deu as chaves para ele. Havia três, em um chaveiro que era a miniatura de um balão. Fabián nunca notara.

— Levo o gato ou deixo com você? — perguntou Julia.

— Deixa.

— Precisa dar de comer a ele. Teve gato alguma vez?

— Há muito tempo.

— Afinal de contas, o lar dele é este. Doberti nunca o tirou daqui. Que engraçado... Continuo dizendo Doberti. Sempre o chamei pelo sobrenome. César era um nome tão lindo...

Sentiu que ia chorar e levantou-se de repente com o maxilar erguido.

— Pega a chave comigo quando quiser — disse.

Abraçaram-se, e Julia se foi.

Fabián olhou a caixa. Abriu e começou a pegar coisas. Não o afetou tanto, porque sentia uma crescente agitação à medida que a esvaziava. Verificou tudo detalhadamente, mas já começava a ter certeza de onde tinha que procurar exatamente. Quando apareceu, no fundo da caixa, a maletinha da Pequena Sereia, seu coração acelerou-se de repente. Com os dedos tremendo, correu o fecho da mala cor-de-rosa e a abriu. Primeiro, não viu nada, mas revirou um pouco, e no fundo, entre perfumes e colares de brinquedo, estava a aranha.

Fabián segurou-a, com um nó na garganta. Brilhante e dourada, no centro de sua teia octogonal.

Era idêntica à que Doberti tinha na mão ao morrer.

Agora o temporal tinha parado e a claridade parecia ter escapado do mundo. Fabián acendeu a luz da mesa e pôs a aranha sob a forte claridade. Era muito bem-feita. Contando com a teia, não tinha mais que quatro centímetros de largura. O corpo da aranha era composto de três segmentos em tamanho decrescente e, na

cabeça, viam-se os olhos e os palpos da boca. Cada uma das oito patas tinha na ponta uma diminuta forma de serrote. Debaixo da aranha, a teia organizava-se em linhas que partiam do centro, e outras que formavam o octógono que se repetia, aumentando seu raio até a beirada. Notou que todos os fios da teia da aranha eram ondulados, não retos. Era um trabalho notável.

Segurou a aranha na mão. Era pesada para seu tamanho. Supôs que fosse feita de bronze.

Desde quando Moira tinha essa aranha? Quem tinha dado a ela? Por que Silva tinha uma similar? Ele se perguntou se podia ser coincidência Silva ter um objeto igual. Descartou essa ideia. Doberti a mantivera em sua mão porque sabia que ele se lembraria da outra. Queria que Fabián visse a relação. Mas... qual era essa relação?

Os rastros estavam ali. Só faltava saber traduzi-los.

A tarde passou e parou de chover. Acenderam-se as luzes da avenida de Mayo. A luz iluminava a aranha de bronze sobre a mesa.

E o resto era escuridão.

23 de agosto de 2008

Não aguento ler os jornais. As notícias são sempre as mesmas. Mudam as caras e os nomes, mas a história é sempre igual. Alguém rouba e não é preso, alguém morre assassinado sem ter culpa. Há preocupação pelo governo, pela insegurança, pelo baixo nível do futebol. Os idosos não são respeitados, os empresários abusam dos aumentos, as mulheres são espancadas e os filmes estreiam com boas críticas. Ou ruins. Dá no mesmo. A atriz mais famosa de hoje é igual à atriz mais famosa de ontem. Tudo se repete exaustivamente.

Mas, nas últimas semanas, as notícias são do meu total interesse. Então, me obrigo a ler o jornal, e o melhor lugar para fazer isso é em La Paz, porque em Paraná vou uma vez por mês. Por Pórtico e pelo bar do Farías não passo há anos, por sorte. Na última vez, eu era bem mais jovem e não tinha paciência para responder a coisas estúpidas. Lautaro é quem vai mais lá, e na única vez em que lhe pedi um jornal, o imbecil se esqueceu.

De qualquer forma, a notícia sobre o caso já sumiu de novo. Reapareceu apenas por algumas semanas e, depois, caiu no esquecimento outra vez.

Fico nervoso, obcecado, impossível. Saio para caminhar à noite pelas trilhas ao longo das margens, tento me tranquilizar, mas os ruídos noturnos dos animais insones me perseguem. Ou eu persigo a eles.

Não há nada para me relacionar com Marcos nem com o filho.

Como esse sujeito, Doberti, ficou no caso durante anos, surgiu depois a relação. Mas, na última matéria que li, o jornalista aventurava-se a dizer que talvez houvesse algum assunto entre Marcos e ele de que ninguém soubesse. De todo modo, um forte suspeito é o filho, Adrián Silva, desaparecido e ao mesmo tempo foragido, já que o procuram para interrogá-lo.

Nunca vão encontrá-lo.

Agradeço a este monte que a natureza nos deu, o lugar perfeito para esconder um corpo. Quilômetros e quilômetros de interminável mata fechada, onde homens experientes ainda se perdem para sempre. Os antepassados que construíram esta fazenda foram estratégicos. Colocaram-na no alto de uma pequena encosta que desce para o rio, dando fundos para a mata fechada. Quem sabe de que inimigo queriam se defender?

Não é que eu tenha gostado do que fiz com o filho de Silva, mas ele não me deu opção. Silva era discreto, mas o filho não parecia com o pai. Mais cedo ou mais tarde, por mais dinheiro que tivesse dado a ele, teria dado com a língua nos dentes.

É evidente que a proximidade da morte fez com que Marcos contasse tudo ao filho. Adrián decidiu erigir-se como o sucessor na chantagem. Pobre... Não sabia que vinha direto ao matadouro. Insolente e arrogante, me mostrando umas infames folhas fotocopiadas, dizendo para mim que só ele sabia onde estavam a carta e a lista de pagamentos originais.

Minha obrigação era com relação a seu pai, pelo favor que ele me fez. Eu não estava disposto a continuar pagando os descendentes de Silva.

Ainda não posso acreditar na incrível coincidência com o tal Doberti, no dia em que fui buscar as coisas na casa de Silva. Tento pensar no que estava procurando ali, que conexão tinha estabelecido. Esse homem esteve perto de arruinar tudo. Fiquei admirado quando me dei conta de que ele não tinha nenhuma arma. E como resistiu até o fim! Ficou quieto, depois de um grande esforço, e apertou com muita força aquele colar colorido. Foi difícil tirá-lo de sua mão, que permaneceu fechada. Gostei de levar como troféu algo que pertencia a um adversário respeitável.

Depois, noite.

Não consigo dormir. Me preocupa que, de algum modo, possam estabelecer alguma relação comigo.

Vou dar uma volta pelo Jardim. Assim me acalmo. Gosto muito do Jardim à noite. As silhuetas das estátuas me fazem pensar

nos participantes de uma festa-surpresa que esperam na escuridão o momento de acenderem as luzes.

Depois, amanhece.

Por fim, estive toda a noite em claro. Passei pelo quarto de Casilda, abri a porta em silêncio e a observei dormindo. Seu cabelo comprido cobria o rosto. Estava imóvel e eu não conseguia ouvir sua respiração, mas sabia que estava ali, segura e plena. Cada dia me lembra mais Cordelia. Me dei conta de que fazia muito tempo que não lhe deixava um presentinho. Então, peguei o colar do bolso (nesses dias até o levei quando saí para caminhar) e passei em volta do pescoço comprido da estatueta do fauno que está em cima do aparador. Ela vai gostar.

Ela não tem por que saber que pertenceu a um homem que está morto.

5

Viu-a entrar pela porta do bar, andando até ele com aquele caminhar estranho que tinha, mistura de marcha militar com andar feminino, os pés em um ângulo maior que noventa graus.

Achou que estava igual, que os anos não só não tinham lhe afetado, como também pareciam tê-la beneficiado.

Para Fabián, Blanco tinha muitas características masculinas, que paradoxalmente realçavam sua potência feminina. Decidiu não entrar muito nessas reflexões para não se preocupar com sua própria sexualidade.

Beijaram-se e permaneceram juntos por alguns segundos, ela apoiando o rosto no canto de seu ombro. Ele pôs a mão na lombar dela e, quando se separaram, deu-lhe um beijo ao lado da boca. Riram.

— Você está ótimo, filho da puta — disse ela, batendo a guimba de seu cigarro no cinzeiro. Tinha começado a fumar havia três anos, depois de um tiroteio por causa de um sequestro. Sua arma travou, e o sujeito armado que tinha à frente definia se Blanco vivia ou morria. O homem decidiu que não queria somar à sua ficha o homicídio de uma policial e se entregou. Só isso.

Seus anos em Córdoba impuseram a ela muitas batalhas. Estava de volta havia duas semanas, fazia um ano que tinha enviuvado e, nos últimos três meses em Córdoba, tivera um caso amoroso complicado com seu chefe de departamento. Quando a esposa do chefe decidiu botar as cartas na mesa sobre o assunto, ela decidiu, por sua vez, que já tinha vivido o suficiente em Córdoba e pediu transferência.

— Em que pé está o caso agora? — perguntou ela.

— Não sei como estão avançando. Nunca procuro Beltrán. E Mondragón... Faz muito que não ligo para ele.

— Mondragón se aposentou há dois anos. A Busca de Pessoas não vai se meter enquanto o assunto não se relacionar de novo com o de Moira. Agora é da Homicídios apenas.

- Você não está na Divisão de Busca?
- Não, meu bem. Eu estou na Assessoria de Imprensa agora. Algo tranquilo. Tenho 41 anos. Já chega de lidar com o faroeste.
- Você é uma mulher das comunicações.
- É isso... Já vai me ver em alguma matéria na TV falando bobagens e pondo a cara lá. Por que Doberti entrou na casa de Silva, Fabián?
- Como se chama essa estratégia? Técnica de distração e golpe súbito?
- Chama-se “pergunta simples”. Nada mais.
- Já não está mais na Busca?
- Isso...

Olhou para ela. Seu rosto tinha uma tensão que evidenciava alguém que tinha visto muito, mais do que uma mulher normal pede à vida. Conhecera-a de uma forma estranha, de modo íntimo, mas sem que isso significasse conhecê-la bem. É ingênuo pensar que compartilhar a cama com alguém nos abre a entrada a todos seus segredos. Blanco era policial. Fabián não podia esquecer. A polícia era uma seita com códigos internos indecifráveis. O que estava em jogo agora tinha ramificações que ele não podia saber. Desde a morte de Doberti, assumira uma postura que decidira não mudar.

— Não tenho ideia — disse. — Tinha dúvidas quanto a Silva. Não sei por quê. Quis aproveitar a ausência do filho para entrar na casa, acho eu.

Blanco continuou olhando para ele, incrédula.

— Talvez tivesse algum assunto com Silva que eu não sei. Em nove anos, estive três vezes com Doberti.

Era mentira, claro. Mas ela não podia saber disso.

— Na Central, ninguém quer falar do assunto — disse Blanco.
— Mencionam Silva e ficam com cara de bunda, como se tivessem flagrado a filha virgem na cama com dois sujeitos.

Quando viu que Fabián não queria continuar no assunto, Blanco começou a falar de outras coisas. Contou sobre a morte de Luis, seu marido. O integrante de uma quadrilha de ladrões de banco o matara durante um arrombamento. Vasculharam o local e não encontraram ninguém da quadrilha, mas o sujeito estava

escondido em um desses depósitos que ficam no teto. Devia estar bastante nervoso. Quando achou que a polícia já tinha ido, abriu a portinha e viu Luis andando pelo corredor, de costas. Aproximou a arma e disparou. O tiro pegou na base do crânio e o matou na hora. Disseram que Luis nem se deu conta. Ela pensou: “Que merda sabem o que é morrer, receber um tiro pelas costas de repente?”.

Do lado de fora, o vento se intensificava.

— Está de carro? Me leva em casa? — perguntou ela.

Levou-a de carro até seu apartamento e até sua cama. Ela contou que tinha decidido não ter filhos. Como explicaria a um filho este mundo, seu trabalho, a morte de seu pai? Fabián esteve a ponto de contar tudo a ela, mas no último momento se conteve. Não conseguia ver o panorama geral do assunto. Os cantos sombrios não se iluminavam. Inclusive, talvez não dizer a ela fosse uma maneira de protegê-la.

Entrou no escritório e Sanjulián aproximou-se dele com curiosidade.

— Não te trouxe comida — disse ao gato. — Já tem no pratinho, pô!

Havia se acostumado a falar com ele.

— Me diz onde deixou o cadáver da galinha Marcia. Confesse!

Sanjulián olhou para ele apenas com um pequeno tremor de seu bigode.

Sentou-se à mesa, ligou para o pai e falou com ele por cinco minutos. Andava melhor da dor da perna, tinha que fazer uma ressonância em dois dias. Será que podia acompanhá-lo? Assim não tinha que aguentar Estela. Claro que podia.

— Falou com Germán?

— Liga para ele você, papai.

Sempre a mesma coisa. O terceiro filho de Germán tinha nascido havia um mês e meio. O Canadá povoava-se com a contribuição argentina.

Pegou a aranha na gaveta e pôs sobre a mesa. Precisava ver de novo a outra aranha, a que Doberti tinha. Só tinham mostrado uma foto.

Ligou para Julia.

— Quando me perguntaram se era dele, falei que não — disse ela. — Nunca a vi. Fiz mal?

— Não. Disse a verdade — respondeu Fabián. — Pensei que talvez pudesse reclamar como objeto pessoal dele.

— Foi o que fiz com as outras coisas — respondeu Julia. — Mas me disseram que, por enquanto, deixasse lá para a investigação.

— Preciso ter essa outra aranha.

— Me diz uma coisa... Não há uma espécie de agenda de couro, grande, na mesa?

Fabián procurou e não viu nada. Abriu todas as gavetas até que, em uma, encontrou uma agenda de couro preto, bastante gasta pelo uso.

— Anotava todos os contatos dele lá — disse Julia. — Gente da polícia que o ajudava.

— Excelente. Obrigado.

— Deu comida para o San Julián?

— Sim, mas sem abusar. Esse gato está muito gordo. É gato ou gata?

Ouviram-se um risinho do outro lado da linha.

— Não sei. Não faço ideia. Olha e depois me diz.

Era gato.

— Osvaldo Suquía?

— Quem é?

— Fabián Danubio... Nos conhecemos no velório de...

— Sim, sim, como vai?

— Tudo bem. Osvaldo, eu sei que você ajudava o César e que forneceu dados muito importantes para meu caso.

— Fiz o que pude.

— Bom... Agora preciso que faça o que puder por mim.

— Diga.

— Há algo dos objetos pessoais de Doberti que eu gostaria de recuperar.

— Haha! Que piada...

— É importante...

— Por mim, eu te passo tudo, mas Beltrán tem tudo isso embaixo de sete chaves. No máximo, posso olhar as coisas, tirar fotos, até. Nada mais.

— E o relatório?

— Isso está no julgamento. Diga a seu advogado para pegar.

— Não tenho advogado.

— Meu Deus! É igual a Doberti. Horror aos corvos. Me dá dois dias e eu faço uma cópia para você. Qual você quer? O do seu caso?

— E o de Doberti. Pode ser?

— Me dá três dias, então.

— Quanto te devo por isso?

— Nada. Cortesia em homenagem a um amigo que se foi. Para onde mando os papéis?

Eram cerca de seiscentas folhas. As mais velhas estavam amareladas. Nove anos era relativamente pouco tempo, mas nos autos, os papéis se degradam mais rapidamente. Por vários dias, verificou tudo fervorosamente. Ia à obra pela manhã e, ao meio-dia, chegava ao Barolo para continuar lendo. Terminava perto da meia-noite, chegava em casa e desmaiava na cama. Às vezes, esquecia-se de jantar. Por seus olhos, passaram-se nove anos outra vez. Datas e mais datas. Às vezes, tentava lembrar o que estava fazendo naquele momento. Deu-se conta de que esses anos se foram muito rápido, que a vida passava vertiginosamente e que se podia abandoná-la em um instante, ganhando muito pouca sabedoria.

Acabou a última folha e procurou algo para beber. No frigobar, não havia nada. Procurou em todos os lados. Não acreditava que Doberti não tivesse álcool naquele escritório. Ia se dar por vencido, porque a busca levaria meses, até ouvir o ronronar de San Julián perto dele. Localizou o gato ao pé do arquivo, tocando um dos gavetões com a pata. Fabián abriu e encontrou um minibar, com várias garrafas tilintando. Havia uísque, vodca e até uma garrafinha de saquê. Pegou uma garrafa de bourbon, escura e antiga, que dizia “Old Henderson”, a cheirou e ergueu as sobancelhas. Achou alguns copos na mesma gaveta. Destampou a garrafa e serviu um pouco. Reclinou-se no sofá e

levantou o copo a Sanjulián, que o encarou com os olhos amarelos.

— Pelo amigo que se foi.

Acordou às sete da manhã no mesmo sofá, com o pescoço e as costas doloridos. O gato dormia na beira da mesa, com os olhos como duas frestas. Fabián lavou-se um pouco no banheiro e foi direto para a obra. Era sexta-feira, dia de pagamento. Assim, saiu da obra às quatro. Passou em casa, tomou banho e trocou de roupa. Às seis, estava no escritório do Purgatório de novo.

— Sim, Suquía? Fale...

— Tudo bem, Fabián?

— Como soube que era eu?

— Aparece seu número na tela do celular.

— Ah...

— Existem uns aparelhos para falar chamados celulares...

— Ouvi algo sobre isso...

— Doberti também não usava celular. Era um terror para encontrá-lo. Meu Deus...

— O que foi?

— Estou me dando conta de que está ficando bastante parecido com Doberti. Você não foi possuído pelo fantasma dele, não? Só falta me contar uma piada.

— Contava para você também?

— E não contava para quem?

— Escuta só... Vou te incomodar pelo seguinte... Li todo o relatório.

— Parabéns.

— Obrigado. Em várias partes, fazem referência ao relatório forense de Cecilia, mas ele não está lá junto. O relatório de Doberti está, mas o de Cecilia, não.

— Não sei o que dizer a você. Deveria estar anexado.

— Onde pode estar?

— Não faço ideia. Teria que falar com o médico forense responsável.

— Livedisky?

— Não, esse se aposentou. E agora tem um que é um saco. Um cara jovem, certinho até na hora de bater uma. Não se pode pedir nada a ele. Talvez Livedisky tenha cópia do relatório.

— Alô?

— Doutor Livedisky?

— Alô?

— Alô! Doutor Livedisky?

— Quem fala?

— Fabián Danubio. Não sei se está lembrado de mim.

— Zamudio?

— Danubio. Fabián Danubio.

— Alô?

— Está me ouvindo?

— Olha... Eu tenho problemas de audição...

“Não me diga”, pensou Fabián.

— ... E, para mim, é difícil falar por telefone. Não sei qual é o assunto, mas estou no hospital Tornú todos os dias...

— Posso encontrá-lo aí?

— Se você vier, podemos conversar.

— Está bem!

— Nem sei por que tenho celular, se não escuto nada...

— Então procuro o senhor aí!

— É um presente da minha filha. Percebo que toca porque o programaram para vibrar...

O hospital de Agudos Tornú tinha a mesma cor amarelada que Fabián encontrou nas folhas do relatório. Localizou Livedisky em um pátio interno, enquanto o atravessava a grandes passadas, esquivando-se de alguns bancos de cimento. Quando se aproximou, Livedisky o reconheceu, pediu para esperar com a mão aberta e ajustou um aparelho rosado que tinha atrás de uma orelha.

— Desculpe pelo vexame de antes — disse. — Minha capacidade auditiva diminuiu consideravelmente nos últimos cinco anos. O tempo é muito cruel.

Sentaram-se na cantina do hospital com copos de café que Livedisky pegou de uma máquina automática.

— Então, o relatório não está anexado. Não me surpreende nem um pouco — disse o médico, enquanto bebia o café quente em pequenos goles. — O que fez seu advogado?

— Não tenho advogado — respondeu Fabián, falando devagar, como Livedisky pedira.

— Deveria ter um. Teria ajudado.

— Talvez. Por que não se surpreende que falte seu relatório?

— Porque há muitos relatórios que se perdem. O tempo todo. E nem sempre por má intenção. Às vezes, por desleixo, por erros.

— E neste caso foi por quê?

— Não sei. Eu sou apenas um médico aposentado e meio surdo. Continuo trabalhando no hospital para continuar ativo.

— Você se lembra desse relatório?

— Escuto mal, mas me lembro muito bem. O cadáver da moça peruana, na hospedaria.

— Isso aí.

— Tudo muito sujo, muito pouco claro. Três tiros. Dois nas têmporas. Um na nuca. Lesões no rosto.

— Sabe que essas lesões são parecidas com as do corpo de Doberti?

— Não sabia. Isso não saiu nos jornais?

— Não quiseram dizer.

— Porque Silva estava no assunto. Deve-se zelar pela memória dos mortos...

— Eu me preocupo com uma pessoa que poderia estar viva: minha filha.

— Decidiu seguir com isso sozinho.

— Sim.

— Eu faria o mesmo.

— Vai me ajudar?

Livedisky tomou outro gole de café e ajustou o aparelho auditivo.

— O que diz o relatório de Doberti?

Fabián o havia levado e o entregou a ele. Livedisky o folheou devagar.

— São claramente os mesmos tipos de lesões. Só que, em uma vítima, depois, deram tiros e, na outra, não. Interessante.

— O assassino de Cecilia é o assassino de Doberti?

— Não saberia te dizer. Mas estou certo de que mataram os dois com o mesmo instrumento.

— Não entendi.

— Está evidente! As lacerações no rosto. Oito. A punção na base do crânio, de mesma longitude.

— O assassino feriu as vítimas na nuca e depois machucou o rosto delas?

— As lacerações e a punção ocorreram ao mesmo tempo. Isso foi concluído pelos resíduos de sangue. Não sei como seria, mas imagino que, ao mesmo tempo que algumas peças agarram o rosto... — Livedisky fez um gesto com a mão, abrindo-a como uma garra. — Elas cravam o punhal na nuca. Não parece isso?

Um estremecimento percorreu todo o corpo de Fabián. Que tipo de pessoa Doberti enfrentou? Se é que teve tempo de fazer isso.

— Vamos ver se o garoto novo fez os deveres... Sim, aqui está. Nesses anos todos, a área forense avançou muito. Está vendo? Micropartículas de cobre e estanho nas lesões.

— O que é isso?

— Certamente, são partículas que se desprenderam da arma do assassino. Na ocasião, me chamaram a atenção.

— Por quê?

— Não são comuns em arma branca.

— Não entendi — disse Fabián outra vez.

— A maioria das armas brancas é de ferro ou aço. Mas o cobre e o estanho dão a liga que resulta no bronze. A arma assassina foi fabricada em bronze. É algo raro.

Fabián entrou atropeladamente em casa, ligou o computador, abriu o Google e digitou a palavra “bronze”. Bendita seja a era da informação!

Bronze: liga metálica de cobre e estanho em que o primeiro consiste em sua base e o segundo aparece em uma proporção entre 3% e 20%.

Ficou lendo por um bom tempo. A famosa Idade do Bronze. As diversas proporções. O bronze com arsênio. O bronze com cobalto para joias. O bronze para sinos. A técnica de fundição de cera perdida. Também soube da verdade universal de que as medalhas de bronze premiam o terceiro colocado nas competições esportivas; que, em várias culturas ocidentais, os oito anos de casamento são as bodas de bronze; e que é ele o oitavo nível na progressão da zarabatana esportiva. O número oito repetia-se. Coincidência?

Às duas horas, levantou a vista embaçada da tela. Desligou o PC e se recostou no sofá.

Não sabia como tinha ido parar naquele mundo de bronze que ressoava em sua cabeça.

Recapitulou. Doberti tinha em sua mão uma aranha de bronze, igual à que encontrou na maleta de Moira. Então...

Por um instante, tudo entrou absurdamente em colapso. Uma parte questionadora do seu cérebro acabava de gritar uma obviedade para ele: Moira tinha na maleta duas aranhas de bronze. Doberti tinha as coisas de Moira no escritório. Com seu costume de brincar com objetos, levou uma. Na noite em que entrou na casa de Silva, ficou nervoso e a agarrou, morrendo com ela na mão. E fazia quase duas semanas que o idiota do Fabián Danubio seguia uma pista falsa.

“Não”, respondeu outra parte de sua cabeça. “Confie em Doberti, confie que as coisas possam ter um sentido.”

Voltou a fazer associações. Oito lesões no rosto. As aranhas têm oito patas. A teia de aranha de oito lados. Oito anos, as bodas de bronze...

Voltou a ler sobre as diversas proporções dos elementos das ligas, com as quais se obtinha bronze de diferentes maleabilidades e resistências.

Releu o relatório forense. O perito anotou a composição das partículas obtidas das lesões de Doberti:

COMPOSIÇÃO (PORCENTAGENS)

Cobre (Cu): 60% – estanho (Sn): 24% – zinco (Zn): 9% – chumbo (Pb): 4% – ferro (Fe): 2% – arsênio (As): 0,5% – antimônio (Sb): 0,5%

Fabián copiou os valores em uma folha e guardou-a na carteira. Depois, pegou a aranha no bolso da calça. Agora, ele a leva a todos os lugares, como um amuleto adormecido a esperar a invocação adequada para voltar a ser ativado.

Chegou outra sexta-feira de partida de vôlei. Jogaram em casa contra o Ballester e perderam de 3 a 2, depois de um jogo vibrante e emocionante, sobretudo para os que ganharam. A noite completou-se com uma reunião na casa de Puma Galván. Fabián conversava com Russo em seu carro. Em setembro, já havia dias de calor, mas de vez em quando o frio contra-atacava, lembrando que daria o troco.

— Você não tinha um primo que era técnico em Química? — perguntou Fabián, enquanto avançava pela avenida San Martín para os lados da Juan B. Justo.

— Isso mesmo. Por quê?

— Talvez precise dele.

Russo inclinou-se para a frente com a cabeça imóvel, mas os olhos inquietos.

— É por causa da morte de seu amigo?

— Sim.

— Cuidado, Fabián.

— Não é nada.

— Seu amigo Doberti não diria o mesmo.

Fabián estacionou o carro a meio quarteirão do cruzamento da Gaona com a San Martín.

Desligou o motor. Nenhum dos dois saiu do automóvel.

— Há algo que pode ser importante — disse Fabián. — Não estou certo.

— Mas pode ser perigoso.

— Talvez. Em meu lugar, o que você faria?

— Não gosto do jogo de se pôr no lugar do outro — disse Russo. — Você me colocou em uma armadilha, porque sabe que

faria o mesmo que você. Mas o problema é que não estou em seu lugar. Estou aqui, sentado neste lado do carro. E daqui te digo: cuidado. Desde que começou tudo isso, não falamos sobre ele. Ou melhor, você não quis falar.

Fez-se um silêncio. Fabián não sabia o que responder.

— Melhor irmos — disse Russo. Nunca se rebaixava sustentando uma conversa quando o outro não queria ou não conseguia iniciá-la.

Andaram até a casa onde Puma morava. O frio obrigou Fabián a travar a mandíbula para que os dentes não tremessem. Russo abotoou o casaco e apressou o passo.

— A única coisa que espero é que Puma não passe de novo aquele DVD que dá sono do show do Mike Oldfield — disse.

Fabián riu.

— Qual é a graça? — perguntou Sergio.

— Nada. Por um momento, pensei que fosse me contar uma dessas histórias em que um rabino torce o nariz para o outro ou lhe joga sopa.

— Já não contamos essas histórias — disse Russo. — Tudo piorou. Agora, já não torcem nariz para você. Agora, quase dão um soco na sua cara.

Puma Galván era um ferrenho colecionador de DVDs de música. Colocara um telhado e fechara o terraço de sua casa para transformar o espaço em uma sala de ginástica onde sua esposa pudesse ter aulas de pilates. Mas o lugar também funcionava como um auditório ou minicinema. Um projetor preso no teto lançava imagens em uma tela de bom tamanho. Enquanto comiam aperitivos, pizza ou sorvete de sobremesa, Puma fazia sua cuidadosa seleção musical. Todos podiam levar suas coisas, teoricamente, mas nunca ninguém levava, então impunham-se os gostos de Puma, que eram variados. Iam de Pink Floyd a Jean-Michel Jarré. Uma vez, López-López sugeriu passar filmes pornô dos anos 1980 e todos olharam para ele de uma tal maneira que não voltou a mencionar o assunto. Uma vez, Vasco levou a coleção completa de *Agente 86*, mas eram cópias, e as caixas não tinham informações. Assim, passaram horas tentando

localizar o capítulo especial do crime no barco, ao qual todos chamavam de “o capítulo do clip-clop”. Naquela noite, Puma pôs um show de Eric Clapton que servia de fundo às conversas.

Em geral, depois de uma da manhã, os olhos já pesados demoravam-se na tela e a conversa diminuía até se fazer esporádica e apagada. Quando parecia que tudo morria, Puma fazia sempre o mesmo: fazia um comentário sobre a partida perdida, recebia uma resposta, iniciava-se uma reação em cadeia, alguém baixava o volume da música e terminava-se falando sobre o terrível destino de não conseguirem passar da metade da tabela de classificação.

— As outras equipes não são superiores, exceto as duas que lideram o campeonato — explicou Puma. — Somos iguais às restantes.

— Iguais é o cacete! — disse López-López, grosso como de costume. — Os Ballester perdem até quando jogam contra o espelho. Não podemos jogar tão mal. Somos horríveis.

— Assumo minha responsabilidade desta vez — disse Fabián. — As bolas chegaram bem para mim, mas bloquearam tudo o que armei no quinto set.

— É porque não usou bem a visão periférica — disse Julito. — Se o armador não usa a visão periférica, não consegue entender o jogo e não consegue prever os movimentos dos adversários.

Com determinante frase, ficou selado o universo temático da noite. Tomaram uísque, alguns fumaram charutos, e foram embora. Depois de deixar Russo em casa, não sem antes responder amenidades a respeito de Celia, Fabián teve outro de seus rompantes de trânsito noturno e tocou para a avenida Rivadavia. Por um momento, quis ligar para Blanco, mas logo mudou de ideia. Estava buscando pretextos para não ficar sozinho, porque isso significava ter que pensar. E pensar ia levá-lo inevitavelmente ao mesmo terreno.

Estacionou o carro na Caracas com Rivadavia e andou até a banca de jornal que abria toda as noites. Comprou uma revista de música e a folheou abstraído, preocupado, porque não reconheceu nenhuma banda na seção de crítica musical. Nove anos atrás, estava bastante atualizado, mas agora o avanço

cultural passara por cima dele. Deixou a revista de lado e ficou sentado em silêncio. Não conseguia tirar da cabeça a tal da “visão periférica”. Perguntou a si mesmo se, por acaso, nesta história toda da vida, não lhe teria faltado aplicar tal visão.

Estava vendo todo o campo de jogo? Estava deixando escapar algo do acaso, em um ponto cego que, tragicamente, o impedia de chegar à verdade?

6

Em várias mesas do bar La Ópera, havia gente que parecia de alguma convenção improvisada, falando em voz bastante alta, típica dos políticos e dos pastores. Fabián afastou-se deles e sentou-se perto de uma janela que dava para a Corrientes.

Sánchez surgiu à sua frente sem nenhum aviso. Era magricela, e seu pomo de adão tão proeminente dava a ele um aspecto de abutre de desenho animado.

— Não tenho muito tempo — disse a Fabián, enquanto se sentava.

— Nem eu.

— Qual é o assunto?

— Suquía me disse que você pode conseguir para mim um dos objetos pessoais de Doberti.

— Suquía não sabe de nada. Te disse errado. Que objeto pessoal?

— Uma aranha de bronze.

— Não. Esquece. Como quer que eu consiga isso para você? Disse uma aranha?

— Consegue ou não?

— Não. Muito arriscado.

Sánchez pensava enquanto falava.

— Muito arriscado — repetiu. — Você tem que ir até a esquina do escritório da Polícia Científica. Eu levo o objeto, você vê e, depois, devolvo. Cinco mil.

— Cinco mil?

— Menos que isso, não.

Fabián olhou para ele em silêncio. De repente, sentiu a necessidade urgente de dar um soco no meio da cara de Sánchez.

— Vamos fazer outra coisa — propôs Fabián. — Vá até onde estiver a aranha e raspe o bronze dela.

— Como?

— É bem simples: preciso que, com uma faca, uma navalha, qualquer coisa, tire dessa aranha partículas de bronze. E que ponha em um saquinho e me traga. Não preciso da aranha toda.

— Não sei. É estranho.

— Mas é mais fácil.

— O preço não muda.

— Você vai fazer isso, e eu não vou te pagar um só peso.

Sánchez não se atreveu a responder.

— Se não fizer o que estou te falando, vou agora mesmo no Beltrán e conto a história da arma de Silva — prosseguiu Fabián.

— E a dos quatro mil que cobrou de Doberti por isso. Conto tudo a ele e foda-se. Não me importo. Se me trazer o que estou pedindo, isso fica entre nós.

Julia dera a ele a informação dos quatro mil. Na época, ela discutiu com Doberti por causa da transação. Além disso, Doberti deixou anotado em seu livreto de pagamentos.

— Eu também estou metido nisso — disse Fabián. — Há informações que não passei para a polícia. Mas o que eles vão fazer comigo? Vão me repreender e dizer para não fazer mais. O seu caso é mais sério. Vão te expulsar da polícia e te processar.

Durante vários segundos, Sánchez não disse nada. Seu rosto, como uma dura máscara, não mostrava vida. Finalmente, falou.

— Amanhã, a esta mesma hora, nesta mesma mesa — disse. Levantou-se e foi embora.

No outro dia, Fabián estava em frente à mesma janela. Sánchez apareceu, silencioso e sombrio. Apesar da iluminação amarelada do lugar, levava a escuridão consigo. Passou pela mesa onde estava Fabián e, sem parar, deixou sobre ela uma pequena bolsinha de náilon. Dentro, havia um pozinho dourado quase invisível.

O laboratório em que trabalhava Claudio Menakier, o amigo de Sergio, ficava na rua Jonte e, com rigorosa lógica, chamava-se “Laboratórios Jonte”. Nem bem viu a letra “J” de neon, apagada e suja, Fabián lembrou que, quando era pequeno, uma vez o levaram ali para tirar sangue. Lembrou também que escapara do médico que tentava furar seu dedo e que seu pai o levantou, traidor, quando estava chegando à escada de saída.

Em uma salinha de luz branca e fria, Menakier, com seu rosto pálido e cheio de sardas, como se uma cara de bebê tivesse sido implantada em um corpo de adulto, olhou intrigado a aranha dourada que descansava na mesa, junto à bolsinha de náilon.

— Preciso que analise tanto o bronze da aranha como o que está dentro da bolsinha — disse Fabián.

— Analisar como?

— Seus componentes. É bronze. Então, tem que ter cobre e estanho, pelo menos. Quero saber que outros elementos tem e em que proporção. — Fabián maravilhou-se com o jargão técnico obtido graças à internet.

Menakier levantou a aranha da mesa e sopesou a bolsinha.

— Que mistério! — disse. — Parece algo arqueológico.

— Não tem nada a ver com isso — disse Fabián.

— Eu sei. Sergio me avisou.

— Então te disse que o que você descobrir não sai daqui.

— Sim, também.

Fabián ficou muito ocupado durante dois ou três dias na obra. Era a ampliação de uma casa em Belgrano R para transformá-la em jardim de infância. Havia duas equipes diferentes, uma de operários paraguaios no andar térreo e outra de argentinos no primeiro andar. A concorrência e a tensão aumentavam, e Fabián era quem segurava tudo para não explodir. Além disso, a dona do jardim de infância era uma mulher de personalidade forte e estava disposta a fazer com que ninguém lhe passasse para trás. Era ela contra um mundo de homens brancos e acostumados ao cheiro do cimento nas mãos. Fabián encaixou-se facilmente no papel de mediador entre a mulher e os pedreiros. As discussões constantes estavam começando a fundir sua cabeça. Nem bem terminava, ia ao Barolo. Já era frequentador do prédio e até Soria, o duvidoso advogado que travou tantas escaramuças verbais com Doberti, cumprimentava-o quando o via.

Na quinta-feira à tarde, ligou para Menakier. Fabián anotou com cuidado os resultados enquanto o químico os ditava:

Aranha de bronze de Moira:

Cobre: 56% – estanho: 26% – zinco: 10% – chumbo: 3% – ferro: 3% – arsênio: 1% – antimônio: 1%

Aranha de bronze de Doberti:

Cobre: 57% – estanho: 28% – zinco: 7% – chumbo: 2% – ferro: 4% – arsênio: 1% – antimônio: 1%

Aranha de bronze com a qual mataram Cecilia e Doberti:

Cobre: 60% – estanho: 24% – zinco: 9% – chumbo: 4% – ferro: 2% – arsênio: 0,5% – antimônio: 0,5%

Havia variações mínimas de porcentagens, mas o resultado coincidia bastante. Fabián leu várias vezes todas as tabelas. A composição daquele bronze era a mesma.

Qual era a hipótese? Doberti tinha encontrado uma aranha de bronze na casa de Silva e a escondeu na mão na hora de morrer. Entre as coisas de Moira, havia outra aranha igual. Agora, o que Fabián estava adicionando à equação era que uma arma assassina (indefinível no momento) foi fabricada com o mesmo bronze.

Aquela liga tinha muitas coincidências. Por acaso podia ser tão particular quanto a assinatura de um autor, como uma impressão digital?

Pegou a lista telefônica e procurou fundições de bronze. Havia mais de quarenta entre a capital e a Grande Buenos Aires. Começou a sentir-se vagamente ridículo. Tinha que visitar quarenta fundições de bronze até descobrir outra aranha de bronze?

— Ou seja... — disse o Russo — Acha que o sujeito que fez tudo isso trabalha em uma fundição de bronze?

Estavam fazendo treino de bola no ginásio do clube, só os dois.

— É uma hipótese — respondeu Fabián, que havia se acostumado ao uso reiterado da palavra. Levantou uma bola e Russo cortou. Fabián defendeu de manchete, devolvendo-a a Russo e reiniciando um circuito interminável e hipnótico.

— E o que vai fazer?

— Vou a todas as fundições de bronze com a aranha perguntando: “Você fabricou isto e, nas horas vagas, sequestra meninas de quatro anos?”.

Russo parou com a brincadeira e olhou-o fixamente.

— Que humor peculiar você tem às vezes...

— O que quer que eu diga?

Continuaram treinando um pouco mais. Depois, pararam e ficaram ao lado da quadra.

— Você não pode ir às fundições de bronze.

— Por quê?

— O assassino te reconheceria.

— Bom... eu entro. Aí, se o cara ficar nervoso quando olhar para mim, é o assassino. Senão, vou disfarçado com chapéu e barba.

— Me desculpe, mas isso não é muito infantil?

Fabián riu, descansando a cabeça sobre seu próprio peito agitado.

— O que quer que eu faça? Há dois dias que não durmo por causa disso.

— Me deixa ver a lista.

Dividiram entre eles as fundições de bronze. Quatro dias depois, falaram por telefone.

— Fui a doze — disse Russo.

— E eu, a dez.

— Ganhei de você.

Fabián ficou comovido.

Não viram nada parecido com a aranha. Em geral, eram todos trabalhos mais grosseiros, mais toscos. A aranha era claramente o trabalho de um ourives ou algo parecido. Nas fundições de bronze em que estiveram, faziam placas para cemitérios, troféus de torneios de futebol.

— Parece perda de tempo — disse Russo.

— Obrigado assim mesmo.

— Ainda restam oito fundições de bronze na lista.

— Vá com calma.

— Não consigo. Este trabalho de detetive me entusiasma. Estou me especializando cada vez mais nas técnicas de fundição. Jogo o pretexto de que estou fazendo uma apuração jornalística sobre os artesãos do bronze.

— Muito astuto, você.

— E que desculpa você dá?

— Que estou escrevendo um romance policial — disse Fabián.

Comprou enfeites de bronze em várias fundições e entregou a Menakier para que ele as analisasse. A composição não coincidia com o que procurava. As porcentagens de cobre e estanho eram parecidas, mas acabava aí a semelhança. O mais notório era que em nenhuma das peças compradas havia chumbo, arsênio e antimônio.

A fundição de bronze Acuña Hermanos quase completava sua lista. Estava escondida entre uma oficina mecânica e um galpão onde se vendiam rolos de mantas de impermeabilização para coberturas. Em um salão inóspito, exibiam-se placas funerárias, cruzes, ferragens, troféus para concursos desconhecidos, sinos, enfeites em formas de animal e brasões já sem brilho. A maioria das peças à vista tivera, à sua época, um dourado chamativo e orgulhoso, mas o resplendor se apagava a cada segundo.

Carlos Acuña não tinha o dedo do meio da mão direita. Ficava para a imaginação de Fabián reproduzir as circunstâncias que levaram a essa perda. Quando viu que os filhos dele trabalhavam no local, e viu também duas mulheres com netos nos braços, descartou toda possível suspeita. De qualquer maneira, já pensava que a busca pelas fundições de bronze não ia dar resultado nenhum.

Acuña mostrou a oficina, os moldes de cerâmica, de cera perdida, o incrível forno onde se fundia o bronze a mais de mil graus centígrados. Os enormes alicates com os quais tiravam o bronze fundido pronto para verter no molde. Fabián sentiu que estava enganando o artesão, crédulo e entusiasmado, que lhe mostrava seu mundo com ingênua dedicação. Pareceu que o processo de criação de uma peça de bronze era complicadíssimo e interminável, mas sabia que era uma impressão causada pelo

desconhecimento do ofício. Acuña explicava tudo a ele e parecia um menino mostrando a um amigo sua coleção de figurinhas.

Quando estava para ir embora, a conversa descambou para as ligas de metais com o bronze.

— Há ligas muito específicas ou todos fazem a mesma “receita”? — perguntou Fabián.

— Em geral, usam a mesma, mas depende do que se fabrica. Alguns adicionam mais chumbo.

Fabián tirou da carteira as porcentagens que tinha anotadas e mostrou para Acuña. O homem sorriu como se saudasse algo esquecido havia tempos e que voltava inesperadamente.

— Isso é Kane — disse, com os olhos brilhantes.

— Como? — perguntou Fabián.

— Uma liga muito antiga — explicou Acuña. — Chama-se Kara Kane. Era usada no Japão em sinos e em ourivesaria e, depois, os escultores da Europa começaram a usar. É muito claro, está vendo? Eles juntam o arsênio e o antimônio para que o bronze seja mais maleável e permita melhor detalhamento.

— E alguém poderia usá-lo aqui?

— Creio que não. O arsênio é muito tóxico. Requer muito cuidado. Na verdade, fazer o bronze assim é quase como ser um alquimista. Ninguém faz mais isso. A não ser que haja algum escultor, algum artista, que continue usando.

Algum artista.

— Espero que tenha servido o que eu disse.

— Bastante.

— Quando sai o romance que está escrevendo?

— Não sei. Preciso ver com o editor.

— Tomara que fique pronto logo. Me manda um exemplar?

O passo seguinte de sua busca foi em casa, porque no escritório do Barolo não havia acesso à internet. Mas não conseguiu bons resultados. No Google, o tópico “artesãos de bronze” indicava resultados da Espanha. Começou a ficar angustiado quando sua mente desenfreada se catapultava para os múltiplos destinos possíveis de Moira, mas logo se lembrava de que Doberti fora assassinado em Buenos Aires, a menos de meia hora de

distância de sua casa. Adicionou “Argentina” à busca e o panorama não melhorou. O pessoal que fazia artesanato em bronze parecia uma sociedade secreta com o dom da invisibilidade. Conseguiu localizar, no entanto, um professor de escultura que tinha ateliê em Parque Patricios e uma escultora que fazia trabalhos para o mundo todo. Russo visitou o professor e Fabián ficou de ver a mulher, de sessenta anos muito bem-vividos e uma vida itinerante pelo mundo todo, que havia quatro anos fincara âncora na Argentina. Fingindo ser um possível comprador, teve uma interessante conversa, a qual decidiu deixar de lado quando o assunto começou a resvalar para a metafísica hindu.

O encontro de Russo não teve um destino diferente. Participou como ouvinte de uma aula de escultura e sentou-se durante meia hora em um almofadão de penas que o fez espirrar. Comprovou rapidamente que o suposto ateliê de escultura era um pretexto para um grupo de terapia camuflado. Por fim, conseguiu argumentar que sua condição de judeu dava à sua existência angústia e introspecção suficientes para lhe agregar mais do mesmo, mas do ponto de vista freudiano ou lacaniano. Aproveitou a desorientação geral para escapar.

Três semanas depois de ter organizado as primeiras listas das fundições de bronze, Fabián estava outra vez imobilizado em sua pesquisa. Tudo parecia ser como o efêmero desenho feito na areia da praia. A um displicente movimento do mar, desaparecia.

7

O time de vôlei jogou a última partida do campeonato e ganhou. Ao contrário do pessimismo nato de López-López, terminaram em quinto no grupo de doze. Para uma equipe sem reservas e com camisas inspiradas em um herói de quadrinho, nada mal. Foram jantar em um restaurante da avenida Gaona e, depois, Fabián e Russo foram a um café perto da praça Irlanda. Era um lugar que, de dia, ficava cheio de moleques do colégio Vieytes e, de noite, era frequentado por prostitutas discretas. Sentaram-se e fizeram um balanço da investigação que os deprimiu bastante.

— O que fazer... — disse Russo, sorvendo o café com leite que insolitamente tinha pedido. — Tenho certeza de que tinha um conto judeu para essa situação, mas não consigo lembrar agora.

Fabián observou os jacarandás que cresciam na praça, os quais, com a iluminação noturna, mostravam uma cor anômala.

— Muitas vezes, senti que era o fim de tudo. E depois surgia algo. Tenho que descansar a cabeça um pouco.

— Eu tinha um professor de Física no Ensino Médio... — disse Russo. — Era um general, terrível, mas um bom sujeito, no geral. Às vezes, era meio sádico, porque nos trazia problemas que ele passava aos alunos de Engenharia e, para nós, eram impossíveis de resolver. Às vezes, nos contava de problemas de Física que nem ele conseguia solucionar. E nos dizia que, quando estivéssemos travados, tínhamos que sair e andar por uma praça ou olhar vitrines, ou entrar em uma livraria e olhar capas de livros. Dizia que uma parte da mente descansava com a distração, mas a outra parte continuava pensando, trabalhando. E, de repente, o problema se destravava.

— Pode ser.

— Talvez deixar de pensar um pouco seja bom para você. Experimenta caminhar.

— Não gosto.

— Vá olhar livros.

— Na última vez em que fiz isso, depois fiquei bêbado e você me levantou do chão.

— Foi bom, né? Serviu para reencontrar os amigos.

— É verdade.

— E, se isso não te servir, sei lá... dê uma boa trepada.

— Não sei se isso seria mais efetivo, mas gosto mais.

— Falando disso... Quando vai convidar Celia para sair?

— Ela ainda se lembra de mim?

— É uma moça muito boa, mas um pouco solitária. Por isso, deve gostar de você.

— Não consigo agora.

— Vamos, seu mané.

— Quando me livrar um pouco de tudo.

— E quando vai ser isso?

Fabián não soube responder.

Quando chegou em casa, encontrou na secretária eletrônica uma mensagem de Carreras. Fazia mais de um ano que não o via. A voz de Carreras parecia tremida. Dizia que precisava falar com ele porque estava passando por um momento delicado e sabia que podia ouvi-lo. Fabián sentiu-se abatido pela possibilidade de se encontrar com Carreras. Não estava para servir de ouvido amigo. Porém, mais tarde, antes de dormir, pensou melhor e decidiu que ligaria para ele.

Estava tomando uma decisão-chave, mas não sabia.

Ouviu Carreras durante um bom tempo. Tinha se separado da esposa e agora se sentia mal porque o atual companheiro de sua ex parecia um ser perfeito, enviado para substituí-lo, inclusive com relação a seus filhos.

— Imagina... Aos seis meses de separados, me diz que conheceu alguém. Seis meses. Ainda não tinha saído o divórcio. Poderia processá-la por infidelidade.

— Mas não processou.

— Não. Por meus filhos. A questão é que faz dois meses que ela mora na casa em que eu construí, com o namorado dez anos mais novo e com meus filhos. E eu dou dinheiro para ela à noite

alugar um DVD para meus filhos e depois transar com o namorado na cama que eu desenhei!

— Para com essa loucura...

— Eu acho que ela me traiu quando ainda estávamos juntos.

— Por que diz isso? Não parece que Mariana faria algo assim.

— Eu já não sei em que pensar. Sinto que tudo é... uma grande injustiça. Não vou dizer para você que estávamos bem. Fizemos terapia de casal um ano todo... E, quando não deu mais, decidimos... Mas não esperava isso. Sinto como se tivessem me deslocado de minha vida normal. Não tenho esposa e estou perdendo meus filhos para um desconhecido.

— Não está perdendo...

— É como se ela tivesse me trocado por um modelo melhor. Um sujeito que tem mais tempo porque trabalha só quatro dias na semana em não sei que empresa de merda do Centro, que não teve filhos e quer ter, que recebe uma menina de dez e um garotinho de oito já criados em seus anos mais complicados e, além disso, sabe jogar Playstation com eles.

— E, além disso, tem uma pica o dobro da sua.

— Certamente. E não toma Viagra.

Estavam em um bar de Palermo, um de tantos que se multiplicaram pela região nos últimos anos. Era um local pequeno, nas outras mesas não havia ninguém e o garçom, de cabelo rastafári e camisa com a cara da Marlene Dietrich, olhava-os como que implorando silenciosamente para que pagassem e fossem embora.

— Mas não é piada — disse Carreras. — É uma sacanagem perversa que estão fazendo comigo. — Girou o copo vazio, levantou-o da mesa e percebeu que já não tinha nada nele para tomar. — Eu sei que conto isso e você se escangalha de rir. Com o que te aconteceu, deve parecer uma besteira para você.

— Cada um sofre de um jeito.

— É verdade. Mas, faz uns dias, a angústia foi tão grande que... não sei.

Carreras voltou a olhar para o fundo de seu copo vazio, como que buscando um papelzinho escondido com as palavras secretas e salvadoras.

— Ontem à noite, estava sozinho — continuou. — Ela foi a Mendoza com o cara e com os meninos, entende? Uma viagem pela promoção no trabalho desse filho da puta. Me matei pensando nos moleques com ele, brincando na neve. E, claro, já são uma família. Senti um cansaço tão, tão grande, que não vai acreditar, mas pensei em... em fazer algo escroto. Assim... Pensei em... em acabar com tudo.

— E por que não fez isso?

— Não sei. Porque sou um cagão.

Fabián começou a falar. Contou sobre seu próprio momento, em que esteve a ponto de fazer algo sem retorno. Enquanto falava, deu-se conta de que não tinha certeza de que Doberti salvara sua vida com sua ligação. Nunca teria engolido as pílulas, e agora sabia disso. Olharia um pouco mais a etiqueta do frasco e logo o teria deixado de novo no armário do banheiro. Faria isso porque tinha que terminar algo não concluído, que era encontrar sua filha. E isso não anulava o valor do surgimento de Doberti, mas agora Fabián sentia que ele o convocara, de algum modo, para interromper um destino que Fabián também não queria para si mesmo. Falou disso e de outras coisas a Carreras. Sabia que precisava falar assim com ele porque devia tirá-lo dessa armadilha, assim como Doberti antes entrou em seu caminho para ajudá-lo.

Quando acabou de falar, Carreras assentia com a cabeça repetidamente, com os olhos úmidos, com as mãos sobre a mesa. Na mão esquerda, via-se sua aliança de casamento. Fabián nunca teve uma. Uma vez planejou se casar com Lila. Sempre é mais tarde do que se imagina.

Eram três da manhã e o rastafári estava afundado em seu tamborete, resignado. Chegou a hora de pagar. Fabián tirou do bolso de seu casaco a carteira e, junto, saiu a aranha, que caiu sobre a mesa, tilintando.

— O que é isso? — perguntou Carreras. — Que bonita!

— Uma lembrança de Moira — disse Fabián. Os reflexos dourados fizeram seus olhos doerem. Carreras pegou a aranha e a examinou.

— É igual à do museu — disse.

— Que museu? — perguntou Fabián. E imediatamente sua boca secou. Porque sabia.

Sabia exatamente de que museu Carreras estava falando. Lembrou quando Carreras pronunciou a palavra: museu. Por alguma razão, todo esse tempo não tinha conseguido fazer a conexão. Quando Carreras disse o nome do museu, Fabián pronunciou-o ao mesmo tempo.

— O museu do Parque Centenário — disseram.

— O de Ciências Naturais — acrescentou Fabián.

— Claro! A aranha da porta de entrada... São idênticas!

Fabián fez algo que o condenaria a receber, durante os próximos anos, descontroladas e constrangedoras demonstrações de afeto de Carreras: levantou-se da mesa e o abraçou.

Chegou ao museu às quatro da madrugada. Aproximou-se do pé da escadaria que conduzia à porta de entrada do prédio. Duas aranhas douradas de uns oitenta centímetros de largura, octogonais, estavam esculpidas nas portas pretas de ferro. A luz dos postes do parque cintilava nelas como se estivessem mergulhadas em água de cor âmbar. Fabián pegou sua aranha e comparou-as. Eram absolutamente iguais em todos os detalhes, salvo o tamanho.

Fabián nunca levava Moira ao museu, mas lembrava que Lila, sim, fora várias vezes. Outra das saídas que nunca compartilhara com elas. Fazia uns vinte anos desde a última vez estivera naquele lugar. Mas as aranhas da porta ficaram todo o tempo em alguma parte de sua memória.

Não viu ninguém por perto. A cinquenta metros, um casalzinho jovem ria sentado no meio-fio da calçada, e mais perto um idoso falava sozinho e revirava um tacho de lixo. Começou a subir a escadaria. O prédio do museu não parecia algo concreto sob a luz da noite, algo pertencente ao mundo real. Parecia um cenário cinematográfico de um caprichoso diretor de arte. Colunatas neodóricas abriam espaço entre os tijolos de terracota. Entre frisos romanos, descobriam-se geometrias *art déco*. A mistura de estilos sugeria um universo paralelo onde a história havia se

desenvolvido de outra maneira. Fabián olhou as janelas superiores do prédio, guardadas por cariátides em forma de enormes corujas, que pareciam vir de cima enquanto se andava.

Em segundos, estava tocando as aranhas da porta. Em cada lado, havia uma, que parecia abraçar o ferro e guardar a entrada. A cabeça de cada aranha ficava na altura do peito de Fabián. Pegou a navalha Victorinox e a bolsinha de náilon e raspou o bronze até obter o fino pó dourado.

Começou a se afastar até a rua. O velho falador observava-o, mexendo os lábios, perguntando para ele algo secreto ao longo da noite.

Segunda-feira às oito da manhã, Fabián estava na porta do Laboratórios Jonte, esperando Menakier chegar, com tanta ansiedade quanto um viciado que espera seu traficante.

Duas horas depois, tinha os resultados.

As proporções coincidiam.

Fabián entrou em casa e telefonou para a obra para avisar que estava doente. Peralta, o mestre de obras, disse para ele se enfiar na cama e tomar uma cerveja. Fabián ficou sentado em uma cadeira da sala, que era a única coisa que conservara dos móveis de sua casa na época em que eram três. Tentou se manter focado, mas era muito difícil não se perder. A realidade de novo estava se curvando a um ângulo impossível, e tudo o que percebia a seu redor começava a ter a consistência de um papel de arroz finíssimo que, com um mínimo sopro, se quebra.

Voltou a pensar no museu. Em que ano tinha sido construído? Ligou o computador. O site do Museu de Ciências Naturais indicava 1937 como o ano de sua construção.

Mil novecentos e trinta e sete. Sentiu-se desfalecer diante do peso de uma distância de mais de setenta anos. Não fazia sentido. A liga de bronze coincidia como se fosse a dosagem de um cimento ou um concreto. Ou a receita de um molho. Pensar que a aranha de Moira e as da porta foram feitas pela mesma pessoa, ou no mesmo ateliê, era algo louco. Ou não?

O que tornava alguém um eficaz rastreador? Identificava o rastro que realmente servia, dissera Doberti, em um desses dias em que, milagrosamente, falava sério.

Essa era a pista que tinha. Era como tentar andar em cima de um raio de luar, mas era a única coisa de que dispunha.

Voltou nesse dia ao museu. Percorreu-o procurando algum outro adorno em bronze similar ao da aranha de entrada, mas parecia que o desconhecido escultor só tinha contribuído com aquela obra. Indicaram-lhe uma parte administrativa à qual o acesso era por uma portinha que ficava escondida pela sombra do esqueleto de um dinossauro. Uma mulher de quarenta anos e óculos quadrados mostrou-se incapaz de ajudá-lo. Recomendou-lhe ir à Biblioteca del Congreso. Fabián não lhe deu atenção. Meia hora depois, chegava à Sociedad Central de Arquitectos. A última vez que entrara na biblioteca de lá devia ter, pelo menos, quinze anos. Esperava encontrar na recepção a bibliotecária fria que o atendia mecanicamente durante seus anos de estudo, mas em seu lugar havia um homem com casaco de veludo e cabelo comprido, desarrumado e amarelado. Fabián mencionou o prédio que procurava e o homem verificou em seu computador. Entrou na sala de leitura envolto em recordações e nostalgia.

Entrou no Museu de Ciencias Naturales Bernardino Rivadavia, mas dessa vez através dos livros. Na obra de 1937, houve contribuições de vários escultores — Bigatti, Proietto, Rauch. Não se esclarecia qual deles fizera as aranhas. Recorreu à cronologia da construção do museu, transportando-se a uma época que lhe parecia tão estranha como se estivesse vislumbrando a forma de um país desconhecido. Lembrou que poucos anos separavam sua construção da do Edifício Barolo, o lugar que quase havia tomado como seu escritório de trabalho.

Consultou vários livros e continuava sem a certeza sobre o escultor que procurava. Mas tinha três nomes. Em uma publicação de Belas Artes, encontrou a resenha de uma exposição de escultores realizada em 1948.

Eram expostas várias obras, e entre elas havia uma *Recriação de Francesca e Paolo, sobre a Divina Comédia*. Autor: Ferdinand Rauch. Dados sobre o autor: reconhecido escultor nascido em

Praga em 1901 e emigrado à Argentina em 1922. Artesão e escultor, participou de diversas obras de nossa arquitetura, entre elas o Museu de Ciências Naturais Bernardino Rivadavia, para o qual contribuiu com suas régias aranhas de bronze que se encontram na entrada do estabelecimento.

Ferdinand Rauch. De novo, pediu ajuda ao bibliotecário, que dessa vez conseguiu cinco resultados. Eram todos de exposições de que Rauch participara. Em duas delas, havia fotos de algumas obras, e com uma, de uma mostra de 1946, ficou impressionado: eram três aranhas que pareciam flutuar dentro de uma teia que tomava a forma de uma esfera. Outra das esculturas era uma mulher que abria os braços em cruz, e seu cabelo comprido os cobria, derramando-se como chuva da ponta de seus dedos. Fabián não sabia quase nada de escultura. Como sempre, a que se interessava por isso era Lila, que tinha alguns livros, e uma vez se lembrava de ter falado com ela sobre Rodin. Mas lhe bastava o que havia visto de Rauch para se dar conta de que era muito bom.

Um escultor assim não podia não deixar o rastro de seus passos. Encontrou algo mais concreto. O Museu de Arte Decorativa exibia, na coleção permanente, uma peça sua. Chamava-se “Os irmãos”.

Chegou ao museu dez minutos antes do fechamento. Subiu até o primeiro andar e atravessou um vestíbulo com móveis japoneses, cruzou uma arcada e entrou em outro amplo salão onde havia várias estátuas em fileira ao longo das paredes. Reconheceu a obra de Rauch imediatamente, sobretudo pela cor. O bronze do artista tinha uma cor própria, como se a peça estivesse iluminada por dentro. Eram duas figuras, uma feminina e outra masculina, que se abraçavam em uma pose ambígua, supostamente de dois irmãos. As mãos dela abriam-se sobre as costas dele, os dedos tinham uma definição assombrosa, as cabeças estavam inclinadas e os rostos olhavam para cima, com os olhos cerrados, como se uma luz imprevista tivesse surpreendido seu abraço.

Fabián leu a plaquinha colada na base da estátua: “*Os irmãos*. Bronze fundido e patinado. 1961. Autor: Ferdinand Rauch. (1901, Praga-1976, Paraná).”

Pela primeira vez, obtinha o ano de sua morte. E o lugar.

Se a moça do hall de entrada não lembrasse Lila, não teria comprado o catálogo. E aí perderia outro dado importante. Mas, ao vê-la, ele parou, como tantos anos atrás fizera com Lila. Não era tão alta, e, se observasse bem, seu rosto era bastante diferente. Mas havia algo em seus movimentos e em seu porte que guardava grande semelhança. E a voz tinha um ar similar. Podia se passar por uma prima distante de Lila.

— Vocês têm informações sobre os autores das obras expostas? — perguntou a ela, tentando conter a voz tremida.

— Depende — disse a moça, batendo com uma caneta Bic preta no pequeno balcão do qual estava atrás. — De alguns, há mais dados que de outros. Está procurando o autor de que obra?

Fabián disse qual era. A moça (chamava-se Ana Román, dizia um crachá de plástico preso em sua blusa azul) abriu um livreto de folhas lustrosas e passou suas páginas. Seus olhos acinzentados percorreram as fotos do catálogo, até que se detiveram. Abriu mais o catálogo e o estendeu a Fabián. Havia um texto sobre Rauch, sem nenhuma foto dele; apenas da obra.

Mas o texto era mais extenso que o que estava impresso ao pé da estatueta. Fabián comprou o catálogo de Ana e despediu-se mirando mais uma vez seus olhos acinzentados. Era bastante parecida.

Mas não era Lila.

A biografia de Rauch não tinha muito mais informações, mas proporcionou um dado muito valioso: em 1952, Rauch deixou sua casa no bairro de San Telmo e foi viver na província de Entre Ríos, “nas imediações da cidade de Paraná”. A partir desse ano, Rauch enviava suas obras desse lugar. E acabou morrendo ali.

— Bom, pelo menos isso indica que Ferdinand Rauch não é nosso assassino — disse Russo, sentado no sofá de couro verde

que estava em frente à mesa de Doberti, no escritório do Barolo.
— Porque um assassino de 107 anos é coisa de ficção científica.

— Não me diga — respondeu Fabián. — Mas a arma que usaram em Cecilia e Doberti foi fabricada com a mesma mescla específica que Ferdinand Rauch usava.

— Um filho que herdou o ateliê?

— Sei lá.

Fabián levantou-se de seu assento e aproximou-se das janelas. Sanjulián cochilava no parapeito, sempre com um de seus olhos amarelados meio fechado. O entardecer incendiava nuvens para os lados da cúpula do Congresso e a luz do céu se desvanecia com rapidez, quase com crueldade.

— Liguei para que me liberem na obra. Vou para Entre Ríos amanhã.

Parecia que Russo ia dizer algo, mas mudou de opinião, e a vacilação fez que se engasgasse com saliva. Tossiu, encurvado sobre a mesa, e isso lhe deu tempo para pensar no que dizer a Fabián.

— Vai sozinho? — perguntou finalmente.

— Sim.

— Não acha que pode ser perigoso?

— Acho que vai ser uma viagem inútil.

— E se não for inútil? Se essa pista realmente te levar a quem está com Moira?

— Não vou levar ninguém comigo, Russo. Dessa vez, não. Você tem filhos.

— Não quer se sentir culpado caso aconteça algo a outra pessoa?

— Talvez. Mas também não quero que me aconteça algo. Quando chegar a algo claro, quando localizar alguém que esteja envolvido, aviso a polícia. Parece que sei o que procuro, mas não é tão simples assim. Preciso ir vendo como as coisas andam. Talvez fique fora uma semana, talvez um mês. Como vou pedir a você para vir comigo?

— Lembre-se do que aconteceu com Doberti.

— Me lembro perfeitamente. Vou por isso também.

— O quê? Vingança?

— Algo assim. Por que não?
— Parece alguém que já se rendeu, como um camicase.
— Camicase? Não acho. Quando penso que existe um cara lá que levou Moira, não tenho vontade de morrer, mas, sim, de matar.

Russo não disse nada.

Insistiu em deixar seu celular com ele, um dos dois que tinha. E lhe fez prometer que, se encontrasse algo primeiro, ligaria para a polícia e depois para ele. E que não ia tentar nenhuma coisa maluca. Fabián pediu que não dissesse nada aos rapazes do clube nem à sua esposa.

Desceram para a rua e Fabián acompanhou Russo até o metrô. Viu uma expressão muito séria em seu rosto e percebeu que o amigo não sabia como lidar com o momento.

Enquanto o via descer as escadas, pensou que, na próxima vez que o visse, para bem ou para mal, já não seria o mesmo. Isso também o fez pensar que sabia, quase com certeza, que encontraria alguma resposta na viagem.

Ligou para Julia e contou que ia viajar para fora a trabalho e que ela devia dar comida para o gato. Não tinha sentido contar-lhe a verdade. Depois de desligar o telefone, abriu a gaveta inferior da mesa e pegou a pistola Smith & Wesson de Doberti. Também encontrou uma caixinha com doze balas. Sopesou a arma na mão e descobriu que era pesada. Sentiu-se estranho enquanto a guardava na mochila. Acariciou Sanjulián, pôs comida em um pote e água no outro e baixou as persianas. Estava apagando as luzes quando o telefone tocou. Era Acuña, o da fundição de bronze.

— Me lembrei de uma coisa que parece interessante para seu livro.

— Diga-me.

— É sobre a liga de que falamos.

— Kara Kane.

— Essa. Outra razão pela qual já não se usa essa liga é pelo arsênio.

— É difícil de conseguir?

— Não. Não é por isso. Há uma lenda sobre o uso do arsênio na liga.

— Uma lenda?

— Sim, por isso me pareceu que ia interessar a você. Os antigos artesãos estavam convencidos de que o arsênio que se usava na fundição era aspirado pelo escultor e gradualmente ia afetando sua cabeça até levá-lo à loucura. Mas, claro, era uma lenda. Nada mais.

3 de novembro de 2008

Não conseguia dormir e fui com um lampião ao cemitério. Faz tempo que é meu lugar favorito, depois do ateliê e do Jardim, claro. Não tenho a sensação de que, debaixo do gramado, há mortos. Só percebo tranquilidade, o que, nesses dias, é uma bênção. Há várias lápides no cemitério e, de noite, a lua parece pintá-las com um frio brilho prateado. Os García estão debaixo do salgueiro. O túmulo do meu bisavô Alejo está quase apagado. Qualquer dia, tenho que verificar se Alejo foi realmente descendente do histórico Alejo García, sobrevivente da expedição de Solís, que se perdeu rio acima para procurar a cidade perdida de El Dorado.

Meu bisavô foi o construtor da fazenda. Dizem que estava senil e, até o fim de sua vida, dizia que o inimigo sempre estava às nossas portas, e que ele conhecia um caminho secreto para enganá-lo. Os peões criaram o mito de que seu antepassado da época da conquista conseguira encontrar o ouro branco do Peru e que parte dessa riqueza fora herdada pelos descendentes, o que significava que, em algum lugar da fazenda, havia um tesouro escondido, mas que o doido do velho esquecera a localização.

A esposa de Alejo, Matilde, jaz a seu lado. Reba me contou que, durante anos, todos os dias Matilde colocava seis rosas vermelhas, escuras como sangue, que pedia para trazer de Paraná, no túmulo de seu falecido esposo. Até que uma tarde, enquanto cumpria esse ritual, caiu morta ao lado do túmulo dele. Reba sempre foi uma romântica.

Depois, estão os do ramo paterno “da antiga Boêmia”, como meu avô costumava chamar esse lugar impreciso do qual tinha vindo. A vó Sofia, ou Sophie, faleceu três dias antes de eu nascer. E, ao lado, meu avô Ferdinand. Só convivi dez anos com ele, mas foi o suficiente. A ele, devo tudo o que sei sobre bronze. Todos se assombraram, e meu pai, mais que ninguém, com a

habilidade que rapidamente revelei ter. Meu avô deu-se conta logo de meu talento e me ensinou ardorosamente, como se soubesse que ia ter pouco tempo. Todos os dias, estava no ateliê com ele e absorvia o que me passava. Lembro desses momentos com um prazer difícil de superar por outra vivência desse tempo. O calor do ateliê deixava lá fora a umidade sombria do monte e me protegia, e meu avô me ensinava a modelar o bronze.

Mas não durou muito. Um dia, ao voltar da escola, enquanto já descia da lancha, vi minha mãe, que me esperava perto do atracadouro, chorando. Me abraçou com força afundando sua boca em meu cabelo, e dizendo palavras que eu não conseguia entender bem. Então vi os peões e o meu pai jogando o corpo do meu avô em uma maca improvisada. Nem sequer o cobriram, como se vê nos filmes, mas meu avô estava digno e inteiro, com os olhos fechados e calmos. Achei ter visto um leve gosto de satisfação no rosto de meu pai. Minha mãe tentou me segurar pelos ombros, mas saí correndo e me enfiei no ateliê.

Fiquei dois meses fazendo a estátua, até que, finalmente, sem que ninguém me visse, a coloquei ao lado de seu túmulo. Tinha um metro e meio de altura e representava meu avô, sentado, moldando uma figura em bronze. Meu avô tinha me falado e mostrado aquele quadro de Velázquez em que este pintor se retratava pintando, e isso me deu a ideia para a estátua dele. A escultura de um escultor, esculpindo. Dias depois, fomos com mamãe, Cordelia e Reba levar flores para ele. Nunca vou me esquecer do deslumbramento das mulheres ao descobrirem a estátua. As mãos de Cordelia e de mamãe percorrendo a figura, não acreditando no que estavam tocando. O rosto atônito de Reba, todas descobrindo o que eu era capaz de fazer com minhas próprias mãos, um garoto de dez anos que revelava um insuspeito poder de criação.

Foi um dos melhores momentos de minha vida. O vô Ferdinand não tinha me ensinado em vão.

Papai, por sorte, não estava. Dias depois, descobriu a estátua e esforçou-se para disfarçar seu assombro. Nunca me disse nada sobre ela.

Uma vez, Reba quis limpar as lápides dos meus avós, que estavam submersas em uns cipós verde-escuros, que se entrelaçavam como mãos anciãs sobre o mármore. Disse que não tocasse nelas. Gosto delas assim.

São os túmulos mais antigos, e é bom que o monte seja mais dono delas que dos túmulos recentes. O de mamãe já quase não se vê. Alma. Gostaria de ter convivido mais com ela, não apenas catorze anos de minha vida. Calada, doce. Suave. Sempre entendi por que se apaixonou por papai, mas nunca entendi como conseguiu continuar com ele ao conhecê-lo realmente.

O túmulo de papai está bastante tomado pelo musgo e pelos cardos, embora se note claramente que é mais novo. O mármore mal pode ser visto sob a luz de meu lampião, e a placa de bronze com a frase de Verdi que preparei está muito escondida. Deveria tirá-la e limpá-la. Quando a terminei, pensei que papai não a merecia. Me lembro do dia do enterro, os peões com os chapéus na mão, Cordelia silenciosa, Reba chorando muito, algo não muito surpreendente para mim. Me lembro também de que, quando baixaram o caixão, senti que o monte e o bosque faziam silêncio, como que me obrigando a escutar o som da corda contra a madeira, da terra caindo enquanto o caixão descia e dava as boas-vindas aos vermes. Havia algo acusatório no porfiado silêncio do monte. Depois, os sons comuns voltaram, encabeçados pelos soluços de Reba.

Durante alguns anos, não voltei a esse lugar. Até que, em uma tarde, quando o grande pregador de madeira que era de papai quebrou, passei várias horas no ateliê fabricando algo que o substituísse. Quando terminei, gostei do que havia conseguido. Cada um de meus dedos encaixava-se em um dos anéis, e com eles tinha que fazer bastante força até conseguir fechar o punho. Usei uma mola para dar resistência, e a força que tinha que fazer era muito maior que a que exigia o velho pregador. Então, passei pelo túmulo do meu pai para mostrar a ele que tinha aperfeiçoado esse estúpido pregador que usava. Se tivesse meu aparato, seus dedos estariam muito mais fortes para tocar seu violino, este que agora está debaixo da terra fazendo-lhe companhia.

Ele nunca deu importância ao que eu era capaz de fazer no ateliê. Ou não queria admitir que seu filho tinha talento.

O túmulo dele é o último. Às vezes, desejo que o túmulo de Cordelia estivesse aqui, mas para mim seria demais. Sinto que ela não pertence ao reino da morte. Sempre esteve tão viva, tão cheia de vida e de luz.

Cordelia... Como faço para que deixe de tingir todos os dias de minha vida?

Mais tarde...

Não há nada a fazer. Não consigo tirar da cabeça a possibilidade de uma ponta solta. É isso o que não me deixa dormir. Às vezes, digo que não tem nada que chegue até mim, mas logo duvido. Maldito câncer que carcomeu Silva! Maldito filho que revirou como um cão carniceiro as coisas do pai. Se não fosse por ele, tudo estaria esquecido, quieto, seguro.

Já há muitos mortos me rondando, mortos que me doem em cada poro da pele, todos os dias. Me sinto como aquele personagem do romance de Stevenson, incapaz de romper a relação com o destino e a morte. O que eu daria para não ter que acabar com a vida de ninguém!

Mais adiante... Amanhecer sem sonhos.

Saí da casa e vim para cá de novo, porque o silêncio me deixa louco. Mas está frio no Jardim a esta hora, embora já haja o movimento dos pássaros e a luz esteja firme. Passei pelo herbário e, por um momento, pensei ouvir um som proveniente da grade de ventilação em forma de aranha. Então, me aproximei e me apoiei nela, forçando a vista para a escuridão. Não vi nada. Percebi um forte cheiro de umidade. Algum dia, mandarei verificarem os alicerces desta casa, ou, do contrário, ela vai desabar com todos dentro, deslizando encosta abaixo até chegar à ribanceira.

E se formos embora? Essa ideia é cada vez mais forte para mim, inevitável. Ir com Casilda para a Europa e começar de novo, longe dos riscos. Deixar a fazenda, o ateliê... Só de

pensar, já é difícil para mim. Mas me sinto cada vez mais cercado. Reba mesmo tem andado muito estranha. Já não tem a confiança de antes. Seria capaz de me delatar? Não convém a ela. Perderia também todo o seu mundo.

E Casilda? Seu silêncio me deixa cada vez mais nervoso. Cada vez mais se parece com um ser incorpóreo, que desliza por todos os lados sem ser advertido, debaixo das portas e por entre as grades das janelas. Me faz lembrar de Lautaro, com seu murmúrio, seu vagabundear constante.

Tentei ensiná-la a moldar, mas nunca pareceu se interessar. Sei que não gosta de ir ao Jardim. Esperava que se sentisse impressionada com meu talento, mas as vezes que a levei lá só consegui que fugisse. Então, desisti. Na verdade, não a culpo.

Meio-dia em ponto.

Cada vez tenho maior necessidade de escrever neste diário. Me apego a ele como a uma madeira que flutua em um oceano sem limites.

Voltei da caminhada pelos eucaliptos e estou cansado. Um dos clientes da fábrica de papel brasileira insistiu em olhar minuciosamente a plantação. Em geral, essas atividades necessárias, porém extremamente tediosas, quem faz são meus empregados. Mas quando o brasileiro, Vilmar Não Sei de Quê, soube que eu estava lá, aproveitou a oportunidade de tratar com o dono em pessoa. Pelo menos esse sujeito não tinha as características do brasileiro típico, que ostenta uma constante alegria imbecil que jamais entendo de onde vem. Era atipicamente calado, e seus traços e vestimenta correspondiam mais a alguém europeu que a um ser submetido aos ares tropicais. A ronda foi mais agradável do que esperava, embora depois tenha acontecido algo que ainda me inquieta.

Andamos pela plantação adentro, cercados por fileiras e mais fileiras de eucaliptos. Os outros três homens da comitiva distanciaram-se, e o brasileiro me disse, em um tom quase sussurrante, que julguei até confidencial: “Este lugar é o ideal para esconder um corpo, não?”. Apesar de ter falado em

português, entendi perfeitamente. Eu dei de ombros, respondi alguma frase que não lembro, e ele começou a rir, resguardado por seus óculos escuros. Por um momento, tive a sensação de que ele sabia de algo. Tentei me convencer de que seu comentário foi só uma casualidade, mas fiquei nervoso toda a manhã. Na lancha, voltando, meu celular tocou duas vezes e, a cada vez, esperava ouvir uma voz com sotaque brasileiro pronunciando uma nova frase sugestiva, mas não foi assim. Eram os inúteis de meus sócios perguntando-me coisas estúpidas.

Do pequeno píer, fui direto para o ateliê. Tentei moldar algo, mas as mãos tremiam.

Agora, estou de novo aqui no Jardim, escrevendo.

Tenho a sensação de que a fazenda está cada vez mais cercada, que o sangue de jararaca que coloquei não protege de nada. Nenhum feitiço ancestral conseguirá fazer com que fiquemos a salvo.

O tempo está se esgotando.

9

A Rota 9 não estava com trânsito, era dia de semana e a viagem seguia tranquila, mas, quando chegou à entrada da 191 para San Pedro, decidiu parar em uma loja de conveniência.

No bar, havia dois ou três caminhoneiros, uma mulher idosa que tomava café com um cão pequinês sentado perto dela e uma funcionária vestida com uniforme laranja que falava ao celular e que, em nenhum momento, interrompeu sua conversa enquanto o atendia.

Comprou alguns sanduíches triangulares de miga e uma água mineral e sentou-se olhando a estrada. O céu era de um azul ilusório, fazia frio à sombra e calor ao sol, e o pó da brita ao longo da loja levantava uma nuvem amarelada a cada passar das rodas dos automóveis.

Eram quatro da tarde. Pensou que conseguiria se desvencilhar antes da obra, mas, entre uma coisa e outra, passou a manhã explicando os detalhes a Peralta. Quando saiu, era uma e meia.

Às duas, estava entrando no Acesso Norte de carro.

Preparou a bolsa na noite anterior, ao voltar da casa de seu pai. Disse a ele que tinha uma possível obra em Paraná. Ernesto olhou-o como se tentando traduzir o que acabava de escutar. Seu pai ficara incomumente calado nos últimos meses, mas Fabián não notava que sua saúde estava debilitada ou que a velhice o afetava. Ficou olhando para o filho com um silêncio contemplativo e, depois, perguntou a ele onde podia localizá-lo. Fabián deixou o número do celular que Russo lhe dera. O que havia acontecido nos últimos anos não mudara substancialmente a forma de Fabián e Ernesto se comunicarem. Sabia que os dois eram fechados, e que entre eles mantinham um código de distância nunca enunciado, um subentendido que jamais esclareciam. Construíram entre os dois um território de silêncio que não podiam quebrar. Quando ia andando para o carro, enquanto seu pai fechava a porta de casa, ocorreu a Fabián que poderia quebrar esse gelo idiota, voltar para casa e expressar a

seu pai, talvez com vergonha, mas com clareza, o quanto o amava. Mas, quando virou, a porta da casa já estava fechada.

Retomou a estrada e prosseguiu viagem com incomum tranquilidade, não superando os noventa quilômetros por hora. Sempre gostou de dirigir em estrada, isso o tranquilizava notoriamente, e passava dias selecionando a música que levava para ouvir durante a viagem. Mas agora dirigia em silêncio, sem CD, sem rádio, com o vidro do Clio abaixado alguns centímetros. Trocara o carro em 2002 (Germán, que estava nesse momento no país, o convencera) e, até então, o possante havia sido fiel a ele. Mantinha as mãos ao volante e os olhos na pista, que deslizava sem pausa.

Às cinco e meia, chegou às cercanias de Rosário. Avistou o horizonte da cidade enquanto se aproximava. Veio de repente a recordação de uma viagem a Rosário que havia feito com Lila, mas conseguiu se desfazer dela antes que se transformasse em dor. Fabián concentrou-se de novo na estrada e acelerou.

Foi lendo as placas, que anunciavam cidadezinhas que nunca visitaria: Maciel, Monje, Arocena, Coronda... Nomes impessoais que se repetiam em placas verdes ao longo da estrada. A luz começou a cair. Em determinado momento, conseguiu ver a distante grandiosidade de Santa Fé. Parecia um barco que passava ao longe, neblinoso e inalcançável, e não uma cidade. Mas logo o carro tocou para lá, e a silhueta do entardecer da cidade foi aumentando. Parecia que a estrada ia atravessá-la, mas se desviou outra vez para o sul. Fabián contornou a cidade e a circundou até que encontrou o acesso para a Rota 168. Embrenhou-se em uma região onde os espelhos d'água pareciam flutuar sobre grotas verde-musgo. À sua esquerda, levantava-se um bairro de construções populares que se recortava no fundo púrpura do pôr do sol. Logo, a estrada correu sobre pequenas lagoas que pareciam querer lambe-lamber suas beiradas e absorver o caminho. Uma das lagoas refletiu um entardecer incendiado que quase o obrigou a parar para olhar, mas não fez isso. O resplandecer de fogo o fez se lembrar do

colar que dera a Doberti. Tentou imaginar o que havia acontecido com ele.

De repente, entrou em uma ponte e, debaixo dela, apareceu um largo braço de rio, cujo movimento agitado pôde ouvir claramente. Pensou que fosse o Paraná, mas foi tomado por sua ignorância ao comprovar, conforme uma placa, que era o Colastiné.

Um pouco depois, chegava à entrada do túnel subfluvial. Pagou o pedágio a uma funcionária insolitamente idosa, que tricotava dentro da cabine, e entrou no túnel que, com seus azulejos brancos, parecia um enorme banheiro estendido de forma absurda. Fabián prestava atenção à pista enquanto tentava se lembrar de uma viagem com os pais, na década de 1970, mas só conseguiu resgatar a certa excitação dele e do irmão pelo evento de entrar no túnel.

O percurso parecia mais longo do que esperava, até que avistou o outro lado, que se aproximava. Quando saiu do túnel, sabia que já estava em Paraná, mas não esperava o estranho impacto que sentiu.

Era uma cidade com as cores de um livro de contos, e o ar vibrava em seu rosto trazendo uma sensação indescritível e suave. Seus olhos foram golpeados pelo verde das árvores, um verde que parecia gritar em silêncio, recortado no céu cada vez mais escuro. Orientou-se instintivamente e o carro avançou até o rio. Começou a sentir um nó na garganta se formando, não sabia por quê. E, quando finalmente parou na margem e pôde ver com toda sua magnitude o volume cinza e poderoso do rio Paraná ao anoitecer, deixou escapar um suspiro e aferrou-se ao volante. Estacionou e saiu do carro. Uma multidão de luzes refletidas começava a povoar o rio, e Fabián registrou o pulsar da água e a tensão de sua superfície, detectando quase um respirar animal no movimento da corrente, nos redemoinhos que se mexiam e se chocavam contra a margem. Ficou um momento sentado em um banco de madeira, olhando o Paraná, enquanto o tempo esfriava e a noite se tornava nítida. Voltou a pensar no instante em que a visão do rio o surpreendera e pôde reconstruir o porquê de sua inesperada angústia.

Nas sombras flutuantes do rio, viu reflexos escuros que trouxeram à sua mente, invocadas, vivas, presentes ao ponto de doer, as imagens dos rostos de Lila e Moira, que flutuavam sem luz, misturando-se com a interminável corrente.

Vagou pela cidade, atravessando-a várias vezes, com a sensação que se tem sempre nessas viagens: a de observar um lugar estranho que ao mesmo tempo é conhecido. Avançou com o carro sem rumo, cruzando as ruas e explorando sem ordem. A umidade gerava uma neblina que convertia as luzes dos postes nas manchas da pintura de um autor desconhecido e confuso. O asfalto tinha o lustro que lhe dava a água, que caía silenciosa e sem pausa, mais lenta e mais sutil que o orvalho.

Às nove da noite, deparou-se com um hotel e estacionou o carro. Chamava-se Os Jasmins e era um prédio de dois andares construído com tijolos de um vermelho-escuro que à noite se transformava em cor de sangue coagulado.

Fabián tinha certeza de que era o único hóspede, mas a minuciosa dissimulação do recepcionista o impedia de comprovar isso. Nos porta-chaves, havia muitos espaços vazios, mas a quantidade era claramente superior ao número de quartos que o pequeno hotel podia ter em seus dois andares.

Fabián sentiu sono, mas não queria dormir. O quarto tinha uma cama de casal, mas só uma mesinha de cabeceira. Junto à porta do banheiro, havia um frigobar desligado. Debaixo da janela, um ar-condicionado, e com um rápido olhar se entendia que fazia anos que não funcionava. Pela janela, via-se uma praça bem-cuidada e bonita, como todas as praças do interior. No centro conseguiu ver, com clareza, uma estátua que reproduzia O *pensador*, de Rodin. Perguntou-se se Rodin cobrava cada vez que copiavam sua estátua.

Foi para a rua e andou até lá. Encontrou uma plaquinha na base. Evidentemente, o autor não era Rauch. Pensou que seria muito fácil que fosse, mas também uma justa recompensa do acaso.

Ao voltar, perguntou ao recepcionista se havia algum PC com internet, mas esperava a negativa. O recepcionista era um jovem que tinha uns óculos de armação grossa que remetia à década

de 1940, embora a camisa de cores extravagantes dizendo “Aruba” anulasse a viagem a um passado mais elegante. Mencionou um locutório a dois quarteirões, que talvez estivesse fechado. Fabián pediu a ele um guia telefônico de Paraná, que o recepcionista lhe estendeu com esforço, como se suas mãos não fossem feitas para segurar nenhum objeto. No guia, figurava apenas um registro com sobrenome Rauch. Uma tal Amalia.

Do outro lado da linha, surgiu uma voz idosa. Fabián não se surpreendeu. Contou a história de que estava realizando uma pesquisa sobre escultores. A mulher não sabia nada sobre seu distante parente artista, nada sobre escultores de Buenos Aires. Só lhe preocupava a cheia do rio, que havia arruinado o assoalho de sua sala, na última vez. Ao fundo, Fabián ouvia uma televisão em que passava um filme dublado para o castelhano por mexicanos, com aquelas vozes clássicas e familiares. Não reconheceu o filme, mas o dublador era o que costumava fazer a voz de Roger Moore. Falou com Amalia por alguns minutos sobre qualquer coisa. Deu-se conta de que a mulher vivia sozinha e que a ligação a tirara de sua rotina. Manteve a conversa amavelmente durante um tempo e se despediu.

O exemplar do guia tinha também informações sobre estabelecimentos comerciais. Procurou fundições de bronze. Encontrou duas. Lembrou-se da conversa com Sergio quando fizeram a busca em Buenos Aires. Aqui, sim, tinha que andar com cuidado.

“Pense como Doberti”, disse a si mesmo. Passo seguinte? Esboçou um leve sorriso. Tirou a roupa, tomou banho e foi para a cama sem jantar. Abriu a gaveta da mesinha de luz procurando uma Bíblia, como nos filmes, mas não tinha. Apagou a luz e dormiu em segundos.

Não sonhou, tal como nos últimos oito anos.

Estava de pé desde as sete horas, mas só às nove e meia a cidade acordou. Deixou o carro estacionado em frente ao hotel e andou alguns quarteirões. Tomou café da manhã no primeiro bar que encontrou, café com leite e torradas com geleia de cereja. A

umidade da noite havia desaparecido. Perguntou pela biblioteca mais importante da cidade, e em uma mercearia o orientaram.

A Biblioteca Popular de Paraná impressionou-o com seu estilo operístico, com sua grande porta central sobre a qual descansava uma marquise ladeada por duas colunas que desafiavam a gravidade. Mas Fabián intuía que ali não ia encontrar mais informações sobre Rauch, e não se equivocou. Só encontrou uma referência sobre uma exposição no Salão de Artistas Plásticos de Entre Ríos, em 1963. Os dados biográficos não apareciam.

No Museu de Belas Artes, encontrou duas obras de Rauch. Já estava para ir embora, cansado de percorrer o prédio, quando sua vista topou com elas, ao fundo de um salão, quase escondidas. Uma delas era um busto de um poeta, Juan L. Ortiz. O nome soou-lhe familiar. Talvez algum livro de Lila. O busto demonstrava a qualidade de Rauch, mas não destacava demais. A outra obra era mais interessante. Representava um barqueiro, parado em sua embarcação enquanto remava. As roupas do homem eram finamente definidas: bombachas, camisa com lenço no pescoço, chapéu. Podia-se ver os dedos de suas mãos, que empunhavam o remo à moda dos gondoleiros. Até se via o rastro que o barco deixava no rio, separando as águas. O piloto levantava o queixo com barba altivamente, olhando para a frente.

Fabián localizou um guia do museu, vestido em traje azul impecável, o qual não disfarçava uma aparência jovem e sem experiência, e perguntou a ele sobre Rauch — como era esperado, sem resultados. Mas o garoto não era imbecil.

— Não deveria buscar no Registro de Pessoas? — disse a ele.

— Não creio que me deem informações, assim, sem mais nem menos.

— Por quê?

— Eles devem preservar essa privacidade.

O guia olhou-o com verdadeira incredulidade.

— Mas não... Aqui não temos essas coisas diferentes como em Buenos Aires. Espere que vou anotar algo para você.

Ausentou-se por um momento e voltou com um pequeno papel.

— Este é um amigo que trabalha em um cartório, o 18. Fica a cinco quarteirões. Diga que é indicação minha.

Fácil assim. Fabián apenas murmurou um obrigado. Já estava indo embora, mas voltou por um momento e falou com o guia novamente.

— Há uma moça em Buenos Aires. Trabalha de guia como você, no Museu de Arte Decorativa. Chama-se Ana, acho. Não recordo o sobrenome. Acho que ela e você formariam um casal interessante.

Antes que o outro pudesse responder, foi embora.

No cartório, o amigo do guia pediu que lhe desse uma hora para verificar. Fabián comeu um hambúrguer em uma barraca de rua e depois visitou as duas fundições de bronze da cidade que encontrou no catálogo de telefones. Bastou uma olhada apenas em cada uma para saber que não ajudariam em nada. Tinha se transformado em um especialista em reconhecer no bronze a mão de Rauch. Perguntou por um ateliê de escultura e não souberam dizer. Dedicavam-se somente a bronze comemorativo e funerário.

Dirigiu fazendo hora por uma avenida que tinha palmeiras bastante altas milimetricamente plantadas em fila, todas com o tronco pintado de cal exatamente até a mesma altura, com um rigor anormal.

— Tem sorte. Encontrei uma coisa — disse o funcionário. — Está vendo? Ferdinand Rauch, rua Cacharí 672. Atenção, porque é um endereço de dezembro de 1952. Quem sabe o que aconteceu depois?

— Não há mais nada?

— Nada. Procurei algum nascimento com esse sobrenome, mas não tem.

— Qual é a Cacharí?

— Uma que dá no rio.

Aproximaram-se da janela, e ele indicou.

— Siga por esta até topar com o muro baixinho. Aí, à esquerda, ande três quarteirões.

A distância até o rio foi maior do que pensava. Um mercado com teto de telha e a delegacia davam vez a uma rotatória da qual partia outra rua. Esta tinha sete ou oito quarteirões e acabava no rio, como se uma enorme borracha a tivesse apagado. Dali, à esquerda, nascia a Cacharí. Observou as casas perto da água, de um andar apenas, com suas portas e janelas amplas, de uma cor única dada pelo barro. Conferiu detidamente os números das casas e, quando entrou no quarteirão do 600, prestou atenção. Viu duas ou três habitações, uma venda com produtos para sítios, uma imobiliária com uma mesa solitária na qual um homem de camiseta vermelha e bermuda cáqui o olhou passar com curiosidade, um terreno baldio e um mercado de médio porte que ocupava um quarto do quarteirão a partir do número 660 e que estava, obviamente, no local onde antes era a casa de Rauch.

O ano de 1952 era muito distante; o mundo muda. Fabián ficou observando o movimento do mercado. Imaginou como seria a casa que existira ali, com uma vista privilegiada do rio. Teve a visão clara de Ferdinand Rauch sentado em uma varanda, tomando tereré e olhando os reflexos da água na superfície verde do rio. Quando a imagem se dissipou, pelo barulho da buzina de uma caminhonete, Fabián percebeu que não sabia como prosseguir. E o que era mais preocupante: não sabia que merda tinha ido fazer naquele lugar, não sabia que tipo de resposta procurava. Durante alguns segundos, sentiu que construía todo aquele enigma para não acabar de ficar louco, para continuar procurando e não cair, mas que nada tinha pé nem cabeça.

Continuou a caminhar pela margem do rio. Era um dia admirável. A cidade parecia se assentar em uma faixa geográfica perfeita, de clima ideal, que sanaria todas as indisposições, alergias e deficiências orgânicas que um ser humano pudesse congrega. Sentou-se no gramado, que terminava em um barranco de um metro que caía sobre a água, e deixou que o vento gentil esvoaçasse um pouco seus cabelos na testa. Uma moça passou fazendo corrida, tensa e de óculos escuros, e virou-se por um instante para ele. Várias lanchas atravessavam o rio e

ele também viu algumas motos aquáticas que ziguezagueavam entre as margens. De vez em quando, apareciam balsas mais antigas, de carga ou de passageiros, de cor menos viva e sem brilho, que pareciam haver nascido no mesmo rio.

Sentiu uma vibração no bolso de trás da calça. Pegou o celular e, no terceiro toque, conseguiu pressionar a tecla para atender.

— Você não pensou em ligar, não? — disse a voz de Russo.

— Para quê?

— Para dizer se estava vivo, pelo menos.

— Você parece uma menininha, pô! Só cheguei ontem.

— Que novidades apareceram? Já sei. Não fala. Em Paraná, todos os habitantes foram abduzidos por extraterrestres.

— Se visse o recepcionista do hotel, não faria piadas. Mas surgiu algo.

Explicou a Sergio o que havia encontrado sobre Rauch e até onde chegara.

— Quanto a Rauch, a terra o tragou. Ou o rio. Hoje, vou dar mais uma volta por aqui e, depois, não sei.

— Você parece desanimado...

— E quer o quê? Tudo sempre está à beira de desmoronar.

— Você já sabia disso quando foi.

— Tinha que tentar. Eu não sei se encontrar algo de Rauch vai me levar até minha filha. Mas me dá vontade de perguntar sem parar até surgir alguma pista.

— Não é levantar suspeitas demais?

— Não. Sim. Não sei se me importa.

Sabia o que Russo estava dizendo e sentia-se idiota, porque ele tinha razão. Naquele lugar, se soubessem que alguém procurava Rauch, isso poderia ser como uma pedrinha atirada à água, cuja onda chegaria até uma margem que ele não conseguiria ver. Uma margem em que estava o sujeito que levava sua filha. E quem sabe como poderia reagir esse sujeito se soubesse que estavam chegando até ele? Supondo que a pessoa que procurava tivesse relação com Rauch, também não sabia ainda se tinha algum vínculo com a polícia e o que significaria, para a vida de Moira, que Fabián a pusesse em alerta.

— Sua busca não deve ser gritada aos quatro ventos... — dizia Russo. — É uma incursão em uma propriedade estranha. Não pode se delatar.

— Tem razão, sargento. Fim de relato. Agora mesmo vou à esquina e começo a gritar: Moira, Moira...

Fabián deitou-se novamente na relva, recobrando o fôlego.

— Fumou alguma coisa? — perguntou Sergio.

— Só cana de açúcar, mas não era boa.

— Não diga! — Ouviam-se as vozes dos filhos dele ao fundo. — Continue fumando tranquilo, mas, qualquer novidade, me liga.

— Tá legal.

— Não é “tá legal”, não. É para ligar mesmo.

— Não precisa se irritar.

— Não suporto quem diz “tá legal”.

— Gosta mais de “Vai cagar no mato!”?

Levantou-se do gramado e olhou em volta. Tinha pensado em outra coisa que queria tentar.

Andou alguns quarteirões até que avistou uma banca de jornal. Perguntou ao funcionário qual era o jornal de maior tiragem de Paraná.

O *Diário de Paraná* não apenas era o de maior tiragem, mas o mais antigo. No prédio de vidro, última encarnação de algo que começara em 1918, disseram-lhe que não havia nada nos arquivos e que, para consultar exemplares anteriores a 1980, tinha que ir a outro edifício.

Fabián virou a esquina e viu-se de novo entre edifícios antigos, sem nenhuma irrupção de modernidade. Até o ar parecia vir do passado naquele quarteirão. O prédio do “outro” arquivo era um palacete de três andares com teto francês, talvez com mais de cem anos, restaurado, pintado e com o velho elevador de porta pantográfica modernizado e automatizado.

Entrou na seção Arquivo, uma sala ocupada por estantes de metal do chão ao teto, cheias de exemplares de jornais. Apreensivo, Fabián deu o nome ao funcionário, que não usou nenhum computador para a busca. Com dedos habilidosos, percorreu um arquivo, cheio de cartões, e finalmente encontrou um, que leu com atenção. Ele subiu uma escada de metal que

estava presa à parte superior de um trilho lubrificado e, apoiando o pé em um degrau, deu impulso, fazendo-a deslizar e parando exatamente no lugar desejado. O funcionário exibia grande orgulho por sua apurada técnica. Ele deu a Fabián dois jornais amarrados em fios de náilon e, em seguida, recomendou cuidado com as folhas, deixando-o sozinho em uma sala de leitura adjacente.

Um dos jornais era de 1962 e o outro, de 1964. Apesar de amareladas, as folhas tinham boa textura. O funcionário disse que eram os únicos exemplares em que figurava Ferdinand Rauch. Fabián passou as folhas devagar.

Na parte inferior da página 12, à esquerda, encontrou uma foto de Rauch. Ele era um homem louro, com um rosto liso, bronzeado, de maxilar anguloso. Apesar da falta de cor da foto, Fabián viu que seus olhos eram claros, certamente azul-claros ou cinzentos. Ele parecia estar sentado em um banco alto, daqueles utilizados para desenhar sobre uma prancheta ou para violonistas. Olhava para a câmera com confiança, com um discreto e leve sorriso, elegante e sóbrio. Vestia paletó e gravata e, nas mangas de sua camisa, via-se duas abotoaduras (de bronze?) que se destacavam tal como o relógio que usava no pulso. Não era a imagem que Fabián esperava de um escultor. Ele parecia uma espécie de dândi ou playboy europeu. Uma madeixa de cabelo liso caía em sua testa, e esse detalhe fez com que Fabián, já no embalo da livre associação, se lembrasse do cantor Bryan Ferry. A foto tinha de ser de Rauch, porque não parecia ter mais de quarenta ou quarenta e cinco anos. Abaixo da foto, havia outras três menores, cada uma mostrando uma escultura. Duas delas já conhecidas, mas não a terceira, *O Fauno e o amor proibido*, que representava aquele ser mitológico com pés de cabra do qual Fabián sempre tivera medo.

Mais abaixo das fotos, ao longo de três colunas, havia uma breve matéria sem a assinatura do entrevistador.

Fabian leu:

FERDINAND RAUCH: DE PRAGA AO LITORAL

Mostra com sua obra é aberta no Museu Municipal de Artes Visuais. Diálogo com um talentoso escultor que há mais de quinze anos instalou-se em nossa cidade.

Falar com Ferdinand Rauch é transportar-se para uma Europa mágica do Império Austro-húngaro, que nos legou talentos como os de Kafka, Freud e Klimt.

O escultor revela-se um homem afável, risonho, com um ligeiro sotaque de sua Praga natal, mas disfarçado pela pronúncia musical de nosso litoral.

Por um momento, afastamos Rauch da efusividade dos presentes e fomos para uma das salas interiores do Museu Municipal de Artes Visuais para começar nossa entrevista.

Você viveu e trabalhou muitos anos em Buenos Aires. Por que escolheu Paraná para ficar?

“Precisava de uma mudança urgente de ares. Eu amo Buenos Aires, mas a cidade estava ficando cada vez mais lotada, e eu prefiro a tranquilidade do interior.”

Como Ferdinand Rauch vive esta exposição retrospectiva de sua obra?

“Com grande emoção. Agradeço a Agustín Lavate, secretário de Cultura de Entre Ríos, por ter tido a iniciativa e a deferência de me escolher para esta mostra. Estou muito honrado.”

Que fase do seu trabalho abrange a exposição?

“Há de tudo. Desde estatuetas muito antigas a esculturas muito recentes.”

Em seu trabalho, é muito notável o detalhe do corpo humano. Em “O barqueiro”, uma das obras expostas aqui, a expressão do homem é muito clara. É uma escultura que transmite muita plenitude, muita alegria.

“Te agradeço, mas este barqueiro para mim representa Caronte, o ser que atravessava as almas pelo rio Estige, para entrar em Hades, o inferno dos gregos. Então, se ele parece feliz, fiz algo errado.”

O riso nos relaxa, e Rauch se diverte com o humor.

Que perspectivas tem para o futuro? Novas mostras?

“Por enquanto, estou me preparando para o casamento do meu filho.”

(Refere-se ao relacionamento de seu filho Francisco com a filha de um empresário do ramo madeireiro da área.)

Por fim, que conselho dá aos jovens artistas?

“Confiem em seus instintos e ajam com vontade e paixão.”

Quase não leu a parte final da matéria. Fixou-se nas novas informações: Francisco Rauch, filho de Ferdinand, casado no ano da entrevista. Como poderia saber quem era “a filha de um empresário do ramo madeireiro da região”? Precisava começar a procurar agora entre as madeiras de toda a Entre Ríos?

Deixou o jornal aberto nessa folha e pegou o outro. Demorou mais para encontrar o que procurava. Leu o jornal duas vezes e, quando já estava a ponto de desistir, encontrou na penúltima página uma pequena foto e uma pequena matéria.

Apesar de pequenas, foram de grande ajuda para ele.

A foto foi tirada em alguma parte da orla. Várias esculturas estavam apoiadas em um píer de madeira.

Um homem entre sessenta e setenta anos de idade apoiava o braço em uma das esculturas, olhando para a câmera e sorrindo com sinceridade. Tinha um certo sobrepeso, mas ainda conservava sua elegância espontânea: era Rauch. Atrás dele, o rio distanciava-se, enevoadado e meio indefinido.

A matéria intitulava-se “Insólita travessia”, e era o típico texto de cor local que muitas vezes se incluía na edição só para preencher espaço.

No dia anterior, pôde-se ver uma inesperada cena, quase surrealista, em Puerto Viejo. Mais de cinquenta esculturas de bronze de diferentes tamanhos acumularam-se em um dos píeres à espera da lancha de carga que ia transportá-las. Alguns moradores locais aproximaram-se, curiosos, diante da insólita situação. As esculturas pertencem a Ferdinand Rauch, o talentoso artista que vemos na foto, que transportava sua obra em razão de sua mudança rio acima, pelas cercanias de Pórtico, onde instalará seu novo ateliê. Buscando mais tranquilidade para sua inspiração?

— Conhece Pórtico?

O jovem recepcionista tocou a armação dos óculos, pensando.

— Me lembra algo...

— Acho que é ao norte do rio.

Pegou um mapa de dentro de uma gaveta e o consultou ao acaso, até fixar o dedo em um ponto ao lado da linha grossa que representava o rio.

— Aqui. Perto do distrito de La Paz. Mais além, perto de Corrientes.

— Como chego?

— Pela Rota 12 até La Paz. Depois só por rio.

— Não há estradas para Pórtico?

O recepcionista guardou o mapa.

— Nesse lugar, deve haver três cabanas e um galinheiro. Se eu fosse você, não iria.

Já era noite. Decidiu desconectar-se até o dia seguinte. Tomou um banho com a mente vazia e, no quarto, sem nem sequer acender a luz, encontrou a cama tateando. Não conseguiu lembrar se havia se coberto com os lençóis ao dormir.

Procurou o recepcionista para pagar, mas ele não estava. O hall comunicava-se com uma espécie de lavanderia e, atravessando-

o, saía-se para um pátio. Percebeu que ali havia movimento. Quando se aproximou, surpreendeu-se: o recepcionista estava parado à beira de uma escavação, um retângulo de uns dois metros por três. Fabián viu que o buraco tinha, pelo menos, mais de dois metros de profundidade. Várias pás e picaretas estavam apoiadas no muro e o chão em volta do poço estava ocupado com sacos cheios de terra. Aproximou-se do buraco. Pôde ver um arco de tijolos de barro, que emoldurava o começo de um túnel.

— A sorte que tenho... — disse o recepcionista ao ver Fabián.
— Justo um passava aqui embaixo. Menos mal que o município pague por tudo isso.

Fabián parou na borda do buraco. De baixo, vinha um odor desagradável de umidade fria.

— O que é?

— Um desses túneis... — O recepcionista esfregou a axila. — Dizem que os jesuítas fizeram. Outros dizem que eram para o governador fugir. Passam por baixo de toda a cidade. Sempre aparece um novo. Agora, foi minha vez.

— Agora o hotel vai ter mais procura.

O recepcionista não pareceu muito entusiasmado.

— Um dia, toda esta cidade vai vir abaixo.

Fabián pagou o que devia a ele e o deixou ali, com seus óculos na mão e coçando a nuca. Olhava para o interior do poço como se esperasse algo.

Mais tarde, avançando pela Rota 12, viu a cidade que deixava mostrando-se à distância. Dessa vez, destacavam-se seus prédios mais modernos, como se avançasse de repente até o futuro. Alguns prédios envidraçados erguiam-se isolados, prepotentes, mas Fabián sabia que, debaixo da cidade, uma rede de túneis debilitava a terra, desafiando o orgulho das novas torres.

Não falou com ninguém na escola, e a professora Nancy a chamou para perguntar o que estava acontecendo. Como em outras vezes, reconheceu no rosto da professora essa mescla de incompreensão e temor. Ela tinha aparecido do nada naquele ano na escola e sabia que havia gerado comentários. Mas Iván falou com a diretora e, claro, a convenceu. Afinal, naquela região não era tão incomum que algumas crianças se educassem em casa durante todo o primário.

Fez duas amigas, Lucila e Celeste, mas ainda não tinham ido à sua casa. Na verdade, não achava que iriam. Já tinha pedido a Iván mil vezes, mas ele não lhe dera atenção. Iván e Reba fingiam que a escutavam, mas depois agiam como se ela não existisse. Mais Iván que Reba, claro. Afinal, Reba era também mulher, embora tivesse mil anos. Ela também pensava que, com paciência, talvez algum dia pudesse convencê-los a deixar receber visitas. Teoricamente, já não havia riscos de contágio, já que a deixavam ir ao colégio.

À tarde, preferia terminar os deveres pendentes e, depois, quase sempre descia o rio. Tinha ordem de não entrar no monte, mas mesmo assim ia. Não era burra. Sabia que podia se perder rapidamente ali dentro. Por isso, fizera marcas em várias árvores e nunca entrava mais de algumas centenas de metros, sempre de dia. Havia dois lugares em que sabia que não podia ir. O monte era um, mas tinha mais medo do jardim da fazenda, o jardim de Iván.

Iván não a proibia de ir ao jardim. Era ela que não queria. Ficava muito assustada. Tratou de não pensar nisso.

Às vezes, ia até a ribanceira, porque a vista era muito bonita, mas ficava longe da beirada porque era perigoso. As pedras eram traiçoeiras e escorregadias.

Também gostava de passar pela casinha de Reba. Era como a de um conto de fadas. Lembrava a ela a ilustração do livro *João e Maria* que tinha em seu quarto, embora Reba não parecesse

uma bruxa que comesse crianças. Para Moira, mais parecia uma espécie de guerreira, como se tivesse sido amazona em sua juventude. Também tinha um livro sobre amazonas que Iván a deixara comprar uma vez em uma livraria de La Paz. Ficava impressionada com a história de que elas cortavam um ou os dois seios para poderem disparar bem com o arco. Moira tinha feito um arco com o galho de um salgueiro, flexível e forte, mas as flechas não ficaram tão boas.

Chegou até os fundos da casinha de Reba e olhou pela janela que dava para a cozinha. Lá estava, forte e seca como o galho de uma antiga árvore cinzenta, sentada à mesa onde tomava mate, de costas. Bateu no vidro como fazia sempre e, quando Reba se virou, viu, com surpresa, que seus olhos estavam úmidos.

Reba saiu. Vestia um de seus aventais floridos de cores desbotadas.

— Vem comigo até a horta — disse Reba, passando o dorso da mão pelo nariz e ajeitando o prendedor no rabo de cavalo. Quantos anos tinha Reba? Sessenta? Oitenta? Andaram cinquenta metros e entraram em um quadrado dividido por sulcos, muito organizado, onde havia todas as espécies vegetais que podem crescer em uma horta.

— Não sei por que este homem diz que a irrigação não está boa.

“Este homem” era Iván.

— Lautaro não se encarrega disso?

— Que nada! Esse não se encarrega mais de coisa nenhuma. Desce o rio como um alienado. Se eu não cuido dessa horta, ela acaba.

Reba parou perto dos tomates, vacilante. Agachou-se para verificar as mangueiras de irrigação. Depois, parou e olhou para ela.

— Você deu um estirão nesses últimos tempos?

— Não sei.

— Está mais alta.

— Não sei.

— Está tomando o remédio?

— Sim.

De repente, Reba não parecia mais se interessar pela horta. Caminharam por entre os pomares, também alinhados com precisão. Moira lembrou da Páscoa, quando tinha sete anos. Reba levou-a uma tarde para encontrar, escondidos em algumas daquelas árvores, ovos de chocolate. Nunca soube se tinha sido ideia de Iván ou de Reba. Nunca mais comemoraram a Páscoa.

Novamente, pareceu ver que Reba chorava, agora mais abertamente.

Perguntou o que estava acontecendo com o olhar.

— Vão viajar — disse, com as mãos nos quadris cansados.

Demorou alguns segundos para entender de quem falava.

— Quando?

— Não sei. Em breve.

— Para onde?

— Não me disse, mas com certeza pras Europas.

— Há quantas Europas?

Reba foi se afastando, pegando as laranjas já passadas dos galhos e enfiando-as em uma bolsa de juta.

— E você não vai?

Reba riu como se fosse um insulto.

— Quem vai levar esta velha feia a uma viagem assim?

— E por quanto tempo vamos ficar?

— Também não é certo, filhota. Não diga nada a Iván. Por via das dúvidas.

— Mas vamos ficar muito tempo?

— Não sei, filhota.

Pelos seus olhos, soube que sabia, sim.

Pensou que Iván, naquela noite, durante o jantar, precisaria abordar o assunto. Ou ela teria que fazer isso? Não teria coragem.

Olhou o avental florido sem cor de Reba, sentiu o cheiro de água sanitária da roupa, teve vontade de tocar as flores molhadas e chorar.

Reba terminou de encher a bolsa com as laranjas recolhidas para fazer geleia. O pomar terminava e começava o bosque de alfarrobeiras, selvagens e fortes, cercadas de mosquitos. Por um

momento, acreditou ver entre as árvores a figura de um homem correndo de tronco em tronco, escondendo-se. Aproximou-se de Reba para falar com ela, de costas para as árvores. Quando voltou a olhar, viu claramente alguém escondendo-se atrás de um tronco mais perto. Ensaçou abrir a boca quando Iván saiu de trás da alfarrobeira mais próxima gritando descontroladamente. A bolsa de laranjas de Reba caiu no chão, enquanto elas duas gritavam também. Iván alcançou-as, levantou Moira agarrando-a pela cintura e apoiou a outra mão no ombro de Reba. O grito dele agora era um riso.

Jantaram mais tarde do que o habitual essa noite, porque tiveram que esperá-lo, até que apareceu com o inconfundível cheiro daquele selante à base de silicone que usava no ateliê. Não mencionou nada acerca da possível viagem. Seu humor continuava o mesmo de mais cedo, quando as surpreendeu entre as árvores, mas nem ela nem Reba o acompanharam em sua alegria. Reba tinha muito em que pensar. E, quanto a ela, já fazia tempo que se distanciara de Iván, desde que vira o ocorrido no herbário.

Deitada em sua cama na escuridão, de novo se perguntou se não devia escapar. Podia fazer isso facilmente. Conhecia o rio muito bem, as correntes visíveis e as outras, as que corriam por baixo e tinham suas próprias leis. Conhecia cada animal que voava, caminhava ou se arrastava, cada planta boa e má. Se os povoados ou as cidades não existissem e o mundo fosse somente propriedade da terra, da água e do ar, ela sobreviveria melhor que o Tarzan na distante África. Levaria apenas o essencial e, depois, caçaria com facas e arco e flecha. Talvez até se animasse a cortar um seio.

Com um suspiro angustiado, deu-se conta de que estava doente e que, sem seu remédio, não chegaria muito longe. Queria poder fazer com as folhas das árvores uma poção que controlasse seu mal. Mas era impossível. A cidade a deixara doente, e só na cidade seu remédio podia ser fabricado.

Pegou debaixo do travesseiro o colar alaranjado que encontrara no pescoço da estátua do fauno. Sabia que Iván o deixara ali, como outros presentes, tantas outras vezes. Nunca

os recusara por medo, mas gostara do colar imediatamente. Sentiu que o conhecia, de alguma maneira. Era suave ao tato e gostava de tocá-lo.

Voltou a pensar em Iván, saindo do meio das alfarrobeiras, correndo como um menino. Essa imagem era familiar para ela também. Veio-lhe à mente a figura de outro homem, mais magro, escuro como uma sombra, bailando entre as árvores. Então, surgiu em seus lábios um nome: Joseph. E, como se abrissem portinholas que retinham uma chuva de memórias, voltaram as imagens do programa a que assistia na TV quando pequena. O *jardim de Joseph*. Voltou a ver o protagonista, um menino de oito anos que tinha em sua casa um jardim interminável e que brincava com um amigo que voava como o vento entre as árvores.

E isso a fez voltar ao motivo pelo qual ficara triste na escola naquele dia. Lucila e Celeste, suas únicas amigas, falavam de um programa de televisão que viam, mas que ela não conhecia porque não havia televisão na fazenda. Não via televisão desde essa época... Quanto? Nove, dez anos? Como era possível? Em que espécie de castelo escuro de conto de fadas estava presa?

Dentro de seus olhos fechados, viu de novo a televisão de tamanho médio preta, com a tela sempre cheia de poeira, porque a sala dava para uma avenida... Que avenida? Uma avenida com muito barulho. Uma televisão com o botão de volume quebrado, e ela sentada a dez centímetros da tela, e a voz de alguém, um homem, que lhe dizia: “Moirá, se afasta da tela porque vai te fazer mal”. Quase ouviu essa voz na escuridão.

Dessa vez, sim, chorou, e as lágrimas eram vivas e quentes, como línguas de animais que lentamente lambiam seu rosto.

11

Chegou a La Paz ao meio-dia. Durante a viagem, perdeu de vista o rio, porque a estrada se afastava da margem, mas agora o Paraná reaparecia, profundo e presente.

La Paz era uma cidadezinha ordenada e simétrica. Sua praça central era cercada pelos edifícios previsíveis: a prefeitura, o fórum e a igreja.

Na margem, havia um calçadão de pedestres que evocava outra época. Estacionou o carro e andou um pouco.

O rio era muito largo e, em frente, o outro lado era um mistério. Olhar para aquele lugar era como fixar a vista no nada, e o nada era bonito e convidava ao esquecimento. Que feliz poderia ser em um lugar assim, em outra vida! Desejou fervorosamente ser outro.

Cruzou com vários turistas, espanhóis e alemães. Chegou até um pequeno farol, mais pitoresco que funcional, pintado em cores vivas, em vermelho e branco. Mais adiante, uma espécie de barraca de madeira coberta com telha saía da água e uma placa com letras em filete portenho dizia: “Lanchas”. Entrou na barraca e, imerso em um calor inimaginável, perguntou por alguma lancha que fosse para Pórtico. Havia uma regular que saía às quatro. Era apenas uma.

Encontrou um restaurante tranquilo, comeu um pedaço de fraldinha, sem se animar a aceitar o cordeiro, acompanhada de um refrigerante, porque supôs que o tinto da casa fosse deixá-lo bêbado para a viagem pelo rio.

Voltou para o carro e preparou uma versão reduzida de sua bolsa de viagem. No fundo, pôs a Smith & Wesson, depois de carregar o tambor com balas.

A lancha que Fabián pegou parecia qualquer coisa, exceto uma lancha. Não tinha forma de barco. Era como uma caixa de sapatos que flutuava. Retangular, com suas beiradas se enchendo de água, era uma plataforma que se movia quase sem

deixar rastros, com um barulho de motor que parecia estranho para o rio. Era conduzida por um homem queimado de sol, grisalho, de olhos dourados e braços grossos. Na parte coberta, era preciso se agachar para entrar e se sentar em bancos de madeira, compridos e rachados, que rangiam produzindo sons como estranhos gorjeios de pássaros. Na popa da lancha, em um pequeno compartimento quadrado de vidros sujos, ficava o homem grisalho do rio.

Viajavam mais quatro pessoas com Fabián. Um homem magro, com um traje antiquado, que levava uma mala atada com uma corda; uma mulher gorda e vigorosa, com dois cestos cheios de frutas; um homem jovem com o cabelo cheio de gel e camisa jeans de mangas arregaçadas, com mãos de trabalhador; e, por último, um rapaz calado e de olhar oblíquo que era claramente deficiente mental.

O piloto recolheu as passagens de todos, que eram daquelas usadas nos ônibus antigamente. Perguntou os destinos e Fabián descobriu que era o único que descia em Pórtico, e o último. Depois, o piloto usou um croque no píer, afastou a lancha da margem, meteu-se em sua cabine e ligou o motor. A lancha pareceu mover-se sozinha até o meio do rio e logo começou a avançar. Fabián conseguiu ver seu carro estacionado na orla, até que algumas grandes árvores se interpuseram e ele desapareceu.

Era a grande bifurcação do Rio Paraná, que se derramava em dois braços compridos, criando no meio uma região de ilhas. Depois, os dois braços voltavam a se unir no limite com Corrientes. Eles iriam pelo braço mais estreito. Isso disse o homem magro a Fabián, enquanto lhe oferecia um cigarro que havia acabado de enrolar.

O rio avançava junto com a lancha, e isso dava a ilusão de que a água estava calma embaixo. Apenas as margens se movimentavam, correndo lentamente. A vegetação à esquerda e à direita se encontrava no horizonte, e só era possível aguentar o calor embaixo da cobertura por causa do vento mínimo causado pelo avançar da lancha. A água tinha apenas um tom de marrom e milhares de tonalidades diferentes de verde.

Meia hora depois da partida, desceu a senhora dos cestos de frutas, ajudada por todos. Com um breve aceno, despediu-se e, com passo firme, embrenhou-se em um pequeno caminho que desaparecia entre árvores.

O rapaz de camisa jeans desceu uma hora depois, em um píer pintado de verde com um arco de madeira que dizia “Santa Elena”. Via-se uma casa baixa pintada de cal a metros da água e, como se guardando a entrada, dois cavalos puro-sangue amarrados em uma estaca relinchavam impacientes. Em cima da casa, havia uma caixa d’água de plástico azul, sem tampa. Um gavião estava parado na borda da caixa, enfiando a cabeça na água e sacudindo-a. Uma mulher jovem e uma menina saíram da casa e cumprimentaram o recém-chegado com um código de assobios. Até o gavião pareceu assobiar.

A lancha atravessou para a outra margem e contornou uma formação de camalotes que tomava quase todo o braço do rio. O piloto conduzia com uma alavanca que fazia as vezes de timão e, com displicência, girava a embarcação, a qual balançava de um lado ao outro. Em alguns momentos, a lancha detinha-se e recuava alguns metros. Depois, deixava que a corrente a empurrasse de novo e o piloto ligava o motor. Ficaram um bom tempo assim, e a viagem tornou-se exasperante.

— Aqui está sujo — disse o homem da mala amarrada com corda, que tinha ainda entre os lábios o cigarro que Fabián havia recusado. — Muita água, muito rio. Isso vai longe!

Fabián não teve vontade de entender.

Depois da região de camalotes, foram um pouco mais rápido. Passaram perto de uma ilha onde várias casas de madeira se levantavam a mais de dois metros de altura sobre estreitos pilares. Quatro garotos saíram das casas e aproximaram-se da margem. O piloto, sem parar a lancha, pegou uma bolsa de sua cabine e a atirou para os garotos. O mais alto deles agarrou-a com destreza. Os quatro meninos eram albinos, de olhos vermelhos. O piloto falou com eles em um idioma incompreensível, semelhante ao guarani. O albino mais alto e mais dois foram rápido para as casas. O restante, com um pé na

água, movia a mão languidamente para a lancha que seguia seu caminho.

Fabián consultou o relógio e viu que eram seis da tarde. Não cruzaram com outra lancha em nenhum dos dois sentidos.

Passaram por uma região com mais movimento em terra. Havia caminhões que transportavam grandes troncos de árvores e grandes embarcações que esperavam o carregamento. Nas duas margens, viu enormes plataformas de cimento inacabadas. Parecia que tinham começado a construir uma ponte sobre o rio e não puderam continuar. Um quilômetro depois da ponte fracassada, o homem da mala desceu, despedindo-se com entusiasmo de Fabián e apenas fazendo um aceno com a cabeça para o piloto. Durante um tempo, ficou na lancha, perto de Fabián, o cheiro de tabaco do seu cigarro.

O rapaz deficiente ficou sempre na proa, calado, sentado e encurvado, olhando adiante, comendo tangerinas. O sol ocultou-se à esquerda da lancha, mergulhou entre as árvores e converteu-se em uma difusa mancha verde que se apagava, ainda que o céu continuasse luminoso. O caminho do rio dobrou-se sobre si mesmo e parecia que voltava pelo mesmo caminho, mas depois se corrigiu novamente, tornou-se mais estreito e começou a ziguezaguear. Passaram por uma praia vazia, com uma areia mais escura que o normal, cheia de tocos de árvores cortadas. Ao terminar a praia, o braço do rio estreitou-se muito e as copas das árvores se fecharam sobre Fabián, formando um inesperado túnel. Na saída do túnel, depararam-se com uma lancha estacionada na margem. Estava abandonada e afundada, apoiada em um banco de areia. Sua proa estava mergulhada e inclinada na água. No convés, Fabián viu velas acesas, postas em diferentes lugares, e entre elas havia ramos de flores. A lancha estava cheia de oferendas e, no meio do convés, em uma parte à qual se podia ter acesso por terra, colocaram uma estátua de gesso da Virgem Maria, que brilhava com uma chama acesa em uma fenda em sua base. O garoto deficiente saiu pela primeira vez do lugar, aproximou-se do parapeito da lancha e, enquanto a embarcação encalhada e iluminada com velas

passava por eles, começou a murmurar e a fazer o sinal da cruz. O piloto espreitou de sua cabine.

— Um acidente, viu? Viraram, e uma dessas lanchas com motor de popa bateu neles. Três mortos. Há dois anos. O pessoal vem rezar.

Fabián assentiu.

— Falta muito para chegar a Pórtico?

— Não. Só um pouco.

— Há algum lugar para passar a noite?

— Deve haver. Pergunte no Farías.

Um pouco depois, Fabián deu-se conta de que o rapaz deficiente havia desaparecido da lancha. Comentou isso com o piloto, que deu de ombros.

— Sempre faz o mesmo, desce quando não estou olhando.

A lancha posicionou-se bem no meio do rio e avançou destemida, deixando um rastro em forma de “v” de geometria precisa. Os movimentos da água cessaram. A noite ainda não havia começado, mas uma lua parecendo granito amarelo, em quarto crescente, surgiu por sobre os montes escuros das ilhas.

— Aí está Pórtico — disse o piloto grisalho.

Fabián levantou-se do banco em que estava prostrado e olhou para onde ele indicou.

Foi uma grande surpresa.

O rio ia terra adentro por uns trezentos metros. Ao longo desse braço de água, como em um pedaço de Veneza selvagem, levantavam-se as casas de Pórtico. A única rua de Pórtico era de água. A cada cem metros, uma pontezinha de madeira cruzava de calçada a calçada. Vários barcos pequenos estavam amarrados em estacas pintadas, que pertenciam às diversas casas. Era como a rua de um bairro, mas inundada.

Fabián não acabou de assimilar o lugar e apenas ouviu o cumprimento do piloto, que o deixou em um pequeno píer de madeira e se afastou pelo rio, logo tragado pelos salgueiros selvagens que se erguiam por sobre sua nau perdida.

Ficou parado durante um tempo na beirada do píer. A chegada e a partida da lancha não quebraram a reinante quietude. Não via

nenhuma pessoa. Andou até sua direita, pela calçada de pedra pela beirada da água. Depois, havia um gramado e, por último, nas casas, tijolos de alvenaria. A cada dez metros, erguiam-se postes de ferro que, naquele momento do entardecer, estavam apagados.

As construções de Pórtico não tinham um estilo uniforme. Era uma cidadezinha portuária, onde galpões de armazenagem conviviam com casebres precários e casas de dois andares de janelas altas e venezianas fechadas.

Destacavam-se no conjunto uma pequena capela pintada de branco, com uma porta de entrada em arco, e uma torre de sinos coroada por uma cruz de metal; um prédio em forma de abóbada cilíndrica, de concreto cinza, possivelmente de origem militar; uma casa com jardim em frente e garças de gesso, com uma placa de madeira em que se dizia “Soc. Fomento C sper” (a letra faltante podia ser qualquer uma das vogais); uma loja com vidros sujos que tinha meia dúzia de piscinas de plástico apoiadas verticalmente em uma parede.

Tudo estava disposto em silêncio, sem movimento, como em um museu em horário de encerramento.

Chegou até a primeira pontezinha e atravessou a rua de água. A alguns metros, um homem de meia-idade consertava com breu o fundo de um barco virado. Olhou-o chegar sem surpresa.

— Diga.

— Tudo bem? Boa tarde. Procuro um lugar... Farías... Acho que é isso.

— Lá embaixo — disse o homem, secando o suor da testa com um lenço. Olhou para Fabián um pouco de esguelha, com uma sobrancelha espessa levantada e a outra caída. A dupla expressão significava ao mesmo tempo “me interessa” e “não me importa”.

— É encomenda?

— Não, não. Estou viajando e procuro um lugar para passar a noite.

— Disso há de sobra — disse o homem.

— Não vive muita gente aqui, né?

— Depende do que seja para você “muita gente”. É de Rosário?

— Buenos Aires.

— Não parece.

O homem voltou a untar seu barco com breu. Fabián interpretou isso como o fim da conversa.

Continuou andando e passou por um terreno descampado onde três crianças brincavam. O terreno era cheio de brinquedos mecânicos em desuso, daqueles que funcionam com fichas. Um dos garotinhos cavalgava uma rã voadora, unida por um braço mecânico enferrujado a uma base. Os outros dois estavam dentro de um Fusquinha conversível, que um dia teria sido cor-de-rosa. Quando o perceberam, os garotinhos foram até ele.

— Ei, doutor!

— Ei, doutor! — disseram em coro.

— De onde é?

— Quer cerveja?

— Tem um peso?

— Quer um lagarto?

Fabián caminhou com eles, que se agarravam por entre suas pernas.

— Onde é o Farías?

— Lá atrás.

— Lá atrás!

— Ei, doutor! Tem um peso?

— O senhor já te disse que não. Não é, doutor?

Fabián procurou no compartimento de sua bolsa e tirou uma nota de dois e uma moeda de um peso.

— Não tem três moedas, doutor? — perguntou o maior dos garotinhos.

— Não sejam gananciosos.

— Se eu o acompanhar até o Farías, me dá outro peso?

— Já me disseram onde é.

— Acompanho assim mesmo.

— Eu também.

— Eu também.

Continuou a caminhar até o fim de Pórtico, subitamente cansado. Em algumas casas, havia velhas sentadas em cadeiras de madeira que o olhavam passar. Um dos postes cintilou e acendeu, e os demais o seguiram, atraindo sua luz rapidamente para milhares de mosquitos. Uma buzina estridente soou no píer e os três garotinhos saíram correndo. Fabián viu duas grandes lanchas que estavam parando na entrada do povoado, descarregando pessoas. Os trabalhadores de Pórtico voltavam para casa.

O povoado estava acabando e não conseguia localizar o bar do Farías. Não imaginava que o lugar tivesse o nome em luzes de neon. Estava chegando ao fim do canal e, de repente, desembocou em um pequeno lago circular, uma área onde os barcos podiam contornar. No fundo de Pórtico, na divisa com a floresta e o monte, existia uma construção amarelada, com um telhado de fibrocimento sob o qual havia algumas mesas. Uma porta com cortinas de tiras de plástico deixava passar alguns reflexos de luz do lugar. As paredes não tinham nenhum cartaz, exceto um quadrado gasto no qual se adivinhava a marca “Gini”, quase apagada pelo tempo. Tinha que ser o bar do Farías.

Começou a circundar o lago, olhando fixamente para o mal-ajambrado bar, quando escutou o grasnado já conhecido de um gavião batendo as asas por cima dele. Olhou como o pássaro cruzava o ar plainando até pousar no meio do círculo de água, sobre a estátua que, até então, incompreensivelmente, não havia notado.

Era uma estátua de um barqueiro, gêmea da que já conhecia, só diferente por seu tamanho maior. O gavião balançou-se nas patas sobre o chapéu de bronze, abriu as asas para se equilibrar, voltou a fechar e olhou para ele.

8 de novembro

No dia seguinte, disse a Reba o que havia decidido. Ela não se surpreendeu, mas sofreu. Sentou-se na cadeira da cozinha e pegou um cigarro. Perguntou-me como ia organizar a viagem, se ia comprar as passagens, se os documentos de Casilda estavam em ordem para sair do país. Embora se mostrasse durona, sabia

que por dentro chorava lastimosamente, como um cão que, de repente, fica sem dono. Mudanças como essas, em pessoas de sua idade, aproximam mais o fim da vida, fazem dele algo real, iminente. Fiquei pensando se Reba não ficaria desesperada e me denunciaria. Percebi que fazer Reba desaparecer poderia ser algo de muito fácil execução, e saber disso me fez sentir embriagado de poder por um momento.

Mas não quero complicar as coisas agora e manchar mais ainda minha alma, já mutilada pelo crime.

Ontem, comecei a arrumar os objetos da casa e pus alguns peões para embalar e guardar. Para variar, Lautaro sumiu.

Deixar o ateliê é muito duro, mas sei que, onde quer que estejamos, posso construí-lo de novo. É abandonar o Jardim o que me causa uma dor incontável. Deixar o Jardim é como me partir em pedaços para sempre. À noite, ao me dar conta disso, chorei como um menino, sem conseguir parar. Mais uma vez, a imagem de Cordelia me assaltou, implacável. Depois me acalmei, e disse a mim mesmo que ainda não estava vendendo a fazenda, que ia deixar gente para olhar, que a casa, o ateliê e o Jardim não iam ficar abandonados. Talvez voltemos antes do que pensamos, quando o panorama se acalmar, quando já não tiver a sensação de que nos procuram.

Tenho que dormir. Hoje, faço a ronda pela plantação e, depois, os últimos acertos com meus sócios no escritório. Acho que vão se sentir aliviados quando eu não estiver mais aqui. Não guardo rancor deles. São meus sócios. Não havia nenhum contrato obrigando-os que fossem meus amigos.

9 de novembro, duas da manhã

Peguei os diários do esconderijo do Jardim e os trouxe para o quarto, e agora tenho dúvida se os levo ou se deveria queimá-los. Depois das esculturas, o que escrevi nestes cadernos esses anos todos é o mais importante que fiz.

Tenho que me acalmar. Acabo de ir à janela por causa de um barulho que ouvi claramente a metros da casa. Abri as persianas e olhei para fora.

Não vi ninguém. Ouvi um barulho de batidas na água do rio, mas isso podia ser qualquer coisa. Um pássaro, uma doninha. Mas o outro barulho era de passos, passos na grama. Rápidos. Entrei no quarto de Casilda e a observei por um momento. Dormia, mas respirava agitada. Era ela quem ouvi? Impossível. Verifiquei a fechadura da porta dela e não vi nada estranho. Olhei de novo para ela. Pensei em acariciar seu rosto, mas depois não fiz isso. Não posso me esquecer de levar todos os remédios dela quando viajarmos.

Cinco da manhã.

Agora sinto um pânico profundo. Acabo de acordar com a convicção de que os passos que ouvi eram de algum saqueador, estudando o terreno para dar o golpe quando já não estivermos. Reba vai ficar um tempo, mas não muito, vai se aposentar e, com certeza, se mudar para La Paz ou Paraná. Quando isso acontecer, os que foram meus peões vão me trair e saquear o Jardim. Lautaro, creio que não. É fiel à sua maneira. Mas os demais só esperam o momento. O que eu faço? Poderia pôr uma cerca elétrica, mas seria muito fácil cortarem a energia.

Deveria ter pensado nisso antes. Com mais tempo, poderia ter desmontado o Jardim e guardado parte no ateliê e parte no herbário da casa.

Agora já é tarde.

Tudo o que se deixa para trás se perde para sempre.

O bar do Farías era outra coisa por dentro. Com uma amplitude que Fabián não imaginava, cheio de fumaça, de cantos, de movimentos que se notava fora dos fachos de luz das lâmpadas sujas que iluminavam o lugar.

As mesas e as cadeiras eram de uma madeira pesada. Perto da porta, uma minúscula janela mal deixava entrar a luz agonizante de fora. Havia também uma parede cheia de prateleiras, bandeirolas, quadrinhos com fotos de pescadores e algumas camisas de um time indiscernível que sobreviviam ali, pregadas. Havia uma espécie de balcão com um apoio de pés de

metal e três bancos, um deles sem o assento, o qual antecipava maus momentos. A adega atrás do balcão estava ornada com uma grossa rede de pesca que lembrava, como não podia ser de outra maneira, a teia de uma enorme aranha. Em algumas prateleiras, havia peixes dissecados, surubis e dourados, além de outros desconhecidos para ele, em especial um gordo e de espinhos eriçados, para o qual ficou olhando um tempo, convencido de que era falso.

Na parede mais distante da porta de entrada, havia quatro mesinhas apoiadas e, em uma delas, dois idosos jogavam dominó. Uma mulher de camiseta regata rosa e saia bege, robusta e compacta, entrava e saía levando pedidos. Atrás do balcão, havia um homem de uma resplandecente calvície, alto e corpulento, com um bigode do tempo do cinema mudo, amarelado e curvado para baixo. Parecia o dono, mas não tinha cara de Farías.

Fabián sentou-se a uma mesa perto do balcão. O bar estava bem cheio, com os trabalhadores da madeireira recém-chegados de sua jornada. O tom das conversas era alto, mas nada que assustasse, e tocava um chamané em um volume aceitável.

Em outra época e circunstância, poderia ter desfrutado daquele momento.

Deixou a bolsa, com certo receio, em uma hospedaria chamada Rio Azul, a dois quarteirões. Uma casa de dois andares com uma dezena de quartos com cheiro de mofo e uma mulher com artrose nas mãos que era a irmã da atendente do bar do Farías. Fabián não teve que dar muitas explicações. Aos poucos, Pórtico estava se transformando em um refúgio exótico que atraía um número cada vez maior de turistas. A senhora da hospedaria gostava muito da frase “boca a boca” e a aplicava a esse progresso turístico bem-vindo que a cidadezinha estava experimentando.

A mulher da regata passou perto, e ele pediu uma tônica. Já tinha olhado a estátua do lado de fora do bar e de longe havia reconhecido como sendo de Rauch. Era impossível que fosse de outro. A figura do barqueiro devia ser um molde que podia ser reproduzido em diferentes escalas. A única coisa que tinha que

fazer era perguntar casualmente por seu autor, e daí para saber a localização da fazenda era só um passo. A noite chegou a Pórtico e claramente a temperatura diminuiu. O bar do Farías agora tinha um calor hospitaleiro e algumas conversas se tornaram mais vivazes e elétricas, com risos inesperados ouvidos por cima da música.

Esperou a mulher da regata passar algumas vezes perto de sua mesa e a chamou.

— Pode mandar!

— Uma pergunta. Quem fez a estátua que está lá fora?

— Que estátua?

— A que está na água.

— Ah, na verdade, não sei. — A mulher deu as costas, mostrando as panturrilhas, e balançou a saia até a outra mesa. Fabián chegou perto do balcão. Deixou seu copo e a garrafa vazia de tônica e sentou-se em um banco. Bigode aproximou-se.

— Um fernet.

O homem abriu uma garrafa e serviu em um copo sujo.

— A estátua que está lá fora é muito bonita. Quem fez?

— Que estátua?

“Bom, isso vai me deixar louco”, pensou Fabián.

— A que está na água. Está vendo?

— Ah, sim. Está ali há muito, muito tempo. — O dono do bar alisou o lado esquerdo do bigode. — Não lembro onde...

— Alguém daqui fez ou a trouxeram?

— Fizeram aqui, acho. — Agora acariciava o direito. Seus bigodes não tinham preferências políticas. — Mas não sei, não sei... Farías sabia, com certeza.

— Ah... E o Farías não está?

— Farías morreu.

— Ah!

— Na batida da lancha, rio abaixo. Viu o altarzinho?

Levou o fernet à mesa, desanimado. Já tinha passado um tempo e não sabia muito bem como prosseguir. Ficou ali, girando o copo, percebendo os sons e deixando que o envolvessem, um pouco sonolento. Descobriu com certa surpresa o garoto da lancha, o deficiente, apoiado na parede ao lado da porta, com

uma garrafa de refrigerante na mão. Parecia estar cantarolando uma música.

— Sabe o que você faz? — disse alguém de uma mesa próxima.

Fabián olhou na direção e viu dois velhos no dominó, e um deles levantando-se da mesa e ajeitando o cinto enquanto outros três homens que olhavam a partida da outra mesa começavam a rir. Um dos três, magro e elástico, com uma espécie de cordão amarrado ao pescoço, estava encharcado de cerveja ou fosse lá o que estivesse bebendo. Seus olhos agitados só descansavam quando ele tomava sua bebida.

— Você estraga a essência do dominó — dizia o velho. O outro, embora sentado, metia as fichas em uma caixa de madeira.

— Não, não guarda. Quem disse para guardar?

— Aaah... Não enche o saco, tá? Vai dormir.

Nova gargalhada dos outros.

— Quero continuar jogando — disse o que estava de pé. — Me dá a caixa. Deixa eu ver se encontro um adversário como a gente. E aí? O que diz?

Fabián levou dois segundos para entender que estavam falando com ele.

— Sabe jogar?

O outro velho se levantou e Fabián se sentou em seu lugar.

— Aceito para que não fique chateado.

— Agradecido. Qual é seu nome?

— Fabián.

— Aníbal Lestrepo. Ex-comerciante, aposentado. É de Rosário?

— Buenos Aires.

— Dá no mesmo. Não é? Para nós aqui, é o mesmo.

Tomou um pouco do fernet. Lestrepo bebericou sua bebida, pegou as pedras da caixa e as embaralhou.

— Agora, sim, vão ver o que é respeitar o espírito do dominó.

O outro velho inclinou-se, fez um barulho de pum com a boca e afastou-se, atravessando a cortina de tirinhas de plástico como se desmaterializasse.

— O que apostaremos?
— Não apostaremos, porque vai me ganhar.
— Quem sabe? O dominó comanda o destino, por mais que alguém faça força.
— Não acho.

Perdeu três partidas e duas cervejas. Os espectadores foram embora logo, sabendo que o forasteiro não era páreo para Lestrepo. Os três homens da mesa vizinha tinham se reduzido a dois. O biriteiro do cordão de vez em quando balbuciava ao outro sujeito uma mistura de guarani com espanhol.

— Aqui não teve nada de destino — disse Fabián. — Foi um massacre.

— É o hábito — disse Lestrepo. — Tanto a gente joga essas bobagens que acaba sabendo. Mas não confie nisso. Além disso, é porque jogamos em dupla. Se estivéssemos em quarteto, não seria o mesmo. Eu continuo a jogar em dupla porque quero elevar o dominó à categoria do xadrez. Mas sempre vai ser um irmão menor do ilustre jogo hindu.

Em um relógio de metal dourado em formato de sol, os ponteiros marcavam nove da noite. Alguém ouvia um bolero. Só se distinguiam as maracas e uma voz distante de mulher. Lestrepo pôs um pouco de sua cerveja no copo de Fabián.

— Ouvi você perguntar sobre a estátua. Os ignorantes deste lugar não sabiam nem do que você falava.

— Você sabe quem fez?

— Sim. Mas só digo se me ganhar uma partida.

— Não vou ganhar de você em mil anos. Não precisa apostar essa informação. Eu sei quem fez.

— Ah, é?

— Ferdinand Rauch.

Diante da menção ao nome, os dois homens que estavam perto pararam de sussurrar. O do colar pareceu sair do estupor e, virando rapidamente, cravou os olhos em Fabián.

— E de onde vem o interesse? — perguntou Lestrepo.

— Era um grande escultor. Você o conheceu?

— Não. Morreu faz tempo. Vinha aqui quando o dono era Farías.

— E não teve filhos?

— Farías?

— Rauch.

— Sim, teve. Agora o neto dele fica por aqui.

Fabián não disse nada. Estava meio combalido pelas cervejas e tentou se acalmar.

— O neto mora aqui?

— Não. Tem uma fazenda rio acima.

— Muito longe?

— Quase no limite com Corrientes.

Lestrepo fez girar um seis duplo sobre a fórmica da mesa, como uma hélice.

— É uma fazenda bem-escondida, em um braço bifurcado. Dizem que Rauch, o escultor, tinha o ateliê lá. Depois, o filho investiu no ramo madeireiro. Então, o filho faleceu e ficou este neto. Ele se chama Iván.

— Iván...

Novamente na mesa ao lado, sentiu-se uma reação. O do cordão balbuciou palavras incompreensíveis, mas o tom era de inconfundível raiva.

A mulher de camiseta rosa passou um pano na mesa e interferiu na conversa, como se sempre tivesse estado nela.

— Esse Iván não vem muito aqui. E é melhor falar baixo.

— Por quê?

— Ele teve problemas na última vez que veio aqui. Uns peões estavam falando, justamente aqui, de como se pagava mal em Braço Moro, e ele estava no local, né? Ele encarou os homens. Quase saem na mão.

— O que é Braço Moro?

— A ilhota onde está uma parte da empresa deles. Trabalham com eucaliptos — explicou Lestrepo. — A fazenda está mais ao norte.

— Esse Iván não é bem-vindo aqui — disse a mulher. Nesse momento, o homem do cordão não olhava mais para a mesa, mas escutava com atenção o que diziam.

— A fazenda está em cima de um morro — agora falava Bigode, do balcão, debruçado e com o olhar meio perdido, mas

aceso. — E há uma construção de ferro e vidro, como uma cúpula ou algo assim.

Fabián continuou perguntando. A esta altura, já não ia parar.

— E não sabem se tem mais estátuas lá? Me interessa saber se há mais obras do avô.

— Você compra estátuas? — perguntou Lestrepo.

— Algo assim.

— Não sabia que o cara que fez essa estátua vivia nessa fazenda — disse Bigode.

— Ele não vem mais aqui — disse a da camiseta. Dialogavam entre os dois, excluindo os demais. — Quem vem é a velha que está com ele. A empregada. Que vem com a menina, às vezes. A menina dele estuda em um colégio de La Paz, o Imaculado, eu acho. Luciana, a filha da Norma, a conhece.

— Não sabia que tinha uma filha.

— Começou este ano a escola. Tem uns treze ou catorze anos. Linda menina.

— Mas ele era casado?

— Que eu saiba, não.

Fabián conteve o coração. Sentiu com clareza que ele congelava entre duas batidas. Tentou falar, mas os lábios repentinamente secos não se descolavam. A mão que mantinha apoiada sobre a coxa, debaixo da mesa, agarrou-se com força na trama do jeans, prestes a rasgá-la.

Os homens da mesa que estava perto disseram mais palavras em guarani. Pareciam discutir entre eles, e a última frase pronunciada foi com olhares cravados em Fabián. Bigode, do balcão, mandou-os calarem a boca como se fossem animais. O do cordão não prestou atenção nele. Observava Fabián; de repente, revirou os olhos, fez um movimento circular com a cabeça e deu um tapa na mesa.

Fabián sentiu que Lestrepo tocava seu braço e reagiu como se fosse um choque elétrico.

— Sente-se bem? — Olhava-o preocupado, ao mesmo tempo que guardava as pedras novamente na caixa de madeira. — Aqui dentro está difícil de respirar. Quer ir lá para fora?

Pagaram e saíram. Andaram alguns metros longe do bar.

— O que aconteceu com eles?

— Percebe-se que não gostam da escultura — disse Lestrepo.

— Nas madeiras, pagam mal, e parece que Rauch não é a exceção.

Um grito surgido da porta do bar os fez virar. O homem de cordão vociferava, enquanto seu companheiro, tão bêbado quanto ele, tentava contê-lo. Ambos, debatendo-se, aproximaram-se deles. O do cordão parou, cambaleante, a centímetros do rosto de Fabián. Vários insultos em guarani chegaram a seu rosto, envoltos por um hálito rançoso, orgânico e pesado. O homem aproximou-se mais. Fabián pôs a mão no peito dele e o deteve. O outro retirou a mão de Fabián com um tapa. Lestrepo meteu-se entre eles.

— Parem, pô! O que foi?

Os dois bêbados falavam agora sem parar, em uma linguagem própria, multiplicada e enlouquecida. Fabián pensou que se engalfinhar por uma falha na comunicação não parecia algo muito heroico.

De repente, no ombro de cada um dos bêbados apareceram mãos pesadas e grossas. Bigode, o dono delas, virou-os como se fossem fantoches. Um deles ficou calmo, mas o do cordão resistiu. Então, Bigode retorceu o cordão no pescoço dele e o puxou.

— Não me fode — disse. A voz saía tranquila, como se não fizesse esforço. O do cordão começou a lhe lançar socos, ainda preso pelo pescoço. Nenhum golpe chegou ao rosto, mas Bigode entendeu que precisava cortar o mal pela raiz. Mediu, levou o braço para trás e logo disparou o punho cerrado no rosto do homem. O barulho foi seco, e o golpeado tropeçou para trás, perdeu estabilidade e caiu na água. Instantes depois, reapareceu na superfície, tossindo com o cordão feito uma venda nos olhos. Seu amigo esperou na beirada da água até o outro chegar, ajudando-o a sair e aguardando que ele se sacudisse como se fosse um cachorro. Bigode olhou para eles com os punhos cerrados. Os dois foram embora ziguezagueando pela escuridão. Bigode olhou para Fabián.

— Não gosto que tratem mal os turistas.

— Obrigado.
— Também não fale de Rauch. Dá problema.
Ajeitou as calças e entrou no bar.

Fabián apoiou-se em uma das amarras dos barcos e respirou fundo. A água do rio ondulava lentamente, com ritmo, e à beira do canal se ouviam ligeiros respingos. Alguns postes estavam acesos e outros, não. Em alguns cantos, as sombras confundiam o limite entre terra e água. Um pouco de vento secou o suor de seu rosto.

Lestrepo olhava para ele sem falar, com suas sobrancelhas brancas arqueadas em interrogação.

— Está na Rio Azul? — perguntou.

— Sim.

— Imaginei. Vamos. Eu vou para lá.

Voltaram para o Paraná. Fabián evitou olhar a estátua do barqueiro.

— Então, você compra estátuas.

— Não, não só isso. Sou arquiteto. Me interessei pela obra de Rauch. Em Buenos Aires, há algumas esculturas dele. Em Paraná também.

— Não sabia. E veio até aqui por isso?

— Estou com uma obra em Paraná e aproveitei para vir.

— Não diga. E está fazendo o quê?

— A reforma de uma casa. Está complicado porque, por baixo, passa um desses túneis...

— Ah, sim! Lá está cheio! Que cidade mais estranha!

Fabián teve o impulso de contar a verdade a Lestrepo, mas se conteve.

— Aqui, por ora, está tranquilo — disse Lestrepo. — No entanto, cada vez vêm mais turistas estrangeiros. A qualquer momento, vão acabar com tudo.

Chegaram à hospedaria. Lestrepo apontou para alguns metros além.

— Essa é minha casa.

Era um chalé ocre de telhas coloniais, com janelas gradeadas e um pequeno parque à frente.

— Desculpe... Mas sabe que você não me é estranho? — disse Lestrepo. — Disse que seu nome é Fabián?

— Não, não disse. Carreras.

— Carreras... — Lestrepo franziu a testa. Fabián esperou a iluminação, o reconhecimento. — Não sei. Me parece familiar...

— Tenho um rosto muito comum. Muitos acham que me conhecem de outro lugar.

— Olha que coisa...

Lestrepo ensaiou ir embora. Parou.

— Sabe de uma coisa? Se eu fosse você, não tentaria entrar em contato com Rauch.

Fabián deu de ombros.

— Percebi que não gostam muito dele por aqui. Mas eu não tenho nada a ver com isso. Quero falar de arte com ele, não de exploração de funcionários.

— Acho que esse rapaz... — Lestrepo levou o dedo indicador a um dos lados da cabeça. — Não está muito bem daqui.

— Não creio que o veja. Amanhã, já tenho que voltar a Paraná. Talvez em outro momento.

— Melhor assim.

Olharam-se. Fabián sentiu que o rosto de Lestrepo emanava incredulidade.

— Bom, por hoje já foi muito. Se tiver tempo, amanhã lhe dou a revanche.

— Para quê?

— Nunca se sabe. Talvez me pegue distraído. Desculpe, mas continuo achando que já vi seu rosto em algum lugar.

— Depois de três cervejas, todos nós somos conhecidos.

O riso de Lestrepo afastou-se na névoa verde.

— Descanse.

Entrou na Rio Azul, cumprimentou com um aceno a senhora com artrose, subiu para seu quarto e se deitou na escuridão.

Pensou em Moira. Seria essa menina de treze anos de que falavam? A maneira de comprovar isso era simples. Tinha que

averiguar sobre a escola que a mulher do bar mencionara. Ou montar guarda na entrada. Estava certo de que, se fosse Moira, ia reconhecê-la. Lembrou, com desalento, que as aulas já haviam terminado. No embalo de continuar se castigando, maldisse a si mesmo por ter falado que seu nome era Fabián. Uma estupidez enorme. Lestrepo estivera a ponto de reconhecê-lo?

Fechou os olhos. No lado de fora, algo chiou levemente, escondido em alguma parte, e algum barco embalado pela água chocou-se contra a borda de um píer. Em uma repentina confusão, perguntou-se se toda aquela viagem fora uma busca ou uma fuga.

Sentia um imenso cansaço e queria acabar com aquela espécie de missão secreta que ele mesmo havia concebido. Não necessitava de mais informações. Podia avisar à polícia, chamar Blanco em Buenos Aires, pedir que fossem vasculhar a fazenda de Rauch.

Acendeu a luminária da mesa de cabeceira, tirou a arma da bolsa e colocou-a sobre a cama. Deitou-se, cobriu a arma com as mãos e dormiu. Pela primeira vez em sabe-se lá quantos anos, voltou a sonhar.

No quarto, apareceu Silva, sentado em uma cadeira, e com ele estavam Mondragón, Beltrán, Revoira e outros, todos olhando para ele e acomodando-se nas cadeiras, como se estivessem se preparando para assistir a uma conferência. Primeiro, acreditou ver nos rostos de Silva e dos demais uma atitude atenta frente ao que ele tinha para lhes contar, mas, quando começou a falar, viu com clareza em todos esses rostos que eles o julgavam.

Depois, esse júri desapareceu e, em seu lugar, surgiu uma mesa cheia de pedras de dominó. Uma mulher as estava arrumando fazendo um barulho de pequenos choques quando batia o marfim. No fundo do quarto, fora do fecho de luz da lâmpada, Fabián viu Moira. Estava de perfil e seu cabelo escondia o rosto, mas sabia que era ela.

A mulher da mesa batia nas peças de dominó com insistência. Fabián notou que as pedras eram todas duplas e não havia nenhuma em branco. Estavam numeradas em ambas as faces. A

mulher batia a unha do dedo indicador no marfim sem parar, talvez esperando algo.

Fabián viu que a mulher das pedras era Lila.

Continuava batendo na pedra e olhando para ele, em uma espécie de código Morse em que tentava lhe contar algo. A sombra tomou a mesa e Lila, e o barulho das batidas permaneceu, mas agora ressoava atrás da porta do quarto.

Levantou-se da cama, já sabendo que estava desperto e que alguém batia à porta.

Abriu e, a princípio, não viu ninguém, mas, quando conseguiu distinguir as sombras do fundo do corredor escuro, viu alguém parado. Era o rapaz deficiente mental. Balançava os pés como um boxeador tímido ou um bailarino dopado.

— Você quer subir o rio? — Sua voz soou muito clara e normal. — Me disseram no bar que você quer ir a La Doradita.

— La Doradita?

— A fazenda dos Rauch.

— Você pode me levar?

— Conheço um piloto de lancha que vai lá todos os dias. Passa às sete.

— Amanhã?

— Pergunte por Alejo.

O rapaz desapareceu sem fazer barulho pelo corredor.

12

Ela ficou um bom tempo decidindo se levava os livros ou não. Era muito mais peso na mochila, e sabia que tinha que levar só o essencial. Além da roupa indispensável e a faca de caça, teve que abrir espaço na mochila para os remédios, e isso reduziu bastante as opções. Decidiu-se pelo livro dos deuses gregos. Não ocupava muito e ia entretê-la. Verificou de novo as alças da mochila e os fechos dos muitos bolsos que tinha. Ela a tinha comprado em Paraná. Sua cor vermelha intensa conquistou-a de imediato. Tinha sete anos. Iván deixou que comprasse porque lhe prometeu que iriam acampar na semana seguinte. Nunca acamparam.

Deixou a mochila debaixo da cama e deitou-se de novo, já totalmente vestida. Por via das dúvidas, cobriu-se com o lençol, mas não achou que Reba ou Iván fossem aparecer. Iván ia à noite, nunca de dia.

E aquela era a última noite que ela passava naquele lugar.

Lá fora, os primeiros pássaros cantavam. Deviam ser quatro horas. Estava preocupada com o fato de que quase não tinha conseguido dormir nas três últimas noites, sobretudo depois do episódio com Iván. Nesse momento, pensou que tudo tinha dado errado, e por culpa de sua ansiedade.

Ela vinha preparando o barquinho fazia algumas semanas. Não era a primeira vez que resgatava um barco de madeira quebrado e o consertava para usá-lo, mas dessa vez tinha que fazer isso em segredo, e isso complicava as coisas. Iván passeava pelo rio todo o tempo, ao sul e ao norte da fazenda, e conhecia todas as curvas e esconderijos em ambas as margens tão bem quanto ela. Por isso, quando encontrou o barco abandonado a meio quilômetro do píer e viu que servia, tratou de pensar bem onde escondê-lo. Decidiu-se por arrastá-lo o mais que pudesse para dentro do monte, quase no limite do terreno da fazenda. O barco era amarelo, com três metros de comprimento, estava virado e

tinha um rombo não muito grande em um dos lados, que podia ser consertado.

Quando o encontrou, soube que os deuses o mandaram para que pudesse escapar. Por isso, não vacilou. Levou-o pela água, metida até a cintura, uns duzentos metros, até sair do campo de visão para qualquer um que olhasse da casa. Depois veio a parte difícil: arrastá-lo encosta acima por entre as árvores até encontrar um bom lugar que o mantivesse escondido com a ajuda de alguns galhos que o cobrissem. Quando acabou de esconder o barco, deu-se conta de que o lugar escolhido estava à mesma distância tanto da ribanceira quanto do Jardim, dois lugares que Iván visitava sempre. Por um momento, pensou em trocá-lo de lugar, mas depois achou que era melhor deixar o barco perto de Iván, porque não ia imaginar que ela esconderia algo tão próximo.

Consertá-lo foi o mais complicado. Ela sabia. Amadeo, o peão, havia lhe mostrado como; e, juntos, consertaram vários barquinhos. No galpão, podia conseguir madeira, massa corrida, acetona e lixas, tudo do que precisava. Só tinha um buraco, o resto estava bom. O problema era quando fazer isso.

Ela sabia que Iván se levantava às sete, tomava o café da manhã e ia ao ateliê, no qual permanecia até o meio-dia, para depois ir a Braço Moro. Não tinha coragem de tentar consertar o barco de dia, porque a qualquer momento Iván podia aparecer. Assim, começou a levantar-se às três; saía pelo túnel ao herbário, descia até o lugar do barco e trabalhava naquele único buraco que lhe impedia de ir embora daquele lugar para sempre. Às seis e meia, voltava ao seu quarto.

Em três dias, já tinha consertado o barco. Parecia que o remendo ia aguentar bastante. Sabia que estava se arriscando não testando antes; logo desceria para o rio e faria seu batismo no momento de escapar.

Pegou algumas coisas na despensa. Enlatados, purê instantâneo, fósforos, inclusive um pequeno lampião que ninguém usava. Iván verificava a despensa todo início de mês, antes de fazer as compras, e faltavam três semanas para isso. Colocou tudo em dois sacos e os escondeu na entrada do túnel.

Sua ideia era levá-lo na madrugada seguinte e deixar o barco provisionado antes do dia da partida.

Aquela foi a noite em que tudo se complicou.

Levou os sacos e os colocou no fundo do barco. Escondera melhor que nunca. Estava voltando para o herbário e teve a péssima ideia de cortar caminho pela lateral da casa. Isso significava passar perto da varanda e do quarto de Iván. A outra opção era dar uma volta por trás do ateliê, e ela estava muito cansada. Assim, decidiu-se pelo caminho mais curto, como Chapeuzinho Vermelho.

Cruzava o gramado em silêncio, mas rápido. Seus pés descalços sentiam o orvalho fresco da manhã que começava, quando escutou o barulho de uma das persianas da casa. Ficou paralisada no lugar, o que era uma estupidez, porque ninguém além de Iván podia estar abrindo a persiana, e quando fizesse isso ia vê-la ali, parada no meio do quintal. Jogou-se no chão e arrastou-se de quatro até o canteiro mais perto, metendo-se entre alguns arbustos, enquanto Iván saía da casa. Podia vê-lo de onde estava, andando pelo gramado, aproximando-se, como se tentasse sentir, farejar a presença do outro. Estava a uns dez metros dela.

Se a descobrisse, estava tudo acabado. Ia ter que explicar como saía do quarto, e seria inútil mentir para ele. Se dissesse que tinha forçado a fechadura, ele ia pedir que fizesse de novo para mostrar como. Inventar que tinha uma cópia da chave era absurdo. Ia ter que revelar a existência do túnel, e não tinha ideia de qual podia ser sua reação ao saber disso.

Moira abaixou a cabeça e mordeu a parte interna da bochecha com força até sentir o gosto salgado de seu sangue. Ficou quieta durante um tempo, esperando que as mãos pesadas de Iván se apoiassem em suas costas e a levantassem do chão. Nada aconteceu. Devagar, ergueu a cabeça.

Quase gritou, mas no último momento conseguiu se conter. Iván estava a não mais de três metros dela, parado e quieto, olhando o céu cor de pérola do amanhecer, com a cabeça inclinada para cima. De repente, mexeu-se e, aos trancos, voltou para a casa. Ela ouviu o barulho seco da persiana se fechando, e

só aí respirou outra vez. Mas esse alívio não durou muito e um medo real a tomou: Iván podia estar indo para o quarto dela, para comprovar se estava lá.

Arrastou-se um pouco mais e, quando ficou fora do campo de visão da casa, começou a correr. Chegou ao herbário e meteu-se pelo pequeno caminho que conhecia. Correu entre as plantas, na escuridão, lembrando-se do caminho, até a grade de entrada do túnel. Desencaixou a grade e a colocou de novo a duras penas. Avançou na escuridão, sem tempo de acender sua vela, com o medo apertando a garganta. Chocou-se contra algumas raízes e machucou a testa. Parecia que o túnel não terminava nunca.

Bateu as mãos e o rosto quando chegou ao fim. Tirou do lugar o piso do box tentando não fazer barulho, subiu, voltou a empurrar o piso (não ficou em seu lugar exato; sabia, porém, que não tinha tempo de arrumar); saiu do banheiro e ouviu a chave mexendo-se na fechadura. Pulou na cama e cobriu-se com os lençóis. Um segundo depois, a porta se abria; alguns passos ressoaram no quarto. Tentou prender a respiração. Tinha certeza de que Iván ouvia sua agitada respiração.

A figura parada no meio do quarto não se mexia. Só escutava. Para Moira, parecia impossível que não a descobrisse. O machucado em sua testa incomodava muito e era uma tortura aguentar parada sem tocar nele. O tempo passou com uma lentidão exasperante.

Moira ouviu de novo seus passos e, em seguida, o barulho da porta sendo trancada com a chave. Os passos se afastaram. Ela deixou passar um tempo, levantou-se, foi ao banheiro, arrumou o piso. Lavou-se. Voltou a se deitar.

Assim foi a noite em que quase tudo se arruinou. Mas sua força de amazona a salvara.

Ficou quieta, sabendo que, dentro de poucas horas, estaria indo embora para sempre daquele lugar. Então, de repente, quis deixar de respirar. Quis morrer, e que Parca fosse buscá-la. Parca teria olhos vazios e, de sua boca morta, sairia uma língua bífida e comprida, de um tom vermelho-escuro, quase preto. A mesma cor do líquido que escorreu por suas coxas um ano

antes, quando Reba lhe dissera, com voz dura, amarga, que havia se transformado em mulher.

Quis que Parca viesse para mostrar que não tinha medo dela. Era preferível morrer que sair do lugar que fora sua casa todo aquele tempo para entrar sem retorno em um mundo que não conhecia. Mas não tinha outra opção.

13

Fabián pagou o quarto e despediu-se da mulher com artrose. Foi até o rio e passou em frente à casa de Lestrepo, imóvel e bem-cuidada. Os postes nas calçadas ainda estavam acesos. O silêncio úmido aferrava-se a todas as coisas.

Chegou ao atracadouro. O homem que o esperava podia ter mais de quarenta anos. Era alto. Usava uma camisa cáqui que lembrava um uniforme, calças largas e sapatos pretos de lona. Estava em cima de um barco da mesma cor da água, o que dava a ilusão de que o rio formava uma plataforma ou um pedestal que o segurava. Isso e a presença de uma neblina densa, um manto cinza-prateado sobre o rio, com redemoinhos e cerração a lamber os pés do piloto, davam um efeito que um cinéfilo atualizado chamaria de “envelhecido”.

— Alejo?

— Fabián... Só subir.

Estendeu a mão e Fabián subiu no barco, sentando-se em um banco. O pequeno motor de popa já estava ligado. O barco afastou-se do píer, e Pórtico foi engolida pela neblina.

Alejo usava um croque para mudar a trajetória e afastar os camalotes, cada vez maiores. Cravava o croque com movimentos precisos. Fabián não entendia como podia ver o que espetava, como podia se orientar dentro do limbo que os cercava.

— Hoje está difícil — disse o piloto da lancha, lendo a mente de Fabián.

— Quanto tempo de viagem?

— Vai a La Doradita?

— Sim.

— Se não houvesse neblina, levaríamos meia hora. Calcule o dobro.

— Como faz para se orientar na neblina?

— Vou tateando.

Fabián não soube mais o que dizer ou perguntar, mas um pouco depois Alejo falou.

— Fica complicado até voltarmos a entrar no rio largo. Lá a água já está mais limpa.

— Onde fica Braço Moro?

O piloto cortou um galho que saía da água com o croque.

— Estamos indo pelo lado direito da Ilha Algarrobo. Braço Moro é do outro.

— Tem eucalipto lá?

— Muito. Vai a La Doradita por isso?

— Não. Por outra coisa.

— La Doradita está ao norte da plantação, a dez quilômetros do começo de Corrientes.

— Conhece os Rauch?

— Que eu saiba, só há um.

— Ah, é?

— Iván. De vez em quando levo mercadoria do centro de abastecimento para ele. Coisas para seu ateliê.

— Ateliê?

— Faz coisas com bronze. Esculturas. Eu vi algumas. São muito bonitas.

Fabián ficou quieto, vendo as costas de Alejo, que estavam meio encobertas pelo nevoeiro. O sangue latejava nas têmporas, quase abafando todos os sons.

— Tinha entendido que o escultor era o avô.

— O neto também. E dizem que é melhor que o avô.

— Você falou do avô e do neto. Falta o pai.

— Morreu há anos. Dizem que nunca ficou muito confortável neste lugar.

— E esse Iván? Vive sozinho?

Alejo andou rápido até a popa do barco e tirou um galho que havia se prendido ao lado do motor.

— Antes, eram muitos lá. Quando viviam o pai e a mãe. Faziam festas. Podia-se ouvir o barulho de longe. Era outra época. Vivia uma moça lá. Bonita. Chamava-se Cordelia. Em La Paz, todos eram apaixonados por ela.

— E o que aconteceu?

— Depois que o pai morreu, todos foram embora. Menos Iván.

Uma ave que podia ser uma garça, cinza-escura, abriu suas asas e levantou voo a alguns metros do barco. Bateu duas vezes as asas, e o nevoeiro a tragou.

— Em Pórtico, não gostam muito de Iván.

— Imagino. O que te contaram?

— Que não paga bem.

Alejo lançou um riso quebrado para o rio.

— Se Rauch fechasse a madeireira, a primeira coisa a desaparecer seria Pórtico. Seria melhor se não se queixassem.

O rio se fez muito mais estreito e o sol começou a espreitá-los mais ainda, atravessando o insistente véu de bruma. A corrente acelerou-se e Alejo manobrou o barco com perícia para mantê-lo estável. Passaram por uma pequena região de turbulência e desembocaram em um braço que não tinha mais de dez metros de largura.

— Faltam uns vinte minutos para chegar — disse Alejo.

Fabián tocou sua bolsa e sentiu o cabo da Smith & Wesson. Podia sentir, através do compartimento da bolsa, a dureza e o frio do metal.

O momento chegara.

Tudo na fazenda estava quieto e pronto para a partida.

Ela precisava tomar a dianteira na disputa contra Iván, e não podia deixar passar o dia. Se fosse um dia como outro qualquer, Iván teria que estar no trabalho. Pegou a mochila embaixo da cama. Pôs o tênis e parou no meio do quarto, olhando ao redor. Conferia o lugar para ver se não estava esquecendo algo, mas sabia que também estava se despedindo.

Entrou no banheiro pela última vez. O velho armário estava vazio agora, todos os medicamentos ocupavam espaço em sua mochila. Na geladeira da cozinha, havia outros que deviam ser guardados sob refrigeração, mas esses, não tinha jeito, tinha se resignado a perdê-los. Achava que não seriam os essenciais para sua sobrevivência. A saída daquela fazenda era tudo ou nada.

Deslizou o piso do box e desceu para o túnel. Por um momento, pensou, maliciosamente, em deixar a passagem aberta, revelando a Iván a incrível saída que somente ela conhecia. Um duro baque para ele, o homem dos segredos. Mas logo pôs o piso no lugar. Fez isso também porque pensou na possibilidade de Iván encontrá-la e levá-la de volta. Assim, poderia manter a existência do túnel em segredo. Não gostou de pensar assim. Sentiu que era uma derrota de antemão para ela.

Chegou ao fim do túnel e olhou pela grade, em silêncio. O herbário estava deserto. Esperou um momento e tirou a grade, passou para o outro lado e pôs a grade em forma de aranha no lugar outra vez. Caminhou entre as plantas marrons, secas. Já não se notava viço. O herbário morrera rapidamente, esquecido por Iván e por Reba, que respondia apenas às ordens do patrão. Os vidros do herbário não eram lavados havia semanas e pareciam eternamente embaçados. Muitos pássaros descansavam no alto da abóbada e os galhos dos arbustos já se misturavam sem controle com o ferro em uma batalha que

ganhavam devagar e constantemente. Abriu a porta do herbário e não pôde evitar o barulho dos trincos, que soou no silêncio do lugar. Mas não se preocupou, porque Iván não estava. Tudo estava saindo como ela pensara e o caminho da liberdade estava livre de obstáculos.

Foi para a beirada da ribanceira, mas logo mudou de opinião e partiu na direção contrária.

15

A neblina se elevou e Fabián comprovou que avançavam por um braço de rio muito estreito. As margens estavam a não mais de três ou quatro metros de ambos os lados do barco; e, se uma lancha média ou grande aparecesse na direção contrária, não sabia o que podia acontecer.

O calor era implacável e, nas costas de Alejo, debaixo da camisa empapada, perfilavam-se ombros maciços, que se moviam compassadamente com cada movimento do croque de um a outro lado do barco. As plantas e os arbustos cerravam o horizonte e o barco parava bastante, puxado por joios elásticos que abanavam nuvens de ágeis moscas vermelhas e verdes ou lentas varejeiras, porém teimosas, que se aderiam à pele com um entusiasmo quase sexual. Fabián percebeu que não tinha nada para beber, assim como Alejo. Procurou um cantil, mas só viu cordas e uma caixa de ferramentas.

Fazia bastante tempo que o motor do barco estava desligado, aproveitando o impulso da corrente. Agora, o rio fazia uma curva brusca, como um braço que se enverga, mas, ao fim dessa corrente, dividia-se em três canais ainda mais estreitos e turbulentos que levavam ao desconhecido. Alejo ligou o motor e usou o croque para conseguir fazer a curva.

— Segura firme porque aqui é complicado — disse, com esforço.

Fabián firmou as mãos na borda e apoiou bem os pés no fundo do barco. Começou a sentir batidas vindas de baixo que faziam o barco saltar como um cavalo furioso no rio. Quase caiu pela beirada, mas Alejo o agarrou pela camisa e o apoiou na borda. Parecia que o barco ia virar e ficar à mercê da corrente, arrastado até os meandros labirínticos próximos. Mas a persistência de Alejo foi maior e eles avançaram um trecho contra a corrente, até que fizeram a curva e ficaram a favor. O barco tomou velocidade e manobrou entre pequenas ilhas de

troncos. Fabián viu duas serpentes que deslizavam de suas tocas até a água. Eram verdes e de cabeça triangular.

— Não ponha a mão na água agora — disse Alejo. — Costumam morder aí embaixo. Elas veem a gente.

Um tronco enorme de uma árvore que parecia pré-histórica cruzava o rio de margem a margem por cima de suas cabeças. Passaram sob sua sombra a grande velocidade, e logo o curso se abriu e saíram para um trecho de água quase parada, entre duas grandes ilhas. Em uma delas, Fabián viu pela primeira vez a casa e o herbário, no alto e de um monte.

A incongruência dos dois prédios chamou sua atenção. A casa era como muitas fazendas que havia visto. Não parecia ter nenhuma característica excêntrica. Alongada, pintada de branco, com telhas francesas reverdecidas pelo musgo de anos, com uma varanda que recebia o sol de frente com inclemência. Não viu ninguém na casa, nem detrás de suas janelas, nem perto dela. Continuou percorrendo o lugar com os olhos e viu um moinho de metal quase preto que se movimentava lentamente com o pouco vento, embora tenha achado que funcionasse com uma bomba elétrica para captar água.

Ficou absorto com o herbário. Era uma construção insólita, fora de lugar, quase uma projeção sobrenatural que se sobrepunha a uma paisagem a que não pertencia. Reconheceu o estilo Crystal Palace e *art nouveau* que enlouquecia ingleses e franceses no século XIX. Devia ser obra de Ferdinand Rauch, talvez seu canto do cisne. À distância, Fabián podia notar os detalhes do trabalho com o ferro e com o bronze, as incríveis formas que adquiriam em combinação com o vidro.

— Também me surpreendo quando o vejo — disse Alejo, na ponta do barco. — Dizem que o avô começou e o neto terminou. Eles mesmos conseguiram o ferro, fundiram e moldaram. Fiz várias viagens para trazer.

O croque tocava o fundo e impulsionava o barco, já com o motor desligado. Fabián baixou a vista para o píer que se aproximava. As madeiras pintadas de branco-cinza refletiam-se na superfície do rio calmo. Cravou o olhar nas profundezas da

água e descobriu também o reflexo invertido da encosta, a casa e o herbário.

O barulho do motor do barco parou. Ouvia claramente, mas na fazenda não havia nenhum movimento perceptível. Com grande esforço, Fabián conseguiu descer do barco para o píer. Caminhou alguns metros, pensando no que fazer. Alejo amarrou o barco e desceu também.

— Preciso de água.

— Quanto te devo?

A pergunta pareceu tomá-lo de surpresa, como se tivesse pensado em não cobrar.

— Acho que vinte está bom.

Fabián pagou. Alejo nem olhou a cédula de dinheiro. Aproximou-se de uma torneira ao lado do portão de entrada e bebeu a água em grandes goles, molhando o cabelo e o rosto com alívio. Abriu um botão da camisa e olhou para a casa.

— Parece que não há ninguém. Vai ficar aqui, então? Não faço mais viagens hoje. Se quiser, te espero.

Fabián pegou o celular e o abriu. Olhou por um momento e voltou a fechá-lo.

— Não há sinal aqui — disse Alejo. — Não há torres perto.

Fabián guardou o celular e aproximou-se do portão. Era de madeira verde-oliva e no centro tinha uma placa com letras em relevo, escuras e sem cor, moldadas em uma tipografia que obrigava a decifrar o que diziam: “La Doradita”.

— Preciso que me faça um favor.

Alejo olhou-o em silêncio.

— Quero que vá até o primeiro lugar onde possa se comunicar com a polícia e a traga aqui.

— Por quê? Qual o problema?

— É complicado de explicar e não sei se tenho tempo. Vou vasculhar este lugar todo. Se eu encontrar com alguém, pode haver uma situação desagradável.

Alejo ficou parado, tentando processar o que ele tinha dito. Fabián não esperou. O portão tinha uma tranca, mas nenhum cadeado. Fabián o abriu e entrou na fazenda.

— Não quero problemas — disse Alejo.

— Nem eu.

Fabián manteve a mão no portão.

— Olha, se quiser, não avise ninguém. Vá embora. Senão, vamos fazer isso... Vou te dar um número para ligar. — Tateou os bolsos da mochila. — Vai se lembrar de um número e de um nome se eu disser?

— Vamos testar.

— 15 56 78 8976. Não sei se há prefixo antes.

Alejo repetiu o número e, depois, pareceu absorvê-lo.

— E o nome?

— Sergio Reidel. Explique a ele onde estou. Ele vai saber o que fazer.

Olhavam-se através do portal de entrada da fazenda. Nenhum dos dois se mexia. Fabián deixou descansar a mochila em sua mão.

— Estou quase certo de que minha filha sequestrada está neste lugar.

— Sua filha? — As sobrancelhas de Alejo juntaram-se acima dos olhos azuis. O gesto pareceu familiar a Fabián, o único conhecido entre todas as coisas daquele lugar estranho em que estava.

— Tem certeza?

— Não. Não tenho certeza, mas não importa. Volte a Pórtico. Faça a ligação.

Sem esperar resposta, virou-se e entrou em La Doradita.

Sentia-se idiota pelo que estava fazendo. Aproximou-se da janela da casa de Reba em silêncio. Esgueirou-se devagar e olhou para dentro. Não estava na cozinha. Novamente disse a si mesma: “Idiota! Para que veio espiá-la?”. Se Reba a visse, tudo se complicaria, e seu barco estava esperando. Mas precisava vê-la, apenas para se despedir dela em silêncio.

Distanciou-se da janela e andou em volta da casa. O jardimzinho não revelava nenhum movimento. Chegou até a janela do quarto e não viu nada. Esperou alguns segundos e entrou. Reba só ficava naquele quarto para dormir. Se tinha alguma outra atividade, era na cozinha, quase maior que o

quarto. Reba ainda levaria uma hora para entrar na casa principal, quando abriria a porta do quarto para ela.

Aproximou-se da cozinha. Tudo estava em seu lugar. As caçarolas penduradas, os panos de prato dobrados e limpos no armário de portinha de vidro. Sobre a ampla mesa de madeira, havia uma faca curta e uma cabeça de alho. Aproximou-se. A cabeça de alho estava descascada e a faca estava na beirada da mesa, quase se equilibrando. Esses dois elementos proporcionavam um ar discordante no lugar. Tudo estava submerso na milenar ordem de Reba, menos isso. Sobre o forno da cozinha, havia uma grande panela. Destapou-a. Tinha tomates cortados e cebola. Parecia que havia começado a cozinhar e a interromperam. Moira acariciou a madeira da mesa e sentiu uma irregularidade. Agachou-se até que a luz mostrou algumas finas ranhuras na madeira, quatro, traçadas do meio da mesa até desaparecer pela borda. Não foi difícil supor que eram marcas de unhas. Como se Reba quisesse se agarrar à mesa. Mas não tinha certeza. Falou o nome de Reba em voz alta, tentando invocá-la. Nada aconteceu.

Saiu da casa chorando. Sabia que já não voltaria a vê-la. Sabia disso desde que decidira ir embora. Mas não esperava que fosse dessa maneira.

Voltou a cruzar a encosta principal da fazenda, já decidida, de uma vez por todas. Foi cumprimentando cada canto, cada objeto, cada árvore que conhecia. Começou a sofrer e se apressou.

Quando estava para entrar no bosque em declive, claramente ouviu alguém batendo palma do outro lado da casa.

Fabián bateu palma outra vez e o som logo se perdeu em um eco esmaecido. O único movimento que percebia era o dos pássaros que saltavam de árvore em árvore. Uma trilha ladeada de canteiros cheios de flores secas avançava até a casa. Subia em um ângulo muito pronunciado e culminava na construção que governava o lugar do alto de sua encosta.

Fabián não sabia muito de espécies de árvores, mas notava que havia uma enorme variedade. Reconhecia algumas (Lila sabia mais que ele sobre isso e lhe ensinara alguns poucos

nomes). Outras lhe pareciam estranhamente desconhecidas. A maioria também sofria com a negligência geral que caracterizava a fazenda. Caminhou pela trilha de cascalhos, tentando imaginar se alguém da casa o observava, escondido. Decidiu sair da trilha e começar a cercar a encosta, para observar a casa de todos os ângulos. Bateu palmas de novo, mas lhe pareceu absurdo e até sentiu timidez por quebrar o silêncio.

Começou a ficar evidente que o terreno de La Doradita era também uma ilha compreendida entre os braços do rio. A parte mais alta era a encosta em que ficava a casa, e daí o terreno descia e depois se estendia e se prolongava como uma espécie de lágrima cada vez mais estreita. A ilha devia ter vinte hectares, mas só uma pequena proporção estava ocupada pela fazenda. O resto era mata fechada e, se alguém atravessasse o rio que cercava a ilha, em qualquer direção encontrava o monte acidentado. Apenas uma lancha pequena conseguia chegar até o lugar, e sua localização parecia um segredo que jazia nos recantos de um labirinto.

O sol subia rapidamente no céu. Sentiu o suor escorrendo por seu rosto e seu corpo, empapando sua camisa. A mão que segurava a bolsa e tocava a arma estava úmida.

Continuava a andar descrevendo um amplo círculo, vendo como a casa e o herbário giravam lentamente enquanto se movimentava. Topou com uma estátua e pensou que tivesse saído do chão. Em um momento, não estava lá e, de repente, viu-a entrar em seu campo de visão. Era uma mulher nua de costas. Seu tamanho era em escala real. A mulher abraçava a si mesma como se sentisse frio. Caminhou para vê-la de frente e teve uma surpresa: a mulher do outro lado também estava de costas. Era uma figura sem a parte frontal, como se duas mulheres se fundissem, rosto com rosto, e só fossem visíveis costas, nucas e a parte de trás das pernas. Pareceu-lhe muito engenhoso, e isso lhe provocou um arrepio de medo. Se era uma obra de Rauch neto, era claro que tinha sua personalidade e desafiava o talento de seu avô. Por um momento, a estátua quase onírica lhe fez esquecer o motivo pelo qual estava ali. Saiu

do devaneio com um estremecimento. O calor o tomava, mas por dentro sentia frio.

Passou perto de um tanque australiano, combalido e com água esverdeada em seu interior. Parou e olhou de novo para a casa, as persianas fechadas, a varanda deserta. Pela primeira vez, achou que os moradores da fazenda não estavam ausentes temporariamente. Tinham ido embora, abandonado o lugar. A visão de um varal com roupa estendida na parte de trás da casa veio a contradizer sua sensação. Aproximou-se com rapidez. Havia toalhas de mesa, lençóis, uma calça masculina e uma peça irreconhecível que o vento enrolara na corda. Desdobrou-a com esforço. Era um blazer cinza, um daqueles usados em escola. Feminino. Os que se combinam com saia xadrez.

Ouviu passos aproximando-se por trás. Virou-se, e a bolsa dele caiu. A arma fez um barulho metálico no chão de lajotas.

Alejo aproximava-se dele, com as mãos abertas como se estivesse se desculpando. Fabián soltou o ar.

— Desculpe se te assustei.

— Não me assustou. Me fez borrar as calças.

Alejo tirou um lenço do bolso de trás e passou no rosto.

— Não foi embora?

— Já estava ligando a lancha, mas depois fiquei e te procurei.

— Por quê?

— Não sei. Ia passar muito tempo até que chegasse a um lugar onde pudesse chamar a polícia. Prefiro estar aqui com você, por via das dúvidas.

Fabián não atinou para agradecer. Alejo olhou o blazer nas mãos de Fabián.

— Isso é...?

— Pode ser. Ela tem treze anos agora. Mas é algo inútil. Não há ninguém aqui.

— Já percorreu tudo?

— Falta entrar na casa.

— Não há ninguém no herbário?

— Não vi nada se mexendo.

Pegou a bolsa e os dois continuaram cercando a casa. Fabián descobriu que a encosta do outro lado da casa não descia para o

rio, mas, sim, que cortava para uma ribanceira. O desnível devia ser de quase vinte metros. Não estavam perto da beirada, mas podiam ver as copas das árvores da margem oposta do rio, o que dava uma ideia da altura. Na metade do caminho da ribanceira, alguns bancos e uma mesa de ferro eram abraçados por cipós: o determinado abraço de dedos secos e mortos. Mais adiante, uma vara de madeira estava cravada no chão e o vento fazia tremular um pano cinzento que estava encaixado na ponta. Aproximaram-se e Fabián viu que o pano tinha uma espécie de estampa de escamas em um dos lados, enquanto o outro era esbranquiçado. Pegou no pano e percebeu que era frio e quebradiço. Não era de tecido. Não era um pano. Olhou para Alejo, com ar de interrogação.

— É a pele de uma cobra. Jararaca.

Fabián retirou a mão e sentiu o vento que vinha da ribanceira. Andou com os raios do sol batendo no rosto, aproximando-se da beirada de onde vinha o barulho contínuo. Como um cântico, as árvores eram atravessadas pelo vento e, mais abaixo, a água do rio movimentava-se sem pausa. Viu levantar voo, para além do precipício, um pássaro grande e preto, que lançava um piar contínuo semelhante a um estranho lamento. Seguiu-o com o olhar até que o pássaro preto cobriu o sol.

Foi nesse momento que escutou o barulho de metal atrás dele, e alguma coisa aprisionou seu rosto e sua cabeça, algo que machucava e doía.

Moira permaneceu quieta quando ouviu as primeiras palmas, mas depois correu para a ribanceira. Agachou-se debaixo de um salgueiro e olhou para a casa. Houve um segundo bater de palmas. Não lhe ocorria quem poderia ser. Ficou atenta, afastando as moscas do rosto com um peculiar movimento do nariz. Do lugar em que estava, via a roupa estendida no pátio de lajotas para onde se abria a porta da lavanderia.

Um homem apareceu caminhando pelo lado direito da casa. Usava camisa xadrez de manga curta e jeans com tênis e segurava uma espécie de bolsa pequena. Andava com cautela, olhando para todos os lados. De onde ela estava, não via

claramente seu rosto, mas conseguiu notar que era branco e quadrado. Havia algo na maneira como ele parava, no modo de mexer os pés quando girava, como colocava as mãos sobre as coxas e as movia para cima e para baixo enquanto pensava, algo que parecia familiar. Sem conseguir se conter, seu coração disparou.

Antes que pudesse pensar em outra coisa, outra pessoa apareceu alguns metros atrás do desconhecido e aproximou-se dele.

Era Iván.

Moira travou o grito. Recuou mais para dentro da sombra do salgueiro e continuou olhando. Achava que Iván estivesse na plantação. Isso não estava nos seus planos. Colocava-os em risco radicalmente.

Iván aproximou-se do desconhecido, e Moira segurou o fôlego, lembrando o que vira um tempo atrás no herbário, com aquele outro rapaz que não ficou para contar a história. O desconhecido virou-se e sua bolsa caiu da mão fazendo um barulho seco no chão. Viu que começaram a falar e tranquilizou-se, não por ela, mas pelo outro.

Moira olhou para trás, para a trilha pouco visível que serpenteava entre as árvores. Seguindo essa trilha, em dois minutos chegaria ao barco escondido, e depois só restaria uma livre viagem pelo rio interminável. Não sabia o que estava acontecendo nem por que Iván estava ali com aquele outro sujeito, e percebeu que não se importava. Tinha que aproveitar para ir. A qualquer momento, Iván poderia ir até seu quarto encontrá-lo vazio.

Agachada, recuou devagar e depois parou, começando a andar, entrando no monte. Depois, correu. Alguns galhos tentavam ferir seu rosto, mas ela os afastava com destreza. Aproveitou a descida da encosta para avançar mais rápido.

Já começava a sentir o ar que vinha do rio quando uma imagem a assaltou: um homem parado com as mãos sobre as coxas, com uma máquina fotográfica pendurada por uma correia em seu ombro, ao lado de uma árvore de um verde que parecia

pintado, de tronco abaulado e cheio de espinhos. Uma paineira, como uma daquelas que havia na calçada do colégio de La Paz.

Deteve-se, com a respiração agitada.

De longe, na direção do lugar que deixara, chegou o eco de um som que reconheceu de imediato. Um estalo metálico.

A armadilha dourada abriu-se de novo.

16

O sangue o asfixiava. Ele o engolia e não conseguia respirar. Tossia e o gosto salgado e quente dava-lhe engulhos. Parecia estar se afogando em um oceano de sangue. Caiu de joelhos, mas só apoiava uma das mãos no chão. A outra estava no pescoço, atrás da cabeça. Para alguém que olhasse de perto, era a imagem de um homem ajoelhado com a mão na nuca, como se tentasse conter uma dor. A mão e a nuca se enchiam de sangue. Ele queria abaixá-la, mas não conseguia. Estava cravada, e o que a atravessava se afundava na base de sua cabeça, supunha que não muito, ou do contrário estaria morto. Conseguiu levantar essa mão no instante em que ouviu o barulho de metal atrás de si, em um ato reflexo.

Tossiu um pouco mais do sangue que o engasgava e notou que não enxergava de um olho, o direito, e que a visão do outro estava borrada, como essas imagens de cinema em que os raios de luz criam círculos iridescentes que flutuam na tela. Dentro dessa imagem deformada e tremida, a figura do homem que disse se chamar Alejo se mexeu de lado, andando de costas, fazendo uma curva ao redor dele. Fabián tentava movimentar-se para que o homem ficasse sempre dentro do campo de visão de seu olho bom, e ele parecia saber disso, já que não ficava quieto e o obrigava a girar para tê-lo sempre de frente.

— Incrível. Como fez para meter a mão lá tão rápido?

Fabián não respondeu. Agora, o rosto pulsava violentamente e sentia em vários pontos (oito, tinha certeza) a tensão da pele sendo puxada para trás, o que devia deformar sua expressão de maneira grotesca. Mexeu a mão na nuca, tentando soltá-la, mas só conseguiu que os dedos metálicos que agarravam seu rosto fechassem mais ainda a armadilha.

— Se mexer nela, vai ser pior.

Iván andou até ele, e Fabián recuou com esforço. Parecia alguém com uma estranha lesão, incapaz de ficar em pé, arrastando-se pelo gramado.

— Não posso acreditar que, afinal, tenha vindo — disse Iván, do alto. — Estava com o pressentimento fazia dias, mas não tinha certeza. Lautaro é meio lento, mas tem bom ouvido. Te ouviu no bar do Farías.

Fabián quis mexer o maxilar, mas a dor o envolveu, deixando-o tonto. Sentou-se na grama, respirando com força. Iván estava a um metro, sem se mover. Fabián cuspiu mais sangue.

— Onde está minha filha?

— Sua filha... — Iván pôs-se de cócoras. Um joio fino e pequeno saía de seus lábios, mexendo-se de uma ponta a outra de sua boca. — Ela está bem. É justo te dizer isso, já que chegou até aqui.

Fabián tossiu outra vez. Mexeu a língua pelo lado interno da boca e sentiu uma picada ao perceber algo pontudo. Uma das peças cravadas em seu rosto devia estar atravessando sua bochecha.

Iván acabava de dizer que Moira estava bem. Era a comprovação direta, definitiva, de que sua filha estava viva. Sentiu amargura por ter sido tão estúpido. Quis perguntar mais.

— Por quê? Por que a levou?

Ele olhou por cima de Fabián e tirou o joio da boca, erguendo-o entre seus dedos. Pareceu que ia começar a falar, mas mudou de ideia e negou com a cabeça. Depois assentiu levemente, como se estivesse combinando algo com um amigo invisível.

— Já te disse que está bem. Prefiro que a gente acabe com isso agora.

Antes que pudesse reagir, Iván puxou-o. Pôs as mãos debaixo de seus braços e o levantou, colocando-o de pé. Fabián cambaleou. Iván era um tanto mais alto que ele. Conseguia ver seu rosto escuro, a linha do maxilar e a junção de seus lábios, que se tensionavam, revelando que Iván mordia com força devido ao esforço de erguê-lo. Tentou dar pontapés, mas não conseguiu. Iván segurava-o pelos braços, limitando suas possibilidades.

Sentiu o cheiro do suor acre de Iván, que se misturava com outro que podia ser de sabão. Iván passou um braço por suas costas e continuou suspendendo-o, quase como um boneco. Iván

colocou a mão sobre a mão presa de Fabián, que entendeu que o outro ia empurrar para que o punhal seguisse seu caminho até o fundo da cabeça.

Fabián também pôs a mão ao redor do pulso de Iván. Pareciam praticar um jogo físico incompreensível.

Fabián engasgou-se com o sangue novamente e aproveitou para cuspir no rosto de Iván. Ele fez cara de resignação, aceitando seu desprezo.

De repente, Fabián deixou-se cair. Seu corpo deslizou para baixo e conseguiu desequilibrar o de Iván, que teve que parar de empurrar porque os dois estavam caindo no chão. Chocaram-se no gramado, porém a obstinada mão de Iván queria permanecer na nuca de Fabián. Deu uma joelhada, esperando encontrar os testículos de Iván. No entanto, o golpe pegou no osso de seu quadril, e Fabián sentiu uma vibração que lhe subiu pela perna. Iván soltou-o por um segundo.

Fabián chutou de novo para a frente, virou-se e começou a se arrastar. A mão de Iván fechou-se sobre seu cinto, jogando-o para trás. Deixou-o quase chutando no ar. Fabián chutou sem ver, com todas as suas forças. Sentiu algo movediço na sola de seu tênis e ouviu um grunhido de dor. A mão o soltou. Fabián arrastou-se mais alguns metros, conseguiu se recompor e tentou começar a correr.

Não conseguia se equilibrar. Suas pernas tremiam e quase não conseguiam sustentá-lo. Esteve a ponto de cair de novo, mas conseguiu evitar. Não via nada, só a luz que vinha do alto da ribanceira. E sentia o vento que o envolvia e o convidava a se aproximar do precipício. Tentou dobrar um dos dedos metálicos que se afundavam em seu rosto, mas só conseguiu que ele cravasse mais debaixo do olho.

Não sabia onde estava Iván e não conseguia olhar para trás. Seu pé direito pisou de mau jeito e torceu, desequilibrando-o. Começou a cair para a frente e pôs a mão para amortecer. Aterrissou com a cara no chão, quicando na grama. Não conseguiu se levantar. Resfolegava com força, buscando ar. Os pássaros negros alçavam-se pelo ar e voltavam a mergulhar do céu perto dele. Estava a não mais de dois metros do abismo.

Caminhando, Iván entrou em seu campo de visão. Respirava um pouco agitado.

— Não precisa me mostrar mais nada. Já te admiro por ter me encontrado.

Fabián apoiou-se em uma das mãos para começar a se recompor, mas Iván chutou seu braço, dando uma rasteira, e o fez cair de novo.

— Vai rezando algo que saiba, porque é o seu fim.

Iván avançou um passo.

Fabián estava pronto para brigar como um cão estropiado. Olhou para o rosto de Iván e percebeu nele algo que não esperava: vários pontos cor de laranja, como reflexos, tremulavam de sua testa até o começo de sua camisa entreaberta. Iván piscou e levantou a mão.

Os pontos laranja apareceram na palma da mão.

— Papai...

A três metros deles, estava Moira, parada.

De baixo, Fabián a achou muito alta. A luz do sol a envolvia em fogo e ricocheteava no colar de contas laranja que levava ao pescoço. Atordoados, Iván olhou para ela e iniciou um veemente gesto de protesto com a boca.

Fabián não pensou. Levantou-se como uma mola, deu impulso com as pernas e jogou-se contra Iván. Sua cabeça e seu ombro acertaram o estômago dele. Iván deixou sair o ar, e os dois rodaram. Fabián sentiu o baque da terra enquanto se movimentavam em uma dança de dor. Em um instante, ficava abaixo de Iván; depois, acima. Agarrava o cabelo de Iván para não deixá-lo escapar. Pararam de rodar, e Fabián começou a mover suas pernas, empurrando. Iván tentava se agarrar à terra, mas deslizava. Lançou um soco em Fabián e errou. Tentou agarrar sua roupa. Fabián encolheu os ombros e continuou empurrando.

Subitamente, já não havia terra embaixo de Iván. Tateou-a desesperado e começou a cair. Fabián agarrou uma pedra que estava embaixo de suas costas e conseguiu parar. Iván caiu para trás, escorregando um pouco, tentando desesperadamente encontrar algo firme que o sustentasse. Suas mãos destroçaram

algumas raízes que cresciam soltas ao vento. Em seguida, seu corpo ficou suspenso no ar. Fabián viu-o quase flutuar, até começar a cair. O rosto de Iván demonstrava dúvida a respeito do que havia acontecido.

Caiu uns dez metros, diretamente em uma pedra que sobressaía da parede do precipício, cinza e maciça. Fabián esperava que Iván rebatesse na pedra, mas seu corpo impactou-se contra ela e a fez em pedaços, prosseguindo em sua queda quase sem alterar a trajetória. Quinze metros abaixo, outras pedras o esperavam. Chegou a Fabián o barulho de um golpe frio e ele viu como o corpo de Iván se debateu entre as rochas até ficar quieto, quase tocando a água do rio.

Fabián arrastou-se, afastando-se alguns metros do precipício. A dor dele voltou e quase já não conseguia ver nada.

Tentou mexer sua mão cravada, mas era impossível. Levou a mão livre até o rosto, tocando um dos dedos metálicos que o estava dilacerando.

Tentou dobrá-lo para fora. Os outros dedos reagiram pinçando-o mais ainda. Fabián gritou de dor. Continuou fazendo força e sentiu que a peça que tentava forçar começava, por fim, a ceder. Conseguiu dobrar sua ponta alguns centímetros para fora. Tentou com outra peça, a introduzida em sua bochecha. O sangue que corria por sua mão lhe fez pensar que seu rosto estava sendo destruído, mas era tarde demais para vaidades. Conseguiu desgarrar a peça e dobrá-la para fora. O punhal que fixava a mão em sua nuca se afrouxou. Fabián tomou fôlego, levou a mão à nuca e puxou com força. Com um movimento final, livrou-se da coisa que o agarrava, a qual, derradeiramente, arranhou seu rosto com afinco. Gritou triunfante, enlouquecido, enquanto atirava o objeto ao chão.

Estava muito machucado, mas o tempo não corria para ele. Olhou no chão o objeto que quase o matara. Era, claramente, uma variação da aranha de bronze, com oito patas e um punhal no meio. Algumas molas muito grossas uniam as patas (ou dedos) ao punhal. Assim, formavam um mecanismo no qual a pressão das patas gerava o movimento do aguilhão, enterrado com força na nuca, afetando a cervical. A mão que colocou em

sua nuca o salvou por pouco. Agradeceu ao vôlei pela visão periférica e pelo seu reflexo.

Chutou a aranha no chão com nojo. A arma ficou vibrando, trêmula. Mexeu sua mão, a que ficou cravada, flexionando-a. Tirou a camisa e colocou-a no rosto, tentando se limpar nela. A roupa ficou embebida rapidamente de sangue e comprovou que a ferida mais séria estava em sua bochecha. Passou a camisa nos olhos e pôde enxergar mais um pouco. Moira não estava mais lá. Ele não sabia em que exato momento tinha ido embora. Chamou-a aos gritos e, por um segundo, pensou que a havia imaginado. Desceu da ribanceira, voltando para o lado da casa. À sua esquerda, via o começo de um bosque. Pareceu divisar uma figura que escapava por entre as árvores e voltou a gritar o nome de sua filha. Embrenhou-se no bosque.

Sua cabeça cheia de sangue impregnou-se de moscas sedentas. Fabián espantou-as ensandecido. Sabia que estava se distanciando da casa e podia se perder, mas à frente estava sua filha. Ou achava isso. Estava enjoado e continuava sangrando, mas tinha certeza de que suas lesões não eram graves. Começava a embriagar-se com a sensação de estar vivo, de ter sobrevivido a Iván.

Chamou Moira de novo, envolto pelo zumbido das moscas que o rodeavam. Tropeçou em velhas raízes que serpenteavam na sombra verde do bosque. Por acaso, viu uma trilha que alguém havia muito tempo abria a golpes de enxada lutando contra a vegetação. Podia ouvir e sentir o cheiro do rio, mas não o via. A trilha avançava e o ar mergulhava em uma umidade antiga. As copas das árvores fecharam-se e fragmentaram o céu até deixar só salpicos de azul.

Fabián dobrou em uma curva e ficou olhando uma estranha planta. Crescia ao longo da trilha, reta e altiva. Tinha um metro e meio de altura e forma de um cálice alongado, que culminava em uma boca de trinta centímetros de diâmetro que lembrava a pia abaulada de uma fonte. O cálice estava cheio de água escura, e sobre sua superfície saltavam pequenos insetos. Aproximou-se e tocou a beirada da pia, surpreendendo-se ao percebê-la dura e metálica ao tato. A planta era, na realidade, uma escultura.

Então, pôde perceber sua cor de bronze, desgastada pelos anos. Vira à contraluz e achara que era uma velha planta que vivia naquele bosque. Viu que a alguns metros se erguia outra daquelas plantas, gêmea da outra. Compreendeu que as duas indicavam uma entrada, ladeando o acesso a outro lugar.

Fabián entrou no Jardim de Bronze.

Era isso, sem dúvida. Como se um antigo sortilégio houvesse transformado a vegetação em bronze. Andou pela trilha, olhando por entre o sangue que continuava perdendo, como em um sonho, as árvores esculpidas. Todas as espécies vegetais do monte pareciam ter sua versão em bronze. Árvores metálicas que não cresciam e que refreavam as árvores verdadeiras, em ambos os lados da trilha. Supôs que alguém devia podar a vegetação para que o monte não engolisse as esculturas. A altura de uma delas ultrapassava os três ou quatro metros, e deviam ter sido colocadas em alguma base que as mantivesse firmes. Havia figueiras, salgueiros, árvores de tronco grosso e facetado, cipós que corriam como se fossem líquidos. Fabián tocou o fio de bronze de uma folha de eucalipto e quase cortou o dedo. Uma palmeira que devia pesar meia tonelada se erguia, maciça, com sua copa em galhos cujas pontas tremiam ligeiramente, roçando-se entre si e produzindo um ruído metálico que lembrava o de uma engrenagem agonizante.

A trilha dava em uma porta. Evidentemente, também era de bronze. E era trabalhada de tal modo que Fabián achou que fosse uma porta impossível, que só existisse na imaginação. Mas estava ali. Que homem atemporal a teria moldado? A complexa quantidade de ornamentos lembrava um inebriante altar barroco. “Mas é um barroco de outro universo”, pensou Fabián. Os adornos e características daquela porta contavam uma história que não ocorrera.

Estava ferido, sua filha vagava por algum lugar, mas Fabián não podia deixar de ver a porta de bronze.

Abriu-a (as dobradiças se movimentaram como se fossem sempre lubrificadas) e encontrou-se com as mulheres.

Estavam em um espaço circular que tinha a grama cortada, mas pouco cuidada. Eram talvez duas dúzias de estátuas que

tomavam a clareira, alinhadas em círculos concêntricos. Os corpos femininos estavam em diferentes posições e atitudes, todas muito dinâmicas, como se fossem fotografias em movimento. Representavam diferentes idades. Havia meninas que pareciam girar ou nadar no ar, mocinhas de seios pequenos, mulheres rezando. Algumas tinham roupa, outras não. Andou até o meio do círculo. Pôde observar que ali as esculturas eram mais antigas. Seu dourado já não brilhava e o musgo trepava nelas, contaminando com paciência de anos. À medida que se distanciava do centro, o estado das esculturas era melhor. Cada uma das esculturas era a obra de um talento único. Tentou imaginar se eram do avô ou do neto. Os dois eram talentosos, mas achava ter detectado nas obras do neto um estilo diferente, um arrebatamento, um furor nos traços cortantes dos rostos, na violência quieta dos corpos.

Ferdinand Rauch esculpia envolto em paixão, mas Iván Rauch o fazia mergulhado no pecado.

Cambaleou, parando com dificuldade entre as mulheres de bronze. Espremeu a camisa e regou o chão com sangue. Procurou Moira com o olhar, inutilmente. Não se ouvia o rio, e o ar parado pesava e fazia a cabeça latejar.

Nunca soube bem por que, mas nesse momento lhe ocorreu de olhar com atenção os rostos das estátuas. Talvez antes tivesse percebido algo, porém o que vira ou entrevira nos rostos de bronze não chegou à sua mente para fazer sentido. Agora, sim, pôde vê-las com clareza e convenceu-se de que todas as esculturas da fazenda e as que estavam naquele jardim delirante eram obras do homem recém-falecido.

Perdeu a estabilidade e caiu sem forças, ajoelhando-se.

Todas as estátuas (as meninas, as adolescentes, as senhoras, as que dançavam, flutuavam ou se lamuriavam em silêncio), todas tinham o mesmo rosto: traços fortes e precisos, sobancelhas finas, olhos profundos.

O rosto de Lila.



FASE CINCO

AMAZONA

1

Remou e remou, olhando para a frente e para a água que corria sob o barco. Os remos moviam-se com obstinada força, monótonos, com incansável disciplina. Saiu do braço estreito do rio, e a mudança de corrente e a força da água fizeram-na saber que estava no rio Paraná, o pai, o traiçoeiro — diferentes alcunhas que usavam os que viviam naquela parte dele.

Tentava esquecer (tinha muita experiência nisso), mas a imagem dos dois corpos rodando pela ribanceira e desaparecendo de sua vista persistia, se sobrepunha à imagem da água, ao horizonte da mata. Continuou a remar para arejar a cabeça. Precisava apagar o passado e não pensar no futuro. Ficou assim por um momento, até que teve de sair do transe quando uma enorme lancha quase partiu seu barco ao meio. Viu a grande lancha cargueira cor de cobre que vinha em cima dela, e logo ouviu o barulho da buzina estridente, que devia estar soando desde antes. Dois homens de camiseta a xingavam do convés, talvez mais assustados que ela. Remou desesperadamente e conseguiu afastar-se da embarcação que, com seu movimento, atraía seu barco, tentando absorvê-lo. A corrente abaixo dela oscilava. O barco subiu em uma onda e caiu de repente na água. Ela perdeu a estabilidade e bateu o joelho na parte lateral. O remo escapou de sua mão, mas não caiu para fora do barco. A lancha cargueira afastava-se atrás dela, com os homens perplexos que a olhavam. O impulso da lancha levou-a até a margem. Os pés de cana impediam que subisse à terra, mas isso não importou. Agarrou-se a um deles, puxou o barco e, depois, o amarrou. Jogou-se no fundo e fechou os olhos, abatida e sedenta, cansada como nunca.

Sobre o rio e as ilhas, formava-se com rapidez um céu cinza-escuro de nuvens de chuva, como surgido do sortilégio de um mago recém-desperto. Um trovão soou ao longe, um profundo som de tambor distante.

Moira embalou-se com o movimento do rio, e esse ritmado balanço tirou-a do presente e a levou para trás.

Agora Moira já não está deitada no fundo do barco. Tem quatro anos e está parada agarrando um dos apoios metálicos do metrô. A mão de Cecilia afasta uma mecha de cabelo de sua testa e ela olha para cima. Cecilia lhe sorri, mas não como sempre. O sorriso não parece combinar com os olhos nesse momento. Moira nota, mas não se preocupa. Todos os dias, vê muitas coisas estranhas que não a afetam, aceita como panorama do mundo. Nesse instante, Moira continua a pensar se o homem que acaba de ver na plataforma, quando o metrô partia, era seu pai. Não tem certeza, porque primeiro viu as pernas, depois o peito, e quando chegava o rosto, o metrô entrou no túnel e a escuridão devolveu-lhe o reflexo de seu próprio rosto.

Pensa que, quando voltar para casa, vai lhe perguntar, mas logo se esquece disso. Agora se concentra nos movimentos do vagão e na gente alta que a cerca. A mão de Cecilia aperta a sua, acariciando-a de vez em quando com o polegar. As portas do metrô se abrem e se fecham, engolindo e cuspidando pessoas. Cecilia aperta mais sua mão e diz a ela que, na próxima estação, vão descer. Saem entre outras pessoas, tropeçando, Moira com o grilo verde de pelúcia na mão. Nas escadas, segura o corrimão com cuidado e sobe os degraus devagar. Cecilia a apressa um pouco, diz que ela já é grande e pode subir mais rápido. Nesse momento, Moira vê a mulher queimada. Não se assusta, porque se convence de que usa uma máscara, como a maquiagem dos filmes que os atores usam, essa gente que trabalha se fazendo passar por outros, como a mamãe explicou. A mulher do rosto queimado, de máscara, fala com Cecilia e diz “por favor”, mas Cecilia não tem nada para lhe dar. Saem à rua e a mulher queimada as segue por alguns metros como um cão insistente. Do lado de fora, há muita gente andando e muitas vitrines cheias de roupa. Cecilia puxa sua mão e chegam até um táxi. Moira entra primeiro, sentando-se atrás do motorista, olhando a plaquinha branca de plástico que tem uma foto escura e coisas escritas que ainda não sabe ler. O táxi arranca e ela se dá conta

de que perdeu o grilo. Chora, mas não explica por quê, e Cecilia a beija, consolando-a.

Do lado de fora, os prédios se movem e, de vez em quando, o táxi freia ruidosamente. Dentro, há um cheiro desagradável que Moira sente pela primeira vez. Faz muito calor, mas já chegam, diz Cecilia. Saem do táxi e andam por uma calçada estreita, vão até uma porta de madeira velha e Moira vê o homem alto. Ela o reconhece na hora. É o mesmo que, de vez em quando, as visita na praça. O homem beija Cecilia nos lábios, a levanta e dá um beijo em sua testa e, em seguida, a põe de novo no chão. Moira sente o cheiro de um perfume que parece o da pelagem de um cavalo puro-sangue. Os três entram em um corredor e não existem escadas. Já estão em um quarto de cuja janela se vê um pátio com uma árvore diferente ao fundo. Cecilia e o homem falam coisas incompreensíveis, embora se dê conta de que ela chora enquanto fala. O homem fecha a mão no braço de Cecilia e parece estar segurando um palito entre os dedos. Moira olha para a saia de Cecilia, que se agita como uma cortina, e ouve um grito que logo é cortado. O homem leva Cecilia até outra porta e entra com ela em outro lugar. Moira fica sozinha. Olha pela janela. Um periquito verde para em um galho da árvore diferente e, por um momento, isso lhe faz lembrar do grilo. Do outro lado da porta pela qual entraram Cecilia e o homem alto, vem um barulho abafado, metálico, e alguém dá algumas leves batidas na porta. Segundos depois, só o homem alto sai.

Baixaram-se as luzes do lado de fora, e no quarto há agora outro homem com eles. É moreno e mais baixo que o primeiro, de cabelo curto e paletó azul. Fala em voz baixa com o homem alto, observando-a de canto de olho. Moira sente vontade de fazer xixi, mas o homem alto não permite. O homem mais baixo abre a porta onde está Cecilia e Moira pergunta por ela. O homem alto não responde, pegando-a nos braços e saindo do quarto. Agora, sim, lembra-se de um corredor grande pelo qual a leva. Algumas escadas, outro corredor, o homem que olha para todos os lados, e ela sente mais do que nunca o cheiro de cavalo.

Está sentada em um carro, o maior carro que viu na vida. É imenso. Ela se afunda no assento e mal consegue ver o lado de fora por cima do painel e da janela. O homem alto ajusta seu cinto e acaricia seu nariz com um toque brincalhão. O carro põe-se em movimento e, no painel, acendem-se luzes espaciais verdes e vermelhas por todos os lados, enquanto um ar frio surge debaixo de seus pés e faz com que ela adormeça.

— Vai me levar para meu papai? — pergunta Moira ao homem alto, ao mesmo tempo que o sono lhe vence.

— Você já está com seu pai — responde o homem, já convertido em sombra.

O carro vai balançando pela escuridão. Moira fecha os olhos.

Abriu os olhos e viu o temporal que estava em cima dela. Começaram a cair gotas grossas, frias. Pegou a lona e cobriu o barco. Sua viagem começava da pior maneira. Uma lancha quase a mata, e agora os deuses do rio se enfurecem com ela. Tateou dentro da bolsa e conseguiu pegar o frasco de remédio. Pôs o conta-gotas embaixo da língua e sentiu o líquido doce que imediatamente a acalmou. O cansaço da fuga e a imagem do que vira caíram sobre ela feito uma bigorna. Desmaiou sem sentir que o barco estava à deriva.

2

Fabián não fazia ideia do tempo transcorrido entre sair do círculo de estátuas do Jardim de Bronze e entrar na casa. Supôs que era bastante, porque estava ajoelhado, deixando-se ir, esperando se esvair em sangue, até que voltou a pensar em Moira e se levantou. Percorreu outra vez a trilha do monte, transpôs a porta dourada e foi tombando até ver novamente o telhado da casa da fazenda.

No primeiro banheiro que encontrou, havia um pequeno armário. Dentro, viu gaze e Merthiolate. Fabián olhou-se no espelho e não encontrou o monstro mutilado que esperava. As lesões eram visíveis, e a da bochecha era a pior, embora não parecesse grave. Assustou-se com a palidez de seu rosto e o contraste com o vermelho-escuro das lesões. Lavou-se como pôde, molhou a gaze no Merthiolate e pôs sobre as lesões, grunhindo pela ardência. Tentou olhar a marca da nuca, mas não conseguia, e o cabelo havia grudado ali com a crosta de sangue. Sentiu que estava enjoado, segurou-se na borda da pia, virou-se rapidamente e vomitou no vaso.

Poucos minutos depois, andou pela casa. Chamou Moira, mas sabia que não estava, embora não entendesse por que sabia disso. O local tinha cheiro de casa fechada, e por todos os cantos havia caixas embaladas. Móveis indiscerníveis descansavam debaixo de lençóis amarelados. Passou por um escritório em que uma grande vidraça dava para o quintal e, dali, viu de novo a pele de cobra que balançava no alto. Entrou em um corredor alto, com uma parede com pequenas janelas em formato de estreitas arcadas. Começou a testar as portas. A primeira que encontrou não abriu. Pensou em derrubá-la, mas deixou para depois. A segunda dava para um cômodo vazio. Um treliche alçava-se em um canto e o restante eram caixas. Do teto, pendia uma lâmpada solitária. Saiu do quarto e continuou pelo corredor, quase se chocando com um violino que estava exposto na parede. O arco cruzava acima do instrumento. Exceto pelo violino, toda a parede

do corredor estava vazia. No fim, havia uma última porta. Abriu-a e percebeu que era o quarto de Iván. Uma ampla cama de casal, uma mesa com duas cadeiras, um armário enorme, um janelão através do qual se via uma roseira que subia por uma grade, com flores enormes, como explosões vermelhas e amarelas.

Pequenas esculturas abarrotavam o lugar, sobre a mesa, na parede, no chão. Não prestou atenção nelas. Já tinha visto o bastante.

Além disso, ficou olhando os porta-retratos que estavam em cima de uma cômoda. Em um deles, havia uma foto em preto e branco. Um Iván de catorze anos passava o braço por sobre os ombros de uma mulher de 45, ambos olhando para a câmera. A mulher era bela, de cabelo preto tal como azeviche, preso em rabo de cavalo, com um rosto que parecia imune à erosão do tempo. Os dois tinham expressões divertidas e de falso enfado, esperando que tirassem a foto. Atrás deles, via-se o herbário. No chão, na diagonal, havia a sombra do homem que tirara a foto. Supôs que fosse o pai de Iván.

Na outra foto, esta colorida, uma jovem de treze ou catorze anos olhava-o com seu vestido de odalisca. Tecidos azuis e índigo a envolviam, gerando uma aura iridescente com o flash. Usava uma espécie de tiara de brilhantes e suas mãos apoiavam-se nos quadris, desafiando a câmera. Fabián estendeu a mão até a imagem de Lila, tentando comprovar se o que via era real, igual ao que fizera com as estátuas. Pôs os dedos no vidro frio do porta-retrato. Queria deixar de pensar por um instante e para sempre e deixar-se cair em um poço de esquecimento.

Ficou um tempo parado em frente à foto até que escutou o barulho. Pensou que fosse o motor de alguma bomba que havia sido ligada na casa, mas, quando conseguiu se localizar melhor, deu-se conta de que vinha de fora. Foi para o quintal e viu as árvores tremendo violentamente, sacudidas pelo vento que provocava o helicóptero que estava aterrissando a metros da casa. A máquina pousou e o barulho transformou-se no de hélices girando. Fabián esperou, arrasado. A porta se abriu e uma figura saltou ao chão, seguida por outras duas pessoas. Correram até ele, que esperava perto da varanda. Quando

estavam a poucos metros, notou que o cabeça do trio era uma mulher. Mais dois segundos, reconheceu o caminhar preciso e o corpo pequeno. A agente Blanco foi até ele e o abraçou, inundando-o em uma fragrância. Ela logo se afastou para olhar para Fabián.

— Meu Deus! Seu rosto está horrível! — disse, chorando.

Ficou sentado na varanda, refugiando-se do sol do meio-dia. Um paramédico de uniforme puído colocou algumas novas gazes nele, olhou sua nuca e aferiu sua pressão. O helicóptero já tinha ido, mas no pequeno píer havia duas lanchas, uma da polícia e outra da prefeitura. Na fazenda, havia cerca de vinte pessoas, caminhando, formando grupos, correndo e falando por radiotransmissores. Convencera Blanco a deixá-lo sozinho e, de vez em quando, a via entre os outros, conduzindo-os. Em um instante, apareceram com a maca onde estava coberto o corpo de Iván Rauch. Levaram-na até a lancha e, quando passaram perto de Fabián, o balanço fez que um dos braços de Iván pendesse para fora da maca. Nenhum dos que levavam o corpo se incomodou em pôr o braço de novo sob a lona.

Depois de um tempo, Blanco sentou-se ao lado de Fabián. Observou-o até ele lhe devolver o olhar. Então, ela parou de olhá-lo.

— Você é um idiota.

— Toda vez que você vier sentar aqui vai me dizer isso?

— Como cabe isso em sua cabeça? Podia estar morto. Nunca vou te perdoar por não ter me falado o que ia fazer.

Fabián balançou-se na cadeira de madeira.

— Como sabiam que eu estava aqui?

— Aníbal Lestrepo.

Blanco contou que Lestrepo havia reconhecido aquele que tinha sido seu ocasional adversário no dominó, por volta das três da manhã. Buscou entre os jornais velhos uma notícia recente do caso Moira. Lá estava a foto de Fabián, sem barba e com o cabelo mais curto, mas reconhecível, por fim. Lestrepo não conseguiu dormir mais. Começou a ligar as informações sem parar. Às sete da manhã, viu Fabián passar em frente à sua

casa. Vacilou, foi para a rua. Viu-o subir em uma lancha e viu que o piloto era Rauch. Isso lhe pareceu o cúmulo da estranheza.

Ligou para La Paz, falou com um agente pouco benevolente, que não estava a fim de manter uma conversa por telefone, mas acabou entendendo. Lestrepo disse que Fabián estava procurando Rauch, que tinha ouvido sobre uma garota de treze anos que morava com ele.

— Um sujeito danado, este Lestrepo — disse Blanco. — Pensou rápido. O pessoal de La Paz falou com o da Capital, da Divisão de Busca. Embora não acredite, estavam a ponto de não dar bola. Mas aí eu tomei conhecimento.

— Como?

— Te disse que a Assessoria de Imprensa é o melhor lugar. Tudo acontece lá. Falei com Lestrepo e, quarenta minutos depois, estava no helicóptero.

— Minha salvadora!

— Cheguei tarde. Você pôde bancar o herói como deu na sua telha. Por sorte, você se saiu bem.

— Vai me chamar de idiota de novo?

Um policial fez alguns sinais para Blanco. Ela andou até ele e travou uma breve conversa. Depois, o policial prestou continência e se afastou. Blanco voltou a Fabián.

— Alguma novidade?

— Não. Mas tem que estar na região. Já vão encontrá-la.

— Viu como é esse lugar? Você anda um metro e se perde.

— Disse que ela estava com uma bolsa. Estava indo para algum lugar. Esta ilha é grande, mas, se procurarmos bem, não deixaremos passar nenhum canto.

— Pode ter ido pelo rio.

— Temos gente procurando para cima e para baixo. Não pode ter desaparecido.

Fabián olhou para ela com amargura em seu rosto machucado.

— Tenho tido uma relação bastante especial com o verbo “desaparecer”, nestes últimos dez anos.

— Desculpe.

Blanco tirou o prendedor do rabo de cavalo, alisou o cabelo de novo e voltou a colocá-lo. Fazia isso a cada dois ou três minutos.

— Atrás desta casa, entrando no monte, depois de uns duzentos metros, há uma espécie de ateliê.

— Uma fundição de bronze?

— Sim. Tem um forno grande, muitas mesas. Está cheio de esculturas. Como toda a fazenda. Algumas são muito estranhas. Havia uma sobre uma mesa que parecia uma flor aberta. Um dos policiais aproximou-se e tocou nela.

Blanco fez silêncio e conseguiu que Fabián olhasse para ela com certa curiosidade.

— Quando tocou nelas, um mecanismo foi acionado. Um punhal atravessou a mão. Ele foi levado a La Paz para fazer curativo.

Um vento levantou-se sobre o jardim e fez com que os salgueiros se agitassem como uma nervosa multidão. Blanco entrou na casa e o deixou sozinho. A claridade começou a se desvanecer e, acima do telhado, a uma distância que parecia muito próxima, nuvens negras e carregadas se apropriaram do céu. Começaram a ouvir a batida das gotas sobre o teto da varanda. Em meio minuto, a chuva caía em uma vertical perfeita, e todos os demais ruídos foram abafados por sua presença.

Logo a varanda se encheu de gente refugiando-se do aguaceiro. Os coturnos do pessoal da prefeitura batiam no piso de madeira. O paramédico de uniforme desgastado trocou os curativos do rosto de Fabián. Alguém fumava, alguém ria de uma piada desconhecida. Pensou em olhar o ateliê, mas a caminhada ia encharcá-lo. Parou, cercado de gente, e sentiu vontade de gritar.

Entrou na casa pela primeira porta que encontrou. Andava pelo corredor rumo à cozinha quando Blanco cruzou sua passagem. Na mão, levava as fotografias. Havia tirado de suas molduras. Olhou para ele sem piscar.

— Precisamos conversar.

Mais tarde, guiou Blanco pela chuva com um velho guarda-chuva e a levou até o Jardim de Bronze. Chegaram ao círculo de estátuas, e Blanco franziu a testa para todos os rostos de Lila que se erguiam sob o dilúvio. Parou de chover nesse momento, e

ela acendeu um cigarro. Não disse nada a Fabián, mas agarrou sua mão. Voltaram sem se falar para a casa.

Na varanda, um soldado gordo de bigodes mexicanos avançava até eles com algo na mão.

— Isso estava em um móvel trancado a chave, no quarto dele.

Eram vários cadernos com pauta, de capas duras azuis e folhas amareladas. Blanco abriu um, e viram que todas as folhas tinham uma escrita concisa. Não havia nem um milímetro que não estivesse ocupado por aquela letra. Nesse momento, tocou o radiotransmissor de Blanco.

— Sim, diga.

— Encontramos a menina — disse uma voz que vinha do rio acima.

Antes que Blanco dissesse algo, Fabián sentou-se na beirada da varanda e, pela primeira vez no dia, deixou que as forças o abandonassem.

Encontraram Moira dormindo no barco, levada pelo rio, cruzando o limite com Corrientes.

Quando a trouxeram entre dois agentes, ela caminhava muito erguida, agarrada à mochila, com seu colar de fogo, com o cabelo cobrindo a metade do rosto. Parou diante de Fabián, olhando-o diretamente, sem reação. Ele a puxou timidamente para si e a abraçou devagar. Ergueu-a contra seu corpo alguns instantes e, depois, se afastou e ajeitou seu cabelo no rosto. Ninguém falou. Blanco observou a cena com certa perplexidade.

Uma hora depois, abandonavam La Doradita em um helicóptero. Foi uma das primeiras reações visíveis de Moira: quando o equipamento levantou voo, sentou-se rígida no assento, segurando sua mochila, em alerta.

O helicóptero tomou altura. La Doradita apequenou-se, transformou-se em ilha, confundiu-se com o resto do monte. Só eram visíveis as faixas prateadas do rio, até que a altura também as apagou.

3

Síndrome de Münchhausen.

Quando a psicóloga disse isso, pensou que se tratava de uma brincadeira. Mas não podia ser. A expressão da mulher era muito séria. Estavam em seu consultório e, em uma antessala, Moira esperava, isolada de toda a conversa.

— É um quadro hipocondríaco raro, mas que cada vez mais aparece em certos grupos familiares. Inventa-se uma doença e a sustentam por anos, com medicação e cuidados que só são parte da mentira.

— Ela finge que tem uma doença?

— Não. Ela não, precisamente. A invenção nesta síndrome não provém do sujeito em si, mas, sim, em geral, de um familiar direto: pai, mãe, tio, avós. São eles que fabricam a doença. Há aí um mecanismo para mantê-lo preso, dominado dentro de uma construção perversa.

Ou seja, tinham convencido Moira de que ela padecia de uma doença. Por isso, o estojo cheio de frasquinhos com o qual ela tinha tanto cuidado. A psicóloga explicou que eram placebos. Só água açucarada sem nenhum efeito, exceto o de manter a crença em um talismã que a salvaria e protegeria.

A psicóloga tinha recomendado duas sessões por semana. Segundo ela, “ainda havia bastante por desvendar”. Fabián pensou que, em vista do que tinha adiante, a psicóloga era, no mínimo, heroica.

Levou-a para ver seu pai, e o encontro foi quase uma reprodução do seu com Moira: um abraço silencioso. Ernesto, no entanto, estava claramente comovido. Moira não tinha nenhuma lembrança dele. Para Ernesto, ao contrário, o reaparecimento da menina funcionou como uma borracha retrospectiva de erros: se aos quatro anos quase não a procurava, o regresso de Moira agora era visto como o retorno transfigurado de uma figura mítica.

Fez Moira entrar em seu escritório, mostrou sua mesa e seus livros, falou com ela com serenidade e doçura inéditas. Ela olhava tudo, escutava. Trocou apenas algumas palavras com o avô. Ficaram algumas horas. Ernesto despediu-se deles na porta da frente. Durante a volta, Moira pronunciou uma de suas únicas frases do dia.

— Tem muitos livros, não deve ter lido todos.

Ele tentou iniciar um diálogo, mas ela não voltou a falar.

Da esquina, viram os jornalistas a postos em frente à sua casa. Já estavam treinados. Passaram entre eles com displicência. Fabián tentou tapar os ouvidos, mas foi em vão.

— O que significou para você toda essa revelação, Fabián? — perguntou uma moça de óculos que segurava um grande microfone que parecia um porrete. Fabián teve tempo de dirigir a ela um olhar de desprezo antes de fechar a porta de vidro na sua cara.

Meia-noite em ponto. Três dias depois de voltar de Entre Ríos. Fabián aproximou-se da mesa de jantar e acendeu a luz, que liberou um brilho dourado. No espelho da sala, seu rosto se refletiu. Olhou com receio. Todas as lesões deixadas pela máquina de matar de Rauch estavam se curando, mas uma delas, ao lado da boca, ia precisar de cirurgia plástica. Na nuca, tinha um curativo e certamente restaria uma cicatriz, mas pelo menos ficaria escondida pelo cabelo. Também na palma de sua mão, onde o estilete atravessara, havia agora uma tala. Imaginou que ali teria uma nova linha que uma cigana acharia confusa para interpretar.

Foi até o quarto, abriu um pouco a porta e olhou Moira dormindo. Por sorte, agora fazia isso na cama. Na primeira noite, quando foi vê-la, descobriu a cama vazia. Encontrou-a deitada no chão do banheiro, feito um novelo, ao lado do piso quadrado do chuveiro. Não sabia como levantá-la dali (era alta, ia ser mais alta que Lila), mas quando tocou seu ombro, ela se levantou sem dizer nada e foi até sua cama.

Na segunda noite, outra vez a cama estava vazia. Foi ao banheiro, mas ela não estava. Entrou na sala e levou um belo

susto: Moira estava parada olhando, imóvel, a série de fotos da paineira, emolduradas na parede, as quatro primeiras com ela; as outras, com a árvore solitária. Estava de camisola e o cabelo preto e ondulado lhe cobria o rosto. “Levam minha filha aos quatro anos e me devolvem nove anos depois, transformada em um fantasma”, pensou Fabián.

No dia seguinte, levou as coisas dela que guardava no Barolo, tentando gerar alguma reação. Moira olhou com atenção, mas impassível. Ele esperava que a maletinha da Pequena Sereia ou os bonecos, ou os álbuns de figurinhas, ativassem sua memória de novo. Mas não. Ela olhava tudo como se fossem os pertences de outra pessoa.

Fabián encostou a porta. Deu-se conta de que, até agora, grande parte da relação com a filha tinha sido vê-la dormir. Aos quatro anos e aos catorze.

Voltou à mesa de jantar. Aquele momento tinha demorado muito, mas já era hora.

Os cadernos de Rauch estavam em cima da mesa, ordenados por data. Abriu o primeiro. Imediatamente, um papel solto caiu do meio das folhas. Pegou-o. Era um desenho, um esboço que mostrava uma série de objetos. Começava com o de uma mão segurando um pregador de roupa. Os dedos indicador e polegar da mão pressionavam o pregador. A mão e o pregador estavam traçados com grande talento. O desenho seguinte mostrava a mesma mão, mas dessa vez o pregador, de alguma maneira, havia se multiplicado. Cada dedo da mão inseria-se em um anel de metal e acionava o movimento de cinco pregadores. No terceiro desenho, os pregadores tinham se transformado em pequenas lâminas. No quarto, a mudança era radical: aparecia em toda a sua dimensão a aranha que levava a vida de Doberti e quase a de Fabián. O esboço explicava os dois movimentos da mão, um acionando as oito peças para travá-las; o outro, apoiando o mecanismo para que as peças se soltassem violentamente, impulsionando o punhal do meio para a frente.

Guardou o desenho e não tinha vontade de continuar, mas se obrigou a virar as folhas automaticamente. A letra elétrica de

Rauch, inclinada como a escrita em itálico no computador, saltou aos olhos.

3 de julho de 1981

Não consigo dormir pensando no rosto de Cordelia quando a beijei. Senti como se beijasse uma mulher feita de vento. Já sei que ainda não é mulher, mas será. Me pergunto o que sentirá o primeiro homem que faça dela sua esposa.

Depois do beijo, ela fugiu. Agora sinto muita culpa, mas também muita felicidade. Não consigo evitar isso.

Espero que Deus me entenda.

4 de julho de 1981

Hoje, durante o jantar, nos olhávamos sabendo que algo havia mudado entre nós. Meu pai discutia com Reba, como sempre. Queria alcançar os dedos de Cordelia por baixo da mesa, mas era muito arriscado. Mais tarde, a procurei perto da porteira, mas ela me viu e escapou. Primeiro estava ali, iluminada pelo reflexo da lua na água, e depois não estava mais. Acho que ela se escondeu em alguma sombra. Voltará a falar comigo outra vez?

Queria escrever um poema para ela, mas não sei fazer isso. No livro desse poeta inglês, há alguns muito bonitos, mas não quero copiar nada, porque ela lê muito e talvez descubra que copiei.

E ela só tem dez anos...

6 de julho de 1981

Faz quase um ano que mamãe morreu. Sinto muita saudade. Papai, tenho certeza de que não. Faz tempo que tem passe livre para fazer o que quiser com a puta da Reba. Quem dera o vovô estivesse vivo!

Hoje me joguei ao rio e fui até a ilha Algarrobo. Quando cheguei à margem, nem bem pisei na terra, vi uma jararaca que me olhava com a cabeça erguida. Atirei uma pedra e ela escapou. Me deitei na areia e pensei em Cordelia. Endureceu tudo lá embaixo e me joguei de novo na água. Nadei até o fundo, esperando que algum joio se agarrasse em mim e não me

deixasse sair de dentro da água nunca mais. Mas, quando não dava mais, subi de novo. Voltei para casa e me tranquei no quarto sem jantar. Cordelia bateu na minha porta, mas não atendi, embora ela soubesse que eu estava lá. Não sei se papai perguntou por mim.

Fabián avançou várias folhas e algumas se soltaram com o movimento. Não queria ler tudo ainda. Era impossível. As letras em caneta azul-escura ocupavam toda a página, sem levar em conta as margens. A escrita alternava-se entre espaços abertos e outros povoados por desenhos. Pequenos rabiscos de flechas que se entrelaçavam. Continuou a avançar pelo diário de Iván, até que lhe chamou atenção uma mudança na cor da letra e se deteve. Agora, as letras eram vermelho-escuras e estavam delineadas de outra maneira, como acontece quando se troca de caneta-tinteiro para esferográfica.

12 de março de 1986

Eu sabia que mais cedo ou mais tarde ia acontecer, mas nunca quis pensar nisso.

Mal consigo segurar a caneta porque a mão treme.

Papai insistiu em festejar o aniversário de quinze anos de Cordelia, embora ela não quisesse. Veio gente de Paraná, de La Paz e até a insuportável da tia Dorita de Buenos Aires com o marido, que parecia político — falso e engabelador. Ela sempre me olha nervosa e com medo, e acaba me deixando mais nervoso ainda.

As colegas de escola de Cordelia estavam todas lá. Ah! Todas as que se animavam a ir até La Doradita. Algumas delas riam quando eu passava perto, e eu não sabia o que dizer. Uma delas em especial, chamada Betina, era a que olhava para mim com mais insistência. Ela, sem querer, contribuiu um pouco para o que aconteceu depois. Ela e o vestido de odalisca.

Papai apareceu com a surpresa. Cordelia tem feito aulas de dança árabe há um ano, e meu pai sempre insiste que ela apresente algo. Não lhe importa que ela sinta tanta vergonha e queira morrer ou o deteste para sempre. Ele queria que ela

dançasse e não importava outra coisa. Levou-a para longe dos convidados, pegando-a pelo braço, e de longe vi como falava com ela enquanto Cordelia ficava calada com os lábios contraídos. Vi Cordelia negar, vi papai insistir. Reba trouxe o vestido e ele o deixou na mão da filha, imperativo e decisivo. Cordelia foi para dentro, batendo os pés, odiando tudo. Papai me olhou como se justificando, como dizendo “se lhe pago as aulas, que apresente algo”. Meu pai tinha um talento especial para acabar com qualquer evento feliz.

Achei que ela não fosse sair de casa até que papai fosse lá dentro e a puxasse. Passava o tempo e era evidente que a dança não aconteceria. Eu tinha tomado bastante vinho tinto e estava no tênue limite entre a alegria e o torpor.

Todo mundo estava lá fora, perto do herbário. Pegaram os alto-falantes do aparelho de som e tocaram chamarritas o tempo todo. Pareciam a dupla Los Hermanos Cuesta ou algo assim. O acordeão e os trinados já me exasperavam.

Colocaram algumas lanternas de papel de diferentes cores penduradas em barbantes, cruzando o céu. Eram desses enfeites chineses ou árabes que Reba adora e eu nunca sei de que porcaria de lugar os tira. As luzes multicores envolviam o campo em um horizonte de cor de mel.

Betina sorria para mim e depois falava com as amigas. Tinha a atitude estúpida que me irrita nas mulheres, e ao mesmo tempo me atrai. Era bonita à sua maneira, loura e de olhos verdes, de peitos grandes já para a idade. Fui para o mirante que ficava perto e me sentei ali, olhando para ela de vez em quando. Me dava vergonha ir falar com ela quando estava com as amigas. Assim, esperei ver se ela disfarçava e se aproximava. Depois de um tempo, fez isso, aproveitando não lembro que pretexto. Primeiro, falou comigo parada a um metro, agitando-se, nervosa. Depois, sentou-se ao meu lado. Era incrível como uma boca que dizia tanta estupidez podia ser tão linda.

Talvez para calar sua boca foi que a beijei. Foi curto, mas gostei do sabor elástico de sua boca. Estávamos rindo e eu já pensava em onde levá-la para acariciá-la com liberdade quando a música mudou, dando vez à cadência de um ritmo oriental. De

repente, todo mundo olhava para o meio do parque. Cordelia estava ali, vestida de odalisca. Foi um impacto muito forte para mim. Parecia envolta em uma nuvem azul que escondia e, ao mesmo tempo, acentuava os detalhes de seu corpo. Uma onda de calor, vergonha, inquietude, subiu ao meu rosto.

Os convidados aplaudiram com entusiasmo a homenageada. Pude ver as caras lascivas dos homens, a apreciação contida e invejosa das mulheres. Papai parecia contente, orgulhoso de sua filha, embora o imbecil também a estivesse descobrindo; agora estava se dando conta de que tinha uma filha mulher.

Com o ritmo da música, Cordelia começou a movimentar-se, diríamos, devagar. Seus quadris lentamente traçavam um círculo. Nenhum dos presentes adivinhava que, nesses movimentos, havia algo em invisível ebulição. Movimentava-se mais rápido. O que se iniciou delicadamente começava a se tornar obscuro. Seu corpo encheu-se de ondas, seu ventre tremia de uma forma inimaginável. Parecia feita de água, de um vento que fascinava. Papai soube que a dança tinha saído de seu controle. Começou a aplaudir para dar por terminado o ato, mas ela não parava. Sua dança agora era frenética, de uma energia que se separava de seu corpo, uma possessão evidente. O que a possuía, não sei. Talvez um espírito primitivo, pagão, condenado a habitar este monte.

Tenho certeza de que, em La Paz e em Pórtico, vão falar da dança de Cordelia durante muito tempo. Quando nos virem passar de lancha, as comadres dos portos se aproximarão umas das outras para ficar aos burburinhos, excitadas, a respeito do que aconteceu em La Doradita.

A questão é que meu genial pai não sabia o que fazer. Começou a se aproximar dela, e isso foi um sinal. Porque Cordelia terminou sua dança com uma expressão selvagem e decidida. Quando levantou os braços e ergueu a cabeça com sua postura quieta e sensual, me cravou os olhos. Betina pareceu receber de rebote a força desse olhar e baixou a vista, confusa.

Soube, então, que a dança tinha sido dirigida a mim o tempo todo.

Cordelia foi para casa, balançando seus tules, sem olhar para ninguém. As chamarritas voltaram a tocar, as conversas circunstanciais foram retomadas. Eu me esqueci de Betina.

Fiquei até bem tarde da noite em meu quarto. Depois, saí. Reba não fizera a arrumação. Faria isso pela manhã. Os restos da festa desperdiçavam-se pelo gramado. O orvalho oferecia um brilho quieto às lanternas chinesas caídas.

Demorei um pouco a ver a luz do herbário. Quando entrei, logo a vi sentada junto à fonte de água verde, de costas. Tinha posto uma blusa, mas por baixo ainda usava as saias transparentes das mil e uma noites. Me aproximei dela fazendo barulho de propósito, mas Cordelia não se virou. Quando me pus em frente a ela, vi seu rosto ainda úmido. Perguntei o que tinha acontecido, e ela me deu um tapa na cara. Disse para eu cair fora com Betina ou alguma outra de suas amigas vagabundas.

Então, agarrei seu rosto e a beijei. Debateu-se, mas tomei impulso e a derrubei na fonte, cobrindo-a com meu peso.

Tudo aconteceu muito rápido. Ou muito lento. Ou talvez não tenha acontecido. Não sei.

Quando terminamos, ela estava com os olhos cheios d'água. Me olhou como nunca ninguém olhou. Era um olhar dolorido e, de repente, distante. Mas ao mesmo tempo esse olhar parecia dizer: e agora?

Eu não conseguia falar. Ela se recompôs, empapada pela fonte. Levantou as saias, pegou em minha mão sem olhar para mim e foi embora em silêncio.

Há pouco, fui até sua porta. Fiquei um momento ouvindo, mas nenhum som me fez perceber se ela poderia estar acordada.

Saí pelo corredor e, pelas janelas, vi papai fumando na varanda. A fumaça do cigarro flutuava sobre sua cabeça como um tecido leve, sólido, imóvel. Um movimento curto de sua mão rasgou o “tecido” e o dissolveu no ar. Voltei ao meu quarto.

Os olhos de Fabián não conseguiam se afastar do que estava lendo. O texto absorvia-o, puxando-o, independentemente de sua vontade. Maquinalmente, virou as folhas. Em um segundo,

passou quase um ano. Em vários textos, Iván queixava-se de sua solidão. Um monólogo lastimoso após outro. Os traços nas margens eram cada vez mais complexos e, em algumas folhas, havia esboços a lápis de estátuas realizadas ou sonhadas. Rauch também era um verdadeiro talento desenhando. Fabián odiou-o cada vez mais.

13 de novembro de 1987

Faz dois dias que completei 21 anos. Papai me deu um aperto de mão como sempre. Disse alguma coisa sobre responsabilidades, que ouvi pela metade. Depois me passou um envelope com dinheiro. Cordelia, depois de eu apagar a vela do bolo ridículo que Reba preparou, aproximou-se de mim e me beijou na bochecha. Mas não falou comigo. Faz seis meses que não fala comigo. Me pergunto como suporto. Sei que decidimos parar, mas imediatamente me dei conta de que foi uma decisão ruim. Durante dias, acompanhei meu pai a Braço Moro, tentando trabalhar e esquecer. Mas foi impossível. Como fazer de conta que Cordelia não existe?

Apesar da minha idade, já tive várias mulheres. A moça com quem tive a primeira vez em La Paz. Como se chamava? Me lembro dela rebolando em cima de mim. Tinha nariz pontiagudo e bom corpo, apesar de já ter quatro filhos. Quando acabei, agarrou a parte de trás do meu cabelo, o que cobre a nuca, e o segurou como a crina de um cavalo. Doeui, e eu gostei. Depois lembro dela lavando as partes em uma bacia cheia de água com sabão. Por acaso, não guardei como se chamava. É raro. Em geral, nunca se esquece o nome de uma puta.

Aquela mulher, ao que parece, me recomendou a outras companheiras de profissão. Eu era como um cliente favorecido. Uma vez por semana, transava com várias mulheres. Algumas delas nem sequer me cobravam. Parecia uma secreta confraria feminina consagrada a me dar sexo. Sempre suspeitei que papai pagava todas, mas nunca comprovei isso.

Depois, veio Cristina, uma mulher casada de Paraná. Conferi no diário e comprovei que nunca escrevi sobre ela. E isso porque a “frequentei” por dois meses. Eu a via para me esquecer de

Cordelia. Ela, porque seu marido não era suficiente. Dizia que ia se separar, e eu lhe dizia que não fizesse isso por minha causa. Sentia-se cada vez mais culpada, ficava mal e pensava que o marido voltaria para casa de surpresa, apanhando-nos na cama dos dois, transando furiosamente. Tornou-se tão complicada que cansei e terminei a história.

Um tempo depois, soube que Cristina tinha se metido no rio e desaparecido uma tarde. Nunca mais a encontraram. Estou certo de que ela não fez isso por minha causa.

Uma vez arranjei uma mulher em Rosário, quando viajava direto para lá. Inclusive chegou a me apresentar para a família.

Conheci mulheres subservientes, outras altivas, algumas frias, outras estranhas. Não tenho recordações de nenhuma em especial.

Nenhuma foi como Cordelia. Meu amor, minha única mulher.

Fico me perguntando para qual círculo do inferno nós vamos.

Fabián fechou o caderno de forma brusca, deixou-o na mesa e pensou alguns instantes. Logo abriu outro. A letra de Rauch havia mudado, era mais urgente, parecia que, ao escrever, apenas tocava a folha. Ficou mais difícil decifrá-la. Adquiria um caráter mais gráfico e, por momentos, não parecia uma escrita reconhecível, e, sim, uma forma de taquigrafia sem um código conhecido.

5 de julho de 1991

Hoje, terminei outra estátua em meu jardim. Ando com muito tempo ultimamente. A empresa avança sozinha. Reba e os peões cuidam da fazenda. Somos poucos. Ficaram para trás os dias em que este lugar estava cheio de gente, risos, conversas. Quanto tempo já faz? Outra vida. Não nego que isso me deprime. Assim, transponho a porta mágica e estou em meu paraíso, fazendo o que eu mais gosto.

Conferi minha última escultura. Dessa vez, a figura de Cordelia está sentada, atenta, como se estivesse esperando a chegada de alguém. Sua mão segura o maxilar; seus dedos formam um suporte sobre o qual descansa a cabeça. Seus olhos (sempre me

custa muito fazê-los) miram ao longe. Pus o rosto para o rio, entre a bailarina e a caçadora. Depois, fiquei muito tempo em frente a ela, imaginando que falava comigo, que se formava em seu rosto essa expressão redentora que conheço, que há tanto tempo não vejo.

Vou cada vez mais ao jardim. As figuras, todas Cordelias, repetidas como espelhos distorcidos, me cercam, em uma conspiração muda. Ao redor, armei árvores de bronze, plantas douradas que ricocheteiam a luz quando o sol se põe. Parecia que, do meio do jardim, irradiava uma energia dourada que transmutava o mundo, uma alquimia irrefreável que explodia para todas as direções.

Mais folhas, mais anos se passaram entre seus dedos.

20 de novembro de 1993

Voltei à noite, dirigi sem parar, quase não dormi, mas não posso esperar para registrar alguns acontecimentos durante minha estada por Buenos Aires.

Essa cidade não merece o que tem. Fui ver a única obra do meu avô que expõem lá e comprovei, com indignação, que a parte inferior da base estava em corrosão. Fiz com que o idiota que cuida do museu notasse, e ele nem sequer acreditou que eu era neto do escultor. Quando tiver tempo, vou mandar uma carta ao curador para ver o que se pode fazer. Do contrário, vou tirá-la de lá. Não vai ser fácil, porque foi uma doação, mas as obras do meu avô estão melhor em La Doradita que nesse museu de ignorantes.

Escrevo sobre isso quando, na verdade, sei do que quero falar. Do encontro com Cordelia. Que expressão quando me viu no ônibus! Quando me viu vindo, primeiro não me reconheceu, mas logo ficou boquiaberta, incrédula. E assustada. O pesadelo de seu passado voltava de repente. Estava nos bancos do fundo, me sentei a seu lado. Nesse momento, nós dois nos olhamos sem reação, e logo ela falou comigo, receosa, meio em choque, escolhendo com cuidado cada palavra. Me senti triste pelo que o tempo e a distância fazem nas famílias. Havia anos que não nos

víamos, e ali estava ela, fria, colocando barreiras, como uma criminosa ou uma refugiada clandestina surpreendida, frente a um fantasma leproso que volta para maldizê-la. Manchado para sempre pelo erro de amá-la, de não conseguir esquecê-la.

A duras penas, controlava-me para não tocar seu rosto, ali, entre as freadas e o balanço daquele ônibus ordinário. Contei a ela que havia mudado, que tentava reordenar minha vida, que eu não era uma complicação para ela. Fez aquela cara de ingênua que eu nunca engoli. Argumentei que não podíamos falar direito ali, a convidei para um café, para ir a algum bar. Ela pensou e aceitou.

Descemos (ela estava indo para a faculdade) na Uriarte com Santa Fé. Entramos em uma confeitaria. Era um lugar pouco apropriado para o reencontro, mas era suficiente para falarmos tranquilos. Aos poucos, foi contando algo de sua vida, sua ida para Buenos Aires. Não fez rodeios para me dizer que estava saindo com uma pessoa. Com um esforço supremo, a felicitei, perguntei sobre o rapaz. Por dentro, o ciúme me mordida, profundo, pulsante. Estava condenado a sofrer por ela. Tentei ser centrado e filosófico, passar uma imagem de superação, longe de antigas obsessões. Talvez tenha conseguido, a julgar por seu leve, porém crescente, entusiasmo ao falar comigo. Mas lentamente minha vista começou a ficar borrada, com imagens dela e do outro suando em uma cama, ou em um sofá, fazendo sexo com ela por cima, vestida de odalisca. Ela notou minha expressão e me olhou como se eu fosse um cachorro velho que não pode mais mudar suas manias. Isso me irritou, mas não podia deixar que ela visse minha irritação. Consegui me controlar e orientei-me para a emotividade. Contei que queria ajeitar minha vida, vender a fazenda, dedicar-me à escultura, fazer outra viagem à Europa, mas, dessa vez, de forma produtiva, para conhecer outros artistas, galerias, movimentar minha carreira. “Melhor começar logo”, disse ela, e isso me doeu. Tive vontade de dar um tapa na cara dela, e de novo a vi nua, molhada. Me contive, e as lágrimas caíram lentamente de meus olhos. Falei de meus sentimentos para ela, mas sem causar pena pelo meu pranto, olhando-a fixamente, sem que meu rosto tivesse uma

expressão desagradável. Falei de todos os anos sem ela, da solidão de outro mundo, da escuridão inevitável de minha vida. Fez efeito. Nós dois choramos e nos demos as mãos. Tranquilei-a. Assegurei que jamais seria um problema para ela. Disse a ela que sentia falta da mamãe. Respondeu-me que a conhecera muito pouco, porém começou a chorar mais, e eu não fiquei atrás. Continuamos assim um pouco, até que me desculpei e fui ao banheiro. Enquanto lavava o rosto molhado pelas lágrimas, não pude evitar sorrir. Ficamos mais uma hora; em seguida, nos despedimos. Combinamos de eu ligar quando voltasse a Buenos Aires. Ela quer me apresentar ao namorado. Não concordo com essa ideia.

Na semana que vem, viajo. Quero voltar a vê-la.

Entre esta última data e a seguinte, havia quase um mês. Era um texto breve, o mais breve que Fabián tinha lido até então.

18 de dezembro de 1993

Finalmente, consegui solucionar os problemas com os empregados e vou viajar para Buenos Aires. Espero encontrar o melhor cenário. Sonho com ela todas as noites, sem descanso.

Isso era tudo. Virou a folha e encontrou um papelzinho azul-claro dobrado, colado com fita adesiva. Abriu com cuidado. Achou que reconhecia a letra. O texto tirou suas dúvidas.

Iván:

Pedi ao garçom para lhe entregar esta carta quando você chegasse. Tem jeito de ser de confiança; e, mesmo que leia a carta, não me importo.

Ou seja, não estarei aí. Ou seja, nossa conversa não poderá acontecer.

É preciso pôr um fim e, como sempre, sou eu quem faz isso. De uma vez por todas, entenda que já não podemos continuar nos vendo. De maneira nenhuma. Aquilo de ontem foi o nosso fim. Tenho uma vida agora, ou tento tê-la. Você deveria procurar ter uma também. Aceitei vê-lo, e

terminamos na loucura, como sempre. Não quero pensar mais no porquê de tudo o que fizemos. Faço terapia há anos e não consegui entender. As coisas deram-se dessa forma. Não vou filosofar. Esta é uma mensagem de despedida, um adeus de verdade. “Adeus” é uma palavra muito forte. Eu só a digo, escrevo, quando realmente não há volta. Adeus, Iván.

Não me procure, não me ligue, não me siga. Deixe-me em paz. Não quero problemas. Estou casada agora, lembra? Sou a Lila. Eu me chamo assim agora, não Cordelia. Esse nome morreu há anos.

Organize sua mente, refaça sua vida. Venda aquela fazenda maldita e saia de lá de uma vez. Se mudar essas coisas, serei a primeira a te aplaudir. Mas sempre de longe, sabendo talvez algum dia, pelo jornal, que expôs suas esculturas ou algo assim. Mas já não é assunto meu.

Me esqueça, Iván.

Espero que entenda.

Sua irmã Lila.

Fabián voltou a dobrar a carta e fixou-se na folha que estava colada. Aparecia a já conhecida letra de Iván.

3 de abril de 1995

Não entendo você. Um dia, fazemos amor como dois loucos. E, no outro, me deixa esta carta, me despreza como se...

Soltou o caderno sobre a mesa. Foi à cozinha e, na despensa, procurou algo forte. Encontrou uma garrafa de vodca. Sentou-se em um banquinho junto à máquina de lavar e tomou três copos ou mais rapidamente. Depois, foi ao banheiro vomitar, mas não conseguiu. Eram quatro da manhã.

Voltou à sala e olhou os cadernos empilhados na mesa. Durante o torpor da vodca, pensou em queimá-los, cortá-los em pedaços, picá-los, amassá-los. Rodou na penumbra da sala, e alguns cadernos caíram no chão.

Foi até a cômoda e a abriu. Pegou a urna com as cinzas de Lila. Fazia muito tempo que não olhava para ela. Durante anos, guardou-a absurdamente, pensando que, quando se reencontrasse com Moira, iriam juntos ao Sul jogar as cinzas no mar. Passou o tempo e perdeu esperanças, até que esqueceu essa ideia.

Segurou a urna com as duas mãos, ergueu-a sobre a cabeça e a atirou contra a parede. A urna quebrou com um barulho como se fosse um tiro de espingarda. Desprendeu-se uma nuvem de cinzas que impregnou o ambiente. Moira abriu a porta do quarto e espreitou. Fabián olhou para ela. A nuvem de cinzas assentava-se sobre o tapete, circulando pela lâmpada acesa, de halo âmbar, as partículas de Lila flutuando em redemoinhos que pairavam e logo se aquietavam como pequenas mariposas que morriam.

— Essas eram as cinzas da mamãe — disse Moira.

— Sim.

Moira olhou as cinzas caídas por mais um momento e foi à cozinha. Voltou com uma vassoura, uma pá e uma vasilha. Lentamente e com cuidado, varreu o que pôde das cinzas, colocou-as na vasilha e fechou a tampa. Atirou os restos da urna na lixeira da cozinha e, em seguida, levando Lila debaixo do braço, enfiou-se de novo no quarto.

Fabián começou a rir, sem conseguir se conter, até ficar sem fôlego, sentado no sofá da sala. Depois, abriu a janela e deixou que uma lufada de vento limpasse o ambiente, um vento que trazia o cheiro da chuva e feria a pele.

Ficou andando de um lado ao outro da sala, chorando sem fazer barulho, olhando os cadernos de longe. Decidiu abrir o seguinte.

11 de setembro de 1996

Cheguei ontem, mas não consigo dormir. Reba me perguntou o que tinha acontecido comigo, e estive a ponto de dizer a ela. Minha mente está a mil quilômetros por segundo. Tenho que considerar algumas coisas.

Estive por três dias em Buenos Aires, e como sempre, quis ver Cordelia. Fui até o endereço que conhecia e fiquei no bar da frente, olhando a porta de entrada do prédio. Comecei a pensar que talvez tinham se mudado, e isso era uma horrível complicação. Passaram-se quase duas horas e já me levantava da mesa quando a vi. Estava mais gorda. Abriu a porta de vidro e a segurou para que alguém passasse. Então saiu ele, levando nos braços... uma menina. Meu mundo caiu. Eu já aceitei que perdi Cordelia faz tempo, mas conservo uma obstinada e persistente ilusão, como um sonho que se nega a se dissipar. Comprovar que a família crescia era a prova irrefutável de que estavam apaixonados, felizes. Essa nova vida deve ter unido mais que nunca os dois.

Me obriguei a não olhar até se perderem de vista. Então, paguei, fui para a calçada, andei até o carro e fui embora dessa cidade maldita.

Logo que saí do túnel subfluvial, comecei a pensar nas datas. Coincidiam.

Não há certeza absoluta, mas poderia ser. Tenho que voltar a vigiá-los. Sobre tudo a menina.

Poderia ser.

Mais tarde, ao amanhecer, leu uma última entrada antes de cair adormecido sobre a mesa, com a garrafa de vodca rodando vazia.

7 de abril de 1999

Tudo avançou bem em Buenos Aires, embora quase tenha estragado tudo no fim.

Estúpido, estúpido! Mil vezes estúpido! Como pude me equivocar assim? Não estou pensando bem. É ela que me afeta com sua proximidade cada vez que viajo para lá. Tudo com Cecilia foi perfeito. Na semana em que estive lá, terminei de ganhá-la — e também Moira. Engoliu o papo de que eu trabalhava perto e almoçava na praça. Que fácil foi a peruana!

Estou em êxtase! Fiquei cinco dias arrastando a asa para ela. Estava com as duas na palma da mão. Mas me descuidei no fim.

Apareci na praça, esperando como todos os dias, e estranhei quando Cecília e Moira não chegaram na hora de costume. Cecília a traz sempre na mesma hora, sobretudo quando sabe que pode me encontrar. Fiquei sentado fora da área dos brinquedos, porque um cara sozinho ali sempre levantava suspeitas. De onde estava, via o brinquedo favorito de Moira, o da casinha de teto verde com o escorregador de plástico. Eu deveria ter desconfiado, deveria ter notado o movimento diferente da praça. Percebe-se que estou muito acostumado ao ritmo decadente de La Paz, sempre em um eterno feriado. Em nenhum momento me ocorreu pensar que era domingo, e não dia de semana.

Então, vi Moira sozinha, vindo desses horríveis pergolados de concreto. Estava quase acenando para que ela se aproximasse quando apareceu Cordelia.

Meu coração parou. Pela primeira vez na vida, entendi o que significava essa intensa expressão. Cordelia, parada, empertigada em seu corpo elástico, fazendo uma viseira com a mão, olhando para meu lado. Abaixei-me rapidamente e me esgueirei por entre umas plantas, afastando-me do lugar, rezando para que ela não tivesse me visto. Se me visse, era o fim de todo o meu plano. Tanto trabalho de formiga com Cecília, tanta paciência, jogados no lixo. Cheguei a um pequeno caminho de tijolos, fora da vista dos pergolados. Cordelia e Moira estariam sozinhas ou tinham vindo com ele? Decidi não conferir. Me afastei pelo pequeno caminho, passei perto de alguns bancos ocupados por casais, acelerei o passo olhando para trás, mas tudo bem... E topei com Moira, que atravessou minha passagem de trás da estátua do mártir da praça. Fiquei paralisado. Moira parou à minha frente com as mãos na cintura, com carinha de reprovação. Não prestei atenção ao que me disse. Podia ser que, atrás de mim, aparecesse sua mãe procurando-a ou... talvez ele. Olhei para trás e não havia ninguém no caminho de tijolos. Tive o impulso de fazer o que tinha ido fazer. Me aproximei dela e a acalmei com minha mão em seu ombro, enquanto com a outra

pegava a tesourinha em meu bolso. Moira segurava o bicho de pelúcia que sempre levava à praça. Perguntei a ela se o senhor grilo estava contente e, enquanto me respondia, cortei uma mecha de cabelo com a tesourinha. Me abaixei para recolher os cabelos do chão. Ela nem se deu conta de nada. Voltei a olhar para o pergolado. Ninguém vinha. Disse a Moira que voltasse para sua mamãe e comecei a me afastar. Andei até a Álvarez Thomas e ouvi os passinhos que me seguiam. Acelerei o passo e repeti que ela fosse embora. Fez beicinho, mas ficou quieta.

Quando cheguei à avenida, vi os dois, que se aproximavam de Moira, apressados. Ele se abaixou e falou com a menina, certamente repreendendo-a. Tive medo de que ela apontasse na minha direção, mas não fez isso. Cordelia estendeu os braços para Moira, mas ela preferiu ir com o pai, que a ergueu com facilidade. Os três voltaram até os pergolados. A imagem da família perfeita.

Consegui o que procurava! Já levei o cabelo dela ao amigo do Silva, para fazer a análise.

Mas também tenho certeza de que não é necessário. A técnica poderá comprovar, mas minha convicção está à frente de qualquer análise genética. Faz tempo que meu coração e minhas entranhas sabem que Moira é minha. Já sei o que tenho que fazer.

Já sei qual é o próximo passo.

4

— O próximo passo foi o que todos nós já sabemos — disse Fabián Danubio. — Sequestrar Moira e levá-la para Entre Ríos. Deixou o caderno sobre a mesa de madeira lustrosa, de três metros e meio de comprimento, no escritório do Departamento Central de Polícia. Sentados, fazendo silêncio como participantes de um seminário ou uma representação teatral, estavam: Ramiro Beltrán, com seu cabelo curto e grisalho, agora com toques amarelados; o promotor Revoira, dessa vez combinando cores frias (azul, roxo) entre paletó, colete, meias e lenço; o atual responsável da Divisão de Busca de Pessoas, Cecilio Carmín, careca e cheio de rugas; o próprio chefe da Federal, delegado Lavesse; e, perto de Fabián, vestida de saia e terninho cinza, à paisana, a agente Blanco.

— A partir deste caderno, as entradas são mais espaçadas. De alguma maneira, eu tive que completar a história. — Revoira olhou para Blanco com reprovação.

— Vou deixar registrado no relatório que foi entregue ao senhor Danubio uma evidência essencial para a investigação, em clara contravenção ao procedimento habitual.

— Me atenho às sanções necessárias — disse Blanco, cruzando as pernas sob a mesa.

— Não é uma besteira, agente Blanco — protestou o delegado Lavesse. — Entendo sua simpatia pelo senhor Danubio, mas você também mijou fora do penico.

— Fica evidente que era ele quem melhor podia avaliar essa evidência.

— Quem tinha que decidir isso era o agente Beltrán. Você aproveitou que não havia chegado a Entre Ríos e quebrou as regras.

— Faça cópia de todas as folhas dos cadernos.

Beltrán coçou a cabeça e olhou para o teto.

— Se soubesse que estudam os casos por meio de cópias, nem entrava na polícia.

Lavese deu um tapa na mesa, esmagando um inseto invisível.

— Deixemos isso por enquanto, mas não se deve esquecer o assunto. Vamos ouvir o senhor Danubio.

— Acho que o que segue se deduz quase por si só. Rauch pensou durante dois anos, até que decidiu se apropriar da minha filha. — Fabián viu que as sobrancelhas de Beltrán se erguiam. — Então, pensou que a melhor maneira de conseguir era por meio de Cecilia. Conhecia a praça aonde iam. Forçou contato com ela, começou a seduzi-la. Talvez as tenha visto sozinhas algumas vezes. Não sei. Não escreveu sobre isso no diário. O que expus é o que vocês já ouviram: o dia em que foi pegar uma mecha de cabelo de Moira para analisar.

— Ele teve essa ideia para se assegurar — disse Revoira.

— Como estamos com isso? — interveio Carmín. — A pequena é filha de Rauch, então? Desculpe se sou muito direto, Fabián.

Blanco, irritada, olhou para seu Blackberry.

— Estão fazendo um exame de DNA.

Fabián continuou expondo.

— Rauch buscou o momento para fazer isso. Soube de um aniversário ao qual Cecilia ia levar Moira. Na noite anterior, falou com Cecilia por telefone e disse a ela que ia embora e que tinha que vê-la. Ela disse que não podia, mas ele insistiu. Essa foi a noite em que eu cheguei do restaurante com minha esposa e encontrei Cecilia perto do telefone. Tinha chorado. Dava para ver.

— Isso foi na segunda, 17 de abril de 1999 — acrescentou Blanco.

— Rauch convenceu Cecilia a ir mais cedo ao aniversário para se verem antes. Cecilia e Moira saíram uma hora e meia antes do previsto. Lila não notou. A viagem no metrô foi esclarecida pela pesquisa de Doberti, na época. Em vez de saltarem em Ángel Gallardo, seguiram até Pueyrredón, pegaram o táxi conduzido por Roque “Poeira” Álvarez e chegaram à hospedaria Brisas do Mar, onde Rauch se registrou com o nome de Lucio Giambologna, um escultor renascentista.

— Esse Rauch não perdia o prumo... — disse Lavese, suspirando.

— Maria Eugenia Regueiro, a dona da hospedaria, reconheceu Rauch pela foto que lhe foi mostrada — disse Beltrán.

— Cecilia Arroyo chegou à hospedaria com a ilusão de ver o homem pelo qual havia se apaixonado — seguiu Fabián. — Mas encontrou a morte.

— Aí entra em jogo o Silva — continuou Blanco.

Uma sensação de desconforto percorreu a mesa entre os policiais e o promotor. Blanco pôs uma foto à vista de todos. Na imagem em preto e branco, amarelada pelo tempo, aparecia Silva com roupa de soldado, com outro jovem ao lado que desafiava a câmera: era Rauch.

— Foto encontrada na casa do Silva.

— Conheciam-se do serviço militar — completou Fabián. — Não estou certo, mas, ao que parece, o dinheiro dos Rauch ajudou Silva com alguma antiga dívida. Há três menções a Silva nos cadernos. Digamos que não se viram muito. Não sei se eram amigos. Rauch não tinha amigos. Mas, nesse momento, precisava deles. Tinha matado Cecilia e não sabia o que fazer com o corpo. Silva estava na polícia, em um posto importante. Acho que Rauch não sabia o que fazer com a garota morta e Moira. Silva chegou. Viu o panorama. Tendo a crer que, em algum momento, quando descobriu como Rauch tinha matado Cecilia, pensou em entregá-lo. Se não fez isso, foi porque a dívida de Silva com Rauch era grande. Estudou a situação, viu que era melhor enterrar a garota nos fundos da hospedaria, mas antes forjou o motivo do crime com os disparos. Usou uma arma não registrada. Deixou uma “assinatura” que incriminasse outras pessoas. Depois, com a ajuda de Rauch ou sozinho, desceu com o corpo de Cecilia pela escada de ferro que dá para o pátio. Na verdade, não sei como pôde fazer isso sem que ninguém visse. A partir daí, começou entre eles um acordo para impedir que descobrissem a verdade. Silva aproximou-se de mim para me controlar. Ficava me interrogando e, quando Doberti se meteu, o investigou a fundo. Recolhia informações e, de vez em quando, passava os dados a Rauch. Contava sobre o panorama. Também o chantageava. Talvez não fosse uma chantagem insidiosa, mas de vez em quando o Silva pedia grana a Rauch e deixava claro

que tinha evidências contra ele em sua casa. A estratégia funcionou, mas se complicou graças a um encanamento quebrado, quando chegamos com Doberti até o corpo de Cecilia. Silva não perdeu a calma e aguentou, até chegarmos a um beco sem saída. Então, passaram-se os anos, tudo foi esquecido e os dois respiraram tranquilos. Silva relaxou. Não contava com o câncer.

— Esse nunca entra nos cálculos — sentenciou Carmín.

— Agora, sabemos que Adrián Silva cometeu um erro que o pai jamais teria cometido: usou a arma. Eu acho que o Silva já tinha se esquecido da arma e sua doença o impediu de pensar com clareza. Por outro lado, de alguma forma Adrián descobriu toda a história de seu pai com Rauch. A questão é que, em seguida, passou a querer chantagear Rauch. Mas Adrián não era o pai. Rauch assassinou-o e enterrou-o em algum lugar do monte.

Lavese olhou para Beltrán, girando o pescoço gordo que arrebatava a camisa, o pomo de adão fazendo volume com a gravata.

— Há novidades sobre esse corpo?

— É difícil fazer buscas no monte. Também não há notícias da tal de Remigia López, conhecida como Reba.

— Não vão encontrar nada. — Fabián soou incisivo, com a mesma sabedoria sombria dos nativos de Pórtico. — No caderno, escreve como fez. Abriu uma trilha com um facão dentro do monte, enterrou o corpo e foi embora. Três dias depois, a trilha já tinha desaparecido. Mas ele sabia que não havia cortado o último fio solto. Precisava ir à casa de Silva assegurar-se de que nada o incriminaria. E topou com Doberti.

Fabián fez uma pausa.

— Surgiu outro fio solto, um que Rauch nem imaginava.

Tirou do bolso a aranha de bronze e a pôs no centro da mesa. Todos olharam para ela, curiosos, esperando que a aranha começasse a andar, procurando uma saída.

— O avô de Iván, Ferdinand, copiou várias do modelo que fez para a porta do museu. Presenteou cada neto com uma. Uma delas acabou na casa de Silva. Se Rauch o presenteou ou se

Silva roubou, não sei. A outra aranha era de Lila, que deu a Moira para ela brincar. Doberti protegeu com sua morte o único objeto que significava um vínculo com Rauch. Eu segui essa pista.

Fabián sentou-se, desarmado, desarticulado de repente.

Caminhavam por Moreno até o Bajo quando começou a chover. Primeiro foi uma garoa, mas depois se intensificou sem clemência. Blanco arrastou-o pelo braço até debaixo de uma marquise. Alguns rolos de tecido empapavam-se apoiados em uma vitrine e, dentro do local, ninguém tomava nenhuma atitude para salvá-los. Logo, o asfalto da calçada escureceu, assim como os edifícios e o próprio ar. Tudo adquiriu o tom uniforme da chuva.

— A mídia já sabe de toda a história — disse Fabián. — Então, o que o Lavesse disse foi aleatório.

— Eles vão continuar protegendo o rabo deles até o fim.

— Que façam o que quiserem. Mas não vão me obrigar a dizer o que tenho que contar ou não. Além disso, eu não conto nada a ninguém. Vivo me esquivando de câmeras e gente com microfone. Você sabe.

— Não se preocupe. Eu agora estou no melhor lugar para ver isso. Assessoria de imprensa. É tudo meio esquisito. Por um lado, sai todo o lixo nos jornais, mas na instituição continuam agindo como se não tivesse acontecido nada grave. Então, querem ter a versão deles e se escorar nisso. Tudo além do que se saiba, para eles, é “não sei”.

O ar resfriou-se e as gotas começaram a cair grossas. Blanco fechou o casaco e encolheu os ombros.

— Como está Moira?

— Igual.

— Conversa com ela?

— Quem me dera.

— Está indo à terapeuta?

— Sim.

— Vai levar tempo.

Fabián não respondeu. Dez anos antes acreditava ter algo parecido com uma família. Agora era tudo um território povoado por estranhos. Perguntou-se como continuaria com tudo e percebeu que estava parado debaixo da marquise e não podia nem pensar claramente em que movimento fazer depois.

— Quer ir lá para casa? — perguntou Blanco. Fabián não olhou para ela, mas sabia que ela observava seu maxilar, que tensionava e distendia quando contraía e relaxava a mandíbula.

— Não sei.

— Vamos lá... Almoçamos, e você fica a tarde toda. Liga para a Moira e avisa a ela.

— Não precisa.

“Esquece, esquece, esquece.”

Ela repetia a palavra na penumbra da cama, beijando-lhe os olhos, depois de ele relaxar e começar a chorar. Apoiou a cabeça no ombro flexível dela, os lábios tocando apenas a pele de seu braço. Era uma escuridão marrom cruzada por linhas brancas, a luz filtrada pela persiana que batia por causa do vento e da chuva persistente.

— A princípio, vai ser difícil... — murmurou ela, passando a mão no abdômen, acariciando-o com os dedos ásperos. — Mas depois vai passando, aos poucos. E, a cada dia, você acorda melhor. Quando Luis morreu, pensei que não conseguiria. Mas aqui estou.

Ele se perguntou onde estava ela.

Fabián terminou de abotoar a camisa enquanto Blanco preparava o café. Tinha vontade de ir embora e não sabia para onde.

Ela pôs os dois copos sobre a mesa redonda da sala e ia trazer o leite quando o celular vibrou.

— Alô? Mónica? Sim, diga. — Levantou a mão com o dedo estendido, deixando-a suspensa no ar. Olhou para ele reclamando sua atenção. — Sim. Entendi. — Pausa. Respirou fundo pelo nariz, endireitando as costas. — Obrigada.

Fabián sentiu que o corpo se esvaía e que, no estômago, crescia uma cerca de arame farpado. Tentava se mexer,

sangrava por dentro.

Blanco fechou o celular.

— Já saiu o resultado do exame de DNA — disse, com um olhar de apelo que não terminava nunca.

— E o que deu? — disse Fabián, com a voz muito baixa.

— Desculpe... Deu positivo. Ela é filha de Rauch.

Blanco andou até ele e abraçou-o.

— Lamento, querido.

Pela segunda vez, seu rosto caiu sobre o ombro dela.

Foi embora da casa de Blanco por volta das sete, mas não chegou à sua antes das dez. Vagava pela cidade e se perguntava se Moira estaria preocupada porque ele chegaria tarde e ela não sabia de nada. Ou se, ao contrário, ela estaria, como sempre, em seu próprio mundo, quieta e silenciosa em seu quarto; ou quieta e silenciosa em frente à janela ou às fotos em série da paineira na parede. Saudade do rio? Da mata fechada? Do barco levado pela corrente para parte alguma?

Abriu a porta e a encontrou, assombrosamente, sentada na cozinha, com os cotovelos apoiados na mesa, olhando a frente da geladeira com os ímãs dos serviços de delivery. Tinha colocado uma camiseta tie dye e short jeans, o cabelo penteado para trás e preso. Talvez fosse a primeira vez que visse mais claramente seu rosto, e recebeu em todo o esplendor da beleza de Moira o reflexo inevitável da beleza de Lila. Ou de Cordelia.

Não conseguiu evitar buscar naquele rosto os traços de Iván Rauch, e uma intensa raiva começou a tomar seus olhos. Ela não falava. Por Deus! Era uma pedra. Parecia sobrenatural, feita de um material impossível.

Ele articulou com esforço alguma frase.

— Já é tarde. Eu...

— Está bem.

Moira levantou-se da mesa. Estava descalça. Seus ombros pontiagudos movimentaram-se em vaivém até o quarto. Fabián seguiu-a.

— Saiu a análise. Seu pai é o Iván.

— Já sabia disso.

— Ah, é?

Ela entrou no quarto, mas não fechou a porta. Fabián apoiou-se no batente, com as têmporas pulsando e abafando todos os sons.

— E como estava tão certa?

Ela o encarou, sentada na cama com as mãos caídas dos lados.

— Ele me disse.

Fabián andou até seu quarto, vacilou, voltou e aproximou-se de novo do quarto de Moira.

— Lá na ribanceira, quando eu estava com ele e você apareceu... Você o chamou de pai, não?

— Sim.

— Não se lembrava nada de mim?

— Vagamente.

— Não se perguntou todos esses anos sobre o que aconteceu com sua mãe, comigo?

Moira pensou, franzindo as sobrancelhas. O rosto esboçou uma desculpa, mas havia algo alheio a ela que a deixava a mil metros de altura. Era uma máscara de distância. Mexeu por último os lábios.

— A princípio, acho que sim. Ele sempre me falava da mamãe.

Seus olhos deixaram de observá-lo e voltaram-se para um ponto intermediário, perdido. Fabián viu o pote com as cinzas de Lila em cima da prateleira ao pé de sua cama. Era a única coisa, além da bolsa dela e da caixa com remédios do armário, que evidenciava a presença de alguém novo na casa. Todos seus pertences que trouxera para ela estavam guardados, ocultos. Ela não tocara em nenhuma outra coisa desde que havia chegado. Parecia estar de passagem, não para ficar.

Fabián refreou a raiva e guardou-a em algum lugar entre a boca do estômago e a garganta.

la perguntar a ela se havia comido, mas optou por sair.

A batida da porta retumbou pelos corredores. Voltou ao carro e ficou atrás do volante, pensando sobre aonde ir. Viu que, no assento do carona, estava sua bolsa com os cadernos de Rauch. Havia se esquecido de pegá-los. Abriu a bolsa, pôs a mão e

segurou as velhas capas azuis com raiva. Pegou um dos cadernos. Abriu aleatoriamente.

11 de julho de 1999

Hoje estive pela última vez com Cordelia, mas não como eu queria.

Silva assegurou-me de que não ia vir ninguém. O caixão estava ao lado da capela e todos o esperavam no crematório. Tinha alguns minutos para estar ali só com ela. Me aproximei do caixão. Não podia acreditar que Cordelia estivesse lá dentro. Quando soube, não ousei reagir. Fiquei dois dias em estado latente, como se meu corpo se negasse a funcionar em relação com o mundo. Me ausentei. O que aconteceu? Como chegou a isso? Cordelia era combativa, poderosa, não dava o braço a torcer. Enfrentou papai mil vezes. Não esperava que se entregasse assim.

Me aproximei com cautela e apoiei a mão sobre a madeira lustrada, que logo se reduziria a cinzas. Tentei me comunicar com ela, com uma prece silenciosa que atravessasse o vazio que agora nos separava. Antes era diferente, sabia que ela estava com vida. Agora não havia maneira de quebrar a barreira.

Me pergunto se isso é minha culpa, mas me nego a relacionar o fato de Moira estar comigo com a decisão de Cordelia de tirar a vida. Aquele, que esperava o caixão lá fora, com certeza tem culpa. Estava claro que isso nunca funcionou. Mas Cordelia negava, negava seu instinto, que a trazia sempre de volta para mim.

Fiquei alguns momentos ali até Silva me avisar que era melhor que me retirasse. Escondido feito um renegado, tive que ir.

Às vezes, penso no motivo pelo qual não fugimos para longe enquanto podíamos, para um lugar onde ninguém nos julgasse. Nada disso teria acontecido se tivéssemos a decisão e a valentia quando foi necessário.

Já sei que o nosso relacionamento era proibido, mas eu não quis assim, aconteceu. A vida é injusta. Tive que ir embora do cemitério quando quem merecia as condolências era eu, não o

outro, que chorou por alguém que nunca entendeu nem conheceu realmente.

Volto à fazenda, onde uma versão novamente jovem de Cordelia me espera.

Para mim, uma nova vida.

Fabián lembrou que, no dia do cemitério, demoraram para entregar o caixão com Lila. Perguntou-se o quanto teria de reler os cadernos para voltar a interpretar o que tinha acontecido com ele. Pensou que estivesse condenado a ler e a ler os cadernos malditos, atado a eles, a uma história que não era dele e que o tornara prisioneiro sem piedade.

Pensou também, com aceitação e dor, que o filho da puta de Rauch amara Lila à sua maneira.

O sujeito assassinara o próprio pai, e talvez isso o tenha feito cruzar uma fronteira da qual jamais voltou. Seduziu a irmã, teceu sua teia por anos, montando planos, mentindo, matando...

Podia comparar o que ele sentira por Lila com esse frenesi incomensurável, com o amor insano e indestrutível que povoava aquelas páginas?

Parecia um milagre que o Ocho Esquinas estivesse aberto depois de meia-noite, mas Bebe tinha esses caprichos, e às vezes alongava a noite pondo para tocar discos de vinil de tango até que se lembrava de fechar. Fabián e Russo eram os únicos sentados na mesa abaixo da foto do bandeonista Pichuco. Chamou-o depois de andar pelas ruas de forma automática; sabia que o tinha acordado, mas precisava falar com alguém. O Ocho Esquinas ficava muito perto de sua antiga casa, muito perto da lembrança de uma vida perdida. Fazia duas horas que Fabián funcionava como o disco que Bebe pôs: um movimento sem fim, um giro persistente que voltava ao mesmo lugar.

— Depois que Rauch matou o pai, ela decidiu ir embora de lá — disse Fabián, com o segundo café com leite nas mãos. — Acho que ele sustentou a versão de que o pai havia sofrido um acidente e caído, mas é provável que Lila não tenha acreditado nisso.

— Foi a melhor decisão de sua vida — disse Russo. — Sem a mãe, sem o pai e com um irmão assim, ela precisava se distanciar.

— Foi viver em Ushuaia. Para mim, ela sempre tinha vivido lá. Apagou toda a sua vida anterior. Mudou o nome.

— Como fez com os documentos?

— Perguntei isso aos policiais. Eu tenho ainda comigo a carteira de identidade e o documento onde consta como Lila Lestelle. Esse sempre foi seu nome para mim. Como mudou sua identidade assim, não tenho ideia.

— Teve até que falsificar a certidão de nascimento. Isso não é fácil. Com certeza, conhecia algum pistolão.

— Durante anos, ela teve alguns encontros esporádicos com Rauch. Depois, quando se mudou para Buenos Aires, achou que o tinha deixado para trás. Até que ele reapareceu, em 1993. — O rosto de Fabián se fechou e ele apertou a xícara com força. — Havia um ano que eu estava com ela.

Bebe virou o disco e o tango de Jorge Vidal começou a tocar de novo.

— Minha mulher não era quem eu achava que era. Minha filha não é minha filha. Não deveria tê-la procurado.

— Não diga besteira. Você fez o que tinha que fazer: a encontrou. Você sozinho. Agora, concentre-se em sua filha.

— Minha filha?

— Sim, sua filha. Ou pensa que só porque esse sujeito tem o mesmo DNA dela foi, de fato, pai? Ela estava escapando de alguma coisa quando você chegou.

— Estou muito longe, tão longe dela...

— Já vai se aproximar. Dê um tempo para que se acostume.

— Não consigo tirar a Lila da cabeça.

— Eu sei disso.

— Vou ficar louco.

— Não acho. Se você não ficou louco todos esses anos... É mais forte do que pensa.

Fabián apoiou a testa na mesa. Russo agachou-se para falar com ele.

— Ela te amava, entende? Apesar de tudo o que aconteceu, te amou.

— Como sabe? Nunca a conheceu.

— Eu sei.

Fabián começou a gemer, e Russo viu como, no transcurso daquela noite, o amigo retrocedia até ser menino de novo.

— Por que ela fez isso comigo?

— Ela não quis te fazer nada. Foi algo que não pôde dominar. Tinha uma história que não pôde dominar.

— Tenho tanta saudade dela...

— Sei disso.

Pôs a mão no braço dele. Fabián ergueu a cabeça, se levantou e foi ao banheiro. Quando voltou, tinha lavado o rosto, estava meio pálido, mas andava firme.

— Está tarde, não?

— Para mim, está tudo bem.

— Bebe vai nos expulsar.

Russo olhou por detrás do balcão, onde Bebe se debruçava. No lado de fora, passou um policial de uniforme, olhou os dois, fez sinal de continência com o quepe, para cumprimentar Bebe, e sumiu de vista. Russo olhou seu copo de Chivas vazio. Decidiu mudar de assunto.

— Escuta... na sexta-feira, jogamos a primeira partida do torneio Plus. Jogamos contra o Atenas de Quilmes.

Fabián ergueu as sobrancelhas.

— Atenas de Quilmes?

— Sim.

— Não existe clube com esse nome.

— Acredite em mim.

— Não pode ser. Quem poderia conceber um nome desses?

— Tenho na lista que o Puma me mandou por e-mail. E te digo mais. Na lista dos doze, há outro clube chamado Desamparados de Barrio Parque.^[4]

— Tá de sacanagem!

— Bom, sim, com esse, estou, sim. Mas esse Atenas é verdade. Você vem então?

— Estou fora de forma.

— Pode ser, mas, se não vier, nos desclassificam. Não chegamos ao sexto lugar.

— O Rojas Palitinho não jogava com vocês?

— A mulher dele teve bebê. Você é nossa única opção. Vamos lá... Talvez até dê autógrafos e tudo. Agora, você é conhecido.

— Não sei onde deixei a camisa.

— Não importa. Temos uma nova. O Puma guardou a sua.

— E como é?

— Muito bonita.

— Bonita?

— A camisa é o de menos.

Fabián sorriu, assentindo com a cabeça.

— É inapresentável, né? Parecemos uns palhaços.

— Palhaços, não. Acrobatas.

No dia seguinte, tomou café da manhã com Moira, em uma cena já repetida. Ela comia suas duas torradas com *cream cheese* e tomava um chá sem leite nem açúcar. Ele sentia ressaca da noite anterior mesmo não tendo tomado álcool. Ajeitou-se para conseguir emitir algum som.

— Já pensou no colégio?

— O quê?

— Para qual vai no ano que vem?

— Qualquer um para mim está bom.

— Não te interessa ver como são as escolas? Escolher?

— Tanto faz para mim.

Ela terminou o chá e pôs a xícara na pia. Fabián quis pedir a ela, por favor, que ficasse sentada, que não fosse embora. “Fica, filha”, as palavras se formaram em sua mente. “Fica um pouco. Te incomoda que te chame de filha? Me dá um abraço, me dá um beijo, me pede para te ninar. Me devolve a menina de quatro anos que não me deixava ir trabalhar.”

Sentiu um nó na garganta.

— Hoje não vou à obra. Quer fazer algo, nós dois juntos? Algum lugar que não conheça da cidade?

— Prefiro ir andar por Cuenca.

— Bom... — Assim, Fabián deu-se conta de que o plano dela não o incluía. — Como quiser.

Levantou-se e deu-lhe um beijo na bochecha. Ela deu as costas e lavou sua xícara.

*A esta cidade sempre chegarás. Os teus anelos
são vãos, de para outra encontrar um barco ou um caminho.
A vida, pois, que dissipaste aqui, neste cantinho
do mundo, no mundo inteiro é que a foste dissipar.*^[5]

“Tô cagando para o Kaváfis.”

Fechou o livro de poemas que resgatara de uma das caixas que fazia muito tempo que não abria.

“Não estou em um poço, sou o poço”, dizia ela. Lembrava-se claramente dessa noite. Por que sua mulher tinha que falar com enigmas? Por que teve de ocultar seu passado? “Por que foi tão covarde e me deixou sozinho com isso?” Quis dormir, sonhar, encontrá-la em seu sonho, interpelá-la. Ela não o deixava em paz em nenhum momento, fixa em sua cabeça e, quando ele falava com ela, não respondia.

Há dias, reconhecera o colar de Moira. Sua mente negara, mas, quando se deu conta de que Moira tinha posto na ribanceira o colar que era de Lila, as implicações disso o perturbaram. Era como se Lila atuasse por meio desse colar, distraindo Rauch para que Fabián pudesse se salvar.

Mas ele estava muito exausto pelo que lhe acontecera para pensar nessas transcendências. Não havia mensagens nem ações de Lila desde então. Só casualidades a favor. Chegar um segundo depois a um metrô ou chegar no justo momento de salvar uma vida era só isto: casualidade. Frestas que se abriam no caos, por muito pouco tempo.

Pegou a caixa com documentos debaixo da cama. Vasculhou de novo os papéis dela. Havia uma carteira de identidade, totalmente legal, com os selos das datas de votação. Havia o boletim de um curso não terminado. As expressões das duas fotos eram parecidas, mas diferentes: em uma delas, a jovem de dezesseis anos tinha o olhar claro; na outra, era mais opaco,

mais difuso, em outra época e outro lugar. A sombra de Iván Rauch teria reaparecido? De acordo com as datas do boletim, sim.

Percebeu que, durante anos, não fazia mais que olhar, inspecionar restos de um passado perdido. Já tinha quase reconstruído o que acontecera. Para os policiais que o escutaram com atenção, o caso estava encerrado. Que eles se preocupassem em reparar a honra manchada do ilustre Silva, não era assunto seu. Para o expediente policial, tudo havia terminado. Para ele, só estava começando.

Olhou novamente as fotos que estavam na fazenda de Rauch. Eram as únicas que encontrara no quarto dele. No quarto de Moira, não havia nada, exceto a estatueta da bailarina. Nenhuma foto, nenhuma imagem, nenhum desenho. Havia alguns livros e roupa. Não muita. Amaldiçoou o sujeito que tinha privado Moira de uma infância normal. Jogou a pilha de fotos sobre a cama. Tinha a sensação de algo já visto antes. Procurava algo que percebia estar perto, mas não conseguia definir o que era. Visão periférica: algo fugidio que apenas se via de rabo de olho, que se escondia ao observá-lo de frente. Espalhou todas as fotos sobre a cama. Localizou a de Lila vestida de odalisca, no dia de seu aniversário.

Bateu na testa.

“Claro, imbecil!”

Atravessou a cidade em direção ao sul. Parou o carro em frente ao edifício escuro e antigo. Abriu com a chave de baixo e entrou no corredor de lâmpadas fluorescentes. Dez minutos depois, saiu, entrou no carro e, em cinco, estava na Lugones, depois em General Paz, e depois no Acceso Norte. Mais quinze minutos, entrava no casarão colonial ladeado por ciprestes. Na entrada do asilo, deram informações.

A idosa estava varrendo um corredor com uma vassoura larga. Não tinha por que fazer isso, mas todos a conheciam como “a hiperativa” e se resignavam a vê-la se movimentar o tempo todo, por todos os cantos. Fabián a vira pela última vez havia mais de seis meses, mas notou que seu rosto firme parecia ter sofrido o

efeito de anos, em vez de meses. A testa encolhera, o mapa de sua face fora dominado por novas nações. Seus olhos tentavam seguir os movimentos da vassoura com dificuldade, tremiam incontroláveis, agitando-se em suas pálpebras enrugadas. As mãos da idosa seguravam o cabo como um remo, com certa cadência. Quando Fabián se aproximou, descobriu que ela falava com seus botões, em um monólogo íntimo e repetitivo.

— Olá, Doris.

Ela ergueu a vista e seus olhos continuaram a se mexer, vibrando no princípio de um reconhecimento.

— Sim?

— Lembra-se de mim?

— Claro, querido.

Fabián deu-lhe um beijo que estalou alto na pele seca de sua bochecha.

— Como vai você? Como anda tudo?

— Estou fazendo algo para não me entediar aqui. Não me incomoda fazer limpeza. Me mantém ocupada.

— Vamos sentar nesse banco?

— Aconteceu algo com minha casa?

— Não.

— Menos mal. Pensei que tivesse vindo porque tinha sido invadida.

Aproximaram-se de um banco de madeira que estava debaixo de um janelão. Perto dali, o corredor virava, e notava-se uma porta aberta que dava para uma sala cheia de mesas e idosos sentados. Ouvia-se uma TV ao fundo, com o som de um *reality show* sintonizado.

Doris sentou-se no banco sem soltar o cabo da vassoura, usando-o como se fosse um cajado. Fabián sentou-se a seu lado.

— Você lê os jornais, Doris?

— Não muito. Por quê?

— Encontramos Moira.

Ela abriu os olhos e a boca. Primeiro Fabián percebeu um susto; logo depois, uma expressão de júbilo a substituiu. Doris abraçou-o, lamuriou-se como uma carpideira de cidadezinha de

interior, esfregou as mãos, ensaiou várias frases inconclusas e vagas: “Graças a Deus, bendita seja...”.

— E como está ela? Quando a trará?

— Quando quiser.

De novo, acreditou ver medo nela, mas era uma ilusionista facial. Logo escondia as reações.

— Pobrezinha... Sorte que Deus a ajudou.

Houve um silêncio. Doris aferrava-se ao cabo da vassoura e a outra mão se movia para trás e para frente sobre sua coxa coberta por uma saia florida.

— Não quer saber o que aconteceu com Moira? Onde a encontramos?

— Mas claro, querido. O que aconteceu com ela? Conte-me.

Fabián pôs a mão no ombro dela. Parecia uma pequena pedra.

— Você sabe, Doris. Você sabe o que aconteceu com ela.

Doris virou o pescoço de pássaro, a cabeça e os olhos agitados.

— Não... Como vou saber?

— Na realidade, vim de sua casa. Trouxe isto.

Fabián pôs no colo de Doris a foto que vira em sua cômoda no dia em que a ajudara a se mudar. Era a foto em que estavam Cordelia; seu pai, Francisco Rauch; e sua mãe, Alma García de Rauch. Depois da mãe, o papel havia sido rasgado abruptamente.

— Lembra-se disso?

Ele achou que ela engoliu em seco, mas não tinha certeza. A boca de Doris deixou de ser uma linha e esboçou um sorriso. Mas era só um esboço, quase como se a boca estivesse desenhada no rosto dela. Nada no restante da face sustentava o sorriso. Os olhos de Doris deixaram de se mexer, fixando-se na foto, e as pupilas reduziram-se tanto que pareciam ter sumido.

— É evidente... — disse Doris. — É a foto de Lila e os pais, lá no Sul.

— Não — disse Fabián. — Não é no Sul.

— Ah, não?

— Não. — Fabián pôs o dedo na foto. — Estas janelas de trás? O que são?

Doris franziu a boca, pensativa, ganhando a estranha fisionomia de menina em um rosto velho.

— Hum... Não seriam da casa que eles tinham, não?

— São as janelas de um herbário.

— Um herbário? — Agora semicerrava os olhos com força.

— Sim. O herbário da fazenda La Doradita.

— E o que é isso?

— Quem falta na foto? Me disse que a rasgou porque você não tinha se saído bem nela.

Doris segurou a foto. Olhou-a detalhadamente. Fabián viu que estava ganhando tempo.

— Não sei de que está falando, filho.

— Dorita, não se faça de tonta.

Doris levantou a cabeça com uma expressão indignada.

— Como?

— Nesta foto, faltam Iván Rauch e você.

Doris repetiu o nome de Rauch em voz quase inaudível.

— Lila foi viver com você em Ushuaia quando Iván matou Francisco Rauch. Seu marido estava, então, na política. Conseguiram que mudassem os documentos de Lila, lhe arranjam uma nova certidão de nascimento. Anularam o sobrenome Rauch e o sobrenome García. Seu sobrenome de solteira.

— Eu não, eu não...

— Sabiam que Iván estava transtornado e sabiam da relação incestuosa com Lila. Tiraram ela de lá. Ajudaram porque ela era a filha que sempre quiseram, não? E porque odiava Francisco, a quem culpava por ter maltratado Alma, sua irmã. De ser o gringo que tinha chegado para arruinar o nome dos García na região.

Doris não respondia. Franzia os lábios com cada vez mais obstinação. Sua cabeça negava levemente, em um gesto que tentava esvaziar sua mente do passado que voltava.

— Você e Lila se presentearam com um novo começo, longe da loucura do que acontecia em Entre Ríos. Vai continuar negando?

Todo o rosto de Doris estava fechado, tenso, voltado para dentro.

Apresentava uma superfície na qual as aberturas dos olhos e a boca apenas se adivinhavam. Mas sua voz surgia cada vez mais clara.

— Tinha que deixar isso para trás. Era uma vergonha. Mas ele não ia parar até encontrá-la. Eu sempre disse isso. Ele não ia parar. Era como o pai, como o avô, quando metia uma coisa na cabeça...

— Você sabia esse tempo todo e não me disse nada? Poderia ter resgatado minha filha e não me disse!

— Ele é perigoso, muito perigoso. Sempre me dava medo, sempre olhando com os olhos arregalados, sem piscar, como uma cobra...

Fabián pegou Doris pelos ombros e a virou para ele.

— Não é mais perigoso porque morreu. Eu o matei.

— Não acredito. É ardiloso, muito ardiloso! Tenho certeza de que te fez acreditar nisso...

— Está morto. Te disse.

— É o diabo! O diabo!

— Era um doente. Um doente que estragou nossa vida.

Fabián levantou-se do banco e cobriu Doris com sua sombra. Ela levantou o rosto, mas sem encará-lo.

— Naquela noite, quase dez anos atrás, quando voltei para casa e Lila estava deitada no chão, como um trapo, ela havia chorado. Me disse que tinha discutido com você. Discutiram sobre o quê?

Pausa.

— Não consigo me lembrar — disse Doris.

A vista de Fabián ficou borrada. Levantou Doris do banco e ela soltou um pequeno gemido.

— Sim, você se lembra. Você não se esquece de nada, sua velha maldita! Não me faça mais mal do que já fez. Me diz o que aconteceu.

Pressionou Doris com as mãos, apertando seu corpo franzino. Puxou-a para perto, os rostos quase se tocando. Doris ainda não tinha soltado a vassoura. Debateu-se feito um peixe no anzol. As palavras explodiram em seus lábios secos.

— Ela não tinha certeza de que era ele! Fazia anos que não sabia nada do Iván! Aconteceu de repente! Eu me assustei muito. Disse que não fizesse nada, mas ela queria te dizer toda a verdade. Falei que, se Iván soubesse que o haviam localizado, talvez fizesse algo à menina. Se fizesse algo, Deus me livre, e a escondesse lá no monte, quem a encontraria? Ele é o diabo, não vê isso? Tinham que agradecer por não ter acontecido algo pior. Disse que Moira, você e ela corriam perigo. Disse a ela para deixar passar o tempo antes de procurar Iván...

Fabián soltou Doris, que caiu no banco, sem parar de falar.

— Ela queria te dizer, mas era perigoso. Ainda é perigoso, agora que ele nos fez acreditar que morreu...

Ele olhou para ela com pena, mas a agarrou pela gola da blusa para que, de uma vez por todas, o encarasse.

— Poderia ter me falado. Por sua culpa, isso foi assim. Você matou sua sobrinha, que não aguentou a pressão e se suicidou, matou Doberti, um homem bom, e pelo menos mais duas pessoas. Inclusive matou Iván.

— Não, não... Ele... não...

Sua mão parda estendeu-se como um galho vivo por seu rosto, cobrindo-o pela metade. Doris tremia toda, mergulhada em uma tormenta.

— Tomara que você morra logo — disse Fabián. — Tomara que morra sozinha e com dor, neste lugar, e tomara que vá direto ao inferno para encontrar seu sobrinho. E tomara que isso seja para sempre. Você e seu sobrinho juntos para sempre, você e o diabo que te carregue!

Fabián pegou o cabo da vassoura de Doris e o quebrou em dois pedaços, atirando-o ao chão. O *clec* da madeira soou como um caixão se fechando, como uma profunda fratura.

Doris encolheu-se, pequena, no banco de madeira, mas Fabián não olhava mais para ela.

5

Três meses depois, Fabián subia no elevador do Barolo.

— Olá, Ricardito. Purgatório, por favor.

Ricardito acionou a alavanca para cima, o elevador subiu e ele olhou para Fabián com expressão grave.

— Perdão, mas não gosto nada da plaquinha que pôs na porta do escritório.

— Mas por quê? É uma homenagem.

— Não é bom brincar com os espíritos.

Fabián chegou até a porta de vidro. A placa que dizia “César Doberti Investigações Particulares” fora substituída por outra que dizia: “Doberti & Danubio, arquitetos”. Julia achou graça. E Fabián adorava inventar desculpas quando perguntavam pelo arquiteto Doberti.

Entrou no que agora era seu estúdio.

Fazia dois meses que trabalhava ali. Combinou de pagar o aluguel a Julia e, em dois dias, mudou todas as suas coisas de arquitetura que, em sua casa, já pareciam demais. Exceto por algumas mudanças concretas, como a obsoleta prancheta de desenho com seu banco, o PC que adornava a mesa e a troca das persianas por cortinas, o lugar continuava o de sempre, território pessoal de Doberti.

De cima do arquivo, Sanjulián observava-o com ar autossuficiente. Na diagonal do gato, empoleirada no parapeito da janela, a galinha Marcia cacarejava, sempre alerta. Reaparecera em algum momento, matando de susto a moça da limpeza.

Fabián verificou que a expectativa de vida de uma galinha doméstica era de cinco a dez anos. Marcia, portanto, era uma galinha idosa e suportava os embates de Sanjulián com um heroísmo milagroso.

la revisar alguns projetos que estavam sobre a velha escrivaninha de madeira, mas, antes que se sentasse, o telefone de filme de espionagem começou a tocar estridentemente.

— Senhor Fabián Danubio?
— Sim.
— Você não me conhece. Me chamo Esther Levirosky.
— Aham...
— Um senhor de uma obra da outro quarteirão, Peralta, me deu seu telefone.
— Em que posso ajudá-la?
— Na verdade, não tem nada a ver com arquitetura. Fabián pressentiu.
— Olha, se não tem nada a ver com isso, acho que não posso ajudá-la.
— Por favor, senhor Danubio. Na verdade, estou desesperada.
— Eu não procuro pessoas, senhora. Já deixei isso bem claro na entrevista que concedi e para outras pessoas que me ligaram.
— É que não acertam o passo na investigação, e não sei o que fazer, a quem recorrer...
A mulher deu um soluço do outro lado da linha.
— Eu sei pelo que está passando, acredite em mim... Mas não sou o indicado para ajudá-la.
— Você conseguiu encontrar sua filha.
— Isso não me transforma em detetive.
— Mas desenvolveu uma intuição, alguma coisa... Você tem alguma coisa, alguma coisa especial para encontrar meu marido. Eu sei.
Apertou bem forte o fone.
— Não, senhora, não sabe. Apenas tem a esperança de... — Relaxou a mão. — Eu não posso ajudá-la.
— Só peço que fale comigo uma vez, por favor. Escute o que aconteceu. Não leu nada no jornal do caso Carlos Levirosky?
— Em geral, não leio os jornais.
— A única coisa que lhe peço é para ter um encontro com você.
— Vai perder seu tempo.
— Só me deixe contar a você. Se depois continuar dizendo que não, vou embora e nada acontecerá.
Bufou, empunhando o telefone. Pelas janelas, os raios do sol da manhã percorriam a mesa, rebatiam nos móveis, descobriam

as partículas de poeira dourada que flutuavam no ar denso. De seus tronos, San Julián e Marcia contemplavam-no.

— Perdão. Está escutando, senhor Danubio? Está aí?

— Sim, sim. Estou. Como disse que era seu nome?

Seu irmão Germán passou uma semana em Buenos Aires apenas por causa de Moira. O encontro foi, como era de esperar, estranho. Germán, com sua barba ruiva, sua pança de anos e seu sotaque misturado, ao lado daquela adolescente ensimesmada, era uma imagem que causava certa perplexidade. Jantaram na casa de seu pai, e Germán mostrou fotos da família canadense. Moira ouvia com atenção, não perdendo nenhuma palavra. Parecia processar tudo e guardar em algum lugar. Seu pai e seu irmão aceitavam Moira, sabiam de sua história, mas não iam intervir sobre ela, não iam forçar nenhuma reação. Deixariam isso para Fabián, mas ele ainda não sabia como influir na conduta de Moira. Talvez nunca soubesse.

Acompanhou o irmão ao aeroporto de Ezeiza no dia de sua partida. Durante o trajeto de carro, Germán disse a ele que, na semana em que esteve lá, não viu Moira sorrir.

— Mas também não quis pedir que ela sorrisse — acrescentou.

Antes do embarque, abraçaram-se e prometeram-se não deixar passar tanto tempo.

Ficou olhando pelos grandes vitrais dos portões enquanto o avião taxiava e levantava voo, levando seu irmão à sua outra vida, distante. Fabián falou com os advogados de Entre Ríos que conduziam o caso da fazenda. Não pensara no fato de que Moira era a única herdeira direta da propriedade. Toda a fazenda estava em nome do avô Ferdinand. Portanto, foi transmitida ao filho Francisco, ao neto Iván e, agora, à bisneta Moira, a última da linhagem Rauch. Mas, se havia um DNA que certificasse o parentesco, legalmente não existia ainda nenhum documento que garantisse que Moira herdaria a propriedade. Isso implicava um reconhecimento de paternidade. Ia levar tempo e exigir papelada. A outra questão era a empresa madeireira da qual Iván era sócio. Moira era menor e o único tutor legal era ele. Fabián

tentou aceitar a ideia da responsabilidade pela fazenda e pela empresa e decidiu não deixar de lado. Não queria receber nenhum legado do homem que arruinara sua vida, mas estava disposto a converter tudo em dinheiro, como recompensa pelo sofrimento. Veio à mente uma imagem dele tomando posse de La Doradita e passando por cima de tudo o que se levantava sobre ela com uma retroescavadeira: casa, herbário, estátuas, Jardim de Bronze. Derretendo tudo em um grande forno, apagando todos os vestígios desse mundo da obra de Rauch.

Mas havia um erro em seu devaneio. Não poderia apagar tudo o que fora criado por Iván Rauch.

Havia Moira.

Ela não teve mudanças visíveis em sua conduta durante os dias seguintes à visita de Germán. Duas vezes por semana ia à psicóloga. Uma vez por mês a psicóloga falava com Fabián. Segundo ela, havia progressos, embora o episódio da síndrome de Münchhausen ainda estivesse muito presente. Não obstante, com a psicóloga, Moira “avançou muito no relato de sua vida até agora, e está progredindo com rapidez para poder aceitar sua realidade e relacionar-se com seu contexto depois de uma mudança tão radical”. Fabián tinha certeza de que, com aquela mulher sentada detrás de um divã, Moira falara mais do que em toda a sua vida com ele.

Via a filha confinada em seu reino alternativo, altiva, precisa, com uma postura sombria que dava medo em uma garota que estava para fazer catorze anos. Não dava problema, não importunava, não complicava. Respondia às rotinas da casa de modo perfeito. Já estava matriculada no Ensino Médio para o início das aulas, mas ainda faltava o verão todo para isso.

E o verão com Moira seria interminável, porque Fabián não encontrava a maneira de chegar a ela. Perguntou-se se buscara essa maneira com verdadeiro compromisso, ou o esforço de voltar a ver Moira havia consumido toda a vontade que tinha.

Na noite anterior ao dia do aniversário de catorze anos de Moira, houve uma situação inesperada.

Já fazia um tempo que tinham jantado e Fabián estava em seu quarto tentando ver algo na televisão, por volta de quinze para uma, quando ouviu um barulho de vidro quebrado no quarto dela. Levantou-se feito uma mola e correu até a porta. De novo, de dentro, soou o barulho de algo de vidro rompendo-se ou estalando. Bateu na porta com os nós dos dedos e a porta não se abriu. Ouviu um novo estalo.

Fabián abriu a porta e viu Moira vasculhando freneticamente seu estojo de couro, respirando ofegante. Pegou um frasquinho cor de âmbar, olhou para ele e o bateu com força no chão.

— Nada!

Mexeu de novo no estojo. Pegou outro frasquinho.

— Nada!

Nova explosão de vidro contra o chão.

— O que está havendo?

Não sabia o que fazer. Moira continuava de costas, com sua blusa preta e o corpo que se movimentava ao ritmo da difícil respiração.

Virou o estojo e derramou o resto dos frascos sobre a cama.

— Moira...

— Não pode ser. Ainda tinha. Ainda tinha...

— O quê?

— Meu remédio.

Viu-a chorar pela primeira vez. Agarrou seus ombros; o peito subia e descia.

— Ainda tinha...

— Me escute... Tenha calma.

— Preciso do remédio. Estão todos vazios. Não pode ser. — Suas sobrancelhas formavam somente uma linha, a mesma expressão de dor que a mãe costumava fazer. Retorcia as mãos de dedos longos, de unhas curtas e transparentes.

— Por favor, me escute... Não tenha medo.

Mas não o ouvia. Apenas percebia que estava ali. Deitou-se de barriga para cima na cama, tremendo sem controle, respirando cada vez mais rápido e pior.

— Vou chamar um médico. Está me ouvindo? Já vou ligar para um médico.

— Ele não tem o remédio. Não serve.

Tremia cada vez mais. Parecia que a cama estava andando em uma estrada esburacada. Seu corpo já se debatia, arqueando-se e retorcendo-se. Fabián pensou em tocar nela, mas se conteve. Teve uma ideia. Ela fechara os olhos e não viu quando Fabián pegou um dos frasquinhos do chão, um que não estava quebrado. Foi até a cozinha, encheu o pequeno frasco com água, adicionando uma pitada de açúcar, e fechou a tampinha. Quando voltou, ela ainda estava deitada, não tremendo tanto, mas sacudindo a cabeça de um lado a outro, sem fôlego. Fabián foi até o estojo, pôs a mão e pegou o frasquinho.

— Olha! Tinha um cheio aqui ainda!

Moira o tirou de sua mão antes que ele terminasse a frase. Pegou uma colherzinha de plástico de cima de uma prateleira, abriu com cuidado a tampinha e pôs um pouco do líquido na colher. Tomou e fechou o frasquinho, apertando-o em sua mão. Sentou-se na cama, apoiando-se levemente. Começou a respirar normalmente. Fabián ficou um tempo perto dela e depois começou a varrer os cacos do chão.

Um pouco mais tarde, voltou e a viu tranquila.

— Está bem?

Havia penteado o cabelo para trás e, como poucas vezes, via-se sua testa ampla e pálida.

— Quero voltar.

Fabián sentiu um nó no estômago.

— Voltar?

Sabia a que se referia.

— Não tinha fugido de lá?

— Preciso buscar mais remédio em La Doradita. No casebre de Reba, deve ter ficado mais remédio. Depois, quero voltar a viver perto do rio.

Fabián sentou-se e apoiou os cotovelos nos joelhos, olhando-a com tristeza.

— E quando o remédio acabar?

— Verei. Mas lá dura mais. Desde que estou aqui, uso todos os dias. Lá não acontecia isso. O ar é melhor.

— Não pode ir. Está sob minha tutela. E eu moro aqui. Trabalho aqui.

— Não me sinto bem aqui. Saio para caminhar, ando e ando, e sempre há gente. Nunca consigo ficar sozinha. No rio, não é assim.

— Podemos viajar para Entre Ríos às vezes, se quiser. Mas vamos morar aqui.

— Vou ficar cada vez mais doente.

— Não é verdade.

— Sim, é.

— Moira, você não tem nada. Nenhuma doença.

— Diz o mesmo que a Graciela, a psicóloga. Você também não me entende.

— Olha... esse frasquinho que te dei estava vazio. Eu o enchi de água na cozinha. Água com açúcar. Acreditou que era o remédio, e por isso se acalmou.

Ela o observou fixamente, fuzilando-o com os olhos.

— Não é verdade.

— Sim, é verdade. Você não tem nada, Moira. O demente com o qual morava fez você acreditar nisso.

Ela apertou os olhos, esforçando-se para não chorar.

— Não deveria ter ido me procurar.

Fabián não conseguiu conter a raiva que começou a dominá-lo.

— Ah, não? Você poderia ter me mandado uma carta. “Papai...”. Ah, papai não, “Fabián... Estou bem aqui na fazenda. Por favor, não me procure mais. Abraços...”. Teria me poupado anos de sofrimento.

— Quero voltar para lá. Para a minha vida de verdade.

Fabián levantou-se da cadeira e esta caiu para trás.

— Sua vida de verdade?

Foi até o armário e o abriu. Dentro, estavam as caixas com os objetos de quando Moira era criança. Fabián pegou uma delas e a virou no chão. Roupas, brinquedos e livros espalharam-se pelo carpete.

Moira começou a choramingar.

— Esta era sua vida. Está vendo? Isso estava em seu quarto. Seu mundo.

Revirou os objetos com fúria. Pegou um livro.

— Está vendo? *O livro do macaco sonhador*. Pedia que eu lesse para você vinte vezes antes de dormir.

Jogou o livro no colo dela e saiu do quarto. Voltou em um instante com alguns álbuns de fotos nas mãos. Abriu um, mostrando-lhe algumas fotos onde estavam os três na praia, fazendo uma montanha de areia.

— Esta era sua vida. Conosco.

Moira chorava mais abertamente. Ele também. Viu em um canto do carpete o grilo verde de pelúcia. Levantou-se rapidamente e segurou-o. Estava molenga, mas estranhamente quente, como se conservasse, em todos esses anos, um reflexo dos bons tempos, antes de chegar à tragédia. Deixou-o de novo no chão. Estava respirando muito rápido, e o peito doía. Era como uma espécie de contratura que dava às vezes nele e que o impedia de respirar bem.

Moira cobria o rosto com a mão. Apoiava as costas na parede, e ele se lembrou de quando Lila se apoiou na parede para chorar, na noite em que discutiram, havia uma eternidade. As situações repetiam-se em um labirinto de espelhos sem fim.

Fabián saiu do quarto com os ombros caídos.

Acordou às nove da manhã, vestido e com a TV ligada.

Entrou no banheiro, lavou o rosto e bochechou para destravar a garganta seca. Foi à sala e dali viu a porta do quarto de Moira encostada. Aproximou-se.

Moira não estava. A cama feita, as coisas ordenadas. A mochila também não estava lá. Abriu o armário. A roupa desaparecera.

Entrou em pânico. Sentiu-se afundando.

Tinha perdido Moira de novo.

Desceu. Foi à rua. Era uma manhã tranquila. O vento mal movimentava as copas das árvores. Só se ouvia, ao longe, o barulho de trânsito da avenida Nazca. Caminhou sem saber como procurar. Repetiu para si mesmo que apenas tinha saído, e

sabia que era absurdo. Depois disse para si que ela devia estar zangada e ia voltar. Essa ideia também não o convenceu.

Uma angústia extrema lhe atazanava. Se ela fosse embora outra vez, não conseguiria seguir em frente. Era demais. Tinha vontade de chorar feito um menino ou um animal.

Entrou no carro e tocou para Cuenca. Mal conseguia controlar o volante e passar as marchas. Percorreu a rua de comércio, consciente da atitude inútil. Mas, a cada momento, esperava vê-la, com sua mochila nas costas, com sua altura que fazia que todos a olhassem, com o jeito de andar que a deixava parecida com uma exploradora, com uma estranha amazona.

Deu algumas voltas e estacionou o automóvel. Tentou pensar. Se estava com a intenção de voltar para Entre Ríos, talvez ela tivesse ido para Retiro, para pegar um ônibus. Desde que horas não estava em casa? Não sabia. Talvez estivesse na estação esperando entrar no ônibus ou já viajando. Ou ainda andando pela cidade, pensando em como fugir. Ou pedindo carona na Rota 9. As possibilidades ramificavam-se. Tinha que avisar Blanco, a polícia. Ele não podia aguentar mais tudo isso.

Abriu o celular, mas estava com os olhos marejados e não conseguia ler a agenda de contatos. Deveria ter dado um celular para Moira. Riu feito idiota. Lembrou-se de repente que era o dia de seu aniversário. Isso o imobilizou. Algo tinha acontecido com ela.

Estacionou na Virrey Loreto e andou até a primeira entrada da praça. Havia novas grades e os pergolados de concreto foram pintados de uma duvidosa cor roxa, mas todas as outras coisas estavam iguais. Havia gente tomando sol, os grupos de sempre de artes orientais, como os de tai chi chuan, os garotos de skate, os das bicicletas. Passou pelos bancos onde ele e Lila liam os jornais. Aproximou-se da área dos brinquedos, mas algumas árvores cobriam. Seguiu por um canteiro e saiu no pequeno caminho de pedras.

Primeiro, viu a copa da paineira e, quando baixou a vista, ali estava ela. Dando-lhe as costas, para variar.

Dobrou-se sobre seu abdômen, recuperando o fôlego, aliviado, sentindo que se livrava de um peso. Olhou alguns segundos para

o chão e, em seguida, se recompôs.

Talvez houvesse algo mais que casualidades, afinal.

Andou até Moira, atravessou os metros e os anos para se encontrar com ela.

Ela contemplava a paineira, absorta, reta, com seu cabelo que balançava com o vento como um delicado chicote. Fabián aproximou-se devagar. Ela pusera o colar de fogo da mãe e, da mochila, sobressaía a cabeça do grilo de pelúcia.

Parou a dois metros dela. Primeiro, seu rosto denotou que o percebera. Depois, virou-se para ele.

— Decidi passar por aqui antes de seguir viagem.

— Ah...

Ela franziu a boca.

— Essa cor verde é natural ou pintam?

— É natural. — Fabián se balançou de um lado para o outro.

— Sua mãe... Ela perguntava o mesmo.

Moira tirou a mochila e a apoiou no gramado. Ergueu a sobancelha para ele.

— Sabe procurar bem. Não esperava que me encontrasse.

— Tenho alguma experiência nisso.

Ela cruzou os braços, pensativa.

— Deveria ter trazido a máquina fotográfica.

— É verdade. Feliz aniversário... — Suspirou. — Vamos fazer uma coisa... Vamos em casa pegar a máquina, voltamos e tiro algumas fotos suas ao lado da árvore.

Ela não respondeu, mas, pela primeira vez desde que a recuperara, Fabián viu no rosto de Moira uma expressão distinta e nova. O conjunto de seus olhos, nariz e boca formou uma geometria que exalava amor, alegria e também desafio. Logo voltou a olhar para a árvore.

Fabián, lentamente, aproximou-se um pouco mais dela.

Agradecimentos

A Marcelo Panozzo, que abriu as portas para Fabián Danubio, com paciência e alegria.

A Sergio Wolf, Mirko Stopar, Patricio Vega, Marcos Osorio e Hernán Golfrid. Amigos e colegas que admiro e cujo trabalho me inspira constantemente.

À família dos livros e do cinema, meu esteio para continuar.

Notas

1. Ironia sobre a Guerra das Malvinas, confronto militar entre a Argentina e o Reino Unido pela posse do arquipélago no Atlântico Sul ocorrido em 1982. (N. T.) [[««](#)]
2. Famoso advogado especialista em Direito Esportivo. (N. T.) [[««](#)]
3. "Negro" é um apelido comum na Argentina para se referir a pessoas negras ou de origem indígena. (N. E.) [[««](#)]
4. Sub-bairro da região de Palermo, Barrio Parque é conhecido por abrigar as residências de artistas e milionários de Buenos Aires. (N. T.) [[««](#)]
5. Trecho da tradução, em português, realizada por José Paulo Paes. *In*: KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 139. (N. T.) [[««](#)]

Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes:

 [@globolivros](https://www.instagram.com/globolivros)

 <https://www.facebook.com/globolivros>

 [@GloboLivros](https://twitter.com/GloboLivros)

Copyright © 2020 by Editora Globo para a presente edição.
Copyright © 2012 Gustavo Malajovich.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo no 54, de 1995).

Título original: *El jardín de bronce*

Editora responsável: Amanda Orlando

Assistente editorial: Isis Batista

Preparação de texto: Carolina Caires Coelho

Revisão Marcela Isensee e Thamiris Leiroza

Diagramação: João Motta Jr.

Projeto gráfico: TAG – Experiências Literárias (Bruno Miguell Mesquita; Gabriela Basso; Kalany Ballardin; Paula Hentges).

Imagem de capa: Elizabeth G. Peckham e George W. Peckham (1845- 1914) extraído de "Occasional papers of the Natural History Society of Wisconsin" / Biodiversity Heritage Library / Domínio Público

Editora de livros digitais: Cindy Leopoldo

Produção do e-book: Ranna Studio

Revisão do e-book: Marina Pastore

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M197j

Malajovich, Gustavo, 1963-

O jardim de bronze / Gustavo Malajovich ; tradução Aline Canejo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Livros ; Porto Alegre : TAG, 2020.

448 p. ; 21 cm.

Tradução de: *El jardín de bronce*

ISBN 978-65-5567-018-9

1. Ficção argentina. I. Canejo, Aline. II. Título.

20-64784

CDU: 82-3(82)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

1ª edição, 2020

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

R. Marquês de Pombal, 25

20230-240 — Rio de Janeiro — RJ
www.globolivros.com.br

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Sobre o autor](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Fase um – O mês mais cruel](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[Fase dois – O homem no teto](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21

Fase três – A árvore solitária

1
2
3
4
5
6
7

Fase quatro – A viagem de Fabián Danubio

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

Fase cinco – Amazona

1

2

3

4

5

Agradecimentos

Notas

Créditos